



LEGADOS DE MEGAEVENTOS ESPORTIVOS

LEGACIES OF SPORTS MEGA-EVENTS



Sistema CONFEF/CREFs
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Física

Ministério
do Esporte



No presente livro, 71 autores brasileiros e quatro do exterior, pertencentes a 35 universidades, apresentam estudos e pesquisas no tema de legados de megaeventos esportivos, solicitados pelos Editores desta obra desde o início de 2007, em proveito da realização dos Jogos Panamericanos, sediados naquele ano no Rio de Janeiro. Posteriormente essa produção técnico-científica foi discutida e consolidada em Seminário acadêmico (1 – 5 maio de 2008) também aberto à participação de especialistas do exterior. Assim sendo, este volume representa uma tentativa de se formar um grupo mínimo de sustentação para a produção nacional de conhecimentos sobre megaeventos esportivos de acordo com seu enfoque prioritário no Brasil: os legados. Em termos de iniciativa, esta obra resulta de uma parceria entre o Ministério do Esporte e o Conselho Federal de Educação Física, com apoio do SESI DN, SESC Rio e Universidade Gama Filho-RJ.

This book includes research and studies on legacies of sports mega-events developed by 71 Brazilian authors and four international contributors, who represent 35 universities altogether. The objectives are to establish the state of the art and to promote the participation of Brazilian national researchers within this area of knowledge

ISBN 856189200-5



9 788561 892005

LEGADOS
DE MEGAEVENTOS
ESPORTIVOS

LEGACIES
OF SPORTS
MEGA-EVENTS

Brasília, 2008

LEGADOS DE MEGAEVENTOS ESPORTIVOS

LEGACIES OF SPORTS MEGA-EVENTS

Organizadores

***Rejane Penna Rodrigues / Leila Mirtes Magalhães Pinto
Rodrigo Terra / Lamartine P. DaCosta***

Editores

***Lamartine P. DaCosta / Dirce Corrêa / Elaine Rizzuti
Bernardo Villano / Ana Miragaya***



Sistema CONFEB/CREFs
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Física

Ministério
do Esporte



Livro organizado em parceria do Ministério do Esporte com o Conselho Federal de Educação Física e apoio do SESI DN, SESC Rio e Universidade Gama Filho - RJ

**LEGADOS
DE MEGAEVENTOS
ESPORTIVOS**
**LEGACIES
OF SPORTS
MEGA-EVENTS**

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro do Esporte
Orlando Silva de Jesus Júnior

Secretária Nacional de Desenvolvimento de Esporte e do Lazer
Rejane Penna Rodrigues

Legados de Megaeventos Esportivos
Editores: Lamartine DaCosta, Dirce Corrêa, Elaine Rizzuti, Bernardo Villano e Ana Miragaya
Brasília: Ministério do Esporte, 2008

608 p.
ISBN. 978-85-61892-00-5

1. Esporte. 2. Jogos Olímpicos. 3.Lazer. 4. Turismo. 5. Desenvolvimento sustentável

796. 032. 2

Projeto gráfico: Dimmer Comunicações Integradas
Capa: Evlen Lauer Bispo
Realização: Confef – Rio de Janeiro
Tiragem: 1.500 exemplares
Distribuição gratuita

Colaboradores

A presente obra está sendo publicada sob forma de coletânea de textos fornecidos voluntariamente por seus autores, com as devidas revisões de forma e conteúdo. Estas colaborações são de exclusiva responsabilidade dos autores sem compensação financeira, mas mantendo seus direitos autorais, segundo a legislação em vigor.

Textos

Os capítulos estão apresentados em língua portuguesa com resumos em inglês, sendo estes últimos de responsabilidade dos Editores desta obra. Todos os textos em inglês estão em formato itálico.

Direitos Autorais e Cópias

Este livro tem distribuição gratuita em papel, CD ROM e outras mídias, como também estará disponível em site para download de livre acesso, sem custos para usuários. Cópias em papel do livro e dos textos estão autorizadas desde que não tenham propósito comercial e que sejam citados os autores e fontes originais em eventuais reproduções.

English Foreword And Summaries

The introductory remarks of this book in English are available following the "Contents" section in the next pages (see "Contents/Sumário"). The main language of this book is Portuguese in addition to English summaries found in all chapters. These texts are also listed in the above-mentioned "Contents/Sumário". Any part of this book may be reproduced in any form under the condition of reference to authors and sources. All rights reserved. Commercial use of parts of this book only with permission of the authors.

Sumário

Contents

Contents

| | |
|-----------------------------------|----|
| <i>Foreword</i> | 17 |
| <i>Introduction</i> | 31 |
| <i>State of the art</i> | 33 |
| <i>Introductory remarks</i> | 51 |

Studies and Research on Mega-events Legacies

| | |
|----------------------------------------------------------------------------------|---------|
| 1. <i>Economy, management and basic definitions</i> | 79 |
| 2. <i>Culture, leisure and urban regeneration</i> | 121 |
| 3. <i>Planning Legacies and Mega-Events</i> | 227 |
| 4. <i>Research on Perception and on the Imaginary</i> | 271 |
| 5. <i>Olympic Education, social inclusion and multiculturalism</i> | 343 |
| 6. <i>Memory, History and Knowledge Management</i> | 407 |
| 7. <i>Volunteers</i> | 431 |
| 8. <i>Media and Marketing</i> | 465 |
| 9. <i>Environment and sustainability</i> | 493 |
| 10. <i>Tourism and mega-events</i> | 509 |
| 11. <i>Management of Mega-events – Practices and research projects</i> | 519 |
| <i>Collaborators' Personal Data</i> | 595 |

Apresentação

| | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| A Importância dos Legados de Megaeventos Esportivos Para a Política Nacional de Esporte no Brasil | 19 |
| <i>Ministro Orlando Silva, Ministério do Esporte (ME)</i> | |
| Subsídios para pensar os Legados de Megaeventos Esportivos em seus tempos presente, passado e futuro | 21 |
| <i>Rejane Penna Rodrigues (Secretária) e Leila Mirtes Magalhães Pinto (Diretora) Secretaria Nacional de Desenvolvimento de Esporte e de Lazer - ME</i> | |

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| Antecedentes sobre a abordagem do tema Legados de Megaeventos Esportivos e respectivos desenvolvimentos para a produção da presente obra | 27 |
| <i>Rodrigo Terra e Lamartine P. DaCosta, Grupo de Estudos Olímpicos -UGF</i> | |

Introdução

| | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| Estado da Arte do Conhecimento sobre Legados de Megaeventos Esportivos no Exterior e no Brasil – Introdução aos Temas e Autores deste Livro | 33 |
| <i>Lamartine DaCosta & Ana Miragaya, Grupo de Estudos Olímpicos – UGF</i> | |
| Convergências do Tema Legados Esportivos | 47 |
| <i>Dirce Corrêa, Elaine Rizzuti, Bernardo Villano, Rodrigo Terra, Ana Miragaya e Lamartine DaCosta - Grupo de Estudos Olímpicos – UGF</i> | |

Notas Introdutórias

| | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| Construindo uma ponte com a comunidade acadêmica para a produção de conhecimentos na área de Legados | 53 |
| <i>Ricardo Leyser - Secretário Nacional da Candidatura Rio2016 - ME</i> | |
| Megaeventos Esportivos como Gestão de Custos Oportunidade | 59 |
| <i>Djan Madruga- Secretário Nacional de Esporte de Alto Rendimento - ME</i> | |
| Importância dos Legados de Megaeventos Esportivos para a Política Nacional do Esporte - Cidade, Cidadania e Direitos dos Cidadãos | 65 |
| <i>Julio Cesar Monzú Filgueira - Secretário Nacional de Esporte Educacional - ME</i> | |
| O Profissional de Educação Física e os Legados de Megaeventos Esportivos | 75 |
| <i>Jorge Steinhilber - Presidente do Conselho Federal de Educação Física</i> | |

Estudos e Pesquisas em Legados e Megaeventos

1. Economia, Gestão E Definições Básicas

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| Impactos Econômicos de Megaeventos: Copa do Mundo de Futebol E Jogos Olímpicos | 79 |
| <i>Holger Preuss, Johannes Gutenberg University – Mainz</i> | |

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| Tendências Atuais do Conhecimento sobre Gestão e Economia de Megaeventos e Legados esportivos segundo Holger Preuss da Universidade de Mainz, Alemanha | 91 |
| <i>Dirce Correa, Elaine Rizutti, Neyse Abreu e Ana Maria Miragaya - Grupo de Estudos Olímpicos UGF</i> | |
| Definindo a temática de Legados de Megaevento Esportivos | 103 |
| <i>Bernardo Villano e Rodrigo Terra, Grupo de Estudos Olímpicos - UGF</i> | |
| Legado de Megaeventos Esportivos Sustentáveis: a importância das instalações esportivas | 107 |
| <i>Fernando Telles Ribeiro - USP</i> | |
| Em Busca de uma Definição de Legado na Perspectiva de Megaeventos Olímpicos | 117 |
| <i>Janice Zarpellon Mazo e Luis Henrique Rolim (UFRGS), e Lamartine DaCosta - UGF</i> | |
| 2. Cultura, Lazer e Regeneração Urbana | |
| Regeneração Urbana e Legado Olímpico de Londres 2012 | 121 |
| <i>Gavin Poyter - London East Research Institute, University of East London</i> | |
| Regeneração Social e Cultural | 153 |
| <i>Iain MacRury - University of East London</i> | |
| Os Jogos Olímpicos 2012 em Londres Leste: Da desindustrialização à regeneração | 161 |
| <i>Álvaro De Miranda - London East Research Institute</i> | |
| Estruturação de Megaeventos e Regeneração urbana: Barcelona 1992 e Torino 2006 | 167 |
| <i>Enric Truño - Consultor Internacional da Secretaria Executiva do Comitê de Gestão das Ações do Governo Federal para os Jogos Pan-Americanos e Para-Americanos RIO 2007</i> | |
| Regeneração Urbana e Direitos do Cidadão: o Caso dos Jogos Olímpicos de Atlanta 1996 | 175 |
| <i>Alberto Reppold - Centro de Estudos Olímpicos ESEF - UFRGS</i> | |
| Barcelona – 1992: Um Modelo em Questão | 189 |
| <i>Gilmar Mascarenhas - UERJ</i> | |
| Megaeventos Esportivos e urbanismo: contextos históricos e legados | 195 |
| <i>Gilmar Mascarenhas – UERJ</i> | |

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| Desenvolvimento urbano em sedes de Megaeventos Esportivos | 121 |
| <i>Sávio Raeder - UFF</i> | |
| Revisão descritiva do modelo East London para legados de Jogos Olímpicos e Paraolímpicos | 211 |
| <i>Ana Flávia Paes Leme - Universidade Católica de Petrópolis e GPEO - UGF</i> | |
| O Legado heróico do papel social do atleta | 217 |
| <i>Katia Rubio - Escola de Educação Física e Esporte, USP</i> | |

3. Planejamento de Legados e Megaeventos

| | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| Planejamento do Ciclo de Vida dos Projetos Olímpicos e do Valor Agregado da Cidade Sede à Franquia Olímpica: Um Estudo Exploratório com Base no Pan 2007..... | 227 |
| <i>Valéria Bitencourt - Universidade Gama Filho</i> | |
| Modelo 3D para Gestão do Planejamento e Re-planejamento de Legados de Megaeventos Esportivos | 239 |
| <i>Lamartine P. DaCosta - Grupo Estudos Olímpicos, Universidade Gama Filho</i> | |
| Modelo M4 para Gestão de Legados de Megaeventos Esportivos com Foco na Responsabilidade Social e Políticas Públicas | 249 |
| <i>Marco Bechara - Grupo de Estudos Olímpicos, Universidade Gama Filho</i> | |
| Apontamentos sobre a Realização e os Legados dos Jogos Pan-americanos Rio 2007 | 265 |
| <i>José Roberto Gnecco - UNESP, Gerente de Esporte da SEPAN/ME para o Pan Rio 200</i> | |

4. Pesquisas de percepção e imaginário Pan 2007 e exterior

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| Legado Político dos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro: O Imaginário do Pan | 271 |
| <i>Nilda Teves Ferreira e Vera L. M. Costa - UGF</i> | |
| Útil e agradável? Um diagnóstico da percepção de acadêmicos de educação física sobre os jogos Pan-americanos e sua adesão ao voluntariado | 285 |
| <i>Ludmila Mourão, Alexandre Jackson Chan Vianna, Diego Luz Moura e Marlene Luzia - UGF</i> | |
| Impacto dos Jogos Pan-americanos Rio 2007: Percepção de acadêmicos de Educação Física da FEFID/PUCRS – Porto Alegre | 293 |
| <i>Adriana Schüler Cavalli, Marcelo Olivera Cavalli e Roberto Maluf de Mesquita GPES/FEFID/PUCRS, Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos (GPEO) – PUCRS</i> | |

| | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| Os Jogos Pan-Americanos na Percepção dos Discentes do Curso de Educação Física na Cidade de Fortaleza | 303 |
| <i>Fabiana Rodrigues de Sousa (UECE) e Ana Patricia da Silva (UFRJ)</i> | |
| Percepção dos Profissionais de Educação Física do Rio de Janeiro e Espírito Santo sobre Impactos dos Jogos Pan-americanos Rio 2007 | 309 |
| <i>Lilian Pereira de Carvalho, Ana Cristina Melo e Lamartine DaCosta - UGF</i> | |
| Cerimônia de Abertura dos Jogos Pan-Americanos 2007: Uma avaliação a Partir de Parâmetros Olímpicos | 317 |
| <i>Aline Haas, Carolina Dias, Luis Henrique Rolim e Nelson Todt – GPEO / PUC-RS</i> | |
| Embaixada de Torcedores: Serviço de apoio aos torcedores brasileiros durante a Copa do Mundo de 2006 na Alemanha | 331 |
| <i>Martin Curi – Instituto Virtual do Esporte (IVE), FAPERJ, Rio de Janeiro</i> | |
| Percepção dos Jogos Panamericanos Rio 2007 por especialistas internacionais em Estudos Olímpicos | 337 |
| <i>Leonardo Mataruna – UNICAMP, Grupo de Estudos Olímpicos UGF</i> | |
| | |
| 5. Educação Olímpica, Inclusão Social e Multiculturalismo | |
| Educação Olímpica no Rio de Janeiro: Notas iniciais para o desenvolvimento de um modelo | 343 |
| <i>Otávio Tavares - UFES</i> | |
| Rumos e Necessidades da Educação Olímpica Multicultural na Perspectiva dos Jogos Olímpicos de 2016 no Rio de Janeiro | 357 |
| <i>Neise Gaudencio Abreu - Escola Americana do Rio de Janeiro - Grupo de Estudos Olímpicos - UGF</i> | |
| Promoção de Fair Play nos Jogos Estudantis de Duque de Caxias – RJ através do uso da Internet: um exemplo de Educação Olímpica para a Cidade do Rio de Janeiro | 367 |
| <i>Marcio Turini – Secretaria de Esporte, Turismo e Lazer de Duque de Caxias-RJ, Grupo de Pesquisas em Estudos Olímpicos – UGF, UNIABEU; Júlio César F. dos Santos – Secretaria de Esporte, Turismo e Lazer de Duque de Caxias - RJ</i> | |
| Jogos Olímpicos da Juventude: Um Novo Megaevento Esportivo de Sentido Educacional Focado em Valores | 377 |
| <i>Marcio Turini, Marta Gomes, Ana Miragaya e Lamartine DaCosta – GPEO / UGF</i> | |
| Legado de valores dos Jogos Olímpicos: dos “mega” aos “micro” eventos | 383 |
| <i>Marta Gomes – UGF, Marcio Turini – UNIABEU, Ana Miragaya e Lamartine DaCosta - Grupo de Estudos Olímpicos UGF</i> | |

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| Legados do Pan-Americano 2007: Esporte, Educação, Cidadania e a Cobertura Midiática sobre as Vilas Olímpicas da Cidade do Rio de Janeiro | 391 |
| <i>Tatiana Vianna, Alfredo Melhem e Carlos Henrique de Vasconcellos Ribeiro - LEEFEL UNISUAM/RJ</i> | |
| Legado Educacional dos Jogos Pan-Americanos e dos Jogos Parapan 2007: Instrumentalizando a Escola | 395 |
| <i>Georgios Stylianos Hatzidakis - Grupo de Estudos Olímpicos da UNIBAN/SP</i> | |
| Jogos do SESI: Megaevento Esportivo da Indústria Brasileira e Legado como Processo Sócio-cultural | 403 |
| <i>Rui Campos - SESI DN, Brasília</i> | |

6. Memória, História e Gestão do Conhecimento

| | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| Gestão do Conhecimento para organização de coleta de dados em Megaeventos Esportivos | 407 |
| <i>Ailton Fernando Santana de Oliveira - - Grupo de Estudos Olímpicos UGF</i> | |
| Um Megaevento Olímpico na História Brasileira: a Corrida de Revezamento do Fogo Simbólico da Pátria (1938-1947) | 413 |
| <i>Luis Henrique Rolim – UFRGS, GPEO – PUC/RS</i> | |
| A produção da Memória nos Jogos Olímpicos de Atenas 2004 e Copa do Mundo de Futebol de 2006 na Alemanha | 417 |
| <i>Christian Wacker e Marcia De Franceschi Neto-Wacker - Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin</i> | |
| Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo, 2003: A Cidade em Jogo | 421 |
| <i>Gilmar Mascarenhas - UERJ</i> | |
| “Universiade de 63”: Qual o Legado Para a Cidade de Porto Alegre? | 429 |
| <i>Janice Zarpellon Mazo - Centro de Estudos Olímpicos ESEF - UFRGS</i> | |

7. Voluntários

| | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| Pesquisa comparativa entre voluntários dos Jogos Pan-americanos Rio 2007 e voluntários dos Jogos Olímpicos de Atenas 2004 | 431 |
| <i>Verônica Périssé Nolasco (Grupo Estudos Olímpicos – UGF), Carla Tavares, Denise Fonseca, Mônica Rodrigues (Sesc Rio), Eliana Maia, Fábio Costa (IH), e Lamartine DaCosta (Grupo Estudos Olímpicos – UGF)</i> | |

| | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| O programa de gestão de voluntários técnicos do remo para os Jogos Pan-americanos Rio 2007 | 443 |
| <i>Andréa D’Aiuto e Júlio Noronha - Confederação Brasileira de Remo / RJ</i> | |
| Voluntariado nos Jogos Pan Americanos Rio 2007: uma Análise do Setor de Relação e Serviço aos Comitês Olímpicos Nacionais e Comitês Paraolímpicos Nacionais | 453 |
| <i>Rodrigo Fonseca Tadini (UFRRJ) e Fernando Costa da Silva</i> | |
| Aplicação de Questionário como Instrumento de Pesquisa sobre Voluntariado Esportivo com Validação por Recepção Contínua e Múltipla | 461 |
| <i>Verônica Perissé Nolasco e Lamartine DaCosta - Grupo de Estudos Olímpicos, UGF</i> | |

8. Mídia & Marketing

| | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| Pesquisa de alternativas de cobertura de mídia: Ciclo de Experiências da Universidade Católica de Brasília – UCB, 2000 – 2008 | 465 |
| <i>Paulo César Trindade Vieira e Aylê Salassié Filgueiras Quintão, Universidade Católica de Brasília</i> | |
| Logística da Comunicação dos Megaeventos Esportivos: Tecnologia da Informação na Rede de Relacionamento da Campanha Rio 2016 | 479 |
| <i>Valéria Bitencourt – Universidade Gama Filho</i> | |
| O Papel da Mídia na Construção do Legado dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007: Análises pós-evento | 489 |
| <i>Anderson Gurgel - Universidade de Santo Amaro/SP</i> | |

9. Meio Ambiente e Sustentabilidade

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| Posicionando questões básicas sobre meio ambiente em megaeventos esportivos e na Copa do Mundo de Futebol 2014 a ser realizada no Brasil | 493 |
| <i>Lamartine DaCosta - Grupo Estudos Olímpicos, UGF</i> | |
| Educação Olímpica com Base na Proteção do Meio Ambiente – Experiências de Megaeventos Olímpicos | 507 |
| <i>Cris Costa Veerman - Grupo de Estudos Olímpicos UGF</i> | |

10. Turismo e Megaeventos

| | |
|------------------------------------------------------------------------------|------------|
| Megaeventos e Turismo: uma Breve Revisão | 509 |
| <i>Arianne Carvalhedo Reis – University of Otago/Nova Zelândia, GPEO-UGF</i> | |

11. Gestão de Megaeventos – Práticas e Projetos Pesquisas

- Avaliação das estruturas, organização e operacionalização dos Jogos Parapan-americanos Rio 2007 – um estudo comparativo com Sydney 2000, Atenas 2004 e Torino 2006** 519
Leonardo Mataruna – UNICAMP, Grupo de Estudos Olímpicos UGF
- Planejamento dos Jogos Mundiais Militares 2011 - Rio de Janeiro: Memória Resumida de Edições Passadas e da Campanha da Candidatura Vencida pelo Brasil** 541
Paulo Roberto Ribas - Ten Cel R/1 do Exército Brasileiro
- Arenas Esportivas: do Conceito Básico ao Estado da Arte** 553
Ricardo Araújo
- Produção de Megaevento na Prática: A Olimpíada da Baixada – Estado do Rio de Janeiro** 557
Ivan Fortes e Lucio Macedo - Projetos Especiais do Grupo O Dia de Comunicação / RJ
- Atendimento aos espectadores nos Jogos Pan-Americanos 2007 no Rio de Janeiro** 565
Martin Curi – Instituto Virtual do Esporte (IVE), FAPERJ, Rio de Janeiro
- Atletas Brasileiros Participantes dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007 sob Gestão de Clubes Esportivos** 567
Roberto Libardi - RLSoluções / SP
- Qualidade Total em Megaeventos Esportivos** 569
Heglison Custódio Toledo - Universidade Gama Filho
- Perfil dos atletas brasileiros nos Jogos Parapan-americanos de 2007** 571
Roger de Souza Nascimento e Marcela Lima Santanna - Centro Universitário Vila Velha (UVV)
- Gestão dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007 – Pontos Fortes e Fracos Segundo o Programa de Observadores** 575
João Augusto de Camargo Barros - University of Tennessee-Knoxville, Representante CONFED no Programa de Observadores Pan 2007
- Projeto de Pesquisa Sobre Talentos Atlético Como Legados de Megaeventos Esportivos** 581
Tadeu Correia da Silva - Universidade Gama Filho
- Eventos Esportivos, Neo-Tribos e Identidade** 585
Renan Petersen-Wagner e Alberto Reppold Filho - Centro de Estudos Olímpicos, UFRGS

| | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| Pré-Projeto de Pesquisa sobre Influências dos Jogos Parapan-americanos Rio 2007 na Olimpíada da Pessoa Portadora de Necessidades Especiais - OLIMPEDE de Volta Redonda-RJ | 587 |
| <i>Rodolfo Guimarães Silva - Grupo de Estudos Olímpicos, UGF</i> | |
| Pré-Projeto de Pesquisa sobre Perspectivas da Educação Física Escolar em face aos Jogos Pan-Americanos Rio 2007 | 591 |
| <i>Luís Hamilton de Souza Rocha - Grupo de Estudos Olímpicos, UGF</i> | |
| Currículos Resumidos dos Autores | 595 |

Apresentação

Foreword

A Importância dos Legados de Megaeventos Esportivos Para a Política Nacional de Esporte no Brasil

Orlando Silva
Ministro de Estado do Esporte
Minister of Sport

Foreword by Orlando Silva, Minister of Sport *This book was developed out of the Seminar “MANAGEMENT OF LEGACIES OF SPORTS MEGA-EVENTS”, promoted by the Ministério do Esporte (Ministry of Sport) and by the Conselho Federal de Educação Física (Federal Council of Physical Education) - CONFEF, with the participation of international specialists and Brazilian scholars. It aims to disseminate relevant information related to sport in Brazil, especially sports mega-events, and includes aspects that go from the staging of the event to the impact and benefits for spectators and participants. The book also illustrates the growth and progress of the host country through texts that focus on economy, culture, social inclusion, environment, urban regeneration, marketing management and research projects. It also aims to place the Federal Government as the leading agent in the sports area, which has been increasingly concentrating more efforts on the quality of the achievements, as for example, the case of the excellent outcome of the 2007 Pan American and Paralympic Pan American Games.*

Besides the various academic approaches presented in the seminar and their related papers, which aim to foster the production and dissemination of experiences and knowledge related to sport, the book “LEGACIES OF SPORTS MEGA-EVENTS” features state-of-the-art texts on studies and legacies of sports mega-events in Brazil, bringing up the importance of these legacies to the Política Nacional do Desporto Brasileiro (National Policies of the Brazilian Sport).

Este livro foi concebido a partir do Seminário de “GESTÃO DE LEGADOS DE MEGA-EVENTOS ESPORTIVOS”, promovido pelo Ministério do Esporte e pelo Conselho Federal de Educação Física – CONFEF, com a participação de especialistas internacionais e estudiosos brasileiros. Tem o compromisso de transmitir informações importantes voltadas ao esporte no País, particularmente aos acontecimentos esportivos de grande porte, desde a responsabilidade de viabilizar a sua realização até o impacto e benefícios alcançados tanto para o público espectador quanto para o participante. Além disso, elucida o fortalecimento e o avanço do Estado anfitrião, no tocante à economia, à cultura, à inclusão social, ao meio ambiente, à regeneração urbana e à gestão de marketing e projetos de pesquisas.

A realidade desta obra representa, assim, uma contribuição ao desenvolvimento do desporto como um todo, em especial no que tange à captação de encontros esportivos de grande notoriedade, pois insere em seu contexto pontos e temas significativos, buscando apresentar subsídios determinantes para a consecução dos mesmos e o seu favorecimento.

Esta publicação procura evidenciar, ainda, o Governo Federal como protagonista nesse segmento, voltado cada vez mais para a qualidade de suas realizações, haja visto o excelente resultado dos Jogos PAN e PARAPAN-AMERICANOS de 2007. Incluem-se neste propósito a preparação dos Jogos Mundiais Militares de 2011 e da Copa do Mundo de Futebol de 2014, já realidade, e o êxito, até então, da candidatura da cidade do Rio de Janeiro como sede dos Jogos Olímpicos de 2016, o que vem

atraindo investimentos por parte de patrocinadores, ganhando espaço na mídia e tornando-se fenômenos sócio-culturais relevantes da atualidade.

Além de todas essas abordagens e trabalhos relacionados, com o objetivo de fomentar a produção e difusão de conhecimentos e experiências relativas ao esporte, este livro oferece em seu conteúdo publicações de textos sobre o “estado da arte” dos estudos e legados de megaeventos esportivos no Brasil e as principais sínteses do Seminário supracitado, acompanhadas de produções literárias dos Secretários Nacionais de Esporte Educacional, de Desenvolvimento de Esporte e de Lazer, de Alto Rendimento, como também o Secretário Executivo da Candidatura Rio 2016 do Ministério do Esporte, abordando a importância desses legados para a Política Nacional do Desporto Brasileiro.

Subsídios para pensar os legados de megaeventos esportivos em seus tempos presente, passado e futuro

Rejane Penna Rodrigues
Secretária Nacional de Desenvolvimento
de Esporte e de Lazer do Ministério
do Esporte (SNDEL-ME)

Leila Mirtes Santos de Magalhães Pinto
Diretora do Departamento de Ciência e Tecnologia do
Esporte da SNDEL-ME

Foreword by the National Secretary for the Development of Sport and Recreation of the Ministry of Sport *The organization of the book “Legados de Megaeventos Esportivos” (Legacies of Sports Mega Events) is part of a group of actions of the SNDEL/DCTEC (Secretaria Nacional de Desenvolvimento de Esporte e de Lazer/Departamento de Ciência e Tecnologia do Esporte, do Ministério do Esporte – Brazilian Office for the Development of Sports and Recreation/ Department of Science and Technology of Sports, Ministry of Sports), which were implemented to encourage the production and diffusion of knowledge and experiences related to the development of sports in Brazil. As this book is the product of empirical and theoretical reflections that took place during an international seminar on the theme, it is expected that it should contribute with subsidies that can think sports mega events in terms of present, past and future, focusing on the management of legacies to the host cities and countries.*

At the present moment, nothing is more important to this government agency than to add initiatives and efforts of various governmental institutions and agencies, of the academic world and the Brazilian society in general, discussing and formulating concepts and principles referring to sports mega events.

In this sense, the largest legacy of sports mega events does not seem to be the number of spectators. There are other benefits that the sports mega events can extend to the whole population: to consider these possibilities is one of our tasks while representatives of the Federal Government, prizing knowledge and technologies which can qualify sports political actions that not only serve the needs but also bring different positive results in short, mid and long term.

We constructed new meanings for the legacies of mega events through the lectures and presentations of the conference “Management of Legacies of Sports Mega Events”. We discussed the process that involves the planning of ‘legacy’ within a universe that includes dreams and reality, projects that are necessary for the organization of mega events, utopian projects, restrictions, differences, convergences, contradictions and experiences that took place in several countries. When it comes to a sports mega event, this process challenges the intersection between sports, politics, culture and market. For that to happen, it is necessary to find a balanced way to manage the legacies, serving not only the specific sports demands and the interests of private groups and sectors. It is also relevant to look at sustainable development and serve the needs of civil society.

In terms of social legacies, sports mega events need to benefit the population as a whole, when changing the structure and the daily life of a society.

This book is also valuable as it can contribute to the training of managers and professionals to act in this new scenario, supporting the construction of a management style that corresponds to present and future challenges. Within the context of information society, public administrators should be able to help in the information and education of citizens.

Experiences other cities and countries have been through can contribute as an initial basis for discussion, but the questions of each place (of its own political debates and urban problems) are unique and should be conducted by genuinely democratic processes which would include reflections about the future. It is also crucial to mention some of the essential factors that contribute to elaborate successful projects and consequently positive legacies: experience, enthusiasm, talent, and creativity of the various professionals as well as the respect for different viewpoints.

This conception of legacy became strong in Brazil with the Pan American Games and the Paralympic Pan American Games that took place in Rio de Janeiro in 2007.

This conference provoked the dialogue about the conception between researchers and managers with different experiences from various countries and main legacies of mega events since the Barcelona Olympic Games. It also showed the international status of Brazil in the sports area, which is not measured in terms of number of medals only. There are other valuable gains such as the development of values and behaviors, Olympic education, the process of overcoming difficulties to earn the inclusion in sport and the construction of the city that we want for us and for our future generations.

A organização da obra “Legados de Megaeventos Esportivos” integra conjunto de ações da SNDEL/DCTEC (Secretaria Nacional de Desenvolvimento de Esporte e de Lazer/Departamento de Ciência e Tecnologia do Esporte, do Ministério do Esporte), implementadas com objetivo de fomentar a produção e difusão de conhecimentos e experiências voltados ao desenvolvimento do esporte no País. Produzido a partir de reflexões empíricas e teóricas realizadas em Seminário Internacional sobre o tema, espera ser capaz de fornecer subsídios para pensar os megaeventos esportivos em seus tempos presente, passado e futuro, focalizando a gestão dos legados para as cidades e países sedes.

No presente momento, nada é mais oportuno para esta Secretaria do que somar às suas iniciativas e aos seus esforços várias instituições governamentais, acadêmicas e da sociedade brasileira em geral, discutindo e formulando conceitos e fundamentos referentes aos legados dos megaeventos esportivos.

Esse movimento ocorre num momento histórico em que as sociedades, como a nossa, vivem mudanças significativas baseadas na afirmação de um novo paradigma social e tecnológico segundo o qual o conhecimento e a informação passam a ser fatores expressivos no desenvolvimento das nações.

Hoje, no Brasil, são notáveis os avanços nos diversos campos da vida humana e, particularmente, no esportivo. Embora ainda estejamos longe de conseguir a democratização dos conhecimentos e tecnologias construídos e sua aplicação no dia a dia das nossas cidades, vivemos, como diz Eric Truño – um dos conferencistas internacionais do Seminário -, o desafio de transformar teorias em boas práticas.

Nesse sentido, entre várias abordagens discutidas no Seminário, uma particularmente nos chamou a atenção e certamente “incomoda” pela sua veracidade: poucos cidadãos de uma cidade, ou do país sede dos megaeventos e até de outros países, acabam tendo acesso aos estádios ou locais dos jogos promovidos. Dentre outros motivos, isso não ocorre pelo alto custo e ao número limitado dos ingressos. Há, assim, que se buscar outras formas de envolver a população local nos megaeventos, principalmente a participação da população mais pobre.

Nesse sentido, o maior legado dos megaeventos esportivos talvez não seja o esportadorismo dos jogos. Há outros benefícios que os megaeventos esportivos podem estender para toda população. Ampliar o olhar sobre essas possibilidades é uma das nossas tarefas enquanto representantes do Governo Federal, valorizando conhecimentos e tecnologias que possam qualificar ações políticas esportivas que atendam às necessidades e conquistem diferentes resultados positivos a curto, médio e longo prazos. Essa atitude, particularmente, é relevante para a avaliação das políticas que se voltam ao desenvolvimento do esporte desejado para o País como um todo. Mas, esse desenvolvimento, que pode ter diferentes efeitos e demandas requer, sobretudo, investimentos educativos, cujos ganhos são reconhecidamente certos, mas os efeitos não se fazem de imediato – de um dia para o outro.

Durante o “Seminário de Gestão de Legados de Megaeventos Esportivos”, ao longo das palestras e debates fomos construindo novos significados para os legados de megaeventos. Num universo que transita entre sonhos e realidades, projetos estruturantes necessários, projetos utópicos, limites, diferenças, convergências, contradições, experiências diversas ocorridas em vários países, discutimos o processo de passagem que significa LEGADO. Quando se trata de megaevento esportivo, esse processo desafia a interseção entre Esporte, Política, Cultura e Mercado.

Reconhecer que megaeventos esportivos podem estruturar possibilidades para uma cidade e, porque não dizer, para um país, é entender que há diversos conhecimentos que são adquiridos e que devem ser difundidos articulados a esses acontecimentos. O Dr. Holger Preuss – outro conferencista internacional do Seminário - aponta que os jogos são um catalisador importante de melhorias da qualidade de vida. Podem ajudar a acelerar o processo de regeneração de uma cidade nas mais diversas áreas como habitação, transporte, segurança, convivência, educação, sucesso econômico e outras, oportunizando legados tangíveis e intangíveis. Daí a importância da coesão: ao reconhecer que é fundamental a base do conhecimento, manter a relação com o passado e o impulso do sucesso, entender que os legados podem ser individuais e coletivos e que é preciso manter a participação e a mobilização dos diversos atores, conseguida pelos megaeventos, para dar continuidade ao processo de desenvolvimento.

O mesmo pode-se dizer sobre a importância do desenvolvimento científico e tecnológico dos esportes e seus efeitos nas mudanças sociais, culturais, econômicas e ambientais. O que está em jogo é muito mais: é a própria (re)organização social urbana na qual o megaevento se realiza e a definição dos papéis a serem desempenhados por todos setores sociais.

Para isso, é preciso encontrar uma forma balanceada de gestão dos legados, atendendo não apenas às exigências específicas do esporte e aos interesses particulares de grupos e setores. É também fundamental contemplar o desenvolvimento sustentável e atender as necessidades da sociedade civil.

Em termos de legados sociais, os megaeventos esportivos, ao modificarem a estrutura e o cotidiano de uma cidade, precisam beneficiar toda a população. Ou seja, mesmo que o espetáculo esportivo “ao vivo” não tenha como expectador o indivíduo mais pobre, esse pode ser beneficiado pelas inúmeras ações que fazem parte do megaevento (operários que trabalharam na construção e manutenção dos equipamentos esportivos e de infra-estrutura em geral, cidadãos que passam a utilizar um transporte coletivo de melhor qualidade, equipamentos públicos de esporte e lazer...). Isso faz parte do capital simbólico acumulado no processo.

Buscar a eficiência geral de um megaevento é se preocupar em “linkar” todas as partes que o constituem. É também buscar a sinergia, já que a estratégia utilizada em um evento pode reduzir investimentos em outros. Sendo assim, o legado precisa ser bem planejado desde a fase inicial do megaevento, que, por si só, deixa também legado. Parte desse desafio consiste em traduzir o discurso crescente dos dirigentes numa efetiva gestão socialmente responsável; esta, por sua vez, envolve todos os setores sociais (público, privado, corporativo e terceiro setor) de forma permanente e estruturada, transformando riscos em oportunidades, custos em investimentos, por meio de planejamento e governança [flexíveis] dirigidos pelos diversos níveis de governo envolvidos nos megaeventos (municipal, estadual e federal), buscando equilíbrio entre forças.

Este livro pretende também contribuir na preparação de profissionais e gestores para atuar nesse novo cenário, apoiando a construção de gestão que corresponda aos desafios atuais e futuros. No contexto da sociedade da informação, os administradores públicos devem ser capazes de auxiliar na informação e formação dos cidadãos. Para tanto, nada mais oportuno do que a SNDEL estabelecer parcerias qualificadas para alcançar este objetivo. Nosso agradecimento à Universidade Gama Filho (RJ), ao Conselho Federal de Educação Física (CONFEF), ao Serviço Social do Comércio (SESC) e Serviço Social da Indústria (SESI) que estiveram conosco na realização deste Seminário.

Nessa reflexão, optou-se pelo foco nos “legados” cuja concepção ampliada abrange tanto aspectos esportivos como econômicos, ambientais, sociais, culturais e outros. A diversidade de abordagens faz jus à relevância do tema e de seus desdobramentos e articulações, da criação cultural e convivência comunitária. Que reflitam acesso, maior mobilidade percepção, amor e cuidado com a cidade.

Essa concepção positiva nos auxilia no entendimento de um fenômeno por natureza de ação complexo e multidimensional. No entanto, por esses mesmos motivos, esse é também um fenômeno que implica contradições, dificuldades, barreiras. Ao analisar o impacto social e cultural dos megaeventos esportivos, o Dr. Ian MacRury (conferencista do Seminário) lembra que eles também podem gerar legados negativos e que, para minimizá-los, é necessário um planejamento sério, baseado na honestidade e conectado com o que os planejadores das cidades já pensaram. Ou seja, o plano do megaevento deve estar em sintonia com o plano urbano.

Isso implica olhar crítico, criativo e sensível sobre a cidade, com consciência da diversidade de seu povo e do direito que todos têm ao esporte e lazer, garantido pela Constituição Federal de 1988. Na busca entre o direito, o sonho e a realidade, o projeto principal dos legados deve contemplar as diferenças.

Experiências vivenciadas por outras cidades e países podem contribuir como patamar inicial de uma discussão, mas a questão de cada lugar - de seus debates políticos e enfrentamento dos problemas urbanos - é único e deve ser enfrentado por meio de processos autenticamente democráticos, atentos às reflexões coletivas sobre o futuro. Aproveitar a experiência, o entusiasmo, o talento e a criatividade dos mais diversos profissionais, respeitando pontos de vista diferentes, são fatores essenciais para elaborar projetos vitoriosos e, conseqüentemente, legados positivos.

Essa concepção de legado ganhou força no Brasil com os Jogos Pan e Parapan-americanos, no Rio em 2007. No decorrer desses Jogos fomos provocados pelos professores Lamartine DaCosta e Rodrigo Terra a refletir sobre a importância dos legados de megaeventos esportivos e desafiados a promover um Seminário Internacional sobre o tema. O mesmo deveria oportunizar trocas de experiências entre grandes especialistas de renome internacional - como o Dr. Holger Preuss, da Alemanha: o Dr. Ian MacRury da Inglaterra, o Dr. Gavin Poynter da Inglaterra, Enrique Truño da Espanha - e estudiosos, pesquisadores e gestores brasileiros. Com este espírito foi mobilizada a participação dos Secretários e funcionários de todas as Secretarias finalísticas do Ministério do Esporte. Este fato, bastante emblemático, sinalizou a preocupação do governo brasileiro em assumir o protagonismo da discussão dos legados dos megaeventos esportivos, comprometendo-se com sua concretização.

O Seminário provocou o diálogo sobre essa concepção entre pesquisadores e gestores com experiências diferentes em vários países e principais legados de megaeventos desde as Olimpíadas de Barcelona. Mostrou que o status internacional do País no campo esportivo não é só medido em termos de medalhas. Há outros ganhos fundamentais como a formação de valores e hábitos, a educação olímpica, a superação de dificuldades para a conquista da inclusão no esporte e a construção da cidade que queremos para nós e as gerações futuras.

Com a publicação deste livro, temos a convicção de estamos dando um passo adiante no conhecimento do fenômeno em foco, fornecendo insumos fundamentais para o debate público e a implementação de ação efetivas nesta área.

Antecedentes sobre a abordagem do tema legados de megaeventos esportivos e respectivos desenvolvimentos para a produção da presente obra

Rodrigo Terra

Lamartine P. DaCosta

Grupo de Estudos Olímpicos -UGF

Legacies of Sports Mega Events: antecedents to the production of this volume At the beginning of 2007, the Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro (Municipality of the City of Rio de Janeiro) challenged the Olympic Studies Group of Universidade Gama Filho (GPEO-UGF) with a proposal to evaluate the 2007 Pan American Games and the Paralympic Pan American Games, which were being organized at that time, and to survey what could be done in terms of legacies for society. That sparked the interest in the studies of legacies of sports mega events, central theme of this volume. The idea was then perfected with the participation of three international specialists on sports mega events who came to Rio de Janeiro during and after the 2007 Pan American Games: Dr. Hai Hen, from Beijing Sport University, China; Dr. Iain MacRury from East London University - England and Dr. Holger Preuss from The University of Mainz-Germany. The experience of the GPEO-UGF was tested and enriched with meetings and informal gatherings students and professors participated in. Part of the contributions found in this volume came from this exchange of experiences, which is still being developed as some of the graduate students who participated in the meetings are now directly linked to the home universities of the visiting professors. As a result of this construction of knowledge, the seminar “Management of Legacies of Sports Mega Events took place in Rio de Janeiro on May 1-4, 2008. It had the participation of researchers, scholars and sports managers of Brazil and of various countries, whose contributions have been added to the studies and research that had started in 2007.

No início do primeiro semestre de 2007, em pleno funcionamento do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação Física da Universidade Gama Filho-PPGEF, no Rio de Janeiro, a Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro nos apresentou um desafio: como o Grupo de Estudos Olímpicos [GPEO do PPGEF] da Universidade Gama Filho poderia avaliar os Jogos Pan e Parapan-Americanos (Pan 2007) – que na época estavam sendo organizados – e levantar o que eles poderiam deixar para a cidade do Rio de Janeiro como meios disponíveis de aproveitamento.

O novo tema caiu não somente de forma desafiadora no GPEO-UGF por suas atribuições em pesquisas olímpicas, mas abriu a possibilidade de iniciarmos uma nova forma de olhar para os grandes eventos esportivos muito além dos campos, piscinas e ginásios de uma competição esportiva. Neste momento, surgiu o interesse nos estudos de legados de megaeventos esportivos, tema central deste livro que ora apresentamos.

Incentivados pela possibilidade de nos debruçarmos sobre um tema ainda pouco discutido, não apenas no Brasil como também em países avançados, apresentamos, por sugestão da própria Prefeitura do Rio de Janeiro, para alguns representantes do CO-RIO (Comitê Organizador dos Jogos Pan e Parapan-Americanos – 2007) a necessidade da realização de um seminário internacional que pudesse reunir especialistas do Brasil e de outros países a fim de verificar o estado da arte do tema de legados de

megaeventos esportivos no mundo. Talvez pelo atropelo da proximidade dos Jogos Pan-Americanos e seus inúmeros desafios de execução, a realização do seminário em conjunto ao CO-RIO, naquele momento, não se tornou possível.

Entretanto, em de maio de 2007, aproveitando a realização do VI Fórum da Academia Olímpica Brasileira – promovido pelo Comitê Olímpico Brasileiro-COB, no Rio de Janeiro -, todos os integrantes do GPEO da Universidade Gama Filho apresentaram projetos de pesquisas e estudos ligados ao tema de legados de megaeventos. O Fórum que reuniu especialistas em Estudos Olímpicos de boa parte do Brasil serviu para verificarmos qual era a real situação, dentro das universidades brasileiras do tema dos legados. Estava montada, portanto, uma base acadêmica para realização do almejado seminário internacional.

Esta idéia foi aperfeiçoada pela vinda ao Rio de Janeiro de três especialistas internacionais em megaeventos esportivos durante e logo após o Pan 2007, ocorrido em julho daquele ano: Dr. Hai Hen, da Universidade de Beijing-China, Dr. Iain MacRury da Universidade East London-Inglaterra e Dr. Holger Preuss da Universidade de Mainz-Alemanha, respectivamente convidados pelo Serviço Social da Indústria- SESI e pela Universidade de São Paulo-USP. Como os três eram vinculados ao Prof. Lamartine DaCosta por atividades acadêmicas, surgindo assim possibilidades de reuniões e convivência informal, nas quais a experiência do GPEO-UGF foi testada e ampliada. Parte das contribuições encontradas adiante neste livro nasceram deste intercâmbio que até hoje se desdobra em acesso de alunos brasileiros às universidades citadas por meio dos professores que nos visitaram.

Convencidos da relevância do tema e da necessidade de produção de um livro e do seminário internacional que lhe legitimaria, no decorrer dos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro (julho de 2007) procuramos a Secretaria Nacional do Desenvolvimento do Esporte e Lazer do Ministério do Esporte na pessoa da Secretária Prof. Rejane Penna Rodrigues no sentido de mais do que a realização de um seminário mas, quem sabe, iniciar o debate de uma futura política de gestão de legados de megaeventos esportivos em nosso país. Com a imediata demonstração de interesse inequívoco por parte do Ministério nos restou partir para a construção da proposta conceitual e elaboração do projeto que ora culmina com este livro.

Um ponto de grande importância para o sucesso do projeto, principalmente no que diz respeito à sua amplitude, foi a entrada do CONFEF (Conselho Federal de Educação Física) como parceiro principal e realizador do Seminário. Mesmo entendendo o megaevento esportivo como um evento multidisciplinar, compreendemos, neste momento, a importância que o profissional de Educação Física poderia ter como protagonista do debate sobre os legados e as novas fronteiras de exercício de trabalho por eles geradas.

Impulsionado por todos estes antecedentes aconteceu, na cidade do Rio de Janeiro entre os dias 01 a 04 de maio de 2008, o “Seminário de Gestão de Legados de Megaeventos Esportivos” em uma ação conjunta do Ministério do Esporte, do CONFEF, do SESC Rio, do SESI e da Universidade Gama Filho. O Seminário contou com a participação de estudiosos, pesquisadores e gestores de esporte e megaeventos de todo o Brasil e de vários outros países, cujas participações estão contrapostas aos estudos e pesquisas iniciadas no ano anterior, conforme registros encontrados adiante.

Cabe, finalmente, voltarmos ao desafio do início de 2007 lançado pela Prefeitura do Rio de Janeiro a fim de completar a moldura deste livro. Ocorre que nas ciências, há sempre desafios ou aspirações que impulsionam as grandes realizações.

Por esta razão, os gestores atualizados abrem espaço para a gestão de inovações desafiadoras nas suas instituições como também promovem a assimilação de novos conhecimentos quer vindos de fora, como criados – ou aperfeiçoados – internamente. O caso dos legados de megaeventos esportivos no Brasil é um exemplo de gerência avançada pelos seus resultados em torno de poucos especialistas e de instituições selecionadas. Auguramos, portanto, que este livro complete a tarefa inspiradora de seus organizadores e editores ao multiplicar seus conhecimentos para todo o país.

Introdução

Introduction

Estado da Arte do Conhecimento sobre Legados de Megaeventos Esportivos no Exterior e no Brasil

Introdução aos Temas e Autores deste Livro

Lamartine DaCosta
Ana Miragaya
Grupo de Estudos Olímpicos – UGF

The State of the Art in Legacies of Sports Mega Events: Introduction to themes and authors This short introduction is especially relevant as it sets the stage for the 65 studies that make up this volume. Preliminary references and information help contextualize the articles and do justice to their content and possible future developments. The objective here is primarily to present a survey of the origins, presuppositions, and perspectives of research and studies on sports mega events which have already been produced or are being produced in Brazil and in other countries, in other words, to display the state of the art and its most relevant result: the legacy. It is also desirable that this volume can offer subsidies to future sports initiatives that elect legacies of mega events as their main focus in terms of planning and management.

The Olympic Studies field of research in Brazil has been very productive as demonstrated by various surveys that have pointed out an increasing number of students, researchers and scholars who have been involved with the theme. The last survey (first semester of 2008) indicated that 79 Brazilian participated in training periods at the International Olympic Academy (IOA) between 1980 and 2007, including 24 in post-graduate programs after 1993. In 2008, 16 professionals who hold master's degrees and 18 with Ph.D. degrees, most of whom in physical education, are active researchers in Olympic Studies in Brazil.

Despite the Brazilian advanced academic profile in Olympic Studies, which includes a significant number of publications in Portuguese, English and Spanish, the production related to sports mega events and legacies has been limited. In fact, this is the third book on this subject in Portuguese, but at the same time the very first one with very advanced perspectives for its time. The first Brazilian publication on sports mega events and legacies was the book "XIX Olimpíada México 1968 – Aspectos Técnicos Evolutivos" (The 19th Olympic Games in Mexico City – Evolutionary Technical Aspects).

The methodology here used included: (a) systematic examination of key documents of international studies and research on the theme; (b) texts of foreign authors who represent recent and updated knowledge; (c) experience of Olympic Studies researchers in Brazilian universities; and (d) opinion of non-specialists in Olympic Studies who have practical involvement in questions related to legacies, either from governmental or private interests.

In terms of methods to investigate legacies, comparative interpretations between international sources point to the extensive use of good practices - options of either management or technical procedures which have become a model for activities which are different from the originals - found in Olympic Games or in sports mega events. Another method very used today by main researchers is benchmarking; i.e. the search for the best practices for superior performance

in distinct places or specific research areas. The themes presented in this volume represent initiatives of both editors and organizers, who have invited prominent international scholars to join Brazilian researchers in sharing their studies and work-in-progress. The objectives were to build up knowledge and to develop critical thinking to benefit the autonomy of Brazilian education, information and science in relation to legacies of mega events, an area which can be the future of sports, physical education and recreation in the international scene.

Os 65 estudos e pesquisas encontrados neste livro solicitam uma base de referências preliminares para que sejam observados em seus fundamentos e possíveis desdobramentos futuros. A partir deste propósito foi estipulado como objetivo do presente texto, o levantamento de origens, pressupostos e perspectivas dos estudos e pesquisas sobre megaeventos esportivos produzidos e em produção no exterior e no Brasil, de modo a se ter uma avaliação do estado do conhecimento desta área de saber e sobretudo de seu resultado mais proeminente: o legado. Como tal, este objetivo foi adicionalmente traçado no sentido de apoiar futuros empreendimentos esportivos que elejam os legados de megaeventos como seus focos principais de planejamento e gestão.

Entretanto, o contexto de megaeventos e legados solicita definições e reconhecimentos para os quais sugerimos aos leitores deste livro uma apreciação da seção “Economia, Gestão e Definições básicas” antes de incursionarem pelos demais textos. Neste particular, os editores desta obra optaram por abrir o tema megaevento & legado pelas abordagens de Holger Preuss (Universidade de Mainz) que discute as feições econômicas dos Jogos Olímpicos e Copa do Mundo de Futebol a partir de definições e caracterizações. Seguem-se textos mais concentrados em definições e posicionamentos de Bernardo Villano & Rodrigo Terra da UGF (foco em paradigmas), Fernando Telles da USP (instalações e sustentabilidade como vieses de definições) e Janice Mazo, Rolim (UFRGS) & DaCosta (UGF) que examinam historicamente o desenvolvimento dos nexos de megaevento e de legado.

Megaeventos no Brasil

Embora os “Jogos Olímpicos Latino-Americanos” (Jogos Regionais promovidos pelo Comitê Olímpico Internacional até a década de 1920), realizados no Rio de Janeiro em 1922, em comemoração ao Centenário da Independência do Brasil, tenham reunido a expressiva audiência de 160 mil pessoas – a cidade tinha à época cerca de um milhão de habitantes – e participação de 1200 atletas de seis países (1), jamais foi cogitado como evento de porte. Possivelmente o desaparecimento na memória do esporte brasileiro deste pressuposto “megaevento”, considerando tamanho e não impacto, deveu-se a ter sido organizado à sombra dos festejos do Primeiro Centenário da Independência. A redução da importância dos Jogos com indica Quantz (1993), ocorreu também com os Jogos Olímpicos nas edições de 1900 e 1904 que foram inseridos em grandes feiras internacionais, respectivamente de Paris e de Saint Louis nos Estados Unidos (2).

Na década de 1960, o Brasil experimentou seus primeiros megaeventos esportivos propriamente ditos ao sediar os Jogos Mundiais Universitários 1963 – Universida-

des 63 – em Porto Alegre, e os Jogos Pan-Americanos de 1963, em São Paulo. Caracterizações destes Jogos são encontradas adiante em textos de Janice Mazo da UFRGS (U 63) e de Gilmar Mascarenhas da UERJ (Pan 1963), que destacam a reduzida – por vezes nula – memória deixada posteriormente por ambos eventos.

Nos anos de 1970, tiveram início no Brasil as promoções de grande participação esportiva popular (corridas de rua, passeios gigantes de bicicletas, travessias aquáticas etc), sendo que em alguns casos – destacando-se a Campanha Esporte para Todos que reuniu nove mil voluntários - a escala de participação alcançou um milhão de participantes ao serem somados os resultados de várias regiões brasileiras, como registram DaCosta&Miragaya, 2002 (3). Nestas circunstâncias, protótipos do atual megaevento esportivo já estavam em gestação à época até mesmo porque fora desta área certas promoções de grande porte já assinalavam um tratamento organizacional próximo à atual realização intensa e reduzida duração com preparo de longo prazo, produzindo impactos econômicos relevantes. O Carnaval do Rio de Janeiro, como também de Salvador, Recife e São Paulo, tem constituído megaeventos típicos com produção inclusive de legados. Por exemplo, segundo dados do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – Sebrae, o Carnaval do Rio de Janeiro movimentou, por ano, cerca de R\$ 1 bilhão em negócios, gerando mais de 300 mil empregos; dos 2,5 milhões de turistas que a cidade recebe todos os anos, em 2007 cerca de 700 mil chegaram nos três dias dos festejos carnavalescos (4).

No início de década de 1990, os megaeventos esportivos no Brasil tiveram grande impulso – ainda vigente nos dias atuais – com o surto da Fórmula 1 de Automobilismo. Em 2007, este megaevento era o maior da cidade de São Paulo, ocupando 100% da rede hoteleira local na semana de realização, quando chegaram na cidade 120 mil turistas. O legado de mídia da Fórmula 1 na edição brasileira tem tido destaque pela penetração internacional em TV até agora sem competidores na área esportiva (5).

Em 2007, finalmente, a realização dos Jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro – conjugados com os Jogos Parapan-americanos Rio 2007 na mesma época – representou a maturidade dos megaeventos esportivos no Brasil, como se verifica na contribuição de José Roberto Gnecco (Ministério do Esporte e UNESP) para este livro, incluindo as questões levantadas a partir deste empreendimento inédito e bem sucedido em vários aspectos chave de gestão. O chamado “Pan 2007”, em suma, é protagonista de parcela importante da presente obra em diferentes facetas de estudos e pesquisas além de constituir uma base de experiências para futuros projetos de megaeventos no Brasil.

Por outro lado, o sucesso do Pan 2007 coincide com a maturidade de outros megaeventos internacionais gestados na década de 1970 no país, que se perfilam hoje entre os maiores do mundo. Este é o caso do “Dia do Desafio” (Challenge Day) um dos legados da Campanha Esporte para Todos assumidos pelo SESC desde 1995. O porte atual do Dia do Desafio é gigantesco na versão das três Américas, organizado e gerenciado pelo SESC do Estado de São Paulo: em 2008 a promoção reuniu 59 milhões de pessoas, de 3.487 cidades, de 22 países do Continente Americano; no Brasil, 1.448 cidades se inscreveram para participar do evento e apresentaram um resultado

recorde, com a adesão de 31.332.927 pessoas. Como o nome indica, o Dia do Desafio consiste em abrir espaços e oportunidades de exercícios físicos e práticas esportivas em determinado dia do ano em espaços públicos ou/e adaptados, contabilizando os participantes. Esta contagem representa uma competição entre cidades de porte semelhante, derivando daí a motivação para adesão popular e a mobilização das cidades para práticas esportivas em termos de longo prazo (6).

Outro megaevento no estilo do Dia do Desafio é o “Agita Mundo”, também de organização internacional e gerenciado a partir do Brasil. Desde 2002, quando a Organização Mundial da Saúde decidiu celebrar o Dia Mundial da Saúde com o tema “Atividade Física em São Paulo – Brasil”, o Programa Agita São Paulo e Rede Agita Mundo celebram o Dia Mundial da Atividade Física. Desde a criação do “Agita Mundo”, foram realizados mais de 6.000 eventos em todos os continentes e em 2007 foram mobilizadas mais de 1.110.000 pessoas em 1706 eventos em diferentes áreas do mundo (7).

Tanto o Dia do Desafio como o Agita Mundo são megaeventos esportivos classificados nesta obra como de “processo”, pois são de curta duração porém de preparação longa e por vezes intermitente, sempre operando em escala de milhões de participantes. Neste livro o caso focalizado é o dos Jogos do SESI que atinge dois milhões de participantes/ano, como reporta Rui Campos do SESI Nacional. Entretanto, em que pese a longa experiência brasileira em megaeventos esportivos – mais de “processo” do que de formato “jogos” – a presente publicação teve origem em face às deficientes interpretações teórico-práticas de seus legados, conforme demonstrado nas seções que se seguem.

Legados em Estudos Olímpicos

No plano internacional até recentemente, os estudos de megaeventos e legados tem suas bases assentadas nos chamados Estudos Olímpicos (EO), uma área de teorias e práticas desenvolvida em universidades e entidades afins como centros de informação, museus de esporte etc. voltada para os Jogos Olímpicos, o Movimento Olímpico e o Olimpismo. Esta especialização foi proposta pelo Barão Coubertin nos anos de 1930, antes de seu falecimento, e posteriormente foi promovida pela Academia Olímpica Internacional - IOA, sediada em Olímpia, Grécia, e por suas entidades filiadas, as Academias Olímpicas Nacionais vinculadas aos Comitês Olímpicos Nacionais (8). Esta dinâmica de relacionamento interinstitucional à luz dos EO constitui o pano de fundo do texto de Christian Wacker e Marcia Wacker sobre a visão museológica da Copa do Mundo de Futebol de 2006 e dos Jogos Olímpicos de Atenas 2004, encontrado adiante nesta obra.

Em termos de megaeventos os EO revelaram tais empreendimentos passo a passo ao focalizar historicamente os Jogos Olímpicos como símiles das Feiras Internacionais desde os primórdios das ações e da produção intelectual de Coubertin (9). Já os legados dos megaeventos ganharam importância ao se enfatizar a dimensão fundamental do meio ambiente e da sustentabilidade nos Jogos Olímpicos e na doutrina do Olimpismo, conforme apontou DaCosta em livro internacional de 1997 (10) e depois

em vários estudos do mesmo autor na década de 2000 (11). No presente livro há um texto de Lamartine DaCosta sobre a proteção ambiental em megaeventos – com enfoque central na Copa de Futebol de 2014 a ser realizada no Brasil – em que se valoriza mais o legado da sustentabilidade do que o megaevento que lhe dá origem.

Importa realçar todavia que os EO são multidisciplinares e portanto abrangem conhecimentos distintos e mais amplos do que as questões de legados e dos megaeventos. Em retrospecto, o caso do desenvolvimento dos OE no Brasil tipifica tal multiplicidade de abordagens. Tendo iniciado atividades em 1989, a Academia Olímpica Brasileira - AOB tem sido operativa dentro da organização do Comitê Olímpico Brasileiro – COB. Mas as relações interinstitucionais com o mundo olímpico internacional foram se tornando variadas por incluírem relações com universidades e outras entidades ligadas ao mundo acadêmico e esportivo em geral. Assim disposto, a produção brasileira de EO mantém seus vínculos com a AOB-COB porém tem crescentemente se relacionando com universidades do exterior além de atuar com eventos autônomos e publicações acadêmicas do âmbito da CAPES, CNPq e Ministério do Esporte. A publicação em 2007 de um livro internacional sobre EO, reunindo 103 pesquisadores de 18 universidades do Brasil e da Espanha, demonstra a efetividade do modelo adotado pelo Brasil uma vez que resultou de um Acordo entre os governos dos dois países para desenvolvimento dos Estudos Olímpicos (12).

Atualmente, a julgar por dados do COI-Centro de Estudos Olímpicos, confirma-se que a produção brasileira em EO é uma das mais internacionalizadas entre os países que se destacam em Estudos Olímpicos. Usando-se o indicador “projetos para concessão de bolsa + bolsas recebidas” que revela a existência de pesquisadores candidatos e receptores de bolsas de pesquisas concedidas pelo COI na área de EO, ao Brasil são atribuídos 52% dos trabalhos de pesquisa na área em foco originados da América Latina. Por países, a produção medida pelo mesmo indicador mostra que o Brasil é apenas superado por China, Estados Unidos, Canadá, França e Grécia, e iguala-se com a Alemanha (13). A Figura 1 mostra de forma reduzida as principais linhas de cooperação internacional e universidades brasileiras e do exterior envolvidas neste processo a partir do ano 2000, considerando-se suportes institucionais de COB-AOB e CAPES como também os Grupos de Pesquisa em Estudos Olímpicos (GPEOs) apoiados pelo CNPq (Fonte: Seminário Espanha-Brasil em Estudos Olímpicos, 2006).

O potencial de produção e a produção efetiva dos Estudos Olímpicos no Brasil tem sido outrossim acompanhado por vários levantamentos, com a última revisão (primeiro semestre de 2008) totalizando 79 participantes brasileiros em estágios da IOA entre 1980 e 2007, sendo 24 em pós graduação a partir de 1993: houve adicionalmente 19 especialistas em eventos da IOA dedicados às Academias Olímpicas, sendo oito pertencentes a órgãos de direção universitária (Figura1). Por iniciativa da AOB, o Brasil a partir de 1995 esteve representado por seis especialistas em “Congresos de la Asociación Iberoamericana de Academias Olímpicas” e por dois especialistas em Seminarios Panamericano de Academias Olímpicas. Em termos gerais, contavam-se em 2008 cerca de 16 mestres e 18 doutores – a maioria em Educação Física - em atividades regulares de Estudos Olímpicos no Brasil (14).

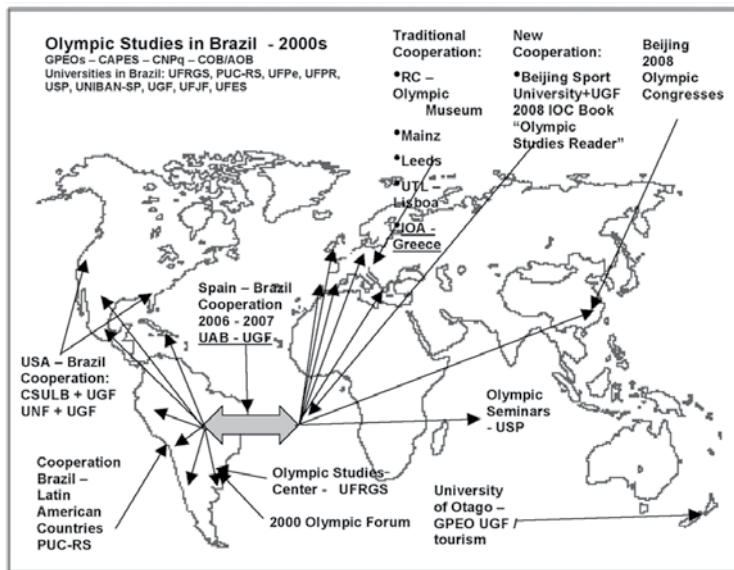


Figura 1 – Principais linhas de cooperação internacional em Estudos Olímpicos lideradas por universidades brasileiras e do exterior, 2000 – 2008

Publicações sobre Megaeventos e Legados

Em que pese um perfil acadêmico avançado para os EO no Brasil, com significativo acervo de publicações em português, inglês e espanhol, o foco quer em megaeventos ou legados tem sido limitado. De fato, a presente publicação é a terceira no assunto em língua portuguesa, sendo a primeira muito avançada para as perspectivas de sua época. Trata-se, no caso pioneiro que antecede à introdução dos EO no país, do livro “XIX Olimpíada México 1968 – Aspectos Técnicos Evolutivos”, tendo Lamartine DaCosta como Organizador e 17 colaboradores que escreveram 311 páginas de observações sobre caracterizações de infra-estrutura e funcionamento dos Jogos Olímpicos de 1968, somadas a observações sobre nove modalidades esportivas e medicina do esporte obtidas durante o evento in loco (15). Esta publicação foi lançada pelo Ministério da Educação e Cultura - Divisão de Educação Física (DEF-MEC) no ano seguinte aos Jogos do México mas não teve o impacto esperado e tal qual os Jogos de 1922, caiu no esquecimento, provavelmente por inexistência de demandas sobre seu tema no Brasil à época.

Sendo uma iniciativa governamental como a que se nos apresenta neste livro, importa pôr em registro a “Apresentação” do livro de 1969. Veja-se, por exemplo, um destaque do texto de Arthur Costa Ferreira, Diretor DEF-MEC (pag. VII): “É sobejamente sabido que as Olimpíadas constituem marcos evolutivos culminantes da Educação Física e dos Desportos no mundo inteiro. Um levantamento de sua organização e de seus pormenores técnicos era urgente e se impunha, para o adequado acompanhamento do setor, como uma necessidade inadiável a atender a nossa gente, ávida de progresso”. Já na abertura da parte técnica do livro, encontra-se sob o título “Organização” (pag. 1) a declaração que se segue, certamente também cabível na introdução deste livro 40 anos após: “O estudo da organização de uma Olimpíada deve obedecer a finalidades

específicas. É compreensível que a enorme massa de dados registráveis se torna inerente às condições do local-sede. Assim sendo, a seleção das observações procurou acompanhar a evolução dos pontos considerados chave, bem como divulgar as inovações, em atendimento às peculiaridades do atual ambiente desportivo brasileiro”.

O segundo livro publicado no Brasil sobre a temática em lide revela seu enfoque prioritário no próprio título: “Megaeventos Esportivos, Legado e Responsabilidade Social”. Esta obra foi produto do II Seminário de Estudos Olímpicos, promovido em 2007 pela USP e coordenado por Katia Rubio, que introduz a obra enfatizando a necessidade de “discutir os custos sociais e materiais do processo de candidatura e realização de megaevento esportivo na atualidade” (pag. 11). Para esta autora, portanto, o fator legado é identificado em meio a uma controvérsia por serem “equipamentos para que sejam incorporados à cidade e ocupados por sua população”, o que contradiz com “novos equipamentos públicos para um uso restrito e temporário” (p. 12). A responsabilidade social, no caso, é apresentada como solução para tal disputa entre os requisitos da competição esportiva e as demandas da sociedade. Com este direcionamento, 19 autores nacionais e um do exterior – parcela dos quais também colaboradores do presente livro -, apresentam suas contribuições atendendo ao princípio de múltiplas dimensões dos megaeventos e seus legados, conforme convocação da coordenadora do Seminário e do livro posteriormente publicado (16). Como tal, esta obra tipifica a atualização internacional dos EO no ambiente universitário brasileiro.

O terceiro livro sobre o tema ora em exame publicado no Brasil, é o que ora se nos apresenta com a pretensão de levantar o estado da arte dos conhecimentos produzidas sobre megaeventos e legados no exterior e no Brasil. Nesta abordagem, o foco central reside explicitamente no legado e não no megaevento, diante da atual convergência de informações a respeito do assunto e de conclusões emitidas pelo COI a partir de 2002, com a publicação do manual “The Legacy of the Olympic Games, 1984 – 2000”, ou em português “O Legado dos Jogos Olímpicos, 1984 – 2000” (17).

Estado da Arte - metodologia

O objetivo de se estabelecer o estado da arte no tema dos legados, e por corolário dos megaeventos esportivos, foi concebido por quatro vias: (a) exame sistemático de documentos chaves sobre estudos e pesquisas internacionais no tema; (b) textos de autores estrangeiros capazes de representar conhecimentos mais atualizados; (c) mobilização da experiência dos participantes em Estudos Olímpicos de universidades brasileiras; e (d) opinião de não especialistas em EO mas com envolvimento prático em questões sobre legados, quer de interesse governamental ou privado. As abordagens (a), (b) e (c) foram desenvolvidas a partir de abril de 2007 com base no Grupo de Estudos Olímpicos da UGF, no Rio de Janeiro (GPEO – UGF), coincidindo portanto com os Jogos Pan-Americanos na mesma cidade realizados em julho do mesmo ano; a abordagem (d) materializou-se com a organização do Seminário “Gestão de Legados de Megaeventos Esportivos” que teve lugar no Rio de Janeiro, 1-4 de maio de 2008, com suporte do Ministério do Esporte - ME, Conselho Federal de Educação Física - CONFEF, SESC Rio, SESI DN e UGF.

À vista destes procedimentos planejados, cabe inicialmente listar a documentação chave mencionada em (a) que consistiu em obras de revisão que objetivaram atualizar o conhecimento internacional sobre legados com data posterior à publicação de "The Legacy of the Olympic Games, 1984 – 2000" do COI, a saber:

- *"Euro 2004 – Um evento global em Portugal"*, Salomé Marivoet, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra - Portugal, relatório de pesquisa apresentado em Primeiras Jornadas Internacionais de Sociologia do Desporto, ISMAI, 15 de Março, 2006.
- *"From Beijing to Bow Bells: Measuring the Olympics Effect"* Gavin Poynter, London East Research Institute - Working Papers in Urban Studies, University of East London, March 2006.
- *"The Impact of Mega Sport Events in Developing Countries"*, ICSSPE Bulletin no. 53, Papers from a conference held in 2008 in Cape Town, South Africa, com foco principal sobre a 2010 World Foot-ball Cup - South Africa.
- *Olympic Legacies Conference*, St. Antony's College, Oxford, 29-30 March 2008.

O exame destes documentos incidiu a escolha para representar o estado da arte na revisão do London East Research Institute - LERI, coordenada por Gavin Poynter, por ter uma visão mais abrangente do tema dos legados por meio da qual poder-se-ia particularizar pormenores da situação brasileira de acordo com a previsão de (c) e (d). Por seu turno, para a identificação de autores estrangeiros para cumprir o requisito de (b), os documentos consultados mostraram que Holger Preuss, da Universidade de Mainz (Alemanha), era o mais citado, excetuando-se o documento sobre a Euro 2004, produzido em Portugal. Já Gavin Poynter e Iain MacRury do LERI, bem menos citados, constituíram entretanto autores de referência nos eventos de Cape Town e Oxford, ambos organizados no primeiro semestre de 2008.

Assim disposto, foi montado o Seminário do Rio de Janeiro 2008 no concerne aos convidados do exterior como também a estrutura do presente livro que se desenvolve por capítulos em seções temáticas, as principais partindo de textos e apresentações dos autores selecionados em (b). O estado da arte neste caso está pressuposto tanto no Seminário como neste livro a partir dos autores estrangeiros mas se desdobra em visões e abordagens de autores brasileiros, destacando-se pesquisadores do grupo (c). Adiante, neste capítulo, descreveremos com maiores detalhes as relações do estado da arte do conhecimento sobre legados com os textos produzidos para este livro, quer do exterior ou do Brasil.

Perspectivas macro e micro de legados

A abordagem cogitada em (d), isto é as opiniões de não-especialistas em EO mas com envolvimento prático em questões sobre legados, quer de interesse governamental ou privado, baseou-se na experiência do COI quanto ao manejo de conhecimentos sobre organização e funcionamento dos Jogos Olímpicos e seus legados. Neste propósito, o instrumento do COI tem sido o programa Olympic Games Knowledge Management-OGKM

que opera como um meio de transferência de conhecimentos a partir de uma base de dados. Esta plataforma de informações inclui relatórios técnicos sobre Jogos Olímpicos passados sobretudo emitidos por observadores, permitindo que Comitês de Organização dos Jogos (OCOG) e de cidades candidatas encomendem cursos informativos ao OGKM e contratem especialistas e consultores internacionais (18). Além do OGKM, há empresas internacionais de consultorias que oferecem serviços de apoio técnico às OCOG como serviço remunerado e sem ligações formais com o COI ou ao OGKM.

Estes serviços de consultoria naturalmente não estão representados nos eventos e documentação previstos em (a) já que não atuam com informação sujeita a demonstrações e críticas apresentadas em público, típicas da área acadêmica. Como tais, esses serviços se concentraram em atividades gerenciadas no nível da gestão e do uso de tecnologias, operando portanto com venda de know-how em oposição ao conhecimento produzido por estudos e pesquisas da área acadêmica, as mais das vezes distribuídas de forma gratuita. Na presente obra, o capítulo de João Augusto de Camargo Barros - atuando na Universidade de Tennessee-Knoxville (EE.UU.) -, sobre o Programa de Observadores do Pan 2007, oferece uma idéia com atuam estes consultores em megaeventos. E ao se observarem suas abordagens, conclui-se que as intervenções deste grupo não se envolvem em problemas sócio-culturais e de governo local ou nacional, certamente para evitar conflitos de atribuições e de diferenças culturais.

Com relação à gestão do conhecimento delimitado pelos legados conforme os objetivos deste livro, seus editores se permitiram então definir o trabalho dos consultores internacionais com o micro operacional já que os estudos e pesquisas acadêmicas neste caso são mais abrangentes, de natureza macro quer econômicas, sociais ou culturais. Assim se procedeu à vista de que o Pan 2007 baseou sua organização na compra de serviços de consultorias internacionais – como também de resto tem ocorrido com a elaboração de projetos de candidatura do Rio de Janeiro aos Jogos de 2016 – ensejando assim à definição de áreas de enfoque e intervenções prioritárias.

Em outras palavras, a presente obra se concentra em questões macro sobre legados ao passo que os serviços de consultoria são especializados em procedimentos micro neste tema e no de megaeventos sobretudo. Em vista desta distinção importa relevar que a visão macro se ajusta mais ao longo prazo como se pode observar pelos textos de Holger Preuss e Iain MacRury incluídos neste volume. E a micro, ao curto e médio prazo, como se constata pelo texto de Enric Truño, também incluso nesta obra, ao examinar procedimentos da candidatura do Rio de Janeiro aos Jogos Olímpicos futuros. Note-se, por necessário, que Truño é um consultor ao estilo da OGKM, contratado pelo Ministério do Esporte para atender o Pan 2007.

Em síntese, a conceituação macro e micro de legados não foi encontrada na documentação estrangeira do estado da arte porém tem a pretensão de atender à relatividade de objetivos de produção de conhecimentos seja de interesse público ou privado. Contudo, este conceito não se ora apresenta como rígido desde que o micro de qualquer fenômeno se referencia ao macro e vice versa – Truño, por exemplo, opera nos dois – e no mundo olímpico tal dicotomia também existe e se interpenetra, por exemplo, em ocorrências de meio ambiente e de estratégia de implementação de megaeventos como relata Da Costa (2002) em seu livro “Olympic Studies”. (19)

Metodologias para a investigação de legados

Outra constatação obtida por interpretações comparativas entre fontes do exterior, refere-se ao uso extensivo de boas práticas - opções de gestão ou de procedimentos técnicos que se tornam modelo para atividades diversas das originais - encontradas nos Jogos Olímpicos ou megaeventos esportivos em geral como metodologia para se analisar legados. Outro método também bastante corrente entre os principais autores internacionais é o benchmarking (busca das melhores práticas que conduzem ao um desempenho superior em distintos lugares ou áreas de atuação).

No capítulo “Estruturação de megaeventos e regeneração urbana: Barcelona 1992 e Torino 2006” deste livro, que corresponde à conferência de Enric Truño no Seminário do Rio em maio de 2008, há declarações do debatedor Lamartine DaCosta, fazendo uma revisão destes dois métodos como preferenciais entre pesquisadores do exterior. A razão desta opção majoritária liga-se ao fato de que não há ainda uma teoria geral sobre legados, conduzindo assim as investigações ao levantamento de experiências anteriores de Jogos Olímpicos e da Copa da FIFA de Futebol.

Para efeito dos pesquisadores brasileiros de áreas acadêmicas, as comparações típicas das boas práticas e de benchmarking estão ainda no início porém tiveram um avanço sensível pela realização do Pan 2007 no Brasil. Este megaevento conduziu naturalmente a posições comparativas preliminares em busca de significados como se constata no presente livro, no capítulo de Verônica Perissé Nolasco (GPEO UGF/SESC Rio) sobre voluntários do Pan 2007 e de Atenas 2004, ou no capítulo de Leonardo Mataruna (Unicamp) que esboça uma avaliação do ParaPan 2007, à luz de eventos similares de Sydney 2000 e Atenas 2004. Por sua vez, Gilmar Mascarenhas da UERJ em capítulos diferentes procurou identificar características do Pan 2007 considerando fatos históricos de Barcelona 1992, como também do Pan 1993 realizado em São Paulo e do Pan 2003 organizado na Republica Dominicana a partir de pesquisas documentais e de campo. Neste âmbito também cabe dar realce à pesquisa sobre a Cerimônia de Abertura do Pan 2007 que se desenvolveu com comparações com padrões olímpicos – Carta Olímpica, por exemplo – pelo grupo do GPEO da PUC-RS liderado por Nelson Todt daquela universidade (capítulo de Haas et al.).

De resto, as pesquisas e estudos nacionais sobre megaeventos e legados esportivos se situam hoje em nível próximo às encontradas na publicação “The Legacy of the Olympic Games, 1984 – 2000” editada por Moragas et al. para o Centro de Estudos Olímpicos do COI em 2003. Os avanços brasileiros com base nesta referência e encontrados neste livro se situam nos temas de instalações como legados - ver capítulo de Fernando Telles da USP -, de modelos de planejamento de legados (capítulo sobre Modelo 3D de Lamartine DaCosta e modelo M4 de Marco Bechara, ambos do GPEO da UGF – Rio de Janeiro), de planejamento do ciclo olímpico de Valéria Bitencourt da UGF, e de implementação de educação olímpica em Jogos Olímpicos no Brasil, reunindo oito capítulos com experiências produzidas no país em várias universidades. Nestes exemplos há encaminhamentos de pesquisas de

nível internacional, destacando-se o grupo de educação olímpica que por sua longa experiência e bons resultados no intercâmbio com o exterior, possui um perfil de elite acadêmica não encontrado nos demais grupos de autores arrolados para participação neste livro.

Temas e Autores deste livro

Os temas apresentados neste livro são resultado de atrelamento a autores de destaque no exterior à produção encomendada de estudos e pesquisas ou trabalhos já em andamento no Brasil por iniciativa dos editores e organizadores deste livro. Nestas condições, a primeira seção com cinco capítulos se concentra em definições e caracterizações de legados – e por vezes de megaeventos – pela via das ciências econômicas, com já considerado anteriormente na presente apreciação. Nesta primeira abordagem, os autores nacionais são complementares dado a que a área da economia do esporte no Brasil ainda é deficiente, senão inexistente. Mesmo assim, os comentários ajustam os conhecimentos de Holger Preuss – presente nos dois primeiros capítulos – às condições nacionais, sobretudo às desveladas pelo Pan 2007, como se observa nos textos de Telles Ribeiro e Bernardo Villano & Rodrigo Terra. Esta seção se encerra com um estudo sobre definições de megaeventos e de legados, apresentado por Janice Mazo da UFRGS e colaboradores.

A seção que se segue aborda prioritariamente a regeneração urbana como base de compreensão dos legados, seguindo a tese do LERI que estuda Londres 2012. Trata-se de uma aproximação teórica por via cultural e nesta última por meio de atividades de lazer nas áreas regeneradas para a instalação de um determinado megaevento. A seção abre com um longo texto de Gavin Poyter do LERI, seguidos de capítulos de Iain MacRury e Alvaro de Miranda, ambos também do LERI. Os autores nacionais que se seguem focalizam os problemas urbanos e culturais que inibem o surgimento de legados por intervenção de megaeventos, quer por exemplos nacionais quer por exemplos extraídos do exterior. Assim Alberto Reppold da UFRGS usa os problemas detectados em Atlanta 1998 para discutir a questão de direitos humanos nos deslocamentos de pessoas para obras nos megaeventos e daí repensar as propostas brasileiras de sediar Jogos Olímpicos, no que são seguidos por Gilmar Mascarenhas da UERJ e Sálvio Raeder da UFF. Katia Rubio da USP, no caso, examina a questão de legados de cunho cultural, chegando finalmente nas pessoas como expressão destes legados.

A terceira seção já não usa autores estrangeiros de renome para dar orientação ao conjunto de trabalhos, pois reúne soluções produzidas no Brasil para problemas detectados no próprio país quanto à questão de legados. Estes autores nacionais já foram introduzidos aqui anteriormente, dispensando novas apresentações.

A quarta seção é também de fundamentação nacional e orientada para pesquisas de percepção típica de megaeventos e instituição de legados. Este grupo de nove capítulos reflete a herança do manual do COI publicado em 2003 quanto à visão de pesquisas de ordenação longitudinal, como se verifica na pesquisa sobre a percepção do Pan 2007 liderada por Ludmila Mourão da UGF. Porém, a seção abre para inovações ao incluir uma pesquisa sobre o imaginário social do Pan 2007 no Rio de Janeiro, um tipo de investigação pouco utilizada no exterior e liderada por Vera Costa e Nilda Teves da UGF.

A sexta seção se dedica à educação olímpica que no Brasil possui tradição própria e impacto internacional, tema cuja inovação neste livro incide no exame dos futuros Jogos Olímpicos da Juventude - a serem iniciados em Cingapura em 2010 – nos quais o COI tem orientado para a educação olímpica e para o cultivo de valores. Os nove trabalhos desta seção abordam tanto questões nacionais como internacionais e se voltam para os legados como uma nova forma de fundamentação das atividades pedagógicas e de realce de valores olímpicos.

A sétima seção está orientada para levantamentos de memória e de Gestão de Conhecimento nos seus seis capítulos. Há, portanto, abordagens clássicas sobre legados e megaeventos representados por abordagens históricas – já aqui mencionadas anteriormente - e inovações vindas da Gestão do Conhecimento, esta última desenvolvida por Ailton Fernando de Oliveira do GPEO da UGF. A oitava seção congrega as pesquisas sobre voluntários seguindo trabalhos semelhantes publicados pelo COI em seu manual de 2003. Há quatro trabalhos de investigação nesta parte deste livro, todos voltados para o Pan 2007. A nona seção dedica-se a pesquisas de campo sobre mídia e marketing, com três trabalhos, destacando-se o grupo de mídia da Universidade Católica de Brasília, apresentado por Paulo Trindade, com experiências que remontam aos Jogos de Sydney 2000.

A décima seção volta-se para o meio ambiente que é hoje uma forma de legado bastante reconhecida na área olímpica internacional. Há dois estudos de revisão nesta seção procurando re-definir as questões ambientais no sentido de legados, sendo um localizado nos Jogos de Torino 2006 (Cris Veerman do GPEO - UGF) e outro na Copa do Mundo de Futebol 2014 no Brasil (Lamartine DaCosta do GPEO – UGF). A décima primeira seção está focada no turismo, trazendo uma discussão iniciada no Simpósio do COI que deu origem ao manual de 2003, a qual é atualizada por Arianne Carvalhedo, do GPEO-UGF e da Universidade de Otago, Nova Zelândia.

A décima segunda seção é de natureza genérica afim de incluir estudos diversos não cabíveis nas seções anteriores e projetos de pesquisas, mesmo simplificados mas necessários para estimular o aparecimento de novos pesquisadores. Ao fim e ao cabo, os estudos e pesquisas incorporados a este livro estão propostos para formar massa crítica de conhecimento visando à autonomia do saber nacional quanto ao tema dos legados de megaeventos, setor possivelmente representativo do futuro do esporte, educação física e lazer em âmbito internacional.

Referências

- (1) Ver: www.atlasesportebrasil.org.br/index.php (disponível em 10/05/2008).
- (2) Quantz, D. (1993). "Civic pacifism and sports-based internationalism: Framework for the founding of the International Olympic Committee." *Olympika*, 2, 1-23.
- (3) DaCosta, L.P. & Miragaya, A. (2002) *Worldwide Trends of Sport for All*. Oxford: Meyer & Meyer Sport.
- (4) Verifique-se em www2.uol.com.br/infopessoal/noticias/_CARRE (acesso em 08/05/2008)

- (5) França, P.H. & Valeri, A. (2007) Megaeventos – impactos Formula 1 em SP. Em: www.estadao.com.br/esportes/not_esp66391,0.htm, (acessado em 17/10/2007).
- (6) Informações do site www.secsp.org.br/sec/hotsites/diadodesafio/(acesso em 08/05/2008).
- (7) Ver site www.agitamundo.org/site_br.htm(acesso em 08/05/2008).
- (8) Ver em <www.olympic.org> a descrição do Movimento Olímpico.
- (9) DaCosta, L.P. (2002) Olympic Studies. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, pp. 153-176; disponível em <www.la84foundation.org/5va/DaCosta.htm>
- (10) DaCosta, L.P. (Ed.) (1997) Environment and Sport. Porto: University of Porto, pp. 57 – 61.
- (11) Op. Cit. DaCosta, L. P. (2002), pp. 131 – 152.
- (12) Moragas, M., DaCosta, L.P., Miragaya, A., Kennett, C., Cerezuela, B. e Tavares, O. (Eds) (2007) Universidad y Estudios Olímpicos = Universidade e Estudos Olímpicos. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona. Centre d'Estudis Olímpics, Servei de Publicacions.
- (13) IOC Information Management Department (2007) Postgraduate Research Grant Programme – an Analysis of Geographical and Grant Topics Distribution. Lausanne: Olympic Studies Centre.
- (14) Mesquita, R. Comunicação oral em 20/05/2008; ver também MESQUITA, R. História da Academia Olímpica Brasileira. Revista Arquivos em Movimento. Disponível em: <www.eefd.ufrj.br/revista/artigos/v2n1/artigo05_v2n1.html>. Acesso em 10 ago. 2006
- (15) DaCosta, L.P. (Org) (1969) XIX Olimpíada México 1968 – Aspectos Técnicos Evolutivos. Brasília: Divisão de Educação Física-MEC.
- (16) Rubio, K. (Org) (2008) Megaeventos esportivos, legado e responsabilidade social. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- (17) Moragas, M., Kennet, C. & Puig, N. (Eds) (2003) The Legacy of the Olympic Games, 1984 – 2000. Lausanne: International Olympic Committee.
- (18) Olympic Games Knowledge Management-OGKM. Disponível em www.olympic.org/uk/news/media_centre/press_release_uk.asp?id=2404. Acesso em 06 maio 2008.
- (19) DaCosta, L.P. (2002) Olympic Studies. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, pp. 69-86; disponível em <www.la84foundation.org/5va/DaCosta.htm>

Seminário “Gestão de Legados de Megaeventos Esportivos”: Pontos de Convergência

Bernardo Villano
Dirce Maria Corrêa da Silva
Elaine Rizzuti,
Ana Maria Miragaya
Lamartine Pereira DaCosta
Grupo de Pesquisa e Estudos Olímpicos
Universidade Gama Filho

Seminar “Management of Legacies of Sports Mega events”: *some points of convergence* The Seminar “Management of Legacies of Sports Mega Events” took place May 1-4 in Rio de Janeiro, conducted by Ministério do Esporte-ME (ministry of Sports). The practical objective of this event was to complete and discuss studies and research which has been produced on the themes of this seminar, since April 2007 in Brazil, before, during and after the 2007 Pan American Games, which took place in Rio de Janeiro. This text displays points of convergence of the discussions that took place during the various sessions of the seminar not only in terms of the approaches used by the participants but also in terms of the relevance identified during the presentations and interventions during the event. The planning of legacies was the most discussed aspect during the seminar. The possibility of the staging and organization of a sports mega event as a result of the elaboration and of a consistent and responsible planning process will very likely generate “possible legacies”, which were presented during the seminar in five categories: a) legacies of the event itself; b) legacies of the bidding process; c) legacies of the image of the country; d) legacies of management and; e) legacies of knowledge. In conclusion, the points of convergence of the seminar added to the studies and research that anteceded them revealed critical thinking in Brazil based on knowledge and substantial content background on the theme, which permits the country not only to host and produce mega events but also to plan its legacies.

No período de 1 a 5 de maio realizou-se no Rio de Janeiro, no auditório do SESC Rio-Flamengo, o Seminário “Gestão de Legados de Megaeventos Esportivos”, um evento liderado pelo Ministério do Esporte-ME e implementado pelo Conselho Federal de Educação Física-CONFED em parceria com SESC Rio, SESI Nacional e Universidade Gama Filho-UGF do Rio de Janeiro. O propósito operacional deste evento acadêmico foi o de completar e debater estudos e pesquisas produzidas desde abril de 2007 no Brasil – antes, durante e depois dos Jogos Pan-Americanos de 2007, realizados no Rio de Janeiro - sobre a temática do Seminário.

Neste texto são apresentados pontos de convergência destes debates em termos de incidência de abordagem pelos participantes e relevância identificada durante as apresentações e intervenções do Seminário. Neste termos, o Seminário não desenvolveu conclusões como geralmente acontece neste tipo de evento, pois a revisão dos saberes sobre a temática de legados e de megaeventos no exterior desaconselhou tal encaminhamento. Esta decisão partiu do Grupo de Estudos Olímpicos da UGF quando da preparação do Seminário pois este estava proposto – entre vários outros objetivos - para levantar o potencial nacional quanto à produção científica na área de interesse do Seminário como também o estado da arte desta área no exterior. E em ambas esferas de conhecimento tornara-se evidente a falta de precisão nos nexos tanto dos legados como nos megaeventos.

Foco central no planejamento

A maior convergência identificada no Seminário – e até mesmo consensual – incidiu no tema do planejamento de legados. Sabendo-se que a organização dos megaeventos esportivos torna-se cada dia mais complexa, sendo preciso destacar o papel fundamental que o processo de planejamento vem adquirindo nesse contexto. Portanto, o objetivo desta nota introdutória ao livro que se mostra diante de nós, é o de delimitar a função planejamento de legados em correspondência com seus megaeventos por meio de pontos de convergência de conhecimentos.

Por se tratar de um acontecimento com abrangência global, com grande destaque em termos de mídia, nível de envolvimento financeiro do setor público e efeitos políticos, há que se considerar aspectos relacionados não só ao evento em si, mas também, e talvez principalmente, a perspectiva dos seus possíveis impactos e legados. Nestas condições, os debates geralmente centraram-se na necessidade de planejamento e por antecedente no desenvolvimento de pesquisas científicas sobre legados e planejamento de legados que possam auxiliar as decisões do Poder Público e de outras esferas da sociedade envolvidas na empreitada de candidatura e de sediar megaeventos esportivos.

Vale destacar que o processo de planejamento deve ocorrer de forma antecipada, iniciando-se junto ao processo de candidatura – nos casos em que ocorrem naturalmente -, podendo vir a se consolidar após o evento. É importante que se trabalhe em uma perspectiva de longo prazo sem perder de vista referências do passado e do presente.

No caso de eventos já realizados foi sugerido pelo Seminário que se desenvolvessem estudos de “re-planejamento” e readequação de objetivos para o melhor aproveitamento das estruturas já desenvolvidas. Esta etapa adicional é mais previsível para cidades ou países que acabam por desenvolver megaeventos por razões políticas sem coberturas técnicas iniciais. Mas assim como o planejamento prévio, este deve estar de acordo com um Plano Diretor, que irá orientar o desenvolvimento de longo prazo da cidade ou região em questão.

Além de um referencial longitudinal deve-se estabelecer uma visão única – global e integral - no processo de planejamento, execução e avaliação do legado. Para isso há necessidade de integração das diversas esferas públicas, - inclusive das oposições políticas - e de parcerias público-privadas, pois o trabalho cooperativo de diferentes instituições e áreas de intervenção se mostra essencial.

É necessário se ter em mente a importância do custo-oportunidade deste evento. Ou seja, os recursos financeiros destinados a megaeventos são intransferíveis - são gerados em função da realização do evento e não estariam disponíveis se não fosse por ele. Desta forma pode-se afirmar que não há lugar para improvisação em megaeventos.

Aliás, a produção de megaeventos pode se mostrar como um importante elemento catalisador de melhorias para a cidade-sede. E mesmo que esta não seja eleita como sede num determinado ano, a candidatura permanente se mostra como uma possível e adequada alternativa. Esta induz a projeção de uma imagem positiva do país além de possibilitar que todo o planejamento e mobilização realizados em função da candidatura possam gerar benefícios para a população em geral.

Possíveis Legados

A possibilidade da realização e organização de um Megaevento Esportivo, decorrente da elaboração e de um planejamento consistente e responsável, poderá gerar

também “possíveis legados” que foram apresentados durante o Seminário em cinco categorias: a) legados do evento em si; b) legados da candidatura do evento; c) legados da imagem do Brasil; d) legados de governança e; e) legados de conhecimento. A seguir descrevemos a composição de cada uma destas categorias com dados coletados durante as apresentações e debates:

a) Legados do evento em si:

- *construções esportivas: estádios, arenas e outros equipamentos;*
- *construções de infra-estrutura da cidade, como obras de transporte (metrô e etc.), alojamento de atletas;*
- *compras de equipamentos esportivos, de segurança, telecomunicações, informática, etc.;*
- *ocupações de empregos temporários e/ou permanentes;*
- *abertura de novas possibilidades e oportunidades de trabalho especializado;*
- *promoção e realização de outros eventos;*
- *aumento da procura de práticas de atividades físicas por parte de população.*

b) Legados da candidatura do evento

- *aprendizado do processo de candidatura como, projetos, o processo em si e a organização prévia do evento;*
- *planejamento urbanístico da cidade-candidata que poderá ser utilizado pelo Poder Público, independente da realização do evento.*

c) Legados da Imagem do Brasil

- *projeção da imagem do país;*
- *projeção da imagem da cidade-sede dentro e fora do país, considerada como cultura urbana;*
- *projeção de oportunidades econômicas e de serviços que o país poderá oferecer;*
- *nacionalismo e confiança cívica, bem como o orgulho regional e nacional.*

d) Legados de Governança

- *planejamento participativo;*
- *cooperação de diferentes órgãos administrativos;*
- *parceria público-privada;*
- *liderança do poder público local.*

e) Legados de Conhecimento

- *treinamento e capacitação do pessoal envolvido na gestão do megaevento, desde gerente até voluntários. (Know-how);*
- *ecos do voluntário que sugere a transmissão dos conhecimentos adquiridos por eles para sua comunidade, podendo se estender até na família e comunidade;*
- *transferência de conhecimento adquirido na gestão do evento (antes, durante e após) para futuros eventos similares;*

- *geração de informações e conhecimentos das instituições organizadoras do evento como, banco de dados, relatórios e outros, que poderão dar origem à produção de pesquisas científicas tanto nas universidades como em outros órgãos públicos e privados de fomento à pesquisa, inclusive, para possíveis publicações;*
- *desenvolvimento de estratégias para a contextualização do megaevento;*
- *referencial longitudinal para planejamento, execução e avaliação de intervenções, visando o desenvolvimento de legados e o estabelecimento de suas diretrizes;*
- *construção de estruturas adequadas, visando o aproveitamento futuro pela população.*

Em conclusão, os pontos de convergência do Seminário aliados aos estudos e pesquisas que o antecederam, revelaram que há uma massa crítica de conhecimentos no Brasil que permite ao país sediar e produzir megaeventos como também planejar seus legados. Esta linha de base de conhecimentos mínimos, confirma o Rio de Janeiro em particular e o Brasil em visão mais abrangente, como capacitados a promoverem, serem referências e sediarem megaeventos tanto quanto identificarem possíveis legados no país e no exterior.

Notas Introdutórias

Introductory remarks

Construindo uma Ponte com a Comunidade Acadêmica Para a Produção de Conhecimentos na Área de Legados

Ricardo Leyser
Secretário Nacional da Candidatura Rio2016

Building Bridges Between Academia and Knowledge Production in the Theme of Legacy *The organization and publication of this book could not have happened at a better occasion: (i) at the end of the evaluation process of the largest sports event that has ever taken place in Brazil in the last 40 years: the Rio 2007 Pan American Games and Paralympic Pan American Games and (ii) the beginning of the bidding process of Rio de Janeiro as host city for the 2016 Olympic Games. In this context it is fundamental to organize the bases and questions upon which the debate over the construction of legacies of sports mega events will take place. At this moment the very reports of the Organizing Committee, of the Municipality of the City of Rio de Janeiro and of the Ministry of Sport are being developed. With the publication of these documents, it is possible to expect great advancement in the quantity and quality of the studies that have the Rio 2007 Games as object. The next step in the process is to get rid of prejudice and preconceived ideas which may limit our vision and enlarge what can be expected from the legacy of a sports mega event which will have larger dimensions than the 2007 Pan American Games. It is necessary then to establish some proportion between the size of the event and the legacy that will be constructed, recognizing its complexity and searching for appropriate methods and techniques. From the perspective of the Ministry of Sports, the focus is on the management process. How have the decisions been taken? What is the civil society's degree of involvement in the conception and organization of the project? What are the mechanisms of control? The answers to these questions will show the way for a better evaluation of the organization of the Games. (Ricardo Leyser, National Secretary for the Rio 2016 Bidding Ministry of Sport).*

A realização do Seminário “Gestão de Legados de Megaeventos Esportivos” não poderia ocorrer em momento mais propício: o período em que se finaliza a avaliação do maior evento esportivo realizado no Brasil em mais de 40 anos, os Jogos Pan e Parapan-americanos Rio 2007, e se inicia a construção da candidatura brasileira à sede das Olimpíadas 2016.

Além de saudar o momento, que nos permite, além de refletir sobre a experiência recente, mas já pretérita, construir um novo projeto futuro, a candidatura olímpica, é importante ressaltar a tentativa deste seminário em construir uma ponte com a comunidade acadêmica que possibilite a produção de conhecimento na área de legados.

Com certeza, a presença da comunidade acadêmica na organização dos Jogos Pan-Americanos foi menor do que a boa prática recomendaria.

Muito se escreveu sobre os Jogos Pan-Americanos Rio 2007. Muito se cobrou. Muito se elogiou. Mas muito pouco se pesquisou.

A análise e a avaliação crítica dos Jogos perderam muito com a ausência da academia, da pesquisa e do conhecimento metodologicamente estruturado. Prevalce por ora a visão superficial, parcial, seja ela positiva ou negativa. Infelizmente, cada vez menos pode-se contar com as informações publicadas nos grandes meios de comunicação para a avaliação de projetos tão complexos. Além do viés ideológico

conservador, avesso a qualquer projeto nacional independente e a qualquer tentativa de estruturação do Estado Brasileiro para a promoção de políticas públicas inclusivas, a grande imprensa carrega a marca da superficialidade, do descaso com a apuração dos dados e do erro.

Como ilustração podemos citar um grande jornal brasileiro que inventou um número próprio para o orçamento total dos jogos: R\$ 400 milhões. Como ele chegou a esse número? Multiplicou o orçamento em dólar (base 2002) pela cotação da moeda em 2006. Ora, no momento em que o orçamento inicial foi construído, trabalhou-se com uma cotação projetada de R\$ 3,70 para cada US\$ 1,00, muito diferente da cotação de R\$ 2,00 para US\$ 1,00. Portanto, em 2002, o orçamento inicial dos jogos era de US\$ 220 milhões, ou cerca de R\$ 800 milhões. Levando em consideração o mínimo de rigor na aplicação do método, é imperativo trazer o valor em reais de 2002 ao valor presente, para compará-lo com o executado em 2007. Utilizando-se, por exemplo, o índice citado, chegamos ao valor de aproximadamente R\$ 1 bilhão. Este é o valor do orçamento inicial dos jogos a preços de 2007. Transformar US\$ 200 milhões de 2002 em R\$ 400 milhões de 2007 é um erro que não pode ser cometido por qualquer aluno de administração que tenha cursado uma única matéria de matemática financeira. Mas nosso grande jornal chegou a escrever um editorial baseado nesse assassinato dos princípios de administração financeira.

Tudo isso seria cômico, uma grande barrigada do jornal, se os esclarecimentos não tivessem sido dados exaustivamente a todos os jornalistas. A evolução do orçamento dos Jogos foi, inclusive, apresentada em sessão pública da Comissão de Turismo e Desporto da Câmara, de onde pode-se deduzir que não se tratava de informações de difícil acesso. A que conclusão chegar? Viés ideológico do órgão de comunicação? Despreparo técnico? Fica a sugestão de estudo para nossos pesquisadores: como que um evento que segundo a grande imprensa caminhava para o fracasso transformou-se em sucesso internacional da noite pro dia, ou de uma manchete para outra?

A literatura internacional sobre Legado de megaeventos é vasta. O próprio Comitê Olímpico Internacional tem dedicado maior atenção ao tema. Cada vez mais este campo consolida-se como um tema de importância para a universidade.

Este texto não tem a pretensão de trazer algo de inovador para a discussão. Nem de constituir-se em um trabalho científico, dotado de todo o rigor acadêmico desejável.

O que buscamos é trazer uma contribuição ao debate, fruto das primeiras discussões da equipe do Ministério do Esporte, responsável pelos Jogos Pan-americanos, ainda não totalmente sistematizadas e amadurecidas, acerca dos legados de megaeventos esportivos.

Organizar a Discussão em Novas Bases

“Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem, não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado.” (Karl Marx, “O Dezoito de Brumário de Luis Bonaparte”).

Acreditamos, que para iniciarmos um bom debate sobre a experiência brasileira na construção de legados de megaeventos esportivos, é fundamental organizar um pouco as bases sobre as quais se dará o debate. Modestamente sugerimos algumas contribuições.

O primeiro passo lógico é estabelecer a necessidade de se estudar o tema em geral, legado de megaeventos esportivos, e no específico, legado dos Jogos Pan e Parapan-americanos.

Para tanto, é mister a realização de eventos como este seminário, bem como a atenção que o Ministério do Esporte deve dispensar ao financiamento de estudos correlatos, permitindo à comunidade acadêmica o acesso aos estudos internacionais e o desenvolvimento de pesquisas nesta área de interesse.

Também é preciso superar o grande desnível no conhecimento dos Jogos entre aqueles que participaram da sua organização, em especial o Ministério do Esporte, e a universidade. O grande passo nesse sentido será dado com a publicação dos relatórios de avaliação do evento pelos envolvidos. Neste momento estão em desenvolvimento os relatórios do Comitê Organizador, da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e do Ministério do Esporte. A partir da publicação desses documentos podemos esperar um grande salto na quantidade e na qualidade de estudos que tenham os Jogos Rio 2007 como objeto.

O terceiro passo necessário é despir-se de todos os preconceitos e juízos formados. A avaliação crítica deve ser consistente tendo como base o estudo do objeto. Disputas pessoais, frustrações e conceitos previamente concebidos devem ser eliminados.

Não se pode repetir o erro da imprensa em geral que tenta, de toda forma, sujeitar a notícia e a matéria à sua opinião pré-estabelecida, quando deveríamos fazer o caminho contrário.

Quando se trata de eventos tão complexos não é possível estabelecer maniqueísmos. Os atores tiveram múltiplos papéis, muitas vezes contraditórios entre si, e evoluíram durante o processo de organização dos Jogos. Não é possível estabelecer um manequim único, ainda mais aprioristicamente. Todos os atores erraram muito e acertaram muito. Os acertos e os erros devem ser considerados em função dos contextos específicos, da experiência anterior e da informação disponível.

Um quarto movimento, derivado do segundo, é romper com as amarras da visão monocromática. A realização dos Jogos Pan-Americanos foi um sucesso, mas o sucesso não foi absoluto, não foi total, até porque este conceito de absoluto é de difícil verificação no contexto da atividade humana.

Ou seja, nada de guerra de torcidas. Não podemos falsear a verdade: o sucesso do evento, fato internacionalmente estabelecido no segmento esportivo. Não podemos genericamente desqualificar a toda e qualquer crítica, nem nos afastar da necessidade de estudar e aprimorar nossos conhecimentos. Também não podemos cair no discurso de que tudo dá errado no Brasil, não tivemos nenhum legado no Pan, etc. Nada de sucesso absoluto, nada de fracasso total.

Quinta sugestão: delimitar o que é razoável se esperar como legado de um evento esportivo com as dimensões do Pan. Há que se estabelecer uma proporção entre o tamanho do evento e o legado que é possível construir.

Portanto é, preciso partir da realização de outras edições de Jogos Pan-Americanos para se estabelecer um parâmetro de comparação com o Rio 2007. Este é um campo de muito sucesso, em que podemos afirmar que a experiência brasileira é exitosa. O padrão de realização do XV Jogos Pan-Americanos foi muito superior aos seus predecessores. E o modelo adotado para a realização do Parapan é sem precedentes.

Claro que é importante verificar as experiências olímpicas e também confrontá-las com a nossa experiência, até mesmo porque a experiência olímpica é objetivo do Brasil e do Rio de Janeiro. Mas com certeza não podemos cobrar que o Pan do Rio se equipare a experiências como as de Barcelona e de Sidnei, sedes dos Jogos Olímpicos de 1992 e 2000, respectivamente.

Aliás, aqui reside outro erro muito comum. Exige-se que o Rio 2007 deixe o mesmo legado urbanístico que Barcelona, tenha a mesma qualidade de operação de Sidnei e o mesmo impacto no trânsito da cidade como ocorreu com Atenas em 2004. Mas esquece-se que Barcelona não teve uma organização impecável, que Sidnei não é o melhor parâmetro de legado para a cidade e que Atenas teve enorme dificuldade com prazos e orçamento.

Esperar que uma edição de Jogos Pan-Americanos reúna tudo de bom que cada uma das experiências olímpicas alcançou sem cometer nenhum dos erros não parece algo factível... Talvez se invocarmos os deuses do Olimpo....

Portanto, um parâmetro de razoabilidade é fundamental para que se possa estruturar a crítica.

Sexto movimento: reconhecer a complexidade e buscar o método e a técnica.

Megaeventos são projetos complexos e multidisciplinares. Seu estudo deve abranger especialistas das mais diversas áreas. O evento é esportivo, mas o instrumental técnico requerido transcende em muito o esporte. Por um lado, é um enorme desafio ao segmento buscar as ferramentas necessárias para análise. Por outro, pode ser o grande salto de qualidade para o mundo esportivo brasileiro.

Algumas Contribuições Concretas ao Debate

Uma vez feitas tais sugestões gerais, é chegada a hora de expressar algumas opiniões mais diretas para o debate. Como já deve ter ficado claro, minha opinião é de que o Rio 2007 foi um sucesso.

Sucesso na organização, sucesso na segurança, sucesso esportivo, sucesso no legado.

Porém, acredito em processos de construção de conhecimento. Processos de educação. A teoria de administração exige a avaliação dos resultados e o processo de retroalimentação. Entender os erros, analisá-los, buscar o aprendizado a partir da experiência concreta é obrigação do administrador, principalmente quando este desempenha o papel de gestor público.

Não é fácil construir esse processo em um momento em que os grandes meios de comunicação trabalham constantemente criminalizando o erro do gestor. Como se fosse possível a gestão perfeita, o não erro. Como se o erro sempre fosse decorrente de má-fé ou que pudesse ser sempre evitado. Tal postura acaba por inibir o importante processo de reflexão a que a administração pública deve se sujeitar ao findar processos complexos como a organização dos Jogos Pan-Americanos.

É preciso fugir dessa armadilha.

Nesse sentido gostaria de apontar alguns erros que, considero, foram cometidos na preparação dos jogos. São erros do processo como um todo, não podem ser tratados de maneira individualizada.

O principal é um pecado original. Trata-se de um modelo de governança frágil. Insuficiente para a tarefa posta. Este é com certeza o maior erro. Dele decorrem uma série de problemas que podem levar o analista a ter percepções distorcidas acerca da realidade.

É o que acontece com a questão do planejamento, por exemplo. Discordo daqueles que apontam graves problemas de planejamento na realização dos Jogos. O planejamento foi feito com grande qualidade, muito acima da média de planejamento dos eventos esportivos ou da administração brasileira. Deixa um grande legado de conhecimento para o país. O único ponto que considero como um erro de grande proporção no planejamento da realização do Rio 2007 foi não considerar a área de Segurança no planejamento inicial. Realmente não parece razoável.

Mas porque tantos problemas foram associados ao planejamento?

Provavelmente pela confusão sobre o que é planejamento. Planejamento não é predição. Não é acertar 100% o cenário de futuro. Enfim, é urgente abandonar o senso comum, o grau de previsibilidade de eventos complexos está longe da precisão.

Segundo e mais importante: reconhecer que a estrutura de governança construída não foi capaz de implementar muito do planejado. Genericamente podemos afirmar que na maioria das vezes o erro aconteceu quando se passou do planejado para a execução.

Mas seria então um problema das equipes operacionais?

Pelo contrário. As equipes de ponta, na maioria das vezes, superaram em muito as expectativas, entregando boa qualidade em prazos incrivelmente curtos.

A questão central encontra-se no processo de governança. Como as decisões foram tomadas? Que atores cumpriram o seu papel estabelecido? Quem deixou de cumprir? Como foram estabelecidos os papéis? Como era a coordenação entre todos os entes envolvidos? Qual o envolvimento da sociedade civil na concepção e implantação do projeto? Quais os mecanismos de controle?

A resposta às estas questões apontará o caminho para uma avaliação criteriosa da organização dos jogos.

Finalizo ressaltando uma questão, ligada umbilicalmente ao que já foi dito. Faltou a participação mais efetiva da sociedade civil. Mesmo a questão do orçamento tomaria outro rumo e seria melhor comunicada se o processo de governança envolvesse tal participação.

Enfim, estas são algumas contribuições preliminares a um debate que se inicia.

Megaeventos Esportivos como Gestão de Custos Oportunidade

Djan Madruga
Secretário Nacional de Esporte de Alto Rendimento

Sports Mega Events as management of opportunity cost Taking into consideration the Brazilian context, the theme “Sports Mega Events and Legacies” emphasizes a key question: “Why did the Brazilian federal government invest on sports mega events – as it happened with the 2007 Pan American Games – instead of investing on infrastructure, education, health, transportation, sanitation, and other social demands?” The answer involves some explanation. First, it is important to identify basic costs of some mega events: the Rio 2007 Pan American Games (Pan 2007) cost around 1.9 billion dollars, the Beijing 2008 Olympic Games cost around 30 billion dollars and the Rio Olympic Games 2016 would cost 10 billion dollars; however, the costs of the Beijing 2008 Games and the estimated costs of Rio 2016 Games include expenditures that are not directly related to the mega events, such as transportation, urban regeneration, new airports, etc.

In the Brazilian context, it is crucial to point out that it would be very difficult for this same amount of money to go to education, health, etc. if no city hosted the Olympic Games. This happens because the federal government works with quadrennial plans, following its priorities established from public policies and their corresponding action plans. The economists call the condition of hosting the Olympic Games “opportunity cost” (the cost forgone by choosing one option over an alternative one that may be equally desired) once it will bring other benefits to the host city and to the host country.

In 2005, the Brazilian sport GDP reached 15.6 billion dollars and the Chinese 44.8 billion dollars, three times as much. It can be difficult to follow developed countries and developing countries such as China, but Brazilian sport seems to be in a good track and can assume bigger responsibilities without negative impacts upon the other sectors of the economy and social life of the country.

Therefore, the candidature to host the Olympic Games in Rio de Janeiro in 2016 is a typical case of opportunity cost. Because of that, the federal government understands that it should unconditionally support the organization of this mega event in Rio de Janeiro. In this macro-economic context, there will be more social benefits than the ones achieved by the 2007 Pan American Games. The government will guarantee, among other legacies, the urban regeneration of the city, which has been so-long wanted by the population. In this particular aspect, the publication of this book is justified as well as the invitation of the organizers of this conference for the Secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento do Ministério do Esporte (National Secretary of High Level Sport of the Ministry of Sports) to produce this introduction according its perspectives. (Djan Madruga, National Secretary of High Level Sport of the Ministry of Sport).

O tema “Megaeventos Esportivos e Legados” considerando as circunstâncias brasileiras, enfatiza uma questão chave: o que justifica o investimento do Governo Federal em megaeventos esportivos - como aconteceu com os Jogos

Pan-americanos 2007 - ao invés de investir no orçamento federal em infraestrutura, educação, saúde, transporte e saneamento, dentre outras demandas sociais, Apelando-se para dados de base, constata-se que os Jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro (Pan 2007) custaram em torno de R\$ 3 bilhões, enquanto que os Jogos Olímpicos da China em 2008 custam algo entre 30 e 40 bilhões de dólares e a Olimpíada no Rio 2016 poderá alcançar algo como 10 bilhões de dólares, incluindo nestes dois últimos casos gastos não diretamente relacionados aos Jogos propriamente ditos (transporte, regeneração urbana, novos aeroportos etc).

Mas se não houvessem os Jogos, dificilmente esse dinheiro seria destinado para a educação, a saúde etc., pois o governo trabalha com planejamentos plurianuais, de acordo com a suas prioridades, estabelecidas a partir de políticas públicas e planos de ação daí decorrentes. A esta condição, os economistas dão a denominação de “custo oportunidade”. Por outro lado, em 2005, o PIB do esporte brasileiro chegou a 15,6 bilhões de dólares e o da China a 44,8 bilhões de dólares, exatamente 3 vezes maior. Pode ser difícil acompanhar países do Primeiro Mundo e também a nova China, mas o esporte brasileiro parece estar no bom caminho e pode assumir maiores responsabilidades sem impactos negativos sobre outros setores da economia e vida social do país.

Portanto, a candidatura dos Jogos Olímpicos de 2016 no Rio de Janeiro, constitui um caso típico de custo oportunidade e, por isso, entendo que devemos apoiar decisivamente a realização deste megaevento no Brasil. Neste contexto macro-econômico haverá maiores benefícios sociais do que os obtidos com o Pan 2007, garantindo, dentre outros legados, a regeneração tão desejada da cidade por sua população.

Atendendo ao convite dos idealizadores deste livro, apresento algumas considerações sobre o tema “Megaeventos Esportivos e Legados”, em especial analisando uma questão: o que justifica o investimento do Governo Federal em megaeventos esportivos, como aconteceu com os Jogos Pan-Americanos 2007, ao invés de investir no orçamento federal em infra-estrutura, educação, saúde, transporte e saneamento, dentre outras demandas sociais?

A análise deste questionamento impõe, primeiramente, uma problematização essencial a ela pertinente, elaborada a partir dos seguintes dados: os Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro (Pan 2007) custaram em torno de R\$ 3 bilhões, enquanto que os Jogos Olímpicos da China em 2008 custam algo entre 30 e 40 bilhões de dólares e a Olimpíada no Rio 2016 poderá alcançar algo como 10 bilhões de dólares, incluindo nestes dois últimos casos gastos não diretamente relacionados aos Jogos propriamente ditos (transporte, regeneração urbana, novos aeroportos etc) .

Esses dados instigam algumas questões a investigar:

- Como justificar o não investimento do dinheiro do Pan 2007 nas linhas 4 e 6 do metrô da sua cidade sede, por exemplo? O problema de transportes do Rio de Janeiro não poderia ser resolvido?
- Na mesma cidade ou no país quantos hospitais poderiam ser equipados, melhorados ou construídos, ou quantos salários de médicos poderiam ser melhorados, ou quantos novos profissionais poderiam ser contratados para as equipes dos hospitais que hoje são deficitárias e ineficientes?

- Quantas escolas poderiam ser construídas e/ou melhoradas como também quantas contratações de novos professores poderiam ser efetivadas com salários mais justos?
- Esse orçamento não poderia resolver os problemas de água e esgoto no Rio (afinal consta que existem cerca de 90 milhões de pessoas no Brasil com déficit na área de saneamento)?
- Como não tentar resolver esses fundamentais problemas e, em vez disso, gastar 10 bilhões de dólares em uma festa para atletas do mundo inteiro “virem aqui se divertir”, como tantos propalam?

Com todos esses questionamentos sobre as prioridades dos investimentos, identificam-se duas perguntas de argumentação :

- Será que não há um grande retorno para o país que sedia megaeventos esportivos?
- Por que tantas cidades tentam e gastam dezenas de milhões de dólares na tentativa da promoção desses megaeventos?

Respostas a essas perguntas não são tão simples numa primeira aproximação. E para argumentar há muito que aprofundar na compreensão dos megaeventos esportivos e seus legados. Com certeza, vale muito a pena sediar megaeventos como os Jogos Olímpicos, a Copa do Mundo de Futebol, que se perfilam, reconhecidamente, entre os maiores acontecimentos da humanidade. Tais megaeventos pressupõe enorme retorno econômico, social e de imagem global, como foi discutido no Seminário Megaeventos e Legados (Rio. 1 – 4 maio de 2008) que consolidou a organização do presente livro submetido à uma preparação anterior de longo prazo.

Em princípio, a realidade aqui colocada nos leva a crer que se não houvessem os Jogos, dificilmente esse dinheiro seria destinado para a educação, o transporte, a saúde ou o saneamento, pois o governo trabalha com planejamentos plurianuais, de acordo com a suas prioridades, estabelecidas a partir de políticas públicas e planos de ação daí decorrentes. A esta condição, os economistas dão a denominação de “custo oportunidade”, como relevou um dos conferencistas do Seminário citado, Dr. Holger Preuss, da Universidade de Mainz, Alemanha.

Mas, de fato, caso não houvessem os Jogos Olímpicos de 2016 no Rio de Janeiro, esses estimados investimentos de 10 bilhões de dólares iriam para a infraestrutura da cidade candidata? O mesmo teria acontecido com os 3 bilhões de reais gastos no Pan 2007, caso estes não tivessem acontecido no Rio?

Em teoria econômica, e de acordo com o que temos constatado com experiências de megaeventos esportivos, é que os Jogos constituem efetivamente numa grande oportunidade para se antecipar, a médio prazo, o dinheiro que só viria a longo prazo.

Nesse sentido, o investimento nas Olimpíadas de 2016 representa uma oportunidade ímpar que não deve deixar de ser aproveitada, uma vez que custa relativamente pouco para um País como o Brasil, com um orçamento que gira em torno de 1 trilhão de reais. Calculando, investir 15 bilhões de reais nos Jogos Olímpicos representa apenas 1,5% desse orçamento que nem são gastos em uma única vez, pois o desembolso se daria em sete anos. Ou seja, 2,14 bilhões de reais/ano, equivalentes a 0,21% do orçamento anual.

Num outro exercício de análise, podemos citar os Jogos Olímpicos de Sidney que custaram 0,25% do PIB Australiano, enquanto que os Jogos de Pequim custarão 0,38% do PIB Chinês. Além disso, temos que lembrar que, segundo a Fundação Getúlio Vargas e outras fontes, o esporte hoje movimenta 1,9% do PIB Brasileiro.

Por essas e outras razões, sou grande defensor da realização dos megaeventos esportivos no Brasil. Recentemente estive na Inglaterra e lá pude constatar que os ingleses têm um orçamento anual de R\$ 15 milhões apenas para captação de megaeventos de nível mundial. Posiciono-me para que o Brasil siga essa linha, se quiser transformar-se numa potência mundial esportiva com retornos substanciais neste tipo de investimento..

Para motivar o aprofundamento desta argumentação, coloco aqui um conjunto de informações que, lidas com atenção, certamente permitirão reflexões mais profundas a respeito do tema.

PIB do esporte brasileiro em relação a outros países

- No Brasil, o empuxo econômico proporcionado pela prática esportiva e as atividades de produção, comércio e serviços relacionadas ao esporte em geral compõem 1,95% do PIB de 798 bilhões de dólares (em 2005), algo como 15,6 bilhões de dólares. Em termos percentuais, 1,75% tem origem em gastos do setor privado e o outro 0,20% em investimentos do setor público.
- Esse valor percentual é crescente no tempo: no fim da década de 90 precisamente, em 1999, foi de 1,91%. Isso significa que o setor esporte cresce acima da média do Brasil e evolui em comparação com outros setores. Entre 1995 e 2005, o esporte cresceu ao ano 7,42% acima (na média simples) do PIB do Brasil (ver “Atlas do Esporte do Brasil” de 2005).
- Mesmo assim, o Brasil ainda tem um PIB esportivo modesto em comparação relativa com países europeus e até com outra potência emergente, a China. Em 1999, o PIB do esporte brasileiro era de 10,3 bilhões de dólares e o da China de 16,5 bilhões de dólares (o chinês era um terço maior).
- Em 2005, o PIB do esporte brasileiro chegou a 15,6 bilhões de dólares e o da China a 44,8 bilhões de dólares, exatamente 3 vezes maior. Pode ser difícil acompanhar países do Primeiro Mundo e também a nova China, mas o esporte brasileiro parece estar no bom caminho. Em termos percentuais, a taxa de participação do esporte brasileiro no PIB nacional é semelhante à dos EUA, dos países europeus e da China. Crescendo o bolo da renda nacional, crescerá mais ainda a fatia do esporte.
- De 1995 a 2005 o PIB brasileiro cresceu, em média, 3,2% / ano, enquanto o PIB do esporte nacional cresceu em média 10,86% / ano.

Concluindo, desejo refletir sobre mais a questão inicial: se não houvesse o Pan 2007, teriam sido feitos investimentos na ordem de 3 bilhões de reais na cidade do Rio de Janeiro? Não há qualquer garantia política que ocorresse tal investimento. A diferença no caso reside no resultado que um megaevento pode

fazer por um país, sobretudo contornando os vieses políticos da administração pública e as dificuldades de governança das grandes cidades brasileiras. Trata-se de um caso típico de custo oportunidade, e por isso, entendo que devemos apoiar decisivamente a realização dos Jogos Olímpicos de 2016 no Rio de Janeiro, o que certamente trará maiores benefícios sociais do que os obtidos com o Pan 2007 e garantirá, dentre outros legados, a regeneração tão desejada da cidade por sua população.

Importância dos Legados de Megaeventos Esportivos para a Política Nacional do Esporte: Cidade, Cidadania e Direitos dos Cidadãos

Julio Cesar Monzú Filgueira
Secretário Nacional de Esporte Educacional / Ministério do Esporte

The Importance of Sports Mega Events Legacies for the Brazilian National Policies of Sport: Cities, Citizenship and Citizens' rights *The status of sports in Brazil has been changing ever since the Ministry of Sports was founded in 2003. Sports have become effective government policy, featuring a set of programs and actions whose results indicate real changes in sports in the last five years.*

The drawing and organization of sports mega-events in Brazilian cities, especially by means of direct governmental action, have received more attention within the context of the Plano Nacional de Desenvolvimento do Esporte (National Plan for the Development of Sport) during this unique period Brazilian sports history is now going through. The successful staging of both the 2007 Pan American Games and the Paralympic Pan American Games clearly displays the various benefits for society as a whole in the host city, state and country. The various sectors such as infra-structure, knowledge, and technology, which greatly contribute to success of a sports mega event, can make possible the access of significant segments of the population to public policies in several areas.

To the federal government, the legacies of sports mega events are inseparable elements of public policies and of the essential function that the state has to guarantee the fundamental social rights to all citizens, with quality, equity and universality. This should be the basic reference which sustains the whole strategy of the promotion of mega events and, therefore, of their legacies. It is clear that each mega event and its respective organizational infrastructure end up determining the dimension and the degree of inclusion of these legacies in public policies.

Every process that includes pre-event, event and post-event as well as the preparation of the legacies require the managers' attention in all phases: the bidding, the planning, the execution and the post-event. Ricardo Leyser, executive secretary of the management committee of the 2007 Pan American Games, points out that the planning and management of legacies of mega events require the development of their own structures, which are distinct from those related to the organization and execution of the event itself.

It is crucial to emphasize that not only the specialists but the whole society must get involved in the process. The participation of the community is a guarantee that the legacy will benefit the population as it will be part of the community for future generations to use.

It is also essential to mention an essential right of a democratic nation's population whenever we deal with citizens' rights and the policies related to the improvement of the population's quality of life: the right of every citizen to have a city and to have citizenship. Legacies also have other dimensions related to sports, economy, tourism, technology, infrastructure, etc. which are being dealt with in other texts of this book.

It is evident that the purpose of maximizing the legacies with the focus described presupposes the necessity to implement public policies oriented to turn the cities socially and environmentally sustainable, making it possible for the average citizen to have some return on the investments made on a mega event. It also presupposes identification and definition of systems of management and supervision of legacies and as we have already referred to above to make sure that the community participates in the whole process.

Mega events can play a fundamental role in the construction of cities that guarantee the rights to all citizens. This is what we all: a city that respects and guarantees the right to housing, sanitation, urban infrastructure, health, education, cultural activities, public services, jobs, sports and recreation, to the present and future generations.

This is a challenge that depends on us!

A prática esportiva e o lazer, conforme preconizam os Artigos 6º e 217 da Constituição Federal, são direitos de cada cidadão.

“São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição¹.” Constituição Federal, Artigo 6º.

“É dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não formais como direito de cada um (...)” Constituição Federal, Artigo 217.

Em decorrência, constitui dever do Estado garantir à sociedade – independentemente da condição sócio-econômica de seus distintos segmentos – o acesso ao Esporte e ao Lazer. A democratização e a garantia de acesso ao Esporte e ao Lazer contribuem para a reversão do quadro de injustiça e vulnerabilidade social que caracteriza a sociedade brasileira, uma vez que o Esporte e o Lazer atuam como instrumentos de formação integral do indivíduo. Como consequência disso, podem possibilitar o desenvolvimento da convivência social, a construção de valores, a melhoria da saúde e o aprimoramento da consciência crítica.

Com a criação do Ministério do Esporte, em 2003, o status do esporte no Brasil mudou. Atualmente recebe tratamento diferenciado por parte do Governo Federal, uma vez que passou a fazer parte da estrutura do Estado e constituir-se como política governamental efetiva, com destaque para um conjunto de programas e ações, cujos resultados indicam mudanças reais no esporte nos últimos cinco anos, a exemplo do Segundo Tempo, do Bolsa-Atleta, do Esporte e Lazer da Cidade, das questões do futebol e dos direitos do torcedor, da ampliação das fontes de financiamento ao Esporte, com a vigência da Lei Agnelo-Piva (2003) e da Lei de Incentivo Fiscal ao Esporte (2006), entre outros.

As ações do Ministério do Esporte atendem ao disposto na Política Nacional do Esporte² (2005), nas políticas setoriais e nas resoluções da Conferência Nacional do Esporte (2004 / 2006), em especial quanto à criação e implementação do Sistema Nacional do Esporte e Lazer. Toda a atuação está sintetizada no Plano

1 - Redação dada pela Emenda Constitucional n.º. 26, de 2000, ao Artigo 6º da CF

2 - Política Nacional do Esporte, Resolução n.º. 05 do Conselho Nacional do Esporte, de 14 de junho de 2005

de Desenvolvimento do Esporte (2007 – 2010), em torno das seguintes diretrizes (FILGUEIRA, 2008):

- 1 - Democratizar o acesso ao esporte e ao lazer;
- 2 - Promover o desenvolvimento humano e a inclusão social por meio do esporte e do lazer;
- 3 - Fomentar a produção e difusão do conhecimento científico e tecnológico do esporte e do lazer;
- 4 - Fortalecer o esporte de alto rendimento;
- 5 - Articular e implementar Políticas Intersetoriais que possibilitem a formação da cidadania, a promoção da saúde e a qualidade de vida;
- 6 - Implementar e desenvolver o Sistema Nacional de Esporte e Lazer;
- 7 - Fomentar a indústria nacional e a cadeia produtiva do esporte e do lazer;
- 8 - Potencializar o desenvolvimento do esporte escolar para crianças, adolescentes e jovens, contribuindo com a melhoria da qualidade de ensino;
- 9 - Ampliar e qualificar a infra-estrutura de esporte e do lazer no País.

No contexto do Plano Nacional de Desenvolvimento do Esporte, a captação e a realização de megaeventos esportivos em cidades brasileiras, a partir sobretudo de uma ação determinada dos governos, adquirem maior centralidade num momento singular da história esportiva do nosso País. A realização com êxito dos Jogos Pan-Americanos e Parapan-Americanos 2007 torna inequívocos os diversos benefícios que podem ser alcançados e que devem ser revertidos para toda a sociedade na cidade sede, no Estado e no País. A infra-estrutura, o conhecimento, a tecnologia, entre outras áreas mobilizadas para a realização de um grande evento poderão potencialmente viabilizar o acesso de camadas significativas da população às políticas públicas em diversas áreas.

Sob essa ótica, do poder público, os legados de megaeventos esportivos são elementos indissociáveis da política pública e da função precípua do Estado, qual seja, de assegurar os direitos sociais fundamentais a todos os cidadãos, com qualidade, equidade e universalidade. Essa deve ser a referência básica que suporta toda a estratégia de promoção de megaeventos e, por conseqüência, de seus legados. Evidentemente que cada megaevento e a respectiva estrutura organizacional na qual esteja inserido o mesmo acabam determinando a dimensão e o grau de incidência dos legados na política pública.

Todo o processo pré evento, evento e pós evento, e a preparação dos legados, exigem a atenção dos gestores em todas as fases, desde a candidatura, o planejamento, a execução e o pós-evento. Ricardo Leyser, Secretário Executivo do Comitê de Gestão PAN 2007, destaca que o planejamento e a gestão de legados dos megaeventos exigem inclusive estruturas próprias, distintas daquelas voltadas à organização e execução do evento em si.

Ao considerarmos a existência de diversas instâncias de organização – Comitês, Conselhos, Comissões e/ou Grupos de Trabalhos – voltadas às etapas de planejamento e execução de um megaevento, devemos considerar que a gestão dos legados não pode, sob pena de ficar relegada a segundo plano, estar submetida a essas mesmas instâncias. Deve pressupor instâncias próprias, capazes de

assegurar a prioridade que o tema requer em todo o processo pré evento, evento e pós evento. Na fase de captação de um megaevento, conceituando e dimensionando os legados; na fase de planejamento e organização do megaevento, tratando das tarefas de planejamento dos legados e, finalmente, após a realização do megaevento, quando tem início uma fase decisiva que tratará da gestão e administração dos legados.

Importante ressaltar a necessidade de envolvimento da sociedade em todo o processo, e não apenas dos especialistas. A participação da comunidade é a garantia de um legado voltado para o social e de seu futuro uso e incorporação.

Que legados?

Refletir sobre a importância dos legados de megaeventos esportivos importa pensar sobre o projeto de sociedade que buscamos. Uma sociedade soberana e democrática, voltada para a emancipação dos trabalhadores e para a garantia de condições dignas de vida e dos direitos fundamentais a todos os cidadãos, no sentido de alcançar a contínua satisfação das necessidades humanas. Vista sob essa ótica, a geração de legados pressupõe uma ação determinada, pró-ativa, acima de tudo referenciada na perspectiva do desenvolvimento humano, da justiça e da inclusão social desta e de futuras gerações.

Não se trata, portanto, de discorrer sobre eventuais legados que sejam autonomamente ou compulsoriamente gerados pelos megaeventos na cidade, estado ou País; mas de identificar possibilidades transformadoras e identificar como maximizar eventuais legados e otimizar os benefícios da realização dos grandes eventos com foco na garantia dos direitos fundamentais dos cidadãos e na superação de limites e vulnerabilidades existentes na cidade, estado ou País que os realizam.

A necessidade de preparar uma cidade para sediar grandes eventos pode ser o fator motivacional necessário para a mobilização de esforços e recursos que não seriam disponibilizados ou que demandariam um período muito mais longo para se concretizarem. Neste sentido, contribui significativamente a articulação das esferas municipais, estaduais e federal em torno da realização de um megaevento e, posteriormente da gestão de seus legados.

Holger Preuss (2008) aborda a existência de vencedores e perdedores com a execução de megaeventos esportivos e adverte que “um ponto crucial para entender legado é entender que um legado positivo para as classes mais pobres pode ser um legado negativo para as camadas mais ricas da sociedade” (PREUSS, 2008). Pode-se inferir dessa afirmação que o inverso seja verdadeiro, ou seja, um legado positivo para as camadas mais ricas pode ser um legado negativo para as camadas mais pobres.

Mais que isso, considerando como a dinâmica dos legados dos megaeventos esportivos vem sendo discutida, seus impactos podem mudar de natureza no processo histórico e, em decorrência, as ações consideradas negativas em um dado momento podem se transformar em legados positivos ao longo do tempo, especialmente quando articuladas a mudanças culturais, sociais, ambientais com significado para a cidade sede com repercussão em um con-

texto social mais amplo. A intervenção em uma determinada área visando à construção de grandes arenas ou equipamentos voltados ao megaevento, deve considerar impactos ambientais, urbanísticos, econômicos e sociais. O planejamento, neste caso, deve buscar favorecer o estabelecimento de redes de relacionamento, fomento à economia local, instalação de equipamentos públicos essenciais e demandas habitacionais.

E no que isso nos desafia? O processo de estabelecimento de legados exige uma postura pró-ativa. O Estado, a quem cabe zelar e assegurar os direitos dos cidadãos, deve ser sujeito e protagonista, planejando estrategicamente e construindo caminhos para que a realização de megaeventos não perca a perspectiva do desenvolvimento e da inclusão social. Intervenção atenta às múltiplas e articuladas dimensões dos impactos dos megaeventos esportivos, considerando sua possibilidade como fator catalisador de mudanças necessárias e possíveis na realidade onde acontecem.

Como fazer com que a realização de megaeventos esportivos produza legados que contribuam para a reversão do quadro de injustiça, exclusão e vulnerabilidade que caracteriza a estrutura da sociedade brasileira? Esse é o grande desafio que deve pautar e orientar a ação dos agentes públicos.

Direito do Cidadão e Dever do Estado

Sem prejuízo de outras dimensões de legados que poderiam estar compreendidas na abordagem proposta – esportiva, econômica, turística, tecnológica, infra-estrutural, etc. – e que, de alguma forma, estão sendo tratadas em outros artigos deste livro, merece destaque, quando tratamos dos direitos dos cidadãos e das políticas voltadas para a ampliação da qualidade de vida da população, o direito à cidade e à cidadania. “Qualidade de vida refere-se à percepção de bem-estar resultante de um conjunto de parâmetros modificáveis ou não, que caracterizam as condições em que vive o ser humano.” (NAHAS, 2003).

A reflexão acerca dos legados dos megaeventos, neste caso, volta-se para o espaço e o ambiente da cidade, “um recinto da convivência”, nas palavras do arquiteto e urbanista Paulo Mendes da Rocha e, mais do que isso, volta-se para o significado destes para a comunidade local.

A própria caracterização de um evento como mega considera uma alteração compulsória do espaço urbano diante da realização do mesmo. E a depender de como o processo for conduzido, isso pode representar, de fato, transformações positivas e estruturantes da cidade. Um bom exemplo disso é o impacto da realização dos Jogos Olímpicos de 1992, em Barcelona, onde o processo de regeneração urbana favoreceu seu reposicionamento no País – Espanha –, no continente e, por que não, no próprio contexto mundial (MORAGAS e BOTELLA, 1995).

Neste sentido, o Fórum Nacional de Reforma Urbana, representativo de organizações brasileiras – movimentos populares, associações de classe, Ongs e instituições de pesquisa – que lutam por cidades melhores para todos, aponta como princípios fundamentais da Reforma Urbana o direito à cidade e à cidadania, a gestão democrática da cidade e a função social da cidade e da propriedade.

Uma referência estratégica para o debate acerca da cidade que queremos é o Estatuto da Cidade³, que estabelece dezesseis diretrizes gerais com o objetivo de ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e da propriedade urbana, dentre as quais destacamos os itens selecionados (BRASIL, 2001):

- I – garantia do direito a cidades sustentáveis, entendido como o direito à terra urbana, à moradia, ao saneamento ambiental, à infra-estrutura urbana, ao transporte e aos serviços públicos, ao trabalho e ao lazer, para as presentes e futuras gerações;
- II – gestão democrática por meio da participação da população e de associações representativas dos vários segmentos da comunidade na formulação, execução e acompanhamento de planos, programas e projetos de desenvolvimento urbano;
- III – cooperação entre os governos, a iniciativa privada e os demais setores da sociedade no processo de urbanização, em atendimento ao interesse social;
- V – oferta de equipamentos urbanos e comunitários, transporte e serviços públicos adequados aos interesses e necessidades da população e às características locais;
- IX – justa distribuição dos benefícios e ônus decorrentes do processo de urbanização;
- XI – recuperação dos investimentos do Poder Público de que tenha resultado a valorização de imóveis urbanos;

Considerar esses princípios fundamentais e diretrizes gerais no processo de planejamento estratégico dos megaeventos pode permitir maximizar os legados com foco na garantia da sustentabilidade urbana, contra a desigualdade e a injustiça social. “A noção de sustentabilidade implica uma inter-relação necessária entre justiça social, qualidade de vida, equilíbrio ambiental e a necessidade de desenvolvimento como tendo uma capacidade de suporte” (JACOBI, 2000).

Evidentemente que o propósito de maximizar os legados com o foco descrito, pressupõe a necessidade de implementar políticas públicas orientadas para tornar as cidades social e ambientalmente sustentáveis, possibilitando com isso retornar para o cidadão os investimentos com a realização do megaevento. Pressupõe, ainda, identificar e definir sistemas de governança e gestão dos legados e, como já referimos acima, assegurar a participação da comunidade em todo o processo.

Na dimensão do Esporte e do Lazer, a exemplo de outras áreas, o desafio a ser perseguido é o fomento ao estabelecimento de Políticas Públicas efetivas, desenvolvidas de forma abrangente e continuada, para que seus resultados possam ser avaliados e mensurados quanto à qualidade, eficácia e efetividade de seus propósitos. Referenciar a realização dos megaeventos e, conseqüentemente, de seus legados na Política Nacional do Esporte e no Sistema Nacional de Esporte e Lazer – seus princípios, diretrizes e objetivos – tem caráter estratégico. Da mesma forma, o controle social, expressão maior da participação da sociedade na ação

3 - Lei n°. 10.257, de 10 de julho de 2001

do Estado, tem caráter estratégico, seja no processo de planejamento das ações, seja na gestão e no acompanhamento da execução das mesmas.

Tudo isso é parte da estratégia de desenvolvimento do esporte brasileiro. Mas não é só isso! É preciso que o esporte seja acessível a todos que queiram praticá-lo. A chave desse caminho está no desenvolvimento do esporte educacional. O desafio é construir uma matriz de formação esportiva, com raízes nas escolas e universidades, que supere a teoria da chamada pirâmide esportiva, que tem como base o treinamento esportivo e a busca do alto rendimento, de caráter excludente. O esporte, como direito, deve ser para todos, e o caminho para a universalização desse direito pode ser a escola.

Nosso sistema esportivo deverá estruturar-se a partir da escola, e ir além, ultrapassando seus muros e limites. A população somente desenvolverá o hábito de praticar esporte e da atividade física como meio para promoção da sua saúde, ou de vivenciar o lazer, se for educada desde cedo de forma integral e, acima de tudo, de forma a compreender a importância dessa atividade para elevar a qualidade de vida.

A finalidade do esporte educacional é o desenvolvimento integral e pleno do cidadão brasileiro como ser autônomo, democrático e participativo. Na escola podemos apresentar de forma lúdica as primeiras noções das atividades corporais esportivas, podemos iniciar esportivamente crianças e adolescentes e até mesmo oportunizar o acesso à prática esportiva para milhões de brasileiros. Os que detêm habilidades e condições e querem seguir a carreira de atleta podem enveredar pelos centros de treinamento e de excelência esportiva, especializados no desenvolvimento e no treinamento de modalidades. Neste sentido, é imperativo reconhecer o papel dos clubes esportivos e sociais, que ao lado da escola, são imprescindíveis para a formação de uma base esportiva sólida.

O Desafio

O projeto de uma sociedade socialmente justa, democrática, que assegure o pleno desenvolvimento humano e a garantia dos direitos fundamentais dos cidadãos deve ser a referência para o debate acerca da importância dos legados de megaeventos esportivos. Neste sentido, o processo de planejamento e gestão dos legados, como apresentado, deve considerar os direitos à cidade e à cidadania como princípios norteadores.

Os megaeventos podem ter papel fundamental para a construção de cidades que garantam os direitos de todos os seus moradores. Uma cidade que respeite e garanta o direito à moradia, ao saneamento ambiental, à infra-estrutura urbana, ao transporte, à saúde, à educação, à cultura, aos serviços públicos, ao trabalho, ao esporte e ao lazer, para as presentes e futuras gerações.

Um legado estratégico que pode ter a realização de Megaeventos em nosso País é, sem dúvida nenhuma, a sensibilização dos gestores públicos e da sociedade em geral, em todas as esferas, em torno das questões do esporte e do lazer.

O reconhecimento do esporte e do lazer como direitos sociais de todos os cidadãos e, mais especificamente, de crianças, adolescentes e jovens; a consequente democratização do acesso e a oferta de atividades esportivas qualificadas demandarão o estabelecimento e a implementação de Políticas Públicas efetivas.

A chave do sucesso esportivo do Brasil está na visão sistêmica que atribui à escola e aos clubes esportivos e sociais papel central. Deve-se adotar a escola como base do desenvolvimento esportivo do país e o clube esportivo e social como elemento dinâmico desse processo.

Os megaeventos, referenciados nesses objetivos, assumem caráter estratégico e têm lugar de destaque na Política Nacional do Esporte e no Sistema Nacional de Esporte e Lazer, por meio do fomento e do desenvolvimento do esporte, possibilitando o acesso a sua prática em espaços adequados e com qualidade.

Isso requer uma ação determinada. Deve-se promover uma busca ativa de megaeventos esportivos que possam ser sediados no País posicionando o Brasil dentre os potenciais destinos, a exemplo da realização dos Jogos Pan-americanos Rio 2007, da confirmação do Brasil como sede dos Jogos Mundiais Militares, em 2011; da Copa do Mundo de Futebol, em 2014 e, da recente confirmação do Rio de Janeiro como cidade candidata a sede dos Jogos Olímpicos de 2016.

Esse é um desafio que depende de todos nós!

Referências

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 05 de outubro de 1988.

_____. Estatuto da Cidade, Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001.

FILGUEIRA, Julio. Gestão de projetos esportivos e sociais. In: OLIVEIRA, Amauri e PERIM, Gianna (Org.). Fundamentos metodológicos do Programa Segundo Tempo. Brasília: Secretaria Nacional de Esporte Educacional/Ministério do Esporte, 2008. p. 47 – 62.

JACOBI, Pedro. Cidade e meio ambiente. São Paulo: Annablume, 2000. p. 47– 62.

_____. Meio ambiente, educação e cidadania: desafios da mudança. São Paulo: SENAC, 2004. (Mimeog.)

KLEIN, Marco Aurélio. O Brasil e seus desafios rumo à modernidade dos eventos esportivos. In: RUBIO, Katia (Org.). Megaeventos esportivos, legado e responsabilidade social. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p. 47– 62.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. Política Nacional do Esporte. Resolução nº. 05 do Conselho Nacional do Esporte – CNE, de 14 de junho de 2005.

MORAGAS, M. e Botella, M. Lãs claves del êxito: Impactos sociales, deportivos, econômicos y comunicativos de Barcelona 92. Barcelona: Centro de Estudos Olímp-

picos y del Deporte de la Universidad Autônoma de Barcelona, Comitê Olímpico Espanõl, Museo Olímpico de Lausana e Fundación Barcelona Olímpica, 1995.

NAHAS, Markus. Atividade física, saúde e qualidade de vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo. Londrina: Midiograf, 2003. p. 14.

O Profissional de Educação Física e os Legados de Megaeventos Esportivos

Jorge Steinhilber

Presidente do Conselho Federal de Educação Física

The Physical Education Professional and Legacies of Sports Mega Events The partnership between the Ministério do Esporte (Ministry of Sports) and the Conselho Federal de Educação Física – CONFEF (Federal Council of Physical Education) to conduct the seminar on legacies of sports mega events and to publish this resulting volume displays all conditions to become a model of cooperation between the Federal Government and physical education professionals. In terms of globalization, it is important to mention the economic impact of sports worldwide, a recent phenomenon that has been demonstrating the great influence that physical activities exercise in today's society. Physical education, sports, and similar activities generate significant financial assets which feeds supply, creating investments, wealth and jobs. The theme of legacies and sports mega events then meets its economic fundamentals as it represents the sports sector that has the greatest advancement and meaning today. This context includes the CONFEF and its Conselhos Estaduais de Educação Física (State Councils of Physical Education), supporting studies and research on legacies and sports mega events.

A parceria entre o Ministério do Esporte e o Conselho Federal de Educação Física – CONFEF para tornar realidade este livro e o Seminário que o antecedeu no tema dos legados de megaeventos esportivos, tem condições de se tornar um modelo de cooperação entre o Governo Federal e os profissionais de Educação Física.

Efetivamente a profissão de Educação Física alcançou nos últimos anos um novo patamar de atuação e de status sócio-cultural. As atividades físicas, os esportes e o lazer ativo são hoje – e crescentemente – expressões do mundo moderno, mesmo nos países em desenvolvimento. Como tais, as atividades físicas organizadas e conduzidas sob responsabilidade profissional tornaram-se parte inerente à prevenção de saúde e de seus cuidados. Os exercícios físicos antes orientados para crianças e jovens nas escolas estão atualmente vinculados a todas as faixas etárias e aos mais diferentes locais de prática. Pode-se, enfim, considerar a Educação Física dos dias presentes – e sobretudo o esporte, a ela tributária - como universal por estar em toda parte e se disponibilizar para todos.

Neste âmbito de penetração global cabe incluir impactos econômicos do esporte, um fenômeno recente que traduz a grande influência das atividades físicas na sociedade atual. Sendo universal, a Educação Física e seus congêneres geram ativos financeiros de monta que por sua vez realimentam a oferta, criando investimentos, riquezas e empregos. Assim sendo, o tema de legados e de megaeventos esportivos que lhes dão origem, encontra sua fundamentação econômica pois representa o setor esportivo de maior avanço e significado nos dias atuais. E, neste contexto, define-se o CONFEF e os respectivos Conselhos Estaduais de Educação Física, com seus apoios aos estudos e pesquisas sobre legados e megaeventos esportivos.

Outra definição quanto ao chamado Sistema CONFEEF/CREFs trata da disseminação de conhecimentos, que implica em dar o devido tratamento comunitário e profissional aos megaeventos, sejam eles realizados em nível municipal, estadual ou nacional. Cumpre-se, assim sendo, o papel do CONFEEF em contribuir com a qualificação profissional e melhoria de intervenção dos setores público, privado e corporativo na promoção de megaeventos esportivos.

Em resumo, o tema da presente obra relaciona-se às finalidades do CONFEEF na medida que sinaliza o futuro do esporte e por corolário, às atividades físicas voltadas para a educação, cultura e lazer. Com muita honra, portanto, junto-me ao Ministério do Esporte como também aos demais parceiros do SESC Rio, do SESI DN e da Universidade Gama Filho que trabalharam com o CONFEEF, para almejar o sucesso deste livro e de seus efeitos esperados.

**Estudos e Pesquisas em
Legados e Megaeventos**
*Studies and Research
on Mega-events Legacies*

1 - Economia, Gestão E Definições Básicas

Economy, management and basic definitions

Impactos Econômicos de Megaeventos: Copa do Mundo de Futebol e Jogos Olímpicos

Holger Preuss
Johannes Gutenberg University – Mainz
Texto interpretativo de Bernardo Villano e Ana Miragaya

Economic Impacts of Mega Events: FIFA World Cup and Olympic Games From the question “Are mega sport events an efficient way to invest scarce public resources?” the author develops his arguments featuring three types of economic impacts: signaling, temporary economic activity and change of location factors. He also presents basic theoretical concepts for a better understanding of economic aspects related to mega events. Based on that, Preuss demonstrated that the immediate economic impacts, either related to investments or return on investments, are not significant to the economy of a nation. However, the possible return from a good strategy of development of legacies would be more than enough to justify the application of several cities to host the Olympic Games. The reach gotten by the massive exposure of the media, making it viable the creation of important symbolic capital of the region and the possibility of people to greatly invest on fundamental areas for a specific nation come up as the main positive points presented by the author. However, for that to occur effectively, it is possible to conclude that the governments need to develop a long term strategy since the very beginning of the process of application. This commitment of the government implies that it has to assume great part of the investments once the main economic effects of the Games are public assets. Therefore, the legacies are basically provided by projects which are linked to the mega event, but they do not appear for the event to take place. At the end of the lecture, the discussion focused on the following issues: (1) risks and opportunities of the processes of candidacy to be the host city of the Olympic Games; (2) how to guarantee that the portion of the population least favored by the direct impacts of the event can be benefited; (3) analysis of the symbolic capital; (4) mechanisms that make social transformation possible from the staging of mega events; (5) the immediate economic impacts generated in other sectors of the economy, not including tourism.

Utilizando como base teórica alguns resultados de seu estudo realizado durante a Copa do Mundo de Futebol de 2006, na Alemanha, e de seus estudos olímpicos, o professor Holger Preuss destacou os impactos econômicos dos megaeventos esportivos, fazendo a seguinte pergunta: “Os megaeventos esportivos são alternativas eficientes de investimento para recursos públicos escassos?”

Em sua apresentação, o Prof. Holger Preuss:

I - introduziu uma matriz, relacionando percepção e temporalidade a fim de oferecer uma visão geral dos possíveis impactos e legados dos diferentes megaeventos esportivos para uma cidade ou país;

II - apresentou os três principais efeitos econômicos: 1- comunicação de mensagens sobre as características do local e suas vantagens, o que possibilita a criação de uma nova imagem e uma marca registrada para a localidade, 2- a atividade econômica temporária, que ocorre apenas momentaneamente com

o consumo gerado pelos visitantes do evento, os investimentos em instalações esportivas e todo o dinheiro gasto em atividades relacionadas ao evento e 3- o legado, definido como uma atividade econômica de longo prazo, viabilizada através de mudança das circunstâncias locais;

III - diferenciou impacto de legado, enquanto o primeiro ocorre apenas durante o período do evento, o segundo pode vir a surgir a partir de impacto anterior;

IV - relacionou as mudanças das circunstâncias locais à estratégia do evento, na medida em que argumentou que o que se busca a partir da realização do evento é uma maior atividade econômica de longo prazo;

V - mostrou um problema comum para os três principais efeitos econômicos apresentados: os “free riders”, aqueles que não pagaram diretamente pelo evento mas se beneficiaram dele;

VI - apresentou o conceito de “fracasso de mercado”, no caso de existir a demanda, sem o mercado prover o que é preciso. Neste caso, a questão seria “quem irá arcar com os custos, já que os três principais efeitos econômicos (comunicação, atividade econômica temporária e legado) deste acontecimento são bens públicos”?

VII - argumentou sobre a necessidade do governo tomar a iniciativa e fazer a gestão do evento para que ele seja realizado, porém, somente se os benefícios estiverem disponíveis para o bem-estar geral;

VIII - explicou que a comunicação se dá prioritariamente por meio da mídia, transmitindo mensagens sobre circunstâncias locais, tangíveis e intangíveis a fim de diminuir a assimetria de informações, contribuindo desta forma para o aumento da percepção de indivíduos a cerca do local do evento como uma opção para investimento, turismo, moradia, entre outras e também sobre uma imagem específica do local, por meio da construção do capital simbólico, que não pode ser comprado, mas pode ser alcançado mais facilmente se for demonstrado não haver interesse no retorno material, ou melhor ainda, se for demonstrado não haver o esbanjamento de recursos econômicos;

IX - destacou que uma estratégia para viabilização da comunicação e do legado é necessária na medida em que o veículo utilizado para a propagação das mensagens (mídia) não pode ser controlado, divulgando tanto boas como más notícias;

X - demonstrou que em termos de custos e resultados financeiros, os Jogos Olímpicos são relativamente pequenos se comparados com o PIB de uma grande nação;

XI - apresentou alguns conceitos teóricos básicos para o entendimento de como se calcularem os efeitos econômicos temporários de um megaevento esportivo, como a necessidade de se distinguir a origem e a destinação do dinheiro, o que permitirá definir se se trata de dinheiro novo para a economia da cidade, de uma simples redistribuição dos gastos ou investimentos ou de uma saída do dinheiro da economia da cidade, gerando custos. Outro interessante conceito é a classificação de visitantes e residentes de acordo com seu papel neste mecanismo de entrada e saída de dinheiro durante o período dos jogos, na medida em que nem todos que vêm de fora estão trazendo dinheiro extra e que nem todos que são da cidade devem deixar de ser considerados;

XII - exibiu números que demonstram que apenas 33,3 % dos espectadores dos estádios estavam acrescentando dinheiro novo à economia nacional,

enquanto 26,5% dos espectadores de áreas públicas (grandes telões posicionados próximos aos estádios) faziam o mesmo;

XIII - destacou que 3,2 bilhões de Euros foram adicionados à economia alemã apenas pelos visitantes estrangeiros e os alemães que ficaram em casa durante a Copa do Mundo de Futebol;

XIV - apontou que para uma maior efetividade dos legados de um megaevento esportivo é essencial que o planejamento se inicie ainda durante o processo de candidatura destacando também a importância do processo de construção e intervenções, pois são nesses momentos que se definem as medidas obrigatórias (necessárias para que a competição possa ocorrer) e as medidas opcionais (que estão atreladas ao projeto do evento, mas que não surgem por causa dele), alertando que os custos relacionados às medidas opcionais não deveriam ser atribuídos aos megaeventos;

XV - sugeriu que a partir da realização do evento a cidade ou país passa a contar com uma estrutura - que o autor divide em seis áreas específicas (infraestrutura, conhecimento, imagem, emoções, redes e cultura) - que permitirá uma mudança de circunstâncias locais, que irá gerar novas possibilidades e novas demandas para o local, induzindo mais empregos, mais produção, mais impostos e viabilizando um benefício econômico de longo prazo;

XVI - demonstrou que o aumento nos custos de organização dos Jogos Olímpicos deve-se essencialmente ao aumento do investimento em medidas opcionais, que são fundamentais para a viabilização dos legados como pode ser observado nos casos de Sidney e Barcelona e como se pretende em Pequim e Londres;

XVII - iniciou a conclusão apresentando o conceito de eficiência (relação entre investimento e resultado onde $E = I/R$. Se o resultado for maior que 1, tem-se eficiência). Contudo, o Prof. Preuss salientou que é fundamental que se observe a origem dos recursos para investimento, na medida em que temos diferentes partes envolvidas como o governo federal, o governo municipal e as organizações internacionais e que cada uma delas irá observar os resultados de acordo com suas expectativas e demandas;

XVII - destacou cinco pontos importantes que, segundo o autor, estarão presentes em qualquer discussão a respeito de megaeventos esportivos: (a) Subsídio Cruzado: cada grupo envolvido se beneficia de investimentos feitos por diferentes grupos; (b) Produção Ligada: o investimento que para um grupo não é eficiente é ao mesmo tempo essencial para outro e a viabilização do evento só se dá a partir desses acordos; (c) Ineficiência: comum em grandes eventos; (d) Custo de Oportunidade: o recurso está disponível para apenas uma finalidade e para nenhuma outra diferente desta e (e) Sinergia: é preciso desenvolver uma perspectiva de longo prazo para análise das intervenções;

XIX - finalizou apresentado um resumo dos fatos: (a) A estratégia do evento tem que ser administrada pelo governo devido à possibilidade de fracasso de mercado; (b) A "eficiência" é muito complexa para ser tratada com exatidão; (c) Os megaeventos esportivos não são dispendiosos para um governo federal nem o impacto econômico temporário muda significativamente o PIB; (d) Uma estratégia de divulgação bem planejada pode trazer um importante benefício econômico (criando a marca "Brasil" ou "cidade sede") e (e) O legado precisa ser bem planejado para maximizar a qualidade do que é oferecido sem tornar dispendiosos os projetos relacionados ao evento (medidas opcionais).

No final deste capítulo encontra-se uma reprodução da conferência feita por Holger Preuss em slides, em que pormenores relacionados aos itens acima são apresentados.

Debate

P. Considerando-se as diferentes tentativas do Rio de Janeiro em sediar os Jogos Olímpicos e caso isto ainda não ocorra para 2016, deve-se continuar as tentativas?

Holger Preuss: Primeiramente, acredito que o Rio tem muito boas chances de vencer a disputa por várias razões e certamente a primeira delas é que hoje as instalações já existem. Além disso, não existe mais o receio de que o Rio não seja capaz de sediar os Jogos. Outra razão seria que os Jogos de 2016 seriam os primeiros Jogos na América do Sul e poderia ocupar o horário nobre das Américas do Sul e do Norte, que não é utilizado há 16 anos para transmissão ao vivo. Isso representa uma geração inteira de crianças que não teria a oportunidade de assistir em tempo real a uma Olimpíada. Portanto, mediante o aporte financeiro das TVs americanas e a pressão do COI para não “perder” toda uma geração de crianças sul- e norte-americanas, cria-se uma grande pressão para que os Jogos venham para esta região. Mas, considerando que o Rio não vença como já foi dito antes, acredito que o processo de candidatura em si já traz alguns legados, como o desenvolvimento de uma visão de plano diretor para a cidade, diferente dos pequenos projetos isolados, geralmente propostos pelos políticos. Traz para este contexto uma visão de longo prazo para o desenvolvimento da cidade. Deve-se pensar o Rio para daqui a 20 anos e trabalhar em conjunto, inclusive com as cidades vizinhas, criando novas relações e novas possibilidades. O lado negativo desta empreitada é que as exigências e as circunstâncias mudam com o passar dos anos e pode chegar o tempo em que se candidatar pode não ser mais um bom negócio. E, considerando-se o aspecto financeiro deve-se considerar que a candidatura custa em torno de 40 milhões de dólares. Mas não se pode esquecer que o Rio de Janeiro pode vencer o processo de candidatura dos Jogos, o que vai trazer um projeto de 5 bilhões de dólares. O custo é proporcional às possibilidades.

Sabe-se também que atualmente e nos próximos 10, 15, 20 anos estarão se definindo as grandes regiões globais e economicamente ativas do mundo. A globalização não se traduz em benefícios para todos. Traduz-se em uma rede, que tem os seus nós e apenas algumas cidades estarão localizadas nesses nós, atraindo crescimento e produção. Atualmente as cidades lutam para se desenvolverem rapidamente a fim de se destacarem neste cenário e os Jogos Olímpicos aceleram o desenvolvimento em até 10 anos.

Logo, acredito que seja importante que uma cidade se candidate desde que as exigências do processo sejam razoáveis, que a cidade possa arcar com os custos e que a divulgação seja positiva.

P. *Qual a sugestão que o Senhor daria, para que além de tudo que foi dito, uma cidade, em um país, considerado pela ONU, como um dos mais desiguais do mundo, não deixasse de levar em consideração desde já, por ocasião de se planejar impacto e estudar viabilidade, para que as alegrias estejam além dos aspectos sociais e econômicos e mais efetivamente direcionadas para a população que menos tem acesso aos benefícios imediatos?*

P. *Como fazer a análise do legado do capital simbólico que é deixado para a cidade? Como um megaevento pode fazer uma transformação cultural no interior da sociedade? O*

que as políticas públicas podem fazer para contribuir na mudança no capital cultural de uma cidade?

P. *A Copa da Alemanha teve um grande impacto na conta satélite do turismo (instrumento estatístico criado para a análise da importância econômica do turismo pela Organização Mundial do Turismo)? Como foi essa movimentação nas outras economias, que não só as diretamente ligadas ao turismo?*

Holger Preuss: O primeiro ponto que é de difícil compreensão para não-economistas, mas é importante para toda a população, já que o impacto direto dos megaeventos esportivos, apesar de não atingirem a população mais pobre, geram inúmeros impactos indiretos que influenciam diretamente a vida dessas pessoas, principalmente no que diz respeito aos empregos. A aceleração da economia gera inúmeras oportunidades que, muitas vezes, parecem não ter nenhuma ligação com o megaevento em si, mas não aconteceriam sem ele.

O segundo pensamento a esse respeito está relacionado à possibilidade de se promoverem “Jogos Sociais”, que assumissem as questões sociais como prioritárias. Certamente existem maneiras de envolver os mais pobres, já que não se trata apenas da obtenção de lucro.

A próxima questão diz respeito ao capital social, que é muito difícil de ser medido, já que se trata de um sentimento que as pessoas têm. A minha idéia para essa mensuração seria através de entrevistas testando os sentimentos e percepções a respeito de alguma coisa. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que é bem difícil de ser realizada.


Com relação à transformação cultural, de acordo com meus pensamentos, esse processo se inicia com a questão educacional, oportunizando às crianças conhecimentos sobre seu próprio país através do megaevento esportivo. A Educação Olímpica tem muito com o que contribuir a respeito da cultura e história dos países.

A última questão, sobre as outras contas, digo que a maioria dos outros impactos diz respeito à redistribuição de recursos. Basicamente o dinheiro extra que entra na economia vem do turismo.

Apresentação Impactos Econômicos de Megaeventos - Prof. Dr. Holger Preuss

Impactos Econômicos de Megaeventos: Copa do Mundo de Futebol e Jogos Olímpicos

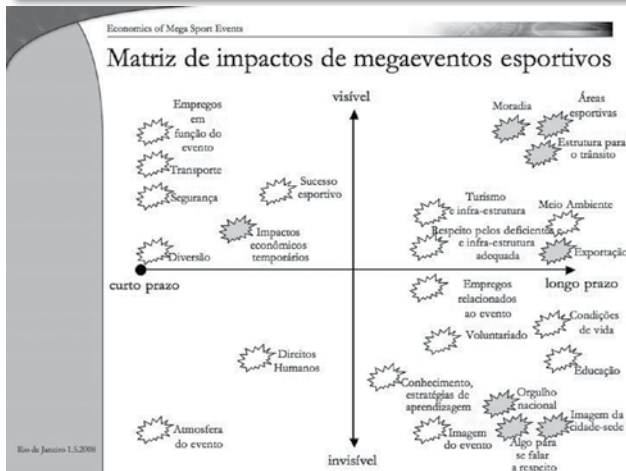
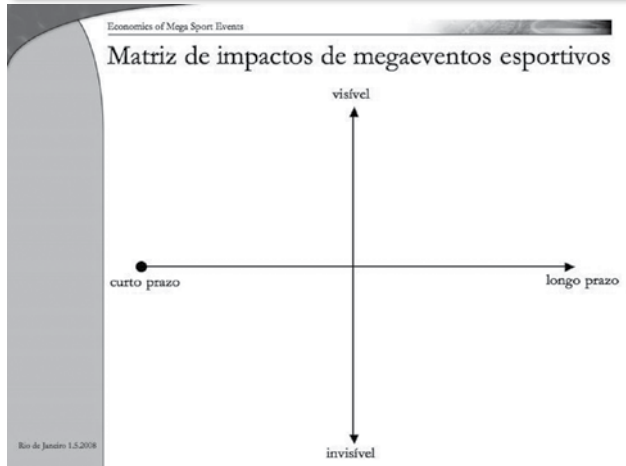
„Os mega-eventos esportivos são alternativas eficientes de investimento para recursos públicos escassos?“



Prof. Dr. Holger Preuss
Johannes Gutenberg-University
Mainz, Germany

Rio de Janeiro
1º de Maio de 2008

Rio de Janeiro 1.5.2008



Economics of Mega Sport Events

Efeitos Econômicos de Megaeventos

| | | |
|---|--------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1 | Signalling* | - mensagens sobre o novo local - mensagens sobre vantagens deste local - construção de uma imagem específica |
| 2 | Atividade econômica temporária | - consumo dos visitantes do evento - investimentos relacionados ao evento - gasto do CO, FIFA/COI & outros |
| 3 | Legado | - atividade econômica de longo prazo através da mudança do local |

= Estratégia do evento

* Expressão inglesa correspondendo a um termo técnico das ciências econômicas que traduz uma idéia de que um agente econômico transmite uma informação significativa sobre si mesmo para outra parte receptora, definida como "principal"

Rio de Janeiro 1.5.2008

Economics of Mega Sport Events

Estratégia do Evento

objetivo = maior atividade econômica no longo prazo

| | | |
|---|--------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1 | Signalling | Problema: o local e as relações públicas são bens públicos (=> muitos se beneficiam disso) |
| 2 | Atividade econômica temporária | Problema: muitos benefícios são para público interessado que não arcou com o evento (=> benefícios para muitos) |
| 3 | Legado | Problema: mudanças das circunstâncias locais se tornam bens públicos no pós-evento (=> muitos se beneficiam disso) |

Esses problemas causam o "fracasso de mercado", o que significa que o mercado não irá arcar com o evento. Desta forma o governo tem que assumir os custos...mas somente se for possível atingir o bem-estar geral a partir do megaevento.

Rio de Janeiro 1.5.2008

Economics of Mega Sport Events

Signalling: um benefício econômico central

Atenas 2004
34,6 bilhões de horas de utilização de TV no mundo

| Signal I Circunstâncias locais | Signal II Capital simbólico |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Mensagens sobre as circunstâncias locais tangíveis e intangíveis do país sede para atrair</p> <ol style="list-style-type: none"> turismo feiras/congressos/eventos negócios <p>⇒ A redução da assimetria de informações (<i>Principal-Agent Theory</i>) aumenta a percepção de consumidores que vêem o Brasil com potencial para...</p> | <p>Mensagens determinam a imagem de um local. O capital simbólico não pode ser "comprado"! Pode ser alcançado mais facilmente se for demonstrado não haver interesse no retorno material ou, melhor ainda, se for demonstrado não haver esbanjamento de recursos econômicos</p> <p>⇒ "<i>Costly Signalling Theory</i>" (Bourdieu & Veblen)</p> |

O veículo é a mídia e, apesar de muito importante, não pode ser controlada (boas & más notícias) – uma estratégia é necessária para viabilizar o legado.

Rio de Janeiro 1.5.2008

Economies of Mega Sport Events

Marketing do Lugar

“Copa do Mundo 2006”

Wir sind dabei.
Invest in Germany, boys.™

Invest in Germany
and
Lass es an dir
Lass es an dir

1. Signalling
2. Impacto temporário
3. Legado

Rio de Janeiro 1.5.2008

Economies of Mega Sport Events

Signalling – através da Copa do Mundo de Futebol

A Alemanha melhorou sua imagem em relação a „Turismo“ e „Cultura“

A Alemanha progrediu em 2006 do 4º para o 2º lugar (atrás do Reino Unido)

| | |
|----------------------------|------------------------------------|
| Exports | 5,3 von max. 7 Punkten (4,9, 2005) |
| Governance | 4,9 von max. 7 Punkten (6,2, 2005) |
| Investment and Immigration | 4,9 von max. 7 Punkten (4,4, 2005) |
| Culture and Heritage | 5,1 von max. 7 Punkten (4,6, 2005) |
| People | 4,9 von max. 7 Punkten (5,9, 2005) |
| Tourism | 5,1 von max. 7 Punkten (4,6, 2005) |

Quelle: ITC/UNEP/WHO 2006, 2004 (Berlin 2004, 1. Quartal 2006), WorldEconomic 2005, 19. Oktober

1. Signalling
2. Impacto temporário
3. Legado

Rio de Janeiro 1.5.2008

Economies of Mega Sport Events

Signalling : um benefício econômico central

Usando a “publicidade de mídia do evento” ...
 ... bom lugar para negócios (local de negócios)
 ... local interessante para turistas (destino turístico)
 ... imagem de “industrializado”, “high tech”, marca de valor
 ... dá aos cidadãos sentimentos “patriotismo” e “auto-estima”
 => sustentado pelo capital simbólico, ex. através da arquitetura

Estádio da Copa do Mundo de Munique

Estádio Olímpico de Pequim 2008

1. Signalling
2. Impacto temporário
3. Legado

Rio de Janeiro 1.5.2008

Economics of Mega Sport Events

Atividade Econômica Temporária

| Jogos Olímpicos | Custos em milhões US\$ | % do PIB | % do gasto do governo | % do gasto privado |
|----------------------------|--------------------------|----------|-----------------------|--------------------|
| período-6-anos (t-6 até t) | | | | |
| Atlanta 1996 | 2.021 | 0,005 | 0,026 | 0,007 |
| Sidney 2000 | 4.788 | 0,255 | 1,32 | 0,236 |
| Pequim 2008 | 5.000 <i>(direto)</i> | 0,054 | 0,443 | 0,108 |
| Pequim 2008 | 36.000 | 0,386 | 3,19 | 0,781 |

1. Comunicação
2. Impacto temporário
3. Legado

Rio de Janeiro 1.5.2008

Em termos da economia de um país, os megaeventos parecem maiores do que realmente são!

Economics of Mega Sport Events

O impacto econômico na cidade-sede é enorme, mas como calculá-lo (Rio como cidade-sede)?

Direitos de TV
Consumo de Turismo
Apoio do governo
etc.

Destinação de recursos

1. Comunicação
2. Impacto temporário
3. Legado

Rio de Janeiro 1.5.2008

O governo municipal do Rio pagaria as taxas COI/FIFA para construções não-locais

Economics of Mega Sport Events

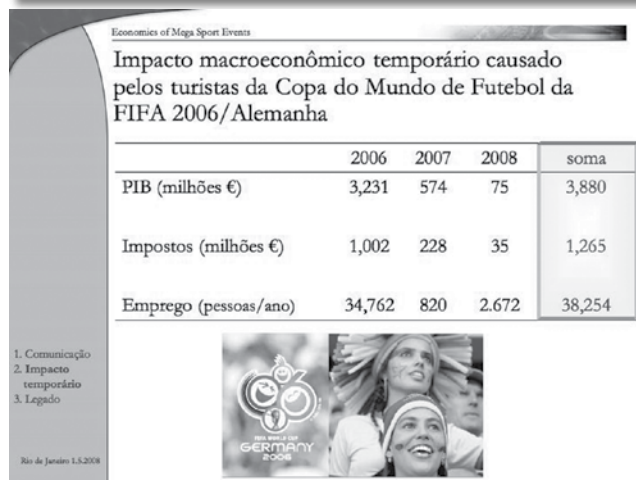
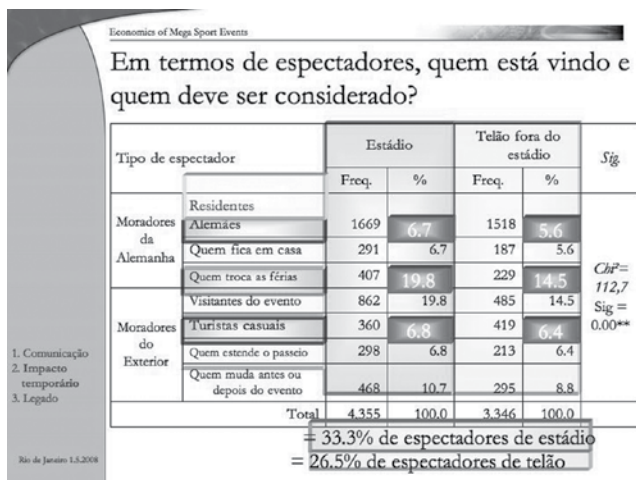
Dificuldades para se medir o consumo

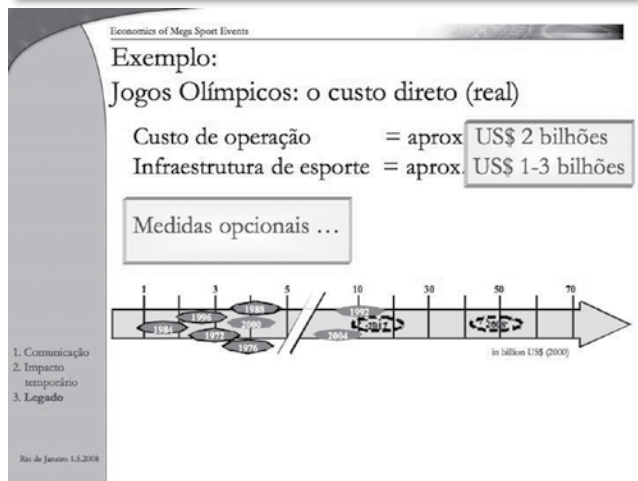
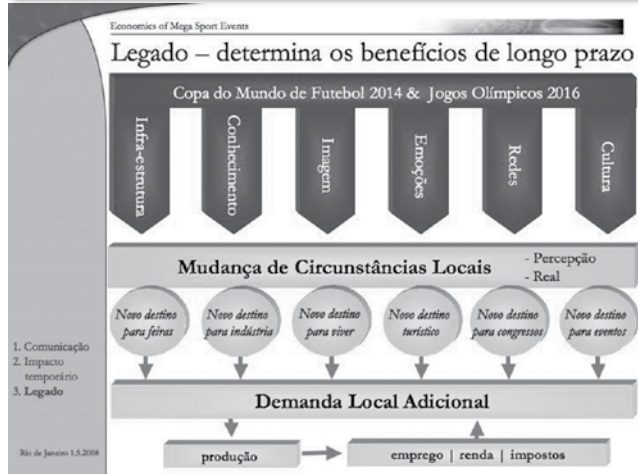
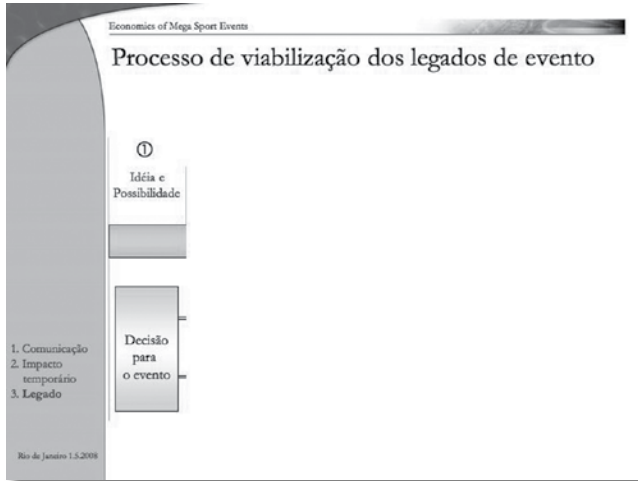
Quem está vindo e quem deve ser considerado?

1. Comunicação
2. Impacto temporário
3. Legado

Rio de Janeiro 1.5.2008

- Custos de oportunidade
- Mudança de consumo
- Consumo adicional





Economics of Mega Sport Events

Conclusão: “Os mega-eventos esportivos são alternativas eficientes de investimento para recursos públicos escassos?”

Eficiência: $E = Y/X = \text{Investimento}/\text{Resultado}$

| Investimento | | Resultado | |
|----------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Pré-Evento | | Evento | Pós-Evento |
| (a) Internacional (b) País - Brasil (c) Cidade -Rio de Janeiro | Medidas opcionais Medidas obrigatórias | Infraestrutura ... 1. infraestrutura 2. conhecimento 3. imagem 4. emoções 5. redes 6. cultura | Comunicação & Legado: Modos de comunicação local Impacto Temporário: Ganhos Crescimento econômico de longo prazo? |

Diferenciação Espacial

X_a = Investimento internacional Y_a = Resultado internacional (COI, FIFA, ...)

X_b = Investimento do Brasil Y_b = Resultado do Brasil

X_c = Investimento do Rio de Janeiro Y_c = Resultado do Rio de Janeiro

Eficiência Geral = $Y_{a,b,c} / X_{a,b,c}$

Eficiência Local = Y_c / X_c

Rio de Janeiro 1.5.2008

Economics of Mega Sport Events

Conclusões: “Os mega-eventos esportivos são alternativas eficientes de investimento para recursos públicos escassos?”

Subsídio cruzado: O resultado (benefício) da cidade-sede é parcialmente financiado por outros grupos

Produção ligada: Investimentos eficientes para um grupo podem não ser eficientes para outro, mas todos devem estar satisfeitos em receber os investimentos das outras partes

Ineficiência: a complexidade do processo, a falta de referências (*benchmarks*) e experiências sempre causam alguma ineficiência.

Custos de oportunidade: só podem considerar os investimentos de um grupo específico & têm que estar alinhados com o sistema-alvo do projeto

Sinergia: Uma “estratégia de evento” de uma cidade reduz os custos para eventos futuros (Ex. PAN 2007 => Jogos Olímpicos 2016).

Rio de Janeiro 1.5.2008

Economics of Mega Sport Events

Resumo dos Fatos

1. A estratégia do evento tem que ser administrada pelo governo devido à possibilidade de fracasso de mercado.
2. O fator eficiência é muito complexo para ser tratado com exatidão.
3. Os megaeventos esportivos não são dispendiosos para um governo federal nem o impacto econômico temporário muda significativamente o PIB.
4. Porém, uma estratégia de comunicação bem planejada pode trazer um importante benefício econômico (criando a marca “País” ou “cidade-sede”).
5. O legado precisa ser bem planejado para maximizar a qualidade do que é oferecido sem tornar dispendiosos os projetos relacionados ao evento (medidas opcionais).

Rio de Janeiro 1.5.2008

Tendências Atuais do Conhecimento sobre Gestão e Economia de Megaeventos e Legados Esportivos segundo Holger Preuss da Universidade de Mainz, Alemanha

Texto interpretativo de apresentação oral e debates

**Dirce Maria Corrêa da Silva
Elaine Rizzuti
Universidade Gama Filho – Doutorado em Educação Física**

**Tradução consecutiva e participação debates em
03/09/2007**

**Neyse Abreu
Ana Maria Miragaya
Grupo de Estudos Olímpicos - UGF**

Contemporary tendencies of knowledge about management and economy of sports mega events according to Holger Preuss, Ph.D., University of Mainz, Germany In his visit to Rio de Janeiro in September 2007, in a lecture to Brazilian specialists in Olympic Studies, Prof. Holger Preuss, Mainz University, shared his experience as an observer of the Olympic Games (since 1992) and of the 2006 FIFA World Cup (Germany) in the area of management of the economy of Olympic events legacies. Initially Preuss suggested that there was not a general economic impact deriving from the Olympic Games, although all host cities searched for a process of signaling of appropriate places to establish various types of business (location factor). This communication directed to stakeholders would result in the definition of places that would be more suitable to start various types of business including services and retail. This is what 'symbolic capital' means, as it refers to what cannot be bought but only signaled. In terms of legacies of the Games, Preuss stated that six factors determine the benefits of the Olympic Games: (i) infra-structure, (ii) knowledge, (iii) image, (iv) economy, (v) communication, and (vi) culture. After the presentation, the panelists asked questions related to facts involving the economic legacy, as Preuss had already stated that there are no great impacts in the economy in general. Preuss mentioned legacies which determine long term benefits and which can also change location factors: industry, life style, tourism, conventions, conferences, etc. Therefore, a legacy is not only an inheritance, something that continues as patrimony, but above all an active factor that generates economic impacts. The discussion also included (i) questions of time related to results of legacies, (ii) models of management of legacies, (iii) costs and returns on investments in sports facilities, (iv) volunteers as a legacy, (v) consultation to the population of the host cities, etc.

O professor Preuss se propôs a compartilhar com especialistas brasileiros em Estudos Olímpicos, na sua visita ao Rio de Janeiro (setembro 2007), a sua experiência como observador de Jogos Olímpicos desde 1992, Barcelona, participando de diversos de seus eventos e sedes. Não só os Jogos Olímpicos de verão e inverno como também a Copa do Mundo de Futebol 2006 entram neste acervo de experiências. Ele esteve recentemente na África do Sul, sede da Copa de 2010, ajustando suas observações a

sociedades em desenvolvimento, um nexa também importante em face a um país como o Brasil.

Nos últimos doze anos, o Dr. Holger Preuss tem pesquisado as tendências principais da Gestão da Economia dos legados dos eventos olímpicos com incursões de verificações de outros megaeventos; estes reconhecimentos e análises têm focalizado adicionalmente as respectivas cidades sede, alvo de impactos econômicos advindos de tais grandes empreendimentos esportivos. Por conseguinte, um único estudo econômico – do evento e da cidade – pode potencialmente multiplicar seus benefícios.

Neste contexto de experiências, Preuss alcançou sínteses entre as quais se destaca a que estabelece tendências caracterizadoras de gestão e economia de megaeventos e legados como discutidas adiante. Neste sentido, o propósito da presente exposição é de selecionar registros de conhecimentos e dados que possam sob forma resumida apoiar futuros estudos sobre megaeventos e legados considerando-se interesses e perspectivas brasileiras. Assim disposto, no texto que se segue declarações orais de Preuss são apresentadas em contraste com comentários escritos de sua apresentação no Rio de Janeiro e com observações dos debatedores do Grupo de Estudos Olímpicos da Universidade Gama Filho e do público presente ao Seminário aberto no auditório do SESC Rio, em 03/09/2008.

Delimitação de impactos econômicos dos Jogos Olímpicos

Embora seja surpreendente para a maioria dos observadores não existe um impacto econômico geral ou generalizado proveniente de Jogos Olímpicos, como vamos demonstrar adiante. Por ora podemos admitir que surgem impactos de importância numa cidade sede dos Jogos, como aparentemente aconteceu com o exemplo similar do Rio de Janeiro com os Jogos Pan-Americanos 2007. Estes impactos levam a se cogitar de uma questão fundamental e sempre recorrente: quais são os custos reais de uma determinada edição dos Jogos Olímpicos? Existe confusão em relação aos custos desses eventos, o que demanda análise e explicação minuciosas. Um exemplo disso é o que vai acontecer no próximo ano, em 2008, na China, quando as cifras a serem publicadas serão certamente diferentes das cifras reais. Contudo, o benefício principal dos Jogos de Beijing e seus antecedentes não serão econômicos, mas sobretudo sinalizações sobre a presença e importância do país sede dos Jogos diante do mundo. Assim, o verdadeiro legado não é o dinheiro gerado nos quatorze a dezessete dias de realização do megaevento olímpico e sim o que vem depois dele, sua manifestação posterior com benefícios sociais e culturais comprovados.

Por outro lado, ao se tentar comparar cidades sedes, como Sidney e Atenas, constata-se que economicamente o impacto dos Jogos não é relevante. No quadro de comparações se o custo dos Jogos é cotejado com o Produto Interno Bruto dos países sede, o resultado é pouco significativo. Para aqueles que são contra os Jogos Olímpicos, o argumento mais usado é o de escolher cifras grandes, as de bilhões, e dizer que esse dinheiro é impossível de ser arrecadado pela realização do evento. Por isso a comparação dos custos dos Jogos com outras despesas nacionais é tão importante como justificativa de viabilidade e para observar custos comparativos de legados.

Outra abordagem refere-se ao consumo em termos de esporte comparado com gastos relacionados a hospitais, lazer, etc. Isso é apenas para se ter uma idéia do

que o governo consome em relação a outros fatores que são apenas fatos econômicos e não fatos de impactos sociais. Mais uma vez, diante de custos com saúde ou entretenimento, há pouca relevância dos investimentos no megaevento olímpico. Este, por sua vez, mesmo irrelevante comparativamente, produz impacto muito grande na cidade sede embora de difícil mensuração. Daí as pesquisas feitas na área dos Jogos Olímpicos nos últimos dez anos, a fim de distinguir que dinheiro é gasto, aonde e de onde vem e para onde vai. É como se fosse uma garimpagem do que realmente é gasto no megaevento, procurando-se dimensionar o que o governo poderia aproveitar destes investimentos com aplicações financeiras alternativas para benefício público.

Além desta simulação de investimentos recomenda-se verificar que projetos relacionados ao megaevento iriam acontecer por razões intrínsecas a eles sem influência do acontecimento maior esportivo. Tais custos são relacionados à própria cidade e se distinguem da televisão cujos recursos se originam de várias fontes incluindo internacionais. Outro exemplo são os turistas, que vêm de outros países, como a Alemanha, o Japão e gastam seu dinheiro aqui no Rio de Janeiro. Algo similar ocorre com o Governo Federal, ao apoiar e estimular financeiramente os Jogos, como aconteceu aqui com o PAN 2007. Então nesses três exemplos, o dinheiro vem de fora e permanece em circulação no Rio de Janeiro.

Cogitando-se de outras entradas e saídas de dinheiro é possível calcular lucros ou perdas de megaeventos. Por exemplo, uma família que já iria gastar dinheiro para ir ao cinema ou ao teatro, pode eventualmente usá-lo para assistir aos Jogos. Então, na verdade, ocorre uma redistribuição desse dinheiro que entra e permanece na cidade, mas que iria ser gasto de qualquer forma, não sendo os Jogos portanto um fator de substituição de investimentos em circunstâncias várias.

Afinal, quais são então os custos reais de uma Olimpíada (quatro anos de duração)? Uma resposta resumida e superficial diria que cada vez mais os custos se apresentam de modo crescente. Porém, fazendo-se uma comparação desde 1972 e alcançando 2008 em termos de bilhões de dólares, a projeção de gastos para os Jogos Olímpicos tendo como referência gastos do passado, não se apresenta em expansão. Por mais surpreendente que possa parecer, os custos não tem mudado em seus valores médios, oscilando entre 1 a 3 bilhões de dólares; na verdade existem outros custos intrínsecos nos Jogos que dão a impressão de que essas cifras estão mudando e se ampliando. O exemplo dos elevados custos de segurança em Atenas constituem hoje um exemplo típico do suposto crescimento.

No caso da candidatura do Rio de Janeiro ao bidding de 2016 promovido pelo Comitê Olímpico Internacional, são dignos de nota várias instalações e estruturas esportivas já existentes – principalmente originados dos Jogos Pan-Americanos 2007 -, que acabam por diminuir o custo da infra-estrutura maior do megaevento subsequente. Este fato está atualmente acontecendo na China, porque para os Jogos 2008 estão sendo aproveitadas obras já planejadas ou em execução que já ocorreriam de qualquer forma.

O caso do metrô de Atenas é emblemático para estas circunstâncias pois se tratava de obra estagnada por décadas. E o impulso decisivo para que fosse construída surgiu com o compromisso de organização dos Jogos Olímpicos de 2004. Deste modo, os custos dos Jogos de Atenas contabilizaram indevidamente o metrô da cidade.

O impacto da sinalização como fator econômico

Outro impacto econômico dos megaeventos olímpicos como também da Copa do Mundo de Futebol, concerne à sinalização de locais apropriados para negócios – location factor. Justamente os pontos onde as pessoas estão mais suscetíveis a abrir seus negócios como lojas, locais para atender turistas e outras situações em que as pessoas locais vão gastar dinheiro. Criam-se assim sendo business em geral, lugares de comércio. “Sinalização” neste caso refere-se a imagens expostas e circulantes na mídia que conduzem mensagens implícitas sobre uma determinada vantagem oferecida.

Por exemplo, em consequência dos Jogos Pan-Americanos, o Rio de Janeiro pode ser local para futuras conferências, convenções, reuniões de empresas e associações, ou qualquer outro tipo de evento, não necessariamente esportivo, mas que possa atrair outros negócios de apoio e de promoções. Esses location factors podem ser tangíveis ou não tangíveis. Tangíveis, por exemplo, são as infra-estruturas de instalações, e não tangível seria o conhecimento – ou sinalização - que circula no país e no exterior sobre tais possibilidades de localização.

No contexto de sinalizações há ainda o “capital simbólico”, aquele que não pode ser comprado mas apenas sinalizado. São mensagens que você manda para o público interno do país e mesmo mundial, sobre a imagem daquela cidade ou daquele país. Isso pode ser demonstrado de forma mais clara, se não houver apenas interesse financeiro na realização dos Jogos. Não havendo apenas preocupações econômicas existem mais chances dessa imagem ser divulgada de uma forma positiva. Ou seja: o capital simbólico só pode ser atingido com a cooperação, e não apenas simplesmente ser comprado. Beijing 2008 constitui hoje um projeto mais simbólico do que material.

Em meu último ano de pesquisa, dediquei-me a esse benefício - que julgo ser principal na ordem econômica - que se define como “sinalização”. Nas Olimpíadas de 2004 em Atenas, foram geradas 34,6 bilhões de horas globais de utilização de TV. Isso significa uma média de 6 horas por ser humano que estavam assistindo aos Jogos Olímpicos, conhecendo Atenas e participando dos eventos de alguma maneira. Como se utilizar desses bilhões de horas através dessa febre da mídia? Pode ser, por exemplo, um espaço melhor para negócios, pode ser um campo melhor para o turismo, uma imagem de uma cidade industrializada ou uma tecnologia de ponta. Tudo isso valoriza a imagem da cidade e do país, que resultado da mensagem que é transmitida quantificada em tempo de transmissão.

O patriotismo e auto-estima, principalmente a autoconfiança (exemplo da Copa do Mundo na Alemanha), são exemplos de sinalização estimulando o orgulho nacional que estava adormecido. Hoje, depois da Copa 2006, na Alemanha passou a ser orgulho exibir e celebrar a bandeira da nação. Essa auto-estima e autoconfiança tornam-se importantíssimas para o sentido de legado embora não tangível para os economistas. Uma nação sede dos Jogos passa a sentir que ela é capaz de produzir grandes empreendimentos escapando da visão de que apenas países centrais conseguiriam tal façanha.

O capital simbólico ao ter apoio de empresas e governos pode assumir a forma de grandes construções. As obras de instalações dos Jogos podem mostrar ao mundo do que uma cidade ou nação é capaz em empreendimentos de grande porte e de gestão sofisticada. Então engenharia e arquitetura são muito importantes para a construção da imagem de eficiência e potencial tecnológico. Mais uma vez citamos a

China como exemplo atual e renovado da produção de imagem de grande nação por meio do capital simbólico advindo dos Jogos Olímpicos.

Os cinco tipos de legados

Em resumo, são cinco os legados que determinam os benefícios dos Jogos Olímpicos: (1) infra-estrutura, (2) saber e conhecimento, (3) imagem, (3) economia, (4) comunicações e (5) cultura. Assim apresentado, poder-se-ia argüir sobre como há legado econômico se foi declarado anteriormente que não existem grandes impactos na economia em geral? Na verdade ao se mencionar impactos globais inicialmente o foco estaria em relação a prazos curtos; entretanto devemos pensar também sobre longos prazos. Ou seja: a perspectiva de legado faz com que fatores de localização mudem, e muitas vezes para melhor, pois surgem melhorias no sentido de realizações de eventos, congressos, feiras etc. Até mesmo novas indústrias podem ser instaladas pela renovação de oportunidades.

Se você é capaz de mudar o destino desses fatores de localização, de forma a criar melhorias, você terá demandas sociais que geram produção. Consequentemente, você aumenta o número de empresas, aumenta o lucro e isso retorna para a cidade e aí surge um legado de longo prazo. Contudo tais resultados somente aparecem com legados planejados com muita antecedência. Por exemplo, para se fazer uma melhoria na área turística, a infra-estrutura a ser planejada levaria em conta fatores - benefícios determinados por imagem, hotéis e restaurantes, etc. E esta opção demandaria recursos dimensionados em termos de comunicação e tecnologia.

Em síntese, legados que determinam benefícios de longo prazo, podem também fazer com que os fatores de localização mudem: indústria, estilo de vida, turismo, convenções, congressos etc. Portanto, legado não é apenas uma herança, algo que permanece como patrimônio, mas sobretudo um fator ativo de geração de impactos econômicos.

Debate

José Antônio Barros Alves – Professor Fundação Getúlio Vargas / RJ

P: O trabalho apresentado pelo Professor Holger baseia-se em quatro edições dos Jogos Olímpicos. Em nossos estudos, chegamos a conclusão de que houve mudança nos custos não direto dos jogos, a partir das Olimpíadas de Barcelona, 1992. Houve uma mudança de status de custo, principalmente de custos não diretamente ligados aos jogos? A sua pesquisa comprovou este fato?

R: Sim, o conceito sobre custos dos Jogos tem se alterado. A partir de 1972, custos indiretos foram somados ao custo direto das Olimpíadas, então o total das despesas não era exatamente o total dos Jogos mas sim das melhorias levadas a efeito nas cidades sede.

Ricardo Prado – Comitê Organizador do PAN 2007 no Rio de Janeiro

P: Quanto tempo você acha que, no geral, acontece para a população realmente sentir esses efeitos, esse legado econômico. São dois, dez, vinte anos? Qual seria o tempo para que realmente as pessoas possam sentir e perceber essa melhora econômica?

R: Eu gostaria de dizer que os legados têm duração diferente por função exercida. Por exemplo, os estádios, as infra-estruturas básica, pelo menos por trinta anos as pessoas podem utilizá-los. Em relação às emoções, a duração é muito curta, mais

limitada. O orgulho da nacionalidade é muito importante porém dilui-se em prazos curtos, como se observa no caso da Copa 2006 na Alemanha. Já os networks, os contatos, as redes de contato originadas do megaevento esportivo tem duração mais longa com ampliação pós evento. Então este legado mantém-se em curto, médio e longo prazo pois há membros da rede participando de federações e confederações – por exemplo típico da área esportiva – e esses contatos vão se multiplicando exponencialmente por um longo prazo. Com a exposição da Copa do Mundo, você tem uma grande quantidade de propaganda, de certa forma, de graça, para as pessoas que estão assistindo ao evento ou participando direta e localmente. No caso da Copa 2006 na Alemanha fluiu transmissão de imagens focando a hospitalidade e a solidariedade dos alemães. Esta nova postura social da Alemanha produziu portanto um legado cuja repercussão pode sobreviver em anos próximos.

Fernando Telles Ribeiro – Engenheiro especializado em planejamento de instalações esportivas / USP

P: Considerando que os custos de manutenção de instalações esportivas giram em torno de 10% dependendo da natureza ou dimensão da instalação, como vêm atuando as cidades sedes para minimizar os efeitos desses custos, face ao natural processo de desgaste dessas instalações? Do ponto de vista econômico, como as cidades vêm atuando ou quais são os métodos ou processos para minimizar esses gastos?

Rodrigo Terra – UGF doutorado em Educação Física, complementa a pergunta: Além dos custos de manutenção, mas também os custos de animação cultural das atividades propriamente ditas, como estão sendo desenvolvidos nesses países? De onde vem esses custos, como são desenvolvidas as atividades e quem paga? Manutenção no sentido geral, também em relação às pessoas.

R: Esta é uma questão bastante sofisticada porque tem a ver com o planejamento do que você pretende fazer. Como exemplo, temos a Inglaterra, onde se construiu um estádio para os Jogos Olímpicos, só que não de forma completa, ou seja, produzindo-se metade fixa e a outra metade temporária; então, quando os Jogos terminaram, remodelar-se-á o estádio transformando-o em um estádio de futebol (rentabilidade mais garantida naquele local). Na verdade, o estádio é originalmente de atletismo, prevendo-se então enterrar parte das arquibancadas aproximando mais o público para que se transforme então em um campo de futebol. O que acontece, na maioria das vezes, é que se constroem infra-estruturas, visando os Jogos Olímpicos e na realidade não pensam muito no uso que terão depois da realização deste evento maior. Assim deparamo-nos com grandes infra-estruturas de destino desconhecido, isso porque não houve um planejamento.

O colega Fernando está certo em dizer que o custo de manutenção é de 10% ao ano depois da construção. O que acontece, muitas vezes, é que estádios são demolidos, porque não há um planejamento de uso e o custo de manutenção é alto. Há casos deste tipo ocorrido em Portugal, Coréia e Japão.

Quando se vai destruir ou demolir uma estrutura muito grande, você vai gastar muito dinheiro. Esta operação então se soma ao custo total de determinados Jogos Olímpicos, incluindo seu planejamento. Acontece portanto a destruição do legado ou um possível legado dos Jogos. Mesmo assim é melhor destruir do que a onerar a obra olímpica em seu conjunto. Em outras palavras, o planejamento de megaeventos implica em cotejar custos com benefícios antes, durante e após a realização.

Por vezes, há que se considerar que aqueles que estão pagando pelas estruturas, não são exatamente aqueles que estão recebendo os benefícios. O que acontece é que frequentemente uma empresa particular, autônoma, está gerenciando equipamentos, infra-estrutura, enfim, todas as instalações, mas não está exatamente usufruindo resultados destes seus investimentos. Se você está usufruindo e fazendo a gerência de determinada instalação esportiva, então pode alugá-la ou fornecer serviços para pessoas que possam pagar seu uso. Entretanto, você também poderá usar a instalação para atividades ligadas ao esporte para todos (recreativo), para comunidade local, para pessoas de baixa renda, sem usufruir rendimentos. Há então um conflito de gestão: de um lado, as pessoas que estão fazendo a gestão das instalações e que estão gerenciando o dinheiro e vendendo tickets para as pessoas freqüentarem as mesmas e querem, por exemplo, desenvolver esporte de alto rendimento; e por outro lado, você tem pessoas que o governo gostaria que estivessem lá, presentes, que pudessem participar de atividades de esportes para todos, para pessoas carentes. Exemplificando este conflito característico de grandes instalações esportivas e de seus apoios, poderia citar o caso da Vila Pan-Americana do PAN 2007 cujos apartamentos foram vendidos depois do evento continental. Houve uma utilização, mas quem comprou os apartamentos foram pessoas de renda mais elevada. Se o governo tivesse assumido a obra da Vila, e não entregado às empresas privadas, hoje a Vila poderia ser transformada em programa de moradia popular.

Em relação ao uso de outras instalações, temos como exemplo um estádio em que se têm dois times profissionais de futebol, jogando por trinta dias, a renda resultante dá para fazer a manutenção adequada da instalação. Se você não tem dois times profissionais de qualquer esporte, jogando durante trinta dias, você não terá como fazer a manutenção. Por conseguinte, modalidade de prática esportiva também é fator para cálculo de retornos e de manutenção de legados. A partir deste conceito pode-se apreciar custos de animação social por meras exemplificações. Em Montreal, citando-se um caso notório, removeu-se um grande estádio e se colocou em seu lugar um centro para abrigar atividades culturais; vilas olímpicas depois de serem utilizadas por atletas foram transformadas em escolas e hospitais; piscinas dos Jogos de Munique (1972) e Sidney (2000) foram reformadas para atividades recreativas com destinação social e até hoje cumprem este papel

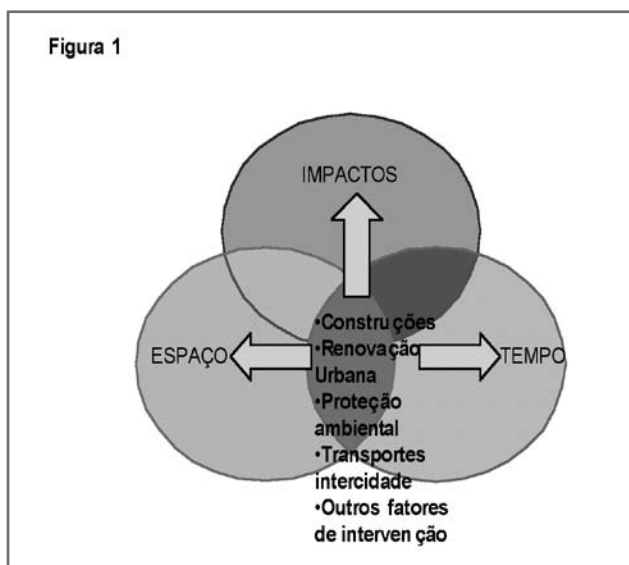
Lamartine DaCosta – Professor Programa de Pós-Graduação da Universidade Gama Filho/RJ.

P: A questão do PAN cria precedentes, ela é diferente do que o Professor Holger está propondo, até mesmo porque a nossa previsão é de se ter um legado que não teve um planejamento formalizado e efetivado preliminarmente (legados foram nomeados mas não dimensionados em seus usufrutos). Aqui no Brasil em geral a gestão para ser eficaz nos obriga a adaptar métodos para tirar o melhor proveito dos erros que transcorrem em nossas iniciativas por influência externa (má gestão pública, corrupção vinda do setor privado etc). Em síntese, como não houve planejamento de legados para os Jogos Panamericanos, deve haver uma adequação post hoc. Teríamos então um planejamento de re-uso do produto e não do uso previsto originalmente voltado para o processo de produção do legado. Nós criamos uma metodologia que tenta reconceituar legados de megaeventos para a qual solicito a opinião do Dr. Preuss.

Alongando a pergunta enfatizo que a metodologia aqui denominada de 3D por redefinir legado de megaeventos esportivos em sua três dimensões essenciais,

teve origem na constatação de que há muitos estudos sobre legados em âmbito internacional porém em geral confundem legados com impacto. Para contornar esta contradição pouco perceptível entre pesquisadores e gestores, produziu-se o Modelo 3D utilizando-se de uma meta-análise (estudo comparativo de trabalhos científicos que seleciona convergências e divergências, servindo eventualmente para identificação de estado do conhecimento) incluindo quarenta e três estudos. Neste conjunto, foram examinadas as contribuições do famoso Simpósio do Comitê Olímpico Internacional de 2000 sobre legados (Moragas, Kennet & Puig – Editores) bem como papers mais recentes de Turim 2006 (Felli), Londres 2012 (Poynter e MacRury) e Beijing 2008 (Hai Ren).

Ao final das interpretações comparativas entre textos, constatou-se que a convergência maior residia na falta de harmonização entre espaço e tempo na observação de legados. Daí se decidiu montar um modelo de análise que não hierarquiasse os elementos intrínsecos aos legados, procurando relacioná-los igualmente ao espaço, ao tempo e ao impacto discernível. Nestes termos, colocamos as construções esportivas na simulação operacional do modelo (sem elas não existe o megaevento esportivo) acompanhando as diferentes possibilidades de ocorrência conforme a visão de legado tais como preservação com manutenção, pós uso com relação à realização do megaevento, demolição, readaptação etc. Naturalmente de acordo com o Modelo 3D, estas alternativas foram observadas por desdobramentos perceptíveis nas alterações temporais concomitantes com modificações no entorno espacial (regeneração, decadência urbana, etc) incluindo repercussões sociais; este jogo de combinações pressupôs finalmente prováveis impactos tanto positivos como negativos (tangíveis e não tangíveis), os quais poderiam produzir legados não necessariamente simétricos aos impactos que os originaram. Outras simulações foram esboçadas com transporte intercidade, renovação urbana e proteção ambiental, elementos definidos como fatores típicos de intervenção para a produção de um megaevento (Figura 1).



O produto final destas análises consistiu em delimitações de legados, os quais no caso de não terem sido planejados previamente em condições técnicas adequadas – hipótese atribuída ao PAN 2007 com possível risco de repetição na futura Copa do Mundo 2014 ao ser localizada em diversos Estados do Brasil - poderiam ser recuperados à posteriori uma vez que o Modelo 3D não se prende somente à condição ex ante proposta por Holger Preuss. Como tal, o modelo ora em apresentação considera no mesmo nível do planejamento antecipado condições emergentes durante e depois da realização do megaevento. Evidentemente, o Modelo 3D não privilegia o erro de se fazer planejamento fora do seu momento apropriado mas apenas oferece ferramentas de reajustes sob a condição de reduzir prejuízos antes que sejam dissimulados ou assumidos formalmente.

Diversas discussões sobre o Modelo 3D foram realizadas com meus alunos do doutorado em Educação Física da UGF, como também com Fernando Telles da USP, Iain MacRury do East London Institute de Londres e Hai Ren da Universidade de Beijing quando da realização do PAN 2007 no Rio de Janeiro. Como resultado conseguimos aperfeiçoar o modelo pela adição de cenário, consistindo este numa ferramenta de acompanhamento das obras e gestão de um determinado megaevento em que se fariam registros sucessivos das relações tempo, espaço e impactos relativos a cada passo do processo de gestão de modo a se ter sempre uma visão atualizada de legado. Esta metodologia seria mais realista e flexível do que a referida ao planejamento do legado embora esta última se apresente de menor custo e de maior efetividade.

Diante da apresentação da solução de cenário para identificação e acompanhamento de legados, MacRury revelou que o East London Institute tinha alcançado um conceito próximo ao de cenário, isto é o de “momento de legado” que procurava identificar quando este ocorria efetivamente. Esta opção embora útil me pareceu entretanto mais uma ferramenta de verificação do que de intervenção, o que pode validar ambas dependendo da necessidade específica de uso.

De qualquer modo, a delimitação dos legados parece ser dependente em elevado grau do jogo (interplay) entre espaço e tempo à luz de cada impacto considerado. Segundo Marco Bechara (meu orientando no doutorado da UGF) esta situação lembra as soluções de identificação de riscos em projetos (risk analysis) já que projeta várias opções dentro de um cenário de possibilidades. Na prática de megaeventos, encontramos na literatura impactos mensuráveis de 18 anos, ou seja, intervenções feitas hoje, só daqui a dez, quinze anos é que serão manifestas em detalhes. As conseqüências deste retardo incide mais na gestão dos legados à vista de que cada alteração no processo de formação de cada legado implica na modificação do processo decisório sobre este fator.

Apresentado o modelo 3D cabe então diante de suas justificativas perguntar sobre o que fazer com legados do PAN não planejados como legados. Vamos, por exemplo, demolir o estádio do Engenhão para anulação do custo de 2 milhões de reais por mês na sua manutenção? Para mim e meus alunos a solução é de fazer um cenário de varias possíveis opções de trato da questão do Engenhão, procurando replanejá-lo.

R: Eu totalmente concordo com sua proposta, mas gostaria de adicionar um ponto relacionado ao que foi falado antes que é mais complexo. O que acontece é nós temos que pensar com prioridade na parte financeira. Quem é exatamente que vai pagar por essa instalação, em relação ao que vai ser feito nela? Será que vamos ver jogos profissionais ou isso vai ser aberto ao público? Seria um legado positivo, na medida em que você abre a instalação para o uso social, mas por outro lado, quem é

que vai arcar com esses custos? Você tem um legado, que pode ser positivo ou negativo. Você pode manter a instalação funcionando por um lado, mas por outro lado você pode fazer a demolição dessa instalação por motivos econômicos, então, você tem a parte social e por contraste você tem a parte econômica, que seria a mais viável. Passando de um tema para outro, considerar que ambos lados são relacionados à decisão política de longo prazo, e neste caso voltamos por exemplo ao problema de candidatura para sediar os Jogos Olímpicos: você pode ter essas infra-estruturas construídas, mas por outro lado se acha que os custos estão muito altos para a respectiva manutenção, demolir não faz muito sentido. Então assume-se uma decisão política, equivalente na prática ao planejamento e à instituição de objetivos. O que acontece é que tem sempre o lado positivo e o lado negativo a cada feição de exame do legado quer em cenário quer em “momento” apropriado de manifestação.

Se você for utilizar as instalações para acesso popular, os pobres as verão de uma forma positiva e os ricos negativa; a recíproca no caso é verdadeira. Há realmente um grande desafio, porque você sempre vai ter perdedores e ganhadores, então o ideal seria utilizar uma negociação para que possa haver um pouco de equilíbrio, bom para os dois lados. Enfim, não existe uma receita para todos os casos de legados embora os modelos analíticos facilitem sua compreensão. Enquanto o 3D abre caminhos para uma boa gestão as cinco tendências de Preuss revelam pormenores da complexidade dos legados buscando fatores que possam ser otimizados. Por outro lado, o modelo de Lamartine e seus associados pode constituir uma base de negociação por que leva em consideração fatos externos como também possibilidades de cientistas sociais participarem de análises sobre legados em conjunto com economistas e gestores.

O uso de otimização na gestão dos megaeventos merece mais esclarecimentos. Por exemplo, em Sidney 2000 houve otimização da mídia, que cobriu não apenas os Jogos Olímpicos, mas também promoveu destinações turísticas por meio de contratos.

Na Copa do Mundo de Futebol da Alemanha em 2006 foram vendidos dois milhões de ingressos, porém a população da Alemanha permaneceu fora dos estádios. Criaram-se então telões para otimizar a participação nas competições por meio dos quais as pessoas poderiam acompanhar os eventos e todos estariam unidos dentro do mesmo ambiente e do mesmo contexto, o que melhorou bastante a auto-estima das pessoas e contribuiu para o sucesso do megaevento de futebol. Na medida em que você planeja, você pode otimizar todo tipo de ação que você está fazendo e justamente, harmonizar e diminuir a diferença do grande impacto que teve durante os jogos para o impacto que vem após.

Verônica Perissé – consultora do SESC Rio / Grupo de Estudos Olímpicos UGF

P: O legado do voluntariado em megaeventos esportivos é em princípio social. Gostaria de saber se considerando este conceito, existe algum país em que há algum trabalho sendo realizado no sentido de reforçar a cidadania e desenvolver o aumento dessa força de trabalho em prol da própria sociedade em geral?

Marco Bechara: - Doutorado em Educação Física UGF

P: Houve alguma interação com a população sobre as construções de megaeventos nos locais de sua observação? Alguém faz pesquisas para saber se tais construções são necessárias dentro do conceito de necessidade social? Como esses investimentos são aproveitados para que não seja apenas o esporte pelo esporte?

Carla Tavares – SESC Rio

P: Retornando aos Jogos Olímpicos de Barcelona que se consideram os mais exitosos em relação à ocupação dos espaços públicos de lazer. Existe alguma abordagem de Jogos Olímpicos que confirme como o Rio de Janeiro possa repetir o sucesso de Barcelona?

R: O impacto do voluntariado nos Jogos tem sido muito grande e em Beijing 2008 haverá cem mil deles já constituindo portanto um outro megaevento. Em Barcelona – Centro de Estudos Olímpicos - existe um estudo sobre voluntariado que conclui pelo efeito social deste grupo como um legado olímpico importante. Há outro estudo sobre Sidney 2000, indicando que os voluntários foram tão bem tratados que estão esperando ansiosamente por outro evento e pelo mesmo tipo de tratamento. Nesta pesquisa, 47% disseram que aprenderam muito durante os jogos, e acreditavam na melhoria de seus curriculum vitae, favorecendo e facilitando a busca de emprego. Na Coreia do Sul (Seul 1988), houve uma melhoria na qualidade de vida dos voluntários que participaram mais diretamente na realização dos Jogos.

Se a população realmente deseja ter os Jogos Olímpicos é um quesito tradicional em muitas pesquisas. Preuss pessoalmente coletou dados de 80 pessoas em Atenas e estes informantes realmente queriam a realização dos Jogos em sua cidade. Em algumas cidades candidatas que ele observou as pessoas residentes manifestaram um grande interesse em realizar os Jogos por meio de levantamentos antes da candidatura. Em outras cidades houve reação contrárias quando se deu conhecimento sobre gastos e implicações diversas do megaevento esportivo. Há portanto contradições em opiniões que levam assim sendo a se cogitar sempre de consultas à população antes de fazer um projeto de Olimpíadas. Um país não pode se candidatar se não tem esse apoio. O Comitê Olímpico Internacional tem exigido pesquisas para saber sobre o interesse da população local em realizar os Jogos, porque torna-se discrepante se os políticos desejarem e a população nega-los.

A comparação de Barcelona com Rio de Janeiro é pouco útil. Por exemplo, no caso de Barcelona, houve uma reurbanização da cidade que realmente deu certo e até hoje é apontada como benefício dos Jogos em termos turísticos. Já os Jogos Olímpicos de Inverno de Grenoble (França) em 1992, não atraiu turistas, desde que a opção foi de apelar para atividades de negócios e comerciais, com resultados bastante bem sucedidos. A China já está sinalizando que é bastante capaz de organizar grandes empreendimentos com impacto mundial. Enfim, cada caso é um caso, sugerindo então que tudo num megaevento olímpico deve ser relacionado a objetivos. Qual é o objetivo do Rio de Janeiro em ser cidade candidata aos Jogos Olímpicos de 2016 ou de 2020?. O que realmente o Rio de Janeiro quer em realizar os Jogos Olímpicos aqui? Uma reurbanização da cidade, atrair turistas? Qual será seu propósito? Ser modelo de causas sociais através dos Jogos? É possível compatibilizar causa social com o gigantismo dos Jogos?

Finalizando Preuss recomendou planejamento mais uma vez para consolidar a idéia de legado. Além disso, sugeriu evitar repetir soluções de outras cidade em novos projetos como orientação fundamental pois as cidades são individualizadas por natureza.

Definindo a Temática de Legados de Megaevento Esportivos

Bernardo Villano
Rodrigo Terra
Grupo de Estudos Olímpicos - UGF / RJ

Defining the themes related to legacies of sports mega-events *Based on the IOC literature and available academic research, this paper briefly presents themes related to mega-events and their legacies. It points out some initial and necessary conditions for the establishment of legacies, which is today's key objective of the Olympic Games and other sports mega-events.*

Os megaeventos podem ser caracterizados como eventos de curta e preestabelecida duração que apresentam “grandiosidade em termos de público, mercado alvo, nível de envolvimento financeiro, do setor público, efeitos políticos, extensão de cobertura televisiva, construção de instalações e impacto sobre o sistema econômico e social da comunidade anfitriã” (HALL apud SILVA, 2006).

Alguns importantes megaeventos esportivos da atualidade como os Commonwealth Games, os Jogos Asiáticos, os Jogos Pan-Americanos, as Olimpíadas Militares, a Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos, vêm, entre outros, atraindo importantes investimentos por parte de patrocinadores e governos e cada vez mais espaço na mídia, figurando como um dos mais importantes fenômenos sócio-culturais da atualidade. Neste sentido, este estudo procura sintetizar a temática de megaeventos e seus legados, criando condições mínimas de compreensão e de conceitos úteis para a produção acadêmica e para a elaboração de projetos de sentido prático em âmbito esportivo e outras instâncias.

Em princípio, a abordagem dos megaeventos apresenta-se tão complexa e grandiosa que não pode mais ser compreensível levando-se em consideração apenas as questões do âmbito esportivo ou relacionadas ao evento em si mesmo. O impacto econômico e ambiental, as circunstâncias políticas envolvidas e as tecnologias aplicadas são temas obrigatórios na análise de qualquer megaevento esportivo e servem como uma amostra de como esse tipo de produção vem se transformando em uma grande e complexa teia multidisciplinar.

Como exemplo desta complexidade podemos citar os protestos ocorridos durante a passagem da Tocha Olímpica por diferentes países e regiões do mundo, rumo à Pequim, antes dos Jogos Olímpicos de 2008. Para se compreender adequadamente e analisar tais ocorrências vislumbrando seus possíveis impactos e conseqüências, é necessário recorrer a conhecimentos de diferentes áreas como história, economia, política, geopolítica entre outras.

Portanto, é preciso que se tenha claro que os megaeventos esportivos não “pertencem” mais ou podem ser levados adiante apenas por profissionais ligados à área esportiva. Não que estes sejam menos capazes, pois nenhuma outra área isolada pode mais cumprir tal tarefa. E, além disso, a cada dia surgem novos significados para os megaeventos devido às amplas oportunidades e renovados retornos de tais empreendimentos. Neste contexto, freqüentemente a literatura cita os impactos econômicos e sociais, a criação ou renovação da imagem de uma cidade ou país e o desenvolvimento de infra-estrutura como as principais conseqüências desses

eventos. E esses certamente alinham-se entre os principais motivos das cidades ao se candidatem a sediá-los.

Em se tratando particularmente dos Jogos Olímpicos, as recomendações e avaliações dos rigorosos processos de seleção das cidades sedes têm considerado de forma bastante significativa os retornos sociais advindos da organização dos eventos, compatibilizados com foco prioritário na questão da sustentabilidade e preservação do meio ambiente. Há, portanto, por parte do Comitê Olímpico Internacional – COI, depositário dos Jogos, um sentido de julgamento que supera as tradições esportivas, dada a justificativa social, ambiental e, naturalmente, econômica da celebração olímpica que acaba colocando seus legados no mesmo nível de importância dos Jogos em si mesmo.

Desta forma os megaeventos olímpicos passaram a ter seus altíssimos investimentos justificados pela capacidade de funcionarem como um elemento catalisador de diversas mudanças necessárias em termos sociais e ambientais, o que sinteticamente significa produção de legados. Nessas condições, vemos a cada dia o termo “Legado” se tornar mais freqüente em seu uso. Mas qual o verdadeiro significado de tal termo?

Com base na literatura de pesquisa acadêmica podemos afirmar que não existe uma clara e única definição para “Legado”. Trata-se de um conceito muito complexo, com múltiplos significados, que pode inclusive ser melhor representado por outras expressões ou até mesmo conceitos em culturas e idiomas diferentes, que irão melhor expressar seu caráter histórico e de continuidade.

Para esta resumida contribuição, contudo, julgamos necessário estabelecer um referencial e com base em nossas reflexões o fazemos transmitindo o sentido de uma duradoura e positiva herança. Tais heranças advêm de impactos, causados por diferentes ações, que podem mudar de natureza com o passar do tempo. Impactos considerados negativos em um primeiro momento podem se transformar paradoxalmente em valiosas heranças positivas no longo prazo.

Para compreender tal afirmação basta analisarmos a construção ou ampliação da malha rodoviária de uma cidade, que provavelmente causaria imenso impacto negativo imediato, como poluição sonora e engarrafamentos, porém se transformaria em legado para a cidade ao permitir uma renovação urbana das áreas atingidas pelo transporte facilitado. Nesse sentido pode-se compreender a importância de um minucioso processo de planejamento e execução de intervenções – sobretudo para os casos de renovação urbana -, a fim de se garantir os retornos esperados.

Como elemento de investigação das questões de legados temos utilizado os materiais disponibilizados na página oficial do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos de Londres 2012 (LOCOG), que desde o processo de avaliação das candidaturas a cidade sede tem se destacado nas questões relacionadas aos legados sociais e ambientais, como pode ser observado neste trecho retirado do relatório final da comissão avaliadora:

There is a strong emphasis on the integration of environmental considerations across all aspects of planning and operations, ensuring minimum impact and maximum sustainability and the integration of those plans and actions into wider regeneration and environmental strategies for London. Comprehensive and positive

environmental legacies for the community and the Olympic Movement would be achieved from a London 2012 Olympic Games.

A partir da escolha da cidade em pauta como sede dos Jogos Olímpicos de 2012, tem sido possível constatar a criação de vários mecanismos de orientação e otimização do processo de execução da visão de “sediar Jogos inspiradores, seguros e inclusivos e deixar legados sustentáveis para Londres e o Reino Unido” (www.london-2012.co.uk/LOCOG/, acessado em março 2008).

Segundo o LOCOG, tal visão e os objetivos estratégicos para 2012 estão baseados nos princípios do desenvolvimento sustentável, orientados pelo tema “Towards a One Planet Olympics” - conceito desenvolvido em parceria com a WWF- World Wildlife Fund e a BioRegional – que serviu de base para o desenvolvimento das Políticas de Sustentabilidade dos Jogos. Estas orientações de gestão conduzem as ações das diferentes áreas operacionais e funcionais, a fim de assegurar o foco em cinco temas (Mudanças Climáticas, Desperdício, Biodiversidade, Inclusão e Vida Saudável), destacados por se pressupor serem as áreas em que se poderiam atingir os resultados mais proveitosos e causar os maiores impactos positivos ou negativos.

É muito importante perceber e salientar a preocupação e capacidade do LOCOG em produzir e disponibilizar informações e conhecimentos específicos da temática em foco, de forma inovadora e eficiente. Questões como sustentabilidade, meio ambiente e qualidade de vida são identificadas com frequência e facilidade em suas propostas e ações. E é possível identificar diferentes perspectivas sobre esses temas, o que nos remete a uma visão sistêmica e multidisciplinar dos cinco tipos de abordagem.

Tal postura mostra-se pretensamente tanto de acordo com as orientações do COI como com as expectativas dos cidadãos de Londres. Além de proporcionar um autêntico e relevante significado ao evento, na medida em que se apresenta como um proposto elemento catalisador para a regeneração urbana, pauta-se nos mais valiosos conceitos de sustentabilidade. Temos, enfim, as condições necessárias e iniciais para a instituição de legados, atual objetivo chave dos Jogos Olímpicos e de vários outros megaeventos esportivos.

Referências

SILVA, J. Segurança em Megaeventos Esportivos. In DaCOSTA, L.P. (Org) Atlas do Esporte no Brasil (versão digital), Porto Alegre: CREF2, 2006, p. 20.17 – 20. Disponível em www.atlasesportebrazil.org.br, acessado em janeiro 2008.

VILLANO, B. e TERRA, R. Proposta Metodológica para Análise de Legados das Instalações do PAN 2007. Texto apresentado no 8º. Fórum Olímpico da Academia Olímpica Brasileira, Rio de Janeiro, maio de 2007.

Legado de Megaeventos Esportivos Sustentáveis: A Importância das Instalações Esportivas

Fernando Telles Ribeiro
Universidade de São Paulo - USP

Legacy of sustainable sports mega-events: the importance of sports facilities *This study analyzed relevant aspects related to the planning of projects of sustainable sports facilities, considering environmental, social, and economic impacts of tangible and intangible nature that can turn into positive urban legacies. The conclusion is that a modern and consistent policy of sports and leisure can become a decisive factor for the options and the technical decisions regarding the projects of these facilities.*

A instalação esportiva é sustentável quando estão previstos e assegurados os recursos necessários à sua manutenção e contínua operação, ao mesmo tempo em que contribua para o incremento das futuras oportunidades do “esporte para todos” e a integridade do ambiente natural onde se insere.

Legado e sustentabilidade não acontecem simplesmente: precisam ser planejados para que tenham significação e se tornem positivos. O termo sustentabilidade popularizou-se a partir de 1986 através da Comissão Mundial de Desenvolvimento Ambiental (World Commission on Environment and Development). A idéia era a de que a saúde do planeta a longo-prazo dependeria de se buscar meios de atender às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade das futuras gerações atenderem às suas próprias.

Ocorre que sustentabilidade não significa apenas conservação e proteção ambiental; contempla também aspectos de ordem econômica e social, buscando minimizar danos econômicos e ambientais a longo-prazo (CHERNUSHENKO, 2002). Esta definição é ora acatada como princípio preliminar e fundador do presente estudo.

Por sua natureza, as instalações esportivas de megaeventos têm forte impacto físico no ambiente urbano, cabendo ao planejador visualizar esse impacto e o alcance de suas conseqüências, tanto positivas quanto negativas. (RIBEIRO, 2005).

Como corolário, outro fator de idêntica importância é o da sustentabilidade econômica da instalação, sem a qual ela terá dificuldades em cumprir seu papel social que é o de oferecer amplo, permanente e adequado uso de seus equipamentos esportivos para atletas e para a comunidade em geral (PREUSS, 2007)

Considerando-se que os custos anuais de manutenção física e do staff de uma instalação esportiva freqüentemente ultrapassam 10% do seu valor atualizado, é fácil perceber que tais despesas representam um grande ônus para as municipalidades nas quais as instalações estão inseridas, havendo grande risco de deterioração daquele patrimônio na ausência de manutenção apropriada e permanente. A conseqüência de manutenção deficiente ou inadequada das instalações contribui para seu gradual abandono, sujeitando-as a invasões e vandalismo (BONNENFANT, 2001).

Por experiência, observa-se em centros mais avançados grande preocupação com as crescentes despesas na manutenção das instalações decorrentes de exigências qualitativas e quantitativas de materiais, equipamentos e pessoal especializado.

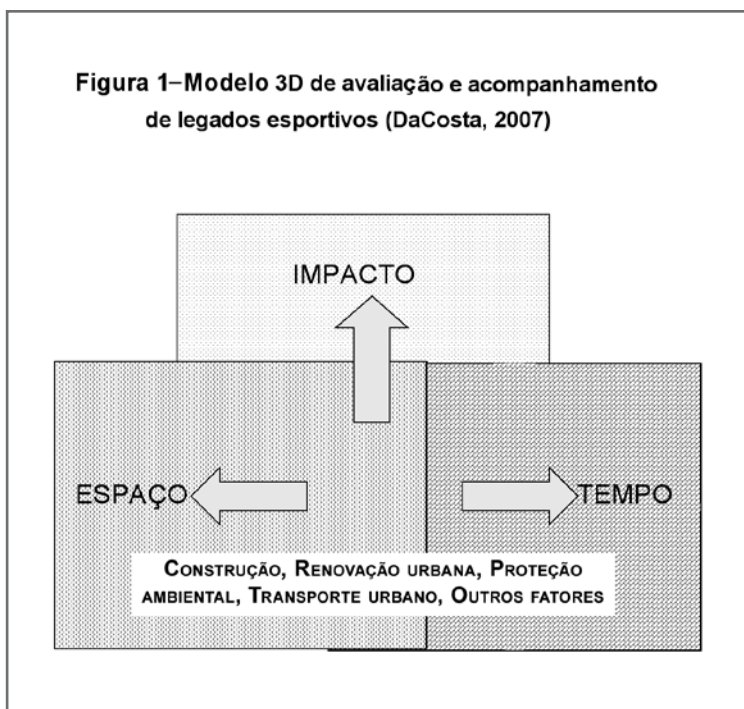
Também é prática corrente em muitos países a adoção de um sistema de cobrança de ingressos destinado à manutenção e operação de instalações de uso público. Em certas situações, notadamente em comunidades de menor renda, torna-se indispensável previsão e provisão de recursos orçamentários municipais para cobrir tais despesas.

Por outro lado, as experiências brasileiras apontam como solução a adoção de parcerias público-privadas, viáveis em muitos casos e, em especial, na opção pela gestão privada de uma instalação pública. Trata-se de interessante alternativa a ser considerada sempre que possível.

Impacto das Instalações

O evento esportivo só ocorre se, em primeiro lugar, houver instalações e espaços apropriados para sua realização.

O modelo tri-dimensional para legado de megaeventos esportivos, desenvolvido e apresentado em setembro de 2007 no Seminário de Estudos Olímpicos da Universidade de São Paulo pelo Professor Dr. Lamartine P. DaCosta, ressalta a importância das instalações esportivas no contexto de um megaevento (Figura 1). Por sua natureza, complexidade e visibilidade, o conjunto dessas instalações se reveste no elemento mais perceptível e susceptível de gerar um legado esportivo positivo ou negativo para a cidade sede (DACOSTA, 2007).



De um modo geral, as instalações esportivas geram impactos e legados positivos. Eventualmente podem resultar em legados negativos quando têm seu planejamento negligenciado por insuficiente dedicação de tempo ou esforço na direção de proporcionar condições favoráveis ao seu pós-uso. Nesse caso, há grande risco de surgimento dos indesejáveis “elefantes brancos”. Tais considerações têm sido enfatizadas por recentes estudos de impacto olímpico do LERI - London East Research Institute da UEL - University of East London.

Negligência no planejamento do legado conduz a inevitáveis desgastes políticos e de imagem para os responsáveis pela organização do megaevento. Em contrapartida, a grandiosidade e o custo das principais instalações projetadas para os Jogos de Pequim em 2008 não tem paralelo. São monumentos revestidos de grande simbologia que buscam exteriorizar e afirmar perante o mundo a imagem da suprema capacidade de realização do povo chinês. Entretanto, é aceito que o plano de pós-uso daquelas instalações em atividades esportivas e sociais, embora previsto, não é uma prioridade. O grande impacto visual e turístico das instalações para as competições está no contexto político de uma estratégia nacional de maior amplitude e alcance (REN, 2007 – comunicação oral).

Impacto de Megaeventos na Estrutura Urbana

Conceitualmente, megaeventos tais com Jogos Olímpicos, Jogos Pan-Americanos, Jogos Asiáticos, Jogos da Comunidade Britânica e alguns outros importantes eventos esportivos mundiais criam diferentes impactos econômicos políticos, sociais e ambientais, os quais modificam o desenvolvimento urbano da cidade-sede com repercussões tanto em nível regional como nacional.

A experiência tem demonstrado que o desenvolvimento urbano sofre impactos decorrentes da implantação de:

- Estruturas Primárias de Esporte & Lazer
 1. Estádios
 2. Arenas Cobertas / Velódromo
 3. Instalações especiais:
 - Piscinas
 - Estádios de Remo
 - Instalações de Tiro
 - Instalações Eqüestres
- Estruturas Secundárias – Habitação & Recreação
 1. Vila Olímpica & Vila da Mídia
 2. Centro de Imprensa e Mídia
 3. Instalações de Treinamento
 4. Parques
- Estruturas terciárias – Tráfego & Obras
 1. Tráfego: Aeroporto, Transportes de Massa, Estradas
 2. Turismo: Hotéis, Atrações
 3. Lixo, Telecomunicações, Cabos de Fibra Ótica, etc.

É importante enfatizar que as estruturas primárias e algumas secundárias são freqüentemente construídas especificamente para o mega evento programado, enquanto que a estrutura terciária contempla estruturas já existentes ou previstas no plano diretor urbano da cidade, independente da realização do megaevento, tendo seu desenvolvimento apenas antecipado ou acelerado além de objeto de melhorias em função dos Jogos (PREUSS, 2005).

Do ponto de vista de legado é indiscutível que as estruturas primárias que compreendem as instalações esportivas construídas são as que devem ser mais bem planejadas em função de seu uso posterior, e não apenas no decorrer do período de duração do evento de cerca de um mês, incluindo o período das competições paraolímpicas. As instalações esportivas ou primárias são as mais susceptíveis de subutilização decorrente de planejamento inadequado ou insuficiente. Mesmo após o mega evento, o planejamento inteligente do pós-uso dessas instalações é desejável e perfeitamente viável, desde que adotados conceitos modernos de planejamento, a fim adaptá-las a um pleno uso esportivo e de lazer. Tais estudos devem partir da análise das necessidades da comunidade, objetivando determinar os tipos de programas possíveis de serem desenvolvidos no conjunto das instalações (VIGNEAU, 1998)

Instalações para Megaeventos

Por cruzamento de várias fontes relativas a candidaturas de cidades a sediar Jogos Olímpicos como também adotando-se perspectivas de Holger Preuss (2007, comunicação oral), pode-se listar e descrever instalações típicas de megaeventos:

- **Estádio Olímpico.**

Grandes estádios são projetados basicamente para utilização comercial, destinando-se a mega eventos nacionais e internacionais esportivos, políticos e culturais. A existência do estádio atrai diversos outros eventos

- **Arena Olímpica.**

A maioria das cidades-sede já possui uma grande arena para esportes, cultura, eventos de entretenimento, convenções ou feiras de negócios. É questionável que uma cidade tenha condições de lotar uma outra grande arena além daquele existente. Definitivamente, tais instalações não são economicamente viáveis caso sejam usadas apenas para esportes.

- **Pavilhão Multiuso; Centro de Feiras; Centro de Convenções.**

É uma opção para as cidades-sede utilizarem temporariamente um pavilhão ou centro de convenções existente como instalação esportiva. A nova construção / modernização de um pavilhão de feiras pode promover a localização da cidade como feira de negócios. Um centro de convenções atraente, agregado à imagem de uma cidade Olímpica, pode fazê-la uma “Cidade de Convenções”.

- **Pequenos Estádios e Ginásios.**

São pequenos estádios e ginásios desprovidos de grandes arquibancadas. Durante os jogos, são utilizados para treinamento. Se a capacidade dos ginásios na cidade sede não for suficiente, os novos ginásios a construir serão usados principalmente em “esporte para todos”. Devem estar disponíveis em número suficiente antes dos Jogos.

• Instalações Especiais, Velódromos e Piscinas.

Instalações especiais têm a desvantagem do uso limitado apenas a um determinado esporte. Podem ser usadas como centros de treinamento ou “esporte para todos” e freqüentemente experimentam déficits.

Velódromos cobertos somente podem ser utilizados como centro de treinamento ou provas de ciclismo. Por esta razão, a maioria das cidades não possui tais instalações antes dos Jogos.

A maioria das piscinas é aberta ao público, o que enseja o aumento da oferta de esporte e recreação da cidade. Considerando que são piscinas tradicionais, e não piscinas de lazer e entretenimento, é improvável que os custos de manutenção venham ser compensados pela venda de ingressos. Certamente serão utilizadas como centros de treinamento das respectivas federações; porém eventos esportivos comercialmente rentáveis estão limitados apenas a poucas competições nacionais e internacionais.

Instalações Potencialmente Disponíveis

Outra síntese extraída de Preuss refere-se aos tipos de instalações, havendo em geral três tipos potencialmente disponíveis para uso durante o megaevento.

1. Instalações de uso padrão – São as instalações esportivas existentes para esportes escolares, esporte para todos (clubes esportivos, piscinas públicas, etc.), para times profissionais, para a prática esportiva em faculdades e universidades e como centros de treinamento de uma federação de nataçãõ, entre outros.

2. Instalações de uso alternativo - Pavilhão de feiras de negócios e centros de convenções são freqüentemente convertidos temporariamente em instalações esportivas.

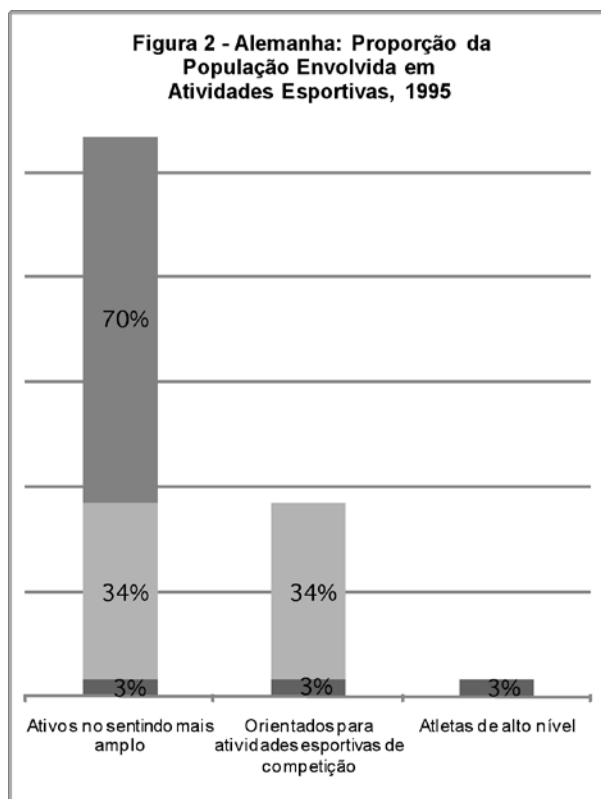
3. Formas mistas de pós-uso – São grandes arenas multifuncionais. Essas instalações podem ser transformadas de acordo com as necessidades futuras para outros eventos. No intervalo entre eventos, podem oferecer espaço para atividades de natureza recreativa. Podem também incluir hotel, salas de convenções, etc. É muito difícil harmonizar ou compatibilizar as estruturas necessárias para os megaeventos com a construção de uma instalação economicamente sustentável para utilização após os Jogos. De um lado, as federações esportivas internacionais, aspiram a mais moderna das instalações para seus esportes; em acréscimo, o Comitê Olímpico Internacional e as ditas federações esperam um mínimo de assentos para espectadores a fim de satisfazer a demanda de ingressos e proporcionar a desejável atmosfera nas transmissões de TV. Em suma, a instalação deve ser suficientemente flexível para cobrir ao menos seus custos de manutenção por meio de eventos culturais, políticos, religiosos e esportivos após os Jogos.

Instalações Temporárias

Deixar um legado positivo para a cidade-sede e o país. Todos os agentes olímpicos devem contribuir para que se atinjam esses objetivos pela busca do desenvolvimento sustentável e do uso estratégico de instalações temporárias.

A declaração em epígrafe é o Princípio 5 das recomendações da Comissão de Avaliação do COI, incluído no questionário a ser preenchido pela cidade pré-candidata aos Jogos Olímpicos de 2012. Remetendo esta sugestão para o presente estudo, cabe estabelecer que no caso de uma instalação não ser necessária no futuro, a moderna tecnologia permite construir grandes instalações temporárias. Por exemplo, o velódromo e a piscina de pólo aquático na Olimpíada de Atlanta 1996 bem como o estádio de voleibol de praia na Olimpíada Sidney 2000, foram construídos para uso temporário.

De forma similar ao que se observou na preparação das instalações para os Jogos Pan-Americanos de 2007 no Rio de Janeiro, os organizadores de megaeventos esportivos encontram-se cada vez mais sob pressão. Nos contextos políticos, econômicos e sociais eles devem tomar decisões sobre a escolha dos tipos de infra-estrutura requeridas para o evento. Ao invés das prestigiosas, imponentes e dispendiosas instalações, a tendência é para a adoção de estruturas temporárias que atendam às demandas esportivas de forma apropriada. As infra-estruturas permanentes requeridas para eventos de grande magnitude estão se tornando cada vez mais complexas, não só como resultado de inovações tecnológicas demandadas pelos esportes, mas também devido ao incremento de custos decorrentes das severas exigências de segurança dos prédios. Em certos casos, questiona-se se tais infra-estruturas serão funcionalmente utilizáveis após o evento ou ainda se terão condições de vir a serem operadas de forma lucrativa.



No contexto de megaeventos esportivos internacionais, há inúmeros exemplos de elefantes brancos que drenam recursos municipais de manutenção muito tempo após o término do evento, resultando em inevitáveis desgastes políticos, econômicos e de imagem da cidade-sede. Com base neste conhecimento, é dever e responsabilidade de todo comitê organizador de megaeventos esportivos privilegiar, sempre que possível, o uso estratégico de estruturas total ou parcialmente temporárias (PLANESPORTE, TELLES RIBEIRO, 2007).

Demanda de atividades esportivas e lazer da população

Um dado significativo extraído de Weber (1995) e que poderá resultar em legado positivo na concepção de futuros projetos de instalações para esportes e lazer é o resultado de uma pesquisa realizada na Alemanha em 1995, revelando que 70% da população acima de 14 anos de idade são ativos em alguma modalidade esportiva (Figura 2). Desse percentual, 35% são competitivamente orientados, 33% são voltados para atividades de lazer não competitivas e apenas de 2 a 3% são atletas de alto nível.

O gráfico da Figura 2 chama também a atenção e alerta planejadores e projetistas para que ao conceberem uma instalação destinada a um megaevento de status mundial não percam de vista que a mesma terá um legado tão mais positivo quanto maior sua capacidade em atender alternativas de pós-uso, além daquelas de alto rendimento para as quais foram basicamente construídas.

Instalações Esportivas e Senso de Local – Tendências

Com base em Peter Eisenman (2002), conceituado arquiteto norte americano e diretor do Instituto de Arquitetura e Estudos Urbanísticos em New York, o atual ramo da construção de estádios já não é mais dominado por arquitetos de estádios profissionais. Enquanto há vinte anos as comissões de estádios eram formadas por especialistas em estádios, já não é mais o que ocorre hoje em dia. Por quê?

Primeiro, porque existe receita financeira a ser obtida através da cobertura da mídia, sugerindo que os estádios devam se tornar atrações para a comunidade através do estímulo ao turismo, ao comércio e às atividades cívicas. Da mesma forma que as catedrais da Idade Média, as bibliotecas dos finais do século 19 e os museus da segunda metade do século 20, hoje é possível realizar-se um tour arquitetônico pelos estádios à volta do mundo.

Segundo, porque numa época de parques temáticos e eventos de mídia que imitam a realidade em experiências simuladas e que oferecem o mesmo gosto para todos como alguns refrigerantes, nos estádios há maior valorização dos espectadores porque os eventos esportivos são fontes primárias do inesperado e do imprevisível. Este desejo para incerteza tem gerado uma série de eventos simulados, em grande parte evidenciados no fenomenal sucesso dos reality shows da televisão, os quais, essencialmente, encenam competições que simulam o esporte. Assim, um dos locais do inesperado - ou do real - é hoje o estádio que ganha importância como um novo ícone, demandando algo mais do que apenas competência técnica para sua construção.

Com a crescente importância do esporte na cultura contemporânea, expandem-se as ligas, o desenvolvimento de times femininos profissionais e novos públicos que incluem mulheres e famílias. O estádio básico que antes atendia antigas idéias estimuladas por esportes masculinos, necessita agora acomodar maiores e mais diversas audiências bem como eventos ao vivo tais como concertos de Rock

e convenções. Um estádio projetado com esses propósitos torna-se também fonte produtiva de receita ao oferecer suas instalações para funções fora daquela programação de 20 jogos do time da casa, podendo auferir extraordinária vantagem de seu marketing potencial.

Ainda segundo Eisenman(2002), o simples fato de ser uma estrutura espetacular não oferece ao grande estádio condições de competir com os tipos de imagem de mídia que podem ser instantaneamente divulgadas e vistas ao redor do mundo. A imaginação e a representação arquitetônica devem responder a essas mudanças. Ao considerar um novo estádio, é mais importante construir não apenas um estádio útil e funcional, mas um novo tipo de experiência e um novo tipo de símbolo.

Os clássicos e solitários objetos do passado, os quais eram então entendidos como símbolos de poder, já não mais o são. O simbolismo de formato estático e hierárquico já não se apresenta tão sugestivo. Neste século 21, a forma dos estádios deve expressar uma simbologia dinâmica, plástica, fluente e orgânica: uma imagem de mobilidade e movimento que se distancie ao mesmo tempo do símbolo de estádio como forma centralizada de poder para tornar-se de um local de comprometimento ambiental e ecológico.

Em uma situação urbana, várias necessidades importantes devem ser exploradas. Primeiramente, a oportunidade de integrar o estádio com um projeto de desenvolvimento cívico e comercial, no qual se possa acrescentar hotel, escritórios e shopping. Os benefícios da mídia e o apelo que tal projeto tem condições de gerar não podem ser mensurados monetariamente. Entretanto, os benefícios do projeto do estádio e suas acomodações de suítes, áreas convivência e pontos de venda podem ser medidos em função das receitas que proporcionam.

O desafio então é construir de um estádio que seja um ícone civil integrado com o ambiente em sua volta, e que possa até mesmo não parecer de imediato com um estádio, mas que sugira uma nova experiência conceitual tanto interna como externamente. A era de um estádio visto como objeto solitário e isolado em um parque pertence ao passado. O que se aspira hoje é a imagem de um estádio que tire partido de sua própria localização, integrando-se à paisagem urbana de forma contínua, nova e vital.

Momento de Legado

Na esfera econômica, Momento de Legado refere-se à capacidade da cidade e da economia regional seguir seu crescente caminho após o imediato e natural decréscimo da atividade econômica ao término dos Jogos. A capacidade de atingir momento se relaciona a diversos fatores. Primeiro, os Jogos devem complementar um plano pré-existente de regeneração que envolve novas fases após o evento. Segundo, o conhecimento-base derivado da preparação e organização dos Jogos não deve ser disperso após seu término; ao contrário, deve ser utilizado para promover inovações subsequentes na cidade e na região. Finalmente, as consequências negativas e omissões na fase relacionada aos Jogos são direcionadas em subsequentes projetos de desenvolvimento urbano. Barcelona (1992) é o melhor exemplo de uma cidade-sede que obteve Momento de Legado (Impact Studies – LERI / UEL, 2007).

Impacto Econômico

Uma breve revisão da literatura sobre o impacto econômico de megaeventos esportivos sugere algumas cuidadosas conclusões. Primeiro: os estudos de impacto econômico freqüentemente extrapolam o verdadeiro impacto do evento; as estimativas prévias (ex ante) tipicamente excedem as previsões (ex post) do desenvolvimento econômico de uma cidade. Segundo: estudos econômicos “instantâneos” freqüentemente falham em contextualizar o impacto com referência à localização e à posição da economia da cidade num ciclo de desempenho mais amplo. Terceiro: estudos sem profundidade freqüentemente não deixam claras as suposições implícitas dos efeitos multiplicadores e de deslocamento. Quarto: estudos mais amplos podem incluir importantes efeitos intangíveis e, ao fazê-lo, procuram associações entre o evento e os indicadores sociais que, na prática, são difíceis de se conectarem com alguma acuidade real, (fitness e saúde; participação no esporte e criminalidade juvenil).

Finalmente, estudos longitudinais são relativamente recentes e bem-vindos desenvolvimentos de pesquisa de megaeventos. Estudos retrospectivos em cidades-sede revelam, contudo, dificuldades em assegurar integridade e confiabilidade na comparação de dados (Modelo 3D, DA COSTA, 2007)

Conclusão: legado ideal – uma utopia?

Um visão de conjunto das seções anteriores permite concluir que o legado ideal é o que consegue ser positivo em todos os aspectos: esportivo, econômico, social e ambiental. Com planejamento, ter sucesso em todos os quesitos, já é algo bastante difícil; na ausência de planejamento, praticamente impossível.

Na mente do planejador estará sempre presente a negociação entre o tangível e o intangível ao propor o pós-uso e a gestão das instalações projetadas e construídas para megaeventos esportivos. Fatores como localização, renda média, grau de instrução e ambiente cultural, aliados a uma política de esportes e lazer moderna e consistente, devidamente amparada por adequado suporte de legislação, são alguns dos fatores que influenciam nas opções e decisões técnicas a serem propostas para os projetos.

Quanto à sustentação econômica, é da esfera política conciliar os tangíveis benefícios econômicos com os intangíveis objetivos sociais do esporte para todos.

Referências

BONNENFANT, R. La modernization des Équipements et Installations Sportifs. AIRES: Association pour L'Information et la Recherche sur Équipements de Sport et de Loisir, Édition de la Lettre du Cadre Territorial, 2001.

CHERNUSHENKO, David. Sustainable Sport Facilities - Sport Facilities and a Sense of Place. Lausanne: The Second Joint Conference organized by the International Olympic Committee and the International Union for Architects Sport and Leisure Programme, 2002.

DACOSTA, Lamartine. Beijing 2008 e a Busca de um Modelo de Avaliação e de Gestão de Legados de Megaeventos Esportivos (Modelo 3D). III Fórum Olímpico – São Paulo / USP, set. 2007.

EISEMANN, Peter. Architecture and International Sporting Events: Future Planning and Development. Lausanne: The Second Joint Conference organized by the International Olympic Committee and the International Union for Architects Sport and Leisure Programme, 2002.

POYNTER, Gavin; MACRURY, J. Impact Studies of Olympic and Paralympic Games: key findings. London East Research Institute, University of East London.

PREUSS, Holger. Economics of the Olympic Games. Walla Press, 2000.

RIBEIRO, Fernando Telles. Instalações Esportivas – Planejamento e Desenvolvimento – In: Atlas do Esporte no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, 2005. (Disponível versão 2007 em www.atlasesportebrasil.org.br)

SAWYER, Thomas H. Facilities Planning for Health, Fitness, Physical Activity, Recreation and Sports – Concepts and Application. Sagamore Publishing, 10th Edition, 2002.

VIGNEAU François. Les Espaces du Sport: la conception réductrice du. Presses: Universitaires de France, 1998.

WEBER, Wolfgang. The Economic Significance of Sport -Sport Economy. Bundesinstitut für Sportwissenschaft, Research Group. 1996.

Em Busca de uma Definição de Legado na Perspectiva de Megaeventos Olímpicos

Janice Zarpellon Mazo
Luis Henrique Rolim
UFRGS
Lamartine Pereira DaCosta
Grupo de Estudos Olímpicos – UGF/RJ

In search of a definition for legacy from the perspective of Olympic mega-events

This paper aimed to point out characteristics of legacies of sports mega-events through a review of the Olympic Studies literature. Legacies could be analyzed from tangible and intangible categories. This model of analysis would be a suggestion to diminish the debate between generic and specific definitions of legacies of sports mega-events.

Legado pode ser definido no senso comum como ‘algo que se recebeu’, ou melhor, que ‘deixou a outrem ou a posteridade’. Nesse sentido, se pensarmos no legado que um megaevento esportivo ‘deixou à cidade que a recebeu’, constitui no que queremos chamar de ‘legado na perspectiva de megaeventos esportivos’. O presente estudo propõe-se a caracterizar os legados dos megaeventos esportivos por revisão de textos vindo de autores relacionados aos Estudos Olímpicos focalizando, sobretudo definições.

Um dos megaeventos esportivos mais cobiçados do mundo se denomina: Jogos Olímpicos¹. O legado dos Jogos torna-se um tópico importante não só para a cidade que irá sediar os Jogos, mas também e, principalmente, para o Movimento Olímpico, pois muito do poder desse Movimento provém dos seus sítios e símbolos e de seu patrimônio histórico (CASHMAN, 1998). Entretanto, existe uma diferença no pensar desse legado para o Comitê Olímpico Internacional (COI) e para a cidade que irá sediar os Jogos.

O COI possui o Museu Olímpico, em Lausanne, como uma espécie de sítio central, específico para cuidar, guardar, sustentar e sistematizar o legado olímpico através da sua história e dos ideais do Movimento Olímpico. Já as cidades sedes dos Jogos Olímpicos estão pressionadas, em um curto espaço de tempo, para planejar e organizar tudo que envolve esses Jogos. Sendo assim, existe uma demanda maior por parte dos organizadores em cogitar nas condições imediatas que a cidade deve ter para sediar com sucesso os Jogos Olímpicos (CASHMAN, 1998). Apesar dessa diferença, uma cidade sede de Jogos Olímpicos, deve pensar que os Jogos propriamente ditos passam num ‘pisar de olhos’ e o ‘Pós-Jogos’, em que o legado está inserido, pode ser um período longo de décadas.

O sentido multidimensional do legado

O legado varia muito de uma cidade para outra, podendo ser: construções, monumentos, obras de arte, galerias e museus, repositories e arquivos, selos, souvenirs,

1 - Quando se aborda o termo Jogos Olímpicos se cogita tanto nos Jogos de Verão como nos Jogos de Inverno, além dos respectivos Jogos Para-olímpicos.

recordações, placas e até nomes de ruas. Há ainda o legado que fica registrado na memória oral dos moradores e demais pessoas envolvidas no evento. Na cidade-sede do evento poderão existir campeões olímpicos, que serão lembrados pelos moradores através de testemunhos orais sobre a experiência olímpica da cidade e do país. Algumas cidades fazem cerimônias como 'aniversários dos Jogos', para reviver a 'magia olímpica' e marcar definitivamente os Jogos Olímpicos na história da cidade (CASHMAN, 1998). Cabe a ressalva sobre a existência de impactos negativos dos Jogos como os débitos - e ocasionalmente lucros como legados - para os cofres da cidade e os impostos.

Dentro dessa variedade de legados possíveis, podemos categorizá-los em tangíveis e intangíveis. Assim pode ser considerado legado tangível toda a infra-estrutura do megaevento, pois ela é suscetível a análise econômica de custo-benefício. Já o impacto cultural do megaevento, pode ser considerado legado intangível, pois seus efeitos repercutem de modos diversos: às vezes para legitimar mudanças, outras vezes para lançar uma larga sombra sobre a cidade ou área associada a um projeto falho (POYNTER, 2007).

Os megaeventos significam mudança e transição, portanto, seu legado é um misto de tangível e intangível. No estudo comparativo entre quatro cidades olímpicas, Poynter (2007) sugere que o sucesso de um megaevento tem base na capacidade a ser utilizada para iniciar futuros programas de renovação e regeneração na cidade e obter amplo suporte público para fazê-lo. Dessa forma a cidade alcançaria o denominado Legacy Momentum.

Na esfera econômica Legacy Momentum refere-se à capacidade da cidade e da economia regional seguir seu crescente caminho após o imediato e natural decréscimo da atividade econômica que surge ao término dos Jogos. A capacidade de atingi-lo se relaciona a diversos fatores. Primeiro, os Jogos devem complementar um plano pré-existente de regeneração que envolve novas fases após o evento olímpico. Segundo, o conhecimento-base derivado da preparação e organização do evento não deve ser disperso ao término dos Jogos, mas, ao contrário, utilizado para promover inovações subseqüentes na cidade e na região onde foram realizados (POYNTER, 2007).

Assim todas as cidades buscam ganhos de legado hard: infra-estrutura, reorientação dos espaços da cidade, aumento do conforto, novos tipos de uso dos terrenos e atividades econômicas. As cidades também têm importantes ganhos soft em termos de confiança, entusiasmo, reputação, incremento do turismo nacional e internacional, status e orgulho local (POYNTER, 2007). É necessário algum tempo para que o sucesso dos legados hard e soft seja confirmado. Existe uma tendência para os legados hard se transformarem em ícones e monumentais atrações turísticas. Legados soft tornam-se hard quando fatores positivos de estruturas de governança e de atitudes tipo: 'é possível fazer', evoluem para formar redes sociais favoráveis.

Legado não é um status a alcançar – um resultado – ao contrário, descreve a expansão progressiva de realizações multiformes. O bom legado é o que é dirigido por um momentum contínuo (nascido de fatores soft), mas esporádico em alguns pontos. O momentum de legado sócio-cultural positivo emerge quando os mencionados fatores estão suficientemente evidenciados na cidade-sede. Conforme Poynter (2007), tais fatores de legado soft mantêm a coordenação, a comunicação e o consenso antes, durante e após os Jogos. Portanto, todas as formas de legado são feitas para demonstrar uma particularidade conferida à cidade: o status de cidade olímpica.

Definições antecedentes ao Momentum do legado

As posições de Cashman e de Poyter podem ser geralmente consideradas como características de uma fase inicial de abordagem do nexos de legado olímpico (1998) e de outra mais avançada que aborda no mesmo nível interesses olímpicos e demandas sócio-culturais das cidades sede do Jogos (2007). Uma identificação inicial destas duas fases surgiu pela realização em Lausanne, na sede do COI em 2002, do Simpósio Internacional “The Legacy of the Olympic Games 1984 – 2000” (IOC, 2003) reunindo pela primeira vez especialistas em legados dos Jogos Olímpicos, com 53 contribuições acadêmicas.

Este evento foi aberto quanto à apresentação de contribuições por Richard Cashman que insistiu na complexidade de se buscar uma definição apropriada para “legado” dos Jogos Olímpicos. Este especialista australiano então sugeriu que se adotasse uma definição genérica e operacional de gestão para a qual exemplificou: “Os legados se relacionam ao planejamento prudente e sustentável que assegura o alcance de resultados efetivos” (IOC, 2003, p. 41).

De um modo geral, os participantes do Simpósio estavam harmonizados com a proposta de Cashman embora com abordagens diferentes. Barney (IOC, 2003, pp. 43 – 45) apelou para a simplificação: “Legado é algo recebido do passado que possui valor presente e certamente valor futuro”; neste caso, o especialista canadense apontou para a necessidade de abrangência de áreas típicas de legados como cultura, símbolos, marca, mídia etc.

Jean-Loup Chappellet, especialista suíço em Jogos Olímpicos de Inverno, sugeriu concentrar as atenções sobre legados em aspectos materiais e discerníveis tais como infra-estrutura esportiva e urbana, apoio ao turismo e outros, todavia considerando adicionalmente efeitos não tangíveis de sentido sócio-cultural, mediático etc (IOC, 2003, 54 – 55); para este autor uma generalização conceitual de legado seria “o impacto de longo prazo na cidade sede dos Jogos e na região vizinha, e por vezes no país receptor”. Neste contexto, Moragas defendeu uma abordagem multidisciplinar na conceituação de legado, podendo com esta escolha abranger condições tangíveis e intangíveis (IOC, 2003, p. 40).

Contribuições menos generalistas aparecerem nos textos do Simpósio, com se verificou em Tarradellas centrando no meio ambiente o nexos dos Jogos por meio do conceito de sustentabilidade (IOC, 2003, pp. 74 – 80). Moragas, por seu turno, priorizou os voluntários como um dos legados principais dos Jogos Olímpicos (IOC, 2003, p. 40). Estas particularidades foram apresentadas por seus autores como condicionantes dos Jogos como um todo.

Considerações finais

A busca de uma definição adequada para legado dos empreendimentos olímpicos de grande porte aparentemente não esgotou suas possibilidades, sendo que a síntese de Poyter estaria abrindo um novo patamar de análises e correspondentes revisões na temática ora em exercício. Entretanto uma simples apreciação dos trabalhos apresentados no Simpósio de Lausanne, 2002, ofereceu indicações de um porvir de convivência entre definições generalistas e definições particulares. Esta interpretação, aliás, foi encontrada nos registros do Simpósio citado quando nas conclusões admitiu-se que “o legado olímpico é multidisciplinar e dinâmico – mudando no tempo – sendo afetado por uma variedade de fatores locais e globais” (IOC, 2003, p. 401).

Referências

CASHMAN, Richard. Olympic Legacy in an Olympic City: Monuments, Museums and Memory. *Global and Cultural Critique: Problematizing the Olympic Games: Fourth International Symposium for Olympic Research*, October, 1998, p. 107-114.

POYNTER, Gavin. *From Beijing to Bow Bells: Measuring the Olympics Effect*. Working Papers in Urban Studies: London East Research Institute. March 2006 (tradução Fernando Telles).

IOC. *The Legacy of the Olympic Games 1984 – 2000*. Moragas, M., Kennet, C., Puig, N. (Orgs). Lausanne: Olympic Museum, 2003.

2 - Cultura, Lazer e Regeneração Urbana **Culture, leisure and urban regeneration**

Regeneração Urbana e **Legado Olímpico de Londres 2012**

From Beijing to Bow Bells: Measuring The Olympics Effect 2006

Gavin Poyter
London East Research Institute
University of East London

Tradução e Prefácio:
Fernando Telles Ribeiro
Núcleo de Pesquisa em Tecnologia da Arquitetura
e Urbanismo da Universidade de São Paulo – NUTAU

Texto em português publicado com autorização do autor
para propósitos acadêmicos

Urban Regeneration and Olympic Legacy of London 2012 This paper analyses what is often called the ‘Olympic Effect’ or legacy¹. Social, economic, political, cultural, environmental aspects must be considered when the objectives of the legacy of an Olympic event are explicitly related to a relatively poor region of a major city. The changing social and political significance of staging the Olympic Games, and gauging its legacy, is a recurring theme of this paper. The growth in importance attributed to the Olympic Games as a mega ‘global-event’ has been reflected in recent times by the huge increase in the number of cities bidding to host the event. The competition to host the Games in 1922 involved just over 20 cities, this rose to over 40 cities competing for 1964 and by 2008 more than 50 cities entered the competition. The city that hosts the Olympic Games seeks to boost its image as an advanced metropolis, a ‘global’ city and international centre for business and commerce. There are several difficulties in measuring the ‘Olympic Effect’ of the Olympic Games despite the existence of countless studies and reports that have been written by scholars and by specialists of the business world over recent decades. Clearly, over the recent history of Olympic Games, the secondary impact – transportation, telecommunications, environment, social life, sports facilities and housing – has assumed considerable significance both in relation to the bidding for the Games and in terms of evaluating their success. Whilst the main focus of economic impact studies represents the tangible aspect, using cost/benefit analysis, Olympic host cities have also identified intangible costs and benefits. Some analyses have suggested that host cities benefit more from the intangible rather than the tangible. The London bid was successful with its emphasis on non-sport related outcomes and its focus on using the Games as a vehicle for the pursuit of non-elite participation in sports and exercise. Evaluating the Olympic legacy is a complex matter. To distinguish between the event-related effects and the longer term legacy requires rigorous methodology and openness about underlying assumptions and methods of measurement. (The original reference of this summary is the working paper “From Beijing to Bow Bells: Measuring the Olympics Effect”, Gavin Poynter, London East Research Institute - Urban Studies, March 2006).

Prefácio

Gavin Poynter é Professor e Diretor da Escola de Ciências Sociais, Mídia e Estudos Culturais da Universidade de East London, como também membro do London East Research Institute (LERI), tendo publicado diversas pesquisas sobre emprego, economia e mudanças sociais. Em conjunto com seus colaboradores no LERI, ele está atualmente preparando um livro sobre London 2012 incluindo áreas contíguas regeneradas como Thames Gateway. Neste âmbito de atividades acadêmicas, o presente texto ganha significado considerando que seu tema central é o da avaliação dos efeitos causados pelo impacto de um megaevento esportivo com base no sucesso da candidatura de Londres como sede dos Jogos Olímpicos de 2012.

Analisar e avaliar tais efeitos é uma tarefa complexa a qual foi enfrentada inicialmente pelo Dr. Poynter optando pelo levantamento histórico das mais recentes candidaturas, com particular atenção a Beijing e sua temática, bem como as motivações de cada uma das vitoriosas cidades-sede que a precederam, em especial pelo fato do legado vir assumindo papel de relevância e de tema central, notadamente nas disputas de 2008 e 2012. A partir desta abordagem, o autor progride até a regeneração em andamento da área leste da cidade de Londres ou East London, beneficiando os municípios de Hackney, Newham e Tower Hamlets e o próprio Stratford, local escolhido para a construção do Parque Olímpico.

Neste contexto, torna-se significativo citar o comentário de Jack Straw, Secretário do “Foreign and Commonwealth Office” no dia seguinte ao anúncio da vitoriosa candidatura de Londres:

A candidatura de Londres foi construída com uma visão Olímpica especial. A visão de uma Olimpíada que não representaria apenas uma celebração do esporte, mas uma força de regeneração. Os Jogos irão transformar uma das mais pobres e carentes áreas de Londres. Serão criados milhares de empregos e moradias; serão oferecidas novas oportunidades de negócios nas áreas diretamente envolvidas e em toda Londres. Um dos argumentos que tornou a candidatura bem sucedida foi o fato de contemplar a juventude em dois importantes aspectos: encorajar os mais jovens a se manterem em forma e envolvidos em esportes e de se oferecerem como voluntários para a causa olímpica.

Como as demais candidaturas, a proposta de Londres seguiu padrões e configurações estabelecidas pelo Comitê Olímpico Internacional, sendo propostas 33 instalações: 15 já existentes, 9 a serem construídas de forma permanente e mais 9 temporárias.

A despeito de ser considerada como segunda ou terceira favorita atrás de Paris e Madrid, atribui-se o sucesso de Londres às propostas de regeneração urbana e legados esportivos direcionados à prática esportiva particularmente entre os jovens, com reflexos na população de um modo geral. É importante mencionar que pesquisas vêm detectando preocupante declínio de interesse pela prática de esportes e atividades físicas no Reino Unido.

A partir do sucesso da candidatura, diversas ações foram iniciadas, destacando-se a participação da UEL (University of East London) através do LER. Ao Instituto foi atribuída a tarefa de desenvolver estudos direcionados ao legado ou “Efeito Olímpico” dos Jogos, fossem eles de natureza tangíveis ou intangíveis, de curto, médio ou longo prazos, envolvendo aspectos esportivos, econômicos, sociais e ambientais.

A metodologia adotada nos estudos efetuados pelo LERI concentrou-se em desenvolver pesquisas e levantamentos de natureza sócio-econômica referentes aos mais recentes Jogos Olímpicos, a partir do último quarto do século XX, iniciando essas análises pelos Jogos Olímpicos de Montreal (1976). O presente documento aborda com competência e profundidade aspectos tanto positivos quanto negativos relacionados ao conceito, planejamento e organização desses Jogos, buscando auferir úteis ensinamentos e reflexões que contribuam para a apresentação de uma bem fundamentada proposta de planejamento de legado para os Jogos de Londres 2012.

Como o próprio Gavin Poynter ressalta na introdução, “avaliar os efeitos de megaeventos como os Jogos Olímpicos é uma tarefa complexa. Os custos e benefícios sociais para a cidade-sede não são fáceis de estimar”. A evidência disponível da experiência de cidades que receberam Olimpíadas nas últimas décadas demonstra que as expectativas positivas concebidas durante a fase de proposta da candidatura são freqüentemente exageradas o que nos permite considerar que há os que ganham e os que perdem como decorrência da realização dos Jogos. No caso de Londres isto é particularmente crucial, tendo em vista que diversos projetos sociais e urbanos importantes encontravam-se em curso, independente de vitória ou não da candidatura aos Jogos de 2012.

O efeito primário em sediar uma Olimpíada manifesta-se na forma de pressões sobre planos existentes, cada um deles seguindo seu curso natural não fosse o impacto de um evento dessa magnitude. Uma das grandes virtudes de um megaevento é o de criar um ambiente favorável à aceleração de projetos de desenvolvimento social e regeneração urbana sob condições políticas, econômicas e sociais extremamente favoráveis.

A associação entre os Jogos de 2012 os planos de infra-estrutura e regeneração do Thames Gateway em curso, geraram e ainda geram inevitáveis disputas entre as agências locais e regionais responsáveis pela condução dos planos de desenvolvimento dessas áreas. Integrá-las reveste-se em difícil missão. É bem provável que a Olimpíada e sua economia “satélite” venham a atrair investimentos que de outra forma poderiam ser aplicados ao longo do Thames Gateway – isto é freqüentemente denominado de “efeito de deslocamento”. Se por um lado há predominantes benefícios, por outro há os que “perdem” em decorrência do “efeito de deslocamento”. Algumas medidas estão sendo tomadas para minimizar tais efeitos, mas sua análise não cabe no presente estudo.

Introdução

Tudo mudará para melhor... o que ajudará a nos tornar famosos

Estou 100% a favor da regeneração se direcionada aos ‘East Enders’, mas devemos nos assegurar de que não seja mais um esquema que dê carta branca para que grandes empresas façam das Olimpíadas um grande negócio

Algumas pessoas vencerão e outras perderão, como nas Olimpíadas¹

1 - Percepções colhidas da população local na semana seguinte ao anúncio do sucesso da candidatura de Londres para receber as Olimpíadas de 2012. Fonte: COHEN, P. e MACRURY, I. Hopeful or worried but not yet jumping for joy (Esperançosa ou preocupada, mas não ainda pulando de alegria) Alguns temas emergentes de um estudo piloto da candidatura Londres 2012, Rising East Online Issue no 2 August 2005. Veja também ‘Carrying the Torch’, LERI Report 2006.

Ao receber a notícia do sucesso da candidatura de Londres para os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos² de 2012, a mídia deslocou-se para East London, particularmente Stratford a fim de sondar a opinião dos moradores locais. Amplos comentários de apoio ponderavam sobre quais seriam os vencedores e quais seriam os perdedores como resultado da implementação de um plano de renovação urbana associado à organização dos Jogos de 2012. Nos meses subseqüentes ao anúncio da vitória de Londres, centros cívicos e comunitários estavam abarrotados de panfletos proclamando os impactos positivos decorrentes de sediar as Olimpíadas. Líderes políticos e civis manifestavam entusiasmo e apoio nos jornais locais e em incontáveis programas de rádio e TV³. Os eventos relacionados às Olimpíadas iniciaram-se quase que imediatamente com, por exemplo, a autoridade local de Newham distribuindo ingressos livres a jovens e estudantes para uso das instalações de esportes e encorajando-os a passar as férias praticando atividades físicas estruturadas. Anunciou-se que crimes juvenis nos bairros tiveram queda em torno de 25% nos meses de verão de 2005⁴(4). Os “efeitos” positivos relacionados às Olimpíadas iniciaram-se, ao que parece, nas semanas subseqüentes anúncio do sucesso da candidatura de Londres. Assim foram as visões e opiniões colhidas de muitos residentes locais, caracterizadas por comentários sobre vencedores e perdedores e justificadas particularmente pelo impacto catalisador do anúncio resultar em novas iniciativas comunitárias e entusiasmo público manifestado por líderes locais e nacionais.

Avaliar os efeitos de megaeventos como os Jogos Olímpicos é um assunto complexo. Os custos econômicos e sociais bem como os benefícios para as cidades-sede ou região não são fáceis de estimar. A evidência, com base na experiência de cidades que em décadas recentes foram sedes de Olimpíadas, sugere que tende a serem exageradas as afirmações positivas para sediar o evento, manifestadas com frequência durante a própria disputa. Por essa razão, é bem razoável indagar quais serão os vencedores e os perdedores.

Este estudo analisa o que é freqüentemente chamado de “efeito Olímpico” ou “legado”. Ele capta experiências de cidades-sede de Olimpíadas passadas, objetivando identificar alguns dos fatores chaves que irão determinar o impacto econômico e social, bem como projetos de regeneração urbana tal como o desenvolvimento do Thames Gateway em Londres.

O texto identifica múltiplos fatores de natureza social, econômica, política, cultural e ambiental, os quais devem ser considerados quando o objetivo e legado de um evento Olímpico estão explicitamente relacionados com a regeneração de uma região relativamente pobre de uma grande cidade como a que está sendo realizada em East

2 - Ao longo deste documento, os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos são referidos, para maior precisão, como Jogos Olímpicos. Os Paraolímpicos são financiados de forma diferente dos Jogos Olímpicos. O foco deste documento são os efeitos “econômicos” do evento Olímpico.

3 - No período que precedeu o anúncio do sucesso da candidatura, uma pesquisa do COI concluiu bem menos suporte para a candidatura do que o verificado no registro de votos da campanha. Como resultado, a equipe da candidatura distribuiu um folheto, “Leap for East London” para ajudar a conquistar corações e mentes.

4 - MUIR, H. “Sport drive sees drop in crime for Olympic borough” (Incentivo ao esporte vê queda em crime na área Olímpica) Guardian, August 8, 2005. Esta declaração é contestada pela Pesquisa criminal de Londres, fundamentada em que relatórios de aumento de criminalidade durante os dias de descanso e sua direta correlação entre delinquência juvenil e o nível de participação em esportes é historicamente fraca.

London⁵, e da forma como o Comitê Olímpico Internacional (IOC) requer para as cidades que participam do processo de candidatura para Jogos Olímpicos e Paraolímpicos⁶. Neste contexto, a cidade sede não só aspira como também é solicitada pela entidade internacional a produzir um evento que celebre os mais elevados níveis de realização, ao mesmo tempo em que atenda um amplo leque de benefícios sociais, culturais e de políticas econômicas que não fazem parte diretamente da indústria do esporte propriamente dita.

Ao assumir este papel, os Jogos Olímpicos tornam-se um veículo orientado para um processo mais amplo de engenharia social ou “regeneração”, uma forma de “politização” do esporte que é um pouco diferente dos tipos de intervenção política que conduzem a protestos do tipo “black power” no ano de 1968 ou do boicote do evento por certas nações em 1976 e 1980. A mudança social e de significado político em sediar uma Olimpíada e avaliar o seu legado é um tema recorrente neste documento.

O estudo inicia com o exame do por que tanta importância é atribuída ao conceito de legado, propondo-se a revisar as atuais abordagens e metodologias utilizadas para medir o efeito olímpico, considera alguma das experiências de cidades que recentemente receberam Jogos Olímpicos e, finalmente, discute o relacionamento entre os Jogos Olímpicos e a ampla regeneração do Thames Gateway.

A Importância do Legado

No tempo em que Pierre Coubertin estabeleceu os modernos Jogos Olímpicos no final do século XIX, os Jogos têm refletido a promoção e representação de valores sociais e políticos de seu tempo, frequentemente refletindo os prevalentes ou contestados valores das nações participantes e, ocasionalmente, dando oportunidade para protestos vindos de baixo⁷. Para Coubertin, as Olimpíadas significavam a celebração da ciência, razão, progresso e busca da perfeição, uma perspectiva universal que procurava se elevar acima dos particulares interesses das nações. Mais frequentemente, no século XX, as Olimpíadas proporcionavam um palco internacional para a expressão dos competitivos interesses ideológicos das nações dominantes. Em 1936, as Olimpíadas de Berlim simbolizaram o embate entre o fascismo e a democracia; e, entre 1948 e 1972, os Jogos tiveram lugar com a guerra fria como pano de fundo. Neste sentido, o legado político e social focalizou-se sobre o próprio evento e o efeito econômico foi menos específico quanto aos Jogos e mais simbólico quanto à alegada superioridade de um particular sistema sócio-econômico. A Olimpíada significou apenas um pequeno peão num grande jogo político. Isto ficou particularmente evidente nos fins de 1960 e 1970, quando a escala e o custo de organizar uma Olimpíada pareciam exceder seu valor em termos políticos e econômicos.

Durante os anos de 60 e 70, houve um particular problema em encontrar desejosos anfitriões, considerando que o custo e escala dos Jogos eram considerados proibitivos. Quando esses fatores foram combinados com problemas políticos de segurança (direitos civis dos negros no México em 1968 e o conflito árabe-israelense

5 - London Bid Book and IOC Evaluation London 2012 Candidate City.

6 - Veja, por exemplo, International Olympic Commission (IOC) (2005) Report on the IOC Evaluation Commission for XXX Olympiada in 2012. IOC: Lausanne.

7 - MacALOON, J. Anthropology of the Olympic Games. In KLAUSEN, A. ed. Olympic Games a Performance and Public Event, Oxford: Berghalm Books, 1999. p. 12-13.

em Munique em 1972), receber as Olimpíadas não era percebido como uma opção atraente. O ano de 1976 representou um ponto de inflexão quando Montreal foi a eventual vencedora – embora esse evento e as Olimpíadas de Moscou em 1980 foram sujeitas a boicotes oficiais por nações africanas em 1976 e dos EUA com mais 61 outras nações em 1980. O boicote africano surgiu da participação da Nova Zelândia, uma nação que se recusou a unir-se ao boicote esportivo contra o “apartheid” na África do Sul. O boicote dos Estados Unidos deveu-se à invasão soviética do Afeganistão. Não obstante esses recuos, o número de cidades candidatas cresceu acentuadamente a partir da metade dos anos 80, com americanos e europeus dominando o processo. De forma clara, o término da guerra fria facilitou a redução de boicotes oficiais do tipo experimentado nos anos 70. Mas afinal, o que mudou o destino das Olimpíadas, enquanto evento, para que em recentes décadas importantes cidades e governos nacionais venham lançando gigantescas campanhas para sediá-las?

Nos Estados Unidos da América e na Europa Ocidental os anos 70 foi a década em que teve fim o crescimento econômico da “golden age” pós 1945. Na América dos anos 70 a ajuda federal para as cidades diminuiu significativamente e os governos locais tiveram que buscar novas fontes financeiras para seus planos de desenvolvimento econômico. Planejadores urbanos tiveram uma série de complexos problemas com que lidar. Primeiro, o declínio dos complexos urbanos industriais, como foco de emprego local e identidade da cidade, foi acelerado pela recessão das indústrias de manufatura e de base de produção nos EUA (e também no Reino Unido) ao final dos anos 70 e início dos 90. Segundo, a redução em ajuda federal significou que os governos das cidades tinham que pensar em novas formas de obtenção de fundos, além da tradicional dependência a orçamentos financeiros e taxas locais. Finalmente, os centros urbanos em cidades como Chicago, Los Angeles e Atlanta possuíam grandes áreas decadentes e socialmente carentes que requeriam ações urgentes para se evitar repetidas experiências de conflitos raciais e distúrbios sociais.

As mais empreendedoras cidades norte-americanas, freqüentemente localizadas em regiões mais afetadas por “desindustrialização” e reestruturação econômica, adotaram uma política de desenvolvimento econômico baseada no consumo e focalizada na atividade pós-industrial baseada em serviço (ANDRONOVICH, BURBANK, E HEYING, 2001, p. 114). Cidades como Nova York e São Francisco edificaram complexos de arte e entretenimento, centros de convenções, museus e shopping malls, bem como dispuseram espaços para revendas, escritórios corporativos e governamentais (ZUKIN, 1991). Outras cidades como Miami e Orlando criaram o que Hannigan (1998) referiu como fragmentos de uma paisagem urbana, nas quais são desenvolvidas cidades “fantasias” temáticas de forte marca, em constante operação, desenho modular, apartadas de vizinhança próxima e com características pós-modernas (ANDRONOVICH, BURBANK E HEYING, 2001, p. 115).

A construção da “Cidade Fantasia” focaliza-se em atrações para visitantes, eventos de prestígio e festivais temáticos. Sua construção é basicamente desenhada para se conformar mais às imagens e expectativas do visitante do que às necessidades daqueles que nela vivem. Financiar seu desenvolvimento tem freqüentemente gerado problemas políticos e financeiros locais, em parte devido a complexos arranjos públicos/privados sobre os quais seu desenvolvimento depende. A história do desenvolvimento de instalações para eventos e, por exemplo, os centros de convenções no contexto norte americano, ilustra como a construção de Cidades Fantasia tem

freqüentemente se apoiado sobre a diluição do papel do governo local no processo de planejamento e ausência de exame público sobre os arranjos financeiros para construí-la. Neste sentido, programas de regeneração urbana com base em consumo têm sido freqüentemente acompanhadas de adaptações da política local para acomodar o papel (com finalidade especial) de agências quase-governamentais junto a parceiras público / privadas necessárias para criar uma moldura financeira destinada à sua implementação. (SANDERS, 1992).

As Olimpíadas conferem um atraente prêmio para uma cidade empreendedora que procura um pouco de “fantasia” em futuro não muito distante. O crescimento e importância atribuídos às Olimpíadas como um megaevento global reflete-se nos tempos atuais pelo grande aumento no número de cidades candidatas a sediar o evento. A competição para sediar os Jogos em 1992 envolveu mais de 20 cidades; aumentou para 40 cidades na competição em 2004 e, em 2008, mais de 50 cidades entraram na disputa. As Olimpíadas assumiram um crescente significado para cidades empreendedoras que procuram estimular a abordagem norte-americana para regeneração urbana e desenvolvimento, através do que os economistas têm denominado de desenvolvimento econômico com base no consumo (consumption led). O apelo desta abordagem para renovação urbana tem sido corroborado não somente pela elevada demanda decorrente de reestruturação econômica doméstica e de mudanças de modelos de consumo, mas também pelas correspondentes mudanças na economia internacional e, em particular, em setores como indústrias de mídia, telecomunicações, lazer, viagens e turismo. Estes setores têm assumido dimensões globais através de um complexo modelo de convergência tecnológica e de um desenvolvimento associado de mercado de massa (mass market) com base na televisão digital por satélite, produções de mídia global, viagens de longa distância a baixo custo e pacotes de férias. Enquanto os organizadores do evento olímpico podem estar recebendo algum benefício imediato proveniente da venda de direitos de cobertura da mídia, a cidade que recebe as Olimpíadas procura enaltecer sua imagem como uma metrópole adiantada, uma cidade “global” e um centro internacional para comércio e negócios.

Certamente que tais possíveis ganhos devem ser contextualizados. Em anos mais recentes, cada cidade ou governo nacional que realizou as Olimpíadas tem utilizado o evento para atingir uma combinação de metas locais e, em alguns casos, nacionais. Para Atlanta (1996) os Jogos foram idealizados para prover um foco para cidade de modo a torná-la um importante centro de negócios - uma localização para importantes companhias americanas e internacionais. Barcelona (2002) e Atenas (2006) procuraram revitalizar suas respectivas cidades como centros de comércio europeu e turismo, enquanto que Beijing (2008) representa a vitrine de uma economia chinesa que experimenta taxas recordes de crescimento e que busca reconhecimento internacional por seu relativamente recente reingresso no sistema econômico mundial através de associação junto à Organização Mundial de Comércio (WTO) e de sua crescente reputação como o parque industrial (manufacture workshop) do mundo.

O renascimento do interesse em sediar as Olimpíadas apresenta muitas dimensões. Um estímulo chave para muitas cidades européias e norte americanas tem sido a possibilidade de utilizar o evento para catalisar uma forma de expansão econômica pós-industrial, baseada principalmente no crescimento do setor de serviços e

da produção industrial que o abastece. Este “modelo” de planejadores urbanos nos EUA emergiu primeiramente como resposta à declinante ajuda governamental e “desindustrialização” experimentada por centros urbanos que se seguiu ao prolongado período de reestruturação econômica iniciado nos anos 70.

A realização de uma Olimpíada ou qualquer outro evento de larga escala torna evidente o exemplo de estratégia de regeneração que mais frequentemente tem dado nascimento a novos centros de convenções, instalações culturais, centros esportivos, parques temáticos e shopping malls em muitas cidades norte-americanas nos anos 70 e 80. A estratégia abrange novas formas de financiamento, aceleração de desenvolvimento e renovação urbana, enquanto combina elementos de mudança política e re-engenharia social com o objetivo de reduzir as tensões internas no âmago das cidades e seu potencial latente de inquietação social.

Para economias emergentes como Coréia e China, sediar as Olimpíadas significa “entrada” no mundo pós-industrial que abrange centros globalizados, no qual as culturas locais e instituições se combinam com aspectos ou modelos de cidades “fantasia” que criam uma mistura (heady mix) nova. A bem sucedida candidatura da Coréia para os Jogos de 1988 representaram, por exemplo, seu ingresso no nível internacional como nação industrial; um país que procurou minimizar o papel de seu governo militar, buscando ampliar suas ligações com a Coréia do Norte e marcando seu papel estratégico na região asiática. Ao que parece, obtiveram o desejável efeito ao terem sediado as Olimpíadas.

Após os Jogos de Seul, por exemplo, novas linhas aéreas foram abertas e a indústria de turismo expandiu-se significativamente com mais de meio milhão de turistas adicionais visitando o país durante a década seguinte.⁸ Da mesma forma, o governo chinês usa o desenvolvimento econômico como meio de legitimar sua posição governamental internacional ao adotar diversas políticas não relacionadas ao esporte, com o propósito de melhorar o meio ambiente de Beijing e, de forma acelerada, as infra-estruturas relacionadas à moradia e ao transporte. Com respeito ao assunto ambiental, por exemplo, consta que tais políticas têm apresentado resultados significativos.⁹

Resumindo, o “legado” assumiu considerável significação para o COI, bem como para as cidades-sede e governos, especialmente nas últimas duas décadas por uma série de motivos. Conhecendo as perspectivas do COI, Preuss (2004, p. 7) forneceu uma útil periodização dos legados econômicos dos Jogos e, por essa via, interessantes reflexões (insights) no conceito desses. O período 1, 1896-1968 representa uma fase onde os efeitos econômicos eram parcamente documentados e provavelmente pequenos para as cidades-sede devido à relativamente modesta escala dos Jogos. O período 2, 1969-1980, refletiu uma importante fase de mudanças quanto ao financiamento dos Jogos e seu relativo significado para as cidades-sede e nações. Na medida em que os direitos de televisão e patrocínios se tornaram muito importantes, o “gigantismo” dos Jogos criou oportunidades e riscos para as cidades-sede. Enquanto as oportunidades nasciam de novas fontes de financiamentos comerciais, a escala

8 - Uma estimativa indica que cerca de 640.000 turistas adicionais visitaram a Coréia do Sul nos 8-10 anos seguintes à realização do evento. Veja PREUSS, H. *The economics of staging the Olympics*, 2004. p. 62-63.

9 - Veja BRAJER, V. e MSKYES, R. *Beijing looking at the Olympic effect' in Journal of Environment & Development*, vol. 12, n. 2, june 2000, p. 239-263.

dos Jogos ainda demandava dependência federal e regional e suporte financeiro da cidade para financiar os Jogos com recursos públicos, a exemplo do que a Olimpíada de Munique de 1972 bem demonstrou e na grande falha de financiamento público da cidade revelada pelo deficitário Jogos Olímpicos de Montreal em 1976.

Os Jogos Olímpicos de Moscou (1980) forneceram pouca informação detalhada quanto aos legados econômicos do evento. Assim a terceira fase (1981- 2003) inicia-se com os Jogos de Los Angeles em 1984, quando a cidade, ela própria, declinou em subscrever qualquer obrigação financeira e, como resultado, o setor privado foi capaz de estabelecer o evento como um negócio comercial, basicamente através da exploração de direitos de patrocínio. Eventos subsequentes a esta fase envolveram uma mistura de financiamento público/privado que tendeu a reforçar a comercialização dos Jogos e, em algumas instâncias, casos de corrupção financeira (PREUSS, 2004, p. 8). Em linha com essa comercialização, os Jogos também ensinaram a liberação de seus conservadores regulamentos amadores para os participantes.

A fase mais recente inicia-se em 2003 e tem testemunhado uma modificação de tendências evidentes num período de rápida comercialização. O COI desenvolveu um plano para proteger a Olimpíada contra o excesso de comercialização estabelecendo um núcleo (core set) de valores olímpicos incluindo o fair play, intercâmbios culturais, bem como ideais de igualdade, tradição, honra e excelência (PREUSS, 2004, p. 8). Para proteger esses valores, o COI identificou parceiros corporativos cujas próprias marcas são solicitadas a refletir tais valores e, junto com esses sócios, o COI requereu proteção legal de seus valores por parte das cidades-sede. É através dessa tentativa para modificar a dimensão comercial dos Jogos que o “legado” assumiu um papel de tema central; enfatizando-o de forma crescente aos candidatos às competições de 2008 e 2012. As valiosas reflexões (insights) de Preuss sobre as dimensões econômicas dos Jogos e sua influência no desenvolvimento da política do COI devem ser examinadas de outra forma. Ao interpretar o conceito de “legado” em relação à perspectiva e prospectiva das cidades-sede, particularmente desde 1984, é possível identificar algumas proposições e paradoxos que serão explorados através do restante deste documento.

Primeiro, o conceito de “legado” decorrente de importantes megaeventos esportivos está agora firmemente focado em resultados não-esportivos como importante fonte de legitimidade para receber os Jogos. Segundo, as cidades proponentes têm aliado suas propostas a estratégias de desenvolvimento econômico e regeneração que tendem refletir a natureza relativamente dinâmica de suas economias regionais e nacionais (Seul, Beijing) ou a relativa falta de dinamismo de suas economias (Barcelona, Atlanta, Sidney, Atenas e Londres). Este último grupo composto na maioria por cidades “ocidentais” que utilizaram a candidatura como uma tentativa de “catalisar” a regeneração local através da expansão de serviços com base em indústrias voltadas ao consumo (service-led consumer-base industries). Terceiro, desde os Jogos Olímpicos de 1992 em Barcelona, cidades, têm usado os Jogos como catalisadores de regeneração e confiado fortemente em diferentes formas de intervenções estatais para se promoverem como cidades globais, uma tendência que se reflete particularmente no contexto do Reino Unido: uma reabilitação do conceito de estado intervencionista, evidenciando a relativa dependência de diversos segmentos do setor comercial em grandes projetos conduzidos pelo Estado.

Finalmente, a crescente significação atribuída a legados não-esportivos tem gerado muito debate concernente ao impacto social e cultural das Olimpíadas, iden-

tificando vencedores e perdedores como decorrência do inevitável processo de re-engenharia social que acompanha extensivos esquemas de regeneração urbana. Neste sentido, a despeito da reafirmação dos valores universais das olimpíadas pelo COI, as políticas dos Jogos Olímpicos têm mudado, ao menos em parte, do foco sobre a rivalidade global da competição entre sistemas sócio-econômicos para o que expõe durante um período de vários anos as forças internas sociais e “ismos” (schisms) da cidade-sede e da nação.

Medindo o Efeito Olímpico

Há muitas dificuldades em se medir o efeito econômico dos Jogos Olímpicos, a despeito da existência de incontáveis estudos e relatórios produzidos por acadêmicos e pelo mundo dos negócios nas últimas décadas. Muitos desses relatórios são escritos para clientes que estão se preparando ou apoiando uma candidatura. Os relatórios são sujeitos a possíveis exageros ou mesmo tendenciosos quanto aos benefícios de atração do evento.

Segundo, há relativamente poucos estudos realizados durante um período de tempo suficiente para se avaliar os efeitos do legado a longo-prazo.¹⁰

Terceiro, as cidades experimentam efeitos tanto tangíveis quanto intangíveis, sendo praticamente inviável quantificar os intangíveis. Finalmente, quando cidades associaram suas candidaturas para sediar os Jogos Olímpicos com um grande plano de regeneração ou desenvolvimento econômico (p. ex. Barcelona 1992, Sidney 2000, Atenas 2004, Pequim 2008 e Londres 2012) é difícil distinguir entre efeitos específicos relacionados à Olimpíada e aqueles que aconteceriam mesmo que essa não ocorresse.

Para análise de alguns desses aspectos metodológicos, é talvez interessante distinguir entre custos financeiros e benefícios derivados da realização do evento – o impacto primário instantâneo relacionado aos Jogos – da avaliação de mudanças econômicas e estruturais de maior prazo que derivam do investimento ocorrido na infra-estrutura, transporte, telecomunicações, meio ambiente, instalações esportivas e habitação – o impacto secundário.¹¹

Claramente, ao longo da recente história dos Jogos Olímpicos, o impacto secundário tem assumido considerável significação tanto em relação à candidatura para os Jogos quanto em termos de avaliação de seu sucesso.

O Impacto Primário

A Carta Olímpica tem experimentado diversas modificações desde a realização da primeira Olimpíada moderna. No início do século XX, os Jogos foram transferidos de Chicago para Saint Louis em 1901 e de Roma para Londres em 1905 devido a preocupações sobre o financiamento do evento. Mais recentemente, o COI tem revisado a Carta de modo a assegurar que os custos financeiros sejam garanti-

10 - Uma exceção é o excelente estudo realizado por Holger Preuss. Veja PREUSS, H. *The economics of staging the Olympics: a comparison of the Games 1972-2008*. 2004

11 - Distinguir tal coisa é mais fácil na teoria do que na prática, considerando que o impacto do investimento secundário é frequentemente acelerado pela necessidade de intensificar o processo de concluir a infra-estrutura para que os Jogos Olímpicos tenham lugar. Neste sentido, os impactos secundários são incluídos como primários nas candidaturas submetidas ao COI pelas cidades candidatas.

dos através de fundos públicos pela cidade-sede, governo local ou nacional. Com a elevação da escala e, portanto, do custo dos Jogos, o COI tem estado cada vez mais preocupado com a combinação de recursos financeiros do setor público com os do setor privado relacionados ao financiamento dos Jogos - o que é referido aqui como impacto primário.

O Comitê Olímpico Nacional e as Federações Internacionais são independentes do COI, o qual os financia apenas parcialmente. Seus envolvimento com o financiamento dos Jogos em uma cidade-sede ocorrem apenas através de seus relacionamentos com o Comitê Organizador dos Jogos (COJO). O estabelecimento de um COJO (Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos) é requerido pelo COI para a cidade que vence a competição para sediar os Jogos. É, portanto, o COJO e a cidade-sede os que assumem a maior responsabilidade pelos arranjos financeiros para a realização dos Jogos Olímpicos. O COI requer que as cidades candidatas apresentem em suas propostas de candidatura ou Bid Book uma estimativa das receitas e despesas do COJO e solicita que a cidade candidata indique como vai sediar os Jogos sem incorrer em déficit financeiro. Nesse sentido, o impacto primário dos Jogos é medido pela avaliação das receitas e despesas decorrentes de acolher o evento.

Em suas tentativas de conduzir as finanças dos Jogos Olímpicos, o COI tem alterado suas regras relacionadas aos arranjos financeiros que podem eventualmente ser objeto de negociações. Os Jogos Olímpicos de Los Angeles, por exemplo, geraram um contrato para a cidade-sede que a dispensava de responsabilizar-se por quaisquer exigências decorrentes de possível déficit financeiro dos Jogos. O COJO de Los Angeles seguiu em frente para organizar uma Olimpíada com amplo financiamento privado. Com Atlanta, em 1996, a regulamentação do COI exigiu que o custo dos Jogos fosse financeiramente subscrito pelo Comitê Olímpico Nacional (NOC). Seguindo o curso das negociações, a cidade-sede teve suas responsabilidades financeiras inteiramente transferidas para o COJO. Dessa forma, foi a Olimpíada realizada com financiamento privado.

Poucos projetos de infra-estrutura em larga escala foram realizados, embora algumas novas instalações esportivas tenham sido construídas. O gasto relativamente pequeno de aproximadamente \$ 2,2 bilhões permitiu aos Jogos atingir um superávit, mas na conclusão dos Jogos o COI decidiu que preocupações de última hora (down to the wire) sobre financiamento não mais ocorreriam. No futuro, todos os Jogos deveriam ser subscritos pelos governos local, estadual ou central (PREUSS, 2004, p. 13) com quaisquer déficits cobertos por tal garantia.

Na prática, desde 1996, o financiamento dos Jogos tem sido realizado através da combinação de fundos públicos com fundos privados (Tabela 1) sendo qualquer déficit potencial coberto pelo erário público da cidade, estado ou nacional. Os custos dos Jogos Olímpicos de Sidney (2000) foram divididos entre quatro principais contribuintes – o governo nacional (\$ 186 milhões), o governo de New South Wales (\$ 997,2 milhões); o Comitê Organizador de Sidney (\$ 2.071,5 milhões) e o setor privado (\$832,5 milhões).¹² No total, os Jogos custaram \$4,8 bilhões resultando em um pequeno déficit de \$45 milhões. Os Jogos de Atenas, 2004, foram estimados custar cerca de \$2.4 bilhões com investimento adicional em infra-estrutura suportado pelo governo nacional (\$ 10 bilhões adicionais). A participação do público para atender o custo foi estimada em aproximadamente vinte por cento, embora a cifra nos pareça baixa. De acordo com o governo grego, um superávit de 7,6 milhões (Euros) foi obti-

12 - Preuss, H. (2004, p.17)

do. O custo direto dos Jogos de Beijing (2008) foi estimado em torno de \$ 1,6 bilhões. De novo, um número também baixo, sendo que em torno de 80 por cento são financiados por fundos públicos.

A candidatura de Londres 2012 estimou os custos para organizar o evento na ordem de \$2,4 bilhões com receitas ensejando modesto lucro (Comissão de Avaliação do COI 2005, p. 97). O custo do Comitê Olímpico organizador dos Jogos foi subscrito pela combinação de três sócios principais - Governo Nacional, Greater London Authority e British Olympic Association. Como as três pretedentes cidades-sede Olímpicas, a candidatura de Londres apoiou-se extensivamente em investimentos em infra-estrutura suportados pelo governo ou custos de capital, os quais são distintos de custos operacionais. Em relação a estes últimos, estima-se que em torno de 70 por cento dos custos serão suportados por fundos públicos.

Tabela 1: Investimento Público para sediar as Olimpíadas.



Fontes: Preuss (2004, p.19) IOC Evaluation Commission for the Games de 2004, 2008, 2012. (Londres e Beijing são estimativas).

Os custos primários ou custos operacionais dos Jogos Olímpicos requer que sejam subscritos por financiamento público; as cidades bem sucedidas em obter o direito de realizar os Jogos têm enfatizado sua capacidade de equilibrar receitas e despesas.

Receitas do COJO

O Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos (COJO), estabelecido para cada uma das cidades-sede, é responsável pelo equilíbrio das contas. Entre 1972 e 1974, as receitas do COJO tiveram relativamente pequeno aumento (PREUSS 2004, p. 96).

Desde 1984, as receitas têm aumentado significativamente; de fundos de origem pública (loterias, selos, etc.) para fontes de financiamento privado (patrocínios, merchandising, direitos de transmissão e doações). Da mesma forma que esses últimos recursos privados de receitas têm aumentado em volume e importância, o COI tem elevado sua participação nas receitas de direitos televisivos - elevando-se de um terço do total em 1972 para cerca da metade em 2008. O COI administra o relacio-

namento com as fontes de financiamento privado através de suas parcerias corporativas. Com parceiros da mídia, o COI garante direitos de transmissão exclusiva para territórios específicos e esses relacionamentos têm sido supervisionados pelo Serviço de Transmissão Olímpica do COI (OBS) desde 2001. Para cada evento Olímpico, o OBS e o COJO criam um Serviço de Transmissão Olímpica para fiscalizar a produção, transmissão e cobertura da mídia para o evento olímpico. É a parceria do COI com as companhias comerciais que determinam os níveis de receita dos direitos de televisão; para o COJO da cidade-sede existe pouca capacidade de influir na receita desses direitos, de modo que seu foco está principalmente no marketing e no patrocínio: marketing nacional e programas de patrocínio. Receitas de transmissão são as mais importantes fontes de recursos para o Movimento Olímpico, com as receitas elevando-se em cinco vezes entre 1984 e 2008 (IOC 2005: 2). como se pode observar na Tabela 2.

Tabela 2: Receita de Transmissão dos Jogos Olímpicos

| Ano | Cidade Olímpica | Receita de Transmissões em US Dollars (milhões) |
|-------------|------------------------|--------------------------------------------------------|
| 1960 | Roma | 1.178 |
| 1964 | Tóquio | 1.578 |
| 1968 | México | 9.750 |
| 1972 | Munique | 17.79 |
| 1976 | Montreal | 34.86 |
| 1980 | Moscou | 87.98 |
| 1984 | Los Angeles | 286.9 |
| 1988 | Seul | 402.6 |
| 1992 | Barcelona | 636.0 |
| 1996 | Atlanta | 898.2 |
| 2000 | Sidney | 1,331.5 |
| 2004 | Atenas | 1,494.0 |
| 2008 | Beijing | 1,706.0 (estimativa em março 2005) |

Fonte: IOC www.olympic.org June 2005 Revenue and Distribution p. 2

Para comparação com a venda de direitos de mídia, marketing e patrocínios a venda de ingressos para o evento tem se tornado gradualmente menos significativa como fonte de receita para o COJO. Enquanto os eventos Olímpicos em 1950 dependiam fortemente da venda de ingressos (entre 60 e 80 por cento da receita total) para

Sidney 2000 a venda de ingressos como porcentagem da receita total caiu para cerca de 23 por cento e as estimativas para Atenas e Beijing sugerem que esta porcentagem cairá ainda mais para até abaixo de 12 por cento.

Finalmente, do lado das receitas, o impacto relacionado à Olimpíada sobre a cidade-sede tem sido particularmente dependente de um favorável resultado de mais longo prazo que se tornou conhecido como evento-turismo. O efeito multiplicador do evento-turismo é um dos legados-chave de longo prazo que as cidades olímpicas têm buscado para se beneficiar, especialmente desde o sucesso de Barcelona e Seul.

A Olimpíada de Sidney reflete essa estratégia, na qual os governos da cidade e nacional buscam promover a imagem da Austrália como uma vibrante destinação turística.¹³ Medir o efeito multiplicador, contudo, não é algo assim tão objetivo. O aumento do turismo pode ser medido, por exemplo, calculando-se o número de visitantes adicionais antes, durante e após o evento, seu período de permanência e seus padrões de consumo. Contudo, tais evidências têm que ser cotejadas em relação, por exemplo, com o deslocamento de turistas de outras atrações regionais e nacionais, aqueles que deixaram a cidade durante o período do evento e os que desistiram de fazer uma já planejada visita com receio de a cidade estar "lotada". (PREUSS, 2004, p. 55). Não obstante, o legado de turismo é um importante componente das receitas relacionadas à Olimpíada, com muitas recentes cidades-sede reportando significativos melhoramentos em infra-estrutura de hotéis e turismo, bem como duradouros benefícios positivos nos setores de conferências, feiras e congressos de negócios.

Custos do COJO

O lado de custos da folha de balanço para cada COJO discrimina entre as despesas relacionadas e as despesas não-relacionadas aos Jogos. Onde um significativo investimento em infra-estrutura é um componente da candidatura da Olimpíada, este custo de infra-estrutura - um significativo componente do impacto "secundário" - é excluído das despesas do COJO. Em vez disso, a folha de balanço do COJO reflete o que se relaciona a custos de locação, os quais incluem construção para prédios temporários e 'overlays' (melhorias de áreas adjacentes necessárias para tornar as construções existentes adequados para fins específicos), aluguéis de locais já existentes e o custo de finalizar a construção de instalações esportivas que serão utilizadas apenas após os Jogos, mas cuja construção foi antecipada para acomodar a realização do evento olímpico. Este custo é tipicamente medido como perda de receita decorrente de taxas de juros de longo prazo das importâncias previamente investidas. Outro custo do COJO relativamente modesto inclui o equipamento esportivo e suas instalações, eventos-teste, cerimônia de abertura, cerimônias de premiação e eventos culturais que ocorrem no período que precede os Jogos. Uma série de outros custos está incluída, os quais são freqüentemente mais difíceis de serem medidos e avaliados. Estes se relacionam com a infra-estrutura tecnológica dos Jogos ao incluir o centro de transmissões, custos de segurança e seguros, custos de viagens, suporte médico e acomodações para os participantes bem como os vários custos administrativos, incluindo relações públicas e projetos corporativos associados com o evento total.

13 - Veja New South Walles Governmentt (2005) Economic Impact of the Sydney Olympic Games Executive Summary http://www.treasury.nsw.gov.au/pubs/trp97_10/exe_sum

Em suma, o balanço da receita/custo que reflete o cálculo do efeito primário em realizar o evento é extremamente sensível a fatores sócio-econômicos específicos das circunstâncias da cidade-sede. Frequentemente, cidades candidatas têm subestimado o lado dos custos na equação. As cidades olímpicas podem obter custos e benefícios tangíveis e intangíveis, com o valor do impacto econômico primário (relativo ao evento), parecendo apoiar-se sobre o fortalecimento do turismo de longo prazo bem como sobre a infra-estrutura e indústrias que o suportam.

Impacto Secundário

O impacto primário se relaciona com as receitas e custos específicos dos Jogos; o impacto secundário refere-se ao investimento em infra-estrutura e ao desenvolvimento urbano subsequente que confere substância ao legado pós Jogos. Enquanto as cidades preparam seu Caderno de Obrigações da competição para receber os Jogos Olímpicos, o COI está particularmente preocupado em avaliar as propostas de legado de longo prazo em relação a planos de regeneração e desenvolvimento urbanos. Como na candidatura de Londres 2012, a proposta do legado de longo prazo teve provavelmente avaliação mais favorável do COI por estar ligada a planos de regeneração e desenvolvimento existentes como os que envolvem o Thames Gateway

Conforme acima indicado, algumas cidades, como Los Angeles e Atlanta apresentaram metas limitadas em relação ao legado de longo prazo dos Jogos. Houve relativamente pouco investimento em infra-estrutura associado com os eventos Olímpicos de 1984 e 1996. Em contraste, Seul, Barcelona, Sidney e Beijing exemplificam esquemas de renovação urbana e/ou desenvolvimento econômico. Neste contexto, receber uma Olimpíada pode ajudar uma cidade alcançar numerosas metas. Primeiro, as Olimpíadas tendem a proporcionar um catalisador para acelerar um processo de renovação e desenvolvimento urbano. Aventou-se, por exemplo, que Munique (1972) alcançou num espaço de tempo de seis anos desenvolvimentos que normalmente levariam cerca de quinze anos. Em Barcelona, sugeriu-se que a cidade tenha economizado dez anos ao acelerar seu ritmo de renovação. Segundo, a escala de tempo para realização de uma Olimpíada ajuda a cidade superar o rigor do processo de planejamento e das estruturas políticas, frequentemente desviando-se de procedimentos que impedem uma rápida mudança (PREUSS, 2004, p.68; BURBANK ET AL, 2001) e, finalmente, receber os Jogos Olímpicos atrai investidores primários de vários e diversificados setores industriais que de outra forma não viriam para suportar uma regeneração urbana.

Em 1933, a “Carta de Atenas” do COI, requeria que os eventos Olímpicos proovessem “Moradia, Trabalho, Recreação e Transporte”. Desde os anos 70, a este modelo agregou-se uma agenda para desenvolvimento urbano planejada para gerar projetos no interior da cidade, visando aliviar carências sociais e catalisar novas formas de desenvolvimento econômico. O impacto secundário se relaciona com investimentos que não são exclusivamente relacionados aos Jogos. Esses investimentos tipicamente se dividem em desenvolvimento de infra-estrutura (transporte, telecomunicações, instalações esportivas), melhorias ambientais (regeneração do meio ambiente, uso da água, criação de parques, etc.),¹⁴ uso pós-Olímpico das instalações

14 - A Carta olímpica foi emendada em 1991 para incluir assuntos de meio ambiente (LENSKIJ, 2000).

permanentes (habitação, saúde, exercícios) e contribuição para o desenvolvimento do que se tem denominado de “cultura urbana” (lazer, recreação, instalações para entretenimento).¹⁵

Na falta de estudos longitudinais que identifiquem e quantifiquem o impacto secundário por meio de abordagens consistentes na classificação dos dados, é útil focalizar cidades que se concentraram no efeito catalítico dos Jogos para renovação e desenvolvimento urbano. A Tabela 3 apresenta algumas estimativas de investimento que tiveram lugar em cidades que procuraram maximizar o impacto secundário dos Jogos no seu desenvolvimento urbano.

Tabela 3: Não-Investimentos COJO Selecionados de Cidades Olímpicas 1992- 2012

| Cidade Olímpica | Investimento em Infra-estrutura – valores atualizados (bilhões - US Dólar) | Fontes de Investimento: Setor Público (porcentagem do investimento total) | Fontes de Investimento: Setor Privado (porcentagem do investimento total) |
|------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------|
| Barcelona 1992 | 8.012 | 61,5 | 38,5 |
| Sidney 2000 | 3.03 | 64,4 | 36,6 |
| Beijing 2008 * | 14.257 | 85,0 | 15,0 |
| Londres 2012 * | 13.7 | 64,2 | 35,8 |

Fontes: Relatório da Comissão de Avaliação do COI da XXX Olimpíada 2012; BRUNET, F. (1995) *Na Economic Analysis of the Barcelona 92 Olympic Games*; Auditor General's Report to Parliament 2002, vol. 2, 'Cost of the Olympic and Paralympic Games' Sidney: NSW Government 2002.

Beijing e Londres são estimativas baseadas no “Bid Book” original e alterações subsequentes para desenvolvimentos de infra-estruturas projetados. No caso de Beijing, a autoridade da cidade e o governo central revisaram para baixo, planos de desenvolvimento de infra-estrutura, reduzindo o número e dimensões de instalações esportivas permanentes em construção. Beijing promoveu diversos eventos para investidores estrangeiros interessados em investir no desenvolvimento de infra-estrutura em 2003 e 2004, encorajando investimentos de acordo com princípios de marketing. Antes do corte de 25 % no orçamento das obras, o Escritório de Informações do Governo Chinês estimou o desenvolvimento total da infra-estrutura em \$33 bilhões. É difícil, contudo, diferenciar níveis de investimento que são relacionados às Olimpíadas daqueles que teriam ocorrido independentemente de Pequim ter obtido o status de cidade-sede. Veja COUSINS, S. (2004) “Beijing Cuts Olympic Cost. Business Beijing, Beijing Information Office of the Beijing Municipal Government. www.btmbeijing.com.

Nos casos de Barcelona, Beijing e Londres, o investimento em infra-estrutura foi ou está projetado para ser significativamente mais elevado do que os custos relacionados aos Jogos: quatro a oito vezes mais altos. No caso de Sidney, os custos de infra-estrutura de \$3.3 bilhões foram de magnitude similar aos custos relativos ao evento de \$3.45 bilhões. A variação do nível de investimento que produz o impacto secundário

15 - Deve ser observado que instalações temporárias – as que são removidas ao término dos Jogos – são incluídas nos custos primários relacionados aos Jogos (Games-related) e não ao legado secundário não relacionado aos Jogos. Na prática, essa divisão é difícil de quantificar porque algumas instalações são modificadas para uso pós-Jogos.

afeta o escopo do legado. Por exemplo, a escala de investimentos em Beijing sugere que o legado terá impacto em todas as quatro áreas reconhecidas pelo COI - infraestrutura (transporte, telecomunicações, instalações esportivas), meio ambiente, uso pós-olímpico de infra-estruturas permanentes em longo prazo, disponibilidade de lazer, cultura e equipamentos de entretenimento. Em contraste, os Jogos de Sidney tiveram um impacto ambiental relativamente baixo, limitado em melhoria das defensas marinhas e no saneamento da área de Homebush, onde ocorreram os Jogos. Mas o problema em avaliar o impacto secundário não é simplesmente um assunto relacionado à escala do investimento, embora a escala adicione complexidade à tarefa. A chave para uma análise consistente repousa em definir claramente o nível de estudo, escopo e alcance dos itens a serem incluídos bem como às pressuposições feitas para identificar os indicadores ou a medida dos custos e benefícios acumulados.

O nível do estudo pode ser definido ou abrangido em relação ao impacto líquido sobre a economia da cidade, região ou país; neste caso, há problemas em distinguir a economia da cidade em relação à da região ou nacional. Em um país pequeno como a Grécia, o impacto nacional talvez seja mais fácil de avaliar do que em relação, digamos, ao impacto dos Jogos de Beijing sobre a grande economia chinesa. Da mesma forma, no leque de itens incluídos seria necessário distinguir entre as atividades que são exclusivamente relacionadas aos Jogos e as que não são. Um extrato do relatório do Auditor Geral dos Jogos de Sidney ilustra este ponto:

O reparo do quebra-mar do Jardim Botânico Real de Farm Cover é apenas um pequeno caso. O quebra-mar estava bem deteriorado, provocando dano na rodovia adjacente. Reparos deveriam ser realizados algum dia, mas como a rodovia era parte do percurso da maratona Olímpica, os reparos foram realizados antes dos Jogos. Deve isto ser considerado um custo Olímpico? Deveria o custo ser calculado considerando como perda em juros por antecipar o uso dos fundos? (Fonte: New South Wales Attorney-General's Report to Parliament, 2002, p. 3).

Ao identificar as medidas dos custos e receitas em termos de legado, é importante que um estudo analítico torne claro certas suposições. Ao estabelecer o custo de reparos das defensas de Farm Cove justifica-se analisar o custo medido, considerando a perda em juros desde que o mesmo nível e qualidade de trabalho tenham sido realizados, sendo a única diferença o tempo acelerado dos reparos. Neste sentido, o “custo” do efeito catalítico do desenvolvimento da infra-estrutura pode claramente ter um efeito antecipado quando planos de desenvolvimentos urbanos e melhorias são realizados. Neste caso, é importante que impactos benéficos em relação, por exemplo, ao incremento de turismo no período pós-evento tenha explicitado e definido parâmetros em termos de mensuração do efeito multiplicador advindo do aumento do negócio de turismo.¹⁶

O multiplicador pode ser usado para quantificar ambos os efeitos primário e secundário. Nas fases pré e real do efeito, o multiplicador se relaciona à despesa direta associada com o acolhimento dos Jogos – compra de ingressos, direitos de mídia, construção de instalações temporárias e gastos indiretos produzido por turistas e visitantes. A combinação de despesas diretas e indiretas fornece as bases para avaliar

16 - Por exemplo, a estimativa “total” de gastos de visitante inclui despesas em itens cujas receitas podem ir para uma base de fornecedores fora da cidade Olímpica, região ou país. Por essa razão, uma medição mais acurada de gasto de visitante baseia-se no que é “capturado” na cidade, região, nação – conhecido como taxa de captação. A taxa de captação é tipicamente medida pelo uso de fórmulas que buscam estimar o poder multiplicador de gastos.

as despesas induzidas – o efeito causado por gastar as despesas diretas e indiretas novamente.¹⁷ No caso pós-Olimpíada ou efeito secundário, é possível medir o multiplicador em termos de, por exemplo, a gestão e uso das instalações legadas, o aumento do número de visitantes, o efeito do mercado de trabalho e o valor das atrações do parque pós-Olímpico. Isto fornece alguns indicadores do impacto de longo-prazo dos Jogos em uma cidade ou economia regional. Contudo, são apenas indicadores, considerando que a medida do impacto econômico de longo-prazo não pode ser dissociada dos eventos na maior economia de uma região ou nação, nem podem esses indicadores ser efetivamente medidos contra um cenário no qual o investimento e desenvolvimento de infra-estrutura podem ocorrer mesmo que a cidade não houvesse recebido os Jogos.¹⁸

Os estudos de impacto econômico fornecem algum direcionamento para o legado total da cidade-sede dos Jogos. Onde o investimento em infra-estrutura é considerável, o período de impacto é maior, de acordo com Preuss (2004), em cerca de dezoito anos. Quanto maior a duração do impacto, mais a economia da cidade se torna suscetível às amplas flutuações da economia regional e nacional.

Se a economia está em recessão, o efeito de crescimento populacional (crowding out) é menos provável. Da mesma forma, quando uma cidade ou economia nacional encontra-se em expansão rápida, o efeito dos Jogos pode contribuir para a elevação dos preços – particularmente preços de moradias e terrenos. Estudos de impacto procuram captar os efeitos tangíveis do legado Olímpico. Embora só ofereçam aproximações, são um guia útil no estudo das flutuações da performance econômica, bem como na análise de custos e benefícios decorrentes de se haver sediado o evento.

O impacto secundário também envolve os menos tangíveis (reputação) efeitos de sediar os Jogos e um legado sócio-cultural que possui diversas dimensões. Neste contexto, Barcelona (1992) merece uma breve consideração. A indicação de Barcelona para sediar os Jogos foi precedida pela criação de um plano de desenvolvimento urbano. O sucesso da candidatura forneceu o efeito catalisador para a implementação do plano com vários resultados significativos.

Primeiro, os espaços urbanos de Barcelona tornaram-se mais diferenciados, com áreas econômicas mais definidas para condução de negócios e atividades comerciais, particularmente atividades associadas ao influxo de “novas” indústrias de serviços. No período de 1988-91 mais de 600.000 metros quadrados de espaços de escritórios foram construídos (um crescimento de 21% sobre total de espaços de escritórios existentes), posicionando Barcelona na frente de Bruxelas e Madri em termos

17 - O efeito multiplicador é uma forma de modelo econômico favorecido por análises de impacto. Há um certo número de técnicas de modelos multiplicadores baseadas em abordagens de custo / benefício e de input / output. A USA's National Association of Sport Commission (NASC) publicou uma extensa lista de fórmulas de impactos utilizadas em estudos norte-americanos (Veja: LEE, S. "A Review of Economic Impact Study on Sport Events" The Sport Journal, vol. 4, n. 2. 2001. A aplicação do modelo multiplicador é útil somente quando as suposições que realçam o modelo são perfeitamente compreensíveis. Tipicamente, a ordem do efeito multiplicador é mais útil quando não vai além dos efeitos de "segunda ordem". Por exemplo, o efeito Olímpico atrai um aumento em turismo. Por seu lado, turistas compram alimentos e o consumo de alimentos faz aumentar o volume de pedidos aos fornecedores. O multiplicador perturba a cadeia total de suprimento de alimentos, mas quanto mais as análises procuram quantificar o "efeito Olímpico" sobre a extensão da cadeia de suprimento, menos acurada ou confiável a análise se torna.

18 - Na análise de custo/benefício, isto se refere a um cenário de não-mudança e é usado como ponto de referência para avaliações ex-ante nas opções de projetos de desenvolvimento.

de taxa de crescimento na construção de escritórios. Segundo, a criação de um anel viário em torno da cidade – Dalt e Litoral – modificou dramaticamente o modelo de circulação de veículos e ainda contribuiu para a diferenciação dos espaços urbanos da cidade. Terceiro, Barcelona experimentou um boom de desenvolvimento habitacional entre 1986 e 1990, com o valor das moradias elevando-se acima de 280% para novas propriedades durante aquele período e de 240% para as moradias já existentes. Contudo, o boom também serviu para reforçar divisões sociais entre as áreas mais ricas e as mais pobres, mas isto terminou um tanto abruptamente após 1992, quando as habitações da Vila Olímpica ingressaram no mercado. Finalmente, em relação ao emprego, o efeito dos Jogos Olímpicos, particularmente através da geração de novos postos de trabalho no setor de serviços, foi calculado adicionando-se 20.000 postos de trabalho permanentes ou empregos não-Olímpicos na economia de Barcelona, (BRUNET, 1995). Esses amplos efeitos secundários fizeram de Barcelona um importante ponto de referência, particularmente para cidades “ocidentais” que pleiteiam sediar os Jogos no século XXI. Para Barcelona, a candidatura Olímpica relacionou-se a um plano de desenvolvimento urbano. O impacto catalisador da candidatura ensejou uma oportunidade da cidade atrair consideráveis níveis de investimentos tanto públicos quanto privados, estabelecer novos setores industriais e de serviços e usar sua localização geográfica como ponte entre o norte e o sul da Europa, precisamente no momento do lançamento do Mercado Comum Europeu (EU) em 1992.

Avaliando o Intangível

Enquanto no tangível está a maior parte do foco dos estudos de impacto, ao utilizar análises de custo/benefício, as cidades Olímpicas também têm identificado custos e benefícios intangíveis. Algumas análises têm sugerido que as cidades-sede se beneficiam mais do intangível do que do tangível¹⁹. Isto é particularmente evidenciado em termos de marca e no marketing da cidade bem como no aumento do orgulho cívico ou nacional por se ter realizado com sucesso os Jogos Olímpicos. Há, sem dúvida, um sólido argumento de que a cidade capaz de acolher com simpatia um grande e diversificado espectro de nacionalidades para um megaevento é aquela que, com mérito, ganha reputação por um tipo de internacionalismo acolhedor e destituído de preconceitos – um espírito que se opõe à conotação negativa que geralmente se faz entre os eventos esportivos e as expressões de nacionalismo e racismo.²⁰

O intangível, da mesma forma que o tangível, varia em sua identidade desde pré-evento até o pós-evento ou fase de legado. No período da candidatura, o COI requer evidências de apoio por parte das populações das cidades candidatas. O suporte popular pode ser continuamente testado através de pesquisas de opinião pública e pela manifesta disposição de contribuir, por exemplo, através de taxas e loterias destinadas às despesas decorrentes dos Jogos. Atkinson et al (2006) apresentam evidência de que, por exemplo, três cidades da Inglaterra desejam contribuir para sediar os Jogos de 2012. Seu estudo utilizou uma análise estatística de “Disposição para Contribuir”, sugerindo que dois bilhões de libras podem ser levantadas desta forma em todo o Reino Unido. Igualmente, a disposição em pagar pode arrefecer ao longo do tempo, especialmente se o programa de contribuições prossegue muito além da realização do evento.

19 - Ver, por exemplo, PORTER, P. (1999) *Mega Sports Events as Municipal Investments: a Critique of Impact Analysis*”, In: FIZEL, J. Gustafson E. e HADLEY, L. eds. *Sports economics: Current Research*, Westport: Praeger.

20 - Há uma extensa literatura sobre essa questão. Veja, por exemplo, CARRINGTON, B.; GILROY, P. e MCDONALD, I. *Race, sport and British Society*, London: Routledge. 2001.

Atkinson et al (2006) também identificaram os tipos de benefícios intangíveis e os custos provenientes da realização dos Jogos. No lado dos benefícios: o orgulho nacional, o aumento da conscientização sobre limitações físicas (através das Paralimpíadas), inspiração para as crianças, legado das instalações esportivas, melhorias ambientais e promoção de vida saudável. São ainda mencionados estímulos à cultura, às indústrias e aos eventos criativos. No lado dos custos: aglomeração, insegurança, desconfortos locais causados pelas construções, demoras em transportes e excessiva cobertura da mídia são citados. Igualmente, os custos intangíveis podem ocorrer pelo efeito de deslocamento: os custos de oportunidade causados por investimentos que estão deixando de ser aplicados em outros locais.

Não obstante as restrições, o “intangível” é claramente merecedor de cuidadosa consideração, com diferentes abordagens qualitativas de pesquisas disponíveis a serem utilizadas, visando detectar mudanças na opinião pública, particularmente em contextos onde possam ocorrer manifestações divergentes de apoio ou de oposição, as quais existem por divisão ou separação entre as comunidades que diretamente se beneficiam e as que se sentem prejudicadas.

Sumário

Resumindo, a mensuração dos impactos primário e secundário por sediar os Jogos Olímpicos é complexa²¹. O legado é de curto e longo prazo; tangível e intangível. Preuss (2004, p. 6) a denomina Matriz de Impacto. Uma matriz modificada, expandida de apresentação original de Preuss, é mostrada na Tabela 4. Os diversos componentes do legado assumem maior significado para cidades que se candidatarão a sediar os Jogos a partir do evento de Barcelona em 1992. Os Jogos de 1992 foram os primeiros a ocorrer na época do pós-guerra fria e vieram para simbolizar os valores pós-ideológicos que tipicamente orientam a realização do evento Olímpico. Enquanto os Jogos de Los Angeles representaram o triunfo do “espetacular” e do pragmatismo da comercialização desenfreada, Barcelona antecipou a volta da cultura nos negócios econômicos, apresentando, em retrospecto, uma versão suave e menos espetacular de regeneração urbana e renovação. Sidney e Londres seguiram essa tendência, com a candidatura de Londres cristalizando esses aspectos-chave.

21 - O Comitê Olímpico Internacional introduziu em 2001 seu próprio programa de Impacto Global dos Jogos Olímpicos para identificar uma série de medidas objetivando avaliar o impacto do evento. Um OGGI tornou-se exigência (required deliverable) para a cidade-sede com o estudo iniciando-se dois anos antes do evento e o impacto prosseguindo durante nove anos após o evento. Quatro estágios incorporam o estudo – a concepção da candidatura, a organização dos Jogos, o próprio evento e a fase de encerramento que se completa com a dissolução do Comitê Organizador.

Tabela 4: A Matriz de Legado

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Curto Prazo: Visível O Evento</p> <p>Sucesso Esportivo Desenvolvimento Comunitário Emprego Olímpico Pré-Eventos</p> <p>Receitas do COJO Direitos de Mídia Merchandising Marketing Patrocínios Venda de Ingressos Loterias Doações Lucros em aplicações Subsídios Públicos / Taxas Transportes e aluguéis & Receitas de Uso da Vila</p> <p>Despesas do COJO Construções temporárias Novas & Remoções Eventos de Cerimônias Segurança Seguros Administração & Relações Públicas Voluntariado Saúde Custos Médicos Eventos de Teste Acomodações Mídia & IT (Tecnologia da Informação)</p> | <p>Longo Prazo: Visível O Legado</p> <p>Legado Esportivo Regeneração Comunitária Emprego não-Olímpico Habitações Adicionais Lazer e Instalações Esportivas Espaços de Convenções/ Exibições / Escritórios Infra-estrutura de Telecomunicações Infra-estrutura de Transporte Meio Ambiente (parques, espaços, água, ar, ecologia) Turismo Serviços Públicos – educação, saúde... Mercado de Trabalho – especialidades conhecimento Organização de Voluntários Aumento do Custo de Vida (variação percentual do índice na cidade-sede em comparação com outras cidades)</p> |
| <p>Invisível a curto-prazo</p> <p>Marca/Imagem-Cidade/Região Abordagem “Poder fazer” e “Não poder fazer” Mensagem “política” “Deslocamento de recursos destinados a outros usos Deslocamento de outros recursos em demanda - “troca de gastos”</p> | <p>Invisível a longo prazo</p> <p>Desaparecimento de empregos relacionados aos Jogos Conhecimentos e habilidades retidas “Ethos (valores) de voluntários mantidos Orgulho Nacional / Imagem / Marca “Efeitos de deslocamento” estruturais</p> |

Regeneração e Legado Olímpico: Londres 2012

Os Jogos de 2012 em Londres estão designados para o East London e envolve basicamente um programa de renovação e regeneração urbana, especialmente na área de Lea Valley, adjacente a Stratford no município de Newham. Newham

como os seus municípios vizinhos de Hackney e Tower Hamlets, apresentam áreas socialmente desfavorecidas e diversos espaços abertos e abandonados denominados “brownfields”, os quais, no passado, eram locais de tradicionais indústrias manufatureiras, docas e pátios ferroviários. A área já é foco do mais ambicioso programa de regeneração regional da Europa – o esquema do Thames Gateway – estando também adjacente à área de desenvolvimento do Canary Wharf e Docklands. O Thames Gateway consiste em uma área de 81.000 hectares, dos quais cerca de 3.800 hectares são designadas como “Brownfields”. Ele se prolonga 43 milhas na direção Leste, partindo de London’s Towers Bridge ao longo do Estuário do Tâmisa e contém uma população de 3.3 milhões de pessoas.

O Canary Wharf está adjacente à City de Londres e representa um ambicioso esquema estabelecido em 1980 para expandir o centro financeiro na direção Leste, a exemplo do bem sucedido desenvolvimento de Manhattan em Nova York realizado em 1960.²² O esquema, supervisionado pelo London Dockland Development Corporation (LDDC), contornou (circumverted) a influência das autoridades locais e estabeleceu modelos de planejamento de modo a permitir que empreendedores tivessem oportunidade de investir no desenvolvimento de escritórios e moradias de padrão elevado. Este marketing direcionado para iniciativas de negócios de alto nível teve sucesso ao atrair importantes companhias para se instalarem no Canary Wharf, não sem antes ver superadas diversas crises financeiras. Enquanto o projeto do Canary Wharf prosseguia em seu desenvolvimento nos anos 90, o Governo Conservador respondeu às pressões, principalmente da comunidade de negócios, ao estabelecer uma autoridade metropolitana (London-wide). Os Conservadores criaram um Escritório Governamental e um sub-comitê para Londres, reconhecendo a necessidade de uma abordagem mais planejada e integrada para a aplicação do capital. O retorno dos Trabalhistas ao governo em 1997 deu um passo à frente nessa abordagem, criando o Greater London Authority (GLA) e introduzindo a London Development Agency (LDA). Em conjunto com essas novas agências, o Prefeito Ken Livingstone foi quem proporcionou um forte apoio político para a geração da candidatura de Londres à Olimpíada.

O esquema do Thames Gateway iniciou-se em 1990 através do plano da South East Regional Policy Guidance, formulado no tempo do governo Conservador e defendida pelo então Secretário de Estado para o Meio Ambiente, Michael Heseltine. Nessa época, a regeneração estava focalizada sobre uma região que havia sofrido o maior declínio na área de emprego tradicional – docas, estaleiros, manufaturas – e carência de moradias de aquisição viável pela população local. A decisão em 1991 para direcionar a ligação dos trilhos do Túnel do Canal através de North Kent e centro de Londres via Stratford tornou-se importante catalisador para melhorias em estruturas rodoviárias e ferroviárias e, em 1995, o Thames Gateway Task Force elaborou planos para construção de 30.000 novas casas e criação de 50.000 novos postos de trabalho a serem estabelecidos no corredor do Tamisa até 2021 (BUCK GORDON, HALL, HARLOE, KLEINMAN, 2002, p. 84-85). Desde 1997 sucessivos governos Trabalhistas têm dado vigoroso suporte ao esquema do Thames Gateway através do Office of Deputy Prime Minister (ODPM) e uma variedade de parcerias com agências, incluindo o Escritório do Prefeito, o GLA e o LDA e todas as autoridades locais da região. A ambição pelo desenvolvimento do Thames Gateway tem se elevado, por exemplo, com a proposta de desenvolver uma nova ponte atravessando o Tâmisa e uma expansão de planos para construção de casas e desenvolvimento de novos distritos ao longo do corredor do Tâmisa. Esses planos têm sido incorporados ao ‘Crea-

22 - POYNTER, G. *Wall Street on the Water: employment patterns in London Docklands*, London: South East Region Trades Union Congress (SERTUC), 1989.

ting Sustainable Communities' (Criando Comunidades Sustentáveis) (2003) do governo Trabalhista, no qual o número de novas casas a serem construídas foi ampliado para 120.000, muitas delas localizadas em quatorze zonas de intervenção.

A realização das Olimpíadas de 2012 em East London deve ser considerada no contexto desse grande plano de regeneração. Certamente que o sucesso da candidatura de Londres gerou aumento de interesse no plano de desenvolvimento do Thames Gateway. O Gateway vinha recebendo relativamente pouco reconhecimento público antes da candidatura, particularmente devido à sua falta de identidade como região com a qual o público se identifica – ele (o Gateway) atravessa as fronteiras ou limites da autoridade local e não tem associação histórica com nomes de municipalidades ou conselhos com os quais uma significativa proporção da população se identifica como locais onde vivem e de onde recebem serviços.

A Candidatura

A candidatura de Londres foi construída de acordo com a configuração estabelecida pelo Comitê Olímpico Internacional. O orçamento relacionado aos Jogos ou do COJO previu um gasto de \$2,46 bilhões. Esta soma seria para o custo das instalações esportivas (17% do gasto total); tecnologia (18%); transporte (8.5%); mão de obra dos Jogos (8,5%) e administração (10%). No total, o orçamento do COJO foi projetado para o equilíbrio. As despesas secundárias propostas não relacionadas ao COJO são de \$15,8 bilhões, dos quais cerca de \$2,1 bilhões diretamente relacionados aos Jogos.²³ Desses \$15,8 bilhões, cerca de \$8,8 bilhões serão financiados por fundos públicos utilizando inclusive loterias existentes e novas. Das propostas 33 instalações esportivas, 15 já existem, 9 serão construídas como instalações permanentes e 9 serão designadas como temporárias. A candidatura de Londres recebeu avaliação favorável do COI com apenas uma área – transporte – causando alguma preocupação, embora Comissão de Avaliação tenha considerado que este problema potencial poderia ser superado pela concentração dos Jogos no East London.

A candidatura de Londres era considerada a segunda ou terceira favorita atrás de Paris e Madri, quando em Julho de 2005 uma apresentação final foi feita para o COI em Singapura. Atribuiu-se o sucesso de Londres a seu foco de regeneração urbana e à importância do legado do esporte estar direcionado para as gerações jovens, como Jack Straw (Secretário de Estado do Foreign and Commonwealth Office) comentou no Parlamento no dia seguinte ao anúncio em Singapura:

A candidatura de Londres foi construída com uma visão Olímpica especial. A visão de uma Olimpíada que não seria apenas uma celebração do Esporte, mas uma força de regeneração. Os Jogos irão transformar uma das mais pobres e carentes áreas de Londres. Serão criados milhares de empregos e moradias. Serão oferecidas novas oportunidades de negócios nas áreas diretamente envolvidas e em toda Londres. Uma dos itens que tornou a candidatura bem sucedida foi o de como contemplou a juventude em dois importantes aspectos: encorajar mais pessoas a se manterem em forma e envolvidas em esportes e se oferecerem como voluntários para a causa olímpica, fossem quais fossem suas aptidões.”
(Fonte: Hansard, House of Commons debate 'London 2012 Olympic Bid' 6 July 2005)

23 - Relatório do IOC Evaluation Commission for the Games of XXX Olympiad in 2012 (2005, p. 69)

A declaração de Straw (2005) fornece uma correta interpretação do porquê a candidatura de Londres foi bem sucedida, com ênfase em resultados não associados ao esporte e foco em utilizar os Jogos como veículo para participação não elitista em esportes e atividades físicas. Esses valores sintonizam-se com os do COI em sua fase de pós-comercialização e são consistentes com os valores prevalentes nas próprias políticas de saúde do Governo ao apropriar-se do esporte como veículo para articulação de ‘novos’ valores sociais e políticos do Trabalho, incluindo compromisso com a inclusão social.²⁴ Nesse sentido, a participação do governo no evento Olímpico, como veículo para implementação de suas diretrizes políticas e sociais, representa um importante desafio para os que desenvolvem a agenda da regeneração do East London. A realização bem sucedida dos Jogos vem se associando à efetiva construção, preparação e controle do evento bem como à perspectiva de um legado transformador que produza impacto sobre o East London e sobre o mais amplo Thames Gateway. Na seção final deste documento são exploradas as dimensões econômicas, culturais e sociais dessa agenda de desafios, utilizando ocasionalmente a preparação de Beijing como ponto de referência e comparação.

Os Jogos da Regeneração

Avaliar o sucesso e a realização dos Jogos Olímpicos apresenta três importantes dimensões. Primeiro, foi o evento efetivamente planejado para ser entregue no prazo e dentro do orçamento? Segundo, o evento foi um sucesso com importantes ganhos esportivos obtidos com base em consistente e efetiva organização? Finalmente, deixou “elefantes brancos” ou um legado transformador para a cidade ou região que acolheu os Jogos? Mesmo após as olimpíadas, essas questões não permitem respostas fáceis ou diretas; as análises quantitativas fornecem importantes embora parciais ‘insights’ e a dimensão qualitativa é objeto de múltiplas interpretações pelo fato de que o potencial inerente ao legado frequentemente apresenta conflitos de interesse. O período inicial da preparação de Londres para as Olimpíadas ilustra a discutida natureza do desenvolvimento de tais “mega” projetos e eventuais legados.

O evento Olímpico de Londres é supervisionado pelo COJO de Londres, chefiado por Lord Coe. O Board do COJO possui representação ministerial de Tessa Joell, Ministra da Mídia, Cultura e Esporte; Colin Moynihan, Chefe da Associação Olímpica Inglesa; e Ken Livingstone, Prefeito de Londres. Este Board tem uma pletera de instituições e comunidades abaixo de si com suas respectivas responsabilidades. Estas incluem a Olympic Delivery Authority (responsável pela “entrega” do evento), a London Development Agency (responsável pela aquisição do terreno requerido para o Parque Olímpico) e o Transport for London. Ao lado dessas agências, situam-se as autoridades locais, interesses comunitários e de negócios e uma lista de subcomitês e grupos.

Dentro do primeiro ano da preparação para 2012, surgiram preocupações com relação a custos. Os desenvolvimentos de infra-estrutura já planejados para East London enfrentam agora apertados limites de tempo para conclusão e in-

24 - O compromisso do Partido Trabalhista para com o esporte refletiu-se na re-nomeação do Departamento de Heranças (Department of Heritage) como Ministério da Mídia, Cultura e Esporte em 1998. Esse compromisso tem sido criticamente avaliado como se sucessivos governos Trabalhistas tivessem usado o esporte, alguns argumentam, como veículo de expressão de suas próprias paternalistas e terapêuticas políticas sociais, incluindo projetar coesão social em torno de superficial representação de um “nova” identidade nacional. Ver, por exemplo, SOUNDING. *These Sporting Times*, Issue, 13 Autumn, 1999.

cluem, por exemplo, uma nova estrada e ampliação da malha de trilhos, construção de quarenta pontes e instalação subterrânea de linhas de transmissão. O custo de construir as principais instalações esportivas – o Estádio Olímpico e o Centro Aquático – e mais o Centro de Mídia estão orçados em £690 milhões (\$1.4 bilhões) uma soma relativamente modesta. Com tácito conhecimento desta situação, o COJO de Londres procurou reformular o sítio Olímpico, trazendo os centros aquáticos e de mídia mais próximos ao novo desenvolvimento urbano da cidade de Stratford. Igualmente, o LDA (London Delivery Authority) experimentou algumas dificuldades em relação à aquisição da área destinada ao Parque Olímpico, com os requerimentos de aquisições compulsórias de negócios locais atraindo publicidade adversa. O plano de re-configuração do sítio Olímpico ajudou o LDA a reduzir o número de pedidos de aquisições compulsórias, reduzindo assim a descontinuidade de negócios locais. Aproximadamente um terço das empresas foi salvo de transferência de local ou encerramento, graças a alterações no plano.²⁵

O processo de ajustar as projeções do 'Bid Book' é um exercício familiar para cidades sede. A experiência de Atenas 2004 cortejou o desastre com projetos de construção com início tardio e os custos se elevando na medida em que as datas de conclusão se aproximavam. Em Beijing, em 2001, o COJO manifestou sua intenção de controlar os custos, estabelecendo uma abordagem mais "frugal" ao investimento. Isto se refletiu nos planos de 2004, com cinco novas instalações descartadas e sendo efetuada uma revisão no plano de construções olímpicas. Ao mesmo tempo, a obra do estádio nacional foi suspensa, com seu desenvolvimento revisto e escalonado, optando-se por sua conclusão em 2007 e não mais em 2006, como inicialmente proposto.

Esses ajustamentos foram concebidos para economizar cerca de \$363 milhões.²⁶ Ao que parece, existe forte evidência de que a pesquisa e preparação de candidaturas tende a subestimar o lado dos custos dos orçamentos operacionais necessários à realização do evento. Um breve olhar no programa de construções para Londres 2012 sugere que há significativos desafios à frente. Num período de cinco anos de construções, estima-se que 37.500 empregos serão criados: 24.000 engenheiros e mais a equipe comercial, além de 65.000 gerentes e 28.000 profissionais, incluindo arquitetos e inspetores. No pico do projeto, cerca de 8.000 pessoas estarão previstas atuando no sítio Olímpico, exatos três por cento do número total de pessoas trabalhando na Indústria da Grande Londres (Great London).²⁷ A nova construção consiste em aproximadamente quarenta por cento das instalações requeridas para sediar os Jogos, com boa proporção delas classificadas como investimento em legado, incluindo a Vila Olímpica, de custo de cerca £ 600 milhões (\$1,2 bilhões), a qual hospedará 17.000 competidores olímpicos antes de retornar como desenvolvimento de propriedade do setor público / privado.

Enquanto os fantasmas de Montreal (1976) com seu custo financeiro de \$1,2 bilhões sendo pagos pelos contribuintes ao longo das subseqüentes décadas, e Atenas (estimado custo financeiro acima de \$0,5 bilhão), assombram os organizadores de Londres 2012, existe alguma evidência de que londrinos e outras pessoas do Reino Unido estão preparados para suportar os Jogos através de taxas. Um estudo publicado em janeiro de 2006 revela que os contribuintes do Reino Unido estão propensos a pagar uma soma total em torno de £ 2 bilhões (\$ 1,0

25 - Newham Recorder. Fish Island Celebrates, 2 February 2006.

26 - Business Beijing 26 August 2004 Cousins S 'Beijing Cut Costs'

27 - Daily Telegraph 19 January 2006, Building on harmony for a capital show'

bilhão) para que Londres receba os Jogos. Para os londrinos, uma proporção dessa soma virá do orçamento da Prefeitura sob forma de taxas municipais.²⁸ Esta base de apoio popular aos Jogos de 2012 dá a seus organizadores um favorável ponto de partida para o gerenciamento das interfaces entre o LOCOG (London Organizing Committee of Olympic Games) com as várias agências responsáveis pela entrega do evento e de seus legados e com os diversos grupos de interesse ou acionistas que buscam auferir benefícios do significativo investimento realizado para sediar os Jogos. Uma ampla opinião pública de apoio traz consigo expectativas, porém nem todas em condições de serem atendidas. O gerenciamento dessas expectativas é uma tarefa crítica para os responsáveis pelos Jogos e seu legado. Os desafios são consideráveis em virtude da ampla agenda de regeneração não relacionada aos esportes. Adiante, alguns temas e desafios descritos em termos de fases pré e pós-evento.

A Entrega, os Limites de Prazo e (o evitar) Dívidas.

Em Novembro de 2005, David Higgins tornou-se Executivo Principal da Olympic Delivery Authority. Ele havia realizado um trabalho similar nos Jogos de Sidney de 2002. Sua imediata tarefa foi reformular a estratégia de entrega (delivery) para conter os gastos. Iniciou por colocar de lado uma lista “informal” de candidatos envolvidos nas concorrências de contratos para gerenciar a construção e entrega do sítio Olímpico em Stratford, bem como de outras instalações localizadas no Reino Unido. Quando o processo formal de concorrência foi iniciado em Fevereiro de 2006, o modelo de contrato favorecia a criação de consórcios provenientes do ‘big business’ (companhias com ampla experiência em entregar grandes projetos de infra-estrutura)²⁹. Paralelamente a esse processo, fez-se a revisão do desenho da Vila Olímpica em Stratford, reduzindo exigências de re-locação para pequenas empresas e re-posicionando os centros Aquáticos e de Mídia dentro da zona de segurança da própria vila e próximos ao novo desenvolvimento de Stratford.³⁰ Estes passos representam a fase inicial de re-alinhar os planos para que se ajustem a um orçamento de entrega (delivery budget) de aproximadamente £ 1.7 bilhões (\$850 milhões). A contenção de custos será um tema recorrente que sem dúvida atrairá considerável e permanente atenção do governo, da mídia e do público. Um elemento chave na contenção de gastos é o equilíbrio entre a construção de instalações temporárias e a de instalações permanentes. O evento em si dura 1% do tempo gasto na sua preparação. A menor escala e a redefinição das instalações para subsequente e administrável uso do legado significa a conciliação de ambiciosos e criativos projetos arquitetônicos com a necessidade de remover ou readaptar construções após o término do evento.

Um segundo e importante desafio vem das oportunidades de emprego em construções relacionadas às Olimpíadas. Aqui é provável haver apenas um efeito

28 - Atkinson g., S. Mourato and S. Szymanski (2006) ‘Are we willing to pay enough to back the bid?’

29 - Ênfase na documentação de concorrência mudada para em vez de aplicar penalidade por falha na entrega do projeto dentro do prazo, premiar o fornecedor (‘delivery partner’) pelo efetivo gerenciamento de risco de todo o projeto de construção. Ver Boles, T. (2006) ‘Amec and Balfour Beatty team up for Olympic Gold’, Sunday Times, February 19, 2006).

30 - Veja: Office of Deputy Prime Minister (2006) Olympic Delivery Authority (Planning functions) Order 2006 London: ODPM Consultation Paper and European Community – Services – Competitive dialogues (2006) UK London: Construction project management services 2006/S 33-036394 Contract Notice <http://ted publicacions.eu.int/official>.

temporário que não chega a acrescentar transformação no mercado de trabalho de East London ou na cidade como um todo. Contratos de construção serão concedidos via concorrência, com previsões de conclusão altamente sensíveis a prazos. A proporção das oportunidades de emprego direcionadas para os trabalhadores locais é afetada pela capacidade de combinar perfis locais de habilidades profissionais com as especialidades requeridas pela indústria de construção no período 2008- 2012, sendo 2010 o ponto de pico de demanda por trabalho. Há relativamente pouco tempo à frente para superar alguma incompatibilidade entre as exigências por parte das companhias de construção e os perfis existentes na força de trabalho dos residentes em East London. Em Janeiro de 2006, a Agência de Desenvolvimento de Londres (London Development Agency - LDA), realizou um importante estudo sobre habilidades profissionais necessárias, baseando-se nas melhores experiências práticas de cidades-sede em Olimpíadas passadas. O suporte financeiro da LDA para treinamento foi fixado em £ 9 milhões (\$4,5 milhões) suplementado por outras contribuições de treinamento como a oferta do Fundo Social Europeu – European Social Fund – de £ 6,2 milhões concedido para a Agência Inglesa de Desenvolvimento Leste – East of England Development Agency para apoiar a introdução de programas de treinamento para a população local. Ao revelar as exigências de habilidades profissionais da indústria de construção, tais relatórios e programas de treinamento se defrontarão com diversos temas estruturais desse mercado de trabalho, tais como a mobilidade entre importantes canteiros de obras, a exemplo da conclusão do Terminal 5 em Heathrow que pode induzir uma migração de trabalho especializado para o East London, bem como a migração proveniente de outros países do Mercado Comum onde a indústria de construção se encontre eventualmente menos ativa. A imediata disponibilidade deste modelo deve estar equilibrada ao longo da oferta de oportunidades de emprego para a força de trabalho local.

Em terceiro, fora do setor de construção as Olimpíadas oferecem uma faixa de oportunidades de trabalho temporário em esportes e atividades físicas, transporte, mídia, saúde, educação, atividades culturais e de lazer, turismo, hotéis, alimentação e restaurantes. Esses setores possuem diversas estruturas, desde a relativamente integrada e larga escala de setores como saúde e educação, até aqueles dominados por pequenos negócios de empresários individuais, como restaurantes, alimentação, distribuição, etc. Estabelecer um modelo efetivo para o desenvolvimento de treinamentos e oportunidades de educação para residentes locais é uma tarefa significativa e não bem atendida pelas atuais e diversificadas entidades com responsabilidade sobre educação e treinamento em East London e em Londres como um todo.³¹ Igualmente, o mercado de trabalho de East London constitui-se em um negócio complexo, com Londres e municipalidades apresentando variações em atividade / inatividade econômica bem como perfis de especialidades diversificados. Os municípios próximos à área de desenvolvimento Olímpico – Hackney, Newham e Tower Hamlets – apresentam maior proporção em força de trabalho não qualificado do que Londres e as médias nacionais, tendo as atuais características de emprego e modelos ocupacionais fortes dimensões étnicas e de sexo. É considerável o potencial de polarização de oportunidades de empregos temporários advindos dos Jogos Olímpicos, divididos entre a população local que assume trabalhos de baixa qualificação e os trabalhos de alta especialização recrutados de outras regiões. Evitar este cenário depende do urgente desenvolvimento de oportunidades de treinamento direcionado particularmente,

31 - Veja: The Learning Skills Council (LCS0 (2005) London East: Olympic Skills Dialogue Draft paper September 2005.

mas não exclusivamente, ao treinamento e aperfeiçoamento daqueles com pouca ou nenhuma qualificação.

Finalmente, a fase de pré-evento dominada por entregas e limites de prazos, custo/receita, suprimentos e efeitos da cadeia de suprimentos – também oferece oportunidade de estimular demanda e gerar benefícios intangíveis. O lado da demanda se relaciona aos visitantes e ao turismo no pré-evento, enquanto os benefícios intangíveis decorrem, por exemplo, do crescente foco na cultura, parques de lazer e espaços para atividades criativas, educação, saúde, voluntariado e engajamento/desenvolvimento comunitário. No pré-evento, visitantes às instalações Olímpicas em Barcelona e Atlanta somaram cerca de 20.000; é provável que o número de visitantes de Londres exceda esse número. O turismo pré-evento também cresceu em cidades-sede com elevação das taxas de ocupação de camas em hotéis ocorridas nas mais recentes cidades-sede³². Em termos de benefícios intangíveis, as Olimpíadas propiciam ações locais para melhorar os parques públicos e os espaços ao ar livre bem como gerar eventos culturais e de lazer.

2012 e o Thames Gateway

O desenvolvimento do Thames Gateway, com sua regeneração e estrutura de planejamento associadas aos Jogos Olímpicos de 2012, criou uma complexa rede de agências bem como planos de regeneração urbana e de renovação social. Integrar as agências e os planos regionais tem sido uma tarefa difícil. Existem áreas de contestação sobre a autoridade de planejamento, políticas de habitação, desenvolvimento de empregos e infra-estrutura. É freqüentemente pouco claro onde a autoridade de uma agência começa e a de outra termina com limites não bem definidos. Nesse aspecto, as instalações Olímpicas de Londres vêm sendo construídas num contexto urbano que já experimenta um extenso processo de renovação, o qual está ocorrendo em bem melhor ambiente social e organizado do que foi Sidney ou Barcelona. O Thames Gateway, Londres e os documentos de planejamento dos municípios locais são uma mistura de aspirações e realidade. Freqüentemente uma autoridade de planejamento, como uma municipalidade local, não pode sozinha apresentar os pretendidos resultados porque as oportunidades de planejamento tipicamente requerem combinações de parcerias público/privadas para financiar a infra-estrutura, construção de moradias, empresas varejistas, negócios diversificados e instalações de lazer. Por essa razão, o Thames Gateway pode ser percebido mais como uma colcha de retalhos de desenvolvimentos especulativos do que propriamente um bem interligado e específico plano de renovação urbana. Neste contexto mais amplo, o impacto das Olimpíadas apresenta múltiplas dimensões.

Uma significativa proporção de gastos na infra-estrutura de Londres foi planejada sem considerar o sucesso da disputa para 2012. O efeito primário em sediar o evento foi o de estabelecer prazos restritos e pressões sobre os planos existentes e, em muitos casos, antecipar datas de conclusão. Os desenvolvimentos de infra-estrutura que são específicos das Olimpíadas, mas que serão também incluídos no legado, especialmente instalações esportivas, centros aquáticos e de mídia, envolvem dois assuntos que se relacionam. Primeiro, as construções devem facilitar o uso sustentável pós-evento. Segundo, em combinação com o desenvolvimento de infra-estrutura deve-se atrair estímulo para investimento de capitais privados de longo prazo na

32 - Igualmente, é importante reconhecer o deslocamento ou o efeito de evasão que disso decorre.

área de East London, garantindo assim um legado benéfico de mais longo prazo em relação a emprego e ingresso de novas companhias e indústrias. Por outro lado, tal progresso pode ocorrer em detrimento do desenvolvimento do Thames Gateway como um todo. A Olimpíada e sua economia “satélite” é bem provável que venha sugar investimentos que de outra forma poderiam ser aplicados ao longo do Thames Gateway – isto é freqüentemente denominado de efeito de deslocamento.

O efeito de deslocamento pode ser amenizado por ingresso de investimento que proporcionaria uma plataforma de longo prazo para crescimento de emprego, o qual se apoiaria na atração de novas indústrias e recolocação de empresas de grande porte. É aqui que o Thames Gateway confronta uma significativa barreira no seu desenvolvimento de longo-prazo. Vai além do escopo deste documento apresentar esta situação em detalhes. Contudo, é possível levantar algumas questões relevantes com referência a Barcelona e Beijing. O desenvolvimento econômico de longo prazo de Barcelona apoiou-se nos Jogos Olímpicos servindo como catalisador para o desenvolvimento urbano em uma ampla região e no contexto europeu. Barcelona antecipou-se no tempo para se tornar um centro de expansão dos setores de serviço para os que visualizam a cidade como um local em condições de oferecer uma conexão entre o norte da Europa e a península Ibérica (BRUNET, 1995). Barcelona soube atrair considerável investimento estrangeiro para facilitar seu desenvolvimento de longo prazo. Por outro lado, Beijing, é vitrine para uma relativamente dinâmica economia nacional, com as Olimpíadas criando significativas oportunidades em atrair investimentos e “know-how” para expandir o alto valor agregado e tecnologias através de sociedades e alianças com companhias multinacionais ocidentais.

Em contraste, o Reino Unido não se beneficia da localização e oportunidades transitórias ensejadas por Barcelona, nem da dinâmica economia doméstica da China, a qual vem apresentando crescimento recorde nos últimos anos. Sem dúvida, conforme revelado em recentes relatórios, o investimento no Reino Unido como proporção do PIB tem apresentado declínio histórico, com os mais importantes projetos de investimento sendo geralmente patrocinados pelo Estado em áreas como saúde e o uso de IT (Tecnologia da Informação) nos serviços públicos.³³ Neste amplo contexto econômico, o efeito catalisador das Olimpíadas é praticamente nulo, dada a relativa calma na qual a macro-economia se desenvolve. O papel das indústrias culturais e de criação na geração de empregos no East London e ao longo do Thames Gateway tem alguma base, mas esses setores não podem, por si só, gerar o impulso na direção de uma nova e dinâmica economia nacional.³⁴ A perspectiva para o Thames Gateway em tal cenário é que a geração de empregos permaneça próxima à Capital e se espalhe lentamente na direção Leste a partir da cidade, enquanto o desenvolvimento de moradias ao longo do estuário do Tâmis crie populações que sejam induzidas a se deslocar para o trabalho dentro da Capital. A inconveniente distância entre os locais de residência e o mercado de trabalho simplesmente gera um aumento no tráfego diário em Londres, colocando pressão adicional na infra-estrutura de transportes, atualmente frágil, porém em processo de melhorias.³⁵

Finalmente, voltemos-nos para a habitação e as questões a ela relacionadas. O programa de regeneração Olímpica amplia o estoque de moradias em cerca de

33 - Como resultado, a economia do Reino Unido é relativamente estável e não-dinâmica e, segundo Schumpeter, com pouca criatividade. Veja: MARTIN, B e RAWTHORNE, B Will stability last. London: USB Research Paper ,March 2004.

34 - Veja: London Cultural Capital (2003), Mayor of London.

35 - Tal cenário é comentado nos debates referentes a ‘comunidade sustentável’.

9.000 unidades: 4.500 casas de custo viável e 4.500 para serem vendidas no mercado livre. Para as três municipalidades de Londres – Tower Hamlet, Hackney e Newham – as moradias de custo acessível e originárias das Olimpíadas representam 6,6% do estoque total da autoridade local.³⁶ O efeito Olímpico será sentido de duas maneiras. Em primeiro lugar, em importantes melhorias ambientais – espaços ao ar livre, parques, etc. – substituindo extensas áreas de ‘brownfields’. Em segundo lugar, através da melhoria total dos estoques residenciais existentes, amenidades sociais, varejos e instalações públicas que esse desenvolvimento contempla, principalmente nos arredores da cidade de Stratford.

Essas melhorias em moradias e infra-estruturas sociais modificam a dinâmica e o relativo custo de vida em uma determinada área. O custo de vida relativo em East London é medido em comparação com a média de Londres. Em Newham, por exemplo, em 2006, a municipalidade tinha média de preços residenciais abaixo da média de Londres e uma alta proporção de estoques inadequados comparado com a média de Londres como um todo. O efeito Olímpico pode melhorar significativamente o estoque existente e modificar a dinâmica da qualidade de habitação, especialmente ao redor do centro de Stratford. É justamente aqui que o “efeito Barcelona” pode ocorrer. Barcelona testemunhou significativa elevação no valor de mercado das residências em decorrência das Olimpíadas de 1992, da mesma forma como ocorreu no Homebush de Sidney – um aumento de 20% no período de 1995-2000.³⁷ Enquanto a elevação no valor de mercado será importante, o desenvolvimento urbano criará também grandes desafios para assegurar que localidades periféricas como Hackney Wick não serão ignoradas e as comunidades não serão divididas entre os ‘gated’ e os restantes dispersos ao longo de “novas” linhas de classe raça ou etnia.

Conclusão

Avaliar o legado Olímpico é um assunto complexo. Distinguir entre os efeitos relacionados ao evento e o legado de longo prazo requer rigorosa metodologia e ampla visão sobre as premissas e métodos de mensuração. Diversos estudos superestimam os impactos positivos ao apoiar candidaturas e alguns outros têm adotado pouco rigorosas abordagens micro-econômicas, através das quais seus autores oferecem aos clientes respostas que eles desejam ouvir. Certamente a abordagem custo/benefício, freqüentemente favorecida pelas análises de impacto econômico, contém premissas implícitas que geralmente não se apóiam na avaliação total de um megaevento como os Jogos Olímpicos. Nos negócios, a análise do custo/benefício baseia-se preliminarmente sobre seus reflexos nos interesses dos acionistas – os donos do empreendimento. Em contraste, um evento Olímpico e seu legado apresentam menos definidos e não tão homogêneos “grupos de interesse”, além de diversos acionistas, muitos dos quais com suas próprias abordagens competitivas, aspirações e valores.

A primeira parte deste documento revela algumas armadilhas e problemas na avaliação de efeitos, enquanto também extrai evidências existentes nas mais rigorosas fontes para concluir reflexões construtivas ou insights baseados nas experiências de cidades que recentemente foram sedes de Jogos Olímpicos. Barcelona forneceu um exemplo de primeiros Jogos pós-ideológicos no pós-guerra fria; Jogos que ofereceram

36 - GLA (2004) London Thames Gateway Development Framework, April 2004.

37 - Veja: DONOVAN P. East London's economy and the Olympics. London: Global Economic Perspective, 2006. p. 12-13.

uma alternativa *ethos* para a altamente comercializada e de modelo orientado para negócios apresentado pelas cidades norte-americanas. A candidatura de Londres sintonizou o IOC com os governos de Londres e nacional, legitimando mais ainda o papel do estado e de agências quase-estado na regeneração urbana, criando algum distanciamento ao prevalente modelo neoliberal de estado mínimo, tão popular nos anos 80 e 90.

Comparações entre cidades que foram ou serão sede de Jogos Olímpicos devem ser tomadas com a devida precaução. A despeito de ser uma área com muitos restaurantes chineses o Bow Road não é uma mini versão de Beijing. O efeito catalisador dos Jogos varia de acordo com o local, circunstâncias da economia regional e nacional e o efeito Olímpico tem que ser medido por um significativo período de tempo. A Olimpíada de 2012 em Londres está antecipando, como em Barcelona e Beijing, um importante investimento em infra-estrutura concebido para suportar programas de renovação ou regeneração econômica. Diversamente de Beijing, nossa economia doméstica é menos dinâmica e o efeito catalisador potencialmente de menor duração e sem significante ímpeto a ser dado a novo investimento de capital no Thames Gateway, especialmente no setor comercial ou privado destinado não somente a moradias, mas a novas indústrias e oportunidades de emprego.

Tal investimento poderia potencialmente compensar o efeito de deslocamento – a concentração de fundos para 2012 no East London – em lugar de para outros locais do Thames Gateway. Também assistiria em superar potenciais conflitos entre a expansão de construção de casas, criação de oportunidades de negócios e desenvolvimento de infra-estrutura de transportes dentro da região do Thames Gateway. Da mesma forma, o sucesso do legado de longo prazo exige um cuidadoso equilíbrio a ser atingido entre as construções relativas ao evento e o uso de mais longo prazo em locais no interior da vila Olímpica, os quais devem se ajustar a propósitos sociais e economicamente viáveis no pós 2012.

Num futuro imediato, os organizadores têm um significativo desafio em cortar custos e cumprir prazos de conclusão, enquanto administram também as expectativas locais sobre os perceptíveis custos e benefícios de sediar os Jogos, particularmente em relação a empregos. A despeito dessas assombrosas tarefas, o sucesso da candidatura Olímpica colocou o East London na visão pública global. O evento 2012 enseja uma oportunidade que pode ser denominada de espaço público para o encaminhamento de temas relacionados ao desenvolvimento urbano e para que seja seriamente debatido, e exposto pela primeira vez em cinquenta anos, o histórico desequilíbrio do desenvolvimento sócio-econômico de Londres entre o leste “rico” e o oeste “pobre”.

Referências

Para consultas ver documento original – 42 referências.

Legado Olímpico: Regeneração Social e Cultural

Iain MacRury
East London University
Texto interpretativo: Ana Miragaya

Olympic Legacy: Social and Cultural Regeneration *This paper draws on examinations of some past Olympic cities and their legacies, as well as looking forward to London 2012. The paper draws out some examples of Social and Cultural legacies generated from hosting the Olympic and Paralympic Games. In particular the paper will consider the notion of legacy as 'narrative'; as a means for thinking and linking past, present and future trajectories of a city in its developmental path. The paper identifies both 'hard' and 'soft' legacy processes in order to demonstrate the interaction of such relatively more or less tangible and intangible developmental gains in the life of the city. The paper considers the role of governance in developing legacy and distinguishes a conception of 'legacy' understood (merely) as a series of concrete outcomes – e.g. stadia and other facilities used or unused in the post Games phase - from a more positive understanding of 'legacy' seen (instead) as generating a momentum – a positive capacity within the life of the city to develop further projects, further connections and new networks, and one placing the Games, and indeed other mega-events and its organisational arrangements as an integrative force within the broader transformational processes of city, region and nation. The paper contextualises the 'legacy' and regeneration issue with reference to a brief incident in Rio nearly 90 years ago, describing what was considered (at the time) a highly significant event: the visit to the city of King Albert and Queen Elisabeth of Belgium in September 1920.*

Esta apresentação (I) analisa algumas cidades olímpicas e seus legados colocando em perspectiva os Jogos Olímpicos (JO) a serem realizados em Londres em 2012; (II) aponta alguns exemplos de legados culturais e sociais gerados pelas cidades-sede de Jogos Olímpicos e Paraolímpicos; (III) considera especialmente a noção de legado como 'narrativa', como forma de pensar e ligar trajetórias passadas, presentes e futuras de uma cidade em seu processo de desenvolvimento; (IV) identifica os processos de legado para demonstrar a interação de ganhos de desenvolvimento relativamente mais ou menos tangíveis para a vida da cidade; (V) considera o papel de governança no desenvolver do legado; (VI) distingue a concepção de 'legado', entendida (meramente) como uma série de resultados concretos (estádios, e outras instalações usadas ou não na fase pós-Jogos) de uma perspectiva mais positiva de 'legado', que é vista como geradora de um momentum (capacidade positiva dentro da vida de uma cidade que ajuda a desenvolver mais projetos, conexões e novas redes, e que coloca os JO, e outros megaeventos e seus preparativos, em termos de organização como força integrativa dentro de processos de transformação maiores para a cidade, a região e o país); (VII) contextualiza o 'legado' e a questão da regeneração com referência a um breve acontecimento no Rio de Janeiro, há quase 90 anos, descrevendo o que foi considerado na época como um evento extremamente significativo: a visita do rei Albert e da rainha Elizabeth da Bélgica à cidade em setembro de 1920. Os slides de 1 a 20 que se seguem ilustram o roteiro ora em apresentação.

Slide 1

Legado Olímpico: Regeneração Social e Cultural

Rio, 2 de Maio de 2008

Dr. Iain MacRury, Diretor
London East Research Institute
University of East London

Slide 2

Diálogo e debate: levando o esporte a sério

“...um carnaval democrático do jogo. O esporte é um mundo no qual a maioria de nós pode ser participante, espectador ou crítico, dependendo da situação; é um mundo onde pode haver contradições; é um espaço social dependente do Estado e do Mercado, mas sabe como mantê-los à distância. Este espaço não é meramente onde ocorrem os jogos – é onde a boa vida deve ser vivida” (Goldblatt 2007).

Foi dentro desse espírito do esporte como provedor de conexões para compromissos sociais, acadêmicos, políticos e culturais e também pelo debate prático sobre aspectos bons da vida que o autor fez sua apresentação.

Slide 3

LONDON ASSEMBLY

A Lasting Legacy for London?
Assessing the legacy of the Olympic Games and Paralympic Games
May 2007

Barcelona · Atlanta · Sydney · Athens

Atlanta
Athens
Barcelona
Sydney
Athens

LONDON EAST
Research Institute

O trabalho de legado desenvolvido nestas cidades baseou-se na boa vontade de instituições políticas e acadêmicas de trabalharem juntas.

Slide 4

BELGIAN RULERS WELCOMED
The Jersey Girls Quitten to King Albert and Queen Elizabeth.



The following is a reproduction of a newspaper clipping from the New York Times, dated May 22, 1920, reporting on the visit of King Albert and Queen Elizabeth of Belgium to Rio de Janeiro. The article describes the welcome they received from the 'Jersey Girls' and other visitors, and mentions the presence of the Belgian flag.

Este artigo foi publicado ontem no jornal New York Times, como hábito de repetir fatos passados. Os reis da Bélgica em sua visita ao Rio de Janeiro em 1920, como um ‘megaevento’ em pequena escala.

Slide 5

O rei e a rainha representaram

"modelos da moderna juventude esportiva e elegante da época, que dispararam pela cidade, cada um em seu automóvel, demonstrando sua apreciação do ambiente salutar" (Caufield, 2000).

Para a visita, o Rio de Janeiro passou por um processo de regeneração para colocar a sua imagem à altura dos ilustres visitantes.

Slide 6

A regeneração objetivou mostrar o Brasil como:

"um país do futuro, uma nação cuja juventude e vigor puderam sustentar o progresso de sua civilização européia transplantada, mesmo quando a Europa já havia entrado em declínio". (Caufield 2000).

Slide 7

Regenerando a Cidade Maravilhosa para a visita real

- Chafarizes públicos foram pintados no Rio;
- A iluminação elétrica substituiu a de gás ao longo da Avenida Rio Branco e Rua Pinheiro Machado;
- Calçadas de pedra portuguesa foram instaladas em Copacabana, Ipanema e Leblon;
- Esforços foram feitos para terminar a construção da Avenida Niemeyer para que o Rei Alberto dirigisse seu carro entre o Leblon e a Tijuca.

Foram mudanças 'cosméticas', que modificaram um pouco e somente o visual por um tempo determinado.

Slide 8

Regenerando a Cidade Maravilhosa para a visita real

Essas mudanças cosméticas não puderam definir a cidade e gerar uma narrativa de desenvolvimento a longo prazo. A imagem 'regenerada' superficialmente, que projetou a cidade através deste evento e através do casal idealizado, falhou no desenvolvimento da narrativa pois não incluiu a diversidade nem as contradições da cidade e da nação para gerar credibilidade em corações e mentes.

O esforço de 1920 para construir uma imagem do país não foi bem sucedido como imitação da ordem social que existia numa Europa modernizada.

Slide 9

Megaeventos são importantes

O megaevento contemporâneo se tornou a medida, o índice e o padrão de um tipo particular de modernidade (não chegando a ser Europeu como tal, mas global e enraizado nas longas e competitivas redes das cidades globais) para admissão num clube elitista cujo ingresso se dá através do 'sedimento' de um megaevento, um prêmio enorme, hoje extremamente visado.

Os legados de megaeventos têm que achar conexão com as trajetórias locais do lugar para se contextualizarem e fazerem parte da narrativa da cidade.

Slide 10

Megaeventos ajudam a...

Pontuar e planejar a futura narrativa para a cidade e os estados do país.

Slide 11

Megaeventos: Pontuando pensamentos futuros – Londres, Glasgow, Gales e Reino Unido

Wales 2010

participação games 2012

GLASGOW 2014 COMMONWEALTH GAMES

FIFA 2018

Não são somente os Jogos Olímpicos de 2012 que importam para Londres. Há também a Copa do Mundo de Golfe de 2010 na País de Gales, os Jogos de Commonwealth em Glasgow em 2014 e uma possível candidatura à Copa do Mundo em 2018. Todos fazem parte do futuro do desenvolvimento do Reino Unido.

Slide 12

Megaeventos: LIGANDO PASSADO, PRESENTE E FUTURO

rio 2007 PAN AMERICAN GAMES

Brasil 2014

rio 2016

Da mesma forma no Rio de Janeiro e no Brasil, parece que os megaeventos são marcas que pontuam a narrativa da cidade e o desenvolvimento do país.

Slide 13


Legados são chaves para candidatura e organização de megaeventos

Legados dependem do desenvolvimento de uma história de regeneração baseada em credibilidade e sustentabilidade, de transformação urbana e de renovação para os vários públicos interessados – comunidades, políticos, negócios e instituições esportivas.

O legado é um processo de se passar para próximas gerações um presente ou uma herança de conhecimentos, propriedade e atitudes particulares. O legado tem natureza temporal, uma idéia de movimento através do tempo, uma narrativa de passado, presente e futuro.

Slide 14


Londres 2012 e as 5 "promessas de legados"



- Fazer do Reino Unido uma nação -líder na prática esportiva.
- Transformar o coração da região leste de Londres.
- Inspirar uma nova geração de jovens a serem voluntários em atividades físicas e culturais.
- Fazer do Parque Olímpico um projeto para vida sustentável.
- Demonstrar que no Reino Unido há criatividade, inclusão social e amizade e que lá se pode viver, visitar e trabalhar bem.

Slide 15

Londres 2012 e as 5 "promessas de legados"



O OBJETIVO DESSAS 5 PROMESSAS É ESTRUTURAR E FOCAR EM PLANEJAMENTO, DESTA FORMA PRIORIZANDO, MOBILIZANDO RECURSOS, A ORGANIZAÇÃO E A AVALIAÇÃO DOS JOGOS E SEUS LEGADOS.

Legado é narrativa.

Slide 16

Indústrias que se utilizam da criatividade

A insistência numa concepção moderna e cosmopolita, no caso do Rio de Janeiro, como peça-chave para qualquer legado e criação da imagem da cidade é relevante para o desenvolvimento de indústrias que se utilizam da criatividade.

Os megaeventos estimulam a diversificação da indústria de uma forma geral, incluindo a indústria cultural e a de criação. A criatividade das pessoas e das empresas se desenvolve rapidamente com inspiração nos megaeventos.

Slide 17

Indústrias que se utilizam da criatividade

A vida cultural e criativa da cidade deve ser paralela ao desenvolvimento de qualquer megaevento através de seus diversos segmentos sociais. Com gestão eficaz e flexível, indústrias que se impulsionam através da criatividade poderão alcançar destaque internacional na área de megaeventos.

Slide 18

"Criado no Brasil"

Com mais frequência e mais paralelamente a marcas mundialmente conhecidas, além de se verem rótulos como 'made in Brazil', ou 'grown in Brazil', veremos também produtos 'created in Brazil'. Este é um resultado de um legado significativo que se afirma e desenvolve um lugar único para o Rio de Janeiro na expansão da rede global de culturas metropolitanas contemporâneas.

Slide 19

"Momentum Legado"

Para se desenvolver um "momentum de legado" positivo a partir de megaeventos, é necessário planejamento, arrojo e continuidade de visão. Um legado não é (somente) uma situação já atingida – um conjunto de resultados previstos – para serem capitalizados. É na realidade uma narrativa de realização que vai se desenrolando e atingindo muitas formas – geradora e dirigida por um *momentum* que nasceu de estímulos econômicos, desenvolvimento de infraestrutura e da elaboração de fatores "soft" e valores afirmados, de comunidades e de outros públicos interessados na vida da cidade.

O momentum de legado se refere à capacidade da cidade e da economia regional de continuar tocando seu crescimento econômico imediatamente após o megaevento.

Slide 20

Muito obrigado.
Iain MacRury
London East Research Institute.
i.m.macrury@uel.ac.uk

Debate**Moderador: Prof. Dr. Nelson Todt****Debatedora: Prof. Rejane Penna Rodrigues**

P - Rejane Penna: Em se considerando a interseção entre esporte, política, cultura e mercado, em termos de legado, qual seria sua sugestão de planejamento para o Rio de Janeiro?

R - Cito as palavras do prefeito de Barcelona: "Começamos a pensar em qualidade e depois pensamos em quantidade". Uma edição dos Jogos Olímpicos (JO) é um tipo muito especial de megaevento e como tal deveremos pensar em valores e legados, pois cada megaevento possui uma história particular que conecta a cidade à sua própria história, à sua cultura, etc. A capacidade de compartilhar é essencial, pois pode atuar na negociação do equilíbrio entre os quatro elementos citados. Da mesma forma, a capacidade de negociação em termos dos legados de um megaevento depende de um equilíbrio entre a urgência de competir economicamente e de compartilhar. Os JO podem ser vistos como um presente para a cidade, mas também como uma 'commodity'.

P - Rejane Penna: Quais os desafios que envolvem tantos setores (público e privado, por exemplo) e interesses para um trabalho inter-setorial envolvido na realização de um megaevento como os Jogos Olímpicos?

R - Para responder a essa pergunta precisamos nos reportar ao conceito de narrativa e à natureza e tipos de intervenção que envolvem um megaevento. Os JO suscitam imaginação, entusiasmo e alegria. Narrativas de presente, passado e futuro da história da cidade se cruzam e interferem no modo de as pessoas passarem a pensar. Na ausência da narrativa e da imaginação, haveria somente a análise de custo-benefício, que é sempre necessária. Porém, a singularidade dos JO envolve a criatividade e a imaginação, é algo de mágico que transcende o planejamento de custo-benefício. Há a necessidade de se medirem os custos e benefícios por um lado, mas por outro há a necessidade dos muitos setores envolvidos dialogarem e dividirem suas agendas de forma que o presente de se haver recebido a incumbência de sediar o megaevento se transforme numa narrativa rica em experiências para todos.

P - Nelson Todt: Como fazer para que esse potencial conseguido não se disperse após o megaevento e se transforme em algum tipo de legado?

R - Uma Olimpíada dura quatro anos, enquanto os Jogos Olímpicos duram duas semanas. A duração da Olimpíada pode estar ligada ao processo de regeneração de forma que quanto mais evidenciados ficassem os quatro anos da Olimpíada, mais poderiam contribuir para solucionar desafios tais como o da inclusão social através de processos ligados à educação. Os países que possuem grande diversidade e diferenças sociais e econômicas podem se utilizar da educação para lidar com grandes desafios. O esporte estaria dentro da educação. A Olimpíada através da regeneração pode contribuir em muito para isso.

P - Nelson Todt: Quais são os legados que realmente os Jogos Olímpicos deixam para a cidade e a comunidade em geral?

R - Em primeiro lugar, gostaria de citar os legados 'soft' que se transformam em 'hard' através, por exemplo, da imagem da cidade, do seu valor de marca, transformado e transmitido mundo afora. Se os JO forem bem sucedidos, vão agregar significado e valor à cidade (estado, país), o que é absolutamente crucial para sua

capacidade de induzir mais atividade comercial, econômica (turismo, investimentos, etc.). Em segundo lugar, o que chamamos de legado 'hard' pode gerar legado 'soft' na medida em que as instalações esportivas transformam o perfil físico da cidade. Os cidadãos lembram-se do megaevento, que se transforma numa boa lembrança e permanece conectada à imagem da cidade, os nomes das ruas e dos lugares, re-conectando ou re-integrando as pessoas à fluidez do dia-a-dia. A chave é a governança da relação entre as estratégias do megaevento e as estratégias maiores do planejamento urbano.

Os Jogos Olímpicos 2012 em Londres Leste: Da desindustrialização à regeneração

Álvaro De Miranda
London East Research Institute
Inglaterra

The East London 2012 Olympic Games: from de-industrialization to urban regeneration *The successful candidacy of London to host the 2012 Olympic Games is the result of two historical processes: the first one refers to the urban regeneration of the eastern area of London and the second one to the analysis of the development of the Olympic Movement in its international bases. In the latter process, the question of legacy is particularly important for the city and for the International Olympic Committee. In fact, Olympic values have been disregarded due to the interests and increasing relevance of sponsors and television rights. The set of Olympic ideals then need not only self-protection in relation to commercial publicity but also the establishment of Olympic Games as brand value. The planning of the Olympic legacy to benefit the involved communities has become the compensating element of applicant cities, which was exactly the key aspect of London's application to stage the 2012 Olympic Games. The debate that followed the presentation featured not only the urban regeneration process of London starting from the preservation of the local communities but also the management of a city like London as it had to face challenges in its transformation process (presentation based in previous papers from Gavin Poynter and Iain MacRury - London East Research Institute).*

Esta apresentação baseia-se em textos dos Professores Gavin Pointer e Iain MacRury do London East Research Institute, os quais partem do processo de candidatura bem sucedida de Londres para sediar os Jogos Olímpicos de 2012. Tal sucesso foi resultado de dois processos históricos: o primeiro refere-se ao desenvolvimento da área leste de Londres, e o segundo, à análise do desenvolvimento do Movimento Olímpico em suas bases internacionais. Nesta última abordagem, a questão do legado é particularmente importante, não só para a cidade, mas também para o Comitê Olímpico Internacional. Ou seja: o sucesso de ambos é fundamentalmente importante considerando-se a realidade local.

Haveria, portanto, um "Processo Olímpico" que se apoiou na idéia de regenerar a zona leste de Londres que aparentemente tinha desaparecido com a des-industrialização daquela parte da cidade, como apontam os itens abaixo por categorização :

Desindustrialização

Constatações:

- fábricas e docas fecharam; edifícios e paisagens vazios
- alto nível de desemprego
- declínio da população local
- deterioração da infra-estrutura habitacional, baixa de preços das casas
- fluxo de imigração de refugiados pobres
- privação e nível de qualificação inadequado da população local

NEWHAM - Município do Leste de Londres:

- População total: 245.000 adultos, inseridos aqui paquistaneses, indianos, negros, etc.; crescimento da população local três vezes maior do que a média do país
- 61% da população pertencem a minorias étnicas
- 40% não possui qualificação
- 50% dos núcleos familiares classificados como vivendo na pobreza

Esta era a realidade social que se encontrava o Leste de Londres no fim dos anos de 1980, o que induz a se perguntar como se poderia intervir localmente com uma regeneração urbana. Vejamos primeiramente o conceito: o que é a Regeneração Urbana?

- melhorar a situação econômica das comunidades carentes?
- ou
- reforçar a economia local e criar riqueza?
- ou
- ambas as coisas?

Outra identificação necessária é a da chamada primeira fase de regeneração, na qual se estimulou a zona de Canary Wharfe, que era um pólo de atração de jornais, mídia, financeiro, etc., onde vários bancos tinham construído suas sedes. Tendo em vista esta primeira recuperação, questiona-se: quem se deslocou para esta zona e quem veio trabalhar? Praticamente todos os novos moradores vieram de fora sobretudo imigrantes, o que produziu resultados positivos e negativos. Ao final, Canary Wharfe se esvaziara em termos urbanos, processo que se pode resumir como se verifica adiante.

Regeneração de Londres Leste

Fase inicial da regeneração: Canary Wharfe

- reforçou a economia e criou riqueza
- melhorou grandemente o meio ambiente físico Porém,
- não melhorou a situação econômica das comunidades locais
- os postos de trabalho criados foram para pessoas de zonas ricas da cidade
- novos residentes vieram das áreas prósperas de Londres
- os habitantes locais foram marginalizados
- houve uma reação política adversa ao processo.

Estas condicionantes finais sugerem preliminarmente que a regeneração de uma cidade candidata terá que priorizar o público e as comunidades locais. Se o objetivo for fazer deste local visível globalmente, como zona de capital mundial (Global City), o caminho da regeneração passa pela comunidade local em face à apropriação adequada dos Jogos Olímpicos. Este foco de desenvolvimento local implica em princípio usar o consumo como meio de alcançar dimensões globais.

Modelo de Regeneração Baseado no Consumo

Tomando como ponto de partida o capitalismo com suas indústrias de serviços, em particular os setores em crescimento - a mídia, as telecomunicações, o

lazer, o turismo, os mercados de massa para TV digital e por satélite e o turismo de massa barato -, cria-se uma base para o aumento da visibilidade da cidade ou região. Origina-se daí o conceito da global city, a cidade mundial. No caso da proposta Londres 2012, a promoção destes serviços indutores de globalização foi realizada através de parcerias Público-Privadas. Para esta operacionalização, houve uma reorganização da política local e uma modelagem conceitual de globalização visando ao inward investment, i. e. um investimento local aplicado pelas então criadas agências de desenvolvimento econômico “quase-governamentais” de regeneração de Londres Leste. Essa nova fase de Thames Gateway procura também melhorar a situação econômica das comunidades, e a igualdade de oportunidades para uma população cultural e etnicamente diversa que possibilita o alcance do ideal Olímpico de “unir o mundo”.

Jogos Olímpicos - Ideais e Economia

Valores e Ideais Olímpicos incluem fair play, troca cultural, igualdade, tradição, honra, paz (unir o mundo) etc. Entretanto, a realidade do desenvolvimento olímpico tem bases econômicas tais como:

- custos crescentes
- contribuições relativas públicas e privadas variadas
- ambas predicadas no “valor de marca” (brand value) do Olimpismo

Porém, há uma contradição nesta relação de ideais com relações econômicas. Os valores olímpicos ficam comprometidos quando as contribuições público-privadas mostram-se voltadas para interesses e importância crescente dos sponsors e dos direitos da TV. Este fato por vezes atrai a atenção das pessoas e isso projeta uma imagem de capitalismo no Olimpismo, criando uma dialética que reduz o significado de seus valores. Este conjunto de ideais olímpicos passa a necessitar então de auto-proteção com respeito à publicidade comercial e aos predicados (sponsorship) bem como da instituição do valor de marca dos Jogos Olímpicos.

Modelos Econômicos

BARATO

- Poucas facilidades novas
- Investimento pequeno em infra estrutura
- Maioria de fundos privados (p. ex. 1996 Atlanta: 80% privado; 1984 Los Angeles: 90% privado)

CARO

- Muitas facilidades novas
- Grande investimento em infra estruturas
- Financiamento público majoritário; exemplos:
 - 1992 Barcelona (62% público);
 - 2000 Sydney (55% público);
 - 2008 Beijing (90% público*);
 - 2012 Londres (estimativa: 80%+ público)

DILEMA: ideais olímpicos ou realidade econômica?

- a realidade econômica tende cada vez mais a dominar
- o próprio COI depende cada vez mais dos predicados (sponsors) e dos direitos de TV

Portanto, o valor de marca é denegrido pela comercialização porque parece contrário aos ideais olímpicos. Aliada à esta deterioração houve todavia a chamada “Crise Moral” de 1999-2000 com um grande escândalo público de corrupção em relação à escolha de Salt Lake City para as Olimpíadas de Inverno. Em última instância a crise moral pode ser vista como uma crise da “marca” Olímpica.

CONSEQUÊNCIAS para o projeto de Londres 2012

- COI inclinado a dar nova ênfase aos ideais olímpicos
- regeneração para benefício das comunidades privadas (um trunfo para o COI no contexto da crise moral)
- planificar o legado olímpico para as comunidades torna-se elemento importante de futuras candidaturas e a candidatura de Londres 2012 contém precisamente este elemento.

Foco Centrado no Legado

- o momentum do legado como processo não fixo, mas contínuo
- a questão da sustentabilidade e do meio ambiente/ equilíbrio entre o homem e a natureza
- a participação das comunidades para o planejamento do legado olímpico
- a participação das comunidades na governança do legado
- o equilíbrio correto entre o público e o privado (Barcelona mostra-se como caso paradigmático).

Advertências finais:

- a regeneração como legado em favor das comunidades deve envolver as próprias comunidades no planejamento
- os prazos apertados dos jogos implicam uma estrutura centralizada de decisão pouco condizente à democracia
- isto pode levar à alienação e marginalização das comunidades, porém a preocupação deve ser a de preservar essas comunidades.

Debate

P: Rodrigo Terra Eu percebi uma pequena diferença em relação à regeneração urbana do ponto de vista de Londres e do que foi feito em Barcelona. Parece que no caso de Londres foi feita uma regeneração da regeneração, que não tinha a ver com as os Jogos Olímpicos. Foi criando um novo espaço, a partir do qual vocês detectaram também alguns problemas: então agora teria que haver uma regeneração para as Olimpíadas? Também percebo uma questão fundamental sob meu ponto de vista: a partir desse novo planejamento do meio ambiente e do planejamento participativo, comunitário, como também do ponto de vista da política, como o conferencista vê a administração do novo Prefeito?

R: É muito difícil para a comunidade entender as construções que são feitas, e o que elas representam para eles próprios, sobretudo considerando a questão do meio ambiente. As novas tecnologias permitem visualizar muito melhor estas transformações espaciais, por isso digo que deveriam ter sido feitos projetos visuais para permitir as pessoas entender e ter uma idéia melhor das vantagens. O conceito de regeneração é o conceito de uma transição de uma economia para outro tipo de economia. Para mim as duas regenerações é apenas uma regeneração. Isso foi feito para Canary Wharfe, e a outra fase é para a Olimpíada (período maior do que os Jogos), uma foi focada somente num aspecto que é puramente econômico, do comércio, etc., e o outro, a segunda fase, tenta fazer uma diferente interpretação do que deve ser a regeneração.

P: Minha preocupação é se está sendo tomada alguma uma medida pelo governo para proteger o processo de migração das populações pobres para outros lugares, e o de pessoas mais ricas para os locais de regeneração, já que o valor dos imóveis aumentou, ou seja, o processo de substituição de uma população para outra. Outra questão é que outro conferencista havia salientado que um impacto positivo dos Jogos é que está havendo uma concentração metropolitana. Ou seja: os governos locais e metropolitano estão se reorganizando, dialogando sobre o planejamento e pensando a metrópole enquanto um conjunto integrado; esta ação antes não havia ou tinha sido esvaziada pelo governo conservador. Isto é verdade? Houve um ganho para governança atual da cidade a partir do planejamento do megaevento?

R: Em relação à primeira pergunta, há sim um grande problema. Sua colocação representa exatamente o que aconteceu em Canary Wharfe: o preço da habitação subiu excepcionalmente com a regeneração, tornando-a inacessível. À luz dos vários exemplos disponíveis, pode-se dizer hoje que não é um problema só do governo central, mas também do municipal, local, obrigando em certas medidas as parcerias público privadas construir as casas de maneira mais acessível. Isso do ponto de vista da engenharia empresarial tem uma vantagem, porque a criação de zonas de habitação social gera uma segregação. Entretanto, ao se conseguir, através de um plano de uma zona, dizer aos empreendedores que se pode construir casas mais sofisticadas para os ricos para venderem mais caro, pode-se também permitir a construção de casas mais simples, dentro da mesma zona. Quanto à questão da governança de Londres, a resposta é positiva: há um novo foco sobre a metrópole e a Prefeitura tem assumido a coordenação das atividades. Neste particular, a figura do prefeito é muito importante nesse processo de melhorias.

Estruturação de Megaeventos e Regeneração Urbana: Barcelona 1992 e Torino 2006

Enric Truño

Consultor Internacional da Secretaria Executiva do Comitê de Gestão das Ações do Governo Federal para os Jogos Pan-Americanos e Parapan-Americanos RIO 2007

Sumário de Elaine Rizzuti

Construction of Mega Events and Urban Regeneration: Barcelona 1992 and Turin 2006 *The lecturer presented the Barcelona and Turin projects as paradigms for future Olympic mega events once they were defined as catalysts for international projection. They featured from the search for resources to the improvement of the urban fabric, also including tourism incentives and the development and promotion of sports. The project of the planning of Barcelona had public and private partnership, with great support from the local government. Turin was the first Italian city to adopt a strategic plan for the Winter Olympic Games, involving several public agencies and institutions, political representatives of the economic sectors, civil society, but keeping the project of redefinition of its own identity. In conclusion, the consultant emphasized how important it is for the Olympic host city's population to participate in the project. He added that it does not make sense to stage mega events without the support of the local community as reality, not as a politically correct discourse. In the discussions that followed the presentation, the application of cities such as Istanbul (candidacy as permanent catalyst of the local politics) and Cape Town (focus on poor people's social inclusion), which had unsuccessfully bid for the 2004 Games, was emphasized as they are valid paradigms for Rio de Janeiro due to their political and social adversities.*

Inicialmente, o conferencista apresentou um breve histórico da cidade de Barcelona, suas construções urbanas e situação geográfica desde o ano de 1860 em diante. Em Julho de 1980, Barcelona se candidata aos Jogos Olímpicos posterior a Moscou. Como diretriz principal para a candidatura, diante das dificuldades que a cidade estava passando à época, definiu-se a visibilidade como oportunidade - como um catalizador - para projetar Barcelona internacionalmente, buscar recursos para melhoria da malha urbana, bem como, estimular o turismo, desenvolver e promover o esporte. O Projeto de planejamento da cidade teve uma parceria pública x privado, com grande apoio do Prefeito. A estrutura do projeto da Barcelona como sede dos Jogos Olímpicos de 1992 é apresentada a seguir.

Dimensões Urbanas

- A cidade e sua área metropolitana
- As quatro áreas olímpicas em Barcelona
- A recuperação da frente marítima da cidade: 5 km de praias e de Porto Olímpico
- Acessos com a construção de um anel rodoviário e comunicações
- Transformações no aeroporto
- Investimento na área das telecomunicações visando ao futuro

- Plano de construção de Hotéis: 5.000 novos quartos
- Novas instalações esportivas: Estádio, três Arenas, Piscina, Complexo Tênis
- Equipamentos culturais: criação de museus, teatro, auditório.

Plano Estratégico Econômico e Social de Barcelona 2000

Este plano foi elaborado ao longo de quase três anos com parceria pública x privada, tendo como objetivos gerais:

- 1) Consolidar a posição de Barcelona como metrópole europeia de negócios, tendo um impacto sobre o ambiente geopolítico com qualidade de vida avançada, um equilíbrio social e uma cultura fortemente marcada pelas suas raízes mediterrâneas; fazer de Barcelona um centro líder no seu contexto geográfico;
- 2) Melhorar a qualidade de vida e o progresso dos cidadãos;
- 3) Intensificar a indústria e os serviços oferecidos às empresas.

Legados Como Resultado da Realização dos Jogos Olímpicos

RANKING CIDADES DE NEGÓCIOS

Barcelona, hoje, é uma das cidades europeias que apresenta melhor qualidade de vida e a quarta melhor para se implantar um negócio, de acordo com informe European Cities Monitor 2007, elaborado pela consultora Cushman & Wakefield La Vanguardia, em 09/10/2007.

EXPERIÊNCIA OLÍMPICA

1. Marketing da cidade: útil como melhora da imagem externa da cidade e das suas vias de comunicação ao exterior.

2. Incremento turístico:

2 milhões de visitantes em 1992

4 milhões de visitantes em 2000

7 milhões de visitantes em 2007

3. Incremento da atividade econômica

4. Pontos fortes:

- Uso de um evento mundial como concentração de investimento público e privado para resolver o déficit de infra-estruturas da cidade
- Integração do Projeto Olímpico com o conjunto do Plano Estratégico Barcelona 2000
- Cooperação público-privada (60% pública e 40% privado)
- Consenso institucional
- Desenvolvimento de uma fórmula de gestão específica: HOLSA (43% do investimento público)
- Liderança da Prefeitura de Barcelona
- Grande participação da cidadania local.

Em conclusão, o conferencista realçou a importância da participação da população de Barcelona no projeto olímpico de 1992. Adicionalmente declarou que não

faz sentido realizar eventos deste porte, sem apoio da comunidade local, não como um simples discurso politicamente correto, mas como uma realidade factual.

Passando para o tema de Torino 2006, Enric Truño esclareceu que se utilizaria de dados tanto de fontes italianas como vindas de Michael Payne, conferencista convidado para participar do Seminário do Rio de Janeiro (maio, 1-5 de maio) mas ausente dos trabalhos. Payne foi Diretor de Marketing do COI durante 21 anos e portanto constituía uma experiência digna de atenção e referência. Introduzindo o tema, um questão ponto de partida foi apresentada por produzir inquietações: “Que outros ganhos a realização de um evento esportivo do porte dos Jogos Olímpicos trazem para um país?”

Para Truño (Payne), o grande exemplo é Barcelona, como modelo de desenvolvimento, que após a realização dos Jogos de 1992 ganhou uma visibilidade incomum, especialmente para a promoção do turismo. Para que isso ocorresse com relação a Torino, o governo local e o nacional precisaram estabelecer um planejamento sério e comprometido para a candidatura da cidade, do mesmo modo que a Espanha fez com a com Barcelona em 1992.

TORINO INTERNAZIONALE 2006

Torino foi a primeira cidade italiana que adotou um Plano Estratégico com relação aos Jogos Olímpicos – de inverno no caso -, em 29 de fevereiro de 2000, envolvendo várias instituições públicas, representantes políticos, de setores econômicos, da sociedade civil, tendo em vista o projeto de redefinição de sua própria identidade.

Principais objetivos estratégicos:

- Melhorar a integração da cidade no âmbito internacional
- Desenvolver um plano de governo amplo e unitário
- Favorecer a iniciativa empresarial, bem como sustentar sua estabilidade
- Promover a cidade de Torino em um centro de pesquisa e formação, transformando-a em um pólo cultural, turístico e esportivo
- Melhorar a qualidade de vida, social e ambiental de seus habitantes.

Terminado o processo de planejamento, foi estabelecido um pacto de desenvolvimento com as instituições comprometidas em todo processo de forma compartilhada e sustentada, contendo 6 linhas estratégicas, 20 objetivos e 84 ações.

Dentro das linhas estratégicas destacam-se: (1) Promover Torino em uma cidade pólo nos aspectos cultural, turístico e esportivo; (2) Utilizar os Jogos Olímpicos de inverno como motor para o desenvolvimento e promoção internacional.

Barcelona – Torino – Rio de Janeiro

A transferência das experiências de Barcelona e Torino, em suas linhas gerais, para a candidatura do Rio de Janeiro aos Jogos Olímpicos de 2016, gera um modelo de estratégia cujos pontos focais são os seguintes:

A CANDIDATURA

Motivação: Os Jogos como um catalisador para a contínua transformação da cidade do Rio de Janeiro.

Legado da candidatura: Aceleração de projetos de longo-prazo da cidade.

LEGADOS

Para a cidade do Rio de Janeiro e para o Brasil:

- esportivos
- turísticos
- ambientais
- urbanísticos
- de conhecimento

QUESTIONÁRIO PARA ACEITAÇÃO DA CANDIDATURA

- Descrever a motivação atrás da escolha da localização de uma infra-estrutura Olímpica chave
- Definir a visão dos Jogos Olímpicos e como ela se integra a estratégia de planejamento de longo prazo do Rio de Janeiro
- Identificar e definir os impactos e legados que os Jogos Olímpicos terão na cidade e região
- Definir planos de desenvolvimento sustentável de todas as estruturas/instalações permanentes que estão incluídas no projeto.

DOSSIÊ CANDIDATURA ESTABELECIDO PELO COI

- Identificar e definir o impacto e legado que os Jogos Olímpicos terão na cidade e região
- Definir planos de desenvolvimento sustentável de todas as estruturas/instalações permanentes que estão incluídas no projeto
- Modelo de Governança, concebido a partir da identificação dos relacionamentos inter e intra governamentais
- Definir a visão dos Jogos Olímpicos e como ela se integra na estratégia de planejamento de longo prazo do Rio de Janeiro;

CRITÉRIOS PARA UMA CANDIDATURA

- “Tem que” promover o equilíbrio territorial e o desenvolvimento sustentável
- Realizar as obras e instalações necessárias
- Consenso entre cidadãos e políticos
- Envolver o setor privado na definição do plano estratégico
- Movimentar recursos e estabelecer sinergias
- Responder a um modelo e projeto de cidade
- Fomentar a prática do esporte
- Usar o impacto na mídia.

Finalmente, o conferencista fez menção de Londres 2012 como um novo paradigma de cidade sede dos Jogos Olímpicos. Neste caso, a estratégia se apóia na regeneração da cidade a qual inclui a construção de um Parque Olímpico, localizado no centro de uma área de 600 hectares de terra ociosa, revitalizando uma rede de

canais que servem a novas comunidades e negócios, como início da regeneração, que se estenderá até a área leste da cidade.

O legado de Londres 2012 será grandioso e percebido em todas as áreas, desde o esporte e suas instalações, até a infra-estrutura urbana e o meio ambiente. Os Jogos Olímpicos de Londres proporcionarão ao mundo um evento esportivo da mais alta qualidade, com sustentabilidade econômica e ambiental em seu núcleo.

Debate

Lamartine DaCosta: Na qualidade de debatedor, o professor Lamartine pediu permissão para fundamentar as considerações do conferencista Enric Truño no processo em andamento no Ministério do Esporte de promover estudos e pesquisas no tema dos megaeventos esportivos e seus legados. Para DaCosta, o conferencista focalizou o megaevento olímpico como um impacto reconhecido, como um produto da “sinalização” (signalling), que é uma tentativa de projetar a cidade para o exterior e assim obter vantagens relativas em face às demais cidades. Este é um fenômeno geopolítico e, basicamente, um fenômeno econômico, conforme comprovado por Barcelona e Torino.

Aproveitando o momento em que a cidade do Rio de Janeiro estava envolvida na realização dos Jogos Pan-Americanos 2007 (julho de 2007), foi feita uma meta-análise de 53 estudos e pesquisas produzidos no exterior sobre legados para identificar teoricamente o desenvolvimento desta área de conhecimento. A meta-análise examina cada produção acadêmica através dos pontos principais que ele aborda para, posteriormente, se observar convergências e divergências do conjunto, de maneira a possibilitar um mapeamento do “estado da arte”, isto é o estado do conhecimento (nível, impactos, direcionamentos etc.).

Uma conclusão inicial incidiu sobre as metodologias que se mostraram concentradas em “boas práticas” (exemplo Barcelona) e em benchmark, que é uma comparação com empresas, candidaturas, cidades olímpicas, no sentido de verificar diferenças entre uma e outra a partir de um determinado padrão e copiar o que há de melhor e o que deu certo. Estas duas metodologias servem de ponto de partida para analisar as apresentações de nossos colegas estrangeiros durante o Seminário como também para projetar futuras pesquisas a serem feitas no Brasil.

Os Jogos Olímpicos foram um catalisador da modernização da cidade de Barcelona e também a projeção da cidade diante do mundo, para ganhar vantagens relativas dentro Europa e da área internacional como um todo. Tivemos, nesta apresentação de Truño, uma visão de “boas práticas”, mas devemos estar atentos aos custos-oportunidade. Dessa forma, essas metodologias devem ser usadas no sentido de uma visão maior, de maneira que os benefícios sejam levantados, mas que sejam considerados também os riscos.

Baseando-se na conferência de Truño, DaCosta apontou as soluções Barcelona e Torino como exemplos de boas práticas, com grandes resultados. O que houve em Torino é mais ou menos o que se propõe como resultado deste Seminário e da respectiva publicação de livro. Ou seja, naquela cidade e na região da Lombardia que a delimita, conseguiu-se promover a produção do conhecimento com recursos institucionais locais em intercâmbio com o exterior. Portanto, a cidade não estava preocupada apenas com sua projeção para o mundo mas com a cultura local, sendo esta, um componente importante de desenvolvimento.

De fato Londres e Vancouver em adição, apresentam-se como uma mudança de paradigmas no entendimento dos Jogos Olímpicos. Para o Brasil que está visando a 2016, 2020, 2024 ou talvez 2030, ou mesmo algum tempo à frente, é bom que se parta dessa mudança de paradigma, que é uma visão de inclusão social e preservação do meio ambiente. Se estivermos visando uma abordagem técnico comparativa, esta seria a visão de Barcelona e Torino; mas se temos uma visão de perspectiva, então deparamos com Londres e Vancouver, ao visarmos a integração social como prioridade. Este é o caso do Rio de Janeiro, que têm sérios problemas quanto à pobreza, saúde, transportes coletivos e outros. Em prosseguimento a esta idéia, se escolhermos o método de benchmark, então o alvo é Istanbul e Cidade do Cabo, cidades candidatas pouco citadas ou mesmo mencionada por palestrantes estrangeiros. DaCosta adiantou que o que serve para os brasileiros é uma comparação com o projeto que foi feito pela Cidade do Cabo, para os Jogos Olímpicos de 2004 (não selecionado). Para a elaboração do projeto, que era de índole social, partiu-se da população pobre com fins de integrá-los nas áreas de acesso a transportes, escolas, comércio e – last but not least - nas atividades esportivas.

O projeto da Cidade do Cabo previa a integração emprego, instalações esportivas, transportes, de maneira que as partes pobres da cidade ficassem integradas nas partes ricas, como defesa do meio ambiente nas áreas comuns. Infelizmente, não tivemos a presença de pessoas da Cidade do Cabo aqui no Rio de Janeiro. Provavelmente, o Brasil tem tido ambições elevadas e, talvez, até ambições elevadas demais para suas possibilidades.

Istanbul é um outro exemplo de benchmark, com sua candidatura permanente, “permanente” no caso é sempre o vencedor. Se os Jogos Olímpicos fazem uma catalisação, por que não somos candidatos permanentes? Sejamos então favoráveis à candidatura da cidade do Rio de Janeiro, hoje e sempre, porque assim, estarão catalisadas as forças políticas para melhorar a cidade. Istanbul fez uma lei instituindo a candidatura permanente, integrando a população pobre, os diferentes grupos étnicos, porém, apesar da simpatia do Projeto pelos especialistas, o mesmo tem se tornado inviável por causa da ameaça latente do terrorismo na região

Aproveitando a oportunidade de tudo que foi dito sobre Barcelona e Torino, DaCosta convidou os presentes a partir para novos passos, da seguinte forma: Londres e Vancouver, como reformas almejadas por todos nós, e vejamos Istanbul e Cidade do Cabo como nossa realidade. Rio de Janeiro, não é o modelo do Brasil, pois é uma cidade com grandes problemas sócio-econômicos semelhantes aos da Cidade do Cabo, da mesma forma que se assemelha a Istanbul, com os embates políticos, em que os governos municipal, estadual e federal não se entendem. Por isso, precisamos ter esses modelos sim, e apoiar a candidatura do Rio de Janeiro, disse ele de modo declaratório, tom mantido nas observações adiante.

Finalmente, as estratégias das construções são fundamentais, pois são nelas que acontecem os megaeventos. Porém, a estratégia que o conferencista Truño mostrou, era a da cidade que caiu com as construções, mas depois se reergueu, em função do retorno. Chamo atenção que há um modelo do meio ambiente do Comitê Olímpico Internacional, que se adapta a tudo que se está discutindo aqui como também é uma diretriz genérica para estratégias.

Acredito que a cidade do Rio de Janeiro será vitoriosa, se tiver um plano, qualquer que seja ele, com garantias de mudança nos meios de transporte e meio ambien-

te. Porém, o que parece é que não há perspectiva para se resolver a questão do meio ambiente na cidade do Rio de Janeiro, se não houver um plano de larga escala, muito bem estruturado, com técnicos brasileiros envolvidos na sua elaboração. Este é um ponto fundamental na avaliação das cidades candidatas, já que meio ambiente é a chave do futuro se quisermos transformar a cidade numa cidade olímpica.

Henrique Pereira: Tanto em Barcelona como em Torino, como foi constituído o Comitê Organizador dos Jogos?

Truño: O Comitê de Barcelona apresentava seis conselhos, conselho geral, comissão executiva, comissão permanente, o presidente, o prefeito, delegado, secretário de urbanismo, de turismo, federações e confederações espanholas e catalãs, todas as cidades sede e todos os grupos políticos. Para o Comitê, o fundamental é que as oposições políticas estivessem presentes na organização, senão passaria a ser um projeto do governo; portanto, a oposição estava presente no parlamento, tanto em Barcelona como em Catalunha.

Fernando Telles: Partindo da premissa de que as competições, os Jogos e os megaeventos movem as competições e as competições são realizadas nas instalações, eu gostaria de perguntar sobre o uso das instalações após o evento?

Truño: Criamos uma sociedade municipal com a idéia de gestão das quatro grandes instalações, sendo a Arena a maior delas.

Regeneração Urbana e Direitos do Cidadão: o Caso dos Jogos Olímpicos de Atlanta 1996

Alberto Reinaldo Reppold Filho
Centro de Estudos Olímpicos ESEF - UFRGS

Urban Regeneration and Citizens' Rights: the Case of the Atlanta 1996 Olympic Games *The object of this study is urban regeneration and the rights of citizens who live in cities that host mega sporting events, especially the Olympic Games. These rights are affected by decisions in which citizens did not participate or share. Initially the inhabitants of the host cities are defined as losers or winners as a result of the Games. An example of that is a study of the 1996 Atlanta Olympic Games, which helps identify reasons for social exclusion that took place during the preparation phase for the Games between 1990 and 1996. After the analysis of the positive and negative aspects of the 1996 Atlanta project, it is possible to conclude that the entrepreneurial elite of Atlanta not only conducted the staging of the Games, but also received the benefits of the process. Within this context of mega sporting events management, a comparison between the negative facts of Atlanta 1996 and the facts that show up in the application of Rio de Janeiro to host the 2016 Olympic Games indicates that the model of private financing, administration and decision making followed in Atlanta does not apply to Rio de Janeiro. Considering that events with such magnitude offer an opportunity for social changes and urban regeneration, the conclusion arrived is that to achieve these goals the planning and organization of the Olympic Games in Rio de Janeiro will require a great amount of public funds and government and community involvement. The discussion conducted after the presentation concentrated not only on the definition of the city both inhabitants and leaders would like to have but also on the need to make the urban planning of the Olympic host cities as democratic as possible. In addition to these management features, the audience discussed procedures which can materialize the fundamental partnership of an applicant city to the Olympic Games, made up of Government, Organizing Committee of the Games and different groups of the communities and local institutional leaderships.*

Nesta apresentação, focalizamos os megaeventos esportivos na perspectiva da regeneração urbana e dos direitos do cidadão, particularizando os Jogos Olímpicos de Atlanta em 1996. Passados mais de dez anos desde a realização dos Jogos, Atlanta oferece importantes lições para cidades que pretendam sediar eventos com dimensões similares.

O tema escolhido está afeto à filosofia do esporte, em especial à ética no esporte, com foco sobre a ótica dos perdedores. Como ponto de partida assume-se que as comunidades carentes e com menos capacidade de organização política são as parcelas da população urbana que mais têm perdido com os megaeventos esportivos.

O material consultado para a elaboração do estudo consistiu de livros e artigos científicos publicados em periódicos norte-americanos e internacionais. Foram analisados também artigos de jornais locais, com circulação na cidade de Atlanta e região metropolitana, e de jornais de abrangência nacional, com circulação em todo o território norte-americano. Além destes materiais, foram consultados relatórios do comitê organizador dos Jogos e documentos de organizações internacionais.

O trabalho foi organizado de forma a apresentar uma visão da candidatura, do planejamento e organização, e do legado dos Jogos Olímpicos, com ênfase nos aspectos sociais. Antes, contudo, como o intuito de situar o evento e melhor entender as razões que levaram a sua realização, é apresentada uma breve visão da cidade de Atlanta no período que antecedeu os Jogos.

Atlanta: uma cidade de disparidades

Atlanta localiza-se no centro de uma região metropolitana composta por 10 distritos. Na época dos Jogos Olímpicos, a população da cidade era estimada em 394 mil habitantes, enquanto a região metropolitana atingia mais de 3 milhões de pessoas. Ao longo das décadas que antecederam o evento, a região de Atlanta vinha atraindo grandes empresas, sendo sede de mais de 500 corporações. Entre as principais empresas com sede na cidade e arredores encontravam-se: Coca-Cola, CNN, Delta Airlines, Home Depot e UPS (United Parcel Service). Isto fazia da região uma das mais bem sucedidas dos Estados Unidos.

Desde o início dos anos de 1960, a política local era dominada pelo Partido Democrata e se caracterizava por uma parceria entre os líderes políticos negros e a elite econômica branca ligada ao comércio e aos negócios. Atlanta se autodenominava “a sede do movimento dos direitos civis” e seus habitantes se orgulhavam de dizer que viviam em “uma cidade muito ocupada para odiar”.

Entretanto, Atlanta apresentava vários problemas. Enquanto a região metropolitana como um todo experimentava forte crescimento, o centro da cidade vinha perdendo em negócios. Os subúrbios rivalizavam com o centro tradicional de Atlanta em termos de emprego, comércio e escritórios. Entre 1980 e 1990, houve um declínio da população da cidade em 31.000 pessoas (7,3%). A parcela da população que se deslocou para outras partes da região metropolitana era composta na sua maioria por brancos de classe média e alta e por negros de classe média. No centro da cidade, ocorreu um aumento da população negra de baixa renda.

Os problemas urbanos eram evidentes. Havia uma distância enorme entre a população branca com elevado poder aquisitivo e a população negra empobrecida. O deslocamento da população de maior poder aquisitivo para outras áreas da região metropolitana deixou o centro da cidade sem investimentos, tendo como consequência salas vazias e prédios abandonados. Além disso, favoreceu a concentração da pobreza e o crescimento do crime. Em 1990, Atlanta foi considerada a cidade mais violenta dos Estados Unidos.

A infra-estrutura urbana era antiga e encontrava-se em condições precárias. O sistema de esgoto, em especial, era um dos problemas mais sérios. A prefeitura local pagava multas de 20 mil dólares por dia pelo lançamento de esgoto não tratado no rio que banha a cidade.

Em tais circunstâncias poucos acreditavam que o centro da cidade e os bairros vizinhos pudessem ser revitalizados. Os investidores e os administradores públicos relutavam em envolver-se com a situação. A candidatura para os Jogos Olímpicos de 1996 surgiu tendo este cenário como pano de fundo e motivação.

A Candidatura

A candidatura surgiu como uma possibilidade para atingir reconhecimento nacional e internacional e promover a cidade como um centro de justiça ra-

cial e prosperidade econômica. Atlanta há tempo aspirava por reconhecimento que fosse além da região sudeste dos Estados Unidos. Os Jogos representavam uma oportunidade para que ela se projetasse como “a próxima grande cidade internacional”.

A expectativa era que o evento pudesse trazer benefícios econômicos não apenas para a cidade, mas também para o Estado da Geórgia. Estes viriam tanto nos anos que antecedessem os Jogos como nos anos posteriores. Os benefícios de curto prazo ficariam por conta dos recursos financeiros injetados em decorrência do evento. Os efeitos em longo prazo estavam ligados à criação de instalações de nível internacional, reconhecimento da cidade e do estado em razão da intensa e continuada exposição na mídia, e benefícios para a comunidade como criação de novos postos de trabalho, treinamento de pessoal e projetos de remodelamento da cidade.

Em termos de infra-estrutura, a proposta de candidatura de Atlanta se fundamentou na existência de excelente rede de hotéis e de aeroporto de nível internacional, com rede de conexões aéreas para todo o mundo. Além disso, a cidade já possuía várias das instalações esportivas necessárias para os Jogos. De significativa importância, foi a concentração da maioria das instalações esportivas num pequeno espaço geográfico, que ficou conhecido por Anel Olímpico. Este espaço compreendia um raio de 2 milhas a partir do centro da cidade. O êxito da candidatura deveu-se também ao financiamento quase exclusivamente privado do evento. Os recursos necessários viriam dos patrocinadores, dos direitos de transmissão e da venda de ingressos. Por fim, não menos importante, foi o apoio público ao evento, garantido principalmente pelo fato da realização dos Jogos não acarretarem aumento de impostos e outros encargos à população.

Planejamento e Organização

Após a seleção de Atlanta como sede dos Jogos Olímpicos, foram criadas várias instituições para planejar e organizar o evento. A Atlanta Committee for the Olympic Games (ACOG), organização privada e sem fins lucrativos, ficou encarregada da construção das instalações esportivas e da Vila Olímpica. Além disso, cabia a ela a negociação de contratos com a mídia televisiva e venda de patrocínios e ingressos. A Metropolitan Atlanta Olympic Games Authority (MAOGA), organização pública, teve por incumbência fiscalizar as finanças e aprovar os contratos da ACOG, com o propósito de garantir a legalidade e viabilidade financeira do evento. Já a Prefeitura de Atlanta assumiu a responsabilidade pela melhoria da infra-estrutura nas áreas dos eventos e locais para os visitantes.

Em 1993, foi criada a Corporation for Olympic Development in Atlanta (CODA), organização sem fins lucrativos, composta pelo governo e comunidade empresarial local. Coube a esta organização o planejamento e implementação de projetos de remodelação urbana. Sua missão era estender os benefícios dos Jogos Olímpicos para os bairros mais pobres. A CODA identificou 16 bairros dentro do Anel Olímpico para concentrar esforços. Estes bairros estavam entre os mais pobres da região metropolitana. Dos residentes na área, 79% recebiam menos que 20 mil dólares por ano e 36% menos que 5 mil dólares por ano. A população consistia de 92% de afro-americanos (cerca de 52 mil pessoas).

Legado

A análise do material consultado indicou que houve um estímulo para economia local nos anos que antecederam os Jogos. Além disso, o evento promoveu o turismo e atraiu negócios para a região. O legado em termos de instalações foi significativo. A cidade adquiriu um novo estádio e outras instalações esportivas. Os Jogos representaram também um incentivo para melhorias urbanísticas e na infra-estrutura. Por fim, a exposição continuada na mídia foi uma oportunidade de marketing para a cidade. Atlanta melhorou substancialmente sua imagem com os Jogos.

Todavia, os Jogos também deixaram a desejar em vários aspectos. Os gastos dos visitantes foram bem menores do que os estimados e concentrados nas áreas imediatamente adjacentes aos locais dos eventos. O modelo de gestão provocou a falência de pequenos negócios relacionados aos Jogos. Sob o ponto de vista da opinião pública ocorreram críticas de que a candidatura não foi suficientemente discutida com a comunidade e as informações ficaram restritas a uma pequena parcela da população.

Outro aspecto a destacar, é que a fragmentação da autoridade entre as três agências organizadoras limitou as ações coordenadas. Além disso, a estrutura financeira centrada em recursos privados deixou a agência pública subordinada às demais e, com isso, os projetos de maior interesse para a cidade receberam baixa prioridade. O papel da iniciativa privada nos itens anteriores tem importância desde que este tipo de intervenção econômica priorizou investimentos em espaços de seus interesses.

Os Jogos Olímpicos de Atlanta constituíram um modelo bem sucedido de planejamento e organização em vários aspectos, mas foram mal sucedidos em especial quanto aos direitos do cidadão. O evento não provocou o impacto esperado na regeneração urbana, especialmente nas áreas empobrecidas da cidade. O deslocamento da população não aconteceu da forma prevista. As comunidades mais pobres se distanciaram do chamado "Anel Olímpico", ficando desalojadas e sem os atendimentos e benefícios prometidos. A situação atingiu mais diretamente à comunidade negra. Segundo estimativas, houve o deslocamento de 68 mil pessoas, das quais de 22 mil eram proprietárias de imóveis. De cada 20 pessoas deslocadas, 19 eram negros.

Considerações Finais

A análise de casos, como dos Jogos Olímpicos de Atlanta, demonstra que os megaeventos esportivos oferecem importantes vantagens para as cidades-sede e mesmo para o país organizador, deixando como legado instalações esportivas e outras instalações relacionadas aos Jogos, promovendo estímulo de curto prazo à economia e à construção civil e incrementando o turismo durante o evento. Entretanto os Jogos de Atlanta deixam também importantes lições, que por seus aspectos negativos, necessitam ser consideradas pelas cidades brasileiras interessadas em sediar megaeventos esportivos.

No Brasil, a construção de instalações para eventos esportivos de grande porte exige envolvimento do setor público, ampliando a demanda de convencimento da população em face aos gastos públicos excessivos. Nestas circunstâncias e sob o ponto de vista dos direitos do cidadão, é importante que a população participe em todas as etapas, incluindo-se a decisão sobre a candidatura. Diferentes setores da sociedade civil precisam estar representados nos comitês organizadores com direito de

decisão, para que suas posições sejam consideradas e valorizadas. Da mesma forma, é necessário garantir o direito à informação. Esta deve ser adequada e veiculada de modo que população possa tomar conhecimento do que vai acontecer desde o planejamento até a execução. Soma-se a isto o direito à habitação e o apoio às pessoas que serão deslocadas de suas comunidades em razão da realização dos Jogos.

Em cidades com graves problemas sociais e de infra-estrutura, os megaeventos podem prover um impulso para atender mais adequadamente às comunidades menos favorecidas da população. Nesta perspectiva, o modelo de Atlanta centrado na gestão e financiamento privados não aparece adequado para as cidades brasileiras onde se fazem necessários projetos e ações sociais de grande vulto. Nos Jogos Olímpicos de Atlanta a elite empresarial da cidade desempenhou papel de liderança para a sua realização e foi a sua principal beneficiária. No caso brasileiro, parece fundamental que o poder público exerça um papel mais determinante tanto no financiamento como na gestão de megaeventos. Isto se faz necessário para que os benefícios destes eventos se estendam também às populações mais carentes.

Preocupados com a situação, pesquisadores, políticos e gestores têm se perguntado: Como fazer para que os setores alijados e com prejuízos nos Jogos Olímpicos possam também ganhar com a sua organização? Questionamentos deste tipo representam um avanço, no que se refere aos direitos do cidadão. Entretanto, podemos reformular a questão com o intuito de ampliar ainda mais estes direitos. Isto levaria a seguinte pergunta: Como pensar o financiamento, a gestão e o legado dos megaeventos esportivos tendo como ponto central os interesses das comunidades mais carentes? A reformulação da pergunta nestes termos nos remete à necessidade do modelo proposto para a cidade ser pensado não apenas sob o ponto de vista dos diferentes setores e comunidades que serão atingidos pelos Jogos, mas especialmente sob o ponto de vista dos setores e comunidades mais necessitados. Nesta perspectiva, o modelo deve orientar-se por princípios de equidade e de justiça social.

Julio Filgueira (debatedor):

Primeiro, partindo do cenário de trazer um megaevento para uma cidade, podemos construir elementos para uma outra perspectiva: a cidade para um megaevento. Neste sentido é importante o esforço que tem sido feito no Brasil, pela força das grandes contradições sociais que vivem as nossas cidades, no sentido de que essas se constituam em espaços mais democráticos de vida e de organização das comunidades. É bastante significativo perceber que quando entramos no Século XXI, 82% da população do Brasil (140 milhões de pessoas) viviam nas cidades. Qualificando o dado, se tratam de cidades/comunidades que concentram grande parte da vulnerabilidade e da desigualdade a que estão submetidas parcelas consideráveis de nossa população. Este déficit, esta dívida em termos de vulnerabilidade social e desigualdade concentrada, sobretudo nas grandes manchas urbanas, faz com que se coloque como grande perspectiva da superação as dificuldades de pensar a cidade. O pensar a cidade, ou a chamada reforma urbana, é algo que transcende a perspectiva do individual, de como eu me estruturo no ambiente em que eu vivo. Pensar a cidade nesta perspectiva passa a ser como princípio de direito, como deve ser o princípio da cidadania. Cidadania esta: participativa; para todos com equidade. Pensar a cidade, primeiro, a partir da garantia do estado do direito à cidade. As pessoas se organizam, se estruturam e, tendem a ir se constituindo como comunidade, em tor-

no, sobretudo das cidades, das zonas urbanas. Então é preciso assumir que o Estado deve garantir o direito à cidade.

O segundo aspecto é a função social da propriedade. As cidades se constituem e o uso do solo é um traço marcante e determinante da forma de ocupação e do quão democrático ou não se dá a adesão das pessoas a esta cidade. Posso ter um traço que orienta a cidade exclusivamente marcado pela venda da força de trabalho. As pessoas se vinculam, portanto, à cidade. As pessoas são levadas à cidade por uma demanda de arregimentação da força de trabalho e lá chegam, portanto, expropriadas de qualquer propriedade no sentido de que elas nada têm de ligação com aquela terra, com aquele solo, com aquele ambiente, tem que vender a força de trabalho e evidentemente a venda desta supõe ir para onde se compra esta força de trabalho.

O terceiro aspecto da análise deve ser o que diz respeito a uma política urbana re-distributiva, uma política urbana que propicie a não concentração. Há um binômio usual entre nós que é o centro e a periferia. Isto, muitas vezes não é geográfico, estamos falando muito mais da inclusão e da exclusão. Não se trata aqui de um aspecto meramente espacial, mas de um aspecto que pode ser caracterizado como da inclusão e da não inclusão. Portanto, há de se perseguir uma política urbana que seja re-distributiva.

No quarto e último aspecto que trata da gestão, se temos este ambiente, se há garantia do Estado do direito à cidade, se nós tratamos da função social da propriedade, se asseguramos uma política urbana re-distributiva, como fazer que a gestão deste ambiente, para que a gestão dessa cidade seja democrática e participativa?

Essas reflexões devem ser contempladas ao tratar dos megaeventos e legados e quando pensamos na cidade que queremos. Já estão demonstrados, pelas discussões que aqui tivemos, os impactos que os megaeventos produzem nas comunidades que os acolhem. Esse impacto é urbano, econômico, na formação das pessoas, de conhecimento, de know how, de cultura, de valorização de determinadas características, seja oprimindo ou reforçando as características locais. Tratamos, portanto de discutir de que maneira fazer com que os megaeventos que têm grande impacto junto às comunidades, assumam a perspectiva de uma comunidade inclusiva que nos parece ser um paradigma a orientar o planejamento desses eventos. Evidente que aqui tratamos dos megaeventos esportivos, mas podemos extrapolar esta questão para outros universos. De que maneira a cidade que faz esta opção se aproxima dela sem desconhecer os direitos de cada cidadão? Ou seja, sem estabelecer uma dicotomia entre quem ganha e quem perde? Trata-se de estabelecer uma política orientada para que todos possam ganhar. Ao tentar pensar na absorção de um megaevento por parte de uma cidade, que não se dê dissociada do seu plano diretor. Se considero a grande capacidade de regeneração sobre a malha, sobre o tecido urbano que tem a concentração da infra-estrutura ou a realização dessas mega-estruturas, evidentemente isso não está dissociado da questão do patrimônio. Quando se associa a organização do megaevento com o planejamento do plano diretor, o que se busca é fazer com que haja uma vinculação do projeto do megaevento ao projeto de especulação imobiliária e que não é necessariamente da cidade que queremos. Quando se fala em Rio 2016, alguém está pensando em onde vai ser a Vila Olímpica, o Parque Olímpico, a linha de metrô e outras estruturas que serão necessárias para a realização do evento. Esse alguém, não é definido. Ou ele é o plano diretor, ou as organizações sociais, ou a Prefeitura, o poder constituído, os setores populares, ou a depender de não

pensar este sujeito constituído, seguramente será o mercado, as grandes corporações, a especulação imobiliária. Um aspecto que chamamos a atenção é que ao pensar a cidade para os megaeventos, isso se dê em sintonia com o plano diretor da cidade para que tenhamos o primeiro olhar para a questão do patrimônio.

A segunda questão diz respeito a como a cidade vai ser apropriada pela população. Como o megaevento poderá permitir uma cidade que seja para todos, democrática e apropriada pela população, promova a instituição de teias, de redes de relacionamento? Participamos do grupo organizado para a candidatura da cidade de São Paulo aos Jogos Olímpicos de 2012 e, a partir desta experiência no período 2003-2004, posso tentar responder a pergunta. Por que trago o exemplo da candidatura de São Paulo 2012? Porque para nós estava claro que na perspectiva da candidatura que São Paulo à época, era preciso instituir redes de relacionamento. Passados os Jogos, o projeto olímpico tinha que permitir redes de relacionamento, de fomento à economia local, de instituição de equipamentos sociais, de trazer as pessoas a residir e, sobretudo, de trazer uma dinâmica própria ao local onde residem, era um partido, um partido urbanístico. Não adianta somente moradia, equipamento esportivo e pessoas trabalhando e morar a 50 km de distância. Não adianta só equipamento social e não ter a moradia, ou o pior, ter a moradia e não ter o equipamento social. Portanto é preciso pensar também que a intervenção na cidade permita, passado o evento, a instituição de teias de relacionamento promovendo economia local, moradia, trânsito, enfim mobilidade de maneira que a cidade pertença às pessoas. Partimos da perspectiva de que a cidade pertence às pessoas que nela residem.

A terceira questão diz respeito ao meio ambiente. De que maneira se trabalha um projeto ambientalmente sustentável? Vários exemplos de eventos, no caso dos Jogos Olímpicos, mas não somente restrito a eles, usaram também a motivação de receber um megaevento que tornou a cidade ambientalmente sustentável. Volto à experiência da São Paulo. Para nós era inconcebível transformar São Paulo em uma cidade olímpica sem recuperar o Rio Tietê e o Rio Pinheiros, razão pela qual o projeto olímpico se estruturava em torno da calha entre estes dois rios. Parecia-nos que um legado para a cidade de São Paulo, era torná-la ambientalmente sustentável, o que tornava inconcebível para a cidade não ter no centro da estruturação dos Jogos a recuperação dos rios. Assim sendo, este exemplo induz a uma pergunta genérica a ser feita em qualquer circunstância de candidatura aos Jogos Olímpicos: de que maneira, ao pensar o legado dos megaeventos na perspectiva das cidades, se pensa em torná-las ambientalmente sustentáveis?

Outra questão diz respeito à integração dos diferentes segmentos da cidade e a constituição de uma consciência de convívio, da consciência de participação, social e política daqueles que vivem na cidade. Um elemento que não deve se dissociar da perspectiva do legado dos megaeventos é a cultura, a consciência da cidadania, da educação, dos cidadãos que vivem na cidade. É bastante significativo o exemplo de Barcelona. Quando você vai a Barcelona, um traço marcante da cidade é o espírito olímpico, aquela motivação, aquela paixão, que tomou a todos por ocasião dos Jogos. Isto se manifesta nas centenas de clubes públicos encontrados por toda a parte. Barcelona tem um nível de ocupação do solo um tanto quanto concentrado, e é muito comum você entrar por uma porta e encontrar instalações esportivas embaixo da rua. Mais uma vez generalizando a partir de exemplos, é preciso que as pessoas que moram na cidade se contagiem da motivação, do espírito, que se criou em torno de grandes eventos.

Concluindo, ao tratar dos megaeventos e dos impactos que eles têm nas cidades, é preciso tratar da cidade que queremos. Uma cidade que tem plano diretor, que trata da questão do patrimônio, portanto da função social da propriedade, que trata de uma política urbana re-distributiva, que se inspira numa gestão democrática e participativa. É preciso ao lado disso, de uma cidade que assegure direitos sociais. Democrática na sua gestão, mas que permita a inclusão dos direitos.

Permitam-me concluir com algo que sua falta pode ser considerada uma falha, que é o direito ao esporte. Não há como pensar que uma cidade que recebe um megaevento esportivo, ainda na perspectiva que ela pertença ao seu povo, não pense que um direito fundamental a ser assegurado seja o direito ao esporte. Nesta perspectiva, a inserção do Brasil no calendário de megaeventos e de que as cidades se preparem para eles, seja apontada no âmbito do Sistema Nacional de Esportes e do Lazer. E, é nessa perspectiva que o sistema deve apoiar-se num binômio e assegurar o direito ao esporte e ao lazer. Binômio que não nega o alto rendimento, mas que entende este como uma parte: direito ao esporte educacional, portanto assegurar o direito a que as escolas tenham instalações/equipamentos, que permita uma revisão do modelo de inserção do esporte na escola, seja na perspectiva da Educação Física escolar ou das atividades de contra-turno. O segundo elemento deste binômio é o direito ao lazer. Não há como conceber que uma cidade invista milhões de reais na construção de um grande estádio e não o faça com centenas de praças esportivas, com centenas de clubes. Não há como pensar que uma cidade tenha uma pista de atletismo sintética classe 1, dos melhores fabricantes; e que não tenha centenas de pistas de carvão ou de qualquer outro material que seja para população ver disseminada a prática esportiva. De maneira que a cidade que recebe os megaeventos na perspectiva da inclusão, da reforma urbana, do pertencimento da cidade pelos seus cidadãos, não pode prescindir da difusão, da massificação, do direito ao esporte educacional e do direito ao lazer. E para que isso seja efetivo é preciso tratar da gestão social dos equipamentos que ficam e do controle social da Política Pública.

O megaevento pode ser uma inspiração, pode ser uma paixão, mas o que permanece é a cidade. E esta tem que ser a cidade do seu povo, democrática, dos direitos, com estabelecimento de teias de relacionamento em que o povo assume seu papel cidadão, a dirige e a comanda e constrói um futuro nosso, dos nossos filhos e das futuras gerações.

Perguntas

Martin Curi – Sou doutorando em Antropologia na Universidade Federal Fluminense e gostaria de aproveitar a oportunidade do tema em debate para informar aos presentes sobre o trabalho do Comitê Social do Pan 2007, no sentido de contribuir com as falas anteriores. Percebo nos palestrantes uma preocupação em como fazer megaeventos mais democráticos e como instruir a população, e com isso quero fazer constar que no Rio de Janeiro houve um esforço neste sentido: o Comitê Social do Pan. Esta organização trabalhou com associações de moradores, especificamente aquelas das regiões do Engenho, do Autódromo, do Parque do Flamengo, tentando articular os direitos dos cidadãos. O Comitê também lutou na área do Estádio de Remo (Lagoa Rodrigo de Freitas), por causa do uso de dinheiro público na renovação desse estádio e teve também participação na ação do Ministério Público que embargou essas obras. Creio que este exemplo seja um caminho válido para o futuro.

Alberto Reppold – Minha abordagem se fundamentou em Atlanta 1996, porém é importante lembrar que os Jogos Olímpicos de Montreal, em 1976, foram bancados pela cidade, assumindo empréstimos de organismos de crédito internacional, que só conseguiram ser saldados após 19 anos. A partir daí - não digo Moscou 1980, que foi um caso especial -, mas a partir de Los Angeles 1984, chegou-se à conclusão que a iniciativa privada deveria bancar parcela importante dos gastos, com o poder público complementando. Tal fórmula hoje tem sido vista como ideal, mas nem sempre é perfeita como já vimos aqui no Seminário com relação a Londres 2012. De qualquer modo houve um exemplo digno de realce no Pan 2007, representado pela Vila Pan-Americana, que antes de encerrar sua construção, já estava praticamente vendida. Parece-me então que o ponto focal deste debate é o papel do Estado diante dos megaeventos, incluindo, sobretudo, questões de direitos do cidadão como citados nos seus exemplos com relação ao Pan 2007. Este papel por vezes incide em questões de financiamento, mas deveria ter mais abrangência incidindo em outras questões de importância para a cidade.

Sávio Raeder - Meu interesse situa-se na geografia urbana em face aos eventos esportivos de grande porte e seus efeitos, o que inclui os problemas que ocorrem quanto ao assentamento de famílias, em termos de instalação de megaeventos em determinadas áreas urbanas. Trata-se hoje de um fato comum a necessidade de se reassentar famílias em grandes obras, principalmente quando circunscritas a cidades. É um processo muito complicado o deslocamento de famílias, considerando a identidade formada localmente, as relações de pertencimento, da vizinhança bem consolidada; mas em alguns momentos mostra-se inevitável, seja para construir estradas de rodagem, represas e outros equipamentos. Em que medida, esses re-assentamentos que são fundamentais, que são necessários, que não podem deixar de ser feitos, podem ser realizados, que direitos devem ser observados, como deve ocorrer esses re-assentamentos de modo que as famílias que estão saindo desses locais tenham sua condição respeitada de cidadão? O senhor mencionaria exemplos sobre assentamentos onde os direitos fundamentais foram respeitados? Não seria uma idéia viável, por exemplo, no caso do Rio de Janeiro, estimular-se o uso residencial no centro da cidade? Já que o centro da cidade é de uso exclusivamente comercial (de dia há um uso intenso e a noite a cidade praticamente morre), estimular o uso de serviços e bens que estão inaproveitados na vida noturna poderia ser uma solução.

Alberto Reppold – O que vejo de importante nas associações de moradores e neste ponto compartilho da tese central do Julio, é que devemos pensar a realização dos Jogos Olímpicos com parte de um plano mais geral da cidade. Então, neste sentido, é importante reforçar a cidade mais participativa, reforçar as instituições populares não somente em relação ao esporte, em função do megaevento, mas em pensar a participação popular no conjunto das decisões referentes à cidade. Para isso é preciso pensar a cidade, com o esporte se inserindo no contexto da vida das pessoas e das comunidades, com o reforço das associações de bairro - postura fundamental nesse processo - e temos que ter isso mais ou menos consolidado antes dos Jogos. Ocorre que estas comunidades quando percebem que serão atingidas diretamente já não têm força política para reverter a situação. Em relação a Montreal, já vimos que a cidade ficou com um endividamento que durou cerca de 20 anos. Trabalhamos agora com a idéia de outro modelo. Os Jogos Olímpicos de Los Angeles foram praticamente privados e tiveram lucro. Os Jogos de Atlanta também foram bem sucedidos dentro deste modelo. O que se vê em Atlanta hoje? Há o Centennial Park, grande parque construído na região central da cidade, que atraiu um conjunto de construções comerciais e de ha-

bitação em seu entorno, sendo hoje um espaço privilegiado na cidade. Com exceção disso, o resto está mais ou menos integrado na arquitetura, na estrutura da cidade a ponto de quase não se perceber que lá aconteceram os Jogos Olímpicos. Em Sidney, ao contrário, os Jogos deixaram marcas por toda parte. A cidade até hoje atrai turistas para visitar as instalações olímpicas. Recordo também que Munique, anos depois da realização dos Jogos Olímpicos em 1972, continuava atrativa no sentido das pessoas irem à cidade para visitar as instalações onde ocorreram os Jogos. Em Atlanta não foi isto que aconteceu. No meu entendimento o modelo de financiamento e gestão privado não é recomendável no nosso contexto, não é desejável na nossa sociedade. Por isso defendo que os Jogos devem estar inseridos numa concepção de cidade, e no papel que efetivamente o esporte e o lazer têm na cidade. Nesta perspectiva percebo que os Jogos sinalizam um momento, uma oportunidade para mobilizar a cidade em torno de se fazer alterações. Esse legado não necessita ficar restrito à cidade, pode ter um impacto nacional. Justamente no direito da pessoa à atividade física, surge um impacto maior, podendo se integrar a programas nacionais, como por exemplo, o Segundo Tempo. Este é um programa de dimensão nacional que tem repercussão no Rio de Janeiro, mas está integrado a uma política de democratização do esporte. É assim que penso que o modelo brasileiro precisa ser mais voltado para as questões sociais e utilizar o megaevento de fato para induzir muitas destas alterações. Em relação aos deslocamentos urbanos e reassentamentos, é necessário todo o cuidado. As pessoas estão nas suas regiões da cidade, levando suas vidas, algumas estabelecidas há vários anos. Estão ali, articuladas com a sua comunidade, seus vizinhos, seus amigos, seu trabalho, seus espaços de lazer. Essas pessoas são repentinamente deslocadas para viver com pessoas que têm tradições, hábitos e histórias de vida por vezes completamente diferentes das suas. Há estudos que indicam serem estes impactos – sobretudo em crianças – similares aos experimentados pelos desabrigados e foragidos de guerras e catástrofes naturais. Dentro de um modelo de cidade que valoriza a cidadania, estas pessoas não podem ser deslocadas para qualquer lugar. Um aspecto fundamental é garantir um reassentamento com infra-estrutura, em condições adequadas, com acesso à escola, à saúde, ao transporte, ao espaço de esporte e lazer. Outro ponto a considerar é de que a indenização seja feita efetivamente de acordo com aquilo que vale o imóvel. É importante também o aviso prévio e que seja dado o tempo necessário para que as pessoas possam organizar sua mudança. Existem informações de que em edições anteriores dos Jogos Olímpicos ocorreram violações neste sentido e de que na China isto também aconteceu. Em síntese, há que se garantir o direito das pessoas, com legislação apropriada para o caso dos megaeventos. São muitos os casos em que a legislação é flexibilizada diante da urgência que cerca os megaeventos, e depois as pessoas ficam anos disputando na justiça para garantir os seus direitos. Muitas vezes, em áreas pobres, as pessoas não são proprietárias dos locais onde moram e se torna difícil algum tipo de ressarcimento por áreas que efetivamente não lhes pertencem.

Fernando Telles – Devemos sempre começar pela História. Este é um método importante que está sendo utilizado pelo pessoal da Universidade de East London; ou seja, eles fazem uma retrospectiva dos Jogos Olímpicos e vão extraindo ensinamentos, identificando aspectos positivos e negativos, enfatizando os positivos, adaptando suas condições locais e rejeitando os aspectos negativos. Concordo com o Secretário Julio que não são necessárias grandes instalações esportivas quando estamos lidando com escolas, com a população de um modo geral, população carente, não que serão dadas condições menores, mas ideais para aquela prática que se pretenda. Es-

tudando políticas esportivas de outros países, constatee que pouco se fala de alto nível. Alto nível é uma consequência da disseminação do uso extensivo de instalações. Como dito aqui anteriormente, as abordagens sobre legados começam sempre pelas instalações. Se estas são apropriadas e bem feitas, os impactos também repercutem na estrutura urbana, na parte social, na econômica e, especialmente, na detecção de talentos, estes atingindo apenas de 1 ou 2% da população que pratica esporte. Então a instalação esportiva deve ser contemplada sim porque representa um símbolo para o país, um exemplo para as crianças, mas também representa um gasto elevado, excessivamente alto, obrigando-nos a ponderar bem os custos com os benefícios.

Petrus – Como conciliar os interesses ou funções do Estado e atender a iniciativa privada que precisa de patrocínio, de recursos, de financiadores? Sei que é um caminho complexo e longo, mas a própria pergunta já representa uma crítica, pois ela ainda não é comum entre nós.

Cassia Damiani – Chamou-me atenção esta mesa. Parece-me de forma muito inteligente, o cume do que significa o debate sobre os megaeventos no âmbito do planejamento que tem como perspectiva um projeto de nação. A cidade é simbólica em relação ao que significam todos os elementos que debatemos aqui com respeito aos legados de megaeventos. É na cidade que o legado se materializa, é na cidade vista sob a perspectiva do legado, a exemplo de outros países que realizaram megaeventos esportivos. Gostaria de destacar então que esta perspectiva precisa estar relacionada ao Sistema Nacional de Esporte e Lazer. Quem está se comprometendo com o financiamento no âmbito das instituições públicas ou privadas de esporte no Brasil em relação a um dos elementos partícipes desta política nacional que é a renovação e desenvolvimento do país através de eventos esportivos? Faço estas considerações, pois estamos num momento fértil em termos de esporte em nosso país. A solução que se põe, então, é a construção do Sistema Nacional de Esporte e Lazer a partir dos debates nas etapas municipais, estaduais e nacional da Conferência Nacional do Esporte.

Lamartine DaCosta – Gostaria de abordar esta questão não como uma resposta, mas como um desafio de pesquisa. Já houve esta colocação aqui, em outras oportunidades deste seminário. A tendência é clara: o governo tem uma participação cada vez maior nos megaeventos, simplesmente porque mexe com a estrutura de uma cidade e de um país. O caso da Grécia é emblemático, mudou toda a estrutura do país, inclusive renovou a estrutura de governo. É uma coisa extraordinária o efeito do megaevento, muito maior que se imagina. Além do mais, megaevento está se tornando algo importante do ponto de vista geopolítico, ele projeta a imagem do país no exterior. Então, a iniciativa privada neste cenário só pode ser complementar. Megaevento e sobretudo legado se polarizam numa visão de governo, numa responsabilidade de governo. Diria até que envolve o próprio Estado, pois a visão de legados passa por vários governos. Na Austrália, havia um ministro encarregado de negócios dos Jogos Olímpicos de Sidney 2000. Em Londres chegaram a estabelecer esta função, mas houve uma rejeição na Casas dos Comuns. Portanto, a pesquisa é necessária para se saber até onde vai o efeito dos legados numa grande cidade e no país receptor. Mas não há precedentes bem medidos e sujeitos a um acompanhamento rígido. Temos que estudar então os megaeventos e legados por meio de exemplos. Não é a toa que faço uma convocação do José Roberto Gnecco, da UNESP, aqui presente, para dar início a este tipo de pesquisa e sairmos assim dos simples relatórios de aplicação de recursos como tem se visto quanto ao Pan 2007. Gnecco estava envolvido diretamente no Pan 2007 e poderá dizer alguma coisa no futuro quanto ao papel efetivo

do governo neste megaevento. O governo somente paga as contas ou deve ter alguma participação nas decisões? Como manter a autonomia das entidades esportivas num megaevento e ao mesmo tempo obedecer a razões do Estado, como vimos aqui quanto ao problema da remoção de pessoas? No livro que será o produto final desse Seminário, estou confiando no Gnecco com a experiência do Pan. Por mais resumida que seja ele precisa colocar as questões básicas do tema, porque o Ministério do Esporte viveu esta situação nos últimos três anos. Importa lembrar ainda que o próprio Movimento Olímpico, não sabe como proceder exatamente com os governos de diferentes países em que tem relações. Além disso, a viabilidade dos Jogos do ponto de vista do Comitê Olímpico Internacional está relacionada a patrocinadores e não a governos. Neste Seminário, a professora Valéria Bitencourt da Universidade Gama Filho, descreve como opera a questão do patrocínio nos Jogos o que torna relativo o papel do governo. Voltando ao meu ponto de vista, acho que isso é uma relação espúria governo-entidades esportivas se não houver regras do jogo. E até o momento se vive uma situação de surpresa entre as partes em qualquer megaevento. No Pan 2007 houve uma emergência quanto às despesas, mas não podemos repetir isso no futuro porque aí já será uma situação suspeita para a população, para o país, para os intelectuais e, sobretudo para o governo. Finalmente, está na hora de fazermos as perguntas adequadas, e deixar a academia e o próprio governo resolver esta situação que tem se manifestado como fato consumado. Londres 2012 talvez seja um exemplo em que há mistura de intervenções do governo, recursos do governo e da iniciativa privada. Onde começa um e termina outro? A cidade candidata recebe dois bilhões de dólares no dia seguinte ao Bidding e como fundo perdido. Até onde a cidade candidata dá retorno? Qual a implicação com a prefeitura local? Até que ponto estes dois bilhões de dólares equivalem ao retorno da prefeitura em compromisso? Até que ponto este compromisso pode ser assumido pela prefeitura dentro das leis locais? Como é que fica a imagem de Estado? Como fica a responsabilidade do governo? Ele tem que ceder a uma entidade internacional que está pagando alguma coisa? A cidade está prestando um serviço? Não há respostas claras sobre a estas questões. As dúvidas têm sido empurradas para frente, mas não há ainda respostas. No nosso nível de atuação – a da academia, da pesquisa, de questionamentos – podemos cooperar e aqui estamos para dar início a este processo em conjunto com o Ministério do Esporte. Temos um desafio do tempo com a Copa de 2014 acontecendo em nossas prefeituras. São 12 prefeituras de Estados brasileiros envolvidas na Copa de 2014 e alguém já comentou sobre estas dúvidas? Sei que a FIFA é diferente do Comitê Olímpico. Não tem nada a ver uma coisa com a outra, mas a CBF tem um orçamento de 8 bilhões de dólares para a Copa de 2014. Se perguntarmos a um prefeito sobre este tema ele fica até surpreso. Ele não sabe o que vai fazer com relação à Copa 2014. Não temos as soluções, não temos as respostas, mas podemos começar um processo de fazer perguntas que creio mais condizentes para o momento.

Julio Filgueira – Qual a perspectiva do Poder Público neste debate e nas ações práticas que decorrem disso? Penso que a única perspectiva plausível é a da Política Pública. Não sou daqueles que pensa que devemos ter uma posição reativa. A depender disso, abriremos um banco: de negócios, de fomentos, linha de investimento, fundo perdido. Não se trata disso. Nós, do Ministério do Esporte, do governo como um todo, a partir do próprio Presidente Lula, estamos convencidos de que a realização nas cidades, nos estados, no país, tem lugar no âmbito de Políticas Públicas. Tem lugar porque é fator de desenvolvimento econômico e cultural das cidades, portanto dos espaços onde estes megaeventos vão acontecer. No caso de megaeventos esportivos

e do esporte como direito de cidadania, é também fator de difusão, porque projeta, porque permite a difusão e a massificação do esporte como fenômeno, como prática. Esses dois elementos, no entanto, não podem prescindir do adequado planejamento. O que se passou nos Jogos Pan-Americanos 2007 sob este ponto de vista, de como se planeja o legado, como se prepara e como se conduz o processo, foi de uma intervenção extemporânea do Governo Federal, do Poder Público. Extemporânea no sentido de que vários dos elementos que compuseram o que depois veio a ser os Jogos Pan-Americanos, materializaram-se com a presença e a intervenção do Poder Público. Há de se perguntar, se nós olharmos retrospectivamente, se o Governo Federal quando autorizou o protocolo da candidatura do Rio de Janeiro na ODEPA, em 2002, tenha respondido perguntas que depois foram respondidas extemporaneamente. Já estavam dadas, já que o governo chegou depois. Dialogamos num ambiente sob o ponto de vista do adequado planejamento, da antecipação, da planificação das ações. Sob esse ponto de vista, penso que tenhamos sido reativos em um conjunto de circunstâncias. Nesta perspectiva, sou daqueles que compartilham da opinião de que os Jogos Pan-Americanos, ainda que no ambiente do ponto de vista da planificação das ações adverso, foi um grande êxito. Há de se fazer um recorte. Não podemos discutir megaevento na perspectiva da Política Pública daqui para frente, para o Brasil do futuro, contaminado por essa adversidade. Há de se reconhecer que houve uma intervenção extemporânea do Poder Público, mas há de se fazer uma autocrítica disso, sobretudo os setores envolvidos. Tudo isso orientado sob uma perspectiva que é a reafirmação da política de realização dos megaeventos como algo que ajuda no desenvolvimento das cidades, do país, do esporte. Tudo isso na perspectiva de que daqui para frente não se possa cometer os mesmos erros. Nesse sentido, o Ministério do Esporte tem sido categórico no debate da organização da Copa do Mundo de 2014. Porque ainda que haja uma confirmação explícita da CBF de que não será necessário dinheiro público, a Copa do Mundo se paga. Ainda que esta fala seja verdadeira, ela não acontecerá em alto mar, a Copa do Mundo acontece nas cidades. Portanto, ainda que os jogos vistos estritamente sob a construção da arena, a mobilização dos recursos humanos, a preparação do ambiente, ainda que fosse isso, eles acontecem numa cidade. Está mais que demonstrado que o impacto e que a incidência que tem na vida da cidade é muito maior que a realização do próprio evento. Razão pela qual, sei que é a opinião do Presidente Lula e do Ministro Orlando, compartilho que a realização dos megaeventos, pelo papel e pela incidência, pelo impacto que tem na vida das cidades, deve ser feito com planejamento, como parte da Política Pública, do plano diretor, com antecipação. Há de se registrar que neste ambiente adverso também o Brasil tenha sido chamado a ser criativo, a fazer uma gestão criativa. Daqui para frente a perspectiva é de tratar megaevento como parte da Política Pública, desde a concepção, captação de candidatura, a realização e sobretudo a gestão do legado, que é o objeto deste seminário.

Alberto Reppold – Um dos itens a ser discutido diz respeito ao financiamento do esporte, em geral, e dos megaeventos esportivos, em particular. Em relação a isso, não há uma regra pronta. Este item deve ser analisado em sua particularidade, em seu tempo e espaço. Se pensarmos em termos de Brasil, se analisarmos a história política brasileira, veremos que tem havido uma apropriação do Estado pelos interesses privados. Com o esporte, não foi diferente. Ao longo de seu desenvolvimento no país, o esporte tem sido financiado predominantemente pelo governo. Isso, em si, não seria um problema. Ocorre que em um sem número de ocasiões os governos têm favorecido aos interesses privados de organizações esportivas, em especial quando estas encon-

tram dificuldades decorrentes de gestões incompetentes e desvio de dinheiro. Neste sentido, há uma questão fundamental a se pensar que diz respeito aos fins públicos e privados do esporte. Esta questão é fundamental para aprofundarmos a discussão em torno do esporte como um bem público e do papel do Estado enquanto seu financiador. No que se refere à definição do esporte como um bem público, em alguns países já ocorreram avanços, como, por exemplo, a garantia de transmissão em canais abertos de eventos esportivos que envolvam equipes de representação nacional. Existe, neste caso, uma preocupação de garantir que os interesses privados dos canais de televisão, dos patrocinadores e das organizações esportivas não estejam acima dos interesses públicos. A análise política do papel que o esporte tem desempenhado no país, de quem efetivamente o tem financiado e em que circunstâncias, de quem tem lucrado e quem tem perdido com o seu financiamento, principalmente com os recursos destinados ao esporte de alto rendimento e os megaeventos esportivos, merece especial atenção. Esta discussão é chave e a Conferência Nacional do Esporte tem o papel relevante de trazer para esta discussão os vários setores envolvidos, para efetivamente definir esta questão no sentido mais profundo da relação entre os interesses públicos e os privados. Parece-me que, historicamente, no caso político e esportivo brasileiro, ainda há uma utilização indevida dos recursos públicos em favor dos interesses privados. Isso é algo que a Conferência e os debates que estão acontecendo aqui, com relação à função do Estado, à inserção do esporte nas Políticas Públicas e ao legado dos megaeventos para as cidades, remetem a outra perspectiva. Nos últimos anos, há, sem dúvida, um avanço substancial nas ações do governo e de segmentos da sociedade civil no sentido de resguardar os interesses públicos. Em que pese estes esforços, as soluções para muitos dos problemas levantados neste seminário ainda permanecem em aberto.

Barcelona – 1992: um Modelo em Questão

Gilmar Mascarenhas
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Barcelona 1992: questioning a model *After the 1992 Olympic Games, Barcelona has been considered a paradigm in the history of Olympic urbanism. This text analyzes and reflects upon the limitations and possibilities of application of this model to other urban historical-geographical contexts such as Brazilian cities.*

Os Jogos Olímpicos (J.O.) de Barcelona 1992 mantém-se como uma experiência paradigmática na história do urbanismo olímpico, pois ali os J.O. atuaram como poderosa alavanca para o desenvolvimento urbano. O governo local investiu vultosas quantias e implementou projetos urbanísticos de elevada envergadura, redefinindo centralidades e constituindo verdadeiro marco na evolução urbana. Também projetou mundialmente a imagem da cidade, proporcionando efeitos multiplicadores a curto e médio prazo: grande aumento do afluxo de turistas, maior capacidade de atração dos investidores externos etc.

O objetivo principal deste trabalho é analisar o mundialmente conhecido modelo catalão de planejamento urbano no que concerne à organização de eventos olímpicos. Um objetivo secundário é refletir sobre os limites e as possibilidades de aplicação deste modelo em outros contextos histórico-geográficos, em realidades urbanas tais como a experiência do PAN 2007 e anteriores.

Desenvolvimento

Os J.O. de Barcelona devem ser compreendidos dentro de seu contexto histórico. Temos por um lado um país em pleno processo de redemocratização, após décadas de ditadura franquista; que vive também um momento econômico privilegiado, pela recente inserção no bloco europeu. Por outro lado, no contexto regional catalão, presenciamos a cidade de Barcelona em movimento de afirmação metropolitana, ratificando sua identidade cosmopolita e ao mesmo tempo mediterrânea, com forte anseio de projeção internacional. Uma cidade que vivenciava nos anos 1980 uma experiência de planejamento que a tornou referência nos debates urbanísticos.

Quando a cidade conquistou, em 1986, o direito de sediar os J.O. de 1992, já funcionava há pelo menos quatro anos no setor de gestão urbanística da municipalidade uma equipe organizada para pensar os espaços olímpicos (TELLO, 1993, p.107). Portanto, desde o início dos anos oitenta o poder local percebia a possibilidade de realizar este grande evento como estratégia para empreender as intervenções urbanísticas previstas no “Plan General de Ordenación Urbana del Area Metropolitana de Barcelona”, formulado em 1976, e seguramente conduzido e liderado pelo urbanista Oriol Bohigas.

O referido plano previa a aquisição de terrenos privados para cobrir o imenso déficit de equipamentos de uso coletivo e espaços públicos, herança de décadas de ditadura franquista e crise econômica. Os recursos públicos, todavia, não eram suficientes para a dimensão e alcance das intervenções previstas no plano, de forma que a cidade recorreu mais uma vez ao velho expediente de captação de recursos através

de grandes eventos, a exemplo do que ocorrera nas grandes exposições de 1888 e 1929¹. Assim nasceu o projeto olímpico em Barcelona.

Até meados dos anos oitenta, a gestão urbana seguiu o referido plano em detalhes, realizando intervenções locais diversas, com ênfase na recuperação do centro histórico. A partir de 1986, com a conquista do direito de sediar os J.O., surge a “segunda modernidade de Barcelona” (a primeira seria a grande reforma urbana do Plano Cerdá) (JAUHIAINEN, 1994). A perspectiva de realização da olimpíada mudou completamente a tônica e o alcance da gestão urbana: mudanças estruturais, espetaculares e formação de novas centralidades no âmbito metropolitano. Segundo Jauhiainen (1994, p. 47-48) a imagem passou a ser mais importante que a realidade, e o governo regional catalão (a Generalitat), “direitista”, se impôs gradativamente ao projeto “esquerdista” do governo metropolitano².

O fato é que os jogos propiciaram uma grande concentração de recursos públicos e privados, e sem dúvida estes foram investidos em infra-estrutura urbana, seguindo os princípios e objetivos gerais do plano metropolitano de 1976, com sua visão holística, seu conteúdo relativamente democrático e seu propósito de projeção internacional e re-inserção de Barcelona na rede de grandes cidades européias, especializando como centro de gestão e de serviços avançados.

Em linhas gerais, o projeto olímpico não privilegiou o esporte ou o evento em si, e sim a cidade como um todo. Sete foram seus eixos mestres, de acordo com Carreras e Tello (1998), que esquematizamos e resumimos a seguir :

- 1) A revitalização do centro histórico, descompactando sua trama medieval, abrindo espaços públicos e refuncionalizando inúmeros edifícios;
- 2) A recuperação da zona costeira, fachada da cidade, re-inserindo-a na vida social urbana, através do incentivo ao uso residencial e da implantação de atrativos turísticos e de lazer;
- 3) Alteração no uso do solo, gerando parques urbanos, novas centralidades e monumentalidades na periferia, e recuperação/refuncionalização de equipamentos obsoletos, como fábricas fechadas, terminais ferroviários sub-utilizados etc.;
- 4) O impacto das novas tecnologias, sobretudo no âmbito das comunicações, expandindo a rede de fibra ótica e as possibilidades de uso da telefonia móvel, mas também na formação de incubadoras de empresas;
- 5) A melhoria na infra-estrutura de acesso, construindo túneis,anel viário, ampliação da rede de metrô (rumo à periferia), enquanto na área central se multiplicaram as vias de uso exclusivo pedestre;
- 6) Implantação de grandes equipamentos urbanos em toda a área metropolitana, voltados para o esporte, a arte e a cultura em geral, além da expansão fundamental da rede de esgoto;

1 - Nas palavras de Rosa Tello (1993, p. 104), Madrid sempre contou com recursos do poder central, ao contrário de Barcelona. Mesmo Sevilha fora recentemente beneficiada pelo governo espanhol, com a implantação da conexão ferroviária de alta velocidade Sevilha-Madrid, e diversos investimentos na cidade.

2 - Visão menos crítica apresentam Tello (1993) e Carreras e Tello (1998). Mas Jauhiainen lamenta justamente a falta de análises profundas e críticas acerca do urbanismo catalão, festejado mundialmente como paradigma, e gerador de inúmeros artigos e livros que não passariam de “a post-modern narrative fiction” (op.cit. p.49).

7) A ênfase nas políticas sociais, embora sem contornar satisfatoriamente os déficits de moradia e a questão da segurança pública;

Neste sentido, pode-se afirmar que o J.O. de 1992 permitiram a realização de amplas melhorias urbanas em Barcelona.

Examinando as intervenções urbanísticas diretamente voltadas para o evento, percebemos que a Vila Olímpica de Barcelona, muito bem equipada e provida de amenidades naturais como a posição litorânea, expressa o propósito de revitalização costeira e da área antiga da cidade. O fato de constituir iniciativa privada certamente limitou seu alcance social, mas tampouco se pode afirmar que destinou-se a uso residencial de classes economicamente favorecidas, como no caso do Pan-2007, no caso de Atenas (2004), Sidney (2000) e tantos outros.

Importante frisar a perspectiva do “equilíbrio urbano”, ou seja, a preocupação com a distribuição espacial das instalações, de forma a contemplar a cidade como um todo, e não privilegiar uma determinada zona ou bairro:

Em Barcelona optamos por situar quatro áreas olímpicas em cada uma das esquinas da cidade [...] As esquinas eram centrais em relação ao centro da cidade, mas também entras em relação à periferia. Aquelas, portanto, eram operações que passaram a ser o ponto de conexão entre a cidade conhecida, a cidade real e a cidade periférica. (MILLET, s/d).

De fato, em vez de realizar a clássica construção de um grande parque olímpico, Barcelona optou pela desconcentração, criando quatro parques menores, espalhados pela cidade. Dessa forma, evitou instalações superdimensionadas, condenadas à condição de “elefantes brancos” após o final dos Jogos³. Instalações específicas, como o ginásio de basquetebol, o de hóquei e o estádio de beisebol, foram edificadas em pequenas cidades vizinhas (respectivamente Badalona, Terrassa e Viladecans), carentes deste tipo de equipamento (TRUÑÓ, 1996, p. 55). Vale registrar que, dos 43 equipamentos utilizados durante o evento, apenas 15 foram construídos na ocasião. Em outras palavras, privilegiou-se o aproveitamento do parque esportivo já existente, remodelando-o quando necessário, reduzindo assim o custo do evento (TRUÑÓ, 1996, p. 53).

O urbanista Luis Millet explica que desde a redemocratização do país (período pós-franquismo) no final dos anos 1970, havia a preocupação com o fato de Barcelona historicamente ter concentrado em sua zona oeste (bairros nobres, aeroporto e balneários famosos) a maior parte dos investimentos públicos, em detrimento da zona leste, operária e industrial, carente de infra-estrutura, gerando assim uma cidade desigual (MILLET, 1996, p. 236). Este autor informa ainda que

... ocorreram pressões enormes para situar os grandes conjuntos olímpicos perto do aeroporto, uma área nova de colonização. Havia interesses especulativos, havia interesses particulares de pessoas ligadas à própria organização da olimpíada. Foi, digamos, realmente um exercício democrático o de não cedermos a estas pressões [...] dando à cidade aquilo que o crescimento urbano dos últimos 40 anos a havia negado [...] a operação de Barcelona foi de reconquista da cidade, uma operação de renovação urbana. (MILLET, op.cit., p. 31)

3 - Vale frisar que, das vinte instalações construídas para os Jogos Olímpicos de Atenas (2004), apenas duas vêm recebendo uso efetivo (O Globo, 15/03/2005).

Em síntese, o urbanismo olímpico dos jogos de 1992 reflete de um modo geral a nova era: articulação de interesses privados, monumentalidade e projeção urbana. Mas Barcelona contava com um plano diretor, de âmbito metropolitano, gerado no contexto da redemocratização espanhola, e realizou a façanha de conjugar a natureza e exigências dos jogos com os objetivos fundamentais da gestão urbana. Vejamos a seguir o caso do Rio de Janeiro, que apenas esboçou seguir os passos da experiência catalã.

Considerações finais

A cidade do Rio de Janeiro se candidatou aos J.O. de 2004. Naquela ocasião, contamos com a decisiva colaboração de urbanistas catalães que atuaram no planejamento dos J.O. de Barcelona, consubstanciado num seminário promovido pela prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e realizado em 1996. Dentre outras contribuições, os catalães nos trouxeram a perspectiva do “equilíbrio urbano”, ou seja, a preocupação com a distribuição espacial das instalações, de forma a contemplar a cidade como um todo, e não privilegiar uma determinada zona ou bairro.

Perdeu-se aquela disputa para sediar os jogos para Sydney, mas a cidade do Rio de Janeiro conquistou em 2002 o direito de sediar um evento olímpico de menor porte: os Jogos Pan-Americanos de 2007. O que se nota é que o planejamento urbano em questão apresenta princípios bastante distintos daqueles que nortearam a candidatura supracitada. Desta vez, a gestão da cidade se orienta no sentido de atender os diversos interesses empresariais, concentrando em área nobre (no entorno da Barra da Tijuca) a maior parte dos investimentos: a vila olímpica e a maioria das instalações esportivas. Algo bem distinto do que se propunha em 1996, quando se encarava a realização dos jogos como oportunidade para dinamizar áreas deprimidas, redistribuir equipamentos de uso coletivo e, de um modo geral, tornar a cidade menos perversa em sua geografia social.

O urbanismo olímpico de Barcelona – 92 tem obviamente suas deficiências e seu apelo ao mercado, além de todas as peculiaridades locais, mas sem dúvida alguma corresponde a uma experiência significativa de desenvolvimento urbano. Comparada à experiência recente no Rio de Janeiro, podemos apontar o caso catalão como relativamente democrático e eficiente.

Referências

ANDRANOVICH, G., BURBANK, M. e HEYNG, C. Olympic cities: lessons learned from Mega-Event Politics. *Journal of Urban Affairs*, v.23, n.2, pp. 113-131, 2001.

CARRERAS, Carles & TELLO, Rosa. Aménagement urbain et aménagement stratégique à Barcelone: internationalization et nouveaux paysages urbains. Collection “Petites et grandes villes du Bassin Méditerranéen”. École Française de Rome Palais Farnese, 1998 (mimeo).

JAUHANEN, Jussi. Two modernities of Barcelona: some critical aspects of the regeneration of Ciutat Vella. *The European Geographer*, 7/8, pp.40-51, Lisboa, 1994.

McKAY, M. & PLUMB, C. Reaching beyond the gold: the impact of the olympic games on real state markets. Centre d'Estudis Olímpics i de l'Esport. <http://olympicstudies.uab.es> (acesso em 16 de maio de 2005).

MILLET, Lluís. Los juegos de la ciudad. In: MORAGAS, M. e BOTELLA, M. (orgs.) Las claves del êxito: impactos sociales, deportivos, económicos y comunicativos de Barcelona '92. Barcelona: Centro de Estudios Olímpicos y del Deporte, pp. 232-249, 1996.

MUÑOZ, F. Historic evolution and urban planning typology of Olympic Villages, Centre d'Estudis Olímpics i de l'Esport. Barcelona, 1996.

PACHECO, Susana. A dimensão internacional das cidades e o intercambio entre os lugares: cooperação e eventos no Rio de Janeiro. In: BARROS, J., DEMBICZ, A. & LEMOS, M. (orgs). America Latina e Europa Centro-Oriental: perspectivas para o terceiro milênio. Rio de Janeiro: UERJ/Intercom, 1996, pp.193-206.

TELLO, Rosa. Planificación estratégica y recalificación del espacio urbano de Barcelona y Bilbao. In: CARRERAS, C., JALABERT, G. & THOUZELLIER, L.(orgs.). Villes et Territoires: restructurations urbaines. Toulouse: Presses Univ. Du Mirail, 1993, pp. 103-118.

TRUÑO, Enric. Barcelona, ciudad del deporte. In: MORAGAS, M. e BOTELLA, M. (orgs.) Las claves del êxito: impactos sociales, deportivos, económicos y comunicativos de Barcelona '92. Barcelona: Centro de Estudios Olímpicos y del Deporte, pp. 52-67, 1996.

- Esta pesquisa contou com apoio da FAPERJ, iniciado em 2004, através do Instituto Virtual dos Esportes e do projeto "Cidades competitivas: o esporte nas políticas públicas de desenvolvimento urbano".

Megaeventos esportivos e urbanismo: contextos históricos e legado social

Gilmar Mascarenhas
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Sports mega-events and urbanism: historical contexts and legacies *The objective of this paper is to display relevant aspects of the history of Olympic urbanism in the modern era focusing on the sports facilities and emphasizing the role played by the Olympic Villages. This text also shows a short survey of the urban legacy of the Olympic mega-events.*

A presente contribuição tem por objetivo revisar e dar ênfase ao poder do dos Jogos Olímpicos - J.O. na reestruturação urbana: um poder crescente que leva cidades de todo o planeta a lutarem pela obtenção do direito de sediar as olimpíadas, tomadas como incontestável alavanca para a dinamização da economia local e sobretudo para redefinir a imagem da cidade no competitivo cenário mundial¹.

Desfrutando de bilhões de espectadores, tais cidades se transformam, momentaneamente, no admirado centro das atenções em escala planetária. Em certo sentido, os J.O. correspondem na atualidade ao papel similar cumprido por algumas das grandes exposições universais da segunda metade do século XIX ao início do século seguinte, ao por em relevo as utopias do progresso sem fronteiras e da solidariedade e harmonia entre os povos. Também podemos comparar o imenso impacto destes eventos na dinamização e reestruturação das cidades². Em síntese, este esboço de estudo dos J.O. como poderoso agente de planejamento e mudanças no espaço urbano se insere num projeto mais amplo, o de avaliar o papel dos grandes eventos internacionais na reestruturação das cidades.

Neste sentido, podemos estabelecer que as competições olímpicas são megaeventos e, como tal, têm inquestionável poder de transformação sobre os espaços onde são realizadas. Resultam em clara oportunidade para o novo modelo de planejamento e gestão das cidades, calcado na lógica do mercado. Todavia, também representam uma oportunidade de pensar e enfrentar crônicos problemas urbanos. O certo é que quando tratamos de eventos olímpicos, sob o ângulo do urbanismo, do planejamento e da gestão das cidades, estamos abordando algo que vai para muito além do esporte.

Entendemos por urbanismo olímpico o conjunto de pressupostos e intervenções sobre as cidades que acolhem os grandes eventos olímpicos. Trata-se, pela natureza intrínseca do fato esportivo, de dotar as cidades de instalações específicas, que atendam às distintas modalidades, dentro de padrões normativos internacionais. Mas trata-se também de criar condições de alojamento para os milhares de atletas, pessoal de apoio e membros dos comitês olímpicos, bem como para a imprensa. Além disso, quase sempre a cidade-sede requer expansão ou melhorias em sua infra-estrutura geral (transportes, telecomunicações, malha viária etc.). Trata-se, enfim, de um

1 - Em Seul, por exemplo, antes de 1988 o turismo local correspondia ao afluxo anual de um milhão de visitantes. Desde então, tal índice foi multiplicado em onze vezes, com a nova imagem da cidade no cenário mundial.

2 - Segundo Pesavento (1997), tais exposições serviram para difundir o mito de que a civilização ocidental burguesa era baseada na fraternidade entre os povos, bem como para alimentar o exibicionismo burguês.

amplo conjunto de intervenções urbanísticas; um momento-chave na evolução e no planejamento das cidades.

Impõe-se, portanto um resgate de aspectos relevantes da trajetória do urbanismo olímpico na era moderna, com ênfase particular no papel das Vilas Olímpicas, mas sem se descuidar do conjunto das instalações esportivas.

Desenvolvimento

As primeiras décadas (1896 a 1932) de J.O. deixaram poucos vestígios na paisagem urbana, devido ao estado incipiente do movimento olímpico. O amadorismo reinante, a falta de apoio oficial, o reduzido número de participantes³, uma série de fatores enfim resultou num grau ainda incipiente e amador de organização e porte dos J.O., caracterizados pelo imprevisto e precariedade das instalações físicas. Segundo Muñoz (1996), somente em 1932 pode-se iniciar, embora timidamente, a falar em “urbanismo olímpico”, quando a cidade de Los Angeles utilizou os jogos como oportunidade de reerguimento da economia local (muito abalada pela crise de 1929), e edificou a primeira vila olímpica da história dos jogos com características de habitação permanente. Em 1936, Berlin seguiu o exemplo e consolidou a nova tradição de edificação de vilas olímpicas dotadas de alguns equipamentos específicos para os atletas.

Após a Segunda Grande Guerra Mundial, no contexto da Guerra Fria, o olimpismo adquiriu força inédita, atraindo maior interesse e apoio governamentais, bem como verificando crescente adesão de atletas de diversos países (AUGUSTIN, 1995). Neste sentido, em 1952, Helsinki inaugura a era dos grandes projetos habitacionais populares, geridos pelo poder público, a partir dos J.O.. Iniciava-se um novo período, no qual este grande evento se estruturava incorporando demandas sociais, de habitação, transporte e infra-estrutura em geral. Nos jogos seguintes, Melbourne (1956) não apenas seguiu este modelo como incorporou o uso de vasta infra-estrutura esportiva universitária. Em Roma (1960), a novidade foi a criação de uma Vila Olímpica com modernas e bem equipadas instalações dentro de um explícito projeto de expansão urbana, incluindo a implantação de infra-estrutura geral e de acesso.

Devemos todavia considerar o novo contexto sócio-econômico, para entender a afirmação de um “urbanismo olímpico” multiplicador de equipamentos públicos de lazer e esporte: a consolidação do Estado de Bem-estar Social na Europa Ocidental não apenas garantiu maior capacidade de consumo como também oportunizou a difusão da prática esportiva, dentro da política social “esporte para todos”. Desde então, cada olimpíada vem deixando (ou propiciando) marcas indelévelis na paisagem das cidades, tornando-se uma efetiva possibilidade de executar projetos de desenvolvimento urbano.

3 - Na primeira olimpíada da era moderna, em Atenas (1896), compareceram apenas 285 atletas, de treze países. Atualmente os jogos atraem mais de dez mil atletas. Nas duas edições seguintes (Paris 1900 e St Louis, 1904), utilizou-se uma estratégia para garantir público expectador mínimo: realizar os jogos no mesmo lugar e momento de eventos bem mais importantes, es exposições universais. Ainda assim, em 1904, na cidade norte-americana de Saint Louis, apenas nove países compareceram aos jogos.

Em 1964, Tóquio se valeu dos jogos para reconquistar das Forças Armadas dos EUA toda uma área que havia sido utilizada para alojamento militar desde o final da Segunda Guerra, ali instalando a vila olímpica. Outra estratégia local foi a dispersão das instalações esportivas, envolvendo no projeto dos jogos ampla reforma viária urbana. A seguir a cidade do México (1968), além de optar por alocar as duas vilas olímpicas na periferia, numa perspectiva de integração da mancha urbana, nelas erigiu 24 blocos de apartamentos, numa clara definição de uso residencial popular após o evento.

Nos anos 70, nota-se um aprimoramento desta conjugação entre J.O. e planejamento urbano. Entre urbanistas, crescia naquele momento a preocupação para com a obsolescência das áreas centrais. Nos J.O. de Munique (1972) e Montreal (1976) nota-se, segundo Muñoz (1996), uma clara política de instalação ou aproveitamento de equipamentos esportivos junto à área central, no sentido de valorizá-la. Podemos afirmar que neste momento os J.O. propiciaram a oportunidade de concretização de novas idéias urbanísticas, que ainda hoje posicionam-se no centro do debate sobre a renovação das cidades.

Moscou (1980) retoma e demarca o ápice da política de construção de habitações populares a partir de uma vila olímpica: nada menos que dezoito blocos de apartamentos pré-fabricados com 16 andares cada um. O imenso investimento soviético se explica não apenas pela conformidade de tal iniciativa com o modelo funcional e homogêneo de urbanismo socialista, mas sobretudo por ser aquela ocasião para a já decadente URSS uma das últimas chances de exibir ao mundo seu poderio (atletico, financeiro e organizativo).

Saramanch assumiu a presidência do COI naquele mesmo ano de 1980, imprimindo à entidade toda uma nova "filosofia", contendo uma estratégia de clara mercantilização do olimpismo. Não por acaso, os J.O. seguintes (Los Angeles 1984) foram um marco no processo histórico de transformação dos jogos, no sentido do crescente poder empresarial em sua organização.

O último evento no bloco capitalista (Montreal 1976) vinha sendo criticado pela ausência de um gerenciamento eficaz, do ponto de vista econômico. E assim, pela primeira vez, o Comitê Olímpico Internacional não firmou contrato com o poder público local, e sim com um comitê organizador composto basicamente por empresários.⁴

No evento seguinte, Seul (1988) adotou plenamente a parceria público-privado: o governo local arcou com metade dos gastos (US\$3.5 bilhões). A cidade investiu vultosas quantias e implementou um projeto urbanístico de elevada envergadura. Ademais, conseguiu projetar mundialmente a imagem urbana, proporcionando efeitos multiplicadores a curto e médio prazo, consubstanciados no vertiginoso aumento do afluxo de turistas (McKay e Plumb, 2001). Outra inovação em Seul foi a vila olímpica: trata-se de uso residencial para classes médias, e não mais destinadas ao uso popular, marca tradicional das vilas olímpicas até então. Mais uma vez, podemos observar a incidência de novas forças macro-estruturais, desta vez típicas do período neoliberal que se consolida sobretudo com a derrocada do bloco soviético em 1990: o declínio das políticas sociais, em favor dos princípios do mercado.

4 - Este grupo e o Comitê Olímpico dos EUA (United States Olympic Committee) assumiram toda a responsabilidade financeira sobre o evento, que ficou conhecido como os "Jogos Capitalistas" (ANDRANOVICH et al, 2001:119 e 121), aqui melhor entendido no sentido de um evento altamente lucrativo e conduzido com mínima interferência do poder público. O principal legado para a cidade foi o aprimoramento de infra-estrutura, particularmente viária e de telecomunicações.

É neste contexto de radicais transformações no universo olímpico que Barcelona realiza os jogos de 1992, os primeiros na “pós-queda do muro”, conforme intencionalmente anunciados. Em síntese, o urbanismo olímpico dos jogos de 1992 reflete de um modo geral a nova era: articulação de interesses privados, monumentalidade e projeção urbana. Mas Barcelona contava com um plano diretor, de âmbito metropolitano, gerado no contexto da redemocratização espanhola, e realizou a façanha de conjugar a natureza e exigências dos jogos com os objetivos fundamentais da gestão urbana. Neste sentido, sua vila olímpica cumpriu decisivo papel na revitalização da zona portuária.

Conhecida como Jogos Coca Cola (cidade-sede da empresa que é uma das maiores patrocinadoras do COI), a experiência de Atlanta (1996) consolida o modelo de organização dos jogos baseada na parceria público-privado, concentrada no esforço de retomada de desenvolvimento e na estratégia de profunda revitalização urbana⁵. Neste sentido, na decadente área central foi criado um amplo e bem equipado parque (Centennial Olympic Park), fomentador de turismo e convenções. Trata-se de investimento promovido pelas finanças do evento, mas não diretamente relacionado a sua operacionalização, e sim destinado à cidade. Por outro lado, o estádio de beisebol, considerado inútil após os jogos, foi inteiramente demolido, ao mesmo tempo em que o estádio olímpico foi radicalmente reduzido. A vila olímpica, situada em pleno campus do Instituto de Tecnologia da Geórgia, foi erigida em estruturas para serem desmontadas imediatamente após os jogos: uma apologia à efemeridade. Outro expressivo impacto dos J.O. de 1996 foi a instalação de 450 mil milhas de cabos de fibra ótica, tornando Atlanta a segunda mais conectada cidade norte-americana, e atraindo empresas de alta tecnologia (MCKAY & PLUMB, 2001).

Em Sydney (2000), os gastos públicos voltaram a consistir no principal aporte financeiro à realização do evento, e sua vila olímpica expressa o maior grau de sofisticação já alcançado na história do olimpismo. Pressionada pelos militantes do Greenpeace (a maior organização ambientalista do planeta), e seguindo os novos parâmetros delineados pelo COI, a organização do evento primou pela preocupação ecológica. Neste sentido, a vila olímpica constitui um sofisticado bairro litorâneo com energia solar e outras modernas tecnologias relacionadas ao meio ambiente, numa área antes abandonada, utilizada como pasto de animais e depósito de armamentos. Um grande empreendimento imobiliário, com dois mil imóveis de elevado padrão, muitos vendidos antes mesmo da realização do evento (MCKAY & PLUMB, 2001).

Dispersando as instalações esportivas, Atenas (2004) pôs ênfase no sistema viário e de transporte, enfrentando um grande problema local. Sua imensa vila olímpica, contendo 366 edifícios de dois, três e quatro andares (2.292 apartamentos no total), e unidades habitacionais de três a cinco quartos, não deixa dúvida quanto ao elevado perfil sócio-econômico de seus futuros usuários, e já atraindo novos centros comerciais (BURGEL, 2004:81). Ocupando 80 hectares, possui um parque ecológico e completa zona comercial (MCKAY & PLUMB, 2001).

5 - Segundo Andranovich et al (2001:122), a ausência de instalações esportivas em quantidade e qualidade compatíveis com o evento, além de outros aspectos de infra-estrutura, inviabilizaram a aplicação do modelo integralmente privatista utilizado em Los Angeles, recorrendo-se pois a recursos públicos.

Conclusão

Em linhas gerais, podemos afirmar que a trajetória do urbanismo olímpico apresenta quatro fases distintas: 1) de 1896 a 1932, período de incipiência e amorismo nos jogos, com impactos urbanísticos mínimos 2) de 1932 a 1952, o olimpismo se afirma como fenômeno social, se identifica com o nacionalismo, recebe apoio estatal e começa a intervir efetivamente nas cidades-sede. 3) de 1952 a 1980, temos a era da Guerra Fria, que acentua a importância política dos jogos, e a era do Welfare State, na qual o urbanismo olímpico se volta para o legado social: as vilas olímpicas amiúde se inserem em programas de habitação popular. 4) por fim, o período posterior a 1984, caracterizado pelo crescente envolvimento com grandes empresas privadas, que fazem prevalecer seus interesses, promovendo um urbanismo de feição neoliberal.

Referências

ANDRANOVICH, G., BURBANK, M. e HEYNG, C. Olympic cities: lessons learned from Mega-Event Politics. *Journal of Urban Affairs*, v.23, n.2, pp. 113-131, 2001.

AUGUSTIN, Jean-Pierre. *Sport, Géographie et Aménagement*, Bordeaux: Édition Nathan, 1995.

BURGEL, Guy. Atenas, o olimpismo à guisa de urbanismo. *Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos*, v.6, n.1, maio 2004, pp.69-83.

GRATON, Chris. The Economics of Modern Sport. *Culture, Sport and Society*, 1(1), May 1998.

HAYNES, Jill. Impacto Socioeconômico de los Juegos Olímpicos de Sydney 2000. Centre d'Estudis Olímpics i de l'Esport. <http://olympicstudies.uab.es> (acesso em 17 de maio de 2005).

McKAY, M. & PLUMB, C. Reaching beyond the gold: the impact of the olympic games on real state markets. Centre d'Estudis Olímpics i de l'Esport. <http://olympicstudies.uab.es> (acesso em 16 de maio de 2005).

MILLET, Lluís. Los juegos de la ciudad. In: MORAGAS, M. e BOTELLA, M. (orgs.) *Las claves del éxito: impactos sociales, deportivos, económicos y comunicativos de Barcelona '92*. Barcelona: Centro de Estudios Olímpicos y del Deporte, 1996.

MUÑOZ, F. Historic evolution and urban planning typology of Olympic Villages, Centre d'Estudis Olímpics i de l'Esport. Barcelona, 1996.

PESAVENTO, Sandra. *Exposições universais: espetáculos da modernidade do século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997.

- Esta pesquisa contou com apoio da FAPERJ, iniciado em 2004, através do Instituto Virtual dos Esportes e do projeto "Cidades competitivas: o esporte nas políticas públicas de desenvolvimento urbano".

Desenvolvimento Urbano em Sedes de Megaeventos Esportivos

Sávio Raeder
Universidade Federal Fluminense

Urban development in Sports mega events sites *This review focus on the urban dimensions from sports mega events legacies mainly in space and time complexity. Firstly, the approach to the theme was taken from Andranovich et al. (2001) who develop the conception of mega event strategy in which cities are usually involved in competitions for work and capital. Then the so called Burnet Circles (2003) came into view to emphasize the capital flows in a candidate city to Olympic Games. Finally, Essex and Chalkley (2003), were taken into account for the identification of impacts with less importance to cities up to large-scale urban transformations. In conclusion, the author proposes the criterion of benefit to local community for the assessment of mega events legacies.*

Identificando padrões nos impactos promovidos pelos Jogos Olímpicos, Essex e Chalkley (2003), a partir de trabalho anterior realizado em 1999 – nesta época ainda em elaboração -, estruturaram um quadro que caracteriza tanto os Jogos de verão como os de inverno. Tal caracterização de dados tem uma clara perspectiva histórica e aponta, de maneira genérica, alguns aspectos dos impactos territoriais produzidos pelos Jogos (Tabela 1). Trata-se de um enquadramento com alto grau de generalização, considerando sobretudo os impactos muito distintos entre, por exemplo, Los Angeles 1984 e Barcelona 1992. O primeiro com um reduzido legado para a cidade e o segundo com um complexo efeito multiescalar que promoveu a imagem da cidade em nível internacional tornando-a uma referência para muitos empreendedores urbanos

O ano de 2007 é marcante na história brasileira com três acontecimentos significativos no campo dos esportes: (1) a realização do Jogos Pan-Americanos na Cidade do Rio de Janeiro, (2) a vitória da candidatura brasileira como sede da Copa Mundial de Futebol Masculino em 2014 e (3) a apresentação da candidatura do Rio de Janeiro aos Jogos Olímpicos de 2016. Esta agenda de megaeventos torna imperativa uma análise sobre o desenvolvimento urbano promovido em virtude destes eventos. Neste sentido, o propósito do presente estudo é de reconhecer em primeira abordagem a materialidade da dimensão urbana dos impactos e dos legados dos grandes eventos esportivos (GEEs) que se conformam em grandes projetos urbanos (GPUs) dada a sua complexidade espaço-temporal.

Jogos Olímpicos e Transformações Urbanas

A promoção de eventos tem sido uma das principais estratégias utilizadas pelas cidades na busca de maior atração de financiamentos e investimentos. Tais eventos podem ser de diferentes naturezas, organizados por distintos atores e instituições que desempenham as mais diversas atividades na sociedade. Há uma predileção especial dos gestores empreendedores pelos eventos com repercussão internacional, uma vez que poderão conferir uma imagem mais qualificada para a cidade sede. Além disso, os eventos internacionais podem significar a circulação de turistas com alto poder

aquisitivo, dispostos a consumir os serviços e bens comercializados localmente. Para abrigar estes eventos a cidade sede deve apresentar alguns equipamentos diretamente relacionados com o evento em si, como centro de convenções e hotéis, além de amenidades culturais e uma adequada infra-estrutura de transporte que permita o deslocamento dos participantes da promoção. Em relação à temática dos transportes, destacam-se a proximidade de aeroportos, além de outras modalidades que permitam os deslocamentos rápidos e seguros entre os principais locais de circulação dos participantes dos eventos.

Os eventos olímpicos modernos se tornaram, gradativamente ao longo destes pouco mais de cem anos de história, em oportunidades para a realização de transformações urbanas. É possível mesmo falar hoje de um urbanismo olímpico (MASCARENHAS, 2005; MUÑOZ, 2006) para tratar dos impactos na cidade promovidos pelos vultosos recursos envolvidos na organização dos Jogos. Pequim 2008, Londres 2012 e mesmo os Jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro 2007, apresentam investimentos eminentemente públicos que são calculados em escala de bilhões de dólares. Parte destes recursos financeiros é utilizada apenas para a realização do espetáculo esportivo em si, e sem embargo, outra parte significativa do bolo orçamentário é utilizada na construção de equipamentos e estruturas que conformam o tecido urbano. O ordenamento urbano promovido em virtude dos Jogos pode ser voltado para a recuperação de áreas degradadas, como relata Ester Limonad (2005) a respeito das intervenções em Barcelona: “Em 1992, Barcelona abrigou os Jogos Olímpicos, que implicaram diversas intervenções e na construção do Port Olympic na área de Parc de Mar – com a intenção precípua de recuperar áreas industriais degradadas da cidade contíguas à orla litorânea do Mediterrâneo”.

Os primeiros Jogos Olímpicos (1896, 1900 e 1904) foram organizados com muitas limitações e contaram com baixos investimentos mesmo para a construção de instalações esportivas. Esta limitação desapareceu ao longo da primeira metade do século XX, com um aporte crescente de recursos que elevaram gradualmente os impactos e legados destes eventos. A partir dos anos de 1960 os Jogos passaram a ser usados como uma oportunidade de implementação de GPUs com repercussões significativas nas cidades sedes. Citando-se outra vez Barcelona, trata-se da localização considerada por muitos autores como o maior marco de transformação urbana a partir da realização dos Jogos Olímpicos (ESSEX e CHALKLEY, 1998, p.191-2). Os Jogos de Munique em 1972 também contaram com importantes intervenções na sua malha urbana a partir de investimentos realizados na produção de um novo sistema de transporte de massa, que tornou sustentável o crescimento da cidade com as migrações regionais. Portanto, os altos investimentos olímpicos podem promover benefícios urbanos limitados a uma parcela privilegiada da sociedade local.

No contexto dos Jogos Olímpicos é possível identificar alguns casos especiais que fogem à tendência de investimentos crescentes no pós-guerra e até mesmo por conta da guerra. Este é o caso de Londres, que em 1948 sediou os Jogos mesmo com grandes restrições estruturais em face à necessária recuperação dos estragos da Segunda Guerra Mundial. Outro caso citado por Essex e Chalkley (1998, p.192) é o da Cidade do México em 1968, que por conta da escassez de recursos teve restritos investimentos em equipamentos esportivos, além de ter causado problemas no sistema público de transporte. Graves conflitos e protestos foram realizados na cidade mexicana baseados na contestação de que os gastos públicos com o evento esportivo deveriam ser destinados à resolução de problemas sociais. Entretanto, as duas Vilas Olímpicas usadas pelos atletas na Cidade do México foram construídas na periferia com fins de uso residencial popular após os Jogos (MASCARENHAS, 2005, p.24).

Instalar a Vila Olímpica envolve um conjunto de decisões que denotam as estratégias urbanas dos organizadores dos Jogos. Desta forma, pode-se verificar que em alguns Jogos desde Roma 1960 há uma relativa preocupação em integrar a área onde a Vila é construída com outras áreas da cidade. Quando isto ocorreu, tratou-se de um esforço de planejamento urbano que contemplou a articulação entre a escala micro-local de produção de espaço com outras como a mesolocal ou mesmo a macrolocal¹. Tal fenômeno pode ser observado com maior intensidade em Seul 1998 e Barcelona 1992, onde houve grandes transformações urbanas em diferentes escalas por conta dos Jogos. Os investimentos realizados para Pequim 2008 também apontam para uma transformação urbana gigantesca, proporcional às aspirações geopolíticas da China como potência mundial.

Estratégia de megaeventos

Andranovich et al. (2001) realizaram uma discussão em seus estudos sobre os GEEs enquanto estratégia de desenvolvimento local em cidades americanas. Este tema, chamado por estes autores como "estratégia de megaeventos" (mega-event strategy), está associado à competição entre cidades por trabalho e capital num contexto de escassez de transferência de recursos do governo central para administrações locais. O uso de eventos para a atração de investimentos não é propriamente uma novidade, no entanto esse recurso passou a ser mais utilizado a partir de mudanças na política urbana e no acirramento da competição global. Reconhece-se que desde os anos 1980 houve um corte dos investimentos do governo central americano nas cidades, o que levou políticos de algumas administrações locais a adotar um posicionamento empreendedor na gestão de seu território, abordagem já mencionada no presente estudo. Este novo cenário de desenvolvimento gerou um novo ordenamento urbano voltado para as demandas de corporações, indústrias de alta tecnologia e produtores de serviços cada vez mais sofisticados (ANDRANOVICH et al., 2001, p.114).

Estratégias de diferenciação são um meio hábil para obter vantagem na competição entre cidades, o que torna os megaeventos um poderoso recurso na disputa por investimentos localizados. Os Jogos Olímpicos apresentam algumas vantagens específicas, enquanto megaevento, que potencializam a sua utilização na construção de uma imagem de cidade. Esta, por sua vez, gera capital simbólico capaz potencialmente de auferir rendas monopolistas e de obter vantagem no cenário competitivo interurbano (HARVEY, 2005). Os Jogos podem também criar marcos distintivos, cobijados pelos gestores empreendedores, considerando-se tanto a escassez com que o evento ocorre (de 4 em 4 anos) como o grande interesse de boa parte da população mundial neste evento. Cabe ressaltar que os meios de comunicação realizam ampla cobertura dos Jogos em escala global, realimentando a atração que as pessoas têm pelo megaevento. Dentre os motivos que levam lideranças locais a adotar estratégias de promoção de megaeventos, destaca-se aquela referente à oportunidade de ter exposições na mídia em nível regional, nacional e internacional. Essex e Chalkley (1998:189) corroboram com esta assertiva ao afirmarem (texto original) que:

The Olympics represent an international showcase which can enhance a city's global recognition, image and reputation. The event places its host on the global stage and the international media attention for the duration of the event can help the host country and city to transmit a new image to the world.

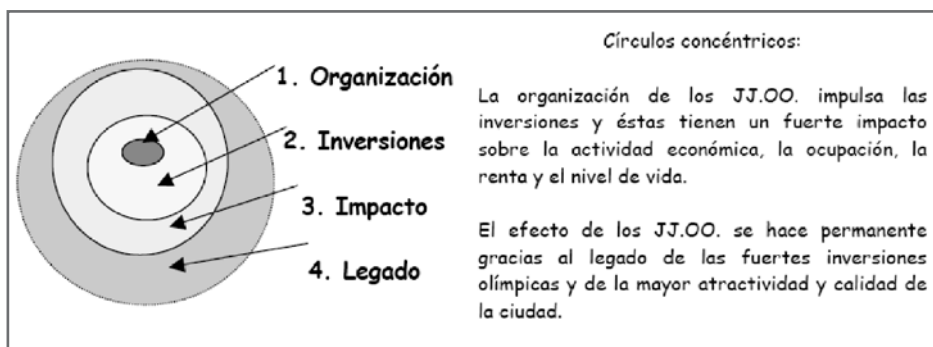
1 - Escalas classificadas segundo trabalho de Souza (2006, p.103-113).

A construção de uma imagem de cidade não tem uma importância menor dentro das estratégias competitivas, já que se trata de um meio muito utilizado para a conquista de novos investidores. Considerar a dimensão simbólica que os Jogos apresentam é fundamental para entender a acirrada competição entre cidades de um mesmo país, e de países diferentes, para sediar os Jogos. Trata-se de uma oportunidade muito rara de veicular a imagem da Cidade em escala global numa perspectiva muito favorável, uma vez que está associada ao maior evento esportivo do mundo - no caso dos Jogos Olímpicos -, e maior evento esportivo das Américas, no caso dos Jogos Pan-Americanos. Ressalte-se ainda o importante significado que o esporte tem em muitas cidades na construção da identidade com o território, cujo exemplo é o fato corrente de equipes de diferentes esportes que levam o nome de suas cidades.

Impactos e legados urbanos gerados pelos Jogos

A figura 1 elaborada por Brunet (1997; 2003) esboça a conformação do evento olímpico a partir de sucessivas etapas que remetem a uma dimensão temporal que se inicia com a organização dos Jogos (o autor limita seu recurso analítico aos Jogos Olímpicos, contudo ele se mostra aplicável às versões regionais de megaeventos, como é o caso dos Jogos Pan-Americanos, ou a outras de escala mundial como à Copa do Mundo de Futebol). Seu esquema ilustrado é bastante didático no sentido de representar, por meio dos volumes dos círculos, o aumento de recursos materiais e imateriais que irão compor o evento esportivo. Tudo começa com algumas pessoas, e instituições que elas representam, se mobilizando para sediar os Jogos. Esta etapa pode ser dividida em duas considerando que há um período de preparação para a candidatura ao GEE e outro que se inicia com o anúncio da vitória da cidade candidata à sede dos Jogos. Já naquele primeiro período os atores envolvidos na organização podem se movimentar com tal intensidade que operações urbanas podem ser realizadas, como a desapropriação de terras para a construção de equipamentos que poderiam vir a ser utilizados em caso de vitória.

Figura 1: Círculos Concêntricos dos Recursos Olímpicos



Nesta fase preliminar de organização dos Jogos já se pode reconhecer grande parte das intencionalidades de transformação do espaço urbano pelos agentes envolvidos. Trata-se de uma etapa significativa pois nela são formulados os planos de intervenção urbana que se pretende concretizar para viabilizar a realização dos Jogos. Ainda que haja certa publicidade nesta etapa, demonstrando as intenções dos atores públicos em sediar o megaevento, a discussão sobre a alocação dos recursos

públicos na cidade candidata é limitada. Nos círculos concêntricos acima esta fase aparece pequena mas ela é o próprio coração do que será o legado urbano, já que muitas das decisões locais serão mantidas ainda que nem todas possam ser de fato executadas. Entre estas decisões com riscos de execução encontram-se aquelas relacionadas com as infra-estruturas de transporte; importa relevar neste âmbito que algumas estruturas podem ter sido delineadas de maneira ambiciosa demais para os recursos que os atores virão a dispor na fase seguinte, a de investimentos. As intencionalidades dos atores que protagonizam a luta por sediar um grande evento esportivo são documentadas no caderno de encargos (candidate city bid dossier) apresentado ao Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos (COJO) responsável pela implementação do megaevento esportivo.

Pode-se hoje situar a candidatura do Rio de Janeiro aos Jogos Olímpicos de 2016 justamente nesta fase embrionária que se estenderá até 2009 quando será anunciada a cidade vitoriosa para sediar o megaevento. Desta forma, está em gestação o caderno de encargos que definirá quais os locais da Cidade que deverão ser contemplados com os vultosos investimentos que viabilizarão o evento. Apesar da pouca atenção dada a esta etapa, ela deve ser vista como a mais importante de todas já que ela pode definir uma agenda de obras urbanas por um período de quase uma década, indicando quais as áreas prioritárias de desenvolvimento da Cidade. Resumindo-se, o caderno de encargos é um documento basilar na organização dos Jogos que revela tanto os processos decisórios envolvidos nas pretensas alocações de investimentos, como as intenções de transformação territorial a partir da escolha da cidade como sede dos Jogos.

Retornando aos círculos de Brunet, observa-se que seus desdobramentos apresentam uma dimensão delimitada pela sua fronteira, mas ressalta-se que o círculo menor não se esgota até que o evento seja totalmente realizado, produzindo-se finalmente o legado, isto é o resultado com permanência dos Jogos. Neste sentido, a organização perdura até o final dos Jogos orientando os investimentos, a captação dos recursos para proporcioná-los e ordenando os impactos produzidos antes e durante os Jogos. A eficiência na alocação dos investimentos em bens materiais e imateriais dá origem a legados como produtos de tais impactos em termos de extensão em tempo e em espaço. Os impactos podem produzir efeitos de natureza diversa na vida social como geração de empregos, de maior renda, de maior visibilidade para a cidade sede, de retirada de famílias de suas moradias, de valorização de áreas etc. A produção destes impactos terá uma relação direta com a própria conformação do legado, sendo esta sim a única fase que extrapola a temporalidade dos Jogos e se consolida como permanência tangível ou mesmo intangível no território. Sucintamente Andranovich et al. (2001, p.124) descrevem textualmente o legado olímpico como “...the period with the longest effect on the host city”.

Atualmente é muito freqüente a preocupação das cidades sedes de megaeventos esportivos com o planejamento dos legados. São cada vez mais vultosos os recursos gastos nestes eventos e a legitimidade destes investimentos, em grande parte públicos, depende de um certo consenso para que as contestações não paralise a promoção dos Jogos. A conquista deste consenso pode passar então pela aplicação de recursos em áreas que apresentam maior urgência nas intervenções, sendo o megaevento uma oportunidade para a reestruturação urbana. É desta maneira que os organizadores dos Jogos Olímpicos de 2012 (Londres) afirmam encarar a construção do legado olímpico, como se pode observar no livro (p. 23, vol. 1, tema 1)² que apresenta a candidatura da cidade (transcrição do original):

2 - Disponível em: <http://www.london2012.com/en/news/publications/Candidatefile/Candidatefile.htm>. Acesso em: 13 ago 2006.

The London Plan identifies staging the 2012 Games as the ‘major catalyst for change and regeneration in east London, especially the Lea Valley, leveraging resources, spurring timely completion of already programmed infrastructure investment and leaving a legacy to be valued by future generations’.

Cashman (1998, p.111) aponta alguns problemas que envolvem a conformação de um legado olímpico destacando a falta de atenção dos organizadores do GEE com a conformação do legado - uma vez que ele é posterior ao espetáculo e os atores envolvidos tendem a se dispersar após o evento. Além disso, o legado representa mais custos num orçamento que já atinge cifras elevadas. O autor reconhece também a inexistência de planos voltados para a produção de legados como mais uma lacuna na conformação destes resultados finalísticos.

O conceito de legado é aqui neste estudo formulado como o conjunto de bens materiais e imateriais, que se conformam como permanências sócio-espaciais no tecido urbano decorrentes das ações empreendidas por conta da implementação de um megaevento. São considerados bens materiais que constituem o legado: as instalações esportivas, as estruturas de transporte, a vila dos atletas, e tanto os demais elementos (de lazer, de turismo, de comunicação, de segurança etc) que tenham sido incorporados à paisagem da cidade sede, como os recursos financeiros auferidos com o aumento da circulação de capital ocorrido a partir do encerramento do evento. E por bens imateriais deve-se considerar: a capacitação técnica dos profissionais envolvidos na organização do evento, o estímulo à prática esportiva, a produção de conhecimentos associados direta ou indiretamente à implementação do evento, as mudanças na imagem urbana a partir da publicidade realizada (capital simbólico), as alterações na percepção dos cidadãos sobre a própria cidade, o fortalecimento de redes da sociedade civil, a conformação de identidades territoriais etc. (RAEDER, 2007)

As facetas que o legado pode assumir são diversificadas, distinguindo os beneficiados pelos tipos de legados gerados pelo megaevento. Isso significa que é preciso tanto quantificar como qualificar o legado, utilizando-o como referência para a avaliação dos custos de oportunidade em se realizar o megaevento; este procedimento, entretanto, raramente se realiza uma vez que o poder simbólico dos Jogos é gigantesco numa sociedade do espetáculo, diluindo sua visibilidade pós-evento. A quantificação³ pode ser realizada a partir da análise de orçamentos públicos e privados, bem como da variação dos índices que medem o desempenho da economia local. Numa complexidade mais elevada, a quantificação também poderia revelar os grupos urbanos mais beneficiados pelos Jogos, o que exigiria maior empenho dos atores envolvidos em se conferir maior transparência ao orçamento público. Já a qualificação pode ser mensurada, em alguma medida, a partir da realização de pesquisas junto à população da cidade sede, sendo tal medida normalmente ignorada pelos organizadores do evento, seja pelos custos envolvidos seja pela visão predominante de que uma vez encerrado o evento, “a missão está cumprida”.

Richard Cashman (2002, p.5), diferentemente de Brunet, considera como impacto todo o ciclo que envolve a produção dos Jogos Olímpicos; para o autor australiano, os impactos urbanos dos Jogos podem ser divididos em 4 períodos, levando-se em conta seu texto original:

3 - Um exemplo de avaliação da relação entre custos e benefícios de um GEE, pode ser encontrado no trabalho de Shaffer et al. (2003) a respeito dos Jogos Olímpicos de Inverno de Vancouver 2010. Avaliando os possíveis impactos e legados dos Jogos, os autores confessam a dificuldade em se mensurar os bens intangíveis que serão produzidos.

1. *the preparation of a bid and the winning of the right to host the Games;*
2. *the seven year period of preparation for the staging of the Games;*
3. *the short period (16 days in 2000) when the Olympic Games are staged followed by the Paralympic Games;*
4. *the much longer post-Games era.*

Estes quatro períodos definidos por Cashman são relevantes para o reconhecimento das etapas envolvidas na produção do megaevento. Predomina a dimensão temporal nesta abordagem que não olvida a constituição do legado. No entanto, a leitura que se pode fazer desta categorização é limitada já que não contempla a dimensão espacial tão cara para as análises aqui colocadas.

Identificando padrões nos impactos promovidos pelos Jogos Olímpicos, Essex e Chalkley (2003), a partir de trabalho anterior realizado em 1999 – nesta época ainda em elaboração -, estruturaram um quadro que caracteriza tanto os Jogos de verão como os de inverno. Tal caracterização de dados tem uma clara perspectiva histórica e aponta, de maneira genérica, alguns aspectos dos impactos territoriais produzidos pelos Jogos (Tabela 1). Trata-se de um enquadramento com alto grau de generalização, considerando sobretudo os impactos muito distintos entre, por exemplo, Los Angeles 1984 e Barcelona 1992. O primeiro com um reduzido legado para a cidade e o segundo com um complexo efeito multiescalar que promoveu a imagem da cidade em nível internacional tornando-a uma referência para muitos empreendedores urbanos.

Tabela 1 – Categorização temporal dos Jogos Olímpicos (1896-2002)

| Table 1. The changing infrastructural impact of the Summer and Winter Games, 1896-2002 | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Summer Olympic Games | Winter Olympic Games |
| PHASE ONE: 1896-1904 <i>Small scale, poorly organised and not necessarily involving any new development</i> | PHASE ONE: 1924-1932 <i>Minimal infrastructural transformation apart from sports facilities.</i> |
| PHASE TWO: 1908-1932 <i>Small scale, better organised and involving construction of purpose built sports facilities</i> | PHASE TWO: 1936-1960 <i>Emerging infrastructural demands, especially transportation.</i> |
| PHASE THREE: 1936-1956 <i>Large scale, well organised and involving construction of purpose built sport facilities with some impact on urban infrastructure</i> | PHASE THREE: 1964-1980 <i>Tool of regional development, especially transportation and Olympic Villages.</i> |
| PHASE FOUR: 1960-1996 <i>Large scale, well organised and involving construction of purpose built sports facilities with significant impacts on urban infrastructure</i> | PHASE FOUR: 1984-2002 <i>Large-scale urban transformations, including multiple Olympic Villages.</i> |

Source: Chalkley and Essex (1999); Essex and Chalkley (in preparation).

A Tabela 1 apresenta como primeiro indicador a escala de intervenção urbana dos Jogos de verão. É a partir de Roma 1960 que os impactos urbanos se tornam mais significativos, o que coincide com o grande aporte de recursos gerados pelo advento de transmissões do evento por meio da TV (RUBIO, 2005). Desde então os direitos de transmissão serão cada vez mais importantes para a engenharia financeira dos Jogos (PREUSS, 2002). Por outro lado, os autores reconhecem que desde os Jogos de verão de 1936 a infra-estrutura urbana passou a ser afetada pelos megaeventos, assim como ocorreu nos Jogos de inverno a partir de 1964.

Considerações finais

Diante do reconhecimento do desenvolvimento urbano como produto de megaeventos esportivos e seus legados nas seções anteriores, cabe uma segunda abordagem referida à legitimidade sócio-cultural de tais empreendimentos gigantes. Em princípio, deve-se ressaltar que o desenvolvimento urbano promovido em função de GEEs é legítimo se primar pela conformação de um legado cidadão composto por um conjunto de bens tangíveis e intangíveis, geradores de melhorias urbanas e de redução das iniquidades sociais. Tal legado deve então orientar as políticas urbanas em diversas dimensões que contemplem a garantia e a ampliação de direitos civis, políticos, sociais e ambientais dos cidadãos. Neste sentido, o legado cidadão a ser almejado pelos gestores urbanos deve se apresentar como uma síntese dos principais desafios a serem superados na cidade sede do megaevento esportivo. Ações voltadas tanto para a melhoria como para a produção de espaços públicos são essenciais nesse cenário, além disso é bastante factível se ter como legado o estímulo ao desenvolvimento de laços de solidariedade a partir de práticas esportivas que promovam o encontro de diferentes grupos sociais. Há ainda possibilidades de geração de legados na ampliação das potencialidades de mobilidade dos cidadãos, na geração de mecanismos de redução de conflitos urbanos violentos e ainda na produção de identidades territoriais promotoras de experiências humanizadoras. Estes exemplos de como a constituição de um legado cidadão gerado em virtude dos Jogos podem servir para a construção de cidades melhores. Trata-se, enfim, de buscar a realização dos valores anunciados pelos próprios promotores dos megaeventos esportivos, não sendo portanto um desiderato estranho aos discursos hegemônicos, mas sim profundamente embasados na plena concretização destes em benefício de amplos grupos sociais.

Referências

ANDRANOVICH, Greg; BURBANK, Matthew; HEYING, Charles. Olympic cities: lessons learned from mega-events politics. *Journal of Urban Affairs*: v. 23, n. 2, 2001. p. 113-131.

BRUNET, Ferran. The economic impacts of the Olympic Games. In: BRUNET, Ferran; CARRARD, François; CORRAND, Jean-Albert (orgs.). *The Centennial President*. Lausanne: International Olympic Committee, 1997. p. 1-10.

_____. Anàlisi de l'impacte econòmic dels Jocs Olímpics de Barcelona, 1986-2004. In: MORAGAS, Miquel; BOTELLA, Miquel (orgs.) *Barcelona: l'herència dels Jocs (1992-2002)*, Barcelona: Centre d'Estudis Olímpics i de l'Esport - Editorial Planeta, 2003. p. 245-274.

CASHMAN, Richard. Olympic Legacy in an Olympic City: Monuments, Museums and Memory. In: *Fourth International Symposium for Olympic Research; Global and Cultural Critique: Problematizing the Olympic Games*, 1998. p. 107-114.

_____. Impact of the Games on Olympic host cities: university lecture on the Olympics. Barcelona: Centre d'Estudis Olímpics/UAB. *International Chair in Olympism*

(IOC), 2002. Disponível em: <http://olympicstudies.uab.es/lectures/web/pdf/cashman.pdf>. Acesso em: 13 set. 2006.

COI. Carta Olímpica. Lausana, Suíça: Editado por el Comitê Olímpico Internacional (COI), 2003.

ESSEX, Stephen; CHALKLEY, Brian. Olympic Games: catalyst of urban change. In: *Leisure Studies*. n. 17, 1998. p. 187-206.

_____. Urban transformation from hosting the Olympic Games: university lecture on the Olympics. Barcelona: Centre d'Estudis Olímpics (UAB). International Chair in Olympism (IOC-UAB), 2003.

HARVEY, David. A produção capitalista do espaço. 2 ed. São Paulo: Annablume, 2005.

LIMONAD, Ester. Estranhos no Paraíso de Barcelona. Impressões de uma geógrafa e arquiteta brasileira residente em Barcelona. *Biblio 3W, Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona*, v. 10, n. 610, 25 de octubre de 2005. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/b3w-610.htm>. Acesso em: 12 mar 2006.

MASCARENHAS, Gilmar. Para muito além do esporte: o urbanismo olímpico e seu legado social. In: *Pan-americano de 2007: grande negócio para quem?* Rio de Janeiro: Instituto de Políticas Alternativas para o Cone Sul. (Série Globalização e Solidariedade, 4), 2005. p. 20-35.

MUÑOZ, Francesc. Olympic urbanism and Olympic Villages: planning strategies in Olympic host cities, London 1908 to London 2012. In: *The Sociological Review*. v. 54, December 2006. p. 175-187.

PREUSS, Holger. Dimensión económica de los juegos olímpicos. Barcelona: Centre d'Estudis Olímpics (UAB). International Chair in Olympism (IOC-UAB), 2002.

RUBIO, Kátia. Os Jogos Olímpicos e a transformação das cidades: os custos sociais de um megaevento. In: *Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias sociales*. Barcelona: Universidad de Barcelona, v. 9, n. 194 (85), 1 de agosto de 2005.

RAEDER, Sávio. Jogos e cidades: ordenamento territorial urbano em grandes eventos esportivos. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

SHAFFER, Marvin; GREER, Alan; MAUBOULES, Celine. Olympic costs & benefits: a cost-benefit analysis of the proposed Vancouver 2010 Winter Olympic and Paralympic Games. Canadian Centre for Policy Alternatives, february 2003.

SOUZA, Marcelo. Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

Revisão Descritiva do Modelo East London Para Legados de Jogos Olímpicos e Paraolímpicos

Ana Flávia Paes Leme
Universidade Católica de Petrópolis
Grupo Estudos Olímpicos - UGF

Descriptive Review of the East London Model for Legacies of Olympic and Paralympic Games *The objective of this text is to provide a descriptive and compact review of a multidisciplinary model of analysis of Olympic mega events and their possible legacies according to studies of East London University, England (MACRURY, 2007). This specific model was produced by means of comparisons between practical examples of four Olympic host cities. It has been used as a basis for studies of cities which plan to apply to stage mega events and therefore need urban, environmental and socio-cultural changes. The management concept 'legacy momentum' is discussed in this text.*

Os megaeventos como os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos possuem diversas dimensões a serem analisadas, envolvendo diferentes áreas de conhecimento que extrapolam a esfera esportiva. Por possuírem um alcance extraordinário de impactos eles envolvem complexas negociações entre governo local e nacional, e destes com iniciativas privadas, gerando práticas políticas além de gestão de conhecimentos. Os megaeventos significam também mudança e transição, e seus legados constituem um misto de fatores de natureza tangível ou intangível. Por exemplo, enquanto a infra-estrutura e o crescimento econômico são suscetíveis à análise custo/benefício, o impacto cultural que o megaevento deixa na imaginação popular repercute subjetivamente por vezes para legitimar reivindicações e mudanças seja no esporte ou na administração pública e privada.

O presente estudo dispõe-se como uma revisão descritiva resumida de um modelo multidisciplinar de análise de megaeventos olímpicos e seus possíveis legados de acordo com estudos da Universidade de East London, Inglaterra (MACRURY, 2007). Este modelo foi produzido por meio de comparações entre exemplos práticos e tem se apresentado como uma base para se observar cidades que planejam constituir sedes de megaeventos em termos de mudanças estruturais urbanas, ambientais e socio-culturais. Em termos de adaptação às condições brasileiras, trata-se de apreciação analítica que possa ser aproveitada nos processos decisórios da administração pública, considerados fundamentais por estudos anteriores da autora desta contribuição (Almeida, 2007).

Exemplos práticos do modelo

O modelo de East London – versão 2006-2007 - faz uma análise comparativa de quatro cidades que foram sedes de Jogos Olímpicos e Paraolímpicos durante um período de importantes mudanças na sociedade internacional: Barcelona, Atlanta, Sydney e Atenas. Os Jogos de Barcelona (1992) foram os primeiros a ocorrer no período pós-guerra fria e como tal expandiram-se exponencialmente. Nos seguintes doze anos até Atenas (2004), intensificou-se a competição para sediar os Jogos, na medida em que as cidades buscavam demonstrar status regional e global, principalmente

como centro pós-industrial de comércio, negócio e de cultura. Cada cidade candidata estava bastante consciente do potencial oferecido pela presença globalizada da mídia e cada uma delas buscava se auto-identificar, oscilando entre os ideais do “Olimpismo” e as pragmáticas oportunidades apresentadas pelo mercado e seu inevitável apelo comercial. Os resultados têm sido mistos; embora qualquer estudo comparativo deva reconhecer a diferença no contexto e escala de tempo, contra as quais o legado dos Jogos em cada cidade deve ser medido.

As fontes do modelo

O Comitê Olímpico Internacional (COI) possui uma abrangente biblioteca de relatórios e documentação de propostas de cada Olimpíada. Os documentos de propostas de todas as cidades candidatas e a evolução das propostas do COI estão na website do COI. Cada cidade sede também é requisitada a estabelecer um minucioso relatório dos Jogos e seus legados; isso ganha forma com um relatório final tipicamente publicado dois anos após a realização dos Jogos. Este documento oferece um ponto de partida – entre outros - para exame da evolução econômica de cada evento Olímpico. A maior parte dos estudos sobre impacto econômico que não são do COI, focalizaram cidades específicas e eventos, não utilizando indicadores que poderiam ser aplicáveis de uma cidade sede para outra.

A dimensão temporal é muito importante, sobretudo na evolução da literatura dos impactos econômicos. Entretanto, a maior parte dos estudos cai na categoria atemporal e não longitudinais, produzindo impactos projetados ou arbitrados, frequentemente descritos na fase pré-evento. Alguns autores modernizaram e atualizaram seus estudos sobre o período de tempo em legados e impactos, particularmente nas cidades onde grupos de pesquisa em Estudos Olímpicos se estabeleceram.

Estudos longitudinais têm uma origem mais recente e sua metodologia está sendo discutida e desenvolvida na Académie Internationale des Sciences et Techniques du Sport (AISTS) com base em Lausanne, no COI e por vários estudiosos em Estudos Olímpicos. A abordagem do Impacto Global dos Jogos Olímpicos (OGGI) faz a distinção entre o evento e o desenvolvimento da infra-estrutura. O estudo longitudinal é dividido em quatro períodos: Fase 1: Concepção; Fase 2: Organização; Fase 3: Evento; Fase 4: Encerramento. O período total do estudo é de aproximadamente nove anos, com o legado sendo avaliado na Fase 4 pelos dois anos seguintes ao término dos Jogos. O conjunto de indicadores está dividido em três categorias chave – econômica, ambiental e social.

Conceituando o legado

Na esfera econômica o Momento de Legado refere-se à capacidade da cidade e da região de continuar crescendo após o imediato e natural decréscimo da atividade econômica ao término dos Jogos. A capacidade de atingir o Momento se relaciona aos diversos fatores. Primeiro, os Jogos devem completar um plano pré-existente de regeneração que envolve novas fases após o evento olímpico. Segundo, o conhecimento base derivado da preparação e organização do evento não deve ser disperso ao término dos Jogos, mas ao contrário, utilizado para promover inovações subsequentes na cidade e na região. Finalmente, as consequências negativas e omissões na fase relacionada à Olimpíada são direcionadas em subsequentes projetos de desenvolvi-

mento urbano. Barcelona (1992) é o melhor exemplo de uma cidade sede que obteve Momento de Legado.

Os objetivos de um megaevento olímpico, portanto, podem ser focalizados e específicos em relação aos desejáveis ganhos econômicos ou podem ser uma difusa combinação: social, econômica, cultural e ambiental. Os resultados eventualmente podem não satisfazer as expectativas públicas (por exemplo, Atlanta, 1996). Da mesma forma, os resultados podem ser significativamente influenciados por mudanças de natureza exógena direcionadas para o conjunto de circunstâncias econômicas da cidade ou da região. O legado Olímpico de Atlanta (1996) foi minimizado em razão de fatores econômicos mais amplos e positivos: expansão empresarial e movimento de capital do norte para o sul dos Estados Unidos, enquanto o legado de Barcelona (1992) recebeu o impulso favorável do desenvolvimento pós-1992 do Mercado Comum da União Européia. Um impacto positivo sobre diferentes setores industriais, além de transporte e construção - Atenas 2004, por exemplo -, sustenta-se em bem sucedida atração de investimentos internos com base em capacitações, principalmente no âmbito da indústria de serviços, como ocorreu com Barcelona 1992.

O impacto dos Jogos na economia da cidade mostra-se tanto tangível quanto intangível. A intangível re-ordenação da cidade talvez tenha subseqüentes efeitos tangíveis, especialmente através do investimento interno e do crescimento da confiança dos investidores, como mais uma vez no exemplo de Barcelona 1992. Os Jogos atuam como um grande catalisador para a renovação, acelerando a conclusão de projetos de infra-estrutura (Barcelona 1992, Atlanta 1996, Atenas 2004 e mais modestamente Sydney 2000), porém a população da cidade-sede emerge com um balanço positivo e negativo de um processo de regeneração que mais acontece a ela do que criado por ela.

Legados sócio-culturais

Os estudos levantados para a construção do modelo East London revelam que o legado sócio-cultural requer planejamento, gerenciamento, flexibilidade e visão contínua. Legado não é um status a alcançar – um resultado – ao contrário, descreve a expansão progressiva de realizações multifformes. O bom legado é o que é dirigido por um Momento contínuo (nascido de fatores intangíveis), mas esporádico em alguns pontos. Tais fatores intangíveis (soft) incluem: a obtenção da capacidade de melhoria contínua em estruturas governamentais, engajamento comunitário e desenvolvimento de capital social via capacidade e suporte público para continuar a inovar após o término dos Jogos.

O Momento de Legado sócio-cultural positivo emerge quando os mencionados fatores estão suficientemente evidenciados na cidade sede. Tais fatores intangíveis de legado mantêm a coordenação, a comunicação e o consenso antes, durante e após os Jogos. O legado sócio cultural em sediar os Jogos não pode facilmente ser aferido por um conjunto de resultados numa determinada data após os Jogos. Obter esse Momento é uma tarefa difícil é provavelmente mais bem ilustrada pelas realizações nas fases de regeneração pós-olímpica experimentadas em Barcelona. Atlanta revelou a natureza fragmentada de tal legado que surgiu de diferentes e competitivas visões das elites que organizaram o evento. Sydney e Atenas encontraram um período difícil pós Jogos, embora um novo ímpeto pareça estar se desenvolvendo nesta última.

Legado ambiental

A adoção pelo COI de uma agenda ambiental em meados da década de 1990 influenciou todas as licitações (bidding) subsequentes para sediar os Jogos, e o sucesso ou fracasso dos Jogos é agora julgado sob este aspecto entre outros menos importantes.

Durante a década de 1990, o COI reforçou formalmente sua posição ambiental, sobretudo por influências originadas da Conferência sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente das Nações Unidas de 1992 no Rio de Janeiro. Neste período foi criada a Agenda 21, então redigida com base na concepção do desenvolvimento sustentável (sustainability) que se tornou parte da agenda global das Nações Unidas. O COI respondeu aos requisitos de responsabilidade ambiental apostos à Agenda 21, adotando o conceito de sustentabilidade para regular os Jogos, e mais tarde em 1995, o meio ambiente se tornou o “terceiro pilar” dos objetivos Olímpicos (juntamente com o esporte e a cultura). Neste propósito a própria Carta Olímpica foi emendada para abrigar o nexo ambientalista.

Apesar da preocupação ambiental das cidades sedes só aparecerem na metade dos anos de 1990, algumas cidades já mostravam melhoras ambientais diretamente intencionadas ou se deram por consequência da própria regeneração urbana. Os Jogos de Tóquio 1964 foram planejados atendendo este legado, e os Jogos de Seul 1988 usaram os Jogos como uma oportunidade de fazer melhorias significativas no meio ambiente da cidade como um todo: a melhoria no transporte público trouxe a diminuição da quantidade de carros e por consequência aumentou a qualidade do ar, que por sua vez, diminuiu a quantidade de pessoas atingidas pela poluição.

Neste contexto, a Agenda Ambiental Internacional estabelecida pelo COI e outras agências internacionais vem se desenvolvendo durante o período de 1992 a 2004. A proteção ambiental e a sustentabilidade não era uma parte significativa dos processos de planejamento de Barcelona ou Atlanta. Entretanto, a regeneração da cidade de Barcelona forneceu necessariamente bons exemplos de melhorias ambientais tais como: controle da poluição de rios e gerenciamento de desperdício de água. E Atlanta permitiu experiências com “tecnologias limpas” tais como painéis solares e a luminosidade com baixo custo de energia.

Foram os Jogos de Sydney que receberam a marca de “Jogos verdes” (Green Games), por terem em princípio buscado colaboração de ONGs ambientalistas. Os Jogos de Sydney foram os primeiros Jogos a serem examinados pelo Greenpeace, que emitiu um relatório detalhado e razoavelmente positivo. Em Sydney foi revelada a capacidade do evento demonstrar boa prática em desenvolvimento sustentável, incluindo a conservação de espécies, recursos tecnológicos e controle da poluição. Atenas também foi examinada pelo Greenpeace, de acordo com o exemplo anterior de Sydney, e foi avaliada positivamente por oferecer um ambiente amigável em transporte e infra-estrutura: novas calçadas para pedestres, melhoria nas fachadas dos prédios e conscientização da população para programas de economia de água e limpeza em geral. Mesmo assim, houve um lado negativo no balanço ambientalista incluído críticas sobre a administração dos gastos e diversas outras falhas de gestão.

Os exemplos de Sydney e subsequentes pressupõem que o impacto ambiental de todos os Jogos futuros será julgado primeiramente de acordo com o conceito de sustentabilidade – que na essência é um legado por delimitação do projeto olímpico - e adicionalmente em face à cooperação com as Organizações Não Governamentais de meio ambiente (compartilhando informações de planejamento e execução assim como o estabelecimento dos princípios de construção, obtenção de materiais naturais etc.).

O legado dos Jogos Paraolímpicos

Há muito pouco material de pesquisa sobre o legado dos Jogos Paraolímpicos. Comumente os Jogos Paraolímpicos também não são mencionados ou apenas são postos em relevo por um único, generalizado e conclusivo parágrafo dos relatórios das cidades sede. Enquanto há algum material relacionado à Atlanta, Barcelona e Sydney, não há qualquer texto sobre o impacto do legado dos Jogos Paraolímpicos de Atenas. Esta constatação implica em fazer incluir entre os legados a informação técnica, algo ainda não abordado com a devida propriedade nos relatórios aqui postos em evidência.

Revisando o material de pesquisa analisado pelo Modelo East London, suposições foram encontradas sobre as melhorias nas infra-estruturas olímpicas beneficiando as pessoas com deficiências, mas não atentaram em quantificá-las. Paralelamente, há suposições de que pessoas incapacitadas terão melhorias no país e na cidade sede simplesmente pelo fato dos Jogos Paraolímpicos existirem. Uma pesquisa feita em Sydney sugere que é um erro acreditar nesta interpretação pois estas inovações são desmobilizadas nos anos que se seguem após os Jogos. Outras pesquisas focalizaram o nível de desenvolvimento da participação no esporte de iniciativas locais e nacionais, mas não examinaram o impacto de tais megaeventos esportivos. As principais correntes de pesquisa (mainstream) em legados precisam monitorar figuras participativas governamentais e uma amostra representativa de entidades esportivas antes e depois da ocorrência de megaeventos para verificar avanços e retrocessos na perspectiva paraolímpica. Neste âmbito, o baixo número de entidades dirigentes e a escassez de alternativas de desenvolvimento paraolímpico estão gerando um desafio no dimensionamento de impactos e dificuldades na identificação de legados.

Os Jogos de Sydney tiveram um significativo sucesso paraolímpico. Foi o evento com maior participação na história dos Jogos. Foi amplamente televisionado e obteve visibilidade pública, embora seja questionado quão duradouro venha ser seu legado. Um Comitê Consultor de Avaliação Olímpica participou na fase de preparação dos Jogos e, ao término do evento, vários estudos sugeriram que melhorias na infra-estrutura da cidade foram aceleradas em função do foco posto sobre pessoas portadoras de deficiências.

Os esportes paraolímpicos têm apontado para problemas como a falta de construção de espaços de movimentação apropriada para os atletas e escassez de instalações esportivas com equipamentos adequados. Levantar estes temas e estabelecer métodos para avaliar o legado pós-Jogos deverá ser um aspecto importante para futuros estudos e construção de modelos de avaliação de impactos de Paraolimpíadas nas cidades sede.

Considerações Finais – expectativas futuras

Na maior parte dos séculos dezenove e vinte, megaeventos como os Jogos Olímpicos, exposições e festivais tendem a refletir a confiança econômica e cultural da elite que os organizou, projetando os avanços de sucesso da tecnologia, indústria, arte e ciência na cidade sede e na nação. No século vinte e um, os eventos internacionais serão freqüentemente organizados em condições menos seguras e o resultado destes eventos será mensurado contra critérios mais diversificados e, certamente, mais desafiadores. O presente estudo de quatro cidades sugere que o sucesso de um megaevento

tem base na capacidade a ser utilizado para iniciar futuros programas de renovação e regeneração urbana e institucional local, com amplo apoio público para fazê-las, alcançando assim, o que o modelo comparativo de análise denomina de Momento de Legado.

Referências

ALMEIDA, Ana Flávia P.L. Políticas públicas e responsabilidade social em estudos olímpicos. In: Seminários Espanha-Brasil 2006, Barcelona: Universidade Autônoma de Barcelona, 2007, pp. 677-679.

MACRURY, I. Impact Studies of the Olympic and Paralympic Games Report. University of East London. (no prelo).

O Legado Heróico do Papel Social do Atleta

Katia Rubio

Escola de Educação Física e Esporte - USP

The historical legacy of the social role played by the athlete *Sport represents to today's society a very comprehensive social phenomenon not only as spectacle but also as professional activity. This text discusses the social legacy represented by the athletes.*

Reconhecido como uma forma elementar de socialização até uma variedade profissional, o esporte compõe o imaginário social na atualidade, sendo identificado por elementos como força, superação de limites, vitória a qualquer preço e supremacia enquanto valores próprios, refletindo as diferentes formas como a sociedade contemporânea se organiza.

Alçados à condição de figura espetacular pelos diferentes meios de comunicação de massa ao longo do século XX, os atletas, protagonistas da competição esportiva, viveram uma profunda transformação em seus papéis sociais ao longo das últimas décadas: cidadãos anônimos, dotados de um nível de habilidade motora privilegiado, tornaram-se figuras míticas, semi-deuses ou heróis, bastando para isso uma performance surpreendente como a quebra de um recorde ou a conquista de uma medalha. Partindo do questionamento sobre a importância que o esporte representa para a vida de crianças e jovens na atualidade, esse texto busca discutir o conceito de legado para o atleta, ator social do fenômeno e espetáculo esportivo e razão de ser dos megaeventos esportivos.

O esporte se apresenta para a sociedade contemporânea como um fenômeno de grande abrangência social tanto do ponto de vista do espetáculo como também como atividade profissional e comercial. Manifestação capaz de provocar grande emoção e comoção, o esporte se diferencia de outros espetáculos por levar protagonistas e espectadores a se posicionarem.

Ardoino e Brohm (1995) afirmam que assim como a pena de morte ou o aborto o esporte afeta e divide profundamente opiniões porque provoca a polarização emocional e ideológica, e que diante de um objeto investido de tanta libido e afetividade é difícil permanecer neutro ou indiferente.

Uma das justificativas possíveis para tamanha mobilização afetiva está no fato de que vários são os valores vinculados ao esporte contemporâneo que remontam sua origem. Um deles é a agonística, representada na busca e superação de limites, assim como a perseverança observada na construção e busca da melhor forma atlética. Essas qualidades talhavam parte da moral do homem grego antigo, momento de gênese do esporte, e fundamentavam a busca da transcendência da finitude e da perfeição (RUBIO, 2001; 2006).

Para os praticantes do esporte de então a superação de tempos, distâncias, pesos ou pontos era decorrência de uma atividade que se ritualizou nos Jogos Olímpicos Helênicos, mas cuja prática tinha por finalidade primeira desenvolver

o físico e a moral. Na Antigüidade o atleta competia, porém, sua busca pela vitória não estava fundamentada na derrota do adversário e sim na superação dos próprios limites, ou seja, ao alcançar o seu máximo na competição havia a experimentação de uma condição divina, a afirmação da permanência. A vitória sobre o adversário era uma decorrência desse processo. No esporte contemporâneo a melhor performance está associada à conquista da primeira colocação ou ainda à quebra de um recorde, distinguindo seu realizador dos demais participantes da competição. A busca pelos melhores resultados deixou de ser superação do próprio limite para se tornar a superação do resultado do adversário. Colabora para esse estado de coisas o desenvolvimento tecnológico que permite a mensuração do tempo e do espaço em índices sempre menores, capazes de registro apenas aos instrumentos mais sofisticados.

Conforme Mandell (1986) o esporte como se conhece na sociedade contemporânea surgiu em um momento histórico marcado por condições particulares e foi modelado conforme princípios de uma sociedade regida pelo sistema liberal. Nessa condição a vitória e não a participação é o valor supremo da competição esportiva, isso porque à vitória estão associados o reconhecimento social, o dinheiro e o desejo da permanência, levando ao menosprezo de qualquer outro resultado.

No entender de Skillen (2000) o espírito de competição e conquista são partes inextrincáveis do esporte. Entretanto a principal contribuição que essa prática pode proporcionar para a sociedade é o exercício das habilidades que levam ao limite. Sendo assim, o esporte tem o potencial para ensinar a viver com limites e a vitória teria a função de indicar essa condição, apontando quem dentre os competidores carece de maior aprimoramento.

Se a competição é condição inerente do esporte é preciso entendê-la naquilo que há de específico nesse contexto. Conforme Yonnet (2004) a competição esportiva pode ser dividida em dois sistemas: a competição contra alguém e a competição consigo mesmo.

No primeiro caso esse sistema abrange todos os esportes competitivos, que na acepção clássica do esporte moderno cabia aos amadores, mas que no presente momento é representado pelos atletas profissionais. A elite é formada pelos indivíduos selecionados pela ordem de excelência, separados esses por pequenas frações de tempo ou distância, que já não podem mais ser mensuradas a olho nu ou cronômetro manual. A necessidade de uso de equipamentos sempre mais precisos sofisticada a prática esportiva e a competição, favorecendo a organização da incerteza imposta ao público espectador, afirmando uma condição de espetáculo de massa. Nesse sistema os rituais são esperados e se multiplicam para atender a necessidades de competidores e do público tornando-se uma liturgia de identificação. Portanto, incerteza e identificação são as condições básicas para o desenvolvimento da competição contra o outro.

O segundo sistema, a competição contra si mesmo, compreende uma espécie de luta privada, íntima, onde o competidor é também seu juiz. Nesse sistema não há divisão de classes ou limite. Isso porque o limite de esforço despendido para a realização de uma prova varia de indivíduo para indivíduo, impondo

ritmos e realizações distintas aos diversos competidores. Isso quer dizer que se por um lado existe uma aparente igualdade entre os seres humanos há uma desigualdade constitucional que leva uns a vitória e outros não. Nesse sistema a técnica essencialmente individual e privada de competição consegue mesmo demanda recursos de uma espécie de elevação individual, fincada, grandemente na cultura ocidental contemporânea.

No contemporâneo, a superação de marcas é um feito grandioso, merecedor de ampla divulgação pelos meios de comunicação de massa para todo o mundo. Estas marcas são quebradas quase todos os meses em alguma prova, e nas várias modalidades esportiva. Uma das grandes motivações de qualquer atleta que participa hoje de importantes competições nacionais ou internacionais está não somente na vitória, mas justamente na luta pela conquista do recorde.

Esta busca incessante pelo sucesso e pela superação dos recordes pressupõe, de maneira assertiva, uma evolução material da sociedade e física do atleta. Nos treinos diários o atleta busca a perfeição técnica, tendo em seu auxílio os estudos científicos sobre o movimento humano; já os fabricantes de materiais e equipamentos esportivos lançam no mercado produtos inovadores a intervalos cada vez menores. O mesmo se pode dizer sobre a evolução nas técnicas de construção de instalações esportivas. Sendo assim o recorde é o resultado de alguns fatores que se combinam num mesmo momento a plenitude técnica do atleta e o aprimoramento dos recursos materiais que estão ao seu alcance. Ou seja, o conjunto de fatores físicos e mentais, aliados à técnica e a tecnologia, contribuem indefinidamente para a construção de uma situação vitoriosa.

Brohm (1993; 1995) avalia que essa lógica de valorização extrema do resultado esportivo é uma construção ideológica que circula por meio de impacto midiático, e que as instituições esportivas absorvem uma boa parte das tendências mortíferas e suicidárias dos indivíduos de uma sociedade em crise prolongada, uma crise que é ao mesmo tempo econômica, espiritual e ideológica. Essa violência suicidária que se manifesta de diversas maneiras advém de uma mesma matriz axiológica e praxeológica: a competição de todos contra todos, a busca infinita pelo recorde, a busca incessante da superação de limites, o culto do excesso, o fetichismo do progresso de performances e a idolatria do êxito a qualquer preço.

A sociedade se organiza no contemporâneo de forma a valorizar a ascensão, a vitória, o melhor, impondo um padrão de comportamento que privilegia o mais forte, o mais habilidoso. Essas condições apresentam-se como o cenário ideal para a emergência de atitudes heróicas.

O esporte como manifestação heróica

A nomeação de herói foi dada por Homero aos homens que possuíam coragem e méritos superiores, favoritos entre os deuses (SELLIER, 1970). A distância entre deuses e heróis, ainda que não seja grande, faz com que o homem se coloque mais próximo do herói, talvez por sua genealogia semi-humana do que dos deuses, esses sim ilustres e inatingíveis. Isso porque esses personagens são representações simbólicas da psique total, entidade que supre o ego da força que lhe falta (ELIADE, 1988, 1989).

Para Chinen (1998) a atribuição essencial do mito heróico é desenvolver no indivíduo a consciência do ego – o conhecimento de suas próprias forças e fraquezas – de maneira a deixá-lo preparado para as difíceis tarefas que a vida irá lhe impor. Em cada ciclo da história de vida do indivíduo o mito tomará forma particular, que se aplica a determinado ponto alcançado por ele no desenvolvimento da sua consciência do ego e também aos problemas específicos com que se defronta a cada momento. Ou seja, a imagem do herói evolui de maneira a refletir cada estágio de evolução da personalidade humana.

Segundo Villegas (1978) o culto do herói tem sido necessário não somente pela existência das guerras, mas por causa das virtudes que o heroísmo comporta e que, sendo advertidas desde os tempos pré-históricos, houve necessidade de exaltar e recordar.

Todas as qualidades heróicas correspondem analogamente às virtudes necessárias para triunfar do caos. É aí que o sol aparece em muitos mitos como o herói por excelência. Temos, então, que a vitória sobre si próprio é a grande propulsora do herói de todos os tempos. Diante dessa perspectiva o herói pode ser visto para além de um personagem, mas como uma forma que estrutura um padrão de atitude.

Dentre os vários fenômenos sociais que a sociedade moderna vem observando para a emergência dessa atitude heróica, o esporte tem ocupado um dos postos mais destacados.

O esporte moderno, no seu processo de construção, sofreu influência das transformações sócio-culturais e absorveu uma série de características da sociedade industrial moderna. Segundo Guttman (1992, 1978) em função disso apresenta características como secularização, igualdade de chances, especialização, racionalização, burocratização, quantificação e busca de recorde, princípios que também regem a sociedade capitalista industrial e se espelham na prática esportiva, tendo o rendimento como o princípio norteador.

Apesar da ideologia e da paixão, o esporte é também movido por outros elementos. Parte do interesse despertado por espectadores e/ou torcedores relaciona-se diretamente ao mistério e polêmica que envolve o protagonista do espetáculo esportivo: o atleta. Na relação entre o ego e o desempenho de papéis sociais, muitas vezes o atleta se vê identificado apenas com a figura espetacular sugerida pela condição de esportista – aquele capaz de realizar grandes feitos – dificultando sua participação em situações da vida cotidiana e em outras atividades sociais. Se por um lado sua condição de atleta diferenciou-o de uma grande parcela da população, permitindo que goze de privilégios reservados a poucos, por outro essa mesma condição o faz amargar isolamento e distanciamento de situações vividas por semelhantes.

Daí observarmos uma aproximação do atleta moderno, e as relações culturais e sociais implicadas com esse papel, e a figura arquetípica do herói. Diferentemente do atleta da Antigüidade, que tinha sua preparação voltada para objetivos bélicos, associado à proteção da polis e, portanto, identificado com o papel de guardião ou protetor da população, o atleta de alto rendimento na modernidade ocupa um espaço mais próximo do espetáculo e do lazer. Seus feitos são capazes

de levar multidões a estádios e ginásios, em momentos de espetáculo, ou causar comoção e dor em caso de acidente ou morte. Essas manifestações de massa expressam a representação que se tem do esporte e do esportista na atualidade, constelando conteúdos do imaginário social, transformando diferentes práticas sociais e criações culturais relacionadas a ele.

Essa transformação por que tem passado o esporte vem condicionando o comportamento daqueles que aspiram à condição de atleta. Se num dado momento histórico o esporte associava-se a atividades de cunho amador, desprovido de interesse comercial, o que se percebe na atualidade é a expectativa de reproduzir um modelo fincado em moldes que associa habilidade-dinheiro-fama e, por vezes, poder.

Submetido a uma rotina de treinos e jogos, o atleta a quem muitos tomam como um ser sobre humano sofre com questões como a ausência de contato com a família, a ausência de via particular e a impossibilidade de admitir – para si e para o público – suas fragilidades, angústias e incertezas (RUBIO, 2003).

Ainda que seja paradoxal o desempenho desses papéis para o atleta, sabemos da necessidade de compreender a referência ao mito do herói enquanto metáfora da expressão do atleta moderno, como uma forma de penetrar nesse imaginário social. Laplantine e Trindade (1997) entendem por imaginário o campo de representações constituído de aspectos formais (significantes) e de conteúdos (significados) sendo, portanto, construído e expresso através de símbolos, possuindo um compromisso com o real, mas não com a realidade.

O esporte enquanto prática milenar ritualizou-se vindo se somar ao mundo de símbolos e arquétipos do inconsciente coletivo, tendo no atleta o protagonista e um ser quase divino para o público que assiste ao espetáculo. Temos então a configuração de uma forma de mito.

Sendo o esporte uma manifestação cultural temos, então, a utilização de um olhar mitológico para a compreensão de algumas situações que vêm se repetindo ao longo deste último século. Os Jogos Olímpicos de Verão e de Inverno e a Copa de Mundo de Futebol, eventos intercalados que monopolizam a atenção de milhões de espectadores ao redor do planeta, remetem algumas pessoas desconhecidas à condição de figuras públicas mundiais, dependendo, para isso, de um bom desempenho ou a quebra de um recorde.

Daí a proposta de Hillman (1993) de não mais procurar os deuses no Olimpo, nem nos antigos cultos, templos ou estátuas do passado, mas em nossos eventos cotidianos, em nossas desordens particulares e também nas públicas.

Essas situações são experimentadas e comprovadas nos grandes eventos atléticos quando o esporte então, ganha amplo espaço na sociedade e invade a vida de todos aqueles que estão atentos aos fatos, mesmo que não acompanhem os eventos esportivos, seja na forma das mais variadas espécies de merchandising ou alterando os horários de trabalho cedendo ao esporte e ao atleta um espaço nobre do seu dia-a-dia.

O herói mítico e o atleta

Não é por acaso que os mitos representados no esporte são, sobretudo de natureza heróica. Os feitos realizados por atletas, considerados quase sobre-humanos para grande parcela da população contribui para que essa imagem se sedimente.

O herói enquanto figura mítica vem representar o mortal, que transcendendo essa sua condição aproxima-se dos deuses em razão de um grande feito. A realização de prodígios é quase sempre uma mistura de força, coragem e astúcia, caracterizando esse sujeito não como um bruto, mas como uma figura singular, capaz de realizar mais do que apenas a força lhe daria condições.

O caminho comum da aventura mitológica do herói, segundo Campbell (s.d.) está na magnitude da fórmula representada nos ritos de iniciação: separação-iniciação-retorno, que poderia receber o nome de 'unidade nuclear do monomito', e normalmente esse modelo está pautado numa seqüência que envolve uma separação do mundo, a penetração em alguma fonte de poder e o regresso a vida para vivê-la com mais sentido. Isso representa dizer que o herói é o ser humano que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas.

Transpondo para o ambiente esportivo temos no atleta uma espécie de herói onde quadras, campos, piscinas e pistas assemelham-se a campos de batalhas em dias de grandes competições, e se aproxima ao modelo da unidade nuclear do monomito proposto por Campbell (s.d.): há uma chamada para a prática esportiva, que em muitos casos significa deixar a casa dos pais e enfrentar um mundo desconhecido e, por vezes, cheio de perigos. Sua chegada ao clube representa a iniciação, propriamente dita, um caminho de provas que envolve persistência, determinação, paciência e um pouco de sorte. A coroação dessa etapa é a participação na Seleção Nacional, seja qual for a modalidade, espaço reservado aos verdadeiros heróis e lugar onde há o desfrute dessa condição. E, finalmente, há o retorno, muitas vezes negado, pois devolve o atleta-herói à sua condição mortal, e na tentativa de refutar essa condição são tentadas fugas mágicas (como a desmotivação em retornar ao seu clube de origem), porém, por paradoxal que seja, é apenas nesse momento que ele encontra a liberdade para viver.

Daí acreditarmos que o atleta que atinge o alto rendimento, o profissionalismo, tem um daimon como afirma Hillman (1997), ou seja, sua vida não está disfarçada num fato empírico, mas afirma-se abertamente como mito.

Considerações finais

Visto sob esse aspecto esse atleta heróico aproxima-se do paradigma oferecido por Pearson (1994) no qual temos sua identificação com a figura do guerreiro que tem por objetivo a força, a coragem como tarefa e a fraqueza como medo. E não é de se estranhar, portanto, que sua vida seja trágica.

Esse indivíduo a quem nos referimos, que vem a ser identificado como um ser raro, um entre milhares, usufrui dessa condição uma vez que é mínima a

parcela da população que pratica esporte e consegue atingir níveis de atuação e exposição que justifiquem e sua condição de ídolo.

Essa condição extraordinária, que envolve inevitavelmente a superação de limites, torna o atleta alvo de identificações e projeções, levando-o a ser adorado por sua torcida, e odiado e às vezes respeitado pelos adversários.

Porém, em que proporção essa relação se dá parece ainda ser um desafio para os estudiosos. Observamos ao longo da história que esses parâmetros sofrem transformações de acordo com o momento sócio-político por que passa a sociedade.

Se temos aqui o esporte como objeto de estudo é porque ele expressa, na atualidade, esse potencial de projeção e identificação, e não apenas aquilo que Fischmann (1990) aponta como modismo avassalador, mas, justamente, um movimento que põe o ser humano em busca de algo que muitos parecem desconhecer. Nesse sentido, conhecer o sentido dado a ações de pessoas como os atletas e os mitos desencadeados por eles seria, então, um primeiro passo. E é justamente a partir dessa reinterpretação que podemos alcançar a resignificação e os agentes envolvidos na construção da identidade e seu conseqüente legado para a sociedade.

Falamos da construção do mito e sua condição de agente de identificação. Temos, por outro lado, essa persona mítica habitando um ego-cidadão comum, que muitas vezes se confunde com seu personagem e também é confundido pelo público que o assiste. Porém aqui, mito e cidadão quase não se distinguem, oferecendo mais uma possibilidade de acesso que seria a identificação do cidadão comum com o cidadão comum-atleta mito. Transpor essa dinâmica pode nos levar a compreensão de um conjunto de significados que compõem o imaginário do jovem atleta e determinam inúmeras práticas sociais ao longo de sua vida adulta.

Essa situação vem de encontro ao pensamento de Skillen (2000) que afirmar ser o esporte um produtor de auto-estima, embora isso somente ocorra se seus correspondentes se transformarem em objeto de mérito, ou seja, o orgulho das realizações esportivas não reside apenas na vitória, mas na percepção do atleta em se sentir entre os melhores. Em tese essa afirmação corrobora para o ideal olímpico de que “o importante é competir”, no entanto a lógica e a prática do esporte competitivo sofreram severas transformações ao longo do século XX impondo uma representação diversa do papel social do atleta e do espetáculo esportivo.

Entretanto essa situação não pode ser analisada e avaliada isoladamente, senão como mais um produto da sociedade contemporânea, capaz de transformar o esporte em um dos principais fenômenos culturais contemporâneos, veículo privilegiado de projeções sociais.

Referências

- ARDOINO, J.; BROHM, J. M. Repères et jalons pour une intelligence critique du phénomène sportif contemporain. In.: F. Baillette; J. M. Brohm (orgs) Critique de la modernité sportive. Paris:Les Éditions de la Passion, 1995.
- BROHM, J. M. La violence suicidaire du sport de compétition: compétitions suicidaires et suicides compétitifs. In.: F. Baillette; J. M. Brohm (orgs) Critique de la modernité sportive. Paris:Les Éditions de la Passion, 1995.
- BROHM, J. M. Las funciones ideológicas del deporte capitalista. In.: Materiales de Sociología del Deporte. Madrid: Las Ediciones de La Piqueta, 1993.
- CAMPBELL, J. O poder do mito. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CAMPBELL, J. *O herói das mil faces*. São Paulo: Cultrix, s.d.
- CHINEN, A. B. Além do herói. São Paulo: Summus, 1998.
- ELIADE, M. Aspectos do mito. Lisboa: Edições 70, 1989.
- ELIADE, M. Mito e realidade. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- FISCHMANN, R. Vida e identidade da escola pública: um estudo preliminar da resistência à mudança na burocracia estatal no estado de São Paulo. São Paulo, 1990. 242 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.
- GUTTMANN, A. History of the modern games. Illinois: University of Illinois, 1992.
- GUTTMANN, A. From ritual to record. New York: Columbia University Press, 1978.
- HILLMAN, J. O código do ser. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
- HILLMAN, J. Cidade, esporte e violência. In: Cidade & Alma. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- LAPLANTINE, F.; TRINDADE, L. O que é imaginário. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- MANDELL, R. D. Historia cultural del deporte. Barcelona: Ediciones Bellaterra, 1986.
- PEARSON, C. O herói interior. São Paulo: Cultrix, 1994.
- RUBIO, K. Medalhistas olímpicos brasileiros: memórias, história e imaginário. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- RUBIO, K. The professionalism legacy: the impact of amateurism transformation among Brazilian Olympic Medallists: the legacy of the Olympic Games 1984-2000. Barcelona/Lausanne: International Chair in Olympism: Olympic Studies Centre of the Autonomous University of Barcelona/ Olympic Studies Centre of the International Olympic Committee, 2003.
- RUBIO, K. O atleta e o mito do herói. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

SELLIER, P. Le mythe du héros. Paris: Bordas, 1970.

SKILLEN, A. Sport is for losers. In.: M. J. McNamee e S. J. Parry (eds) Ethics & Sport. London: Routledge, 2000.

VILLEGAS, J. La estructura mítica del héroe. Barcelona: Editorial Planeta, 1978.

YONNET, P. Huit leçons sur le sport. Paris: Éditions Gallimard, 2004.

3 - Planejamento de Legados E Megaeventos ***Planning legacies and mega-events***

Planejamento do Ciclo de Vida dos Projetos Olímpicos e do Valor Agregado da Cidade Sede à Franquia Olímpica: Um Estudo Exploratório com Base no Pan 2007

Valéria Bitencourt
Universidade Gama Filho – RJ

The planning of the lifecycle of Olympic projects and of the added value of the host city to the Olympic franchise: an exploratory study based on the 2007 Pan-American Games *With the support of a field work which examined the highlights of the management process during the 2007 Pan American Games, this study compared the proposed value of Olympic mega-events with the perception of value of the host city. The results suggested that (i) the proposition of social value of the Olympic Games “union of the peoples through sport” was perceived and accepted by the respondents (n=160) as a unique feature of the Olympic Games and that (ii) the utility of the Games – the economic impact on the host city – (is) was mixed with the proposal of financial returns, not visible in the short run.*

Em ciclos de desenvolvimento contínuo, o COI – Comitê Olímpico Internacional confere o direito de sediar os Jogos Olímpicos, elegendo/autorizando a cada quatro anos as cidades-sedes realizarem o maior evento multiesportivo do mundo. Mas, pontuada por uma história de sucesso administrativo, com raras rupturas, o processo de seleção da franquia 1 Olímpica é complexo e de interesses diversos dada à natureza itinerante dos Jogos Olímpicos. Segundo Payne (2006), “o sucesso tende a ter fundações frágeis. No caso dos Jogos Olímpicos, o risco está sempre na próxima edição dos Jogos”.

O fato basilar, no caso, é que se cogitando dos períodos presidenciais do COI, de Pierre de Coubertin (1896-1925) a Jacques Rogge (2001 em diante), o esporte tem se propagado em praticamente todas as esferas da economia e atividades humanas. E como fenômeno ubíquo desafia comportamentos, modelos de gestão vigente e previsões determinísticas. Do empreendedorismo de Coubertin, passando pela visão mercadológica de Juan A. Samaranch (1980-2001) - outro presidente proeminente do COI -, o desafio de Rogge tem sido viabilizar os Jogos em meio a escassez de recursos monetários, sem alterar os valores tradicionais do olimpismo.

Como espetáculo da indústria do entretenimento, os Jogos Olímpicos chamam a atenção mundial, lotam os estádios, e aumentam os índices de audiência. Na visão de Bourg e Gouquet, (2005:25) “a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos são eventos únicos em seu gênero, é um monopólio de fato visto não haver competição concorrente ou substitutiva”. Adicionalmente declara o mesmo autor:

Na virada do século, a economia do esporte é constituída por uma cadeia indissociável de produtos, de imagens, de capitais e de modelos de consumo que se espelham pelos cinco continentes:

calçados fabricados em Taiwan, bolas no Paquistão e raquetes na Coréia do Sul, comercializados sob marcas americanas, europeias ou japonesas, imagens dos Jogos Olímpicos e Copa do Mundo de futebol vendidas para o mundo inteiro, milhares de esportistas emigrando para fora de suas fronteiras, centenas de competições tornadas espetáculo na escala planetária. (Bourg e Gouquet, 2005:59).

Nestas circunstâncias, uma síntese válida do Movimento Olímpico é que sua sobrevivência deve-se em grande parte à sua proposta de promoção de valores universais – esportivos olímpicos, como paz, solidariedade, fair play etc - e do apoio financeiro que recebe da comunidade empresarial (Payne, 2006:154). Portanto, uma consequência de natureza mercadológica desta síntese é que os produtos ampliados dos Jogos Olímpicos movimentam audiências e mercados transcendendo espaços geográfico e temporal dos Jogos.

Em termos de mercado mundial, há outra síntese a considerar segundo Bourg e Gouquet (2005:84): em âmbito global os fatores determinantes não são mais o trabalho, ou capital, nem as matérias-primas, mas antes de tudo a maneira pela qual esses três elementos são instrumentalizados pela informação e comunicação, verdadeiras alavancas da nova economia que se apóia sobre o poder do entretenimento (Bourg e Gouquet, 2005:84). Neste contexto, ressaltam-se os diferenciais de comunicação do esporte na indústria da comunicação e do entretenimento, com saídas para várias outras indústrias.

Assim, entre o impacto e a rentabilidade econômica, o valor dos Jogos Olímpicos é proporcional ao seu diferencial de comunicação e seu preço, a utilidade que produz. Para compreender este posicionamento é necessário que a sociedade local entenda que a “promessa” utilitária dos Jogos Olímpicos é o impacto econômico e social, a responsabilidade pelos fluxos de rentabilidade é de responsabilidade das cidades sedes.

Entretanto, a necessidade dos cálculos matemáticos para mensurar os custos dos Jogos Olímpicos, acaba encobrendo os dividendos sociais. Neste sentido Preuss (2007) adverte que é preciso distinguir o que é custo dos Jogos propriamente dito do que é investimento que a cidade sede necessita como transporte, regeneração urbana etc. Complementando seu posicionamento, Preuss (Ibidem) ressalta o benefício do prazo pré-determinado, e a impossibilidade da prorrogação para a realização dos Jogos como atributo favorável ao cumprimento das promessas, determinadas nos Projetos de candidaturas olímpicas. Assim entendido, diferentemente das dinâmicas dos governos, o descumprimento das promessas feitas e acordadas não funcionam como plataforma política para novos mandatos.

No contexto identificado por Preuss, cabe relevar a posição do presidente do Comitê Olímpico Brasileiro, Carlos Nuzman (Prólogo do Manual de Procedimentos dos Jogos Olímpicos – Candidatura 2012), para o qual o Movimento Olímpico Brasileiro, e em toda a sua extensão incluindo a sociedade brasileira “vivem a expectativa, o desejo e o sonho de que um dia, uma cidade brasileira conquistará o direito de ser sede dos Jogos Olímpicos. O caminho é longo, difícil, complexo, mas o mais importante é que as cidades brasileiras tenham consciência de que uma candidatura olímpica, não pode ser uma aventura, mas sim uma operação de enorme complexidade e que deve seguir as normas, regras e principalmente o Manual das Cidades Candidatas do Comitê Olímpico Internacional”.

Segundo o site da Prefeitura do Rio de Janeiro, a escolha da sede olímpica dependerá não apenas das respostas apresentadas do que for mostrado aos avaliadores do COI, mas também para a cidade candidata que mostrar que é capaz.

Há um novo conceito, recentemente inserido no julgamento das candidaturas: a “feasibility”, ou seja, a capacidade de efetivamente a cidade candidata por em prática o que promete no papel. Esse conceito visa a excluir candidaturas sem respaldo econômico, financeiro ou político. Resumindo: quem é capaz. <www.rio.rj.gov.br/rio2016/olimpiadas> (sem data).

Mostrar que é capaz, a julgar por Payne (2007), tem o significado de agregar valor à marca olímpica. Segundo ele, “os países que queiram se candidatar à sede dos Jogos Olímpicos devem pensar sobre valores que podem ser gerados à marca olímpica. O papel do COI é autorizar a cidade/país a utilizar a marca”. Assim, esclarece resumidamente “qual o retorno que o país oferece à marca olímpica para ter sido autorizado a utilizá-la. (...) É necessário o entendimento de que a candidatura é uma competição, e como tal é necessário um pensamento estratégico para entender as outras cidades que também estão na disputa e que fique claro o apoio da população em geral aos Jogos”.

Na visão de Payne (2007) “os Jogos Olímpicos devem ser compreendidos como um negócio de comunicação”. Na mesma linha de pensamento, Preuss (2007) considera que o maior benefício dos Jogos é a grande escala de horas de transmissão de TV. Segundo ele “sinalizar” (chamar a atenção e se fazer conhecer), trás benefícios econômicos e sociais. Mas adverte:

(...)é preciso aproveitar a febre de mídia para divulgar o país, a cultura, o povo. Com isso, aumenta-se a auto estima e auto-confiança. O povo passa a acreditar que o país é capaz e o mundo percebe esta capacidade de realizar. Este capital, que é simbólico, é imensurável, mas atrai outros investimentos e gera desenvolvimento. (Preuss, palestra proferida SESC Rio / GPEO UGF 2007).

Como paradoxo da era da informação, a comunicação de massa aposta na convergência das mídias e atua no limiar entre a qualidade e a quantidade de informação, com tendências para a segunda. Mas, para que este poder de comunicação se converta em legado do conhecimento é necessário repensar não somente na quantidade de informações produzidas no, pelo e para os Jogos, mas na qualidade da informação disponibilizada pela fonte.

Visando a contribuir para o legado do conhecimento dos Megaeventos Olímpicos esta comunicação apresenta de forma resumida o resultado de dois anos de estudos, iniciados em 2006, como parte da disciplina Gestão Esportiva, ministrada pela autora, no curso de Administração da Universidade Gama Filho – RJ que teve como amostra indicativa a participação itinerante de 160 alunos de Administração, Marketing, Engenharia de Produção e Educação Física que atuaram como pesquisadores na coleta e análise dos dados apresentados.

Considerando a realização dos Jogos Pan-Americanos de 2007, na cidade do Rio de Janeiro como oportunidade singular para aquisição de novos conhecimentos, esta pesquisa seguiu uma metodologia progressiva visando a levar os pesquisadores a conhecer, analisar, relatar e propor, deixando fluir as análises críticas em face aos novos conhecimentos adquiridos. Neste sentido, a pesquisa teve caráter exploratório. Os resultados apresentados são de inteira responsabilidade da autora, que atuou como mediadora na sustentação acadêmica e orientação do estudo.

Como relevância, acredita-se que os dados primários de informações acrescentem novos conhecimentos e contribuam para o aperfeiçoamento de novos Projetos Olímpicos e de megaeventos esportivos em geral. Como delimitação, ressalta-se que os resultados apresentados não devem ser generalizados e que a terminologia utilizada “sociedade local” está restrita ao segmento de graduação acadêmica.

Objetivamente, a pesquisa buscou identificar, através da conceituação do ciclo de vida dos Projetos Olímpicos como a sociedade local (cidade anfitriã) entende a relevância social e utilitária dos Jogos Olímpicos, criam suas expectativas e como reage a elas.

A primeira etapa da pesquisa apresenta a conceituação ciclo de vida dos Projetos Olímpicos e o valor agregado da Cidade Sede à Franquia Olímpica, realizada no período de março a julho de 2007, que contou com a participação de 60 pesquisadores. A segunda foi realizada no período de agosto a dezembro de 2007 apresenta as observações de 100 pesquisadores sobre o legado do Pan 2007.

Concluindo, este estudo identificou que a proposição de valor social dos Jogos Olímpicos “união dos povos através do esporte” é percebida e aceita pela sociedade local/estudantes universitários como diferencial de suas realizações, mas que a utilidade dos Jogos – impacto econômico na cidade sede se confunde com a proposta de rentabilidade, não visível a curto prazo. Neste sentido, sugere maiores investimentos e comunicação e pesquisas. Quanto a realização do Pan 2007, há indicativos de descrédito quanto a efetivação do legado prometido, mas a produção do evento atendeu as expectativas da amostra.

O Ciclo de Vida dos Projetos Olímpicos e o valor agregado da Cidade Sede à Franquia Olímpica (2007.1 – Março/Julho/2007; amostra indicativa: 60 alunos/pesquisadores)

Esta etapa da pesquisa teve como objetivo entender o sistema/processo de seleção das candidaturas aos Jogos Olímpicos a partir das regras estabelecidas pelo COI – Comitê Olímpico Internacional e discutir o valor agregado da cidade sede, na qualidade de anfitriã dos Jogos, à franquia olímpica. Com referencial teórico desta etapa, foram utilizados, além do site oficial do COI <www.olympic.org> e da Carta Olímpica, o Guia PMBOK e autores supracitados no presente texto.

O ciclo de vida do produto é usualmente descrito na literatura pelas fases de nascimento, crescimento, maturidade e declínio (ou morte). Cabe ressaltar que neste estudo o ciclo de vida apresentado, embora insuficiente para demonstrar a complexidade das realizações e níveis de concorrência do processo de candidatura refere-se ao ciclo de vida dos Projetos Olímpicos, sendo este o instrumento de análise no processo decisório do COI – Comitê Olímpico Internacional (franquia Olímpica) para a eleição da cidade sede (franqueado) dos Jogos Olímpicos.

Na tradução literal do Guia PMBOK (2004:5-16) chegou-se ao entendimento da diferenciação entre Programa, Projeto e Portfólio, sendo:

- a) Programa – “grupo de projetos relacionados de modo coordenado para obtenção de benefícios e controle que não estariam disponíveis se eles fossem gerenciados individualmente”
- b) Projeto – “um esforço temporário empreendido para criar um produto, serviço ou resultado exclusivo”.

- c) Portfólio – “conjunto de programas ou projetos ou outros trabalhos agrupados para facilitar o gerenciamento eficaz a fim de atender aos objetivos de negócios estratégicos”.

Utilizando este referencial teórico, houve entendimento dos pesquisadores que o Programa/Movimento Olímpico fornece as bases de sustentação/orientação para o planejamento dos Projetos Olímpicos que, uma vez executados, retornam com novos conhecimentos (de sucesso ou não) à franquia olímpica, compondo assim o Portfólio de realizações.

Conforme Payne (2006) o papel do COI é autorizar as cidades sedes a realizar os Jogos Olímpicos. De posse desta “autorização” as cidades sedes passam a contar com a ratificação do maior ativo do esporte – a marca olímpica.

Branding - O maior ativo do esporte e seus desafios mercadológicos

A marca olímpica é reconhecida mundialmente como o maior ativo do esporte, contudo seu valor agregado transcende este campo de atividade na medida em que integra várias outras atividades econômicas. Todavia, sua relevância mundial está associada aos valores sociais. Conforme Payne (2007) pesquisas do COI revelam que a marca olímpica não está associada à competição, apesar de ser um evento esportivo, mas ao seu conteúdo social e, apesar de congrega atletas, os Jogos são vistos como um evento que celebra a cultura e a sociedade do país que os recebe.

Apesar da gestão da marca olímpica contar com este reconhecimento mundial, a necessidade de rentabilidade dos Jogos Olímpicos desafia a franquia olímpica a atender as necessidades de mercado sem alterar os ideais do olimpismo.

Segundo Payne (2007) os Jogos Olímpicos sofreram mudança de paradigma ao longo dos anos. Há 25 anos atrás vivia um contexto de insustentabilidade devido a conflitos e boicotes, ausência de candidaturas e financiamento. Mas, na contemporaneidade os Jogos se propagam em escala universal.

Hoje, os Jogos deixaram de ser apenas um evento de competição esportiva para ser uma oportunidade para a construção de uma plataforma de promoção da imagem da nação ou país que os abriga. Os Jogos Olímpicos, hoje, têm o poder de influenciar sobre como o país é percebido pelos outros povos e nações, estimulando investimentos que geram desenvolvimento. (PAYNE, Seminário Brasília, 2007).

Neste contexto de desenvolvimento a manutenção do padrão de qualidade dos Jogos Olímpicos sustenta e é sustentado pelas realizações pontuais. Ao mesmo tempo em que o sucesso de cada realização ratifica a excelência da franquia olímpica as variáveis de risco dos ambientes de prática (cidades sedes) dos Jogos, renovadas a cada quatro anos, se torna mais complexo e de difícil mensuração dos resultados a longo prazo.

Visando a minimizar as variáveis de risco, os especialistas sugerem “planejamento” (PAYNE, 2006; PREUSS, 2007; BOURG e GOUGUET, 2005; MCLACTHEY, 2003), o qual delimitado por McLacthey, na fonte ora em citação, indica que o “trabalho para fazer um plano minucioso, prevendo todas as necessidades, é funda-

mental para prevenir imprevistos e acaba poupando esforços na fase de disputa das competições”. Neste contexto, McLacthey, recomenda “aprender com os eventos já realizados para evitar erros futuros”.

Em síntese, mais do que poupar esforços para o evento propriamente dito, o planejamento evita o retrabalho, o que incorre também sobre os custos do evento e tempo para as tomadas de decisões. Conforme Bernstein (1997:69) tomar decisões é o primeiro passo essencial em qualquer esforço de administração de risco, isto é “decidir o que fazer quando é incerto o que acontecerá”.

E, assim, chegamos ao ponto central do presente estudo: aprender com os erros e acertos e compartilhar as informações para que cada realização se converta em conhecimento para a franquia Olímpica e seus franqueados (Comitês Olímpicos Nacionais - CONs).

O Ciclo de Vida dos Projetos Olímpicos e o valor agregado das cidades sedes

Na versão do Guia PMBOK (2004:20), o ciclo de vida do projeto define as fases que conectam o início e o fim dos processos, quando outro projeto se inicia. A transição de uma fase para outra, em geral é definida por alguma forma de transferência e “entrega”. Cada fase transpassada diminui o nível de incerteza do projeto, contudo aumentam as complexidades.

Como ponto central de qualquer empreendimento, houve consenso do grupo de pesquisa quanto a necessidade da interpretação das etapas de planejamento e que este deve apresentar sua sustentabilidade pré e pós-evento, sob o risco de perder a objetividade entre o curto e o longo prazo.

Assim, o ciclo de vida dos Projetos Olímpicos foi construído pelas fases integrantes o processo decisório da franquia olímpica, seus respectivos períodos, modalidades de concorrência e negócios, como se verifica no Quadro 1.

Quadro 1 - Demonstrativo do Ciclo de Vida dos Projetos Olímpicos – votação direta/eleição *

| Fases | Decisão/eleição | Período | Concorrência | Jogos Negócios |
|---------------------|-----------------|---------|---------------|-------------------|
| 1.Cidade Postulante | Política/CON | 2 anos | Nacional | Competitivos |
| 2.Cidade Aspirante | Política/COI | 2 anos | -- | Cooperados |
| 3.Cidade Candidata | Política/COI | 1 ano | Internacional | Competitivos |
| 4.Cidade Sede | Política/COI | 4 anos | -- | Cooperados |
| 5.Cidade Anfitriã | Social/ LOCAL | | -- | Cooperados |

*COI – Comitê Olímpico Internacional (franqueador) CON – Comitê Olímpico Nacional (franqueado)¹

Conforme o quadro demonstrativo elaborado, no sistema de concorrência interna em cada país, as Cidades Postulantes (1) buscam aprovação dos CONs, que após

1 - Franquia ou franchising empresarial é sistema pelo qual o franqueador cede ao franqueado o direito de uso da marca ou patente, associado ao direito de distribuição exclusiva ou semi-exclusiva de produtos ou serviços (Lei N° 8.955, de 15/12/1994). A organização de uma franquia constitui uma associação contratual entre um franqueador e um franqueado, baseada, normalmente, em um único produto, serviço ou método de operação, marca registrada ou patente desenvolvida pelo primeiro.

processo seletivo elege a Cidade Aspirante (2) que, nesta condição, passa a representar o país de origem declarando sua intenção junto ao COI de sediar os Jogos Olímpicos. Reconhecida esta intenção, o COI compõe o quadro das Cidades Candidatas (3) para então eleger/autorizar a Cidade Sede (4) a realizar os Jogos pretendidos.

Observa-se que este processo de seleção apresenta duas dicotomias que precisam ser entendidas, que perpassam as esferas de concorrência nacional e internacional e entre jogos competitivos e jogos cooperados. Tais dicotomias são evidenciadas nas fases (1) Cidade Postulante, em que se caracterizam os jogos competitivos de concorrência nacional. Após eleita a Cidade Aspirante há a necessidade de esforço compartilhado do país de origem para que esta entre fortalecida como Cidade Candidata (3). O mesmo processo acontece entres as fases (3) Cidade Candidata, sendo esta diferenciada pela concorrência internacional e, (4) Cidade Sede, cujo esforço coletivo do Movimento Olímpico é imperativo para o sucesso de sua realização.

Cabe ressaltar, que em sua relação temporal, a integração de todas as fases pode variar aproximadamente de cinco a dez anos antes da realização dos Jogos pretendidos. Todavia, constata-se que em todas as fases as decisões são políticas. E estas envolvem simultaneamente as entidades máximas do esporte internacional e nacional (COI/CONs) e todas as esferas do poder nacional (Governos – Federal, Estadual e Municipal).

Explicando a complexidade da gestão em face às necessidades operacionais dos Jogos, Payne (2006) coloca que “Movimento Olímpico tem uma linha de tempo paralela”:

As cidades-sedes são escolhidas com antecedência de seis a sete anos. Direitos de transmissão e de patrocínio são negociados entre quatro e dez anos antes do evento. Uma vez que agora temos os Jogos a cada dois anos (Jogos de Inverno e Verão, divididos no ano de 1994), isto significa um cronograma contínuo e sempre à frente do tempo. Payne (2006:15).

Nesta relação temporal e a frente de seu tempo, cabe realçar que as fases anteriores à “autorização” do COI - embora padronizadas pelo processo de seleção, regidas pela Carta Olímpica e respaldadas pelos projetos/dossiês de candidatura -, assumem identidade própria quando passam a ser gerenciados pela organização local CONs/COJO (Comitê Organizador para os Jogos Olímpicos).

Dada a natureza de itinerante dos Jogos, reforçam-se as dimensões ambientais – sociais, políticas, econômicas e culturais de cada país sede. Mas, para que estas se convertam em benefícios mútuos, este estudo propõe a interpretação mais aprofundada quanto a diferenciação entre Cidade Sede e Cidade Anfitriã, embora ambos sejam entendidos como sinônimos.

Benchmarking - Cidade Anfitriã e a sustentabilidade dos Projetos Olímpicos

A despeito da amplitude global dos Jogos e da necessidade/opportunidade de chamar a atenção do turismo externo, após a conquista de “direito” para sediar os Jogos

Olímpicos, as cidades sedes assumem a responsabilidade de contar efetivamente participação da sociedade local para o sucesso do evento. Há o entendimento de especialistas e do senso comum, quanto a alusão direta do status de cidade sede à cidade anfitriã.

Conforme observado no Quadro 1, demonstrativo do ciclo de vida dos Projetos Olímpicos, a eleição da cidade sede é política. Apesar da demonstração prévia do apoio popular ser considerado como diferencial das candidaturas, não há a rigor a interferência direta da sociedade local neste processo.

Na visão dos pesquisadores deste estudo, o processo seletivo das candidaturas olímpicas foi considerado não democrático, restando apenas à sociedade local acatar as decisões políticas e suas justificativas. Assim, foi sugerido que a conquista do “direito” de sediar os Jogos não deve ser entendida, à priori, como a conquista “de fato” (cidade anfitriã), pois a declaração de apoio popular, dada a magnitude de espetacularização dos Jogos, poderia não significar necessariamente o engajamento da sociedade local aos Jogos.

Em argumentação, os pesquisadores enfatizaram que não era preciso ser especialista para reconhecer a proposição de valor social dos Jogos Olímpicos – “promoção da paz e união dos povos através do esporte”. Mas, era preciso que os especialistas conseguissem justificar a utilidade dos Jogos no país sede, além do discurso de “investimentos a curto prazo com benefícios a longo prazo”.

Tomando o PAN 2007 como objeto de estudo, na visão dos pesquisadores a quantidade e divergências de informações sobre aos custos do evento e as constantes reformulações orçamentárias para atender as necessidades emergentes inibiam qualquer tipo de análise crítica favorável.

Diante dos problemas observados chegou-se a seguinte questão - Quais os critérios utilizados pela sociedade local, especificamente estudantes universitários, para sancionar a cidade-sede como cidade-anfitriã? Após discussões e instrumentos metodológicos para dirimir tais questionamentos chegou-se, em resumo às seguintes propostas:

1. Planejamento pré-evento que justifiquem os investimentos em infra-estrutura e serviços para o evento e pós-evento
2. Transparência e qualificação de informações diretamente da fonte – CONs
3. Investimentos governamentais comprometidos com o longo prazo
4. Prestação de contas dos CONs sobre o que foi planejado e executado
5. Investimento dos CONs nas ações de marketing de relacionamento com os diversos segmentos da sociedade local

Considerando que o marketing de relacionamento preconiza os benefícios mútuos entre as partes envolvidas e que a análise da criação e entrega de valor está sempre sujeita a percepção da outra parte, este estudo sugere maiores investimentos na disponibilidade de informações qualificadas pesquisas de responsabilidade nas cidades sedes.

Mais do que conquistar espectadores, esta pesquisa sugere, ainda, a abertura de espaço para o exercício da cidadania e, através deste espaço conquistado adquirir novos conhecimentos. Para tanto é necessário que a sociedade local compreenda

(perceba) a proposição de valor dos Jogos Olímpicos e que a organização local dos Jogos (CONs/COJO) maximizem a vantagem da experiência in loco na validação de suas realizações e gestão do conhecimento para a franquia olímpica.

Compreender o valor dos Jogos, através de pesquisas de satisfação ou mensurar os resultados somente contabilizando a lotação dos estádios ou índices de audiências televisivas durante o período de realização do mesmo, seria uma unidade de medida reducionista em face ao potencial dos Jogos no desenvolvimento das cidades sedes. Fez-se aqui a distinção entre as fases de cidade sede e cidade anfitriã com o objetivo de ressaltar particularidades intrínsecas que, uma vez identificadas, podem contribuir para a formulação de novos Projetos Olímpicos.

Após os esforços sem sucesso das candidaturas do Brasil para sediar os Jogos Olímpicos (Brasília, 2000 e Rio de Janeiro, 2004 e 2012), a cidade do Rio de Janeiro é aspirante dos Jogos de 2016. Conforme consenso das entidades esportivas (ODEPA/COB), ratificado pela mídia, o “PAN 2007 credenciou o Brasil para sediar os Jogos Olímpicos”. Visando a contribuir para este entendimento, na segunda etapa desta pesquisa, os estudantes universitários/pesquisadores foram estimulados a identificar o legado do Pan 2007, seus problemas e propostas de soluções.

O Legado PAN 2007 – Problemas e Soluções (2007.2 Agosto-Dezembro/2007; amostra indicativa: 100 alunos/ pesquisadores).

Esta etapa da pesquisa foi realizada através de observação direta dos pesquisadores durante e após a realização do PAN 2007.

Primeiramente foram analisados qualitativamente, em escala de 0 a 5 os legados do Pan 2007, assim considerados: infra-estrutura (05), serviços (04) e conhecimento (03). Na opinião dos pesquisadores o legado do conhecimento do Pan 2007 não atendeu as suas expectativas. Embora tenha sido observada a participação dos integrantes da organização do evento em debates e palestras em algumas universidades, foi considerada baixa integração quanto ao estímulo em pesquisas e, ainda, a dificuldade de conseguir informações diretamente da fonte para a conclusão dos trabalhos estimulados pelos professores. Considerando a amostra de 12 integrantes da equipe de voluntários apresentou o percentual de 50% favorável a adição de novos conhecimentos nas suas áreas de conhecimento.

Posteriormente levantados os pontos positivos e os que merecem maior atenção para futuras realizações.

Pontos Positivos:

1. Infra-estrutura adaptada para a realização simultânea do ParaPan
2. Cobertura de Mídia
3. Apoio da população

4. Campanha da TV Globo direcionada ao estímulo do esporte participação e responsabilidade social utilizando imagens de atletas de ponta
5. Envolvimento governamental em prol do evento.

Pontos que merecem considerações para futuras realizações:

1. Obras planejadas e não cumpridas – Drenagem da Lagoa Rodrigo de Freitas, Construção da linha de metrô até a Barra da Tijuca e Reforma do Hospital Lourenço Jorge. O ônibus metro Barra-Zona Sul atendeu as expectativas na visão dos pesquisadores.
2. Alguns estádios vazios e não liberação de ingressos para a população
3. Cerimonial de Abertura – Desrespeito do Presidente da República quanto a quebra do protocolo. Inabilidade da organização do evento em planejar soluções para situações desfavoráveis (vaias)
4. Sistema de doping. Escândalo Rebeca Gusmão valorizado pela mídia, sem informações precisas da fonte.
5. Subutilização da internet e dificuldade de comunicação com a organização do evento através do site oficial <www.rio2007.org.br>
6. Alteração da programação das competições sem aviso prévio

Para os pesquisadores o ParaPan foi considerado discriminado pela organização do evento e pela mídia. O incidente ocorrido com o atleta para-olímpico Carlos Maslup, que acarretou em morte, levou ao questionamento sobre a responsabilidade da organização do evento quanto a parceria com a Empresa Golden Cross, que segundo informações de diversas fontes e não justificado pelo CO-Rio, teria como compromisso somente a cobertura dos atletas do Pan.

Segundo Kotler (2005:8) a “tríade do valor ao cliente” pode ser vista basicamente como uma combinação de QSP- qualidade, serviço e preço. O valor aumenta com a qualidade e o serviço diminui com o preço. Na visão dos pesquisadores, a qualidade do PAN 2007 atendeu as expectativas em termos de organização, infra-estrutura e tecnologia. Os serviços, embora tenham excedido as expectativas de modo geral, os quesitos segurança e transporte, foram considerados como soluções temporárias e, neste caso, não entendidos como legado. Quanto ao preço, o investimento na ordem de R\$ 3/4 bilhões, não apresentou justificativa que permita uma análise administrativa. Na visão dos pesquisadores, os custos do Pan 2007 foram considerados como o ponto central de preocupação da candidatura Rio 2016.

Considerações Finais

Em sua parte conclusiva, estudo identificou que a proposição de valor social dos Jogos Olímpicos “união dos povos através do esporte” é percebida e aceita pela sociedade local/estudantes universitários como diferencial de suas realizações, mas que a utilidade dos Jogos – impacto econômico na cidade sede se confunde com a proposta de rentabilidade, não visível a curto prazo. Neste sentido, sugere maiores investimentos e comunicação e pesquisas. Quanto a realização do Pan 2007, há indicativos de descrédito quanto a efetivação do legado prometido, mas a produção do evento atendeu as expectativas da amostra.

Referências

BOURG, Jean-François e GOUGUET, Jean-Jacques. A economia do esporte. São Paulo: Edusc, 2005

MCLACTHEY, Craig. Diretor da OGKS receita planejamento [Matéria - palestra ministrada durante a Pan Am Expo, no Riocentro, sobre Organização de Jogos Olímpicos]. COB, 2003. Disponível em <http://www.cob.org.br/site/news_room/noticia.asp?id=2674>. Acessado em 16.07.2006

PAYNE, Michael. A Virada Olímpica: como os Jogos Olímpicos tornaram-se a marca mais valorizada do mundo. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: COB, 2006.

PAYNE, Michael. [Palestra] Seminário de Conhecimento sobre o processo de Aspiração à Candidatura do Rio de Janeiro aos Jogos Olímpicos 2016. Realização: Ministério do Esporte/ Secretaria Executiva para Assessoramento ao Comitê de Gestão das Ações Governamentais nos XV Jogos Pan-Americanos 2007. Brasília/DF 05/12/2007. Disponível em: <<http://www.medeixajogar.com/press/uploadArquivos/119850258958.doc>>. Acessado em Jan/2008>

Modelo 3D Para Gestão do Planejamento e Re-planejamento de Legados de Megaeventos Esportivos

Lamartine P. DaCosta
Grupo Estudos Olímpicos
Universidade Gama Filho

The 3D Model for the Management of Planning and Re-Planning of Legacies of Sports Mega Events *This study aims to describe the management of a model of planning which promotes the sequencing of initiatives for the development of legacies, taking into account not only the main intervenient variables in the process but also historical and socio-environmental parameters that can change it in time and space. The methodology of the construction of the 3D Model (it received this name as it is based on three variables considered as essential for the legacy: space, time and impact) was developed after the analytical examination of 53 academic research papers and technical reports about the theme, with the selection of the common points from authors and sources. Initially inspired in the OGGI Model of the International Olympic Committee, the 3D Model can be considered a management tool due to its follow-up characteristics. It cannot be an evaluation tool as it lacks precision in the measurements. The basic framework of the 3D Model presupposes its immediate use with subsequent improvements, which provides the model with a profile of work on progress. The use of the Model takes a progressive development as scenarios are constructed and unfolded according to new data that come in from uncertain and unpredictable events.*

Durante os Jogos Pan-Americanos Rio 2007 a expressão “legado” vulgarizou-se pela generalização de seu emprego. Naquele momento, talvez um dos mais importantes da história do esporte brasileiro, “legado” passou a abranger qualquer bem material ou imaterial deixado para uso ou manifestação posterior. Esta compreensão progrediu de modo a ampliar o significado de “herança” até alcançar um nexo de “legitimação”, como se viu nos discursos de dirigentes e políticos. Ou seja: o usufruto proposto de legados dos Jogos legitimou gastos sem se atentar para efetivação de retornos e respectiva sustentabilidade. Como consequência, legados tornaram-se meras listas classificatórias de equipamentos, instalações, audiência dos Jogos, turistas etc.

Este desvio de significado entretanto tem tido correspondência com megaeventos esportivos em outros países uma vez que o tema “legado” ainda tem conhecimento limitado em termos econômicos, sociológicos, arquitetônicos e outras áreas de especialização científica. Este fato não passou despercebido aos participantes do Simpósio Internacional “The Legacy of the Olympic Games 1984-2000”, promovido pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) em 2003, quando se manifestaram em conjunto nas conclusões e recomendações, relevando a natureza complexa dos legados dos Jogos Olímpicos. Tal complexidade foi admitida naquele momento como resultado da diversidade cultural dos países receptores dos Jogos quanto ao entendimento da expressão “legado”, além do sentido multidimensional de suas interpretações teórico-científicas (IOC, 2003).

O Seminário do COI de 2003 revelou-se como um marco divisor entre estudos esparsos e pontuais sobre legados e abordagens de generalização necessárias ao desenvolvimento teórico do tema. Por conseguinte, no estágio atual do conhecimento já existem conceitos de uso universal que procuram dar uma visão do contexto em que se situa o legado, independente de localização do país ou região receptora. Este

é o caso do conceito Legacy Momentum (LERI, 2007), descrito como a capacidade de melhoria contínua na governança das instituições intervenientes no legado, de engajamento comunitário local em prol deste legado e de mobilização da sociedade local em termos de renovação contínua de seus legados. A partir deste patamar – de difícil alcance por suposto - o legado se realiza e se renova com estabilidade e continuidade em prazos longos.

O pressuposto fundamental do momentum do legado é o do planejamento antecipado das ações que o levam ao estágio de sustentabilidade uma vez que “legado não é um estado alcançado – isto é um “resultado” - mas um processo de desenvolvimento por encadeamentos sucessivos do capital social e das estruturas da governança local” (LERI, 2007, p. 73). Este posicionamento teve suporte em verificações práticas pós evento dos Jogos Olímpicos, sobretudo levando-se em conta o exemplo de Barcelona 1992 que até hoje apresenta aperfeiçoamentos de legados advindos dos Jogos realizados há 16 anos.

Objetivos e metodologia

Assim estabelecido, o presente estudo objetiva descrever a gestão de um modelo de planejamento que atenda o requisito de processo de encadeamento de iniciativas de criação de legados e de sua manutenção ou recriação, levando-se em conta as variáveis principais intervenientes no processo e parâmetros históricos e sócio-ambientais que o modifiquem no tempo e no espaço. A metodologia da construção do Modelo 3D – assim denominado por ter base nas três variáveis consideradas essenciais do legado: espaço, tempo e impacto - foi ensejada pelo exame analítico de trabalhos acadêmicos e relatórios técnicos sobre o tema, o qual mostrou adequação do uso de uma meta-análise apta a selecionar convergências comuns de autores e fontes. Esta revisão organizada por categorização e frequência de caracterizações e tendências apoiou-se no Seminário Internacional de 2003 do COI, como também em estudos feitos pela organização dos Jogos de Turim 2006 e em working papers (estudos preliminares) do London East Research Institute London publicados até 2007.

O total de estudos e pesquisas revisados foi de 53 com a maioria focalizando experiências passadas e projeções futuras, o que sugeriu atribuir ao presente estudo um sentido de relevância com respeito à atual posição do Brasil como receptor de megaeventos nos próximos anos tais como Olimpíadas Militares do CISM 2011, Copa do Mundo de Futebol 2014, Jogos Olímpicos 2016 ou subseqüentes (candidatura para 2016 em processo) entre outros. Outra cogitação de relevância foi a relacionada à tendência de expansão de megaeventos esportivos em geral que frequentemente se revela no cotidiano da gestão do esporte e que legitima tal área como tópico de eleição futura para estudos e pesquisas.

Desenvolvimento do Modelo

Em suas primeiras formulações, o Modelo 3D se dispôs naturalmente como um conjunto de descrições analítico-descritivas para gestão de fatores relacionados aos legados olímpicos e de respectivo planejamento, a partir de seus impactos. Esta abordagem preliminar inspirou-se no Modelo OGGI – Olympic Games Global Impact -, postulado pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) como instrumento de avaliação e gestão dos impactos no meio ambiente relacionados aos Jogos.

Tendo por orientação básica indicadores mensurados por sucessivas estágios temporais, o OGGI pode ser definido com um estudo longitudinal com quatro etapas: fase de concepção, fase de organização, fase de execução e encerramento. O período de acompanhamento do OGGI vis-à-vis modificações ambientais é de nove anos, incluindo 159 indicadores de sustentabilidade e 1726 variáveis operacionais. Estes indicadores são de três categorias: econômica, ambiental e social. Em síntese, o legado ambiental dos Jogos delimita-se na etapa final do modelo em questão (Griethuysen, 2001).

Embora o OGGI constituísse uma valiosa orientação de como tratar variáveis diante da observação de legados, sua contribuição para a construção do Modelo 3D resumiu-se na prioridade dada aos impactos e seus indicadores para acompanhamento longitudinal de longo prazo uma vez que se concentrava apenas em variáveis tangíveis. Tal abordagem parcial não se adaptava suficientemente nas pretensões do Modelo 3D na medida que se constatava de modo crescente à época que os maiores legados dos Jogos Olímpicos eram intangíveis (HAI REN, 2007).

A opção de abordar em condições iguais os legados tangíveis e intangíveis emergiu do procedimento de se discutir o modelo em construção com interlocutores habilitados. Assim o teste de uso possível do Modelo 3D diante de dados do Jogos Pan-Americanos então em final de organização no Rio de Janeiro (1º. Semestre de 2007) foi feito com alunos de mestrado e doutorado em Educação Física da Universidade Gama Filho, Grupo de Estudos Olímpicos. Posteriormente durante o transcurso do PAN 2007 (julho de 2007), o Modelo 3D foi submetido à apreciação dos especialistas em Estudos Olímpicos Hai Ren (Universidade Esporte de Beijing) e Iain MacRury (Universidade de East London). Finalmente, em setembro daquele ano o Modelo 3D foi discutido com Holger Preuss (Universidade de Mainz) especialista em economia dos Jogos Olímpicos. Em todas estas etapas Fernando Telles Ribeiro da Universidade de São Paulo (USP - Núcleo de Pesquisa e Tecnologia da Arquitetura e Urbanismo) participou da interlocução.

Estes diálogos para a o desenvolvimento de um modelo de planejamento e acompanhamento de legados de megaeventos de sentido universal indicaram que tanto Beijing 2008 como Londres 2012 estavam planejando preferencialmente legados culturais. Por sua vez, a tese central de Preuss depois de mais de dez anos de análises de Jogos Olímpicos e da Copa do Mundo de Futebol 2006 (Alemanha) incidia na “sinalização” das cidades e países sedes – um típico legado não tangível - quanto às suas possibilidades de recepção de turistas, negócios, convenções etc. em associação com serviços e instituições internacionais.

Em que pese o peso preferencial posto nos legados intangíveis dos Jogos Olímpicos na atualidade por parte de seus organizadores, cabe destacar que os legados tangíveis como no exemplo da proteção ambiental, continuam tão importantes como os demais de difícil mensuração. Isto porque o Comitê Olímpico Internacional leva em consideração o fator tangibilidade como básico em suas avaliações para escolha de cidades-sede dos Jogos Olímpicos (IOC, 2007). Nestas circunstâncias, torna-se aconselhável a equivalência entre uma e outra categorização embora mantendo-se possibilidades de usos distintos.

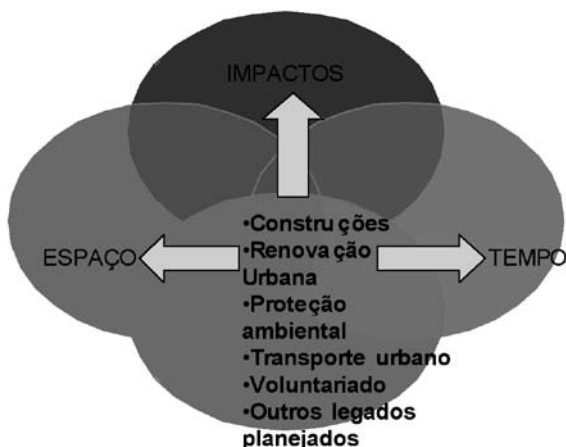
Descrição do Modelo

O nexa central do Modelo 3D é a evolução dos impactos dos megaeventos com relação ao espaço e o tempo em que ocorrem. Estas três variáveis surgiram na meta-análise na qual 62% dos autores revisados discutem dimensões temporais e espaciais dos legados dos Jogos Olímpicos de Verão e de Inverno. Já o componente “impacto”

aparece em 40% dos papers embora nem sempre relacionados ao tempo ou ao espaço, concluindo-se assim que nos estudos compulsados não se mostrou clara a estreita relação espaço-tempo-impacto. Considerando-se que não há legado sem impacto embora a recíproca não seja verdadeira – caso dos impactos negativos – a universalização do modelo mostrou-se viável pela adoção da tríade de variáveis ora em foco.

O teste de adequação do conjugado espaço-tempo-impacto realizado com relação a diferentes variáveis citadas pelos autores, confirmou que esta tríade de referência geral poderia ser o ponto de partida de diversas análises para as finalidades de gestão e planejamento. Porém uma interpretação da fonte COI (2003) que consolidou a percepção tempo-espaço-impacto, concerne a Robert Barney (p. 43-53). Este autor canadense definiu legado como “algo recebido do passado que possui valor presente e certamente valor futuro”. Uma versão geral desta abordagem consta da Figura 1 na qual se situa a relação tripartite como básica desde que ela pode abrigar variáveis que representam legados tais como construções (tangível) ou voluntariado cujos benefícios na ordem temporal são intangíveis, embora previsíveis.

Figura 1 – Modelo 3D de gestão e planejamento de legados esportivos



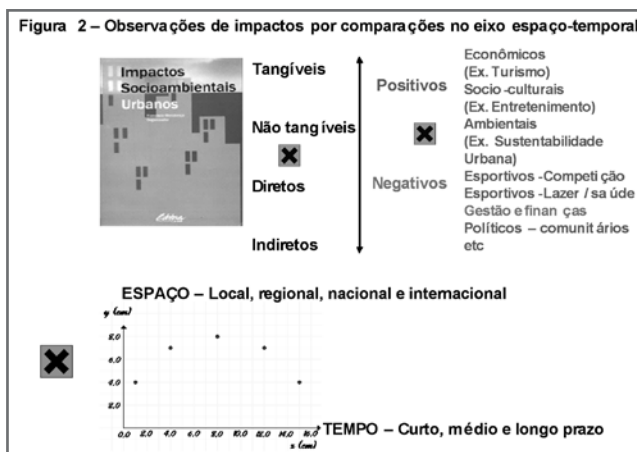
A partir da concepção da Figura 1, registros e análises de cada variável podem ser feitos a fim de se observar tendências, quer identificadas ou projetadas; simulações também são recomendadas caso haja quantificações suficientes e adequadas. O método comparativo entre casos passados – procedimento usual nos estudos do LERI (POYNTER, 2007) – pode também se ajustar à base 3D estabelecendo-se assim um critério para generalização dos resultados das análises. Por suposto, o método benchmarking (comparações a partir de um caso matriz) é outra possibilidade plausível para operacionalizar o Modelo 3D.

Outro caminho sugerido pela concepção da Figura 1 concerne a identificação de core meanings (significados centrais) do modelo desde que variáveis representativas de legados postas em evidência possam gerar um hierarquia entre si. Por exemplo, construções esportivas (fixas ou não permanentes) são fundamentais em Jogos Olímpicos e influenciam as demais variáveis de legados. Assim sendo, meio ambiente segue-se em prioridade às construções mesmo constituindo prioridade absoluta em outras circunstâncias. A alternativa desta segunda prioridade seria a renovação urbana – caso de Londres 2012 – tornando assim a proteção ambiental a

terceira mais importante variável. De qualquer modo, as variáveis escolhidas para compor o Modelo 3D são pertinentes a cada caso de planejamento ou acompanhamento pós evento.

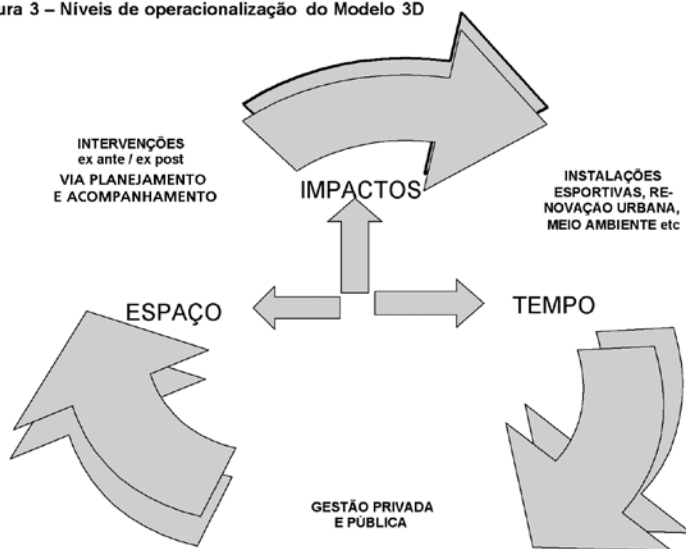
A condicionante de particularização de cada megaevento como único em si mesmo é uma das convergências mais comuns encontradas na meta-análise. Em específico com relação aos relatórios de LERI sobre Londres 2012, a prioridade de análise dada às construções esportivas é a principal. Assim se admite na medida em que sem instalações não há megaeventos esportivos e nem as repercussões de renovação urbana que se tornam mais viáveis ao inserir novas construções em áreas sujeitas à recuperação ou adaptações. Em outras palavras, a proteção – ou melhor, sustentabilidade - do meio ambiente é um requisito da intervenção inicial definida pela construção e posteriormente pela renovação de seu entorno urbano.

Neste contexto, a Figura 2 representa as observações de impactos que por comparações e seleção podem compor as variáveis do planejamento de um determinado legado, tornando-se assim complementar à concepção da Figura 1. Cumpre relembrar que outras variáveis elegidas por peculiaridades de um megaevento esportivo podem ser analisadas à luz do conjugado (framework) espaço-tempo-impacto assumindo-se prioridades de acordo com requisitos externos (ex. proteção do meio ambiente) ou internos (ex. recursos financeiros disponíveis). Por corolário, pode-se propor que cada caso de legado mostrar-se-ia peculiar ao espaço em que se delimita e ao tempo em que se define, geralmente de longo prazo mas passando por curto e médio estágios de efeitos benéficos ou negativos. Em resumo, a Figura 2 apresenta relações positivas e negativas de impactos, quer diretas ou indiretas, tangíveis ou intangíveis, com exemplos retirados das fontes consultadas. Esta dinâmica oscilatória de alterações das variáveis principais dos legados é referenciada por perspectivas de tempo de curto, médio e longo prazo, bem como de espaço local, regional, nacional e internacional.



Este modelo naturalmente cumpre seu papel ao se tornar pertinente nas condições preliminares e pós evento, daí o modelo configurar as intervenções com relação à gestão e acompanhamento de legados em modalidades Ex ante (anterior ao evento) e Ex post (posterior ao evento).

Figura 3 – Níveis de operacionalização do Modelo 3D



Em estudo anterior do autor da presente proposição em associação com Cris Veerman sobre meio ambiente e considerando os Jogos de Inverno de Turim 2006, abordou-se a metodologia do OGGI, enfatizando-se o uso de visões ex ante e ex post por darem maior conteúdo e sentido respectivamente à gestão e às avaliações do megaevento (DACOSTA & VEERMAN, 2006). Já no caso do modelo 3D de legados, tal adequação residiria na elaboração de análises ex ante das variáveis de legado visando-se a necessidade de sua gestão em nível micro (variáveis operacionais do megaevento); nesta adaptação do modelo as análises ex post seriam antepostas às necessidades de monitoramento de alterações nos legados em nível macro, isto é considerando-se as alterações em âmbito sócio-econômico maior do que o megaevento original (Figura 3).

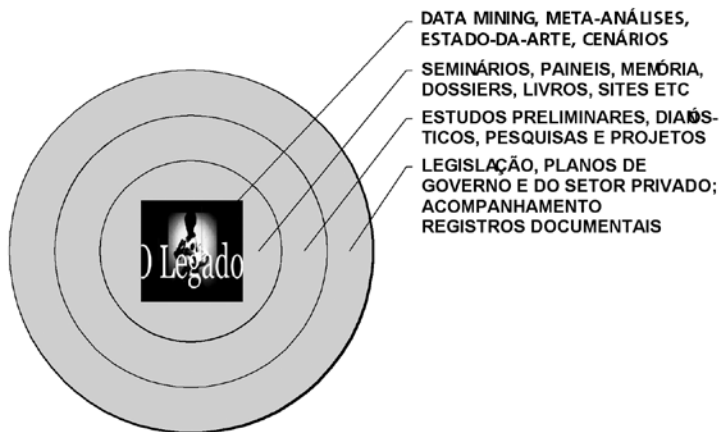
A consistência desta proposta foi identificada principalmente na documentação dos Jogos Olímpicos de Inverno de Turim 2006 nos quais a participação de órgãos de governo local e regional igualava-se ao do Comitê de Organização dos Jogos Olímpicos (COJO) daquela cidade sede. Em outros termos, o COJO de Turim posicionou-se preferencialmente nas abordagens micro ao passo que as universidades, institutos de pesquisas e entidades de governo assumiram posturas de estudos, pesquisas e de intervenção abrangendo o Piemonte, região alpina dentro da área de influência daqueles Jogos.

Desenvolvimentos em Transcurso

Outra possível serventia do modelo 3D está representada na Figura 4 em que se fez constar diferentes formas de Gestão do Conhecimento com relação ao processo de planejamento e acompanhamento no manejo de legados. Nesta esquematização há conhecimentos referenciados mais afetos à observação ex ante como outros ex post, sendo que nesta última opção caberia o uso de técnicas de cenário.

Nesta hipótese de trabalho situa-se o aperfeiçoamento do Modelo 3D em proveito de discussões laterais ao Fórum Olímpico da Universidade de São Paulo – USP, setembro de 2007, reunindo Holger Preuss, o autor deste estudo e outros especialistas brasileiros em Estudos Olímpicos. Em resumo, o processo de gestão de legados dentro da estruturação 3D completa-se necessariamente na Gestão do Conhecimento a partir de planos e dados periódicos de acompanhamento. Estes registros organizados sistematicamente em computadores e submetidos a procedimentos de busca, recuperação e análises com discussão e publicação de resultados ou realização de novos estudos, constituem a dinâmica do modelo que realimenta o processo de gestão do legado em suas diferentes etapas de desenvolvimento.

Figura 4 - Gestão de Conhecimento para o manejo de Legados nas Proposições do Modelo 3D



Nesta particularidade o Modelo 3D não difere de seus similares avançados que transformam informações e dados em conhecimento e posteriormente em decisões gerenciais. A distinção, entretanto, ocorre com a formatação do conhecimento obtido em estrutura de cenário, o qual é aqui entendido como um modelo simplificado da realidade sensível a algumas tendências dominantes e capacitado a produzir projeções de situações alternativas.

Como tal, o cenário gerado pelo Modelo 3D considera no mesmo nível do planejamento antecipado o planejamento pós evento de legados de acordo com novos condicionantes surgidos durante e depois da realização do megaevento. A explicação deste reajuste aparentemente contraditório com relação à produção de legados planejados por processo em lugar de resultado, concerne à possibilidade de falta de governança – de entidades públicas ou privadas - pós evento que leva ao abandono da infra-estrutura e outros meios de suporte do megaevento esportivo. Neste caso, o destaque pertence a Atenas 2004 quando as instalações esportivas foram deixadas sem gestão e manutenção logo após os Jogos, produzindo-se assim prejuízos de grande monta para a cidade e para o país.

O Modelo 3D portanto está proposto para incluir a função de re-planejamento que se habilita na medida que seu cenário de acompanhamento se ajusta

a eventuais anulações ou inclusões de legados. Em termos práticos, um exemplo da necessidade deste reajuste – não recomendado mas pertinente quanto à redução de prejuízos publicamente revelados – refere-se ao Parque Aquático dos Jogos Pan-Americanos 2007 que foi assumido pelo Comitê Olímpico Brasileiro em 2008 após se tornar público o risco de abandono pela Prefeitura do Rio de Janeiro; esta circunstância diante de um provável uso do Modelo 3D representaria um novo planejamento do Parque em bases distintas das propostas originais do Pan 2007 quanto às expectativas de legados.

Em síntese, a opção cenário se presta a variadas situações e objetivos dada a flexibilidade no uso das informações, sobretudo do ponto de vista de multidisciplinaridade. Por isso, as discussões sobre o Modelo 3D de 2007 na USP confirmaram o uso de cenários como capaz de relacionar múltiplas entradas dos estudos e observações sobre legados mantendo as referências básicas de tempo-espaço-impacto. Naturalmente, outras opções de metodologia e de apresentação de dados além da técnica de elaboração de cenários continuam válidas, podendo ser utilizadas conforme disponibilidades e preferências dos modeladores. Estas considerações foram sumarizadas em texto (DA-COSTA, 2007) publicado em livro organizado pela Dra. Kátia Rubio da USP contendo outras contribuições acadêmicas sobre a temática de megaeventos e legados.

Considerações finais

A estrutura básica (framework) do Modelo 3D pressupõe sua operacionalização imediata com posteriores aperfeiçoamentos dando-lhe assim um perfil de trabalho em progresso (work on progress). Tal flexibilidade é também antevista pelo uso de cenário que pode se aperfeiçoar continuamente segundo indica sua proposta metodológica. Convergente com estas facilitações importa enfatizar a incorporação pelo Modelo 3D de aperfeiçoamentos vindos de sugestões coletivas (seminários, reuniões etc); este procedimento é coerente tanto com as condições brasileiras que deram origem ao modelo em questão - habitualmente inclinadas à busca de soluções para posturas que anulam ou reduzem os efeitos do planejamento em qualquer setor da vida nacional – quanto como diante da proposta de universalização do modelo.

Assim disposto cabe comparar finalmente a proposta do Modelo 3D com outras similares produzidas no exterior em anos recentes e no âmbito da gestão de legados de megaeventos. Na origem, a estrutura 3D apoiou-se numa meta-análise que mostrou entre suas convergências internacionais as preferências de abordagens metodológicas dos estudos revisados. À parte de metodologias referidas a pesquisas quase sempre temáticas (voluntários, mídia, turismo, terrorismo, meio ambiente etc), a perquirição dos estudos mostrou que a visão abrangente de legado – por vezes denominada de “global” - levava a dois caminhos para chegar à gestão: (a) revisão histórico-comparativa voltada para o desenvolvimento de conceitos ou sínteses sobre legados; e (b) análise comparativa de casos na feição de benchmarking, com identificação de pontos de sensibilidade na conformação dos legados. Exemplos destas escolhas a serem citados em face aos autores já aqui enumerados, são: (a) conceito Momentum de Legado do LERI; e (b) cinco pontos de Preuss que descrevem focos de sensibilidade dos legados atuais: (1) infra-estrutura, (2) saber e conhecimento, (3) imagem, (4) economia, (5) comunicações e cultura.

Neste contexto, o Modelo 3D surgiu como uma fusão dos dois caminhos dado a que adotou (a) para montar seu framework de planejamento e (b) para a tarefa de acompanhamento de legados, incluindo a montagem de cenário e respectivos dados para eventuais necessidades de re-planejamento. Assim referendado, é cabível estimar que o desenvolvimento contínuo do Modelo 3D possa trazer maior importância aos legados do que aos megaeventos esportivos que lhe deram origem.

Referências

- DACOSTA, L.P. & VEERMAN, C. (2006) The Olympic winter games: the Quest for Environmental Protection and Educational Promotion – an Overview. In From Chamonix to Turim, N. Muller, M. Messing & H. Preuss (Editors), Kassel: Agon Sportverlag, p. 79 - 98.
- DACOSTA, L.P. (2007) Em Busca de um Modelo de Avaliação e Gestão de Legados de Megaeventos Esportivos. In: Rubio, K. (Org) Megaeventos esportivos, legado e responsabilidade social. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 123 – 132.
- GRIETHUYSEN, P. (2001) A general framework for the identification of the global impact of major sporting events. In: Proceedings of the SEMOS, AISTS, Lausanne, p. 97-103.
- HAI REN (2007) Cultural Values of China related to Sport and to the Beijing Olympic Games of 2008. Paper apresentado ao Seminário Internacional Valores do Esporte SESI, julho 2007. Rio de Janeiro: FIRJAN.
- IOC (2003) The Legacy of the Olympic Games 1984 – 2000. Moragas, M., Kennet, C., Puig, N. (Orgs). Lausanne: Olympic Museum; conclusões disponíveis em http://multimedia.olympic.org/pdf/fr_report_635.pdf
- LERI (2007) A lasting legacy for London? Assessing the Legacy of the Olympic games and Paralympic Games. London: London East Research Institute, May 2007, p. 95.
- POYNTER, G. (2007) From Beijing to Bow Bells – Measuring the Olympic Effect. London: London East Research Institute – Working Papers in Urban Studies.

Modelo M4 Para Gestão de Legados de Megaeventos Esportivos com Foco na Responsabilidade Social e Políticas Públicas

Marco Bechara
Grupo de Estudos Olímpicos
Universidade Gama Filho

The M4 model for the management of legacies of sports mega events with focus on social responsibility and public policies *The M4 concept enhances the necessity of social responsibility in the planning, production and management of sports mega events within the context of public policies. The concept identifies the types of legacy as well as the items of reference that make up each type of legacy. These legacies are prioritized through research and perception of the public and submitted to the Model 15/30/45, the Methodology ADAP and the Matrixes MPV e MQL. The applicability of the concept allows for the conclusion of a qualitative evaluation of all the legacies and of the mega events as a whole.*

O objetivo do presente estudo é o de desenvolver um conceito operacional que suporte sua aplicabilidade no planejamento e na gestão de megaeventos esportivos sob o enfoque da responsabilidade social e das necessidades de Políticas Públicas. Dentro deste escopo cabe notar inicialmente que há uma crença generalizada de que política pública é atribuição exclusiva dos Governos: Municipal, Estadual, Federal. Entretanto, Política Pública concerne à responsabilidade também da sociedade civil organizada. Neste propósito, as abordagens preliminares sobre o tema de megaeventos e legados serão aqui de natureza crítico-construtiva alcançando finalmente a proposta de um modelo de gestão social e responsável-mente situado.

Políticas Públicas

Elaborar Políticas Públicas significa atender as reais necessidades e expectativas da sociedade a fim de lhe proporcionar uma melhor qualidade de vida. Elaborar Políticas Públicas significa outrossim assumir a governança como filosofia de gestão, trazendo a tona: transparência do processo de planejamento e do processo de gestão; prestação de contas à sociedade, oportunizando o acompanhamento das despesas e dos investimentos, bem como das receitas e respectivas origens; oportunizar a equidade, pesquisando, ouvindo e agindo em prol dos grupos minoritários, dos excluídos e dos que se encontram a margem da sociedade. Tais proposições, de acordo com o objetivo deste estudo, devem dar orientação geral à gestão de megaeventos e seus legados dado às repercussões de monta que eles produzem nos ambientes sociais e naturais de qualquer sociedade, conforme preconiza DaCosta (2007) entre outros autores.

Em resumo, vivenciar e cooperar na elaboração de Políticas Públicas faz parte do contexto de cidadania de cada ser humano. A participação efetiva da sociedade cidadã, educada e consciente de seus direitos e deveres, é o motivo da nossa atual economia, freqüentemente conhecida como “mercado livre”.

Já vivenciamos, de forma deficitária, pelo modelo econômico clássico de Keynes, no qual o Estado deveria ser o provedor do bem estar social, ofertando à sociedade

saúde, educação, saneamento básico, transporte, iluminação, atividades esportivas, de lazer e recreação, entre muitas outras necessidades da sociedade. Para isso, nesse paradigma econômico, o Estado tributa o cidadão, a fim de ter “caixa” para realizar investimentos na área social.

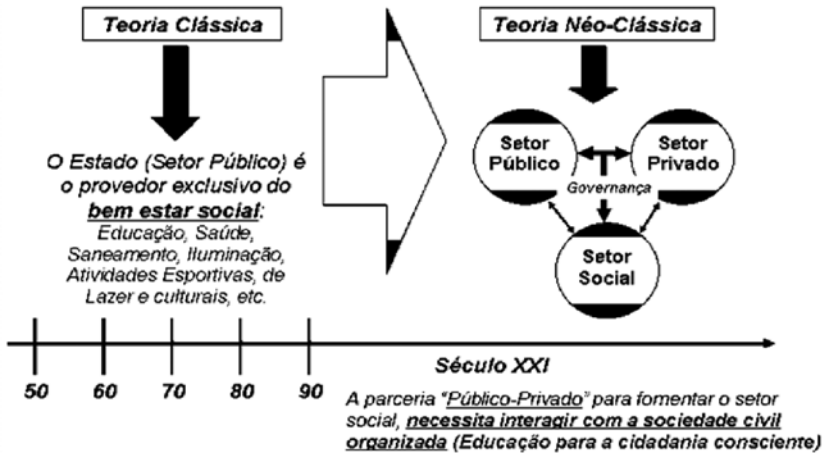
No Brasil, o modelo Keynesiano foi abortado pelo Governo Federal em 1990 ao mudar de paradigma econômico, saindo da teoria clássica para o modelo neoclássico, e entrando na era da chamada nova economia ou economia de mercado, preconizada por Friedrich Hayek. Porém, o mesmo Governo negligenciou em planejar e operar uma reforma tributária, necessária para o funcionamento dessa nova economia, e continuou tributando o cidadão como se pudesse garantir o seu bem estar social, como deveria acontecer no modelo clássico.

Nessa nova economia, o primeiro setor (público) deve unir forças com o segundo setor (privado) para ouvir e monitorar permanentemente o terceiro setor (social), a fim de atender as suas reais necessidades. Neste contexto a Política Pública passa a ser um processo participativo entre os três setores da economia e a governança passa a ser obrigatória. As parcerias entre público e privado, público e público, privado e privado, passam a ser uma necessidade de gestão. A captação de recursos torna-se uma excelente alternativa para viabilizar projetos de oportunidade. Novos modelos de gestão, como o Balanced Scorecard, passam a ser necessários para a integração das competências. Planejamento Estratégico, Plano de negócio e Plano de Marketing, passam a ser fundamentais para a estruturação das organizações. A utilização de novas tecnologias, para interagir com o mercado torna-se fundamental. E tudo isso planejado, operacionalizado e avaliado com a nova ordem estabelecida: ética na gestão e nas atitudes pessoais de cada ser humano (Figura 1).

O século XXI tem uma nova estrutura de pensar a Política Pública. No novo século a responsabilidade social não é mais um “plus” ou estratégia de mercado, trata-se enfim de necessidade de sobrevivência. O futuro das organizações dependeria desta compreensão por parte das lideranças e instituições. À luz das mudanças atuais, competência da gestão integrada, choque na gestão e gestão participativa são as formas de fazer a organização continuar viva, cumprindo seu papel social e gerando lucros.

Nesta abordagem, lucro não é só financeiro, mas também social, humano, físico e material. Há então que repensar o contexto do termo “organização sem fins lucrativos” pois é dever de toda a organização gerar lucro na sua gestão. Esse questionamento também nos faz questionar: o que é a “Gestão”, senão a educação, orientação, controle e avaliação da integração motivada dos comportamentos humanos, na busca da realização da missão e da visão organizacional?

Figura 1: Processo participativo entre os setores da economia com governança



Esporte no contexto dos megaeventos e legados

Considerando-se que a Gestão Pública competente é aquela que prioriza o cidadão, podemos discutir o Planejamento e a Produção de megaeventos esportivos, como necessidade de Política Pública. Tal adequação implica naturalmente em definir inicialmente esporte que para os efeitos do presente entende-se com um fenômeno social de perspectivas humanizantes, que se identifica como atividade predominantemente física, carregada de valores sociais e morais, estabelecidas em condições formais, não formais e informais.

Para fundamentar a afirmação anterior, é necessário assumir os seguintes postulados:

- o esporte faz parte da cultura histórica da humanidade;
- o esporte é hoje praticado em todos os continentes;
- todas as nações fazem questão de participar das grandes festas esportivas;
- o esporte é um fenômeno humano, pois lida com os valores da natureza humana (curiosidade, competitividade, orgulho, egoísmo, cooperação, etc.);
- o esporte é um fato cultural (formas diferentes de práticas);
- no esporte ocorrem todos os problemas sociais (problemas: comerciais, jurídicos, administrativos, etc.);
- o esporte, bem como a sua prática, está contido nos valores de todos os seres humanos, seja da forma receptiva ou da forma ativa;
- o esporte nasceu no lúdico, manifestando-se pelo jogo (com outros ou consigo mesmo);
- ele sofre e produz efeitos no contexto econômico, além de ser uma atividade economicamente ativa de qualquer nação;

- trata-se de um fenômeno político , pois suas relações, por muitas vezes, canalizam aspirações de uma nação;
- sua prática demonstra relações de poder;
- como todo fenômeno o esporte interfere no desenvolvimento social de uma nação e retrata a cultura de seu povo;
- o esporte apresenta uma forte vertente educacional proporcionando formas diferentes de prática: formação (acontece nas relações do ambiente escolar, objetivando o desenvolvimento integral do homem como um ser autônomo, democrático e participante e cidadão), participação (acontece em qualquer ambiente propício a ludicidade) e rendimento (acontece em ambiente formal, com regras pré-estabelecidas e reconhecidas por entidades representativas, e tem caráter competitivo).

Entender o esporte como fenômeno social é admitir o princípio de que ele pode ser fator de desenvolvimento em qualquer nação e que o mesmo tem o compromisso de gerar LEGADOS para o progresso humano. Legados, não só de infra-estrutura das práticas esportivas, mas principalmente da criação de melhores ambientes urbanos, melhores condições ambientais, melhores condições de inserção social e criação de oportunidades de APL (Arranjos Produtivos Locais).

Porém, apesar de compreendermos os postulados do esporte diante da sociedade e reconhecermos suas facetas, assumimos aqui como hipótese de trabalho que a gestão das organizações esportivas e respectivos eventos, e principalmente os mega-eventos, vêm deixando muito a desejar no que se refere à ética e aos resultados com responsabilidade social.

Um confirmação plausível desta crítica é a falta de circulação e mesmo menção da expressão governança entre organizações esportivas nacionais. Do ponto de vista da gestão, parece-nos que as organizações esportivas e o poder público desconhecem o que seja “Governança Corporativa”. Evidencia-se frequentemente que tais instituições não sabem elaborar o seu “Planejamento Estratégico”, com continuidade entre um mandato e outro. São absolutamente indiferentes no que se refere a proporcionar um ambiente de “Gestão do Conhecimento” em suas organizações. E absolutamente desconhecedores para implementar por exemplo, uma “Administração Estratégica pelo BSC” (Balanced Scorecard).

Assim sendo e se o foco deste estudo é contextualizar megaeventos esportivos, podemos-nos referenciar a um megaevento mais próximo produzido no Brasil, isto é os Jogos Pan-Americanos Rio 2007 (PAN 2007), cujas críticas de incidência frequente na mídia podem ser resumidos em temas de corrupção, disputas políticas e malversação de legados.

Introduzindo o Modelo M4

Essas indagações tem sido constantes e não ocorreram apenas com o PAN como se verifica em Poyter (2006) uma vez que megaeventos são repositórios de importantes e diversificados interesses políticos e financeiros, além de esportivos. Porém as respostas nem sempre podem ser emitidas e comprovadas, e dificilmente são publicadas. Há também possibilidade de serem tais questionamentos meras especulações do público desinformado. Nestas condições, a tese que informa o Modelo M4 ora em proposição é a de que cabe aos postuladores de boas práticas em Políticas Públicas e

em gestão avançada, gerarem modelos de planejamento e avaliação de megaeventos, por meio dos quais se possa criar a visibilidade necessária para a produção de respostas comprometidas com a responsabilidade social.

A visibilidade preconizada – “accountability” no jargão internacional de gestão – deve por outro lado ser também uma ferramenta de planejamento de modo a não permanecer apenas como crítica. Com tais condições mínimas podemos considerar os pressupostos do modelo como se segue.

Premissas

- O esporte é um fenômeno social. E fenômeno social é o que a sociedade produz e externa, de acordo com o seu estágio de desenvolvimento intelectual e moral.
- Todo fenômeno social faz parte, interage e interfere nas quatro atividades economicamente produtivas (primária; secundária; terciária; quaternária) e oportuniza o desenvolvimento de suas estruturas;
- Só existe “desenvolvimento de um país” se o paradigma econômico adotado estiver coerente com a prática das atividades econômicas e com o planejamento, controle e avaliação de seus fenômenos sociais;
- O desenvolvimento de um país só é constatado com a identificação e avaliação permanente de seus processos produtivos, que geram legados. E legado é a herança, o benefício produzido e transmitido, para alguém ou para a sociedade.
- Os fenômenos sociais que geram legados são foco de Políticas Públicas.

O que deve ser considerado no Planejamento e na Produção de Megaeventos?

A Política Pública é o que une, e é o foco central das vertentes do Planejamento e da Produção de megaeventos esportivos. Planejar um megaevento é considerar a necessidade de utilização do Geomarketing esportivo, conceituado como a utilização da geografia para conhecer e tangibilizar a relação espaço-temporal de uma determinada região, onde se encontram as instalações esportivas, identificando seus respectivos:

- “Legados”, relevantes para a sociedade, e considerando os
- “Impactos” produzidos e a
- “Abrangência” dos mesmos.

Para as proposições de construção do Modelo M4 estaremos a seguir abordando somente o estudo sobre os legados, deixando para outro momento o estudo sobre os “impactos” e sobre a “abrangência desses impactos”. Vejamos o que deve ser objeto de estudo sobre os legados, delimitando prejuízos também advindos de impactos como alerta Preuss (2007).

Os Legados

Falar de Legados é falar dos benefícios levando em conta prejuízos que serão resultado do megaevento. Os legados identificados em megaeventos esportivos são em resumo de natureza:

1. Infra-estrutura urbanística;
2. Econômica;
3. Social;
4. Educacional;
5. Ambiental;
6. Esportivo;
7. Cultural;
8. de Turismo e Hospitalidade;
9. Político;
10. de Conhecimento e de Tecnologia.

Vejamos os “itens de referência”, que podem compor cada um desses legados:

Legado de Infra-estrutura urbanística (16 itens):

- Sinalização / placas de orientação para veículos, na região?
- Sinalização / placas de orientação para pedestres, na região?
- Segurança no trajeto do transporte coletivo e particular, na região?
- Segurança no trajeto percorrido a pé, na região?
- Credibilidade dos transportes existentes, na região?
- Credibilidade nos transportes disponibilizados temporariamente, na região?
- Fluxo de veículos em frente e/ou próximos às instalações? E no entorno?
- Quantos modais (Rodoviário / Ferroviário/ Metrô / Marítimo/ Aéreo) de transporte público, que dão acesso à região?
- Transportes coletivos que servem a região (classificados por tipos, quantidade, qualidade, acessos e periodicidade em que trafegam)?
- Capacidade de estacionamento?
- Volume de lixo gerado? e número de caminhões que cobrem a região?
- Volume e fluxo de água e esgoto da região?
- Consumo de energia elétrica da região?
- Qualidade da pavimentação das ruas de acesso ao local, e no entorno?
- Número de telefones privados instalados na região?
- Número de telefones públicos?

Legado Econômico (16 itens):

- Número de empreendimentos imobiliários?
- Número de espaços de lazer?
- Número de academias?
- Número de empreendimentos de entretenimento?
- Número de estabelecimentos comerciais na região?
- Número de indústrias na região, classificadas por tipos?
- Índice de desemprego, na região?

- Número de trabalhadores com carteira assinada, na região?
- PIB da região?
- Volume de negócios na economia informal?
- Arrecadação tributária?
- Arrecadação de IPTU?
- Inserção e aporte de novas tecnologias?
- Perspectivas de novos negócios que gerem receita para a região, para Cidade e para o País?
- Aumento, em percentual, da valorização territorial?
- Aproveitamento econômico das instalações para períodos de ociosidade?

Legado social - Demografia/ Habitação - Saúde – Segurança (15 itens):

- População da região em: por volume, por tipo de habitação e por renda?
- Número de hospitais que atendem a região? NO de atendimentos?
- Número de postos de saúde que atendem a região? NO de atendimentos?
- Número de ONG's que atuam na região? Audiência?
- Índice de criminalidade na região: Assaltos / Furtos / Mortes?
- Número de acidentes com veículos motorizados, na região?
- Número de atropelamentos na região?
- Número de cursos e treinamentos de qualificação de mão de obra produtiva?
- Total de pessoas educadas, treinadas e qualificadas para o trabalho?
- Incentivo e adesão a programas e trabalhos voluntários?
- Número de projetos de inserção social? Por tipo? Número de atendidos?
- Número de ambientes públicos adaptados a portadores de necessidades especiais?
- Vias públicas (calçamento e acessos) adaptados a portadores de necessidades especiais?
- Número de transportes coletivos, que circulam na área, adaptados a portadores de necessidades especiais?
- Aproveitamento social, principalmente na área de saúde, das instalações para períodos de ociosidade?

Legado Educacional (6 itens):

- Número de escolas que atendem a região? (primeiro e segundo grau);
- Número de creches que atendem a região?
- Número de faculdades que atendem a região?
- Número de estudantes por nível (creches; primeiro grau; segundo grau; faculdade)

- Índices de escolaridade na região?
- Aproveitamento educacional das instalações para períodos de ociosidade?

Legado Ambiental (5 itens):

- Espaço de reserva ambiental ou de mata atlântica (equilíbrio entre população e verde)?
- Número de ocorrências de incêndio na região?
- Índice médio de capacidade de poluição do ar (Considerar população regional e volumes permitidos)?
- Índice médio de capacidade de poluição das águas (Rios; Lagoas, Manguezais - Considerar população regional e volumes permitidos)?
- Índice pluviométrico de chuvas na região?

Legado Esportivo (6 itens):

- Número de instalações esportivas na Região?
- Número de Escolinhas esportivas que atuam na região?
- Número de praticantes: total e por modalidades (praticantes nas 3 vertentes: Formação- Participação – Rendimento)?
- Número de eventos esportivos na região?
- Número de atletas descobertos, considerados como talentos?
- Liderança esportiva no continente sul-americano, credenciando o País como futura sede de uma Olimpíada?

Legado Cultural (6 itens):

- Número de espaços de mostras culturais?
- Número de Museus na região?
- Número de teatros, na região?
- Número de espaços para concertos e eventos musicais? Total possível de audiência?
- Número de bibliotecas na região?
- Número de LAN HOUSE na região?

Legado de Turismo e Hospitalidade (11 itens):

- Ocupação x Ociosidade da indústria hoteleira?
- Número de hotéis na região, por classificação?
- Número de motéis na região, por classificação?
- Número de “Pontos turísticos” na região?
- Qualidade do Paisagismo natural?
- Arquitetura e beleza das construções?
- Número de turistas recebidos? Total, em dólar, gasto pelos turistas?

- Número de restaurantes na região, por classificação?
- Número de albergues?
- Número de espaços destinados a acampamentos?
- Número de eventos internacionais? Nacionais? Regionais?

Legado Político (3 itens):

- Credibilidade de realização de megaeventos de caráter Internacional;
- Canalização das mídias mundiais para o nosso país, oportunizando negócios nos 4 setores da economia (Primário, Secundário, Terciário e Quaternário);
- Maior aproximação e integração do Brasil com as Américas, especialmente com a América-Central e Caribe;

Legado de Conhecimento e de Tecnologia (5 itens):

- Dirigentes esportivos, servidores públicos e profissionais do esporte passarão a dispor de novos conhecimentos, vivenciados através do Planejamento, organização, controle e avaliação do megaevento esportivo;
- Divulgação de todo o conhecimento produzido, a fim de ser socializado, através da internet
- Professores universitários, que ministram disciplinas ligadas à administração esportiva e ao Marketing Esportivo, passam a ter acesso à estruturação de todo o processo de realização do evento, a fim de servir como conteúdo em suas aulas;
- O evento oportuniza o processo de inteligência coletiva, pois integra profissionais que atuam no mercado esportivo, com professores e acadêmicos de Pós-graduação, strictu-sensu (mestrado e doutorado), da área de Gestão Esportiva, a fim de serem propostas novas soluções e a criação de métodos e metodologias de análise, na qualificação do megaevento;
- O evento oportuniza o aumento do conhecimento tecnológico dos gestores.

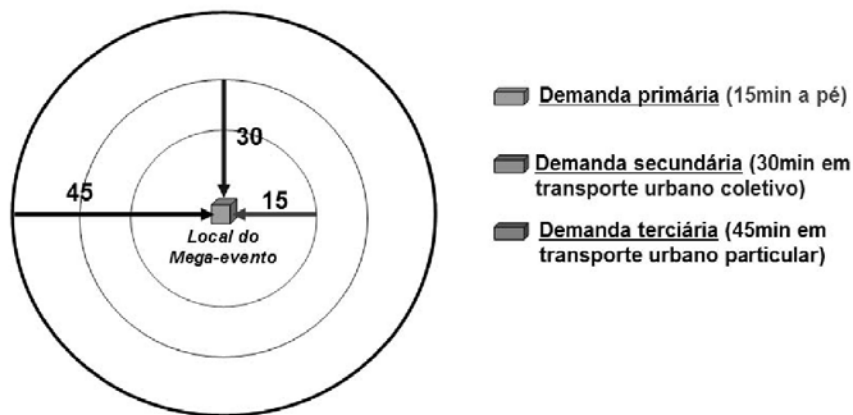
Cada “índice de referência” de cada legado deve receber uma avaliação quantitativa, de 0 (zero) a 4 (quatro) - soma-se os itens de referência de cada legado, individualmente, e divide-se pelo número de itens – de modo a nos oportunizar a identificação da “média quantitativa” de cada legado.

Porém, neste caso somente identificar a média quantitativa não é suficiente. Temos que complementar essa teoria com quatro fatores “**M**” desenvolvidos por metodologias específicas: **Modelo 15/30/45**; **Metodologia ADAP**; **Matriz - MPV**; **Matriz - MQL**. Vejamos cada uma delas:

Modelo 15/30/45 – Adaptado da cultura de Análise de grandes empreendimentos, não necessita a utilização de equações e interpretações matemáticas. É um conceito Espaço-temporal. Esse modelo parte do pressuposto que no local geográfico,

onde se encontra o megaevento, deve ser traçado um raio e respectiva circunferência de abrangência, considerando que para se chegar no local do megaevento, o público-alvo do evento, pode levar até 15 minutos andando, 30 minutos em transporte coletivo e até 45 minutos em transporte particular. Esses raios de atuação criam a hipótese de demandas: primária, secundária e terciária, conforme gráfico da Figura 2.

Figura 2: Raios de atuação de abrangência geográfica



Metodologia ADAP – Identifica, registra e armazena dados e fatos da região onde o megaevento será realizado, a fim de serem comparados, nas três dimensões do tempo: **Antes**; **Durante**; **Após**.

- **Antes:** Antes da utilização do terreno para construção da instalação esportiva (local que se realizará o megaevento). Essa dimensão preocupa-se com o dimensionamento e mensuração dos possíveis danos ou benefícios que são gerados nos “10 legados”;
- **Durante** – Essa dimensão considera três momentos:
 - Durante as obras e/ou preparativos do terreno, para a realização do evento;
 - Durante o evento, propriamente dito, considerando os seguintes fatores de ocorrência: por hora, por período do dia; dia de semana x final de semana; com sol x nublado (caso de áreas de acesso ao litoral);
 - Durante a desocupação, desinstalação e respectivas retiradas de materiais de infra-estrutura temporária, que foi montada.

De mesma forma que a dimensão do Antes, a preocupação é com o dimensionamento e mensuração dos possíveis danos ou benefícios que são produzidos nos “10 legados”, que ocorrem durante esse processo.

- **APós** – Essa dimensão considera a normalização de toda a área ocupada, logo após o término dos três momentos do Durante. Da mesma forma, sua preocupação é com o dimensionamento e parametrização dos possíveis danos ou benefícios que foram deixados, considerando os 10 legados, a curto prazo (até 6 meses), a médio prazo (de 6 a 24 meses) e a longo prazo (acima de 24 meses)

Matriz de Pesquisa de Valor (MPV)

A MPV é uma Matriz que trabalha com dois vetores: Percepção da População em relação aos legados e a Importância do Legado para a população. O primeiro passo é estruturar uma pesquisa, relacionando os legados do megaevento, a fim de serem avaliados, por prioridade, pela população onde o megaevento se realizará. Recomenda-se neste caso utilizar o método 15/30/45, para comparação de opinião entre as demandas primária, secundária e terciária. Dessa prioridade estabelecida por votação, nasce o peso atribuído para cada legado.

Em relação à percepção da população o avaliador tem 5 possibilidades:

Nota zero – Inexistente;

Nota 1 – Ruim;

Nota 2 – Satisfatório;

Nota 3 – Bom;

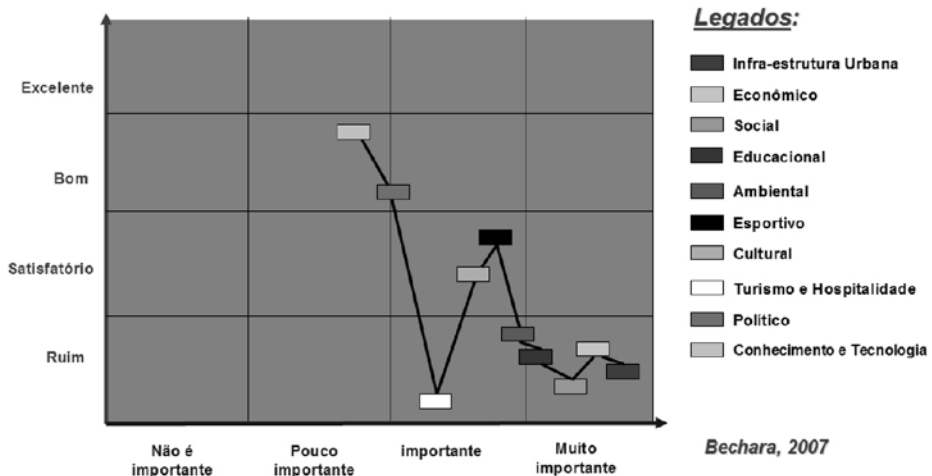
Nota 4 – Excelente.

Essa avaliação acima, considera a qualidade do item ou a inexistência da preocupação, pela população, com esse item. Esse grau de avaliação deve ocorrer de acordo com os três momentos da Metodologia ADAP, a fim de comparação. A Figura 3 apresenta a Matriz (MPV) em modo gráfico.

Figura 3: Matriz de Pesquisa de Valor (MPV)

Matriz de Pesquisa de Valor:

O **MPV** é uma Matriz que trabalha com 2 vetores: **Percepção da População em relação aos índices do Legado** x **Importância para a População dos índices do legado:**



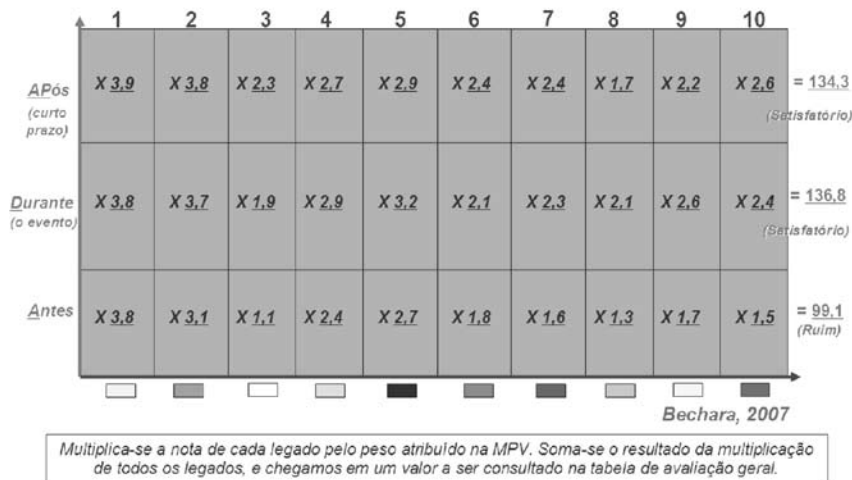
Essa matriz é montada após a pesquisa. A hipótese gráfica, acima, nos demonstra a **prioridade dos legados**, pela percepção do povo que mora na região.

Figura 4: Matriz de Qualificação do Legado (MQL)

Matriz de Qualificação do Legado:

O **MQL** é uma Matriz que trabalha com 2 vetores:

Metodologia ADAP x **Os Índices do Legado**. A matriz nos fornece uma visão geral do legado conseguido nos 3 momentos: **Antes**, **Durante** e **APós** o Mega-evento:



A análise pela MQL também pode ser feita considerando cada momento isoladamente, oportunizando uma visão genérica de todas as instalações (Figura 4). A premissa para a Qualificação do Legado é conseguida conforme as atribuições abaixo:

Peso atribuído a cada Índice (pela importância):

- Legado de Infra-estrutura urbanística: média conseguida x 10 = 0 a 40 pontos;
- Legado Econômico: média conseguida x 9 = 0 a 36 pontos;
- Legado Social: média conseguida x 8 = 0 a 32 pontos;
- Legado Educacional: média conseguida x 7 = 0 a 28 pontos;
- Legado Ambiental: média conseguida x 6 = 0 a 24 pontos;
- Legado Esportivo: média conseguida x 5 = 0 a 20 pontos;
- Legado Cultural: média conseguida x 4 = 0 a 16 pontos;
- Legado de Turismo e Hospitalidade: média conseguida x 3 = 0 a 12 pontos;
- Legado Político: média conseguida x 2 = 0 a 8 pontos;
- Legado de Conhecimento e de Tecnologia: média conseguida x 1 = 0 a 4 pontos;

O somatório máximo permitido, nesses 10 legados considerados é de 220 pontos. Essa atribuição de peso é para que possamos ter uma visão do legado em sua

totalidade, em relação à sociedade o qual foi produzido. E essa totalidade para ser entendida, necessita da classificação abaixo:

- Até 50% dos pontos (até 110 pontos)= Legado considerado como Ruim;
- De 51% até 65% (111 a 143 pontos)= Legado considerado como Satisfatório;
- De 66% até 80% (144 a 176 pontos)= Legado considerado como Bom;
- 81% para cima (177 pontos em diante)= legado considerado como Excelente.

Análise de Cenários para o Planejamento de Megaeventos Esportivos

Considerando o modelo M4, no qual identificamos os megaeventos esportivos como fenômenos sociais que produzem 10 (dez) tipos de Legados, que interagem entre si, cabe revisar alternativas de metodologia que consiga explicitar os cenários que devem ser considerados no planejamento de tais fenômenos. Para isso, proponho uma integração de 2 (duas) metodologias: 1. Metodologia SWOT; 2. Metodologia BSC.

1. A Metodologia SWOT:

É o entendimento de nossa forças (Strengths) e fraquezas (Weaknesses) no ambiente interno, e das oportunidades (Opportunities) e ameaças (Threats) no ambiente externo, objetivando projetar a Visão e a Missão operacional do mega-evento. Logo, a análise dos ambientes do megaevento objetiva verificar quais as reais possibilidades, ou seja, onde estamos. E, de posse desta informação, poder projetar, de forma factível, o que queremos ser e onde queremos chegar. Isso significa entender que o megaevento é um fenômeno social com características de NEGÓCIO.

A aplicabilidade da metodologia SWOT deve considerar as seguintes variáveis:

1.1. Variáveis controláveis no Ambiente Interno:

- Estrutura organizacional do megaevento: Recursos físicos de infra-estrutura, Recursos materiais e Tecnológicos e, Recursos financeiros;
- Pessoal selecionado por competências (Conhecimento – Habilidade – Atitude);
- O Evento propriamente dito, considerando todos os agregados de bens e serviços disponibilizados como oferta aos públicos participantes do evento (Product);
- Valor agregado ao “Produto”, que justifica a participação efetiva no evento, de forma ativa e/ou receptiva (Price);
- É o “local” e o canal ou o meio pelo qual ofereceremos e exibimos o “produto”. Este elemento planeja e administra onde?, como?, quando?, em que quantidades? e sob que condições? o evento será disponibilizado aos diversos públicos e ao mercado (Place).
- Todo o processo de Comunicação, Relacionamento, Gestão da Informação e Gestão do conhecimento, interno e externo, que ocorrerá: antes, durante e após o megaevento (Promotion).

Esses itens que devem ser identificados em um check-list devem ser classificados por uma mensuração quantitativa como “pontos fortes” e “pontos fracos”, que também devem enaltecer o maior ponto forte, chamando-o de “competência essencial” e

lembrar que os pontos fracos devem receber um tratamento de cronograma de execução de ações, no tempo, a fim de deixarem de ser fracos.

1.2. Variáveis monitoráveis no Ambiente externo:

- Percepção da população na qual ocorrerá o evento;
- Fatores Ambientais, considerando os seguintes Cenários:
 - Econômico;
 - Político e Legal;
 - Social;
 - Cultural;
 - Geográfico e climático;
 - Demográfico;
 - Tecnológico;
 - Ambiental.

Esses itens que devem ser identificados em um check-list devem ser classificados por uma mensuração quantitativa como: “Oportunidades” e “Ameaças”, que também devem enaltecer a maior ameaça, chamando-a de “Restrição externa” e a maior oportunidade, chamando-a de “Fator chave de sucesso”. E lembrar que as ameaças, bem como a restrição externa, devem receber um tratamento de conversão, a fim de serem transformadas em oportunidades alternativas e/ou diferenciais.

2. Metodologia BSC (Balanced ScoreCard):

BSC ou Balanced ScoreCard, significa “Indicadores Balanceados de Desempenho”. Mas na verdade, o BSC é bem mais que isso: ele é um Modelo de Gestão Estratégico, que permite à organização do megaevento priorizar as suas ações, no período do evento, para alcançar os objetivos traçados em seus Planos Estratégicos.

O BSC é um poderoso conceito para ajudar organizações a cumprir rapidamente a Estratégia traduzindo a visão e a estratégia em um conjunto operacionais que podem dirigir comportamento, e então, performance.” (Balanced Scorecard Collaborative)

A prática do BSC implica em termos que investir em 4 (quatro) Ativos Intangíveis. São eles:

- **Perspectiva de Aprendizado** (Educação e Treinamento do pessoal que planeja, Gerencia e opera o megaevento, a fim de formar e moldar as competências essenciais de forma eficiente – Essa perspectiva é a busca da PRODUTIVIDADE);
- **Perspectiva de Processos** (customizados e eficazes, sob a ótica dos seus diversos público – essa perspectiva permite o benchmark de informações, como matéria prima, na construção do conhecimento – Essa perspectiva é a Busca da QUALIDADE);
- **Perspectiva de Relacionamentos** (considerando o sistema social que envolve o megaevento: Pessoal de Planejamento, Gestão e Produção interna, bem como os públicos externos: FIFA / COI ou alguma outra organização de representatividade internacional ou nacional, a qual submeta a estrutura interna do megaevento a atender normas e regras de realização;

Fornecedores; Sistemas de mídias; Comunidades; Ativistas (stakeholders); Heróis, ídolos e Celebidades; Oposição política e demais agentes que possam prejudicar ou ajudar a percepção que se tem no mercado sobre o Megaevento. Essa perspectiva, em conjunto com a perspectiva de Responsabilidade social, representam a busca da EXCELENCIA);

- Perspectiva de Responsabilidade Social (considerando os 10 tipos de legado).

Essas perspectivas devem ter como norteadoras de execução, objetivos específicos, que utilizam como ESTRATÉGIA, “indicadores de ocorrência” e consequentemente, “indicadores de tendência” – São esses indicadores observáveis e quantificáveis é que oportunizam uma leitura de cenário prospectivo, considerando os itens de referência que compõe cada tipo de legado, do conceito M4. A integração, na relação causa-efeito dessas perspectivas, geram para o megaevento, valores sociais e econômicos, conduzindo o mesmo para uma perspectiva de realização da Missão do Megaevento, ou seja, a realização do seu Ativo Tangível, ou melhor do seu SUCESSO.

Considerações Finais

Em gestão é difícil conhecer o que não pode ser mensurado e/ou avaliado. Assim disposto, a Metodologia M4 está aqui proposta a fim de situar gestores e planejadores quanto às suas tarefas em termos de megaeventos e legados. Este conceito operacional também abrange os requisitos de Políticas Públicas e de responsabilidade social na medida que considera percepções e condições sócio-culturais da população atingida pelo entorno do megaevento, uma condição essencial para identificar legados em meio aos seus diversos impactos positivos e negativos. Entretanto, importa releva que o Modelo M4 apresenta-se como resposta às demandas de ordem social apenas como uma abordagem preliminar e parcial, dado a que os ativos intangíveis dos megaeventos esportivos podem constituir em muitos casos resultados finais de maior importância no longo prazo.

Referências

- DACOSTA, L.P. Em Busca de um Modelo de Avaliação e de Gestão de Legados de Megaeventos Esportivos. In Rubio, K. (Org) Megaeventos esportivos, legado e responsabilidade social. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p. 123 – 132.
- POYTER, G. From Beijing to Bow Bells: Measuring the Olympics Effect 2006. Working Paper - London East Research Institute, 2006.
- PREUSS, H. Economia e gestão de megaeventos esportivos. Palestra do Seminário Megaeventos e Legados Esportivos UGF – SESC, Rio de Janeiro, 2007.

Apontamentos Sobre a Realização e os Legados dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007

José Roberto Gnecco
Gerente de Esporte da SEPAN/ME para o Pan Rio 2007
Professor Assistente-Doutor da UNESP

Notes on the Staging and Legacies of the Rio 2007 Pan American Games *The objective of this text is to re-analyze the Rio 2007 Pan American Games and Paralympic Pan American Games trying to identify controversial aspects which can lead to questions that can guide future research on Olympic mega events in Brazil. This study took into consideration the relationships between partners of the government and of the private sector in the organization of the 2007 Pan American Games. It was suggested that the federal government should be the main articulator and financing agent of the transformations caused by the mega event. The civil society should not only construct the means to express its own tangible and intangible necessities but also sensitize the public and private sectors to understand and to fulfill its demands.*

No simpósio internacional patrocinado pelo Comitê Olímpico Internacional realizado no ano de 1990 em Quebec, Canadá, discutiu-se o tema das relações de governo com entidades do esporte de alto rendimento, inclusive olímpico. Os resultados, com base em estudos de vários países, mostraram-se inconclusivos uma vez que cada caso observado tinha poucas convergências com os demais. Entretanto, admitiu-se que havia uma tendência comum representada pela busca de um equilíbrio dos investimentos de governo no sentido de atender necessidades esportivo-sociais da população no mesmo nível das subvenções às entidades de desenvolvimento esportivo (LANDRY, 1991).

A hipótese do presente estudo é de que a situação identificada em 1990 continua válida em âmbito internacional em vista da existência da pluralidade de formas de cooperação entre entidade públicas e privadas no esporte de alta competição, incluindo sobretudo os megaeventos olímpicos. Nestas condições, o objetivo desta contribuição de natureza acadêmica é de reportar um caso prático de megaevento esportivo de alta relevância, procurando identificar pontos controversos e a partir destes elaborar questões a investigar que possam orientar futuras pesquisas.

O caso em pauta de observação – que o autor deste estudo teve acesso direto - foi constituído pelos Jogos Pan-Americanos e Parapan-americanos Rio 2007, que foram realizados por quatro instituições, uma de direito privado e as demais públicas: o Comitê Organizador dos Jogos (CO-RIO) – composto basicamente pelo Comitê Olímpico Brasileiro, o Governo Federal – coordenado pelo Ministério do Esporte (ME); o Governo Estadual – coordenado pela atual Secretaria de Turismo, Esporte e Lazer (SETE); o Governo Municipal – coordenado pela Secretaria Especial Rio 2007 (SERIO), com este nível de governo agindo muitas vezes com a gestão direta do Prefeito Municipal.

A realização dos Jogos sobreviveu a três mandatos federais com duas eleições, sendo que a primeira com uma troca extrema de projeto político; a dois mandatos estaduais com uma eleição, com outra troca de projeto político e a dois mandatos municipais com uma eleição que firmou a continuidade neste nível de governo. Sua realização e seu legado são resultados diretos dos entendimentos e tensões entre estas quatro instituições, situação normal num evento desta envergadura.

Dentre os vários exemplos possíveis destaco que, no desenvolvimento da preparação para a realização dos Jogos, o Governo Estadual solicitou ao Governo Federal que assumisse grande parte dos investimentos na área do Maracanã; por sua vez, o Governo Municipal deixou de pagar o custeio de pessoal do CO-RIO, responsável pela operação dos Jogos, o que foi assumido pelo Governo Federal. Isto só foi possível porque o Presidente da República decidiu, no evento comemorativo de um ano antes dos Jogos, que o Governo Federal viabilizaria os Jogos de forma a deixar a melhor imagem internacional do Rio e do Brasil que os Jogos pudessem proporcionar.

A realização de um evento deste porte conduzido por mais de um parceiro na sua realização gera algumas incertezas. Como fazer com que múltiplos parceiros com diferentes interesses se tornem players de um jogo que exige uma vitória, isto é, a realização do evento? A realização deve ser de foro privado (Los Angeles 1984, Atlanta 1996) ou estatal (Moscou 1980, Pequim 2008), para apenas focar exemplos extremados e paradigmáticos? Como garantir que os parceiros cumpram suas respectivas responsabilidades na realização do evento? Como garantir que as trocas eleitorais próprias da democracia se conciliem com um projeto de longo prazo? Como garantir que o discurso à população - da candidatura ao evento - se torne realidade? Aparentemente parte destas respostas, sobre a forma como se organiza a parceria entre o Comitê Olímpico Nacional, o Comitê Organizador dos Jogos e os diferentes níveis de governo, é típica e característica da forma como aquele país realiza seus projetos e organiza seus empreendimentos de vulto, independente de quais sejam.

Retornando ao caso do Pan 2007, contou-se com 34 esportes distribuídos em 44 modalidades, perfazendo 29 locais de competição, 20 locais de treinamento e 17 locais de apoio. O Parapan somou 10 modalidades em 6 locais de competição e 17 locais de apoio; os locais de treinamento foram os mesmos que os locais de competição. A diferença entre o número de locais de competição e modalidades praticadas deve-se obviamente ao uso sucessivo da mesma instalação esportiva para diferentes modalidades.

Para apoio à realização do Pan 2007, o Governo Federal constituiu um Comitê de Gestão composto pelos Ministros e um Comitê Operacional composto pelas equipes destes Ministérios. O Comitê de Gestão das Ações do Governo Federal nos Jogos Pan-Americanos e Parapan-Americanos no Ministério do Esporte (SEPAN/ME) teve sua missão estabelecida através de um processo de planejamento estratégico: “Coordenar, mobilizar e dar transparência à atuação do Governo Federal no desenvolvimento e implementação das ações necessárias ao cumprimento dos compromissos assumidos pelo governo brasileiro para a realização dos Jogos Pan e Parapan-americanos Rio 2007”.

A SEPAN/ME se organizou em Gerências de Esporte, Instalações, Tecnologia, Comunicação e Social, mais articulando as áreas de Segurança, Turismo e Relações Internacionais do Governo Federal existentes fora da sua área de responsabilidade institucional. Durante os Jogos foram ainda constituídas as Gerências de Cultura, Recursos e Logística. Através destas Gerências as ações do Governo Federal se articulavam para o atendimento às necessidades do Comitê Organizador, como 1) as ações executadas diretamente pelo Governo Federal – por exemplo, a operação de análise de dopagem no Laboratório de Controle de Dopagem no Instituto de Química da UFRJ, ou como 2) as financiadas pelo Governo Federal ao Comitê Organizador, as quais, no mesmo exemplo, incluíram a coleta e o transporte de amostras de Controle de Dopagem até o Laboratório.

Além das áreas-fim, a SEPAN/ME teve o apoio da Fundação Instituto de Administração (FIA) e da Fundação Getúlio Vargas (FGV), responsáveis respectivamente

pelo Gerenciamento do Monitoramento e Controle do Projeto e da área de Tecnologia, esta também com participação em Esporte.

Os realizadores dos Jogos se confrontam, em linhas gerais, com questões como quais devem ser as ações que o poder público deve executar diretamente e quais devem ser as ações que este poder deve fomentar sua realização pelo Comitê Organizador dos Jogos através do repasse de recursos na forma da lei? Como devem se organizar e se relacionar os diferentes níveis de governo para a realização dos Jogos? As respostas possíveis passam pela hipótese de que quando se trata de serviço já prestado pelo setor público, continua sendo este setor o prestador do serviço na realização dos Jogos; e a recíproca é verdadeira: aqueles serviços específicos dos Jogos são melhor prestados pelo Comitê Organizador. Para auxiliar nestas e noutras questões o COI criou o Olympic Games Knowledge Management (OGKM) como serviço de consultoria e banco de dados sobre boas práticas na realização dos Jogos Olímpicos que serve de referência para todos estes megaeventos.

Previsão e Realização de Legados

O problema de definição, planejamento e acompanhamento de legados é fundamental em megaeventos esportivos, principalmente por parte do poder público. Marcos teóricos importantes são as boas práticas de megaeventos de Barcelona e Torino: quando Barcelona planejou os Jogos no final da década de 1980, não dispunha dos recursos necessários, porém tinha um projeto de cidade o qual o Governo Espanhol viabilizou a fim de apresentar ao Mundo uma nova Barcelona e uma nova Espanha em 1992. (MORAGAS e BOTELLA, 1996). O Rio de Janeiro não tem a revisão de seu Plano Diretor Urbano aprovado pela Câmara Municipal da Cidade, não vigorando na forma da lei um Plano a ser seguido pelo Poder Executivo tanto na gestão cotidiana da Cidade como na realização de megaeventos, o que então viabilizaria maiores legados. Os legados do Pan 2007 são os frutos possíveis deste contexto de realização dos Jogos; dentre os vários legados propostos, podemos citar:

Legado Esportivo

Construção de instalações esportivas permanentes novas. Por exemplo: o Complexo Esportivo da Vila Militar de Deodoro com Hipismo, Tiro, Pentatlo Moderno, Hóquei sobre a Grama e as instalações provisórias de Tiro com Arco, Futebol de 5, Futebol de 7; a Cidade dos Esportes: Arena Multiuso, Parque Aquático, Velódromo; o Estádio João Havelange etc. O Centro Nacional de Tiro e o Centro Nacional de Hipismo são o estado da arte mundial em instalações esportivas destes esportes, sendo superados agora pelas instalações dos Jogos Olímpicos de Pequim. O delegado técnico da Federação Internacional de Tiro com Arco descreveu até as instalações provisórias do Tiro com Arco como superiores às dos Jogos Olímpicos anteriores. O Estádio João Havelange foi objeto de uma edição especial do Discovery Channel sobre as grandes e desafiadoras obras de engenharia da contemporaneidade.

Os demais Locais de Competição, os Locais de Treinamento e os Locais de Apoio passaram por reformas que os capacitaram a oferecer nível de serviço olímpico durante os Jogos. Foram comprados 36.000 itens individuais de material esportivo nacional e internacional para os Jogos. O Laboratório de Controle de Dopagem do Ladedec do Instituto de Química da UFRJ foi modernizado num nível olímpico e suas equipes técnicas treinadas e atualizadas aqui e no exterior.

A realização do Pan 2007 possibilitou a captação de eventos prévios e posteriores aos próprios Jogos Pan-americanos e Parapan-americanos, como o Campeonato Mundial Militar de Pentatlo Moderno, o Campeonato Pan-americano de Tiro com Arco, etapa da Copa do Mundo de Tiro, os Jogos Mundiais Militares 2011 etc., além de sediar campeonatos nacionais de várias modalidades. As equipes nacionais e os parceiros públicos e privados, voluntários etc. - perfazendo no Pan 2007 cerca de 80.000 credenciados -, passaram por um processo de aprendizado para a operação de novos eventos esportivos para o Rio de Janeiro e o Brasil.

A experiência do Pan 2007 foi transferida para a candidatura aos Jogos Olímpicos de 2016, no planejamento do Campeonato Mundial de Futebol de 2014 e na organização dos Jogos Mundiais Militares de 2011.

Legado de Transporte

Com a integração metrô-ônibus até a Barra da Tijuca, oficialmente chamada de Metrô de Superfície, tem-se uma forma mais confortável de transporte coletivo para aquela região da cidade do Rio de Janeiro.

Legado de Tráfego

Durante o Pan 2007 foram testadas soluções que viabilizaram ao carioca um transporte com menor densidade e que recuperam propostas para solucionar o trânsito do Rio de Janeiro, contempladas no projeto de candidatura aos Jogos de 2016.

Legado de Telecomunicações

A contratação da Athos Origin, responsável pela área de Tecnologia dos Jogos Olímpicos possibilitou que equipes nacionais adquirissem expertise em nível olímpico na realização dos respectivos serviços.

Legado Social

Houve maximização dos programas sociais do Governo Federal nas comunidades próximas aos locais de competição: Escola Aberta, Segundo Tempo, Brasil Alfabetizado, Bolsa Família, Pontos de Cultura, Saúde da Família, Pró-Jovem, Guias Cívicos, Esporte e Lazer da Cidade, Projetos Esportivos Sociais, Apoio a investimentos sociais de empresas, Fundo Social, Saneamento para Todos, Fome Zero, Rocinha II.

Legado de Segurança

Foram adquiridos 1.457 novos veículos; 24 aeronaves; 10.577 unidades de armamento letais; 18 mil rádios fixos, móveis e portáteis. A maioria destes equipamentos permaneceu no Rio de Janeiro. Durante a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Eco 92) a segurança carioca obteve equipamento de radiocomunicação analógico atualizado; com o Pan 2007 as forças de segurança carioca e fluminense atualizaram seus equipamentos para tecnologia digital o que inviabiliza o grampeamento.

Legado de Habitação

A construção da Vila Pan-americana ofereceu 1.440 novas unidades habitacionais na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro.

Legado de Conhecimentos

Conhecimentos foram acumulados na organização de um megaevento esportivo no País que vai sediar a Copa de 2014 e é candidato aos Jogos Olímpicos de 2016; no acúmulo de dados pela Fundação Instituto de Administração e pela Fundação Getúlio Vargas; no treinamento do Ladetec na UFRJ; no investimento no Instituto de

Química da UFRJ, na Escola de Educação Física do Exército, no VI Fórum Olímpico, no Congresso Médico da Organização Desportiva Pan-americana (ODEPA), no II Seminário de Estudos Olímpicos, no Seminário de Gestão de Legado de Megaeventos Esportivos, na viabilização da participação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, do Conselho Federal de Educação Física e das Comissões Desportivas Militares no Programa de Observadores do Pan 2007.

Legado de Imagem

A afirmação do Presidente da ODEPA bem representa o sentimento dos 42 Países participantes do Pan e dos 26 participantes do Parapan “O Rio celebrou os melhores Pan-americanos da História!” Os Jogos contribuíram para a melhoria da auto-estima do carioca e do brasileiro, para a demarcação internacional do Rio como “Cidade do Esporte”, com o possível incremento futuro do turismo e pela afirmação do Brasil como um País realizador e bem-sucedido.

Legado de Emoções

A consagração do Brasil com seu 3º lugar nos Jogos Pan-Americanos e o 1º lugar nos Jogos Parapan-Americanos; com a alegria e o bem-estar dos que neles trabalharam, daqueles que os assistiram e daqueles que neles competiram.

Legado de Cultura

Com a passagem do revezamento da Tocha em 51 Cidades brasileiras; com os estudos e publicações sobre o Pan 2007 e a cobertura da imprensa; com a realização de Fóruns e Seminários.

Considerações finais

As previsões e as realizações de legados resultam num conjunto de questionamentos finais: quais devem ser as referências que o Comitê Olímpico Nacional, o Governo Federal, o Governo Estadual, o Governo Municipal e a sociedade civil devem levar em consideração para a candidatura e realização dos Jogos? São as referências as mesmas para cada um dos parceiros? Os legados devem ser planejados desde a fase de candidatura? Este planejamento deve se referir somente aos legados tangíveis ou também aos intangíveis? Quem pode fazer isto: o Comitê Olímpico Nacional, o Governo Federal, o Governo Estadual, o Governo Municipal ou a sociedade civil?

A título de rascunho e com base na experiência empírica, pode-se sugerir finalmente que cabe ao Comitê Olímpico Nacional o planejamento dos aspectos eminentemente esportivos da candidatura e a articulação dos demais aspectos não-esportivos que nela incidem. Mas seriam os poderes públicos municipal e estadual, os portadores do projeto de cidade e de estado e os responsáveis pelo planejamento daquilo que a cidade e o estado se transformariam a partir dos Jogos.

Neste contexto, o nível federal de governo seria o grande articulador e fomentador do processo e o grande financiador das transformações advindas da realização do megaevento. À sociedade civil cabe construir os meios de expressar suas necessidades tangíveis e intangíveis e sensibilizar os setores públicos e privados para o entendimento e atendimento de suas demandas.

Referências

LANDRY, F. & YERLES, M. (Eds) Sport, the Third Millenium. Quebec: Les Presses de la Université Laval, 1991, pp. 240-310.

MORAGAS, M. e BOTELLA, M. (Orgs.) Las claves del êxito: impactos sociales, deportivos, económicos y comunicativos de Barcelona '92. Barcelona: Centro de Estudios Olímpicos y del Deporte, 1996.

4 - Pesquisas de Percepção e Imaginário Pan 2007 e Exterior *Research on Perception and on the Imaginary*

Legado Político dos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro: O Imaginário do Pan

**Nilda Teves Ferreira
Vera L M Costa
Universidade Gama Filho**

Political legacy of the Rio de Janeiro Pan-American Games: the imaginary of the Games *This research used pieces of the official advertising of the sponsors and collaborators of the 2007 Pan American Games. The recurrent images linked the social and personal dimensions of the sports heroes to persuasive and communicative strategies for the appreciation of sports, to the image that enhances the State and to ideals of liberalism.*

Polissêmico, o Brasil é parte dessa aventura que devemos compreender para enfrentar os dilemas do futuro. No vasto Maracanã da complexidade que é o Brasil tenho amigos e torcedores. (Edgar Morin).

O presente trabalho resulta de pesquisa qualitativa de cunho antropológico/filosófico mediante análise sobre as marcas persuasivas da publicidade jornalísticas do Pan. Procurou explicitar elementos simbólicos constituintes do Imaginário Social dos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro. Procurou identificar nas imagens discursivas operadas em jornais e revistas, os mitos e as ideologias como elementos persuasivos desses discursos. Recorremos às contribuições teóricas de Geertz, Durand, Lefebvre, Bachelard e Sahlins.

Historicamente os Jogos Pan-Americanos são disputados a cada 4 (quatro) anos pelos países dos continentes americanos, sempre um ano antes dos Jogos Olímpicos, com a finalidade de integrar o desenvolvimento esportivo desses países. Apresentam-se como a principal manifestação esportiva do Movimento Esportivo Pan-Americano e são dirigidos pela Organización Deportiva Panamericana - ODEPA - (TUBINO, TUBINO e GARRIDO, 2007). Trata-se de uma versão dos Jogos Olímpicos em que se incluem alguns esportes da cultura do país em cuja sede se realizam. O Brasil sediou esses Jogos pela segunda vez: os IV Jogos Pan-Americanos em 1963, na cidade de São Paulo e em 2007, os XV Jogos na cidade do Rio de Janeiro.

Investigar sobre o legado do Pan à sociedade brasileira vai além dos recursos materiais registrados na contabilidade social do evento. Passa por um “inventário” dos investimentos simbólicos utilizados para a mobilização de corpos, corações e mentes na direção dos XV Jogos Pan Americanos do Rio de Janeiro.

Analisar a trama desse legado no Imaginário Social do município do Rio de Janeiro é o objetivo deste trabalho. O material utilizado para nossa pesquisa fez parte da propaganda oficial de patrocinadores, colaboradores do evento e a letra da música-tema “Viva essa Energia”. Esse material deu origem ao corpus de análise que

permitiu compreender algumas das condições de produção no funcionamento dos textos e identificar pilares míticos e ideológicos presentes em seus discursos¹.

Imaginário Social enquanto amálgama de sentidos

Na linha do tempo das ciências sociais tangenciadas pelas ciências naturais no século passado a lógica matemática serve como cunha para investigações no campo do Imaginário Social. Com o Princípio da Incompletude de Göbel² resgatou-se o papel da analogia e da metáfora. O que se pensava serem figuras de linguagem próprias à literatura, à poesia, afirmou-se como uma estratégia metodológica para as ciências humanas. A metáfora enquanto uma realidade se constituiu como “síntese da multiplicidade do diverso “funde explicações e expande sentidos. Alegorias, metáforas e analogias como recursos discursivos contribuem para re-ligarem linguagens de sistemas diferentes, e aparentemente incoerentes, em outra linguagem que os ultrapasse e contribua para sua explicação. Abordagens compreensivas como as que remetem ao Imaginário Social, oferecem aos cientistas e pensadores sociais contribuições à compreensão de processos reguladores, que perpassam estruturas normativas da vida em sociedade. A exploração dos reais intangíveis das sociedades demanda investigações sobre aquilo que tem força, que impele, mas que se encontra em outras instâncias do saber que ultrapassam a percepção direta dos indivíduos. O Imaginário Social, enquanto rede de sentidos consiste em ligar símbolos (significantes) a significados (representações, ordens, injunções ou incitações para fazer ou não fazer, consequências e significações, no sentido amplo do termo) e fazê-los valer como tais, ou seja, é tornar esta ligação mais ou menos forçosa para a sociedade ou grupo considerado. Esses sistemas sancionados resultam das atividades da razão e da imaginação. Neles aparecem crenças, fantasias, sonhos e interesses, raciocínios e intuições, uma gama de elementos fundantes do processo de simbolização. Significa dizer que, após tantos anos de cientificismo, abordagens metodológicas, até então, consideradas nefastas à busca da verdade, estão ganhando espaço no universo acadêmico. Estudos e pesquisas sobre a organização e o mundo das crenças nas sociedades modernas apontam para a dimensão simbólica nas redes sociais. Nessas metodologias os acontecimentos são vistos mediante recortes da realidade, aparentemente homogênea.

O Imaginário Social é um fragmento da realidade social. Como um amálgama de sentidos, ele institui, histórica e culturalmente, o conjunto das interpretações das experiências individuais vividas e construídas coletivamente. Essa rede de sentidos matrícia, sob diversos aspectos, a conduta coletiva, na medida em que valores, normas e interdições, como códigos coletivos, são internalizados, apropriados pelos agentes sociais. Códigos que exprimem necessidades, interesses, expectativas conscientes e inconsciência dos indivíduos. Eles apontam para além das necessidades objetivas, falam dos desejos e das fantasias que conferem ao objeto uma dupla realidade: real e imaginária. A apropriação e a incorporação desses códigos obedecem ao suposto princípio da satisfação. Segundo Henri Lefebvre (1991), é graças a isso que as organizações modernas se efetivam sem,

1 - Foram analisados os jornais O Globo; Folha de São Paulo e Lance no período de 06 de julho a 05 de agosto de 2007.

2 - Kurt Göbel, eminente matemático amigo de Einstein criou o teorema da incompletude com grande repercussão no pensamento científico.

necessariamente, o recurso da coerção física das pessoas para fazê-las obedecer às imposições pessoais. Mediante a produção de bens simbólicos, sua difusão e competente propaganda, torna-se possível orientar, para não dizer, canalizar, a adesão emocional das pessoas às coisas que elas precisam consumir. Como produção discursiva, o Imaginário Social fala mediante diferentes linguagens, enunciativas, sonoras, pictóricas. Suas falas assumem dimensão religiosa, míticas, filosófica, política, arquitetônica. Nessas linguagens mais diversas, onde estão presentes a metáfora e a metonímia, a alegoria, buscam-se os sentidos dos textos, das coisas, das imagens e dos gestos. Os corpos, os objetos, falam, têm suas lógicas próprias do dizer na medida em que são produções sociais. São formas de expressão que nos remetem ao campo do dizível e do indizível, do óbvio e do mistério, do visível e do invisível, dos sonhos e dos desejos, do conhecimento e da ação. Investigar o imaginário social de um grupo é propor-se a dialogar com seu mistério, com suas crenças mais profundas. Metaforicamente podemos dizer que ele é o locus onde se ancoram as representações sociais. Acessá-lo significa admitir a possibilidade da surpresa, a presença da sombra. Seria então um conhecimento hermético? Muitos assim pensariam, mas pode-se adiantar que não se trata de nenhum hermetismo, mas sim, como qualquer estudo na esfera simbólica, ele é passível de decifração. Como diz Ginzburg (1980), isso vai depender de um rigoroso trabalho de seguir pistas e fazer conjecturas possíveis. À semelhança de Moreli, Freud e Sherlock Holmes é possível desvendar os segredos, os enigmas, os subsolos das aparências.

Pesquisar nesse campo é contar com a inseparabilidade entre o conhecimento e a ignorância. Apreender seus sentidos significa percorrer caminhos sinuosos da linguagem na busca daquilo que se mostra /ocultando, afirma /negando, enuncia /silenciando. Investigá-lo significa adentrar pelas vias das linguagens, admiti-lo como algo que se institui /instituindo sentido à vida humana. A partir desse enfoque é possível dizer que investigar sobre do legado do Pan é considerar documento enquanto monumento, é contar com um Imaginário Social presente nos textos, é trabalhar com metodologias que incluem diferentes imagens como elementos do processo de construção do conhecimento, é adentrar pelas vias das linguagens na procura de mitos e ideologias ali presentes.

Nas trilhas do Imaginário do Pan

Existe hoje uma farta bibliografia sobre mitos e ideologias. Da Antropologia à Psicanálise o caminho é denso. Para não sair do escopo desse trabalho, aceitamos a concepção de mito se institui como um sistema estruturado de representação. Socialmente produzido, o mito reflete as distribuições e práticas sociais de uma cultura, sempre em confronto com a organização social da qual faz parte. O mesmo processo acontece com o conceito de ideologia. Conceito vasto e polêmico remete a múltiplas concepções. No emaranhado de metodologias, optou-se pela contribuição da Análise do Discurso, desenvolvida por Michel Pêcheux nos anos 60 na França. No Brasil, sua representante mais eminente é a professora Eni Orlandi. Em sua robusta produção, a autora afirma que, para a análise do discurso não existe coincidência. Todo discurso carrega uma ideologia, e é no discurso que ela se materializa. (Orlandi, 2006).

Caminhando no corpus de análise

Foram explicitadas no modo de produção de sentidos dos discursos marcas usadas como estratégias comunicativas persuasivas na direção da valorização do esporte, da imagem enaltecida do estado, dos ideais do liberalismo, e a temática da energia. Dentre essas estratégias encontramos música-tema, logomarca e mascote que viabilizaram torná-las o espelho da alma coletiva, favorecendo o uso das emoções daqueles que foram tocados por essa cultura “Pan”, termo abreviado dos XV Jogos Pan-Americanos, cunhado na intimidade que o carioca³ costuma tratar seus hóspedes.

Viva Essa Energia – Música tema do Pan

A música-tema dos Jogos Pan-Americanos, de autoria de Arnaldo Antunes e Liminha, nos fala, em seu primeiro refrão, dessa narrativa imaginária que nos coloca diante da dimensão poética de um vínculo com o passado como origem, um passado que se mantém vivo sempre em tempo presente, dando sentido ao novo mundo, a América.

*“No dia em que o céu beijou o mar
Fazendo a cama pro sol deitar
A noite veio cobrindo devagar
Com seu manto de luar
Ali foi gerado o novo dia
Trazendo pra terra a energia
Dando vida nova ao novo mundo
Ao som do mar e à luz do céu profundo”*

Segundo Bachelard (1994) as imagens poéticas podem ser o germe de um mundo, neste caso de um mundo de alegria, de crenças e esperança, determinados por componentes afetivos e sensíveis em detrimento das lógicas racionalizadas. Tal narrativa, de um tempo em que só o céu e o mar existiam, apresenta com elemento principal, o sol, que vai comandar toda a linguagem da música-tema com a ampliação do sentido original de estrela de luz para a vida nova e a energia. Trata-se de uma expressão do mito fundador da América que resolve, pelas vias do imaginário, as tensões que produzem as contradições da realidade do continente. A idéia de uma unidade fraterna, de irmãos de línguas espanhola e portuguesa, que nos permite mergulhar na cultura e descobrir que os universos de diferenças, que se constatam pelos diferentes povos, podem ser entrecruzados pelas subjetividades de seus habitantes e pela comunicação vivenciada no esporte.

O mito fundador, segundo Chauí (2000), um instante originário e imaginário do passado que se mantém vivo, é aquele que encontra novos meios de se exprimir, novas linguagens que manifestam a repetição de si mesmo. Nesse caso a geração do despertar da terra para o paraíso terrestre idealizado no novo mundo – a América. E aqui fala pela poesia do autor.

A força criadora do mito original presente na letra da música carrega no refrão “viva essa energia!”, inscrevendo-a na corporeidade dos seres dos atletas e de torcedores. Há uma tessitura original que suscita “todo mundo junto pra jogar”, pra “pular”, pra “vibrar”. Uma ode aos corpos nos quais essas imagens se inscrevem e se tornam a própria escritura do jogar, do pular, do vibrar. Adiante solicita o recurso à imagem original de “todo mundo junto como o céu e o mar”, cuja força sempre renovada traz

3 - Dos que nasceram na cidade do Rio de Janeiro ou dos que a escolheram para morar e encher de vida a cidade. Carioca, segundo o escritor Fernando Sabino, é um estado de espírito brincalhão, carinhoso.

a sensualidade do encontro com o outro; a ação de uma força em nós como consciência de uma transformação íntima, tal como pensou Bachelard (1990). Remete ainda à reunião de pessoas de diferentes etnias: brancos, ibéricos, filhos de indígenas da América pré e pós-colombiana (incas, aztecas, yanomamis, tupis, comanches, pataxós, apaches e guaranis), negros trazidos como escravos da África (ketu e angola, jeje nagô e yorubá) e outros vindos do oriente, referindo-se à integração que paira sob o manto do ideário olímpico.

Mas “todos vieram à beira da praia pra saudaro amor de Guaracy e Yemanjá”. Todos se reúnem para cultuarem uma das manifestações da Grande Mãe como Iemanjá, a deusa ancestral das águas, Senhora do Mar, culto trazido pelos escravos para o Brasil, Cuba e Haiti. Reverenciam o princípio gerador receptivo, a matriz dos poderes da água, a representação do eterno e sagrado feminino, protetora e nutridora, mãe primeira que sustenta, acalenta e mitiga o sofrimento dos seus filhos de fé. Reverenciam os poderes criadores divinos manifestados através de Guaracy, o Sol que, juntos, geraram o amor, e por extensão, os habitantes da América. Guaracy era a manifestação visível do princípio masculino.

Música e letra tomaram conta das torcidas dos estádios. O tema sempre repetido durante os espetáculos foi se apoderando dos torcedores e inscrevendo-se em seus imaginários, produzindo sentidos de quem vence é o mais forte, o mais apto, o mais esforçado. As chances são dadas a todos. No pano de fundo da ideologia liberal está o ideário de liberdade, justiça, competência, mérito. O esporte aparece com a função simbólica de substituição das lutas, das guerras, das contradições. As linguagens dos gestos, das emoções, da estética, das paixões por ele suscitada exaltam e sublimam os grandes momentos criando e recriando, a cada instante o imaginário esportivo, o imaginário dos deuses, dos heróis, dos entusiasmados seres que reúnem força-beleza-saúde, simbolizado pelo mito grego de Apolo, e hoje fazem e vivem o espetáculo esportivo (poética forte, primordial, de liberação das emoções, do humano do homem). Como legado procura registrar na memória dos envolvidos com o evento – homens, mulheres, crianças, idosos, portadores de necessidades especiais, ricos ou pobres, teremos, o refrão que demanda viver essa energia fazendo dos dias que se seguem uma extensão do tempo da existência dos Jogos. Tornando hegemônica oculta as diferenças, as perdas, as lágrimas, as frustrações e todos aqueles excluídos por suas condições sócio-econômicas-biológicas. Canta a alegria ao mesmo tempo que oculta a dor, o sofrimento. Ser feliz, poder participar dos jogos – direta ou indiretamente confunde-se com estar bem consigo mesmo, na cidade, no mundo. Jogar nas mais diferentes modalidades passa a ser o imperativo categórico do evento.

A Logomarca



A logomarca dos XV Jogos Pan-Americanos Rio 2007 remete aos movimentos e ângulos de todos os esportes, ao arrojado do vôo e da superação, à precisão da dança, ao conceito de equipe, à concentração em torno de um objetivo, ao mergulho em busca da conquista e à explosão da festa vitória. A figura do pássaro, seu elemento-chave, é inspirada nos recortes da paisagem do Rio e tem no seu contorno o Pão de Açúcar, um dos cartões-postais da cidade. A repetição desse elemento, em movimento, com várias cores, dimensões e posições, representa a igualdade na reunião das várias culturas das Américas, irmanadas e integradas, vividas por atletas ou não.

A cidade do Rio de Janeiro representa o lugar ideal para os heróis, os vencedores, aqueles que podem representar o país em qualquer lugar do mundo. O discurso imagético remete a metáforas de honra, determinação, coragem, persistência, confiança, determinação, atributos daqueles que conseguem alcançar o pódio. A cidade aparece como o lugar de luz, glória, força, paz, enfim, o paraíso dos homens vitoriosos, cujas conquistas devem aos próprios esforços e/ou a seus patrocinadores. A contribuição social, base dos desempenhos individuais é silenciada em nome do discurso glorificador aos atletas. Em diferentes discursos ser atleta é conquista pessoal.

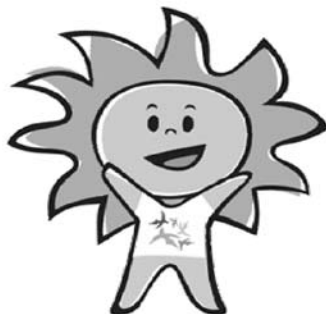
A imagem da logomarca carrega os sentidos de festividade, alegria e diversificação. Vivida em sua marca dinâmica do vôo suscita leveza e verticalidade, ascensionalidade, própria das performances alcançadas nas práticas esportivas.

Vale dizer que a criação da logomarca deve-se a dois grandes designers: Ney Valle e Cláudia Gamboa. Da combinação desses dois artistas resulta uma imagem de grande impacto, pois conjuga um símbolo de forte carga emocional com um logotipo racional/tecnológico, no mesmo equilíbrio dinâmico em que essas duas vertentes coexistem no esporte atualmente.

A tipologia do nome "RIO 2007" traz a modernidade da linguagem digital dos cronômetros e placares presentes nas competições. A alternância das cores preta e branca remete aos calçadões da orla do Rio de Janeiro.

Com toda a carga conceitual da marca XV Jogos Parapan-americanos Rio 2007, a logomarca dos Jogos representa a Cidade-Sede – o ponto de partida do símbolo é o Pão de Açúcar, alusão aos conceitos do esporte e do espírito olímpico. Ao mesmo tempo, transmite aos Jogos a personalidade festiva e diversificada da nossa cultura, resultando em uma marca expressiva, que trabalha brasilidade, alegria e esportividade. Nesta marca estão presentes também o espírito de equipe e a união em torno do mesmo objetivo: a festa da vitória.

O Mascote



Cauê é alegre, esportista e apreciador de todas as modalidades de Rio 2007. Respeitador da natureza. Um símbolo que tem a cara da “cidade maravilhosa”, conhecida em todo o mundo por sua alegria, calor e pela hospitalidade.

Representante dos ideais olímpicos compreende também todas as línguas das Américas. Além disso, pela primeira vez na história dos Jogos a mesma mascote integrou os Jogos Pan-Americanos e Parapan-Americanos num exemplo prático dos valores olímpicos de igualdade e não discriminação. O nome Cauê vem do Tupi, é um nome próprio, possivelmente derivado de auê, uma saudação que nesta língua indígena significa salve! Em dicionários de nome próprios significa homem bondoso que age com inteligência. Alguns escritores afirmam ainda, que Cauê é uma bebida tupi (Kawi) que confere poderes de bondade e sabedoria.

Faz parte de uma lenda que evoca a mistura de raças no Brasil e a colonização do Rio de Janeiro. Cauê seria filho de uma branca (a francesa Amanda) e do cacique Ararê, alegre, esportista, bom anfitrião, amigo.

O sol, fonte de luz e de calor, é presença universal e principalmente em todas as culturas americanas (maia, azteca, inca, indígena brasileira e norte americana). Traz a simbologia do fogo, do princípio da vida, um princípio ativo com tendência para o alto, para cima, contrariando a gravidade, uma visão ardente. Como diz Bachelard (1999), ele brilha no paraíso e abrasa no inferno, é doçura e tortura.

O sol simboliza a imortalidade: “morre” todas as tardes, quando chega a noite, para ressurgir na manhã seguinte vibrante. O ciclo vida-morte-renascimento reforça o símbolo da ressurreição. Essa dualidade imortalidade/ressurreição reforça o drama esportivo em que a cada confronto, recordes são batidos, resultados são obtidos, mortos, enquanto outros ressurgem para reinarem até o surgimento de outra marca. O conhecimento intelectual irradiado pela presença do sol demanda a inteligência e aguça a consciência dos limites. Representa na mitologia grega o deus Apolo.

O slogan “Viva essa energia” complementa os sentidos que Cauê promove no imaginário.

As análises das publicidades (Petrobras, Caixa Econômica, Skol, Visa, Sadia, Olympicus, Oi e Prefeitura e Estado do Rio de Janeiro) presentes nos principais jornais que circularam na cidade nos conduziram às seguintes interpretações: o esporte como redentor e o esporte/energia/tecnologia.

O Esporte como Redentor

As imagens recorrentes ao Esporte/Atleta articulam as dimensões social e pessoal dos heróis esportivos. Remetem ao sentido de um caminho capaz de unir os povos, transformar diferenças em respeito, difundir esperanças, desenvolver o sentimento de pertencimento a uma Nação. Enfatizam as idéias de paz, de alegria, de festa, de êxtase. Esboçam o “paraíso perdido”, a harmonia, o amor ao próximo, o respeito, a convivência pacífica, o fim das desigualdades sociais que pode e deve ser recuperado. Trata-se de imagens que o discurso propagandístico reforça como ideário do Homem Natural rousseauiano, criatura solitária, onde o outro lhe era inconveniente, preocupa-se apenas com suas próprias necessidades. Diferente dos outros animais descobre sua maior faculdade: é capaz de aperfeiçoar-se. A crença de que a bondade humana aflora desde que as condições externas se modifiquem, que a educação, neste caso o esporte, contribua para isso. “A tranquilidade das

paixões e a ignorância dos vícios o impedem de agir mal”⁴ [Rousseau, 1991:252]. Assim, sua perfectabilidade lhe permite reagir em função das circunstâncias que lhe são adversas. No ideário do Pan, esse conceito rousseauiano de perfectabilidade reaparece, mas agora como um pressuposto do País do Esporte.

Educação/Esporte ancoram a recuperação da “inocência perdida” nos caminhos sinuosos da nossa formação social. Mas a ênfase no olhar contractualista de Rosseau, silencia o discurso de Hobbes o homem não é bom, generoso e puro por natureza. Existem três causas que favorecem as discórdias entre eles: a competição, a desconfiança e a glória. Tudo aquilo que faz do homem o lobo do homem. Diz o teórico do Princípio do Estado: “os homens vivem sem um poder comum capaz de os manter a todos em respeito, eles se encontram naquela condição a que se chama guerra” (Hobbes, 1974, p.79). Defende idéia da criação do poder centralizador, forte, soberano capaz de a todos submeter para poder governo. Pode-se imaginar que a utilização do esporte sob o ideário higienista, representou um dos veículos dessa subordinação. Enquanto o discurso hobesiano remete o Esporte à subordinação do estado forte, o discurso rousseauiano resgata um naturalismo redentor e, assim, silencia as contradições reais da sociedade.

Visto como meio capaz de redimir a humanidade de seus erros, de sua ganância, das desigualdades entre irmãos, o esporte aparece como saneador das mazelas físicas e morais da sociedade. Como o demiurgo platônico⁵, poderá elevar os homens do mundo das sombras ao mundo das Luzes. O corpo do esportista é mostrado como veículo de saúde, mas também como elemento de sociabilidade⁶. Enquanto corpo próprio o Atleta é seu corpo, seu referencial absoluto no mundo, seu veículo de prazer e de sofrimento. Por sua condição humana torna-se ágil, forte, destemido, veloz. Quanto às limitações da velhice, admite Rousseau (1991) que elas resultam do modo de vida imposto pelas desigualdades sociais e na maneira de viver. Abre assim espaço para a defesa da qualidade de vida que passa pela autonomia do corpo, capacidade de autodeterminação, de locomoção, de escolhas possíveis ao seu estado físico.

Assim, a imagem do Esporte/Atleta conjuga os ideais do Homem dos novos tempos: saudável, corajoso, desbravador, empreendedor, inovador, competente, democrático, comprometido com os ideais de desenvolvimento da sociedade, do mundo. Pensa e age de forma ecologicamente correta. Essa imagem do homem/atleta remete ao deslocamento de sentido das práticas cotidianas da vida privada (Oikós)⁷ para a dimensão da vida pública (Polis)⁸. Enquanto discurso persuasivo dos valores de uma nova era, de um mundo globalizado, sem fronteiras, onde tudo pode ser oferecido a todos, não deixa de ser uma utopia brechteniana⁹, a crença da sociedade possível em outro lugar, outro thopos, onde se pode construir e realizar desejos, sonhos, arte, e, efetivamente, justiça.

A idéia de superação – tão presente nos discursos analisados, remete à possibilidade do corpo do atleta vencer seus próprios limites físicos, assim como as desigualdades sociais, étnicas, culturais. Nesse sentido o esporte aparece como uma grande contribuição para a eliminação de barreiras simbólicas existentes nas sociedades

4 - Rousseau - teórico do Contrato Social

5 - Demiurgo – imagem simbólica no discurso platônico como o organizador supremo do mundo.

6 - Sociabilidade - se refere geralmente a situações lúdicas em que há congraçamento e confraternização entre as pessoas.

7 - Oikós - o espaço da vida privada o governo da casa.

8 - Polis – idéia grega do espaço público.

9 - Utopia no sentido de Ernst Brecht – Ver o livro Pedagogia da Esperança de Pierre Furter.

modernas: os melhores, os piores, os que conseguem e os que não conseguem, todos se reúnem e caminham na mesma direção. A idéia de harmonia entre os homens, presente nos discursos analisados pressupõe a eliminação dessas fronteiras criadas pelo próprio homem através de sua errância em nosso planeta. Nesse sentido a imagem de superação divulga o ideal de igualdade entre os homens sem anular, apagar as diferenças individuais. A explicitação dessas diferenças localizadas no corpo do Atleta pode silenciar as condições objetivas de vida desse mesmo atleta. As diferenças físicas não se confundem com as diferenças sociais. Neste caso elas são balizadas em organizações nem sempre justas. Ao passo que as diferenças pessoais remetem à alteridade, à especificidade, à singularidade de cada ser humano. A divulgação desses valores é, sem dúvida, um dos legados do Pan à sociedade. Cada um é capaz de superar suas barreiras mediante o esforço que for capaz de suportar, desde que, tenha o apoio social que necessita. Não se trata de um legado de políticas públicas assistenciais, mas de um teor filosófico de justiça social.

Junto ao apelo ao esforço, a energia dos indivíduos aparece de forma acentuada às conquistas tecnológicas. Os atores nos cenários dos Jogos têm como “parceira” a tecnologia, elemento multiplicador de sua força, de sua energia, de sua capacidade de vencer desafios. Nesse sentido o atleta de hoje não dispõe somente de seu corpo, da sua competência e da cumplicidade de seu treinador. A tecnologia está presente como suporte que faz do corpo do atleta um telão de merchandise, vendendo produtos e patrocínios. São imagens que evidenciam a tecnologia como pilar de sustentação do desempenho das conquistas dos atletas. Seu marketing¹⁰ pessoal, a sociabilidade que se espera dele, carreira junto tênis, malhas “flutuantes”, permitem vôos, mergulhos, saltos inimagináveis - elementos instituintes do imaginário do Super Homem, do pós-humano¹¹. Não se trata somente do corpo biologicamente formado, mas da adesão desse corpo à produção resultantes do desenvolvimento da ciência e da tecnologia. A sociedade moderna instituiu um nicho de mercado próprio ao esporte como negócio. Aqueles que desejam fazer parte dessa tribo precisam recorrer às mais modernas conquistas da ciência e da tecnologia se quiserem ter consagrados seus resultados e se manterem em alta na mídia. Significa dizer que o corpo do atleta, enquanto modelo de perfectibilidade, vai além de si mesmo, aproximando-o cada vez mais das figuras mágicas dos desenhos animados – o herói.

A ideologia liberal evidencia /silencia o esforço de um discurso estruturante para o funcionamento da nova sociedade onde o esporte é capaz de organizar e direcionar uma nova sociabilidade para este século. Ancora, assim, o favorecimento de uma ética discursiva mediante o pressuposto que o esporte é elemento basilar na construção desse novo edifício: uma sociedade onde os homens possam competir em igualdade de condições e os melhores possam vencer sem constrangimentos. Aquele que traz em si o potencial de perfectibilidade, capaz de desenvolver-se e conseguir chegar ao topo da montanha. Enquanto figura mítica, a metáfora da montanha, de múltiplos sentidos, traz em si a idéia de elevação, de direção para o alto, para o céu. No entanto esse mito, enquanto elemento ideológico oculta a idéia do homem como ser histórico/econômico/social. O desejo de harmonia a partir da convivência esportiva vai de encontro com a idéia de competição que o próprio evento produz. O pano

10 - Marketing pessoal – exige do Atleta conhecimento das novas tendências. Competir o tempo todo na para não perder seu lugar no futuro.

11 - Ver o livro de Jair Santos - Pós Humano

de fundo é da auto-superação na luta para ultrapassar os recordes já conseguidos. O Outro está silenciado nessa luta do homem consigo mesmo. O esporte, mesmo orientado nos princípios cooperativos, educacionais, traz em si mesmo essa contradição: seus atores, atletas ou não, ali estão disputando o melhor resultado. Cabe questionar que motivos levam esses seres humanos a suportar uma série de sacrifícios, sofrimentos, frustrações, desencantos, dores físicas e psíquicas, mas não desistirem dos seus objetivos que só podem ser verificados em competições.

O desejo humano da imortalidade - já os gregos deixaram registros de como enfrentavam a idéia da morte sem, contudo, deixar de valorizar a vida neste mundo. Acreditavam no destino, na fatalidade, no entanto, sem esmorecer seu ânimo pela vida. Talvez, por isso, pela valorização da vida, que o pensador Burckhardt (1975) vá dizer que procede dos gregos o espírito agônico, na medida em que procuram conciliar a convicção da fatalidade (a morte), a impossibilidade de fugir à trama do destino (a moira), com o sentido de liberdade. Sabedores da implacabilidade do destino e da possibilidade da fatalidade em suas vidas alimentavam o sonho de superar estas limitações pelo esforço feito para alcançar o sucesso. Sim, o sucesso dependia do capricho dos deuses, mas que não aconteceria sem o esforço do homem.

Nas relações com os homens, a estes cabia buscar a maneira própria de “jogar” com os deuses, sem poderem contrariá-los, haveriam de descobrir a forma de envolvê-los em suas empreitadas a fim de dispor da sua boa vontade em ajudá-los. Difícil saber, mas os discursos examinados durante a pesquisa a idéia de esporte apela para o imaginário ocidental cristão: “faça que eu lhe ajudarei”. Há uma presença sobrenatural suportando o lutador. Nesse sentido esses discursos afastam-se da idéia de destino. Busca persuadir as massas que pelo esforço, pela auto-superação, qualquer um pode vencer. A idéia de superação de seu destino de perdedor remete à trama simbólica do livre arbítrio: a escolha é de cada um. Vencer aparece como algo que só depende da determinação, da força de vontade, do esforço de cada um. Nesse sentido, a vitória nos Jogos hoje se distancia da vitória grega, a ausência da atuação divina diretamente nas perdas e conquistas. Os deuses não conspiram mais, deixam aqueles que lutam perder ou vencer. Mas não é esse o pilar de sustentação do liberalismo? Que vença o mais apto, o mais hábil, o mais competente, o mais forte, o mais esforçado, enfim, o melhor.

O Esporte / Energia / Tecnologia

Uma imagem recorrente nos discursos analisados é a do vento. Dentre as várias conotações, a imagem de vento remete ao sentido de força da natureza, inconstância, instabilidade, cegueira, impetuosidade. Vinculado à figura do atleta aparece como vaidade, inconstância. O vento ergue, faz voar, remete a longas distâncias. Será isso que vemos nos saltos, nas corridas, nas lutas quando um jogador arranca seu adversário do chão lançando-o o mais longe possível? Isso não se confunde com o arremessador de dardo. Enfim, em muitos momentos a imagem do vento está presente nos gestos dos atletas, na busca incessante de velocidade, força elementar dos Titãs.

Na tradição islâmica, a função do vento é suporte da águas. E de onde emanam os ventos? Novamente aparece o apelo ao imaginário ocidental cristão com a idéia do elemento na Natureza proveniente da criação divina. Articulado com os movimentos dos atletas o vento é associado à negação do impossível, do ilimitado. A energia humana faz “milagres”, faz o aparecimento do extraordinário, daquilo

que comove pelo seu distanciamento com o comum dos mortais, com a quebra dos limites, negação do impossível. Superando os elementos da natureza, água, terra, ar e fogo, apoiando-se no olhar bachelariano, o esporte leva o atleta à autopercepção de uma energia renovável. Enfim, fortalece-se a crença no ilimitado Humano. Quando direcionamos nossa energia para um sonho, o impossível deixa de existir. A visão demiúrgica do esporte, reforço da onipotência do atleta graças a seus próprios valores: persistência, determinação, entusiasmo, garra, direcionamento de energia, tudo isso suportado pelas conquistas tecnológicas. Esse homem, cujas conquistas tangenciam os caminhos das divindades pode tudo superar, inclusive a miséria do mundo. De certa forma essa imagem remete ao sentido da ideologia liberal de que a soma dos esforços individuais resultará na mudança do mundo, o fim da fome, das misérias, dos desafios que a própria Natureza impõe. Um novo individualismo¹² se enuncia nos discursos da nossa pesquisa: conjugação de esforços individuais e empresariais capazes de levar o bem estar social a um número maior de pessoas. Poder-se-ia questionar se já não está se formando um novo segmento social, uma nova classe média reforçada pela incorporação de atletas que transitam pelo mundo, acumulando verdadeiras fortunas. Será esse sonho a nova magia, a alquimia dessa nova era que, diante das promessas não realizadas pelo Iluminismo, acena com novas crenças de melhores condições de vida para um número maior de pessoas desde que tenham desempenho no esporte. Nesse sentido, o esporte aparece como fetiche¹³.

Estaríamos, então, resgatando a perspectiva cartesiana de ser dono e senhor da natureza. Ideologicamente, como foi dito anteriormente, são idéias que perpassam o ideal liberal, mas por outro lado, visa o resgate na crença no país que caminha para melhores condições econômico-sociais. A energia de cada um para vencer seus próprios limites não será a energia que os países do continente americano precisam para alcançar, e porque não dizer, superar suas metas cada vez mais globais do que locais? Em fração de segundos a energia se transforma em recorde. Passa-se a idéia de que desejo acrescido de esforço e crença permite conter a dimensão do aleatório - próprio de qualquer jogo. Fugir do aleatório leva o esporte como a experiência necessária e suficiente para controlar e combater não só doenças pessoais, mas também mazelas sociais. Enfatiza-se mediante diferentes imagens a idéia da possibilidade do controle de tudo, inclusive a sua capacidade de vencer. Trata-se de um discurso que pressupõe os desempenhos dos indivíduos, esforços ingentes, mas necessários para os projetos de desenvolvimento dos países. Cada um deve buscar a energia que tem em si mesmo para levar o Brasil ao seu pódio. A imagem desse novo lugar do Brasil no mundo tem por base o sentido desenvolvimento sustentável. Um olhar ecologicamente correto em relação ao Homem/natureza passa pela negação do consumo de ergogênicos. Esse é um legado já que esses Jogos foram considerados limpos, onde a tecnologia no corpo não foi detectado. Vale ressaltar que a tecnologia atua hoje em duas dimensões, uso externo e interno ao corpo por meio de esteróides anabolizantes. O esporte, associado à energia, remete à negação do impossível. Evidencia-se aqui o legado da esperança de que tudo pode mudar. Uma mensagem de transformação - ir além das formas existentes. Elevando a auto-estima do povo para que não deixe de acreditar em sua Pátria, em seus companheiros e, principalmente, em si mesmo. Um povo que não acredita na necessidade da miséria ser combatida, que não luta para isso, não busca

12 - O novo individualismo prevê a formação de novas classes médias e nesse caso Atletas bem sucedido já fazem parte dessa classe. Daí o sonho de meninos e jovens pobres verem no esporte a sua "capilaridade social"

13 - Fetiche remete ao simbolismo da magia da fantasia, do valor de uso dos objetos materiais ou virtuais.

a vitória de seus atos, é um povo vencido pela própria natureza. Descartes renasce e acena para o século XXI como se fosse o século XVII, reassumido pelo positivismo: prever para prover. Controlar o corpo para chegar à vitória remete ao sentido da energia de cada um que, bem utilizada, supera desafios e conquista vitórias.

O esporte, fonte de energia, é capaz de unir os povos, transformar diferenças em respeito, esperanças em glórias. Pessoas comuns são transformadas em heróis mediante esforço pessoal, persistência, treinamento e tecnologia poderá se envolver em mantos verde e amarelo. A ideologia no sentido de discurso hegemônico procura passar a imagem de que é possível pensar a paz através do esporte, elemento aglutinador de cidadãos, lugar de diferenças e dos encontros. Pessoas comuns transformadas em heróis. Uma vez tendo persistência, esforço, treinamento e tecnologia será envolvida pelo “manto sagrado” verde e amarelo. É possível pensar a união entre os homens através do esporte, elemento aglutinador de cidadãos, lugar das diferenças e dos encontros.

O discurso pedagógico aponta para a imagem desses heróis, homens comuns, egressos de diferentes segmentos sociais, e que podem servir de exemplo de conduta, de comportamento, de cidadãos que o País precisa para também, alcançar seu Pódio. Aparece uma promessa que o esporte/energia tem poder para ajudar muitos jovens a suportar os desafios de uma sociedade desigual, excludente, e porque não dizer, perversa. Nesse sentido ele é uma válvula de escape para as condições objetivas da sociedade. Dialeticamente, trata-se de um discurso revelador - na medida em que se admite o esporte como elemento de inclusão social significa reconhecer que nossa sociedade é excludente. Explicitado dessa forma, o discurso do esporte/redentor desloca-se do lugar da ficção para o lugar da utopia¹⁴ na medida em que aponta para a necessidade de investimento na crença de que é possível admitir a possibilidade da sociedade ser diferente. Países como EUA e Cuba competirem juntos pode servir de exemplo de harmonia, resultado do esforço de cada um, se não forem consideradas as técnicas e tecnologias utilizadas e os apoios governamentais e da iniciativa privada aos atletas. Fica como desafio analisar as práticas utilizadas nesses países. Os investimentos e o papel que o esporte representa para cada um deles. Reforçam-se antigas crenças na capacidade humana de levar a energia, inclusive a sua a quebrar qualquer limite. Energia e vento são marcas fortemente recorrentes capazes de ir além da própria natureza. Na imagem do mundo, da vida, do esporte, não há lugar para a permanência, para a imobilidade. Ressalta também a crença de que é possível pensar, mesmo que em termos utópicos, em políticas públicas de esporte para todos, em favorecimento de interesses por práticas cooperativas / competitivas em que uma geração possa imaginar-se no pódio, e não apenas alguns eleitos. Afinal, todos são cidadãos. A representação dos Jogos Pan-Americanos no material analisado a figura do Estado/Prefeitura remetem à imagem do esporte enquanto promessa: veículo capaz de congrega as pessoas, fortalecer as instituições, aliviar a sociedade de seus conflitos sociais, fazer a paz. Outro legado deixado pelo imaginário do Pan é o fortalecimento da cultura esportiva no sentido de fair play¹⁵, um legado educativo na medida que pode levar uma mensagem de diferença de conduta contrária a atitudes bárbaras que, freqüentemente, assistimos em jogos nos mais diferentes pontos do planeta. O Rio de Janeiro tornou-se palco dessa promessa – vir a ser a Capital do Esporte. Torna-se desnecessário falar sobre a importância simbólica dessa imagem, não só como orgulho para aqueles que aqui vivem como desejo de visitá-la. Economicamen-

14 - Utopia - vista na perspectiva de poder acontecer em outro lugar.

15 - Fair play – ética, respeito, muita emoção e alegria para os torcedores.

te poderá trazer benefícios para a cidade como um todo, principalmente no turismo, empregos, em segurança, enfim portas para um futuro melhor.

Referências

- BOURDIEU, P. (1989). O poder simbólico. Lisboa. Difel.
- BURCKHARDT, J. (1975). História de la cultura griega. Barcelona: Editoria Ibéria, vol. IV.
- BACHELARD, G. (1990). O ar e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins Fontes.
- _____ (1994). O direito de sonhar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- CHAUÍ, M. (2000). Brasil: mito fundador e autoritário. São Paulo: Fundação
- Campbell, C. (2002). A Ética romântica e o espírito do consumismo moderno. Rio de Janeiro, Rocco.
- DURAND, G. (1988). A imaginação simbólica. São Paulo: Cultrix.
- Ginzburg, C. (1980). Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- HOBBS, T. (1974). Leviatã. São Paulo: Abril Cultural.
- Lefebvre, H. (1991). A vida cotidiana no mundo moderno. São Paulo: Ática.
- ORLANDI, E. P. (2006). Análise do discurso. In: ORLANDI, E. e RODRIGUES, S. L. (org.). Discurso e textualidade. São Paulo: Pontes.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques, (1991). Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. 5. ed., São Paulo: Nova Cultural.
- SABINO, F. (2001). Livro aberto. Rio de Janeiro: Record.
- SAHLINS, M. (2003). Cultura e razão prática. Rio de Janeiro: Zahar.

Útil e Agradável? Um Diagnóstico da Percepção de Acadêmicos de Educação Física Sobre Os Jogos Pan-Americanos e sua Adesão ao Voluntariado

Ludmila Mourão
Alexandre Jackson Chan Vianna
Diego Luz Moura
Marlene Luzia
Universidade Gama Filho

Useful and pleasant? A diagnosis of the perception of undergraduate students of physical education about the Pan American Games and their participation as volunteers - This study analyzed the perception that undergraduate students of physical education (17 to 25 years of age) had about the meaning of the Rio 2007 Pan American Games and about their participation as volunteers. Although the students had kept in mind concepts such as social responsibility and sport development, they added that the experience they had may favor their insertion in the job market. The questionnaire applied was the same of Rio de Janeiro and Fortaleza similar surveys. Conclusions suggested the adoption of longitudinal methodology on future researches of similar aims.

Desde o ano de 2002 quando a cidade do Rio de Janeiro ganhou o direito de sediar os XV Jogos Pan Americanos se iniciou uma ampla e crescente divulgação da importância e benefícios que este megaevento traria ao Brasil e especificamente a cidade do Rio de Janeiro. O discurso sobre os benefícios dos Jogos abarcavam as construções de novas instalações esportivas, melhorias nos sistemas de transporte até a criação de hábitos saudáveis relacionados, sobretudo a prática de atividades físicas e esportivas na população.

A equipe de divulgação dos Jogos ganhou espaço em programas de rádio, televisão, sites e outdoors espalhados pela cidade. O apelo ao voluntariado foi também estimulado de maneira enfática pelas entidades organizadoras neste período. Esta discussão foi tema de debate em diferentes programas de rádio e televisão e pauta de discussões em universidades, especialmente nos cursos de educação física.

Neste contexto de mobilização da sociedade local – e mesmo nacional -, pressupomos que os acadêmicos de educação física do Rio de Janeiro apresentaram-se como informantes privilegiados para fornecer uma percepção destes Jogos em face à cidade que os abrigavam. Geralmente, os estudos de percepção centram seu olhar sobre a relação sujeito objeto, entendendo que este sujeito através de sua atividade e relação com o objeto-mundo, constrói tanto o mundo como a si próprio. Esta relação delineou o pressuposto desta pesquisa uma vez que o clima de motivação do PAN 2007 encontraria nos alunos dos cursos de educação física um sentido de observação natural e interessada.

Na presente pesquisa dois objetivos nortearam a discussão dos dados: i) diagnosticar a percepção coletiva dos acadêmicos de educação física sobre os Jogos Pan Americanos Rio2007 e; ii) Identificar a percepção e participação sobre o voluntariado esportivo nos Jogos Pan Americanos Rio 2007.

Metodologia

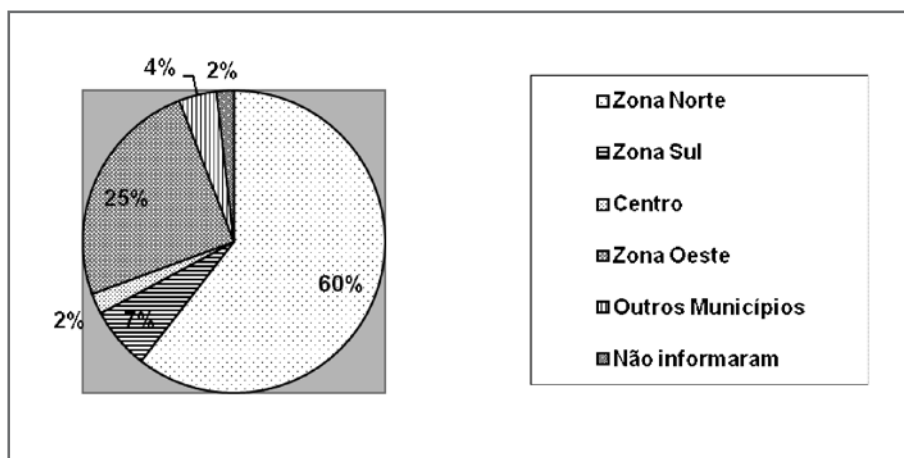
Este estudo se caracteriza como uma pesquisa exploratória quanto aos seus objetivos e descritiva na forma como trata seus resultados. O estudo utilizou-se de um questionário como instrumento de coleta dos dados, elaborado com maioria de suas questões fechadas; apenas uma das perguntas foi aberta e esta referia-se ao significado da experiência do aluno como voluntário. Num universo de 780 alunos de Educação Física da Universidade Gama Filho, participaram desta pesquisa 270 alunos, sendo 166 homens, 101 mulheres e três (03) indivíduos que não informaram o sexo. Foi observada a distribuição dos alunos por faixa etária, região de residência, bem como se estes alunos estavam no início ou no final do curso. Os locais das instalações esportivas também foram selecionados com o intuito de se verificar até que ponto a proximidade do local de residência da instalação esportiva influenciava na percepção dos sujeitos. Os dados foram tabulados e em seguida a análise dos mesmos foi realizada utilizando-se como referência as categorias selecionadas e descritas neste relatório. Naturalmente, a amostra da investigação foi considerada como indicativa para uma observação sociocultural, qualitativa e, sobretudo de natureza perceptiva.

Quadro 1 – Distribuição da faixa etária

| Idade | Nº | % | Idade | Nº | % | Idade | Nº | % |
|--------------|-----------|----------|--------------|-----------|----------|-------------------|-----------|----------|
| 17 a 19 anos | 70 | 27 | 26 a 28 anos | 20 | 7 | 35 a 37 anos | 6 | 2 |
| 20 a 22 anos | 120 | 45 | 29 a 31 anos | 4 | 1 | Acima dos 38 anos | 5 | 2 |
| 23 a 25 anos | 36 | 13 | 32 a 34 anos | 4 | 1 | Não respondeu | 5 | 2 |

A maior incidência de alunos compreende a faixa etária de alunos entre 17 a 25 anos. Este grupo somado corresponde a 85% do total de alunos participantes do estudo (Quadro 1). A maioria dos respondentes reside na Zona Norte (60%), seguido da Zona Oeste (25%). Os demais 15% representam os alunos que residem em outras localidades como Centro e Zona Sul (Fig. 1).

Figura 1 – Distribuição dos alunos por região residencial



Percepções de influências locais

A base teórica da observação das percepções foi apoiada em Mihalik (2003) que produziu pesquisa equivalente tendo como informantes habitantes de Atlanta, cidade sede dos Jogos Olímpicos de 1996. Para este autor, há legitimidade na realização de levantamentos *survey* e de diagnóstico de percepções sobre o legado de grandes eventos esportivos. O autor sugere que estudos desta natureza permitem identificação e compreensão do impacto dos megaeventos junto à população das cidades onde se realizam.

Para mapear as percepções coletivas sobre os Jogos Pan Americanos 2007, realizamos um corte entre os informantes que residem nos bairros que possuem instalações esportivas em relação aos demais. As instalações dos Jogos Pan Americanos podem ser divididas entre aquelas permanentes, chamadas de “legado” pela organização do evento supondo-se que se manterão como utilizáveis depois de terminado os Jogos, e as chamadas “instalações provisórias”, ou *overlay*, que foram construídas apenas para as competições sendo desmontadas ao término do evento.

Optamos neste estudo por considerar apenas as instalações permanentes, por entender que essas foram as instalações de maior evidência na cidade e que mais tempo antes, por sua construção e as polêmicas envolvidas nesse processo, e durante os jogos aqueceram o debate na mídia e junto a população. Já as instalações provisórias estiveram por um curto tempo presente na vida das pessoas e da cidade, as vezes construídas e desmontadas durante o período dos jogos, não se tornando portanto central na percepção das pessoas de suas comunidades.

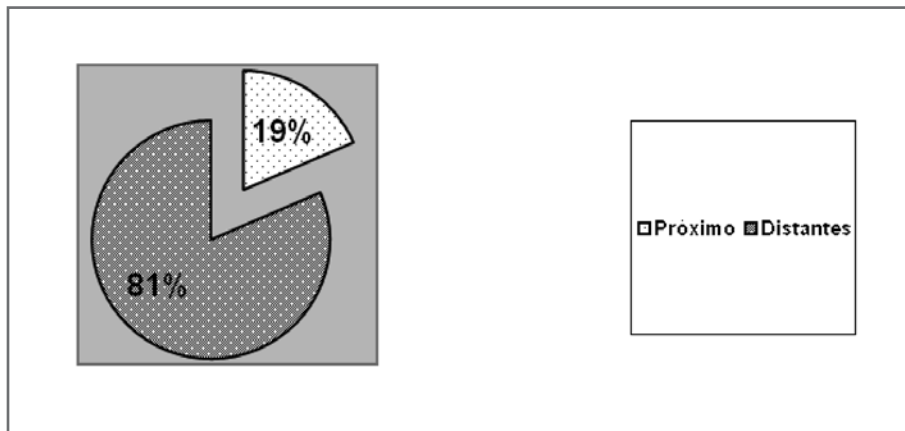
As instalações de legado, além disso, receberam maiores investimentos do chamado *look of the game*, ou seja, da ornamentação com símbolos e marcas da competição, por estarem em áreas centrais dos jogos e receberem as principais competições, foram essas áreas que ganhou maior empenho dos organizadores e, conseqüentemente, maior visibilidade para a população e atenção dos esportistas, entre os quais se incluem os respondentes desta pesquisa.

Consideramos, portanto, para este estudo os seguintes equipamentos: complexo esportivo do Maracanã; Estádio Olímpico João Havelange, no Engenho de Dentro; Complexo Esportivo Cidade dos Esportes, que compreendia as instalações da Arena Multiuso e Parque Aquático Maria Lenk, e Vila Pan Americana na Barra da Tijuca; Complexo Esportivo Deodoro, em Deodoro e Complexo Esportivo Miécimo da Silva, em Campo Grande. Desta forma pudemos definir os bairros que efetivamente tiveram proximidade com o evento dos Jogos de forma intensa.

Quadro 2 – Distribuição dos bairros próximos e distantes das instalações esportivas

| Próximos | Distantes |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Realengo, Encantado, Sampaio, Piedade, Abolição, Magalhães Bastos, Campo Grande, Engenho de Dentro e Guadalupe | Vicente de Carvalho, Parque Lafaiete, Pedra de Guaratiba, Cavalcante, Todos os santos, Rocha, Leme, Copacabana, Boa Esperança, Del Castilho, Coelho Neto, Alto da Boa Vista, Madureira, Humaitá, Méier, Cidade Nova, Estácio, São João de Meriti, Gávea, Taquara, Abolição, Parque Lafayette, Sulacap, Duque de Caxias, Ramos, São Cristóvão, Pechincha, Penha, Jacarepaguá, Tijuca, Caju, Inhaúma, Nova América, Bangu, Vila Isabel, Praça Seca, Riachuelo, Cachambi, Anchieta, Rocha Miranda, Niterói, Laranjeiras, Quintino, Santíssimo, Jacaré, Colégio, Coelho Neto, Ilha do Governador. |

Figura 2 – Distribuição de alunos em relação à proximidade da residência dos equipamentos do Pan 2007



Em resumo, com base no Quadro 2, construiu-se a Fig. 2 pela qual podemos perceber que grande parte (81%) dos alunos reside em bairros distantes dos equipamentos esportivos do Pan 2007 e apenas um pequeno grupo (19%) reside em bairros que possuem as instalações utilizadas nos Jogos. Quando questionamos sobre a percepção coletiva a respeito de comentários sobre os Jogos no bairro onde residem, os informantes se manifestaram de acordo com a configuração do Quadro 3. Nesta abordagem perceptiva, verificamos também que independente do local onde residem os informantes identificaram comentários sobre os Jogos circulando na população local. Sobre a percepção da intensidade do envolvimento das pessoas de seu bairro, os respondentes indicaram incidências quantificadas no Quadro 4, cujo valor de 52% para “muitas pessoas” pode ser considerado como impacto efetivo do PAN 2007. Nesta montagem de dados com referência à percepção da intensidade de comentários sobre os Jogos, também podemos perceber que não existe diferença significativa entre o grupo que reside próximo das instalações esportivas e aqueles que residem em bairros distantes.

Quadro 3 – Percepção coletiva de acordo com a residência

| Distribuição Geográfica | Próximo | | Distante | |
|--------------------------------|----------------|-----|-----------------|-----|
| | Sim | Não | Sim | Não |
| Respostas | | | | |
| Percentual | 98% | 2% | 92% | 8% |

Quadro 4 – Percepção da intensidade de comentários sobre os jogos

| | Muitas pessoas | Algumas pessoas | Poucas pessoas | Nenhuma pessoa |
|----------|-----------------------|------------------------|-----------------------|-----------------------|
| Próximo | 52% | 26% | 22% | ----- |
| Distante | 52% | 35% | 10% | 3% |

Voluntariado

Perguntamos se os alunos participaram dos Jogos Pan Americanos como voluntários. As respostas positivas alcançaram uma média de 20% do total de pessoas consultadas. E, neste particular, constatou-se que a participação dos alunos dos períodos finais quando comparados com os alunos dos períodos iniciais são próximas em termos de percentuais (Tabela 5).

Tabela 5 – A adesão ao voluntariado

| | <i>Períodos Iniciais</i> | <i>Períodos Finais</i> |
|------------------------|--------------------------|------------------------|
| Participação nos jogos | 17,2% | 24,4% |

Portanto, concluímos que não existe diferença na adesão ao voluntariado relacionada com o nível de envolvimento com teorias e práticas de educação física nem com a posição assumida pelo estudante em seu curso de formação. Perguntamos também aos acadêmicos sobre a percepção de significado do voluntariado e encontramos duas razões que se complementam: a) a socialização com os eventos esportivos, que envolve o contato com novas pessoas e novas visões dos esportes; e b) a formação profissional que está ligada ao acréscimo de novas experiências e habilidades para a atuação profissional.

As respostas ligadas à primeira categoria foram mais encontradas nos acadêmicos dos períodos iniciais: [...], *pois conheci pessoas com culturas diferentes vivenciei as práticas do esporte de perto; Importante, por ver de perto como acontecem os preparativos e a competição internacional.*

As respostas de formação acadêmica foram mais encontradas no discurso dos alunos dos períodos finais: *excelente experiência, importante para o currículo e ótimo o contato com um evento; Desenvolver novos conhecimentos e aumentar a experiência.* Embora pudéssemos perceber que uma categoria estava mais presente em um grupo que no outro é necessário destacar que os dois discursos existiam na percepção dos dois grupos. Este fato revela que os acadêmicos aderem ao voluntariado para além do discurso de responsabilidade social, não que os acadêmicos o ignorem, mas agregam os elementos que favorecem sua inserção no mercado de trabalho.

Percepções sobre a adesão à prática esportiva

Um dos supostos legados dos megaeventos esportivos – sobretudo olímpicos - é a adesão da população à prática de exercícios físicos e de esportes de lazer ou de competição (MASCAGNI, 2003). Tal repercussão é uma das verificações nas observações de legados *ex ante* e *post hoc* como recomenda Kikou (2003) ao relatar a mobilização da população grega por ocasião das Olimpíadas de Atenas que culminou em 2004. No caso da presente investigação, optou-se por perguntar sobre o interesse incidente sobre práticas físicas antes, durante e depois da realização do PAN 2007, por parte da população residente nos locais de moradia dos respondentes. A suposição que informou o estabelecimento deste critério de observação concerne às prováveis alterações de comportamento dos residentes nos sedes de megaeventos por influências de curta duração ao estilo dos impactos exercidos pela mídia ou de permanência prolongada e estável, como as que definem as mudanças na cultura local (MIHALIK, 2003).

Para o PAN 2007, os dados expostos na Fig. 3 revelam que a inclinação de interesse pela prática de atividades físicas e esportes antes da realização do evento foi classificada como “boa” (57,41%) pelos respondentes-observadores, havendo ainda 30,74% destes que optaram pela classificação de “média” bem como 11,85% por “fraca”. A Fig. 4, por seu turno, mostra que as percepções iniciais se mantiveram estáveis durante o megaevento, desde que a inclinação “boa” registrou 58,52%, a “média” 32,22% e a “fraca” 9,26%, consistindo em valores bem próximos ao estágio ex ante. Estes dados sugerem que o impacto da mídia produzido como mobilização para os Jogos foi elevado e se manteve neste patamar durante os Jogos.

O estágio *post hoc* é delineado pela Fig. 5, por meio da qual se constata que a inclinação “boa” desceu para 44,81%, ao passo que a “média” subiu para 38,89% com similar reação da “fraca”, alcançando 16,30%. Embora todos estes dados devam ser re-examinados por futuras pesquisas de follow-up, é cabível admitir em princípio que houve alguma assimilação cultural da população do Rio de Janeiro quanto à adesão em termos de práticas esportivas em face ao nivelamento de interesses dos menos ativos para os mais ativos. Nestas prováveis circunstâncias, a queda do percentual da classificação “boa” teria o significado de redução natural na influência da mídia em condições pós evento.

Figura 3 – Percepção ex ante da adesão às práticas físico-esportivas

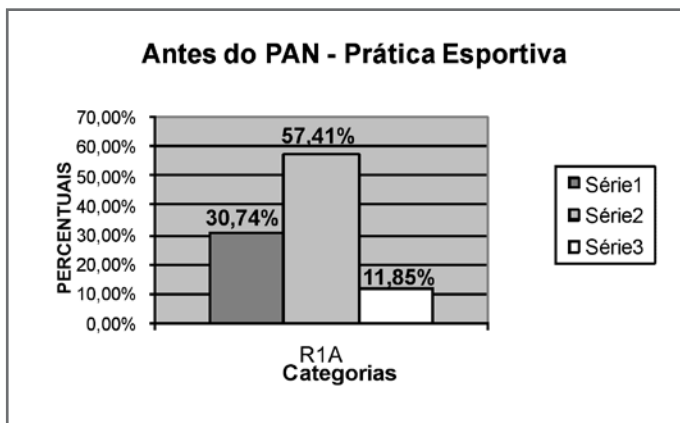


Figura 4 – Percepção de adesão às práticas físico-esportivas durante a realização do PAN 2007

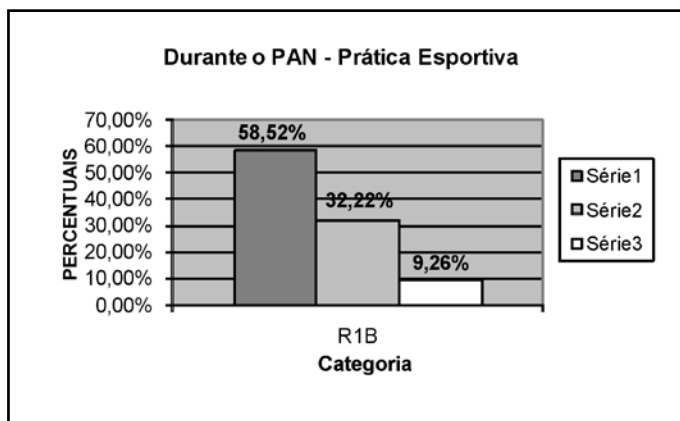
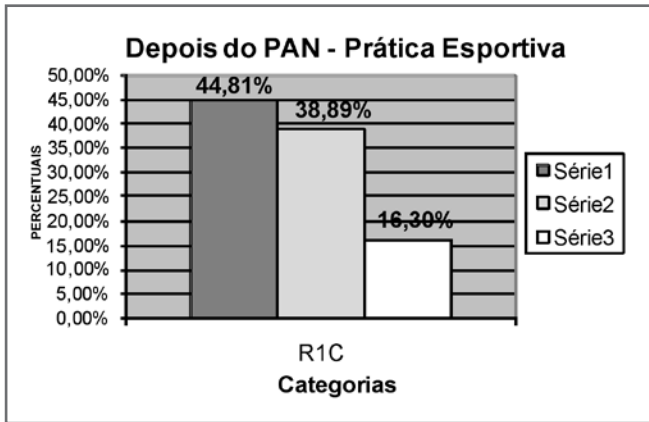


Figura 5 – Percepção post hoc da adesão às práticas físico-esportivas



Considerações Finais

O impacto do PAN 2007 sobre a população do Rio de Janeiro aconteceu de forma difusa e não necessariamente ligada a causas pontuais, o que implica em admitir a existência de um legado cultural nos Jogos, identificado antes, durante e posteriormente à realização do megaevento. Já o legado definido por instalações esportivas não se apresentou de forma nítida em face à percepção coletiva interpretada pelos observadores da pesquisa, o que pode relativizar classificações a priori de legados como aquelas praticadas nos preparativos preliminares ao PAN 2007. Esta indefinição apresentou-se também nas percepções coletadas no tema do voluntariado, dando margem à interpretação de que os futuros profissionais de educação esportiva e esportes agregaram a esta função elementos que favorecem sua inserção no mercado de trabalho, embora harmonizados com o discurso de responsabilidade social e desenvolvimento do esporte.

Finalmente, dada a natureza da pesquisa elaborada, as presentes verificações necessitam ser acompanhadas ao longo do tempo posterior a 2007. A recomendação no caso é de realização de estudos longitudinais e comparativos de legados, conforme o exemplo de Mihalik (2003) com suas pesquisas sobre os Jogos Olímpicos de Atlanta 1996. Deste modo, este estudo deve ser considerado como o primeiro de uma série, à vista das crescentes possibilidades do Rio de Janeiro sediar megaeventos esportivos nas próximas décadas.

Referências

- KIKOU, O. The Athens 2004 Volunteer Programme and its Implications for Citizen Mobilization: the Greek Case. In: Moragas, M; Kennett, C; Puig, N. (Eds) The legacy of the Olympic Games: 1984-2000. International Symposium, 14 - 16 November 2002. Lausanne: Olympic Studies Centre - IOC, 2003, pp. 444 – 449.
- MIHALIK, B. J. Host population perceptions towards the 1996 Atlanta Olympics: benefits and liabilities. In: Moragas, M; Kennett, C; Puig, N (Eds) The legacy of the Olympic Games: 1984-2000. International Symposium, 14 - 16 November 2002. Lausanne: Olympic Studies Centre - IOC, 2003, pp. 339 – 345.

MASCAGNI, K. The Olympic Games and Sport as an opportunity for Peace and Development. In: Moragas, M; Kennett, C; Puig, N. (Eds). The legacy of the Olympic Games: 1984-2000. International Symposium, 14 - 16 November 2002. Lausanne: Olympic Studies Centre - IOC, 2003, pp. 265 - 267.

Impacto dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007: Percepção de Acadêmicos de Educação Física da FEFID/PUCRS – Porto Alegre/RS

**Adriana Schüler Cavalli
Marcelo Olivera Cavalli
Roberto Maluf de Mesquita
Pontifícia Universidade Católica / RS
Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos (GPEO)**

**Instituição Educacional São Judas Tadeu
FEFID/PUCRS**

Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos (GPEO) – PUCRS

Rio 2007 Pan American Games impact: Perception of undergraduate students of physical education – FEFID/PUCRS *The objective of this research was to determine the impact of the 2007 Pan American Games through the perception of undergraduate students of physical education of FEFID/PUCRS – Porto Alegre/RS. The questionnaire applied was the same of Rio de Janeiro and Fortaleza similar surveys. The study indicates that the students perceived that their communities displayed more motivation and enthusiasm in relation to sport practices during the event. However, there are questions about the impact of sports mega-events.*

A realização no Rio de Janeiro dos XV Jogos Pan-Americanos (Pan Rio 2007) e dos Jogos ParaPan-Americanos 2007 (ParaPan Rio 2007) determina um marco inicial no processo de candidaturas brasileiras a megaeventos esportivos de âmbito internacional com maior probabilidade de sucesso. O Pan Rio 2007 pode ser considerado um dos maiores eventos esportivos já organizados no Brasil – participação de aproximadamente 5.500 atletas, representantes de 42 países membros da Organização Desportiva Pan-Americana – ODEPA (MINISTÉRIO DO ESPORTE, [on-line]).

A intenção de sediar megaeventos esportivos no Brasil não é recente. O Comitê Olímpico Brasileiro (COB) já havia encaminhado propostas de candidatura aos Jogos Olímpicos de 2000, 2004 e 2012 (BRASÍLIA EM DIA, [on-line]). Ainda que sem êxito, as experiências adquiridas nessas iniciativas possibilitaram situações de aprendizagem para o COB se superar em futuras investidas.

Associando todo esse aprendizado ao conhecimento derivado do planejamento, organização e realização do Pan Rio 2007 e ParaPan Rio 2007, o Rio de Janeiro tornou-se uma cidade com grande potencial organizacional e estrutural para sediar megaeventos. Como podemos observar, imediatamente após o termino do Pan Rio 2007 e ParaPan Rio 2007 foi realizado mais um evento de razoável repercussão internacional: o Campeonato Mundial de Judô 2007. Outros megaeventos esportivos a serem sediados no Rio de Janeiro já foram confirmados: em 2011 serão realizados os Jogos Mundiais Militares (COMISSÃO DE TURISMO E DESPORTO, [on-line]) e, em 2014, será a vez da Copa do Mundo de Futebol (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE

FUTEBOL, [on-line]). A Copa das Confederações em 2013 e os Jogos Mundiais Universitários (Universíade) em 2015¹ estão na lista de prováveis megaeventos que o Rio de Janeiro organizará nos próximos anos.

Entretanto, um dos maiores desafios para o COB ainda está por vir – em 2009 está previsto para o Comitê Olímpico Internacional (COI) definir a cidade-sede dos Jogos Olímpicos de 2016, e o Rio de Janeiro integra a lista das cidades candidatas ao megaevento com uma primeira seleção ainda em 2008. A candidatura e a subsequente organização do Pan Rio 2007 e ParaPan Rio 2007 foi, de certa forma, estruturada e planejada pelo COB como o primeiro estágio do objetivo final que é a realização dos Jogos Olímpicos de 2016.

O processo de escolha da cidade-sede de Jogos Olímpicos tem sido motivo de muita consideração para os membros do COI. A complexidade dos fatores a serem considerados na escolha em si acarreta na compreensão de todas as esferas organizacionais das cidades e países candidatos. Essa preocupação perpassa os interesses sócio-político-econômicos emergentes; ela causa certa inquietação na comunidade local e internacional. Essa questão foi enfatizada no 7th *World Conference on Sport and the Environment*, encontro realizado na China em outubro de 2007. De acordo com o COI, a preocupação com questões relacionadas ao meio ambiente, legado, plano de sustentabilidade, administração e planejamento, e responsabilidade social são essenciais e precisam estar presentes desde os estágios iniciais dos projetos de candidatura das cidades que almejam sediar os Jogos Olímpicos (COI, [on-line]).

Seria significativo, portanto, levar em consideração que os megaeventos esportivos podem causar impacto nas comunidades diretamente ligadas ao megaevento em questão. É plausível inferir que megaeventos atuam na determinação de valores, crenças e nas práticas esportivas e sociais.

Dentro dessa perspectiva, este texto tem por objetivo determinar o impacto do Pan Rio 2007 por meio da percepção de pessoas residentes em Porto Alegre/RS – no caso, acadêmicos de Educação Física (EFI) da Faculdade de Educação Física e Ciências do Desporto (FEFID) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Este estudo, associado a outros sendo conduzidos concomitantemente em outras localidades brasileiras, evidenciará, de uma maneira mais abrangente, o impacto do Pan Rio 2007 segundo a percepção dos acadêmicos de EFI. Teremos assim uma constatação importante e valiosa para possibilitar a determinação do grau de impacto de megaeventos esportivos no contexto social por meio da percepção das comunidades locais, regionais, estaduais e nacional.

O espetáculo da mídia: produtores e receptores

Muitos eventos esportivos têm se transformado em megaeventos devido à sua magnitude, envolvimento e repercussão. Isso decorre, primordialmente, de mudanças e interesses sociais, políticos, econômicos, culturais, ecológicos, turísticos e midiáticos veiculados por meio dos megaeventos esportivos. Empreendimentos de tais proporções atingem a sociedade e seu entorno, ocasionando impacto dentro e fora do país sede do evento.

Os megaeventos esportivos, sob a ótica da tecnologia de informação (TI), deixam de influenciar somente aos espectadores fisicamente presentes nas arquibancadas.

1 - Informação verbal - Notícia fornecida pelo Prof. José Roberto Gnecco, em São Paulo, em setembro de 2007.

das e ruas. A TI possibilita que uma quantidade significativa de pessoas seja envolvida pelos canais midiáticos disponíveis. As possibilidades da TI são infinitas e acabam por transformar espectadores em telespectadores passivos (meros observadores) e ativos (envolvidos, participativos e difusores) – perspectiva antiga; e interativos (participativos com possibilidade de interação) – perspectiva atual por meio dos recursos de interatividade da TI – via televisão, rádio, internet, jornais, revistas e telefones celulares. De acordo com Pilatti e Vlastuin (2004, [on-line]),

Foram os satélites que possibilitaram a apropriação do esporte pela indústria do entretenimento quando ligaram os continentes pela imagem, há aproximadamente 40 anos. O espetáculo esportivo, que antes acontecia apenas para o deleite das arquibancadas, foi globalizado. A televisão multiplicou a platéia de milhares para criar a audiência e o mercado de milhões.

A televisão fez seu *debut* nos Jogos Olímpicos de 1936 em Berlim, utilizando somente três câmeras que na época não possuíam *zoom* nem os recursos cinematográficos da atualidade. As imagens em preto e branco foram assistidas por cerca de duzentos mil telespectadores (METCALFE, 1997). Ainda em relação aos programas de divulgação deste evento, Freire e Ribeiro (2006, p.86) mencionam que: “Cerca de 3 mil jornalistas estiveram em Berlim. Foi realizada uma grande cobertura do evento. [...] Vários meios de comunicação diferentes fizeram a cobertura. Pela primeira vez, as imagens dos Jogos Olímpicos foram transmitidas”. Deste então, com o avanço da tecnologia como um todo e especialmente da TI, a abrangência, magnitude, envolvimento e repercussão dos eventos esportivos mudaram para sempre.

A lógica dos eventos também foi alterada – o que no passado era local e/ou regional adquiriu características estaduais, nacionais e/ou internacionais. O que antes era específico de uma comunidade ou de várias comunidades regionais passou a ser veiculado em outras esferas maiores. Deste modo, podemos inferir que se iniciou um “processo homogeneizador” da cultura. Os setores, instituições e/ou nações mais poderosas, detentoras de melhores recursos tecnológicos passaram a ter maior acesso à informação e maior repercussão e difusão cultural.

Não desmerecendo aos outros meios de comunicação, a televisão pode ser considerada como o grande marco de transição da cultura escrita e auditiva para a cultura audiovisual. Conforme Ferrés (1996 citado por BATISTA E BETTI, 2005, p. 137) “a TV dirige-se a esquemas mentais, capacidades cognitivas, estruturas perceptivas e sensibilidades já presentes nas pessoas, fato que facilita seu sucesso.” Batista e Betti (2005, p. 137) ressaltam que “a TV, como qualquer outro meio de comunicação, provoca mudanças culturais que geram alteração na capacidade de perceber a realidade”. Os autores ressaltam também a idéia de Ferrés de que o risco de exposição pode ocorrer tanto à leitura escrita quanto à TV; porém a linguagem audiovisual utilizada pela TV aparentemente atinge a todas as pessoas, fato que não ocorre com a leitura escrita – restrita às pessoas que possuem o domínio da leitura.

No comentário de Batista (1998 citado por BATISTA E BETTI, 2005, p. 138), acerca do poder que a TV exerce sobre os telespectadores, podemos destacar: “Sendo um meio de comunicação dos fatos ocorridos no mundo, a TV leva às pessoas a sua visão dos fatos”. No caso de eventos esportivos, essa idéia de que a TV pode selecionar que espetáculo/fatos deve ser transmitido ao público telespectador é explicitamente reforçada pelo sociólogo francês Pierre Bordieu (1997 citado por

PILLATI e VLASTUIN, 2004, [on-line]) ao comentar sobre o espetáculo esportivo dos Jogos Olímpicos:

O referencial aparentemente é a manifestação 'real', isto é, um espetáculo propriamente esportivo, confronto vindo de atletas de todo o universo que realiza sob o signo de ideais universalistas, e um ritual, com forte coloração nacional, entrega de medalhas com bandeiras e hinos nacionais. O referencial oculto é o conjunto das representações desse espetáculo filmado e divulgado pelas televisões, seleções nacionais efetuadas no material em aparência nacionalmente indiferenciado (já que a competição é internacional) que é oferecido no estádio. Objeto duplamente oculto, já que ninguém o vê em sua totalidade e ninguém vê que ele não é visto, podendo cada telespectador ter a ilusão de ver o espetáculo olímpico em sua verdade.

Não vamos nos deter nas questões inerentes à manipulação da informação descrita por Bordieu, mas concentrar nossa atenção na percepção dessa informação por parte dos telespectadores. É justamente no processamento da informação, por meio da percepção, que o indivíduo estabelece relações e toma decisões. Segundo Greco (2002 citado por CID, 2006, [on-line]), a

[...] escolha e interpretação da informação depende da estrutura cognitiva do sujeito e das relações da situação (pessoal e ambiental). Desta forma, o processo de percepção resulta da interação entre o sujeito (auto-percepção - que abrange informações sobre si próprio) e o meio envolvente (percepção externa - forma como as informações sobre o que se passa à sua volta são percebidas).

Mesmo não acreditando na passividade total dos receptores diante das mensagens oferecidas pela mídia, consideramos que a capacidade de perceber a mensagem depende da interpretação crítica de cada indivíduo acerca das mensagens transmitidas pelos produtores por meio da publicidade subliminar e da publicidade comum. Segundo Wilson e Brekke (1994, p. 164),

[...] mesmo que os efeitos das mensagens subliminares nos anúncios venham a ser finalmente documentados, é improvável que eles sejam mais fortes, ou de qualquer modo mais difíceis de resistir, do que os efeitos dos tipos mais visíveis, conscientemente percebidos, da publicidade.

A percepção de acadêmicos acerca do impacto dos Jogos Pan Rio 2007

Como proposto anteriormente, este estudo tem por objetivo determinar a percepção dos acadêmicos do curso de EFI da FEFID/PUCRS residentes em Porto Alegre/RS acerca do impacto do Pan Rio 2007 em suas comunidades. Os dados foram coletados com alunos matriculados no semestre 2007/2.

Com relação à metodologia, foi utilizado um questionário, de 10 perguntas fechadas e uma aberta, elaborado pela Prof^a. Dr. Ludmila Mourão coordenadora do Grupo de Pesquisa Gênero, Educação Física, Saúde e Sociedade da Universidade Gama Filho, do Rio de Janeiro. O instrumento deste estudo foi aplicado nos meses de agosto a outubro de 2007, após a realização do Pan Rio 2007 em julho do mesmo ano.

Na aplicação deste instrumento em Porto Alegre – também aplicado com acadêmicos EFI em Fortaleza, Ceará, além do Rio de Janeiro - a amostragem deste estudo foi determinada por conveniência e não probabilística, contando com 100 acadêmicos (37 do sexo feminino e 63 do sexo masculino), compreendidos na faixa etária entre 17 e 45 anos de idade. Os dados foram tabulados e analisados utilizando o programa Microsoft Office Excel.

A análise dos dados constatou que mais da metade dos acadêmicos, 57%, encontram-se na faixa etária de 20 a 24 anos; 22% na faixa de 25 a 29 anos; 16 % são menores de 20 anos; e 5% estão com 30 anos ou mais.

Com referência à percepção do envolvimento da comunidade onde os acadêmicos residem, destacamos as seguintes constatações:

1. Foi verificado em 91% das respostas que, antes de se iniciarem as competições, não foi observado quase que nenhum envolvimento da comunidade com a realização dos Jogos Pan Rio 2007;
2. Durante as competições, 44% dos acadêmicos perceberam um maior envolvimento da comunidade, embora distante do Rio de Janeiro;
3. Mesmo havendo indícios de um maior envolvimento da comunidade durante as competições, o envolvimento em si não repercutiu na exibição de adornos e enfeites do evento nas ruas do bairro, totalizando 91% das respostas;
4. Similarmente, antes das competições não foi denotado pelos acadêmicos tal envolvimento da comunidade na ornamentação nas ruas do bairro, totalizando 96% das respostas;
5. No período da realização dos Jogos Pan Rio 2007 não foi observado por 95% dos respondentes uma maior movimentação de pessoas no bairro;
6. Com relação à percepção do interesse da comunidade ao assistirem pela televisão ou ouvirem pelo rádio os eventos de inauguração das instalações do Pan Rio 2007, foram constatadas as seguintes respostas: muitas pessoas (17%), algumas pessoas (38%), poucas pessoas (26%), e nenhuma pessoa (19%);
7. Durante a realização do Pan Rio 2007 foi percebido um maior e contínuo interesse por parte das pessoas acerca das competições em si, bem como, pelos resultados dos eventos. Foram determinados os seguintes percentuais para as respostas assinaladas: muitas pessoas (26%), algumas pessoas (42%), poucas pessoas (27%), e nenhuma pessoa (5%);
8. Ainda com referência aos eventos assistidos pela TV, observados na Internet ou escutados pelo rádio, foi percebido por 88% dos acadêmicos que durante os Jogos o evento foi citado em conversações na comunidade. Apenas 12% dos acadêmicos não observaram nenhuma referência aos Jogos;
9. Após o término dos Jogos, os acadêmicos indicaram um decréscimo nos comentários acerca do Pan Rio 2007: 48% responderam que ainda perceberam comentários sobre o evento e 52% responderam que não observavam mais;
10. Quanto ao deslocamento das pessoas no bairro para assistirem ao Pan Rio 2007 na televisão, foi constatado que 32% dos alunos perceberam tais deslocamentos e 68% responderam que não observaram as pessoas se deslocando com esse fim;

11. Analisando o interesse pela prática esportiva no bairro como efeito do Pan Rio 2007:

- a) Antes do Pan Rio 2007: 87% dos acadêmicos não perceberam aumento no interesse e 13% declararam que houve aumento no interesse;
- b) Durante o Pan Rio 2007: 53% afirmaram que não houve incremento no interesse e 47% declararam que houve;
- c) Depois do Pan Rio 2007: 75% não perceberam aumento no interesse e 25% afirmaram que houve aumento no interesse pela prática esportiva.

Sendo assim, os resultados deste estudo sugerem que durante os eventos do Pan Rio 2007 as pessoas pareceram estar mais motivadas e demonstraram maior entusiasmo pela prática esportiva. Entretanto, esse interesse pela prática esportiva aparentemente não persistiu após o término dos eventos do Pan Rio 2007.

Este estudo foi intencionalmente direcionado a determinar a percepção de acadêmicos de EFI justamente pela estreita relação existente entre Esporte e Educação Física. Propositadamente foi aventada a possibilidade de evidenciar alguma relação entre a realização do Pan Rio 2007 e o impacto dos Jogos na prática esportiva das pessoas nas respectivas comunidades dos acadêmicos.

Com relação à questão dos acadêmicos de EFI perceberem maior identificação com as pessoas no período do Pan Rio 2007, a análise dos dados nos remete às seguintes constatações:

Antes do início do Pan Rio 2007: 78% responderam que não houve maior identificação e 22% declararam que sim;

Durante o Pan Rio 2007: 76% perceberam uma maior identificação e 24% responderam que não;

Depois do Pan Rio 2007: 55% responderam que não houve maior identificação e 45% afirmaram que houve.

De acordo com esses dados podemos inferir que durante o Pan Rio 2007 os alunos do curso de EFI da FEFID/PUCRS perceberam uma maior identificação na relação com as pessoas, talvez por serem considerados, na comunidade em geral, como “pessoas mais ligadas/associadas ao esporte”.

Quando questionados se, na eventualidade de haver uma oportunidade, teriam interesse em participar como voluntários de outros megaeventos esportivos, 77% dos acadêmicos responderam que gostariam de participar. Somente 23% dos acadêmicos afirmaram que, mesmo havendo a oportunidade, eles não teriam interesse em participar.

Com relação às áreas de interesse dessa participação, os dados da Tabela 1 sugerem a maioria dos respondentes participaria em qualquer área, não apresentando uma preferência específica. Nos esportes, Voleibol, Esportes Aquáticos, Basquetebol, Futebol, Ginástica e Atletismo foram os mais escolhidos pelos alunos. Foi constatado que o Futebol, comumente considerado como o esporte de preferência do povo brasileiro, não foi o mais requisitado pelos alunos – acabou sendo precedido pelo Voleibol e os Esportes Aquáticos.

Tabela 1 - Áreas de interesse de participação voluntária, por gênero, por parte dos acadêmicos do curso de Educação Física (FEFID/PUCRS), em megaeventos esportivos.

| <i>Área de interesse</i> | <i>Feminino</i> | <i>Masculino</i> | <i>Total</i> |
|---------------------------------|-----------------|------------------|--------------|
| Qualquer área | 11 | 13 | 24 |
| Voleibol | 8 | 7 | 15 |
| Esportes Aquáticos | 7 | 7 | 14 |
| Basquetebol | 5 | 8 | 13 |
| Futebol | 4 | 9 | 13 |
| Ginástica | 7 | 3 | 10 |
| Atletismo | 3 | 6 | 9 |
| Auxílio atletas/equipes | 2 | 5 | 7 |
| Handebol | 4 | 2 | 6 |
| Arbitragem | 2 | 2 | 4 |
| Organização | 2 | 2 | 4 |
| Esportes Coletivos | 2 | 2 | 4 |
| Controle de Dopping | 0 | 3 | 3 |
| Sem indicação específica | 0 | 2 | 2 |
| Judô | 0 | 1 | 1 |
| Tênis | 1 | 0 | 1 |
| Boxe | 0 | 1 | 1 |
| Levantamento de Peso | 0 | 1 | 1 |
| Artes Marciais | 0 | 1 | 1 |
| Esportes de Aventura | 0 | 1 | 1 |
| Ciclismo/Mountain Bike | 0 | 1 | 1 |
| Cerimônia de Abertura | 1 | 0 | 1 |
| Não tem interesse em participar | 6 | 17 | 23 |

Embora três atletas do Judô do Rio Grande do Sul tenham sido premiados com medalhas de ouro e/ou prata no Pan Rio 2007, apenas um acadêmico demonstrou interesse em participar como voluntário nessa modalidade em outro grande evento esportivo.

Uma das áreas escolhidas para a participação voluntária foi Esportes de Aventura – embora não sendo uma modalidade esportiva dos Jogos Pan-Americanos, é oferecido em outros eventos esportivos de grande escala.

Em resumo, de acordo com os resultados obtidos podemos inferir que:

1. Durante as competições do Pan Rio 2007 houve um maior envolvimento da comunidade com a realização dos Jogos;
2. Durante as competições e depois das mesmas foi observado pelos acadêmicos um incremento no interesse pela prática esportiva das pessoas na comunidade onde vivem;
3. Foi percebido um maior número de comentários acerca dos eventos do Pan Rio 2007 assistidos pela televisão, ouvidos pelo rádio e acessados pela Internet durante o evento;

4. Os alunos notaram que houve uma maior identificação na relação com as pessoas – pelo fato de estarem cursando EFI e pelo grande interesse dos próprios acadêmicos em participarem em outros megaeventos esportivos futuramente.

Considerações finais

A constatação da percepção do impacto do Pan Rio 2007 na comunidade pode ser considerada essencial para a determinação do legado esportivo-cultural e para a definição de quesitos de responsabilidade social de megaeventos esportivos. Embora os dados encontrados neste estudo nos levem a verificar que acadêmicos envolvidos com o meio esportivo e com a EFI perceberam um maior envolvimento das suas comunidades, restam ainda alguns questões a investigar acerca da percepção detectada.

1. Será que o envolvimento do aluno com a EFI e os esportes não oferecem uma percepção diferenciada da comunidade em geral? Seu ambiente diário, conversas, discussões acadêmicas não influenciariam essa “percepção”?
2. A pessoa no local do evento pode ser exposta ao convívio com pessoas direta ou indiretamente envolvidas no megaevento – a “qualidade” da interação é mais intrínseca e direta; ao passo que as interações longe do evento ocorrem, quase na sua totalidade, por meio da TI/mídia?
3. Para a pessoa residente distante do local do evento ou aquela que está conectada ao evento por meio da TI/mídia, a compreensão do mesmo é mediada pela TI/mídia?

Em face à questão 3, em princípio concordamos com Batista (1998 citado por BATISTA e BETTI, 2005, p. 138), ao observar que “[...] a TV leva às pessoas a sua visão dos fatos”. Portanto, sugerimos que a percepção das pessoas distantes do evento e/ou que recebem o evento por meio/com a interferência da mídia, não pode ser compreendida do mesmo modo que as pessoas *in loco*.

Em termos gerais, podemos inferir, portanto, que os dados referentes à percepção de acadêmicos de EFI do Pan Rio 2007 encontrados no Rio de Janeiro deverão diferir dos dados encontrados em Porto Alegre e nas demais localidades. Desconsiderando questões histórico-culturais, ousamos extrapolar indicando que os dados encontrados nas localidades distantes do evento possam ser semelhantes pelo menos numa perspectiva de curto prazo.

Face ao exposto, sugerimos a elaboração de futuros estudos em diversas localidades, contextos, realidades, culturas buscando uma melhor percepção do fenômeno “megaeventos esportivos”. Estas observações mais avançadas de impactos pressupõem levantamentos longitudinais se focalizarmos legados destes eventos eventualmente fixados na cultura local.

Referências

BATISTA, Sidnei; BETTI, Mauro. A televisão e o ensino da Educação Física na escola. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v. 26, n. 2, jan. 2005, p. 135-148.

BRASÍLIA EM DIA, [on-line]. Disponível em: <<http://www.brasiliaemdia.com.br/2007/8/2/Pagina2754.htm>>. Acesso em: 27 jan. 2008.

CID, Luís. O processamento de informação e a cognição social. A nossa construção da realidade. *Revista Digital*, Ano 10, n. 92, 2006. Disponível em: <www.efdeportes.com>. Acesso em: 20 nov. 2007.

COMISSÃO DE TURISMO E DESPORTO. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/comissoes/ctd/antigas/brasil-capta-jogos-mundiais-militares-de-2011/>>. Acesso em: 25 out. 2007.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. Disponível em: <http://www.olympic.org/uk/news/olympic_news/newsletter_full_story_uk.asp?id=2369>. Acesso em: 20 nov. 2007.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE FUTEBOL. Disponível em: <<http://www.fifa.com/newscentre/photogallery/gallery=625495.html>>. Acesso em: 5 nov. 2007.

FREIRE, Marcus Vinicius; RIBEIRO, Deborah. *Ouro olímpico: a história do marketing dos aros*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: COB, 2006. 336 p.

METCALFE, Adrian. The Olympic Games and the moving image. In: *International Olympic Academy: 9th International Seminar for Sports Journalists. Ancient Olympia: International Olympic Committee and International Olympic Academy, 1997*. p. 165-176.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. Disponível em: <<http://www.brasilnopan.com.br/index.php?module=ContentExpress&func=display&ceid=2&bid=17&btittle=Pan%202007&meid=2&showid=-1>>. Acesso em: 22 jan. 2008.

PILATTI, Luiz Alberto; VLASTUIN, Juliana. Esporte e mídia: projeção de cenários futuros para a programação regional e global. *Revista Digital*, Ano 10, n. 79, 2004. Disponível em: <www.efdeportes.com>. Acesso em: 27 dez. 2007.

WILSON, Timothy; BREKKE, Nancy. O Poder da Publicidade. In: ARONSON, Elliot; WILSON, Timothy; AKERT, Robin (Org). *Psicologia Social*. 3. ed., Rio de Janeiro: LTC, 2002. p. 160-164.

Os Jogos Pan-Americanos na Percepção dos Discentes do Curso de Educação Física na Cidade de Fortaleza

Fabiana Rodrigues de Sousa
Universidade Estadual do Ceará
Ana Patrícia da Silva
Universidade Federal do Rio de Janeiro

The Pan American Games Rio 2007 in the perception of undergraduate students of physical education from the city of Fortaleza *This study aimed to survey the opinions that undergraduate senior students of physical education of Fortaleza had during the Rio 2007 Pan American Games in relation to their interest in a sporting practice, in competition and its results, and their involvement with sports in their communities. The questionnaire applied was the same of Rio de Janeiro and Porto Alegre similar surveys. The results showed that the lack of some minimal infrastructure that can offer the average citizen access to the various sporting practices makes the change of sporting habits a difficult task.*

Os Jogos Pan-Americanos se apresentam como um evento esportivo de grande dimensão e repercussão no mundo contemporâneo, tanto por seu caráter simbólico, quanto pela representação social. Além disso, seu viés material envolve milhões de pessoas direta e indiretamente em sua preparação e realização. Contudo este megaevento é percebido de diferentes formas de acordo com as dimensões culturais, sociais e econômicas da realidade pesquisada.

Um megaevento se caracteriza por seu caráter temporal, sua capacidade de atrair um grande número de participantes de diversas nacionalidades e também por chamar a atenção dos meios de comunicação com uma ressonância global (RUBIO, 2005).

O principal argumento utilizado pelas cidades postulantes a um evento como os Jogos Pan-Americanos são os benefícios para as comunidades locais, *bem como uma ferramenta chave de projeção das cidades e suas atrações turísticas, o que leva a melhorias estruturais como rede de transporte, moradia, instalações esportivas e novos postos de trabalho* (RUBIO, 2005), mesmo que temporários.

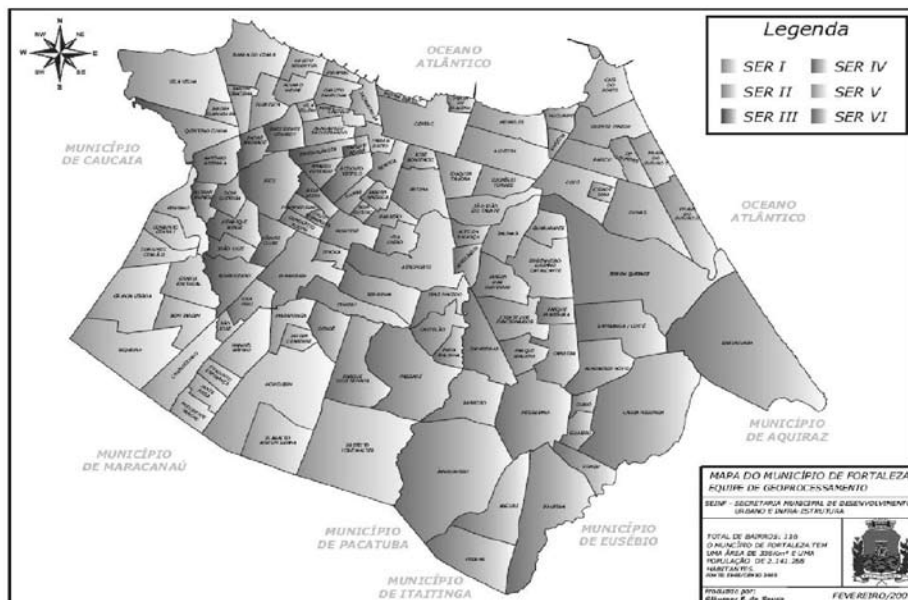
Para compreendermos melhor o papel do esporte na sociedade é preciso entender a dinâmica de interações entre esporte e sociedade a partir de três dimensões: percepção pública, cultura esportiva e participação cidadã. Neste capítulo temos como objetivo apresentar os Jogos Pan-Americanos Rio 2007, na percepção dos discentes do curso de educação física da cidade de Fortaleza.

Contextualização, Pesquisa, Sujeitos e Procedimentos

Fortaleza, hoje é uma metrópole com 2 milhões de habitantes é admirada por turistas do mundo inteiro. A partir dos anos 1990, passou a se apresentar como uma das capitais brasileiras mais bem equacionadas e tornou-se destino altamente requisitado por turista do Brasil e do exterior.

Atualmente, Fortaleza possui uma área de 313,8 Km², a densidade demográfica gira em torno de 6.818 habitantes por Km². É uma cidade que cresce

verticalmente, principalmente na zona litorânea, abrange 148 bairros e seis regiões administrativas, como se pode apreciar no mapa abaixo.



O levantamento de Percepção é uma importante ferramenta de compreensão da realidade local, no entanto não existe nenhuma técnica considerada ainda a mais apropriada para estudos de Percepção. O que existe, é muitas vezes, a mistura de técnicas num mesmo projeto, na qual complementam os dados a serem levantados conforme o objetivo designado (SAMMARCO, 2005).

Quanto aos objetivos, classifica-se como pesquisa do tipo exploratório, pois os estudos exploratórios permitem ao investigador aumentar sua experiência em torno de determinado problema (TRIVIÑOS, 1993, p.109).

Os sujeitos da amostra são alunos de graduação dos cursos de Educação Física, de instituições públicas e privadas da cidade de Fortaleza. A amostra foi constituída de 192, sendo eles, 92 do sexo feminino e 100 do sexo masculino; oriundos das seguintes instituições: Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Estadual do Ceará (UECE), Universidade Fortaleza (UNIFOR) e Faculdades Integradas do Ceará (FIC).

Os acadêmicos que compuseram a amostra aceitaram voluntariamente a tarefa de responder ao instrumento de coleta de dados, no qual o anonimato dos respondentes foi preservado. O período de aplicação do instrumento foi delimitado pelos meses de agosto e setembro de 2007, logo após a realização do PAN 2007 em julho do mesmo ano.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário, fechado, constituído por dez questões que versavam sobre “a percepção de acadêmicos de Educação Física a cerca do impacto do PAN 2007”. Questionário este elaborado pela pesquisadora Ludmila Mourão da Universidade Gama Filho, para observar percepções de alunos da Educação Física sobre os jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro. e aplicado em diversas cidades de diferentes regiões do Brasil.

Pressupondo-se que o sentido de uma pesquisa qualitativa não está na obtenção do maior número de informações iguais, e sim, na consistência e variabilidade das respostas, não buscamos uma validade estatística do grupo amostral (SILVA, 2005, p. 25).

Discutindo Dados

As questões que compuseram o instrumento de coleta de dados aqui discutido buscavam informações dos respondentes em vários aspectos de sua percepção.

A respeito da percepção do maior interesse pela prática esportiva no bairro onde mora como efeito do PAN, 15,7% dos respondentes perceberam esse interesse “antes do início do PAN” enquanto 84,3% não perceberam nada. Já na segunda alternativa que citava a opção “durante o PAN”, 57,2% responderam positivamente, enquanto 42,8% responderam negativamente. Na alternativa “depois do PAN” 33,3% das respostas foram afirmativas e 66,7% foram contrárias à afirmação.

No que tange a observação do envolvimento da comunidade onde reside com a realização dos Jogos do PAN 2007, embora distante no Rio de Janeiro, 14% dos respondentes afirmaram que houve o envolvimento da comunidade “antes das competições”, enquanto 86% afirmaram que não. A respeito do envolvimento da comunidade “durante as competições” 57,8% o perceberam e 42,2% não o perceberam.

Quando perguntados se a sua comunidade enfeitou alguma rua para comemorar o evento do PAN 2007 no Rio de Janeiro, 2% do grupo amostral afirmaram que a população enfeitou a rua “antes das competições”, enquanto 98% afirmaram que não. Quando foram questionados sobre a ornamentação das ruas “durante as competições” 7,8% o perceberam e 92,2% não o perceberam.

Embasado no conhecimento dos respondentes das pessoas seu bairro quantas assistiram pela TV ou rádio e/ou foram aos eventos de inauguração das instalações dos Jogos do PAN 2007, 39,6% responderam “muitas pessoas”, 29,6% “algumas pessoas”, 20,4% “poucas pessoas” e 10,4% “nenhuma pessoa”.

Ao serem indagados sobre o interesse constante das pessoas pelas competições e resultados do PAN 2007 no seu local de moradia, 42,1% “de muitas pessoas”, 41,1% “de algumas pessoas”, 16,2% “de poucas pessoas” e 0,6% “de nenhuma pessoa”.

Do grupo amostral 19,8% observou positivamente o movimento maior de pessoas em seu bairro no período de realização dos Jogos do PAN 2007, enquanto 82,2% não perceberam nenhuma alteração na movimentação do bairro.

“Durante o PAN” 91,6% dos respondentes observaram na convivência com as pessoas do seu bairro comentários acerca dos eventos assistidos (rádio, TV e internet) dos Jogos do PAN 2007, enquanto 8,4% não observaram nada. Já “Depois do PAN” 40,1% observaram estes comentários e 59,9% não os observaram.

A respeito da observação dos deslocamentos das pessoas de seu bairro para assistirem aos eventos do PAN 2007 na TV, 40,1% foram positivos e 59,9% foram negativos.

Quando questionados a respeito de sua percepção sobre o aumento da identificação na relação com as pessoas neste período do PAN 2007, por serem estudantes de Educação Física, “Antes do início do PAN” 23,4% das respostas foram positivas e 76,6% foram negativas. Já “Durante o PAN” as respostas foram positivas e negativas sucessivamente, 66,1% e 33,9%. Porém “Depois do PAN” 36,5% positivas e 63,5% negativas.

No que compete ao envolvimento dos respondentes nos Jogos Pan Americanos, ao serem indagados sobre seu interesse em participar voluntariamente em outros grandes

eventos esportivos depois da experiência dos Jogos Pan Americanos no Brasil, 83,8% foram positivos em seus posicionamentos, enquanto 16,2% não participariam.

Na parte aberta do instrumento, os respondentes que optaram pelo voluntariado em um possível megaevento relataram suas preferências no trabalho esportivo. Este item foi abordado qualitativamente, pois fizemos uma análise interpretativa dos resultados.

Outro fator importante que merece ser destacado foi o interesse dos respondentes em participar de atividades diversificadas, sendo elas: handebol, salto ornamental, patinação, basquete, lutas além de atividades de apresentação artística (abertura e encerramento), entrega de premiações e apoio aos atletas.

Neste aspecto cinco eventos dos jogos se destacaram, dentre eles “o atletismo e o futebol”, o primeiro apresentando um grande interesse possivelmente pelo fascínio que causa em todo público e também por toda sua representação histórica no imaginário dos atletas e não atletas, o outro por não aparecer tão destacado como estávamos habituados a ver no chamado “país do futebol”, no entanto, ainda tendo uma grande representatividade dos respondentes.

A “ginástica artística” encontra-se também em destaque provavelmente pelo fato de aparecer constantemente na mídia e estar apresentando resultados expressivos a nível mundial, além dos seus atletas terem conquistado a simpatia popular.

Já o aparecimento da “natação” em grande parte pode estar relacionado com o grande número de medalhas conquistadas pela equipe brasileira no evento, o que poderá ocasionar um impacto positivo no esporte mesmo que a longo prazo.

O caso específico do “vôlei” e sua representação na amostra, devem-se a forte influência do esporte na cidade de Fortaleza, uma vez que, esta é o berço de atletas de renome internacional, principalmente no vôlei de praia.

Um ponto crucial ao se analisar o instrumento aplicado em Fortaleza diz respeito à cultura local e condições socioeconômicas, bem marcadas quando aprofundamos nosso olhar nas respostas agrupadas por regiões de moradia. De acordo com o mapa supracitado que divide Fortaleza em regiões, tivemos as seguintes percepções:

Um fato importante observado na análise dos resultados foi à representatividade estatística semelhante quando os dados foram comparados entre as regionais em que é dividida a cidade de Fortaleza. Isto pode ter sido ocasionado pelo distanciamento geográfico da cidade de Fortaleza em relação ao local do evento Rio de Janeiro (a distância entre as capitais é de 2805 km). Além disso, todos os respondentes são alunos do curso de Educação Física e, provavelmente, recebem estímulos similares sobre megaeventos esportivos, e isto pode possibilitar oportunidades para aquisição de competências cognitivas consideradas necessárias pela sociedade para prepará-los para o mundo do trabalho (no campo do esporte) e a vida em sociedade e, ainda, desenvolver seus talentos individuais, culminando assim, numa cultura comum e de acesso a todos sobre os conteúdos e as especificidades da Educação Física fazendo com a universidade reproduza sua função de transmissora cultural.

Considerações Finais

As atividades e eventos esportivos vêm crescendo em importância e em proporções e tem protagonizado e refletido em inúmeras questões de âmbito nacional e internacional. Para tanto, percebeu-se que sem uma infra-estrutura mínima que possibilite ao cidadão ter acesso as diferentes práticas esportivas é muito difícil que

apenas a divulgação em massa de um megaevento esportivo afete sua percepção a ponto de mudar seus hábitos.

É pertinente lembrar que o legado de um evento deste porte produz frutos culturais e sociais, já que toda estrutura construída e suas ramificações se transformam em capital social e cultural da população que vive em seu entorno.

A idéia de ser voluntário num megaevento esportivo, de acordo com a pesquisa, é bastante desejada e acaba sendo incorporada ao imaginário do acadêmico de Educação Física que se identifica com o evento.

Um olhar mais aprofundado a respeito da pesquisa “*Os jogos pan-americanos na percepção dos discentes do curso de educação física na cidade de Fortaleza*”, sob a ótica das regionais da cidade de Fortaleza segue a perspectiva que Bourdieu (2001) denomina de *capital cultural institucionalizado*, ou seja, as instituições educacionais conseguiram transmitir teoricamente um arcabouço de conhecimento sistematizados de forma vertical, criando uma cultura universal a respeito dos conceitos básico utilizados neste evento. O que é em certa medida confirmado por Maffesoli (1987) quando ele aponta que há uma certa sintonia nos discursos de pessoas que pertencem a um mesmo grupo social.

Referencias

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. Escritos de Educação. Petrópolis: Vozes, 2001.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo na sociedade de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

RUBIO, Kátia. Os Jogos Olímpicos e a Transformação das Cidades: Os Custos Sociais de um Megaevento. *Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona. ISSN:1138-9788. Depósito Legal:B.21.741-98 Vol. IX, núm. 194 (85), 1 de agosto de 2005.

SAMMARCO, Yanina Micaela. *Percepções Sócio-Ambientais em Unidades de Conservação: O Jardim De Lillith?* Dissertação de Mestrado. Florianópolis. Mestrado em Engenharia Ambiental no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

SILVA, Ana Patrícia da; OLIVEIRA, Denise de; ZIDAN, Vanda Mendes Loureiro. A Percepção do Professor Sobre o Conceito de Autonomia no Cotidiano Escolar. *Cadernos de Educação*, Cuiabá - MT, v. 09, n. N.1, p. 17-32, 2005.

TRIVIÑOS. *Pesquisa em ciências sociais*: São Paulo: Atlas, 1993.

Percepção dos Profissionais de Educação Física do Rio de Janeiro e Espírito Santo Sobre Impactos dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007

Lilian Pereira de Carvalho
Ana Cristina Melo
Lamartine DaCosta
Universidade Gama Filho

Perception of physical education professionals of Rio de Janeiro and Espírito Santo states about the impacts of the 2007 Pan American Games *The objective of this study was to investigate the impact of the 2007 Pan American Games through (i) the perception of physical education professionals in their professional activities, and (ii) the increase in the number of people who adhere to sports, and in other areas related to physical activities organized in the state of Rio de Janeiro before, during and after the Games. Five thousand professionals were sent questionnaires, but only 450 returned them, which represents 9% of the initial sample. The results suggested that the respondents perceived an increase in adherence of the population to sports, but this fact did not correspond to any increase in terms of professional opportunities for them.*

Os XV Jogos Pan-Americanos (PAN Rio 2007) constituíram um evento multiesportivo vinculado à Organização Desportiva Panamericana (ODEPA) e realizado na cidade do Rio de Janeiro, Brasil, entre 13 e 29 de julho de 2007 com a participação de 5.662 atletas de 42 países do continente americano, disputando 35 modalidades esportivas. Após mais uma realização dos Jogos os atletas brasileiros levaram o Brasil 161 vezes ao pódio (54 medalhas de ouro, 40 de prata e 67 de bronze), marcando assim a melhor participação brasileira em todas as edições do Pan-Americano.

O momento do PAN 2007 na cidade do Rio de Janeiro como em todo o País não foi apenas uma competição internacional de grande mobilização popular com suporte da mídia, mas também uma oportunidade de observação, experimentação e aprendizagem de gerenciamento de um megaevento esportivo, incluindo envolvimento profissional de diferentes especialidades. Neste particular, os profissionais de Educação Física podem ser destacados por relação direta com o esporte em termos de intervenção profissional e conseqüente desenvolvimento da atividade esportiva na cidade sede do PAN 2007 e até certo ponto em todo o País. Convergentes com esta interpretação, os organizadores do PAN 2007 frequentemente apontavam o desenvolvimento local do esporte como um legado dos Jogos.

Neste contexto vários estudos se originaram do PAN 2007 em condições antes, durante e pós-evento, entre as quais se insere a presente pesquisa realizada no âmbito do Mestrado e Doutorado em Educação Física da Universidade Gama Filho (UGF). Este empreendimento foi planejado com base na literatura científica sobre megaeventos e legados olímpicos publicada pelo Comitê Olímpico Internacional no início da década de 2000, sobretudo por Mihalik (2003). Nesta informação assume-se que as pesquisas de percepção de grupos locais são apropriadas para avaliarem impactos dos megaeventos esportivos se aplicadas de modo longitudinal, isto é repetidas com o mesmo grupo respondente em vários anos.

Sabendo-se que durante o PAN 2007 muitos profissionais de Educação Física atuaram como dirigentes, treinadores, voluntários e atletas, organizou-se a pesquisa ora em relato cujo objetivo foi de observar impactos daquele megaevento por meio de respondentes envolvidos com esporte e portanto capacitados a interpretações de alterações nos ambientes em que viviam e trabalhavam. Este levantamento de percepções focalizou mudanças nas atividades esportivas por parte da população na cidade e no seu entorno geográfico como também prováveis impacto do PAN nas atividades dos profissionais de Educação Física junto às suas clientelas. Para viabilizar tal propósito os responsáveis por esta investigação se associaram ao Conselho Regional de Educação Física do Estado do Rio de Janeiro – que inclui o Espírito Santo – (CREF 1) a fim de se ter acesso ao banco de dados dos profissionais atuantes na área circunscrita pelo PAN 2007.

Metodologia

Dois meses após o encerramento dos Jogos foram enviados, via correio eletrônico, um questionário para 5.000 profissionais de Educação Física registrados no Conselho Regional de Educação Física da 1ª Região – CREF 1 dos Estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo, contendo oito questões fechadas relacionadas à influência da realização dos XV Jogos Pan-Americanos Rio 2007 junto às populações de contato freqüente dos respondentes (quatro questões) como também nas atividades desses profissionais de Educação Física (quatro questões), segundo suas percepções (antes, durante e depois dos Jogos). Esta amostra foi classificada como não probabilista e de conveniência uma vez que uma amostra estatística seria menos importante do que um grupo com respondentes identificados para consultas posteriores em intervalos de longa duração, como se organizou com dados do CREF 1.

Resultados

Responderam à pesquisa 450 profissionais, 262 do sexo masculino e 188 do sexo feminino, cujas áreas de atuação podem ser apreciadas na Tabela 1. Separados por áreas de atuação, encontramos 47% dos profissionais atuando em múltiplas áreas, 27% exclusivamente em academias, 18% em escolas, 5% em clubes e 3% em projetos sociais (Gráfico 1). Este perfil multivariado foi considerado satisfatório para dar significado às respostas sobre impactos nas atividades profissionais. Por seu turno, a cifra de 9% referida ao retorno do questionário mostrou-se de acordo com a validação mínima de pesquisas por correspondência conforme registro de Perissé Nolasco (2006).

O impacto provável do PAN sobre as atividades profissionais tem uma primeira abordagem pelo Gráfico 2. Neste arranjo de dados o conhecimento sobre a realização dos Jogos pelos usuários no local de atuação do profissional foi de 78% antes, 93% durante e 85% pós-evento. Este resultado revela uma influência importante dos Jogos junto à população, com menor efeito antes e depois como habitualmente acontece com grandes impactos.

A confirmação do efeito PAN 2007 na população do Rio de Janeiro aparece no Gráfico 3 em que se demonstra que comparando a prática esportiva antes e durante os Jogos, constata-se um crescimento (de 24% para 58%) e um pequeno declínio posterior (de 58% para 53%). Já o Gráfico 4 remete a percepção deste efeito para a presença do PAN no local de intervenção profissional como efeito da mídia, aumento

de interesse sobre esporte ou pelos dois motivos. Neste quesito, 43% dos respondentes consideraram que os Jogos se fizeram presente pelos dois motivos, 40% como efeito da mídia e 17% pelo interesse sobre esportes. Como tal, este resultado reforçaria o nexo da associação do esporte com mídia com benefícios mútuos. De qualquer modo, tornou-se evidente que o impacto do PAN fluiu de modo efetivo junto à população do Rio de Janeiro em diferentes vias de observação.

TABELA I: Distribuição dos profissionais por sexo e áreas de atuação

| Área de atuação | Homens | Mulheres | Total |
|-----------------|--------|----------|-------|
| Múltiplas áreas | 135 | 75 | 210 |
| Academias | 66 | 54 | 120 |
| Escolas | 34 | 46 | 80 |
| Clubes | 15 | 09 | 24 |
| Projeto Social | 12 | 04 | 16 |

Gráfico 1- Distribuição dos respondentes por áreas de atuação.

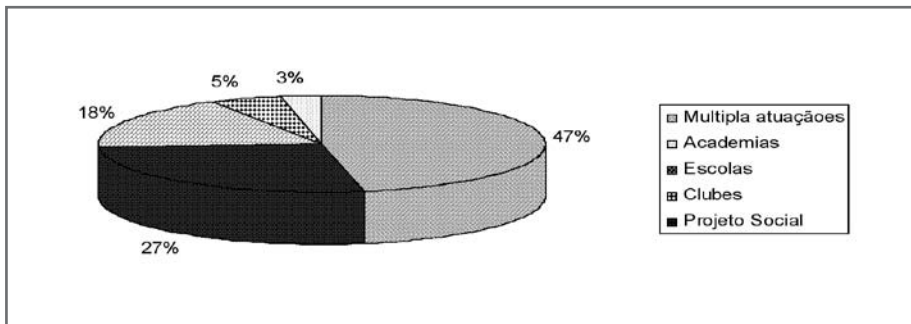


Gráfico 2: Conhecimento pelos usuários sobre a realização dos Jogos no local de sua atuação profissional.

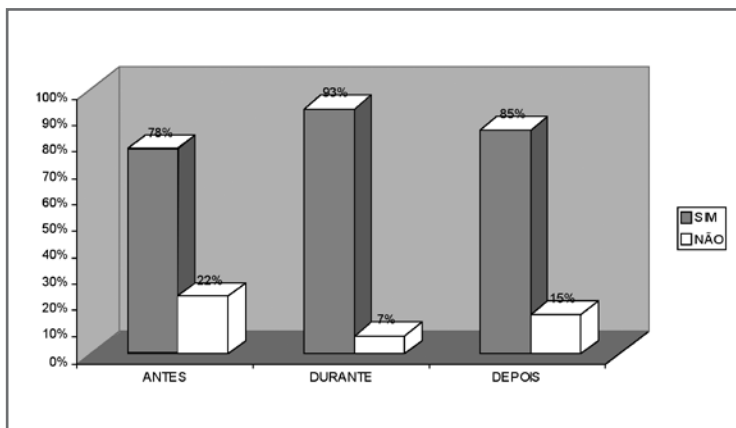


Gráfico 3: - Aumento do interesse pela prática esportiva no bairro onde reside

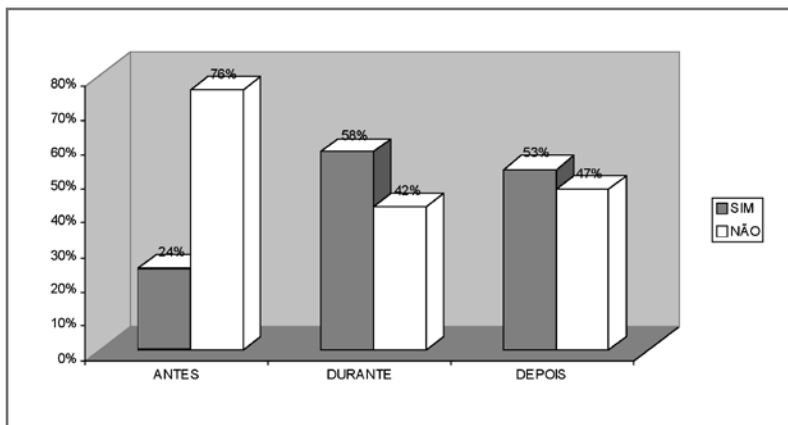
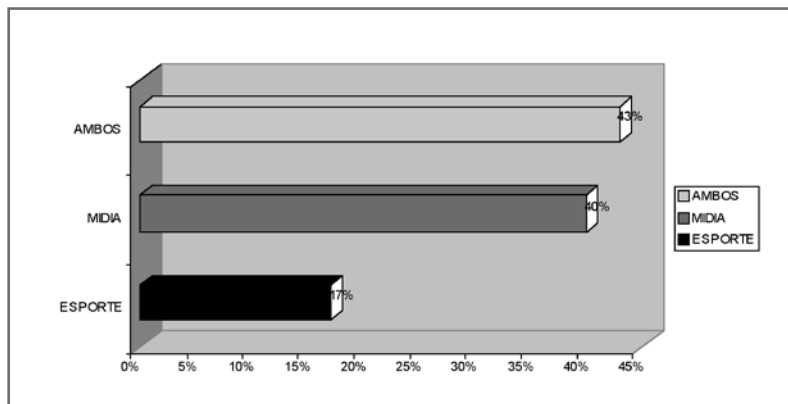


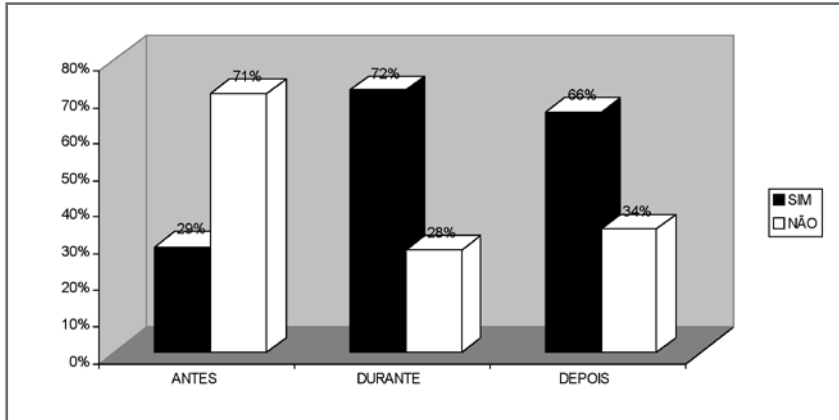
Gráfico 4: - Percepção sobre a presença do PAN no local de intervenção profissional como efeito da mídia, aumento de interesse sobre esporte ou pelos dois motivos.



Dados sobre adesão da população aos exercícios físicos por influência do PAN são expostos no Gráfico 5. Neste arranjo podemos verificar que a adesão à prática esportiva e aos exercícios físicos aumentou significativamente (de 29% antes para 72% durante os Jogos), sofrendo um pequeno declínio (de 72% para 66%) após a realização das competições. Este resultado também é compatível com os anteriores aqui examinados, sugerindo que a adesão ao esporte como legado se confirmou embora não se saiba sua duração no longo prazo.

Quando questionados sobre a influência do PAN em relação à valorização profissional os respondentes indicaram a configuração exibida pelo Gráfico 6 pelo qual é detectada uma maior valorização de atividades profissionais durante a realização do megaevento (de 36% para 64%), mas revelam um declínio (de 64% para 48%) posterior. O significado destes números parecem incidir na interpretação de que o PAN fez melhorar o perfil da clientela dos profissionais de Educação Física mas sem percepção positiva quanto ao status do exercício profissional. Em outras palavras, houve impacto positivo do PAN na população mas sem repercussões secundárias ao menos pelo viés de adesão ao esporte.

Gráfico 5: Percepção sobre o aumento da adesão a esportes ou exercícios físicos como efeito da realização do PAN no local de intervenção profissional



O Gráfico 7 mostra os resultados sobre a contribuição do PAN no desenvolvimento de valores esportivos. Como se pode observar a contribuição para o desenvolvimento de valores esportivos foi de 33% antes da realização das competições aumentando para 65% durante, e decrescendo para 55% ao término do evento. Estas opções dos respondentes indicariam mais um reforço à interpretação do esporte como legado do PAN desde que o aumento de atividades teria sido concomitante com uma melhor qualidade nos fundamentos da adesão popular.

O tema da intervenção profissional retorna no Gráfico 8 em que a influência do PAN é questionada quanto à influência no desenvolvimento das atividades profissionais *per se*, quando 50% consideram que há muita, 37% pouca e 13% nenhuma. Ou seja: o PAN não teria valorizado o status profissional mas poderia estar melhorando o exercício profissional, algo também compatível com crescimento das atividades físicas. Já o Gráfico 9 parece melhorar a compreensão da expansão sem vantagens profissionais em termos de emprego: 39% dos respondentes consideraram que não houve aumento de oportunidades profissionais, 38% pouco e para 23% muito. Portanto, mesmo diante da informação corrente de que o PAN teria gerado 46.200 empregos diretamente relacionados aos Jogos, este fato não foi percebido pela categoria profissional de Educação Física.

Gráfico 6: Percepção sobre a valorização das atividades profissionais

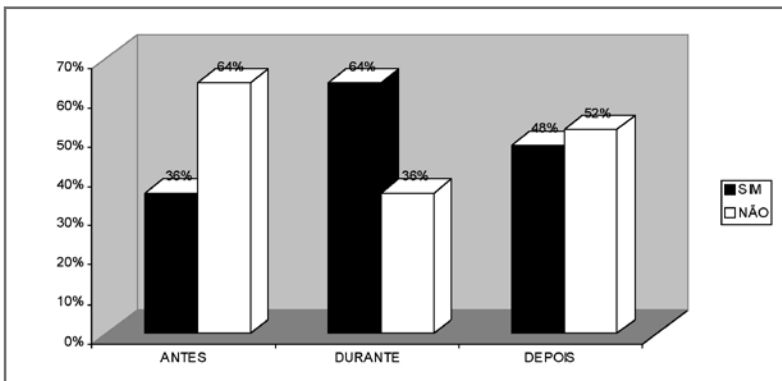


Gráfico 7: Percepção sobre a contribuição do PAN no desenvolvimento de valores esportivos

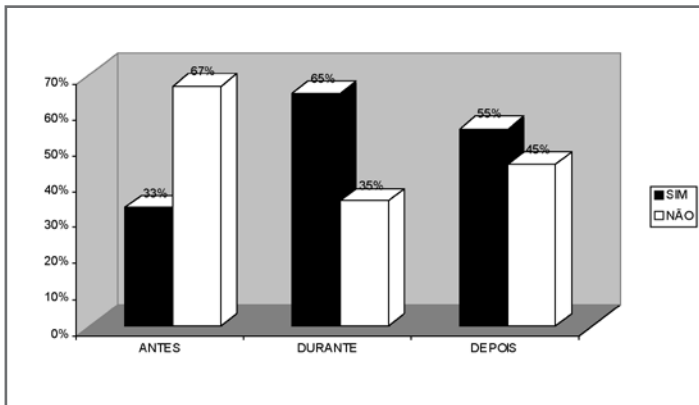


Gráfico 8 – Percepção sobre a influência do PAN no desenvolvimento das atividades do profissional de Educação Física.

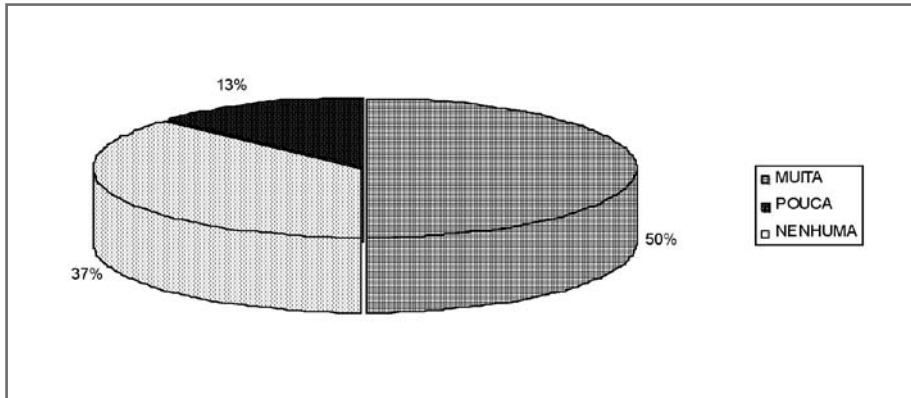
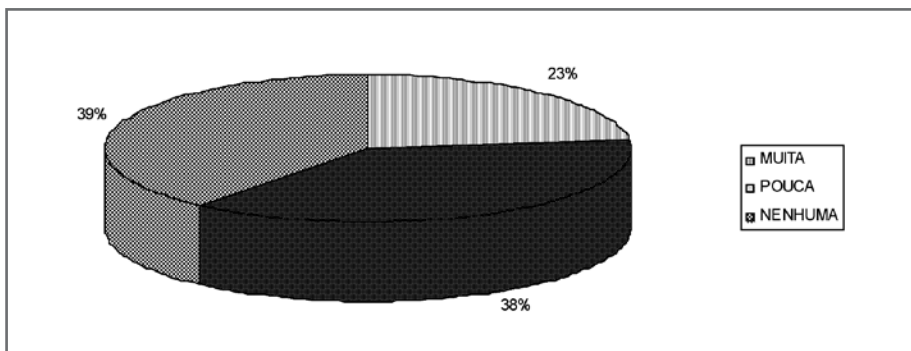


Gráfico 9: – Percepção sobre o aumento de oportunidades profissionais após o PAN



Considerações Finais

O desenvolvimento local do esporte como um legado dos Jogos Pan-Americanos 2007 pode ser confirmado pela investigação aqui apresentada porém apenas na condição inicial de impacto. A permanência deste legado em prazos mais longos dependerá de novas pesquisas retornando-se aos mesmos respondentes do questionário distribuído via CREF 1.

Por seu turno, a expansão e desenvolvimento das atividades esportivas na área de influência direta do PAN 2007 não correspondeu a um reconhecimento maior da profissão de Educação Física nem a um aumento de oportunidades de trabalho. Em resumo, o legado esportivo do PAN tem mais sentido comunitário do que instrumental por parte dos profissionais da área.

Referências

MIHALIK, B. J. Host population perceptions towards the 1996 Atlanta Olympics: benefits and liabilities. In: MORAGAS, M.; KENNETT, C.; PUIG, N. eds. *The legacy of the Olympic Games: 1984-2000 International Symposium*, 14 - 16 November 2002. Lausanne: Olympic Studies Centre - IOC, 2003, pp. 339 – 345.

PERISSÉ NOLASCO, V.. *Gestão de voluntariado do Atlas do Esporte do Brasil sob o perfil de adesão dos colaboradores, editores e patrocinadores*. Dissertação de Mestrado em Educação Física. Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2006, p. 58.

Cerimônia de Abertura dos Jogos Pan-Americanos 2007: uma avaliação a Partir de Parâmetros Olímpicos

**Aline Haas – GPEO/PUCRS
GIEO – PUCRS/UFRGS
Carolina Dias – GPEO/PUCRS
Luis Henrique Rolim – GPEO e GIEO
Nelson Todt – GPEO e GIEO**

The opening ceremony of the 2007 Pan American Games: an evaluation from Olympic parameters *The objective of this study was to analyze the Opening Ceremony of the 2007 Pan American Games having as basis the elements that make up the Opening Ceremonies of the Olympic Games. In spite of instances in which protocol was broken, the Opening Ceremony contributed with an 'intangible legacy': a 'legacy of knowledge' aiming at the possible staging of the Olympic Games in Brazil.*

O Brasil já há alguns anos vem buscando sediar os Jogos Olímpicos. Entretanto, a falta de experiência na organização de megaeventos esportivos, aliada a diversos fatores políticos e econômicos têm sido elementos desfavoráveis para a realização deste sonho.

Na tentativa de ganhar *know-how* e minimizar essas dificuldades, a realização dos Jogos Pan-Americanos certamente foi um primeiro passo. Esta afirmativa se sustenta no fato de que vários aspectos da organização dos Jogos Pan-Americanos se assemelham aos dos Jogos Olímpicos, o que vale dizer que o Pan Rio 2007 foi um excelente laboratório para o Brasil.

Como nos Jogos Olímpicos, a cerimônia de abertura dos Jogos Pan-Americanos atrai a atenção de milhões de espectadores, entre outros motivos, por seu caráter festivo e simbólico, o que faz deste momento o grande diferencial destes eventos. As semelhanças das duas cerimônias não param por aí, já que a Organização Desportiva Panamericana (ODEPA), em linhas gerais, segue os parâmetros do Comitê Olímpico Internacional (COI).

Diante deste contexto surgiram algumas inquietações: Terá a Cerimônia de Abertura dos Jogos Pan-Americanos 2007 elementos do protocolo olímpico? Qual a percepção de especialistas em estudos olímpicos sobre esta cerimônia? A partir desses questionamentos, buscou-se responder ao seguinte problema: Que elementos da Cerimônia de Abertura dos Jogos Pan-Americanos 2007 relacionam-se com os das Cerimônias Olímpicas?

Assim, o objetivo geral desse estudo foi investigar a Cerimônia de Abertura dos Jogos Pan-Americanos 2007 a partir dos elementos que constituem as Cerimônias de Abertura dos Jogos Olímpicos.

A realização dessa pesquisa apoiou-se na necessidade de avaliar o legado da Cerimônia de Abertura deste megaevento, prospectando a realização de uma edição dos Jogos Olímpicos no Brasil. Dentro da variedade de legados possíveis, podemos pensá-los a partir de duas variáveis: os legados tangíveis e os intangíveis.

Telles (2007) afirma que o legado tangível diz respeito a toda a infra-estrutura de um megaevento e está relacionada, em especial, a análises econômicas de custo-benefício; por outro lado, o impacto cultural de um megaevento pode ser considerado um legado intangível, pois seus efeitos repercutem de modos diversos: algumas vezes para legitimar mudanças, outras, para lançar uma larga sombra sobre a cidade ou área associada a um projeto falho. A partir destes pressupostos, considera-se que os aspectos da Cerimônia de Abertura dos Jogos Pan-Americanos se caracterizam como um legado intangível.

Revisão de Literatura - O Olimpismo e as Cerimônias Olímpicas

Pierre de Coubertin (o famoso Barão que criou os Jogos Olímpicos da Era Moderna) considerava o Olimpismo como algo muito além de simples exercícios, mas como um complexo de participação, nos conduzindo à compreensão da Educação esportiva acessível para todos, o qual, entrelaçado com espírito de bravura e cavalheirismo, deveria implicar em manifestações estéticas e literárias, servindo como um motor para a vida nacional e um foco para a vida cívica.

Todt (2006), considera que os Jogos Olímpicos diferem-se das demais competições devido a sua bagagem cultural milenar de cerimônias e ritos. Ambas as celebrações de esporte e cultura são vitrines para a paz universal e faz da cerimônia um ritual de sentido universal que simboliza a união do corpo e da mente.

Por este motivo, Coubertin cuidou com especial atenção e meticulosidade das cerimônias e símbolos olímpicos que até hoje acontecem durante os Jogos, já que são essas cerimônias, ritos e símbolos, que os diferenciam, pelo aspecto festivo que comportam, das demais competições internacionais. Coubertin proveu o Movimento Olímpico com uma mensagem filosófica coerente. Ele deu ao Olimpismo uma série de símbolos e ritos que resultaram em um ritual no qual todas as culturas têm lugar. (INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, 2002).

MacAloon (2001) retoma a idéia de Coubertin apresentada anteriormente referindo que cada edição dos Jogos Olímpicos é um grande rito de passagem no qual milhões de pessoas estão, por assim dizer, prontas para viajar para longe de suas rotinas e vida diárias; através de um tempo e espaço especial; e então retornar. Neste contexto o mesmo autor ressalta a idéia do antropólogo brasileiro Roberto Da Matta destacando que os símbolos são criados por atos de deslocamento.

Embora as Cerimônias de Abertura dos Jogos Olímpicos existam desde 1896, é preciso levar em conta que muitos dos elementos do protocolo que passaram a ser parte da tradição olímpica foram estabelecidos gradualmente ao longo do tempo e sofreram uma série de adaptações. (INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, 2007).

Como refere Hogan (2003), as cerimônias consistem em um número de elementos compulsórios enumerados pela Carta Olímpica, junto com as *performances* culturais propostas pelos países que organizam os jogos. Estes dois elementos, na prática, refletem os valores e experiências de cada país sede. A narrativa resultante serve não apenas como uma afirmação da identidade nacional, mas também como publicidade nacional avançada e uma oportunidade

para promover turismo, investimentos corporativos internacionais, comércio e ideologias políticas.

Através dos anos, os organizadores dos jogos têm descoberto maneiras criativas para combinar o protocolo da Cerimônia de Abertura com os 'direitos' da indústria do entretenimento, as referências culturais, as inovações tecnológicas e a atmosfera de *Let the Games Begin*¹. (INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, [2007]).

As conclusões e recomendações do Simpósio Internacional de Cerimônias Olímpicas² apontam que a natureza das Cerimônias Olímpicas atrai a atenção de forma mais ampla e focada do que qualquer outro programa de evento regular de *performance* cultural. Este extraordinário fenômeno requer respeito e atenção de todas as partes. Como consequência do caráter internacional dos Jogos Olímpicos, foi alcançado um amplo entendimento acerca da importância das cerimônias para o Movimento Olímpico, assim elas foram classificadas a partir das seguintes dimensões. (INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, 1996):

- As cerimônias são o carro chefe para um intercâmbio intercultural no sistema mundial atual. Desta forma cumpre com um importante papel na Missão do Olimpismo de promover a paz e entendimento internacional;
- As cerimônias sustentam a continuidade histórica no Movimento Olímpico e expressam fortemente os fatores presentes no contexto da realidade global; e
- As cerimônias representam uma oportunidade de Educação popular e de pesquisa profissional em instituições e órgãos do Movimento Olímpico.

Todt (2006) resume esta idéia quando refere que as Cerimônias são elementos que contribuem para uma Educação Olímpica. Neste sentido, vale ressaltar que a Educação Olímpica também é um fator determinante para a candidatura de sede dos Jogos Olímpicos.

Mas e os Jogos Pan-Americanos? Como estes se relacionam com este padrão olímpico? Estas respostas passam, necessariamente, pela compreensão de como funciona a Organização Desportiva Pan-Americana.

A ODEPA e a Cerimônia de Abertura do Pan 2007

A Organização Desportiva Pan-Americana (ODEPA) é a entidade que reúne os Comitês Olímpicos Nacionais dos países do continente americano. Reconhecida pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), a ODEPA foi oficialmente fundada em 8 de Agosto de 1948. É uma entidade civil sem fins lucrativos, apolítica e não religiosa que tem por missão fortalecer os vínculos de união e amizade entre os povos americanos e impulsionar o desenvolvimento do esporte no continente. O principal objetivo da ODEPA é a realização dos Jogos Pan-Americanos, de quatro

1 - Manteve-se a expressão original do inglês *Let the Games Begin*, pois é típica dos Jogos Olímpicos. Em uma tradução livre representa a seguinte idéia: "Que comecem os Jogos!".

2 - Encontro realizado em Barcelona, em 1995, sob os auspícios da Assembléia Internacional de Olimpismo e do Museu Olímpico. O Simpósio teve a participação de mais de 50 representantes do COI, Comitês Organizadores de Jogos Olímpicos, Cidades Candidatas, diretores e produtores de Cerimônias Olímpicas (antigos e atuais), pesquisadores acadêmicos de diversas áreas, dirigentes de universidades e mídia em geral. (INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, 1996).

em quatro anos. O lema dos Jogos Pan-Americanos é ‘America, Espirito, *Sport, Fraternité*’, que pode ser entendido como ‘O espírito Americano de amizade através do Esporte’. (PAN AMERICAN GAMES FAN PAGES, 2007).

Assim como nos Jogos Olímpicos, a Cerimônia de Abertura dos Jogos Pan-Americanos geram uma grande repercussão nacional e internacional. A expectativa sobre como seria a abertura do Pan 2007 no Rio de Janeiro criou grande expectativa, em especial, pela curiosidade em saber se o Brasil teria condições de organizar um evento desta natureza com êxito.

De acordo com os documentos disponibilizados no site Pan Rio 2007 *Observer Programme* (2007), os principais objetivos da Cerimônia de Abertura dos Jogos Pan-Americanos 2007 eram:

- Realizar uma visão criativa dos Jogos e dar as boas-vindas do Rio de Janeiro ao mundo todo;
- Garantir que os atletas tivessem uma memorável e excitante experiência;
- Manter uma eficiente, organizada, segura e divertida operação para todos envolvidos;
- Garantir uma transição segura para o evento esportivo; e
- Fazer o Rio de Janeiro e o Brasil orgulhosos pelo seu esforço combinado.

A Cerimônia de Abertura dos XV Jogos Pan-Americanos Rio 2007, objeto de estudo desta pesquisa, aconteceu no Estádio do Maracanã, na noite de sexta-feira, dia 13 de julho. Segundo o Comitê Organizador dos Jogos, o público foi estimado em cerca de 75 mil pessoas. (COMITÊ ORGANIZADOR RIO 2007, 2007).

O *slogan* dos Jogos Pan-Americanos de 2007, realizados no Rio de Janeiro, Brasil foi: “Viva essa Energia!”. Este tema foi apresentado ao público na Cerimônia de Abertura dos jogos através de 1.400 percussionistas que trouxeram a energia das ruas do Brasil para dentro do Maracanã. Após a saudação na chegada dos atletas de 42 nações, três diferentes segmentos celebraram a energia que caracteriza a cidade do Rio de Janeiro: a ‘Energia do Sol’, a ‘Energia da Água’ e a ‘Energia do Homem’. O evento de abertura terminou com o acendimento da Pira Olímpica que, em forma de bola de fogo, representava o sol brasileiro. (FIVE CURRENTS, 2007).

Vários elementos considerados ‘olímpicos’ tiveram destaque na Cerimônia de Abertura dos Jogos. A Produção Executiva foi do presidente da *Five Currents*³ Scott Givens, a Direção Artística ficou com a carnavalesca Rosa Magalhães e do cenógrafo Luiz Stein, e a Direção Musical foi do músico Alê Siqueira. A equipe de produção contou com 767 pessoas (740 brasileiros e 27 estrangeiros), sendo que o número de voluntários chegou a 1.000. O elenco envolveu, entre dançarinos e músicos, 5.124 pessoas. Assim, o evento contou com um total de 8.767 pessoas envolvidas diretamente na sua organização e realização. (PAN RIO 2007 OBSERVER PROGRAMME, 2007).

3 - Empresa norte-americana contratada pelo CO-RIO que produziu as Cerimônias de Abertura e Encerramento dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007. Vale destacar que a ‘lista’ de clientes da *Five Currents* envolve entre outras grandes empresas e eventos, a FIFA, o COI, os Jogos Olímpicos de Atlanta, Atenas e Pequim.

Metodologia

Este estudo se caracterizou por ser de campo, descritivo. A coleta de dados foi realizada em duas etapas e teve uma análise qualitativa. O método *survey* foi entendido como o mais adequado para o desenvolvimento da pesquisa. Este tipo de pesquisa “[...] identifica falhas ou erros, descreve procedimentos, descobre tendências e reconhece interesses e outros comportamentos, utilizando principalmente o questionário, entrevista ou *survey* normativo como instrumento de coleta de dados”. (MATTOS, ROSSETTO Jr. e BLECHER, 2004, p. 15).

Na primeira etapa de estudo a população foi composta por pesquisadores em Estudos Olímpicos, residentes em diferentes estados brasileiros, que iriam assistir a Cerimônia de Abertura dos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro realizada no dia 13 de julho de 2007. Assim, a amostra da primeira etapa, do tipo intencional (MARCONI e LAKATOS, 2003), foi composta por 25 sujeitos.

Com o objetivo de convidar a população de estudo para participar desta pesquisa, foi realizado um contato por e-mail, em data anterior a da Cerimônia de Abertura com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e as informações necessárias sobre a pesquisa, e também, explicações e esclarecimentos sobre a natureza e características da mesma. Os interessados em participar deste estudo retornaram o e-mail, dando seu consentimento e também o aceite para participar do estudo.

O instrumento utilizado na primeira etapa foi um questionário em ‘Escala *Likert*’ elaborado especificamente para esta pesquisa (MATTOS, ROSSETTO JÚNIOR e BLECHER, 2004). A escala para o primeiro grupo de questões (Tabela 1), que se refere aos itens avaliados, foi dividida em três pontos: I (Identificado) / NI (Não Identificado) / SCO (Sem Condições de Opinar). Já a escala do segundo e do terceiro grupo de questões (Tabelas 2 e 3), que se referem ao grau de dificuldade para identificar os itens avaliados, foi dividida em seis pontos: MF (Muito Fácil) / F (Fácil) / M (Médio) / D (Difícil) / MD (Muito Difícil) / SCO (Sem Condições de Opinar).

Este instrumento foi enviado por e-mail para a amostra de estudo antes da Cerimônia de Abertura dos Jogos Pan-Americanos 2007. A devolução do mesmo também foi realizada por e-mail após a observação do Evento.

A segunda etapa do estudo ocorreu após a realização da Cerimônia de Abertura dos Jogos Pan-Americanos 2007. Participaram desta etapa 3 sujeitos que estiveram diretamente envolvidos com o objeto de estudo: um especialista internacional em Estudos Olímpicos; um representante do Ministério do Esporte brasileiro; e um especialista na área de Estudos Olímpicos, observador do Evento pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Assim, a amostra desta etapa também foi do tipo intencional.

Foram realizados contatos por e-mail e por telefone para o agendamento das entrevistas que foram realizadas após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi uma entrevista com perguntas abertas, elaboradas especificamente para esta pesquisa (MATTOS, ROSSETTO JÚNIOR e BLECHER, 2004). As entrevistas foram gravadas e posteriormente analisadas.

Para a análise dos dados, de ambas as etapas do estudo, utilizou-se a abordagem qualitativa através de análise de conteúdos (BARDIN, 2004). As informações recolhidas nos questionários e nas entrevistas foram sintetizadas, classificadas, categorizadas, interpretadas e discutidas, chegando-se às considerações finais do estudo.

Análise e discussão dos dados

A seguir estão expostos os principais dados desta investigação, discutidos e analisados a partir de duas categorias: Protocolo Olímpico (Categoria 1) e *Slogan* do Pan 2007 (Categoria 2). Os dados coletados e selecionados apresentam-se identificados de acordo com sua origem: questionário (respondentes) e entrevista (entrevistados). Para melhor clareza da origem das informações provenientes dos entrevistados, será utilizada para identificação a letra 'E' procedida do número que representa cada um deles.

Protocolo Olímpico

Inicialmente é preciso levar-se em conta que não foi encontrado nenhum documento referente ao protocolo para as Cerimônias de Abertura de Jogos Pan-Americanos. Desta maneira, leva-se em consideração que o protocolo dessas cerimônias tem-se baseado no modelo olímpico e em orientações da ODEPA aos Comitês Organizadores em reuniões de trabalho (informação verbal)⁴.

A regra 58 da Carta Olímpica⁵ (INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, [2007]) menciona que o Protocolo Olímpico deve ser observado nas Cerimônias de Abertura a partir de 12 elementos: Desfile das Delegações participantes, Discurso do Presidente do Comitê Organizador, Chefe de Estado declara abertos os Jogos, Hino dos Jogos, Entrada e Hasteamento da Bandeira dos Jogos, Chegada da Tocha ao Estádio, Acendimento da Pira, Pombos simbolizando a paz, Juramento dos Atletas, Juramento dos Árbitros, Hino Nacional do País sede e Programa Artístico. Esses elementos foram utilizados no questionário elaborado para esta pesquisa e foram analisados a partir da Tabela 1, citada abaixo:

Tabela 1 - Protocolo Olímpico

| Item | PROTOCOLO OLÍMPICO – IOC (2007) | I | NI | SCO |
|-------------|----------------------------------------------|----------|-----------|------------|
| 1 | Desfile das Delegações participantes | 25 | - | - |
| 2 | Discurso do Presidente do Comitê Organizador | 25 | - | - |
| 3 | Chefe de Estado declara abertos os Jogos | 1 | 21 | 3 |
| 4 | Hino dos Jogos | 21 | 2 | 1 |
| 5 | Entrada e Hasteamento da Bandeira dos Jogos | 22 | 1 | 2 |
| 6 | Chegada da Tocha ao Estádio | 24 | 1 | - |
| 7 | Acendimento da Pira | 25 | - | - |
| 8 | Pombos simbolizando a paz | 11 | 11 | 3 |
| 9 | Juramento dos Atletas | 25 | - | - |
| 10 | Juramento dos Juízes | 23 | 2 | - |
| 11 | Hino Nacional do País sede | 24 | - | 1 |
| 12 | Programa Artístico | 24 | 1 | - |

4 - Informação fornecida por membro do CO-RIO em conversa telefônica informal em set. 2007.

5 - A Carta Olímpica é a codificação dos Princípios Olímpicos Fundamentais, Regulamentos e Leis adotadas pelo COI, que rege a organização e funcionamento do Movimento Olímpico, bem como dos Jogos Olímpicos. (INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, 2004).

Como se pode perceber na leitura do quadro, os itens 1 e 2 do protocolo foram identificados durante a realização do evento por todos respondentes. Por outro lado destaca-se a não identificação do item 3 pela grande maioria da amostra. De acordo com o protocolo da Carta Olímpica a responsabilidade legal de declarar oficialmente os Jogos Olímpicos abertos recai sobre o Chefe de Estado. Neste caso, o presidente do Brasil, que estava presente no evento, teria que cumprir o protocolo e declarar os Jogos Pan-Americanos abertos, entretanto, esta função foi cumprida pelo Presidente do Comitê Organizador.

Vale ressaltar que além de reis ou presidentes, as pessoas que têm esta tarefa devem estar de acordo com um protocolo político aceitável do país sede e ter a aprovação do COI. Assim, seus representantes podem ser um vice-presidente, um duque ou um governador geral. (INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, [2007]).

E1 aponta que a quebra de protocolo aconteceu devido à informalidade empregada na cerimônia. Segundo o mesmo entrevistado, o caráter de *show* empregado na cerimônia foi o que contribuiu para a informalidade do público que se sentiu apto a participar da cerimônia como 'torcida'. E2 reforça essa idéia justificando que as vaias que podem ter provocado a quebra do protocolo, fazem parte de um comportamento típico de torcida de futebol, em especial no Brasil. Assim na opinião do E2 existe uma falta de cultura esportiva para os brasileiros que estão mais acostumados a participar de jogos esportivos relacionados ao futebol.

E1 considera que foi feita uma festa na abertura dos Jogos Pan-americanos Rio 2007, não uma cerimônia. Entretanto, na opinião do E3, esse caráter festivo e informal não foi decisivo para a questão das vaias. Na opinião deste, as vaias surgiram em decorrência de um 'chauvinismo' carioca de ser 'anti-governos', aliado a uma idéia de que o 'Pan não era do Brasil e sim dos cariocas'. Neste sentido E2 explica que faz parte da cultura/tradição carioca ser oposição de qualquer governo.

A explicação para o ocorrido pode estar no que é referido por Anderson (1983 apud HOGAN, 2003): as Nações são mais do que entidades geopolíticas, elas são construídas de formas discursivas como 'comunidades imaginárias'. O senso comum caracteriza as diferentes nações a partir da criação e manutenção de algumas representações do caráter, cultura e trajetória histórica do seu povo.

Algumas representações se constituem como discursos de identidade nacional, ou seja, um conjunto de histórias, símbolos nacionais e rituais que são passados ou representados em experiências compartilhadas, perdas e triunfos que dão significado a uma nação. (HOGAN, 2003).

Ainda sobre este tema, E3 reforça a idéia de que essa quebra de protocolo pode contar negativamente para uma futura candidatura do Brasil para os Jogos Olímpicos. O entrevistado justifica sua opinião pela possível insegurança que esse fato pode gerar nos membros do COI.

Referente também à Tabela 1, verifica-se que os itens 4, 5, 6 e 7 foram identificados por quase totalidade dos respondentes; contudo, vale ressaltar, que o Hino executado foi o 'Olímpico', já que não há um hino 'Pan-Americano'.

Como as pombas simbolizam a paz, não é surpresa alguma que o protocolo da Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos indique a aparição simbólica destes pássaros. Todavia, devido a alguns transtornos históricos com as pombas em Cerimônias de Abertura, esta parte do protocolo foi retirada, mas não descartada.

Portanto, atualmente, a aparição das pombas deve ser simbólica (INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, 2007). Nesse sentido podemos entender a dificuldade dos respondentes em identificar esse elemento protocolar na cerimônia do Pan Rio 2007 (Item 8 da Tabela 1).

Embora os itens 1 e 9 (Tabela 1) tenham sido identificados pela totalidade dos respondentes, *E1* aponta para uma quebra de protocolo nestes elementos. O entrevistado aponta que o Desfile das Delegações foi realizado apenas como elemento secundário para o desfile da delegação brasileira. Segundo *E1*, o espaço destinado aos principais 'protagonistas dos jogos' não foi adequado, pois no momento do Juramento dos Atletas eles não estavam presentes, mas sim, sentados como audiência do espetáculo. Por outro lado, *E2* refere que o caráter de audiência em que foram colocados os atletas foi importante, pois dessa forma a cerimônia pôde ser assistida de maneira adequada por eles.

Convém lembrar que Coubertin enfatizava que as cerimônias deveriam, acima de tudo, honrar os atletas. O Simpósio Internacional de Cerimônias Olímpicas destacou ainda que qualquer esforço deve ser feito para assegurar o senso de participação dos atletas nas cerimônias, desde que preserve o caráter ritualístico do evento. (INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, 1996).

Os itens 10 e 11 foram igualmente identificados pelos respondentes (Tabela 1). *E1* salienta, porém, que o Hino Nacional do país sede não teve o caráter formal exigido neste tipo de evento, o que na opinião deste, representou uma quebra de protocolo.

Todavia, como já referido, os países organizadores incutem significados nacionais próprios nos rituais, domesticando esses momentos tidos como 'universais'. Para Hogan (2003), todos os elementos ritualísticos tradicionais são domesticados em algum grau. Esta tendência é bem ilustrada no ritual de execução do Hino Nacional do país sede. Segundo o mesmo autor, não é surpresa que esta *performance* seja um evento com um profundo simbolismo nacional.

Como se pode perceber, no item 12 da Tabela 1, a maioria dos respondentes identificou o 'Programa Artístico'. Quanto a este item, para uma melhor análise, discute-se conjuntamente nesta categoria as respostas do item 'Projeção Artística' da Tabela 2.

Tabela 2 - Características Fundamentais das Cerimônias Olímpicas

| <i>Item</i> | CARACTERÍSTICAS FUNDAMENTAIS CERIMÔNIAS OLÍMPICAS – IOC (2000) | <i>MF</i> | <i>F</i> | <i>M</i> | <i>D</i> | <i>MD</i> | <i>SCO</i> |
|-------------|-----------------------------------------------------------------------|-----------|----------|----------|----------|-----------|------------|
| 1 | Sentido Histórico | 5 | 1 | 7 | 5 | 5 | 2 |
| 2 | Conteúdo Pedagógico | 1 | 5 | 5 | 7 | 5 | 2 |
| 3 | Projeção Artística | 15 | 6 | 2 | - | 1 | - |
| 4 | Sentido Religioso | - | 2 | 7 | 5 | 6 | 4 |

Segundo Durantez (2000), Coubertin ao pensar nas Cerimônias que iram compor os Jogos Olímpicos teve o cuidado de pensá-las com significados múltiplos de caráter simbólico. Nesse sentido referiu quatro características fundamentais para as cerimônias olímpicas: sentido histórico, conteúdo pedagógico, projeção artística e sentido religioso. Seguramente a Projeção Artística foi o elemento das características fundamentais das cerimônias olímpicas que obteve um maior destaque entre os respondentes na Tabela 2. Esta idéia apresenta-se consonante com os resultados do item Programa Artístico da Tabela 1.

Quanto a este aspecto *E1* lembra que esta festa foi realizada para os brasileiros, quebrando a tradição olímpica do universalismo. *E2* levanta a hipótese de que talvez os organizadores tivessem como idéia central fazer *show case* da cultura brasileira, esquecendo da questão do universalismo proposto no olimpismo. Para *E3* os consultores, realmente, estavam preocupados em apresentar uma cerimônia com a cara brasileira e, por isso, justificou-se a escolha de alguns dos temas apresentados na cerimônia. Na opinião de *E2* os elementos do protocolo olímpico foram colocados na cerimônia por emularem valores olímpicos e não por haver um entendimento por parte dos organizadores do que eles significam. Em contraponto, *E3* considera que a questão artística poderá ter demonstrado a capacidade do Brasil em realizar um megaevento de caráter artístico, porém ressalta que a projeção artística para Jogos Olímpicos deve ir para além do artístico, pois não se pode tratar a cerimônia como 'carnaval'. Esta afirmativa ganha força ao se avaliar os demais itens da Tabela 2 ('Sentido Histórico', 'Conteúdo Pedagógico' e 'Sentido Religioso') que, segundo os respondentes, não foram identificados facilmente.

Esta idéia se junta à opinião de outros especialistas em estudos olímpicos que revelam que os produtores e artistas das cerimônias, muitas vezes, não têm oportunidades suficientes para se informarem acerca da complexidade e responsabilidade da tradição das Cerimônias Olímpicas. (INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, 1996).

Esta questão também é percebida na Categoria 2, que avalia, a seguir, o *slogan* do Pan 2007 baseado nos valores olímpicos.

Slogan do Pan 2007

O *slogan* dos Jogos Pan Rio 2007 foi "Viva essa Energia!". A inclusão dessa categoria justifica-se pelo fato de que esse *slogan* foi inspirado em valores olímpicos (Tabela 3): 'Alegria em Participar', 'Esperança', 'Sonhos e Inspiração' e 'Amizade e Fair Play'. (COMITÊ ORGANIZADOR RIO 2007, [2007]).

Tabela 3 - Slogan do Pan 2007

| Item | SLOGAN DO PAN 2007 - VIVA ESSA ENERGIA | MF | F | M | D | MD | SCO |
|-------------|---------------------------------------------------|-----------|----------|----------|----------|-----------|------------|
| 1 | Alegria de participar | 19 | 5 | 1 | - | - | - |
| 2 | Esperança | 5 | 6 | 5 | 6 | 2 | 1 |
| 3 | Sonhos e inspiração | 9 | 5 | 7 | 3 | 1 | - |
| 4 | Amizade e Fair-Play | 4 | 4 | 8 | 6 | 2 | 1 |

Pode-se dizer que o *slogan* do Pan Rio 2007 foi facilmente identificado pela maioria dos respondentes a partir do item 'Alegria de participar'. Esse fato pode estar relacionado ao que muitos identificam como 'alegria dos brasileiros'. Assim, ao mostrar o Brasil aos expectadores, os organizadores da cerimônia de abertura talvez tenham privilegiado uma projeção artística pautada na alegria do povo brasileiro.

E1 alerta para o sentido mercadológico⁶ que o *slogan* dos Jogos Pan-Americanos teve. Essa aproximação, segundo o entrevistado, pode ser prejudicial na relação aqui proposta com os Jogos Olímpicos, pois esses possuem os chamados *Top Sponsors*⁷ que não podem ser negligenciados em relação aos patrocinadores locais.

Se, de fato, o interesse do CO-RIO era enfatizar apenas o item 'Alegria em Participar', este foi amplamente contemplado. Por outro lado, foram buscadas informações sobre os outros três itens mencionados como valores olímpicos pelo mesmo comitê e estes não foram facilmente identificados na Cerimônia de Abertura do Pan Rio 2007, conforme opinião dos respondentes.

Considerações Finais

A discussão que permeou este trabalho passou pela idéia de que cerimônias é o conjunto de atos regulamentados e solenes que acompanham as atuações humanas de grande transcendência, ou ainda a ação ou ato exterior regado por lei, estatuto ou costume, para culto das coisas divinas, ou reverência e honra humana. (DURÁN-TEZ, 1975).

Desde esta afirmativa, apresenta-se a seguir o *corpus* das categorias de análise, que representam os principais resultados deste estudo.

A quebra de protocolo sugere algum descuido da organização que não estava preparada para adotar estratégias de prevenção para alguns equívocos ocorridos na Cerimônia de Abertura dos Jogos Pan-Americanos 2007. Esses erros foram caracterizados como 'amadorismo', por um dos entrevistados e pôde ser evidenciado na invasão dos voluntários no desfile da delegação brasileira. Em oposição a esta idéia, outro entrevistado afirma que no geral a organização do evento foi adequada e refere-se aos problemas de organização como normais para um megaevento.

Alkemeyer e Richartz (1993) já avaliaram que o espírito geral dos próprios Jogos Olímpicos mudou de um aspecto mais solene para uma atmosfera mais alegre desde os Jogos de Munique em 1972. Já em Seul, 1988, alguma coisa diferente ocorreu. Muitos participantes das delegações violaram o protocolo olímpico durante o desfile das delegações. Um grande número de atletas carregava câmeras e saíam da formação de desfile para registrar fotos e filmes, ou seja, atletas e dirigentes desfilaram como pessoas privadas e não como representantes oficiais de seus países. Os mesmos autores consideram que, desde então, o aspecto formal das cerimônias diminuiu drasticamente.

6 - O entrevistado se refere a uma relação do *slogan* 'Viva essa Energia!', como um dos principais patrocinadores dos Jogos Pan-Americanos 2007, a estatal Petrobrás.

7 - Os *Top Sponsors* representam os principais 'patrocinadores' dos Jogos Olímpicos. À parte as competições esportivas, os Jogos Olímpicos são um grande negócio. A cidade eleita e o COI assumem obrigações contratuais de grande vulto financeiro com os chamados *Top Sponsors* do movimento olímpico. O COI tem a tradição de entregar a enorme responsabilidade de sediar as Olimpíadas a cidades que ofereçam garantias seguras de que sua preparação e realização não enfrentarão percalços. (MURRAY NETO, 2007).

Por outro lado, os mesmos autores referem que a 'liturgia' do protocolo atua diretamente no sentido de abraçar o significado simbólico do rito. Se um dos elementos ideológicos desta liturgia deixa de existir, o próprio significado simbólico fica de lado. É claro que este não é um fenômeno isolado do Pan Rio 2007, contudo é preciso estar atento ao fato de que as Cerimônias de Abertura e Encerramento dos Jogos Olímpicos e Pan-Americanos tornaram-se espetáculos típicos da indústria do entretenimento com alguns traços dos ritos tradicionais.

O Simpósio Internacional de Cerimônias Olímpicas mostrou preocupação com este mesmo tema, em particular sobre o perigo de enfatizar o aspecto do entretenimento e do *show* em detrimento do Ritual Olímpico. Neste sentido, o Simpósio acredita que o COI e os Comitês Organizadores dos Jogos Olímpicos devem proteger o aspecto histórico, a natureza intercultural e o valor moral das Cerimônias Olímpicas. (INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE, 1996).

Sabe-se que toda simples palavra falada é prescrita, apesar disto, é óbvio que as ferramentas e técnicas usadas pela indústria do entretenimento penetraram na essência do cerimonial olímpico. Fica claro que em sua forma atual as Cerimônias de Abertura (tanto as olímpicas como as pan-americanas) são elaboradas desde encenações e narrativas comercializadas das nações organizadoras. Apesar disto, é preciso lembrar que qualquer mudança no cerimonial ocorre com a aprovação da própria ODEPA (assim como nos Jogos Olímpicos com aprovação do COI).

Deve-se destacar também que o caráter festivo foi o ponto alto da cerimônia, principalmente pela dinâmica apresentada na organização dos fogos, iluminação e cores escolhidas. Esse fato é mencionado também por todos entrevistados que referiram ainda os fogos como 'impecáveis' e a criação de uma sensação de 'brasilidade'. De um modo geral pode-se dizer que a Cerimônia foi grandiosa e teve padrão internacional de megaevento. A contratação de uma empresa especializada (*Five Currents*) dá a dimensão do quanto o CO-RIO 'pensou grande' para a realização deste evento.

Vale ressaltar que a Cerimônia de Abertura dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007 foi fomentadora de um 'legado intangível' no sentido de 'legado de conhecimentos' para realização de um megaevento. Este fato justifica-se pelo fato da equipe de produção do evento ter sido formada essencialmente por brasileiros (98%). (FIVE CURRENTS, [2007]).

Por fim, é importante referir que, apesar da Cerimônia de Abertura dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007 apresentar adequadamente vários elementos do protocolo olímpico, houve algumas 'quebras' protocolares. Segundo a percepção dos especialistas em estudos olímpicos consultados, estes fatos merecem a atenção dos organizadores, pois podem comprometer a candidatura do Rio de Janeiro para sediar os Jogos Olímpicos.

Referências

- ALKEMEYER, Thomas e RICHARTZ, Alfred. The Olympic Games: from ceremony to show. In: *Olympika*, 2, 79-89, 1993.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. 3. Edição. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2004. 223p.
- COMITÊ ORGANIZADOR RIO 2007. Alegria em Participar. Disponível em: <<http://www.rio2007.org.br/data/pages/8A488A8F12D856280112D857668800FA.htm>>. Acesso em: 28 setembro 2007.
- DURANTEZ, Conrado. *Olympia y los juegos olímpicos antiguos*. San Blas, España: Comité Olímpico Español, 1975. 2 v. v. 2.
- DURANTEZ, Conrado. La Antorcha Olímpica. In: *Revista Olímpica*. Comitê Internacional Olympique, XXVI- 33, p. 16-23, junio/Julio, 2000.
- FIVE CURRENTS. Company Profile. Disponível em: <http://www.fivecurrents.com/FiveCurrents_Company_Profile.pdf>. Acesso em: 14 outubro 2007.
- HOGAN, Jackie. Staging the Nation: Gendered and Ethnicized Discourses of National Identity in Olympic Opening Ceremonies. In: *Journal of Sport and Social Issues*, Thousand Oaks, vol. 27, n. 2, 2003. Disponível em: <<http://jss.sagepub.com/cgi/content/abstract/27/2/100>>. Acesso em: 15 setembro 2007.
- INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. Olympic Ceremonies – historical continuity and cultural exchange. In: INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON OLYMPIC CEREMONIES, 1995, Barcelona. *Conclusions and Recommendations...* Lausanne: IOC, 1996. Disponível em: <http://multimedia.olympic.org/pdf/en_report_636.pdf>. Acesso em: 8 setembro 2005.
- INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. The Olympic Winter Games Fundamentals and Ceremonies for the Media. In: THE OLYMPIC WINTER GAMES IN SALT LAKE CITY, 19., 2002, Salt Lake City. In: *Report*. Lausanne: IOC, 2002. Disponível em: <http://multimedia.olympic.org/pdf/en_report>. Acesso em: 7 setembro 2005.
- INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. *Olympic Charter*. Lausanne: International Olympic Committee, 2004.
- INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. *Opening ceremony of the Games of the Olympiad* – Fact sheet. Lausanne, 2007.
- MACALOON, John. *This great symbol*. Chigago: University of Chicago, 2001.
- MARCONI, Marina de A; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003. 311 p.
- MATTOS, Mauro Gomes; ROSSETTO Jr., Adriano José e BLECHER, Shelly. *Teoria e Prática da Metodologia da Pesquisa em Educação Física: construindo sua monografia, artigo e projeto de ação*. São Paulo: Phorte Editora, 2004. 176p.
- PAN AMERICAN GAMES FAN PAGES. The Pan American Games. Disponível em: <<http://ourworld.cs.com/e librarian/myhomepage/sports.html>>. Acesso em: 11 outubro 2007.

PAN RIO 2007 OBSERVER PROGRAMME. Ceremonies Department. Disponível em: <https://app.eks.com/observer_rio/users/login>. Acesso em: 20 setembro 2007.

TELLES, Fernando. *Impact Studies of the Olympic e Paralympic Games*. University of East London, 2007.

TODI, Nelson. *Educação Olímpica: em direção a uma nova Paidéia*. 2006. 160 f. Tese (Doutorado em Educação)-Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

Embaixada de Torcedores: Serviço de apoio aos torcedores brasileiros durante a Copa do Mundo de 2006 na Alemanha

Martin Curi
Universidade Federal Fluminense
Instituto Virtual de Esporte
Comitê Social do Pan

Fans' embassies: support service to Brazilian soccer fans during the 2006 FIFA World Cup in Germany *This research aimed to evaluate the services provided to soccer fans during the 2006 World Cup. The target public was the Brazilian fans who used the Fans' Embassies. The main results showed general approval of the service system, information, security and public transportation. Services related to tickets and food generated dissatisfaction.*

Muitos países europeus vêm oferecendo, há alguns anos, serviço de assistência a seus torcedores que comparecem aos principais torneios de futebol do mundo. O Brasil participou neste projeto pela primeira vez durante a Copa do Mundo de 2006. A intenção deste artigo é de descrever este trabalho e a avaliação feita pela torcida brasileira sobre este serviço.

Pela primeira vez na história das Copas, o país-sede deixou claro que todos torcedores, mesmo aqueles que não possuíam ingressos para qualquer um dos jogos, seriam bem-vindos à Alemanha. Isto significava que era necessário oferecer um serviço de apoio para muito mais do que os cerca de um milhão de estrangeiros portadores de ingresso que viajariam ao país. A estes seria necessário prover serviços como transporte para os estádios, alimentação, acomodação e informações em outras línguas que não o alemão. Para este fim, foi criado pelo Comitê Organizador da Copa do Mundo FIFA, o Programa para Torcedores e Visitantes. Decidiu-se que todos deveriam desfrutar de uma estadia segura e prazerosa na Alemanha.

O conceito foi implementado pelo Centro de Coordenação do Projeto de Torcedores (KOS, em Alemão), que já contava com uma experiência acumulada em relação a apoio prestado aos torcedores em competições nacionais e internacionais.

A assistência ao torcedor durante a Copa do Mundo contava com cinco elementos básicos: as Embaixadas de Torcedores, o Guia do Torcedor, um Disque Ajuda, os *Fan Fests* e os *Fancamps*. Em cada uma das 12 cidades-sede foi instalada uma Embaixada em um local central, as quais formavam a base de apoio ao torcedor onde qualquer um podia buscar assistência. Nelas, o torcedor podia encontrar informações turísticas, acesso à internet grátis, telefones, assim como ajuda na obtenção de alojamentos baratos nas cidades, além de ajuda em casos mais graves como a perda de passaporte e outros documentos. O atendimento era feito por assistentes com experiência prévia de trabalho junto aos torcedores, ajudados por voluntários e consultores dos países participantes da Copa.

Durante a Copa de 2006, o Brasil contou com dois consultores trabalhando nas Embaixadas que tinham como principal instrumento de assistência o Guia do Torcedor, publicado em inglês e alemão e contando com uma tiragem de 400.000 exemplares. Em suas 132 páginas, os torcedores poderiam encontrar as mais importantes informações sobre a Copa e o país sede, como descrições e mapas das cidades, mostrando a direção

para cada uma das Embaixadas e para os *Fan Fests*. Versões em espanhol e francês, além do inglês e do alemão, eram atualizadas diariamente no sítio www.fanguide2006.de. Uma das informações mais importantes do Guia era o Disque Ajuda, que poderia ser utilizado pelos torcedores em qualquer dia.

Como a política do Comitê Organizador da Copa foi de prestar serviços a todos os torcedores que viajassem ao país, mesmo aqueles sem um ingresso para qualquer das partidas, fazia-se necessário instalar serviços como áreas com telões que transmitissem as partidas, banheiros públicos e alimentação. Esses serviços foram instalados em áreas que se chamavam *Fan Fests*, que estavam localizadas em lugares centrais e abrigavam muitas das Embaixadas de Torcedores.

Além disso, foram criados em todas as cidades-sede *Fancamps*, aonde os torcedores poderiam encontrar camas em dormitórios, banheiros com chuveiros e café da manhã, ou até mesmo um espaço para armar barracas de acampamento, por um preço médio de 15 euros por noite.

Durante a Copa, também aconteceram eventos anti-racismo promovidos pela ONG FARE (*Football Against Racism in Europe*), que, apesar de ser uma iniciativa importante, não fazia parte das ações de assistência aos torcedores, ficando fora do escopo deste relatório.

O presente relatório trata da assistência prestada aos torcedores brasileiros durante a Copa do Mundo. O serviço já foi descrito anteriormente: www.lazer.eefd.ufrj.br/espsoe/pdf/es106.pdf (CURI, 2005).

A pesquisa foi levada a cabo pelos dois consultores brasileiros que trabalhavam nas Embaixadas de Torcedores. Sendo assim, as respostas obtidas provinham sempre dos usuários das Embaixadas, que formavam somente uma parte do total da torcida brasileira presente na Copa.

Concluimos que existiam dois grandes grupos de torcedores brasileiros: os que viajavam através de agências ou empresas e os independentes. O primeiro grupo pode ser caracterizado por ter uma base fixa na Alemanha, possuir um ou mais ingressos, não necessitar dos serviços das Embaixadas de Torcedores, possuir uma renda bastante superior à média brasileira e serem necessariamente residentes do Brasil. O segundo grupo pode ser caracterizado como tendo organizado sua própria viagem, por visitarem outros lugares na Alemanha, não possuírem necessariamente um ingresso, serem usuários das Embaixadas de Torcedores, também possuírem uma renda bastante superior à média brasileira e serem provenientes, em sua maioria, do Sul e Sudeste do Brasil ou então residentes na Europa. Dentro deste grupo podemos observar o grupo menor dos torcedores-símbolos, em função de seu comportamento e de suas fantasias.

A principal diferença entre estes dois grupos está centrada na questão dos ingressos. Sua posse ou não estruturou diferentemente o dia-a-dia de cada grupo. Os torcedores das agências e das empresas poderiam ir diretamente do hotel para o estádio e de volta para o hotel. Os independentes organizavam seu dia com passeios pela cidade e ao estádio em busca de ingressos.

Dentro do estádio não era mais possível diferenciar seu comportamento. A torcida brasileira, como um todo, aparecia como uma torcida quieta e que se mantinha sentada a maior parte do tempo, e que cantava poucas músicas. As expectativas dos espectadores europeus, de ver uma torcida entusiasmada, tocando e dançando samba, com várias mulheres vestidas com fantasias de carnaval, se viram em grande

parte frustradas. Havia poucos torcedores que portavam instrumentos de percussão ou faixas, além de em muitos jogos ter sido difícil entrar nos estádios com todo este equipamento. Grupos de torcedores com bumbos e tambores encontraram dificuldades, pois não possuíam ingressos com numeração seqüenciada, não podendo sentar, deste modo, em assentos adjacentes.

Para os usuários da Embaixada de Torcedores, a Copa foi uma mistura de festa e turismo. Muitos declararam ter viajado e pretenderem viajar pela Alemanha ou outros países europeus. O mais importante, porém, era se divertir muito. Os *Fan Fests* foram largamente utilizados; outros shows também foram visitados, especialmente aqueles nos quais participavam bandas e cantoras brasileiras. Nesta atmosfera festiva a torcida brasileira consumiu muita cerveja, mas não houve incidentes violentos a ela relacionados. Não houve uma postura crítica por parte dos torcedores brasileiros em relação a tendências polêmicas dentro do mundo do futebol, como a criminalização dos torcedores e a comercialização do esporte. Os brasileiros formaram um dos maiores grupos não europeu durante a Copa.

Os torcedores aprovaram completamente a produção, organização, a segurança e os serviços de assistência aos torcedores (veja Tabela 1). As melhores notas ficaram com transportes (4.62), as Embaixadas de Torcedores (4.53), os estádios (4.52), os *Fan Fests* (4.47) e a polícia (4.40). As piores avaliações foram relativas à informação disponível ao evento (3.99), a venda de comida nos estádios (3.94) e os *Fancamps* (3.66).

Mesmo tendo recebido a pior nota, não consideramos tão má a avaliação dos *Fancamps*, uma vez que é evidente que os torcedores necessitam de acomodações baratas, o que foi oferecido em todas as cidades. Quando as acomodações eram baratas o suficiente, não havia reclamações sobre os dormitórios, excesso de barulho e sujeira. A única cidade na qual as acomodações não eram baratas foi Dortmund, que concentrou a maior parte das reclamações. Isto significa que houve um problema específico em uma cidade, e que não era relativo a todo o sistema de acomodações baratas.

Os comentários sobre a venda de comidas nos estádios giravam sobre o preço cobrado pela alimentação, o demorado tempo de espera e a pouca diversidade de comidas em oferta. Talvez não seja possível evitar totalmente a formação de longas filas nas áreas de alimentação nos estádios durante os 15 minutos de intervalo do jogo. O que pode ser feito é mudar a relação entre a oferta e o preço cobrado. Durante a Copa, foram vendidos nos estádios produtos de redes de *fast-food* internacionais e cerveja americana. Parece-nos que os torcedores não reclamariam tanto se lhes fosse oferecida comida de boa qualidade contando com variações locais e internacionais.

A má avaliação das informações prestadas por instituições alemãs oficiais como consulados e centros de turismo nos parece mais preocupante. Estas instituições são supostamente especializadas neste serviço e contaram com tempo de sobra para se preparar para a Copa do Mundo. Uma das principais queixas da torcida brasileira envolvia a pouca quantidade de informação disponível em português, espanhol ou inglês. Esta queixa contrasta com a excelente avaliação das Embaixadas de Torcedores, que ofereciam informação específica aos torcedores em português. Os outros instrumentos de informação disponíveis aos torcedores, o Guia do Torcedor, o sítio oficial e o Disque Ajuda também obtiveram boas avaliações, mesmo sendo serviços prestados em poucas línguas e terem carecido de boa publicidade. Isto significa que se deve investir em um sistema multilíngüe de informação para os torcedores. Os países participantes devem financiar suas próprias embaixadas nas próximas copas, com Guias de Torcedores em suas próprias línguas. Este sistema deve estar conectado através de uma rede interna-

cional e contar com uma *homepage* comum a todos. O Programa para Torcedores e Visitantes foi totalmente aprovado e deve ser organizado nos países-sede das próximas Copas e outros torneios de futebol de importância em colaboração com as Embaixadas de Torcedores.

O principal problema para os torcedores foi a obtenção de ingressos. Simplesmente, não houve ingressos em número suficiente para venda e provavelmente este problema nunca será resolvido. Mesmo assim, nos parece que duas medidas poderiam ser adotadas para suavizar o problema. A primeira é reduzir de forma drástica a oferta de ingressos para patrocinadores e a chamada “família FIFA”. Muitos destes ingressos acabaram na mão de cambistas, frustrando os torcedores. Estes ingressos são facilmente reconhecíveis, pois possuem o nome do patrocinador ou federação de futebol impressos. Estes ingressos foram comercializados a um preço dez vezes maior, em média, que seu preço normal. O esquema de cambistas parece estar sendo alimentado pelos patrocinadores e as federações afiliadas à FIFA. A redução de ingressos destinados à “família FIFA” seria provavelmente mais eficiente em combater o mercado negro do que os *chips* inseridos nos ingressos.

A segunda medida é específica para o caso do Brasil: o sistema de venda de ingressos deve ser alterado. Consideramos ser prejudicial aos torcedores que a CBF venda sua cota de ingressos para somente uma agência de turismo, de uma maneira não muito transparente. Além do mais, o sistema de vendas de ingressos adotado por esta agência favorecida pela CBF, que são vendidos em conjunto a pacotes de viagem ao país sede, é considerado ilegal pela legislação brasileira, que diz ser proibido que se force o consumidor a adquirir um outro produto na compra do produto original. É o sistema de “venda casada”. Aos torcedores brasileiros deveria ser permitida a compra de ingressos de partidas da Copa do Mundo de forma independente de um pacote de turismo. Um sistema de vendas transparente também poderia evitar as acusações de corrupção que recaem sobre a CBF.

Para futuras Copas do Mundo e outros torneios internacionais, o Programa para Torcedores e Visitantes deve ser repetido, assim como o policiamento discreto, o trabalho eficiente do pessoal de segurança dentro dos estádios, os parâmetros de segurança e arquitetônicos dos estádios, o sistema de transporte, e a programação cultural paralela ao evento principal. Por outro lado, sugerimos algumas mudanças: menos ingressos para patrocinadores e um sistema de vendas mais transparente no Brasil, mais publicidade para o serviço de atendimento ao torcedor, uma Embaixada de Torcedor própria do Brasil, financiada tanto pelo governo brasileiro como a CBF, que garanta o acesso a informação em português, *Fancamps* baratos, o abandono do uso de *chips* nos ingressos e uma maior qualidade e diversidade na oferta de comida nos estádios.

Por final, os torcedores brasileiros se sentiram muito bem-vindos na Alemanha e declararam ter apreciado muito sua estada. Mesmo com algumas dificuldades, o Programa para Torcedores e Visitantes, os estádios, a polícia e o sistema de transporte público obtiveram avaliações excelentes. A Alemanha atingiu sua meta de passar uma imagem de um país amistoso, moderno e bem organizado. A Copa do Mundo foi um grande sucesso.

O Brasil é considerado o favorito para sediar a Copa em 2014. Nossas sugestões poderiam ser postas em prática a tempo para este evento. Para tanto, sugerimos o apoio imediato a uma Embaixada de Torcedor em eventos nos quais a seleção nacional tome parte como a Copa América, a Copa das Confederações, a Copa Ouro ou os Jogos

Pan-Americanos.

Existem sérios problemas em torneios locais e nacionais no Brasil. Temos a certeza que as medidas propostas, se adaptadas, poderiam ser efetivas também nestes eventos nacionais. Estádios confortáveis e seguros, serviços de apoio ao torcedor e agentes de segurança bem preparados são fundamentais para resolver estes problemas.

Tabela 1: Avaliação da Copa do Mundo 2006 pelos torcedores brasileiros

| | <i>Avaliação média</i> | <i>Não conhece / Sem opinião</i> |
|---------------------------|------------------------|----------------------------------|
| Transporte público | 4,62 | 7,0% |
| Você se divertiu? | 4,58 | 4,0% |
| Embaixada de Torcedores | 4,53 | 25,8% |
| Estádios | 4,52 | 28,9% |
| Fan Fest | 4,47 | 6,3% |
| Polícia | 4,40 | 4,2% |
| Guia do Torcedor | 4,39 | 18,4% |
| Segurança | 4,37 | 26,2% |
| Disque Ajuda | 4,37 | 74,4% |
| Você se sentiu bem-vindo? | 4,34 | 5,6% |
| Programação Cultural | 4,34 | 79,3% |
| Projetos Anti-racistas | 4,33 | 58,1% |
| Homepage | 4,22 | 73,1% |
| Informação | 3,99 | 6,3% |
| Fast Food | 3,94 | 28,7% |
| Fancamp | 3,66 | 61,0% |

Significado das notas:

1 = péssimo, 2 = mau, 3 = regular, 4 = bom, 5 = excelente.

Referências

Sites da internet:

Curi (2005): www.lazer.eefd.ufrj.br/espsoc/pdf/es106.pdf

Fanguide: www.fanguide2006.de

Koordinationsstelle Fanprojekte: www.kos-fanprojekte.de

Percepção dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007 por Especialistas Internacionais em Estudos Olímpicos

Leonardo Mataruna

UNICAMP / SP

Grupo de Estudos Olímpicos UGF / RJ

Perception of international Olympic Studies specialists of the 2007 Pan American Games *The 2007 Pan American Games that took place in Rio de Janeiro (PAN 2007) represented a turning point in the development of sports in Brazil. The objective of this text is to report the results of an investigation that collected perceptions of international specialists in Olympic events (n=40) in relation to the impact – if it was the case – of these Games in other countries. A questionnaire used as instrument to evaluate information about the 2007 Pan American Games was filled in by 40 post-graduate students in Olympic Studies and Sports of the five continents with ages varying between 23 and 35 years: Americas (7), Africa (3), Asia (7), Oceania (1) and Europe (22). The answers suggested that continental Games are not heard of outside host countries, which does not invalidate the success of the Rio 2007 Pan American Games. However, this finding helps host cities and countries to take their stands in view of similar future projects.*

Os Jogos Pan-Americanos Rio 2007 (PAN 2007) constituíram um marco impulsionador do desenvolvimento do esporte no Brasil. Nesta oportunidade, profissionais de diversas áreas aperfeiçoaram-se em gestão, infra-estrutura material e organização de Jogos Continentais em estilo de megaevento olímpico. Pressupõe-se também que o evento foi bem organizado e gerido com alto profissionalismo, embora Jogos Continentais não produzam tantos impactos internacionais como acontece com campeonatos ou copas mundiais, Jogos Olímpicos ou Paraolímpicos, ou qualquer outro megaevento que atinja a todos os continentes simultaneamente.

Para o país que organiza os Jogos, as vantagens são naturalmente superiores do que os países que exclusivamente são participantes, visto que permanecem na sede do evento os empregos gerados, a cultura esportiva renovada, as construções e materiais utilizados etc. Entre estes diversos legados cogitados no planejamento das atividades do PAN 2007 no Rio de Janeiro, destacou-se o turismo dada à expectativa do porte e natureza internacional das competições. Hotéis, shoppings e comércio em geral da cidade se reestruturaram segundo tais expectativas e legados delimitados pelos poderes públicos envolvidos nos preparativos do PAN.

Nos cursos de treinamento de voluntários para os Jogos, segundo ampla divulgação da mídia, pôs-se em evidência a previsão de que muitos turistas internacionais estariam presentes no evento ou antenados pela TV e Internet. Havia nítida preocupação com a imagem que o Brasil passaria ao exterior durante o evento e através de turistas, e isso dependia do bom desempenho e envolvimento que o candidato ao voluntariado realizasse em sua função (CURSO DE TREINAMENTO DE VOLUNTÁRIOS, 2007).

A par deste esforço de divulgação as perspectivas educacionais para a cidadania são sempre válidas. Acrescentar elementos referentes à cultura, educação e

integração social é mais do que corroborar para o sucesso do evento, já que prepara a comunidade de voluntários para o legado social dos Jogos. Todavia, aparentemente houve um equívoco em não mapear quem seria o público potencial para os Jogos; ou caso isso tenha de fato sido realizado, o erro estaria centrado na não retransmissão destes dados às pessoas envolvidas no evento, as quais esperavam um aporte de turistas internacionais no Rio de Janeiro que não se realizou.

Ao final, os escassos visitantes do PAN 2007 encontrados nas ruas e locais do megaevento eram geralmente pessoas do próprio país ou por vezes vindas dos países de vizinhança na América do Sul. Estas interpretações foram expostas por um jornal de grande circulação nacional, para o qual “*o turismo internacional foi muito aquém do que o esperado*” (O GLOBO, 2007). A preocupação com esta falha de expectativas mostra-se então necessária, pois há de se assimilar erros para evitá-los em futuros projetos similares.

Tal necessidade ganha maior importância diante do objetivo da cidade do Rio de Janeiro em sediar os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016 (candidatura já formalizada). Nestes termos, foi organizada uma investigação internacional sobre os Jogos Pan-Americanos Rio 2007, tendo como respondentes estudantes de pós-graduação na área dos Estudos Olímpicos, participantes do 15º Seminário Internacional da Academia Olímpica Internacional - IOA, em Olímpia - Grécia.

Neste contexto, o objetivo do presente estudo é de reportar os resultados da investigação que se propôs a delinear percepções de um grupo pressuposto como integrado por respondentes privilegiados para interpretar o PAN 2007 a partir de diversas nacionalidades e de conhecimentos referidos à realização de megaeventos esportivos em níveis continental e mundial. Tais percepções foram interpretadas como indicadoras da criação ou não de meios de atração para visitantes da cidade sede do PAN 2007.

Metodologia

Selecionou-se 42 estudantes de Pós-graduação em Estudos Olímpicos e Esportes, com idade de 23 a 35 anos, dos cinco continentes agrupados em Américas (7), África (3), Ásia (7), Oceania (1) e Europa (24). Duas pessoas da Europa se recusaram participar da pesquisa e, portanto a população do estudo fixou-se em $n=40$, todos envolvidos em lides esportivas olímpicas por formação universitária e atividades profissionais. Neste grupo foi aplicado um questionário para avaliar conhecimentos sobre a realização do PAN 2007 na cidade do Rio de Janeiro. A pesquisa do tipo *survey*, segundo Thomas, Nelson e Silverman (2007), consistiu numa amostra de conveniência – sem validade estatística porém indicativa para decisões gerenciais -, que viabilizou uma análise qualitativa e descritiva dos resultados obtidos.

Revisão da literatura

A consulta às fontes de revisão da literatura sobre o os Jogos Pan-Americanos foi produzida na IOA em sua biblioteca, uma das melhores disponíveis em Estudos Olímpicos em âmbito internacional. Esta busca necessária a dar fundamento à presente investigação revelou dados sobre a origem dos Jogos Pan-Americanos que ainda não foram aparentemente publicados em português. Em resumo, a idéia de se organizar

um evento que pudesse reunir os países da Pan América surgiu em 1924 durante a organização de uma reunião que visava a discutir a organização dos Jogos Centro-Americanos que mais tarde se converteria nos Jogos Bolivarianos¹ (MATARUNA, 2007).

Cabe registrar quanto à origem dos Jogos que tanto o Comitê Olímpico Internacional como o CO-RIO (2007) em suas páginas de Internet esclarecem que a idéia de realização de um evento esportivo para a Pan-América nasceu em 1932 durante os Jogos de Los Angeles. Existem registros sobre o mesmo tema que datam de 1928, mas que consistiam efetivamente na continuidade de discussão sobre o desdobramento dos Jogos Centro-Americanos que tiveram início em 1926 (COJDB, 1965; KETSEAS, 1955; USOC, 1953; G.E.U.V., 1952 apud MATARUNA, 2007). Representantes e dirigentes esportivos de vários países da América então propuseram a realização de um evento que pudesse envolver todos os país do continente americano.

Esta retrospectiva histórica vale para elucidar que o evento só ocorreu de fato mais de 20 anos depois das suas primeiras discussões – em 1951 –, chegando finalmente ao Rio de Janeiro em 2007, na sua 15ª edição, possibilitando em potência a fixação de um legado cultural e educacional uma vez que “... os países menos expressivos nos Jogos Olímpicos, (e que) buscam neste evento a única possibilidade de expressar o que seriam seus bons resultados” (USOC, 1953).

Assim sendo, admitiu-se em teoria que seria intrínseco ao PAN tradições e conhecimentos passíveis de serem reconhecidas por observadores externos ao Brasil legitimados por formação e capacitados profissionalmente para interpretar em diversos graus de acuidade símbolos e registros escritos relacionados à realização da versão 2007 do megaevento em foco.

Resultados

A média de idade dos estudantes entrevistados foi de 27 anos e todos tinham envolvimento com o esporte olímpico em grandes áreas: Gestão Olímpica (administração, publicidade e marketing); Educação Olímpica; Sociologia, Filosofia, História do Olimpismo.

O instrumento (questionário) foi aplicado no mesmo dia da Cerimônia de Abertura dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007, sexta-feira, 13 de julho de 2007. No domingo, dia 15 de julho, dois dias depois, aconteceu em outro país a final da Copa América de Futebol, evento potencialmente capaz de atrair as atenções dos respondentes. Para o preenchimento do questionário foi solicitado que os respondentes voluntários corroborassem com suas respostas seguindo a ordenação numérica consecutiva sem desconsiderar alternativas, a menos que não soubessem as respostas deixando-as neste caso em branco; solicitou-se também que não retornassem às questões deixadas para depois serem respondidas.

Questionados em relação aos esportes de preferência pessoal os respondentes elegeram os três primeiros de um grupo bem heterogêneo: Futebol, Basquetebol e Tênis.

As questões contidas no instrumento eram as seguintes:

1. Você sabe o que acontece no Brasil este ano em relação a megaeventos de esporte?
2. Você sabe o que acontecerá hoje à noite e no domingo à noite (referente a eventos esportivos na América do Sul)?

1 - Evento destinado as nações que eram ex-colônias da Espanha e que repartiram a idéia de independência por Simão Bolívar.

3. O que significa a expressão “Rio 2007”? Qual é o seu significado?
4. Você sabe o que é a expressão “VIVA ESSA ENERGIA” e sua relação com o esporte?
5. Você sabe o que significam estes símbolos e esta pessoa amigável? (Figuras dos símbolos do Pan foram incluídas nesta pergunta)
6. Onde aconteceram os últimos Jogos Parapan-Americanos? Quando e onde serão os próximos?
7. Você saberia citar alguns esportes e quantos ocorrem nos Jogos Parapan-Americanos?

Nas informações recolhidas, a questão número 1 apontou 20% dos entrevistados como conhecedores da Copa América neste ano no Brasil; 25% apresentaram a resposta correta: Jogos Pan-Americanos; e 55% não responderam. A resposta enviada teve como hipótese a preferência dominante do grupo de respondentes situada no futebol.

A cerimônia de abertura dos Jogos ocorreu no mesmo dia de aplicação do instrumento. Este acontecimento também foi próximo à partida final da Copa América de Futebol, causando confusão ao se responder a questão número dois já que mais pessoas sabiam sobre o jogo entre Brasil e Argentina do que sobre a Cerimônia dos Jogos, mostrando que 92,5% não sabiam sobre a inauguração dos Jogos que movimentavam o Brasil naquele momento. Em relação à segunda pergunta, 37,5% apontaram a ocorrência da partida de futebol, sem precisar o que haveria na sexta-feira e domingo (destes, 12,5% disseram que seria a final entre Brasil e Argentina no domingo); 7,5% relataram que haveria a Cerimônia de Abertura dos Jogos Pan-Americanos; e novamente 55% não sabiam responder. Vale ressaltar que apenas os respondentes da América do Sul sabiam sobre a abertura do PAN 2007, o que demonstra o sentido regional do evento. A questão número três apresenta o lema de apelo (*motto*) dos Jogos do qual apenas 20% tinham conhecimento contra os 80% que desconheciam a resposta.

O *motto* dos Jogos – “*share the energy*” – encontrado no site oficial dos Jogos em versão inglesa, não foi reconhecido por 100% dos participantes do estudo, os quais desconheciam o que significava em relação ao megaevento esportivo em pauta.

Sobre a questão 5 para descrever o mascote dos Jogos e os Símbolos do Pan e Parapan, apenas 10% indicaram que se tratava do mascote do Pan e só 5% dos participantes apontaram o nome Cauê (talvez a existência do acento no nome do personagem limite sua promoção por estranheza da grafia); além disso, 5% descreveram o símbolo como sendo do Parapan e 7,5% acertaram as respostas a respeito do símbolo das águias formando o Pão de Açúcar. Em relação aos Jogos Parapan-Americanos (questão 6), 15% sabiam ou deduziram que ocorreria no Rio de Janeiro, visto que a cidade era citada ao longo de todo o instrumento e apenas 5% tinham conhecimento que a última edição havia acontecido na cidade de Buenos Aires – Argentina. Sobre os esportes do Parapan, 100% não responderam a questão.

Embora o tamanho reduzido da amostra indicativa permita gerar apenas delineamentos gerais de percepção dos respondentes, os resultados obtidos mostram inequívoco desconhecimento sobre o PAN 2007 e seus significados mais importantes.

Considerações Finais

Os 56 anos desde o primeiro evento e os 83 anos desde as primeiras conversações parecem não terem sido suficientes para fixar a imagem dos Jogos Pan-Americanos em outros continentes além das Américas. Apenas os 3 representantes da América do Sul sabiam dos Jogos Rio 2007, sendo que 2 destes eram do Brasil e mesmo assim não responderam todas as sete questões. Os demais entrevistados em sua totalidade não tinham qualquer idéia do que se passaria em 2007 no Brasil. Não é surpreendente portanto que o fluxo de turistas do PAN 2007 tenha sido mínimo: se os profissionais da área em termos internacionais pouco conheciam sobre o evento, menor probabilidade de acesso a esta informação teriam os potenciais visitantes.

Para o Brasil, uma potência esportiva em desenvolvimento, os Jogos atuaram como um preparatório para os Jogos Olímpicos de 2016, segundo ampla divulgação de seus organizadores e do próprio Governo Federal. Entretanto, a supremacia brasileira nos resultados do PAN 2007 gerou uma supervalorização local do evento que nem sempre é perceptível por outros países, principalmente aqueles que sempre estão à frente nos quadros de medalhas olímpicas. Estas nações, por sua vez, competem com as equipes reservas ou com atletas, juvenis e juniores, guardando seus esportistas do primeiro escalão a exclusividade dos campeonatos mundiais das respectivas modalidades e aos Jogos Olímpicos. Esta talvez seja uma das razões pelas quais a mídia internacional esportiva aparentemente negligenciou o PAN 2007 aumentando o distanciamento dos potenciais turistas.

Uma outra explicação surgida espontaneamente no transcurso do *survey* incidiu no caso dos Jogos Asiáticos que foram localizados em Doha (Emirados Árabes) na edição de 2006, também realizados em *Olympic-style* a um custo de aproximadamente 2,8 bilhões de US\$ dólares. Segundo notas dadas ao público sobre o evento – ver por exemplo o site: www.bized.co.uk - Doha seria cidade candidata aos Jogos Olímpicos de 2006, tal como o Rio de Janeiro com o Pan 2007, porém a audiência em TV quantificada pós evento foi importante apenas nos países árabes e asiáticos (Wikipedia, acesso em 2007), com mínimo impacto nos outros continentes. Em síntese, Jogos continentais não transferem repercussões fora de seus países limítrofes, o que não invalida o sucesso do Pan 2007 mas o coloca nas devidas proporções à vista de projetos futuros similares.

Referências

- C.O.J.D.B. *V Juegos Deportivos Bolivarianos*. Quito-Guayaquil: Gobierno de Ecuador, 1963.
- CO-RIO. *A história dos Jogos Pan e Para-Pan-Americanos*. Disponível: <http://www.rio2007.org.br>. Acessado em: 12 de setembro de 2007.
- CO-RIO. *Jogos Pan e Para-Pan-Americanos*. Disponível: <http://www.rio2007.org.br>. Acessado em: 12 de agosto de 2007.
- G.E.U.V. – Gobierno de los Estados Unidos de Venezuela. *Juegos Deportivos Bolivarianos*. Caracas: Comitê Organizador Caracas-Venezuela, 1952, p.33-35.
- KETSEAS, J.M. *Memória: Segundos Juegos Deportivos Panamericanos*. México: C.O.J.D.P., 1955

MATARUNA, L. *Rio 2007: Pan-Am and Para-Pan-American Games*. In: 15th Seminar of Olympic Studies. Olympia: International Olympic Academy, 2007.

MINISTÉRIO DOS ESPORTES. *Uma oportunidade de ouro para o futuro do Brasil*. Folder informativo dos XV Jogos Pan-Americanos Rio 2007 e III Jogos Parapan-Americanos. Brasília: Governo Federal, 2007.

THOMAS, J.R.; NELSON, J.N.; SILVERMAN, S.J. *Métodos de pesquisa em atividade física*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

USOC. *United States 1952 – Olympics Book*. New Haven: USOC, 1952, p.33-35.

WIKIPEDIA. *Asian Games*. Acessado em 12 de setembro 2007 em <http://en.wikipedia.org/wiki/Doha>.

5 - Educação Olímpica, Inclusão Social e Multiculturalismo

Olympic Education, social inclusion and multiculturalism

Educação Olímpica no Rio de Janeiro: Notas iniciais para o desenvolvimento de um modelo

Otávio Tavares

CESPCEO

Universidade Federal do Espírito Santo

Olympic Education in Rio de Janeiro: notes to develop a model *Education is a strong foundation of the Olympic Movement. Taking into consideration Rio de Janeiro's Olympic bid for the 2016 Olympic Games, this paper presents fundamentals to an Olympic education program based on reports of previous Olympic Games such as the articulation with the educational system, the adoption of 'fair play', 'multiculturalism', 'solidarity', 'peace' and 'Olympic traditions' as main themes and the Olympic Youth Camp, international schools and countries correspondence and ticket distribution as the main educational strategies.*

A educação é, historicamente falando, um dos pilares fundamentais do Movimento Olímpico (MO)¹. Faz parte de sua missão desde o tempo de seus fundadores, tendo ocupado lugar central nas preocupações de Pierre de Coubertin, seu principal ideólogo e formulador². Ainda que possa, e tenha sido efetivamente sujeita a intenso debate a respeito de suas características e de sua efetividade, a missão educacional deste Movimento permanece como fundamento e justificativa da realização dos Jogos Olímpicos³, ocupando lugar permanente no discurso do Comitê Olímpico Internacional especialmente⁴.

Todavia, a Carta Olímpica ao articular seus princípios éticos fundamentais ao “valor educacional do bom exemplo” indica claramente os limites de sua ação pedagógica. De fato, uma observação mais acurada da distância entre discursos e práticas sugere que a assumida centralidade da missão educacional do MO baseia-se numa visão difusa do valor educacional do esporte e na evidência concreta de que o COI não é uma instituição educacional. Assim, não é surpreendente que um exame dos relatórios dos comitês organizadores dos Jogos Olímpicos revele que o tópico ‘educação’ ocupe um número efetivamente pequeno de páginas e um caráter quase complementar nesses documentos⁵, embora as ações educativas tenham aumentado de um modo geral, especialmente devido a ação do Museu Olímpico.

1 - Movimento Olímpico é o termo utilizado para referir-se ao conjunto de instituições e pessoas ligadas diretamente a organização dos Jogos Olímpicos, sob a liderança do Comitê Olímpico Internacional.

2 - As evidências desta afirmativa são abundantes. Um exemplo de fonte primária pode ser encontrado em Muller (2000).

3 - A este respeito consulte-se a Carta Olímpica (2006) disponível em www.olympic.org

4 - A este respeito consulte-se o próprio sítio do COI: www.olympic.org

5 - Em uma estimativa superficial diríamos que o assunto educação olímpica ocupa, em média, cerca 1% do total de páginas dos relatórios.

Essas limitações não significam que não exista ou não possam existir ações sistematizadas de caráter educativo no MO e/ou a partir dele. Estas ações, ainda que possam variar bastante entre si, têm sido genericamente chamadas de “educação olímpica” (EO). Podemos dizer que elas são tentativas de construir propostas pedagógicas sistematizadas de educação através do esporte tendo como referência o Movimento Olímpico, seus valores declarados, seu simbolismo, sua história, heróis e tradições (p.ex.: BINDER, 2002; PARRY, 1999). Ou seja, seguindo a perspectiva do próprio Barão de Coubertin⁶ freqüentemente esquecida, partem do princípio que a prática esportiva não é naturalmente educativa – pelo menos não em um sentido socialmente positivo – desta forma necessitando de um conjunto de valores que a guie e de um trato pedagógico que a realize desta maneira.

Devemos considerar o debate acadêmico desenvolvido no Brasil a respeito dos rumos e necessidades da educação olímpica (ABREU, 2004; GODOY, 2004 REPPOLD FILHO, 2004, entre outros), entretanto as abordagens em sua maioria não têm como referência a situação específica de uma candidatura olímpica. Em face de uma possível nova candidatura da cidade do Rio de Janeiro a sede dos Jogos Olímpicos, parece ser importante que sejam construídos fundamentos para um programa de educação olímpica que faça parte dessa proposta⁷. Neste contexto, proponho que a experiência internacional acumulada deva ser levada em consideração como base destes fundamentos para futuros ajustes as condições locais. Assim, em um primeiro momento faz-se necessário um mapeamento dos programas de EO das edições anteriores dos Jogos Olímpicos iniciativas em busca da determinação de tendências. Ainda que análises mais substantivas de fundamentos e casos possam e devam ser feitas, a partir desse primeiro levantamento, apresento neste estudo alguns indicadores de temas, estratégias, meios e elementos para a construção de uma proposta de Educação Olímpica. Assim, advirto ao leitor que este texto reflete uma etapa inicial de uma proposta ainda em construção.

Experiências de educação olímpica

Por motivos operacionais, a análise das experiências de educação olímpica de Jogos Olímpicos foi limitada às edições dos Jogos dos últimos 10 anos (6 edições). Adicionalmente, foi possível incluir já alguns elementos relativos aos próximos Jogos em Beijing, por meio de consulta ao sítio do evento. Por outro lado, não foi possível considerar a experiência de Atenas 2004 uma vez que seu relatório ainda não está disponível *on-line* e seu sítio também não se encontra mais ativo. Uma visão geral e comparativa de tais experiências é encontrada no Quadro 1 das presentes notas.

6 - Em texto de 1894, ao falar sobre o esporte, Coubertin afirma: “Ainda agora, como no passado, se seus efeitos serão benéficos ou prejudiciais, depende de como ele é tratado, e da direção para qual ele é apontado. A atividade atlética pode incitar as mais nobres assim como as baixas paixões. Ela pode alimentar abnegação e honra, ou o amor pelo ganho. Ela pode ser cavalheiresco ou corrupto, humano ou bestial. Finalmente, ela pode ser usada para solidificar a paz ou preparar para a guerra”.

7 - Na verdade, com alguma ousadia baseada na experiência acadêmica na área da educação física, penso que propostas desse tipo são necessárias mesmo na ausência de uma candidatura olímpica nacional. O debate sobre uma educação baseada em valores no âmbito da educação física está carente de propostas que recuperem uma positividade para a prática esportiva que supere tanto as posições da teoria crítica do esporte quanto às abordagens a - críticas e naturalizantes do ensino da educação física e do esporte.

A análise se deu por meio do exame dos relatórios oficiais dos Jogos Olímpicos⁸, exceto Turim 2006, do qual os dados foram obtidos no próprio sítio dos Jogos⁹. Assim, a quantidade e a qualidade dos dados estão diretamente relacionadas à forma com que são apresentados nos Relatórios Oficiais. Do mesmo modo, não foi possível ter acesso ao material pedagógico propriamente dito, exceto no caso de Turim, cujo kit educativo está disponível no sítio.

Em linhas gerais observa-se a preocupação de articulação dos programas de EO ao sistema escolar de alguma forma. Assim, evidencia-se que o foco da EO tem sido a criança e o jovem, não sendo discerníveis atividades voltadas para o público adulto. Neste contexto, americanos e italianos demonstraram a preocupação de desenvolver propostas articuladas aos programas educacionais já existentes, enquanto os demais programas parecem caracterizar-se pelo oferecimento de propostas aditivas e, provavelmente temporárias, aos currículos escolares. Não parece ser, portanto, coincidência a presença definida de um órgão ou departamento encarregado especificamente da EO em 1996, 2002 e 2006 e o período de atividades mais longo do que os demais. Embora não tenha elementos para análise, é possível imaginar um legado mais efetivo e duradouro daqueles programas que procuraram ser feitos em articulação com os projetos pedagógicos dos sistemas de educação institucionalizada.

No que se refere aos temas, observa-se a prevalência de temas que podemos chamar de 'tradicionais'; *fair play*, multiculturalismo, tradições olímpicas, solidariedade e paz. A preocupação com a conscientização ambiental também se faz presente como reflexo das exigências mais recentes do COI para as cidades-candidatas. Neste contexto, é possível notar nos programas de EO dos Jogos realizados nos Estados Unidos a presença das temáticas 'vida ativa', 'hábitos saudáveis' e 'conhecimento e a prática de modalidades esportivas menos conhecidas'. Por outro lado, uma particularidade dos programas australiano e japonês foi a preocupação com a difusão de sua própria cultura e modo de vida por meio da EO, uma característica que precisa ser questionada.

Uma diversidade de meios foi adotada nos programas estudados. Todavia, diante da ênfase na articulação ao sistema escolar, mesmo as atividades extra-escolares (concursos artísticos e de conhecimentos, voluntariado social, visitas e encontros) tinham como sujeitos privilegiados a criança e o jovem. Contudo, três meios de EO que se destacam são eles; o acampamento olímpico jovem, os programas de correspondência entre escolas e países (*one school, one country; Twinning schools, heart2heart* na versão chinesa) e a concessão de ingressos para assistir competições olímpicas.

O acampamento vem se configurando como uma atividade constante, baseada na tradição olímpica¹⁰ e praticamente sancionada pelo COI. Basicamente, a idéia é que cada comitê olímpico nacional inscreva e envie pelo menos um casal de jovens entre 16 e 18 anos, para participarem de um programa de concentração de jovens por alguns dias, seguindo uma programação educativa associada aos Jogos e ao olimpismo.

Os programas de correspondência entre escolas e países foi uma iniciativa do programa de EO de Nagano, 1998, cujo sucesso pode ser medido por sua re-

8 - Disponíveis em www.aafila.org

9 - www.kidsvillage.torino2006.org

10 - Existem acampamentos olímpicos desde 1932, inicialmente por iniciativa de escoteiros.

petição nas edições seguintes dos Jogos. De todo o modo, não é possível deixar de especular sobre caráter educativo limitado e fragmentado, talvez se configurando mais como uma estratégia de motivação da população do que como uma atividade antes de tudo educativa¹¹.

Quadro 1 - Elementos constituintes dos programas de Educação Olímpica dos Jogos Olímpicos (1996 – 2006)

| PROGR- MAS | CRITÉRIOS | | | | |
|-----------------------|------------------|---------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| | Duração | Vincula- ção | Articulações | Meios | Temas |
| Beijing 2008 | Não disponível | BOCOG | Sistemas escolares regionais (356 escolas) | Heart2heart program; Beijing 2008 olympic education Model Schools | Multiculturalismo; |
| Torino 2006 | Não disponível | TOROC's Regional Relations Department | Governos regionais; CONI; Universidade | Kit educacional multimídia; website próprio; One school, one country; Encontros com campeões; Visita ao Museu Olímpico de Lausanne; Olimpiada de matemática | Cultura esportiva; Meio ambiente; educação para a saúde; interculturalismo, direitos humanos, solidariedade, paz |
| Salt Lake City 2002 | 5 anos | SLOC Diretor de educação | Departamento de educação do estado de Utah; Escolas privadas e paroquiais | Youth Engaged in Service; One school, one country; Tickets for kids; Olympic curriculum; Governor's music and education program; Student's art exhibits and Pin design; Education website; Recognition programs | Multiculturalismo; Tradições olímpicas; diversidade esportiva; promoção da saúde e aquisição de hábitos; responsabilidade social |

11 - Uma vinculação entre cidades e países foi organizada para a corrida da tocha pan-americana dos Jogos do Rio 2007. Seus resultados, porém foram extremamente irregulares e duvidosos de um modo geral.

| | | | | | |
|--------------|--------|-------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Sydney 2000 | 3 anos | SOCOG | municipalidades | Olympic Youth Camp; Twinning schools program | Multiculturalismo; Estudos olímpicos; ambientalismo; história, geografia e cultura australianas |
| Nagano 1998 | 2 anos | NAOC | Não disponível | Olympic Youth Camp; One school, one country | Multiculturalismo; Cultura japonesa |
| Atlanta 1996 | 7 anos | USOC/ ACOG Youth and Education Department | Departamento de educação do estado da Georgia; Lideranças comunitárias | Olympic Days; DreamTeam Program; Children's Olympic Ticket Fund; Olympic Youth Camp | História do MO; fair play; diversidade esportiva; promoção de aptidão física e aquisição de hábitos |

Obviamente, os programas de EO de Jogos Olímpicos não são as únicas referências dignas de nota. Na verdade, existe uma série de iniciativas de caráter mais ou menos permanente comprometidas com o desenvolvimento da EO de forma independente da organização dos Jogos. Ainda que não seja objetivo deste texto analisá-las, penso ser importante fazer pelo menos uma menção a algumas destas iniciativas, uma vez que devido a seu caráter permanente, tornam-se fontes de consulta em princípio mais acessíveis do que a média dos documentos dos programas olímpicos.

Penso que, na atualidade, existem alguns programas de EO internacionais que apresentam grande dinamismo na disseminação de informações, eficiente pedagogização dos conteúdos, atualização constante e uso das funcionalidades dos ambientes virtuais que podem servir de referência para o desenvolvimento do programa de educação olímpica da candidatura da cidade do Rio de Janeiro a sede dos Jogos Olímpicos¹².

- British Olympic Association's Olympic Education Pack www.olympic.org.uk
- The Canadian Olympic School Program Team www.olympicschool.ca
- A.S.P.I.R.E school network www.olympics.com.au

Além destes, uma contribuição significativa para a sistematização, pedagogização e escolarização dos temas da educação olímpica reside no documento *Be a champion in life* (2002), organizado pela educadora canadense Deanna Binder. Estruturado em cinco capítulos (Corpo, Mente e Espírito; *Fair Play*; Multiculturalismo; Em busca da Excelência; Celebrando o Espírito Olímpico), este trabalho apresenta uma proposta de pedagogização de valores olímpicos, traduzida em fundamentação teórica, objetivos educacionais, escolarização de conteúdos e produção de material didático.

12 - Vale mencionar o interessante trabalho de educação olímpica virtual desenvolvido pelo prof. Marcio Turini para a prefeitura de Duque de Caxias (RJ), disponível em: www.jogosestudiantiscaxias.com.br/

Indicadores para uma proposta de educação olímpica para o Rio de Janeiro

O exame das experiências de EO permite a produção de indicadores iniciais para a construção de uma proposta de educação olímpica articulada a candidatura da cidade do Rio de Janeiro a sede dos Jogos Olímpicos. Isto significa que os elementos a serem apresentados foram definidos e discutidos a partir deste enfoque, não implicando que outros arranjos e definições não sejam possíveis.

Quanto à duração

Não foi possível determinar um padrão único a respeito da duração das atividades, mas foi possível perceber que os programas com algum nível de articulação aos sistemas educacionais iniciaram suas atividades com alguns anos de antecedência. O mesmo sugere-se que seja desenvolvido em nosso caso.

Além disso, considerada a pouca tradição e popularidade da maioria dos esportes olímpicos em nosso país, parece ser fundamental que pelo menos uma parte dos programas de EO comece a ser desenvolvido com uma antecedência de pelos dois anos antes dos Jogos. Creio que isto poderia permitir uma participação ativa do público durante os Jogos em face de uma compreensão ampliada do que acontece. Neste contexto, é importante que as atividades não se restrinjam às crianças, mas alcancem também os adultos. É claro que este é um desafio bastante grande, pois, o acesso aos adultos é bem mais difícil, uma vez que não estão mais concentrados no sistema escolar, mas dispersos nas diferentes instâncias dos sistemas produtivos. Diante deste fato, as atividades educativas destinadas ao público adulto devem concentrar-se nos meses mais próximos dos Jogos para evitar-se o risco de dispersão de esforços, podendo ser de caráter mais longo em caso de parcerias com sindicatos, associações e entidades como Sesi e Sesc.

Por outro lado, o desenvolvimento de atividades após os Jogos, embora altamente recomendável, só pode ser pensado como um desdobramento sustentado por outros agentes uma vez que comitês organizadores são instituições com data prevista para encerrarem suas atividades. Podemos apenas confiar que se boas parcerias forem construídas e bons programas forem desenvolvidos, a EO como legado é um fato provável. Como vimos anteriormente, este é um fenômeno que pode ser detectado em algumas cidades que sediaram os Jogos. Todavia, até onde foi possível perceber, esta continuidade é produto eminentemente de iniciativas não-governamentais, algumas ligadas aos comitês olímpicos nacionais, outras não. Proponho que uma forma de viabilizar a continuidade da EO no país pode ser alcançada pela realização de quatro objetivos. O primeiro é o da incorporação dos princípios, valores e orientações da EO ao projeto político-pedagógico dos sistemas públicos de educação da cidade e do estado do Rio de Janeiro de um modo geral e à prática pedagógica da educação física escolar em particular. O segundo é o da incorporação destes mesmos princípios, valores e orientações aos programas de esporte educacional do ministério do esporte. O terceiro é o da produção de um modelo básico de programa de disciplina a ser difundido para ofertada nos cursos de licenciatura e graduação em educação física de modo a educar novos professores e profissionais de educação física no tema. O último

é o da continuidade das atividades de educação olímpica por meio de um sítio da AOB para suporte e organização de interessados cadastrados, divulgação de informações, promoção de atividades e eventos e etc.

Quanto à vinculação institucional

Um projeto de EO nos marcos de uma candidatura olímpica deve necessariamente encontrar-se no âmbito do comitê organizador da candidatura e posteriormente dos Jogos. Neste contexto, no caso brasileiro, é absolutamente pertinente que a Academia Olímpica Brasileira (AOB) seja o agente responsável pelo projeto, mobilizando a massa crítica de especialistas no assunto ora dispersa em diferentes universidades brasileiras.

Tal vinculação apresenta vários ganhos. Em primeiro lugar, teria custos reduzidos em relação a uma consultoria externa completa. Em segundo lugar, poderia aproveitar o quadro de especialistas em estudos olímpicos e educação olímpica há alguns formados no país. Em terceiro lugar, permitiria a ampliação do conhecimento pela experiência dos especialistas ora existentes e daqueles que irão eventualmente se integrar ao projeto. Por fim, facilitaria a multiplicação desta experiência em EO para outros lugares e espaços de intervenção no país, dando um sentido de legado para a realização dos Jogos.

Por fim, deve ser observado que se é desejável que a própria AOB continue a desenvolver seus próprios programas de EO, também o é que ela não obtenha nenhuma exclusividade ou direito sobre este tema. A experiência internacional fornece indicadores para pensarmos que a pluralidade de visões, programas e propostas apresentam ganhos no que se refere à difusão e a produção do conhecimento. Recomenda-se, portanto, que instituições diversas, educacionais ou não, desenvolvam seus próprios projetos de EO. Neste caso, a AOB pode ocupar o papel de uma consultoria, fornecendo *expertise* para pessoas e instituições que não possuem conhecimento sobre o Olimpismo¹³.

Quanto às articulações

A experiência internacional apresenta uma tendência à ênfase na articulação ao sistema escolar durante o período que antecede e durante os Jogos e, à ênfase a iniciativas descentralizadas nos anos posteriores. Tal estratégia parece ser adequada para o caso local também.

Como já observamos em outro texto (TAVARES, 2002), um dos desafios mais significativos para projetos de EO é o da articulação ao sistema formal de ensino. É preciso que uma proposta de EO vá ao encontro das necessidades destes sistemas, respeitando também suas peculiaridades, projetos e identidade. Quanto mais um projeto de EO define autonomamente seus conteúdos e estratégias, menores serão suas chances de adoção pelo sistema escolar. Isto parece óbvio, uma vez que pode configurar-se como espécie de 'colonização' da escola ofertando elementos e conteúdos desarticulados do projeto pedagógico básico da rede pública. Assim, recomenda-se que o desenvolvimento do conteúdo escolar de uma proposta de EO seja feito em parceria com os gestores da rede municipal de ensino. É claro que tal processo

13 - Um caso típico são as emissoras de televisão que constantemente veiculam campanhas de estímulo à prática esportiva a partir dos mais diversos argumentos.

demandará debate, estudo, convencimento e renúncias mútuas para que sejam obtidos consensos satisfatórios para todas as partes.

Neste contexto, a AOB funcionaria como uma espécie de consultora no desenvolvimento do conceito, na produção do material didático e no treinamento dos profissionais assim como atuaria em co-gestão com os entes do poder público nas atividades do Programa que envolvesse diretamente a organização dos Jogos, como a assistência às competições, por exemplo. Sugere-se que não haja envolvimento direto na operação do programa no âmbito do sistema educacional formal por razões de competências, de recursos humanos e de custos.

Outra forma de articulação ao sistema escolar, complementar a primeira, reside na formação de uma rede ponto-a-ponto de informação, assessoria e conhecimento. Esta rede, baseada, por exemplo, na experiência dos programas A.S.P.I.R.E (Austrália) e *Canadian Olympic School Program* (Canadá), poderá fornecer a professores e escolas cadastradas, por meio de um sítio, documentos de fundamentação e sugestões de atividades, além de receber e divulgar experiências locais bem-sucedidas. Tal articulação, baseada no princípio de descentralização da lei 9394/96 de Diretrizes e bases da educação nacional, servirá fundamentalmente para fornecer acesso e apoio a escolas particulares e de outros municípios e estados, estimulando professores de outras localidades a desenvolverem programas e atividades.

Um terceiro conjunto de articulações deve ser construído tendo como foco a educação de adultos¹⁴. Como afirmei acima, enquanto as crianças podem ser atingidas por meio do sistema formal de ensino, os adultos encontram-se relativamente mais dispersos nos sistemas produtivos. Como não há nenhuma razão para pensarmos que a educação é um processo exclusivamente infanto-juvenil, o desenvolvimento de articulações com o Sesi e o Sesc podem ser formas produtivas e econômicas de iniciativas de EO com foco nos adultos. É claro que, tal como o sistema escolar, estas instituições possuem suas especificidades que devem ser respeitadas, atuando como fatores condicionantes do processo. De todo modo, suas tradições de envolvimento com a educação, o esporte e a cultura, indicam que podemos pensar nelas como parceiros preferenciais, ainda que articulações com associações e sindicatos também possam ser consideradas. De qualquer forma, tal como na articulação com o sistema escolar formal, recomenda-se que as mesmas competências, responsabilidades e limitações sejam respeitadas.

Por fim, sugiro que uma articulação deve ser desenvolvida com a secretaria municipal das culturas da cidade do Rio de Janeiro para o desenvolvimento de atividades educativas pontuais para a população em geral. Estas ações podem ou não ser planejadas como parte do programa cultural dos Jogos, porém dotadas de conteúdo educativo pedagogicamente definido.

Quanto aos meios

Programas de EO podem variar em termos de meios, estratégias e atividades educacionais. Entretanto, a experiência internacional indica quatro possibilidades principais.

14 - O comportamento dos espectadores brasileiros durante o Panamericano do Rio me parece um bom indicador da necessidade de uma educação esportiva para adultos diante do pouco conhecimento e experiência com esportes olímpicos.

Uma atividade que sugere-se seja mantida, baseada na tradição é o Acampamento Olímpico Jovem (*Olympic Youth Camp*). Deve ser oferecida aos jovens uma programação centrada em valores que auxilie o desenvolvimento de hábitos e atitudes em acordo com os valores proclamados do Olimpismo, com ênfase no multiculturalismo. Assim, devem ser organizados pelos responsáveis atividades, jogos e brincadeiras educativas fundamentadas nos valores do Olimpismo. Adicionalmente, sugere-se que seja garantida na programação tempo e espaço adequados para que os participantes possam apresentar manifestações musicais, dançantes, de jogos e brincadeiras de seus respectivos países e/ou regiões. Por fim, recomenda-se que seja garantida a assistência a pelo menos uma competição do programa olímpico a cada um dos participantes, tal como realizado nos acampamentos anteriores. Este é um ponto importante para garantir a vinculação entre a programação do Acampamento e a experiência olímpica.

Um *programa escolar de EO* deve ser outra parte importante do programa geral. Tal como observado anteriormente, recomenda-se que a AOB, sob a autoridade do COB e do Comitê Organizador, seja a responsável pelo desenvolvimento de programas curriculares de EO em articulação com os responsáveis da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. Tais atividades seriam desenvolvidas a partir da definição conjunta do conjunto de valores a ser trabalhado. Uma observação importante é que os programas de EO não devem ser confundidos ou reduzidos a programas de educação física escolar. Ainda que a centralidade das práticas corporais e esportivas seja evidente, a experiência internacional acumulada indica que os programas de EO devem assumir um caráter multidisciplinar, explorando a riqueza histórica, geográfica, cultural, simbólica, imagética e lingüística do Movimento Olímpico. É possível, portanto, envolver toda a comunidade escolar em termos de conteúdo e atividades. Este programa deve ser complementado pela produção de material didático para treinamento de multiplicadores e desenvolvimento de atividades escolares, tanto sob a forma de impresso quanto sob a forma virtual e interativa em sítio com páginas dedicadas.

Um aspecto que necessita ainda de melhor definição, entretanto, reside na decisão entre uma ênfase em atividades de impacto (como a celebração do Dia Olímpico, por exemplo) e/ou programas curriculares de caráter continuado. Como se sabe, atividades de impacto têm efeito limitado ao longo do tempo, o que poderia prejudicar um processo educativo eficaz. Por outro lado, a adoção da temática olímpica de maneira continuada poderia gerar um efeito final negativo por esgotamento de motivação. Os indicadores internacionais até agora analisados não são claros a este respeito. De qualquer modo, tal como ocorrido em edições anteriores dos Jogos deve fazer parte do programa escolar a assistência a pelo menos uma competição do programa olímpico. As experiências anteriores referendam estes elementos da programação como estratégia para tornar concreto e com significado parte do conhecimento desenvolvido durante as atividades escolares.

Outro meio importante de educação olímpica são as *atividades extra-escolares*. Nelas estão incluídas todas as atividades educativas voltadas para adultos. Tanto aquelas que podem ser desenvolvidas em parceria com o Sesi e o Sesc, por exemplo, quanto as atividades de caráter pontual, local, sob as diversas formas de intervenção urbana e campanhas institucionais. Como afirmei anteriormente,

não é demais pensar que a EO não precisa e não deve ficar limitada às crianças e jovens ou aos sistemas formais e não formais de educação. Assim, recomenda-se que um programa de EO para os Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro seja pró-ativo na busca de formas inovadoras e provocativas de educação informal.

No caso específico das atividades de EO voltadas para o trabalhador, em virtude da forma de envolvimento destes com as instituições e oportunidades de prática de esportes, sugere-se que uma ênfase seja dada ao treinamento dos profissionais de educação física empregados no sistema em todos os níveis, como meio de implementar antes de tudo um ambiente de educativo de forma prática. É claro que outras formas de informação e educação podem ser implementadas (panfletos, peças teatrais e etc.). Em todo caso, deve ser respeitada e aproveitada a experiência das instituições na educação não-formal de adultos.

Um último meio de educação olímpica a ser considerado é o do *ambiente virtual*. Já temos experiência nacional e internacional suficiente para garantir a eficiência e a funcionalidade das ferramentas de *internet* como meio para desenvolvimento de programas educacionais, tanto antes quanto durante e depois dos Jogos.

A primeira das funcionalidades possíveis para um sítio específico de um programa de EO seria a oferta de conteúdo gratuito (textos informativos, de fundamentação, notícias, fotos, hiperlinks e etc.). Neste caso, este conteúdo deve ser adaptado, classificado e dirigido segundo os diferentes programas de EO implementados, sendo destinado especificamente para os diferentes atores do processo a partir de diferentes níveis de autorização de acesso.

Outra funcionalidade reside nos testes de conhecimento, jogos e brincadeiras de caráter educativo. Neste caso, podem funcionar independentes ou não de atividades do programa de formação de multiplicadores ou posteriormente do programa escolar. Assim, poderiam estimular o visitante comum e os participantes efetivos dos programas.

Uma terceira possibilidade do ambiente virtual são as atividades de interatividade. O sítio pode oferecer tanto um 'muro virtual' para a colocação de mensagens quanto salas de bate-papo e fóruns controlados por mediadores, seguindo temas previamente previstos em planejamento. Isto permitirá a interação, a troca de opiniões e experiências dos alunos das escolas participantes do programa.

Uma última funcionalidade é a da comunicação dirigida por meio de informes (*newsletter*) eletrônicos. Um meio barato e rápido de ser mantida mobilizada e informada a rede de professores interessados em EO.

Quanto aos temas

De todos os aspectos da educação olímpica, os temas parecem ser a questão mais importante. Sua definição representa o produto da compreensão do é ou deva ser uma educação baseada em valores olímpicos. Contudo, diante da pressão de desenvolvimento de uma proposta de EO que atinja crianças, jovens e adultos, e que seja articulável as disciplinas escolares, a definição dos temas se deu a partir de quatro critérios: seu tratamento pedagógico, sua possibilidade de redução a uma forma escolar, sua condição de integração ao sistema escolar e responsabilidade social.

Em face destas definições iniciais o exame de diferentes projetos de EO sugere que se adote a proposta organizada pela pedagoga canadense Deanna Binder “Be a Champion in Life” (2002) como referência inicial de trabalho. Em síntese, os temas propostos por este documento são os seguintes:

- **Corpo, mente e espírito:** Objetiva encorajar jovens a participarem em atividades esportivas e físicas, desenvolverem hábitos saudáveis e melhorarem suas técnicas e habilidades;
- **Fair play:** Propõe desenvolver o conhecimento, a compreensão e o respeito aos princípios norteadores da ética esportiva;
- **Em busca da excelência:** Prioriza a busca pela identidade, o desenvolvimento do sentido de auto-confiança e auto-superação assim como o respeito próprio;
- **Jogos olímpicos, presentes e passado:** Propõe a exploração dos símbolos, cerimônias, competições e mensagens que dão significado aos Jogos Olímpicos modernos e antigos como celebração cultural e forma de referência;
- **Multiculturalismo:** Enfatiza o respeito e valorização das diferenças em termos de pessoas, hábitos, habilidades e culturas.

Como demonstraram Suave (2006) e Suave, Silveira e Tavares (2007), uma qualidade adicional desta proposta é sua possibilidade de integração ao currículo escolar por meio de sua aproximação à proposta dos Temas Transversais presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s (BRASIL, 1998). Em síntese, acordo com este documento, os temas transversais (TT) indicados são os seguintes:

- **Ética:** Prioriza que princípios como solidariedade, respeito, justiça e diálogo, devam ser manifestados na ação diária da escola, gerando autonomia moral dos educandos;
- **Pluralidade cultural:** Visa promover a convivência com diferentes grupos ajudando na construção da cidadania;
- **Meio ambiente:** Objetiva capacitar o aluno a compreender que os problemas ambientais interferem de maneira geral na qualidade de vida das pessoas;
- **Saúde:** Propõe uma educação de valores voltados à promoção da saúde;
- **Orientação sexual:** Objetiva discutir, no ambiente escolar, assuntos relacionados à educação sexual;
- **Trabalho e consumo:** Pretende abordar as formas e relações de trabalhos, de compreender suas dimensões e esclarecer seus direitos e deveres como cidadão.

Parece que, *mutatis mutandis*, temas da EO e temas transversais apresentam possibilidades evidentes de interface, complementação de conteúdos e flexibilidade de tratamento segundo a clientela. A análise de Suave (2006) indicou a existência de interfaces imediatas entre os seguintes TT e temas da EO: ética e *fair play*; pluralidade cultural e multiculturalismo; saúde e corpo, mente e espírito. Penso que existe também a possibilidade de construção de uma interface entre o TT ‘meio ambiente’ e um tema da EO a ser desenvolvido, uma vez que a questão ambiental tornou-se igualmente central para o Movimento Olímpico.

Em contas finais, um como o outro devem ser incluídos no currículo do ensino fundamental, de forma “transversal”, ou seja: não como uma área de conhecimento específica, mas como conteúdos a serem ministrados no interior das várias áreas estabelecidas. Como não constituem uma disciplina, seus objetivos e conteúdos devem estar inseridos em diferentes momentos de cada uma das disciplinas.

Referências

- ABREU, N. Rumos e necessidades da educação olímpica. In: *Fórum Olímpico*, 5, 2004, São Paulo. Anais. São Paulo: Academia Olímpica Brasileira, 2004, Resumo mesa redonda, p. 18.
- AUSTRALIAN OLYMPIC COMMITTEE. *A.S.P.I.R.E School network*. Disponível em: www.olympics.com.au
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BINDER, D. L. *Be a champion in life*. Athens: Foundation of Olympic and Sport Education, 2002.
- CANADIAN OLYMPIC ASSOCIATION. *The Canadian Olympic School Program*. Disponível em: www.olympic.ca/EN/education/index.shtml
- GODOY, L. Rumos e necessidades da educação olímpica. In: *Fórum Olímpico*, 5, 2004, São Paulo. Anais... São Paulo: Academia Olímpica Brasileira, 2004, Resumo mesa redonda, p. 24-27.
- INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. *Olympic Charter*. Disponível em www.olympic.org.
- MÜLLER, N. *Pierre de Coubertin – selected writings*. Lausanne: IOC, 2000.
- OFFICIAL REPORT OF THE XXVII OLYMPIAD. Disponível em: www.aaflo.org/6oic/OfficialReports/2000/2000v2.pdf
- OFFICIAL REPORT OF THE XIX WINTER OLYMPIC GAMES. Disponível em: www.aaflo.org/6oic/OfficialReports/2002/2002v1.pdf
- PARRY, J. Physical Education as Olympic Education. In: *European Physical Education Review*, 4, 1998, p. 153–167.
- REPPOLD FILHO, A. R. Desafios do olimpismo: contribuições da filosofia moral. In: *Fórum Olímpico*, 5, 2004, São Paulo. Anais... São Paulo: Academia Olímpica Brasileira, 2004, Resumo mesa redonda, p. 46-48.
- SUAVE, K. *Temas Transversais e Educação Olímpica: limites e possibilidades*. 2006, 60 f. Monografia (Licenciatura plena em educação física). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2006.
- SUAVE, K., SILVEIRA, V. J., TAVARES, O. Temas Transversais e Educação Olímpica: limites e possibilidades. Trabalho apresentado no VI *Fórum Olímpico*. Rio de Janeiro: Academia Olímpica Brasileira, maio de 2005 (trabalho não publicado).

THE XX WINTER OLYMPIC GAMES. Official Report. Disponível em: www.aafra.org/6oic/OfficialReports/1998/Vol1_e.pdf

TORINO 2006. *Kids Village*. Disponível em: www.kidsvillage.torino2006.org/istituzionale/Interna.asp?idarea=38

Rumos e Necessidades da Educação Olímpica Multicultural na Perspectiva dos Jogos Olímpicos de 2016 no Rio de Janeiro

Neíse Gaudencio Abreu
Escola Americana do Rio de Janeiro
Grupo de Estudos Olímpicos - UGF

Directions and Needs for Multicultural Olympic Education in the Perspectives of the 2016 Olympic Games in Rio de Janeiro *The cultural relations established within the Olympic Movement led to an international understanding implied meaning without explicitly promoting a discussion of the universal acceptance of the values of Olympism as related to the particular values of each culture. In other words, sports activities are taught and experienced in different ways in each society, according to the interpretations of the specific local culture. These rationales were the basic references to the research work on Olympic Education focused in multicultural relationships carried on since 2003 at the American School of Rio de Janeiro. As such, a Program on Olympic Education was implemented as based in the concept of multiculturalism grounded in social inclusion and mutual respect to cultural differences. In conclusion, it was found that group inclusion is the main factor that determines Multicultural Olympic Education not as a value in itself but as a carrier of values – driven to friendship.*

Quando se fala em Educação Olímpica faz-se necessário esclarecer a abrangência desta atividade em relação aos Jogos Olímpicos. Tanto a Educação Olímpica quanto o Olimpismo, o Movimento Olímpico, a Academia Olímpica Internacional, e a Solidariedade Olímpica não são necessária e exclusivamente vinculados aos Jogos Olímpicos, mesmo sendo estes a principal manifestação do Movimento Olímpico. Este esclarecimento é fundamental para a elaboração de qualquer projeto ou programa de Educação Olímpica.

Por outro lado, a Educação Olímpica torna-se importante como abordagem a ser desenvolvida em determinadas cidades – e respectivos países – que se tornam candidatas a sediar os Jogos Olímpicos como agora acontece com o Rio de Janeiro, na perspectiva de realização em 2016. Note-se que assim acontece em razão da Carta Olímpica – documento maior e regulamentar do Movimento Olímpico internacional - exigir a implantação Educação Olímpica nas cidades sedes dos Jogos Olímpicos.

Em termos de educação *per se*, a Educação Olímpica representa um papel crucial e pertinente na promoção do conhecimento básico de compreensão e tolerância em termos de valores culturais na variedade que naturalmente se apresentam. No entanto, como fazer caber um projeto educacional olímpico dentro de um cenário em que os valores olímpicos são proclamados universais? Como uní-los à diversidade cultural? Em tese, as respostas a estas questões podem diferenciar a Educação Olímpica previsível para implantação no Rio de Janeiro em sua jornada para sediar os Jogos de 2016, ou até mesmo em anos subseqüentes a esta data.

Recorrendo a história constata-se que desde o final do século 19, o ideário Olímpico iniciou-se com o Barão Pierre de Coubertin proclamando um universalismo então resumido em seus textos pela expressão inglesa *all games, all nations*. Com isso, os Jogos Olímpicos Modernos tiveram sua origem sob uma perspectiva multicultural apesar de sua filosofia e pressupostos históricos terem raízes no pensamento ocidental. Com o propósito de propagar os valores Olímpicos supostamente universais, o Movimento Olímpico progrediu frequentemente exibindo contradições em seu universalismo quando exposto a diferentes culturas. Faz-se então necessário entender e interpretar o significado dessas ações das diferentes culturas face ao Olimpismo e seus componentes principais: o Movimento Olímpico, a Educação Olímpica e os Jogos Olímpicos.

A fim de delinear as abordagens históricas do Olimpismo, me utilizei dos conceitos macro e micro para melhor interpretar os valores abrangentes do Olimpismo e suas implicações culturais específicas. O objetivo deste estudo é de se fazer refletir na elaboração de um programa de Educação Olímpica capaz de vislumbrar a junção do Olimpismo enquanto conjunto de valores (macro) e as interpretações particulares de um determinado grupo singular ou ainda de uma determinada cultura (micro). Dessa forma pode-se observar e examinar como que grupos heterogêneos e multiculturais reagem quando expostos a valores propostos como universais, como os encontrados no ideário Olímpico.

E nestas circunstâncias admite-se em princípio que as instituições ligadas ao Movimento Olímpico perpetuam a macro visão de seus valores; por outro lado, os diversos países – cidades e regiões, sobretudo - envolvidos no movimento Olímpico apresentam micro interpretações dessas interações sociais assim como de seus valores específicos.

Como veículo de perpetuação dos valores considerados universais do Movimento Olímpico, a Educação Olímpica apresenta-se de forma a preencher cada *Olympiad*, ou seja, os quatro anos de intervalo do principal combustível do Movimento Olímpico – os Jogos Olímpicos. A proposta mais tradicional da Educação Olímpica proclama explicitamente valores universais e os considera comum a toda as culturas. Este modelo que aqui passo a chamar de tradicional, contraria um modelo mais plural que questiona a universalidade dos valores preconizados pelo padrão olímpico ocidental. Imperativo se faz detectar as principais tendências de convergências e desvios de diferentes grupos multiculturais expostos e participantes de projetos ou propostas de Educação Olímpica.

Há portanto de se considerar valores supostamente universais e avaliá-los de acordo com as especificidades culturais. A partir de uma pesquisa de campo, elaborei um projeto de análise e interpretação de um grupo multicultural exposto a valores olímpicos proclamadamente universais. O grupo conviveu em período integral em Olímpia – Grécia e vivenciou interações sociais, culturais, econômicas e acadêmicas. O objetivo da investigação então empreendida foi o de identificar as principais tendências relacionadas com convergências e divergências dos valores do Olimpismo. A fim de atingir estes propósitos, foi utilizado o método etnográfico tendo como arcabouço teórico as abordagens de Clifford Geertz e Gilberto Velho. Assim sendo, combinaram-se dados etnográficos com uma entrevista semi estruturada de caráter qualitativo. Daí delinear-se micro interpre-

tações da pesquisa em conjunto com uma visão macro oriunda de bibliografia referente ao Olimpismo e Multiculturalismo. A medida que a descrição era narrada densamente, as interpretações foram se desvelando e a teia de significados se mostrou clara. Diante das respostas do grupo, elementos significativos foram definidos a fim de elaborar tendências de compreensão dos valores do Olimpismo. Para descrever percepções do grupo multicultural em questão, foram eleitas categorias de análise relativas a assuntos olímpicos. As categorias selecionadas foram as seguintes: fair play e espírito esportivo, esporte para todos, esporte educacional, intercâmbio cultural e entendimento internacional.

Ao final da pesquisa, amizade construída (por esse conceito entende-se que o nível de tolerância às diferenças aumenta quanto mais se conhece e se partilha situações cotidianas) e entendimento internacional foram revelados pelo grupo multicultural como valores centrais do Olimpismo.

Valores culturais são, neste sentido, o alicerce de uma Educação Olímpica relevante e permanente. Estes valores desenvolvidos a partir de experiências esportivas locais – independentes ou adaptadas de valores centrais do Olimpismo seriam portanto, parte de um programa de Educação Olímpica Multicultural direcionada a todos. Valores esportivos locais oriundos da diversidade cultural são componentes fundamentais no aprendizado do Olimpismo. A Educação Olímpica sob enfoque multicultural é então sugerida para mediar particularidades locais com valores centrais do Olimpismo.

Desenvolvimento da pesquisa

Para compreender a visão macro do Movimento Olímpico, alinhei alguns autores nucleares desse movimento. Suas categorizações nos permitem interpretar tendências de análise e interpretações que nos possibilitam delinear as características de programas e projetos de Educação Olímpica. Neste estudo, as visões macro e micro não são consideradas excludentes entre si, no entanto, a primeira divulga a proclamada universalidade dos valores olímpicos enquanto a segunda preconiza o estímulo as interpretações das interações sociais culturais em face aos valores tidos como universais. Ou seja, a macro visão tem como perspectiva os valores globais proclamados universais, enquanto a micro visão tem como perspectiva valores locais e particulares.

Tendo em vista tais perspectivas, uma **Educação Olímpica sob enfoque Multicultural** tem como objetivo mediar particularidades locais com os valores centrais do Olimpismo. Para que isso ocorra, faz-se imprescindível os valores multiculturais oriundos de não apenas culturas e nações diferentes assim como de classes sociais diversas. Dessa forma, evita-se o domínio hegemônico que, por vezes, permeia diferentes culturas, desconsiderando manifestações específicas de cada comunidade em particular.

Esta temática tem sido estudada por estudiosos olímpicos que me inspiraram a categorizar valores à luz das peculiaridades locais e valores proclamados universais. São eles: DaCosta, Mac Aloon, Müller, e Liponski.

DaCosta (1998) aponta **codificação e controle** como perspectiva macro e **adaptação plural** como perspectiva micro. Definitivamente, codificar e controlar

apresenta-se como uma vantagem para uma linguagem global e necessária no século XXI. A codificação se caracteriza pela transformação de uma mensagem em uma seqüência de sinais de acordo com um determinado código. O controle apresenta um continuum interpretativo que varia desde a verificação ou confirmação até a inspeção ou dominação. Diante disso, pode-se dizer que essas valências compõem o universo macro da Educação Olímpica; o termo adaptação poderia outrora, ser interpretado como inquestionável aceitação, conformismo ou acomodação, no entanto, a adaptação no colóquio acadêmico atual é relacionado ao termo emprestado da Língua Inglesa *resilience*, denotando flexibilidade ou maleabilidade no sentido construtivo do termo.

Mac Aloon (1991) por sua vez direciona **interconexões globais** como perspectiva macro e **diferenças culturais** como perspectiva micro. A junção e parceria necessária no mundo atual globalizado é fundamental para o conhecimento das diferenças culturais, possibilitando a valorização das mesmas e respeito à manutenção dessas diferenças.

Müller (1990), apresenta **valores imutáveis** como perspectiva macro advindos de fundamentos históricos que tem como base princípios universais frutos do conhecimento acumulado pela humanidade. Em contrapartida, oferece para reflexão, o desenvolvimento de **valores atualizados** e re-estruturados como perspectiva micro, contendo no entanto, adaptações condicionais e dependentes.

Liponski (1987) prevê o **universalismo olímpico** em oposição ao **pluralismo olímpico**, contrapondo as perspectivas macro e micro. Recomenda ao Olimpismo um longo processo de introdução das experiências filosóficas e culturais das sociedades consideradas não-ocidentais.

Educação Olímpica Multicultural

Como se pode avaliar, a aspiração de diferentes formas e sistemas esportivos convivendo em conjunto a sobrevivência de esportes tradicionais, anima a discussão entre valores firmemente incorporados e códigos culturais específicos.

Considero que o Movimento Olímpico tem características fundamentalmente baseadas na perspectiva macro de codificação, controle, valores imutáveis e universais divulgados globalmente. No entanto, nos últimos quinze anos, o Movimento Olímpico tem assimilado e documentado manifestações - especialmente oriundas de pesquisa, anais e relatórios da Academia Olímpica Internacional -, tais como o pluralismo olímpico, a adaptação plural, as diferenças culturais e valores atualizados, com o objetivo de mostrar de diferentes formas como aceitar e encarar os desafios contemporâneos da Educação Olímpica tais como racismo, questões de gênero, doping e suas implicações éticas e culturais, degradações ambientais, etc.

Planejar os rumos da Educação Olímpica no Brasil é necessário e eminente, considerando o grande sucesso dos Jogos Pan Americanos de 2007, como também futuras Olimpíadas de Beijing 2008 e Londres 2012, Copa do Mundo de Futebol 2014, eventos que podem demandar programas educacionais.

Esta mediação entre os valores codificados, imutáveis e até certo ponto, controlados em uma esfera globalizada, do universalismo Olímpico e as adaptações e atualizações das diferenças culturais vislumbrando o pluralismo Olímpico deve ser o objetivo da Educação Olímpica Multicultural.

A proposta da Educação Olímpica Multicultural deve conter um núcleo habitual e convencional de levantamento de valores e símbolos universais embasados na origem e História dos Jogos Antigos e Modernos, assim como a adaptação e comparação de valores culturais locais e reflexões críticas sobre valores olímpicos hegemônicos. Faz-se necessário também a análise de valores olímpicos no contexto atual, abordando conceitos sobre ética esportiva, gênero, racismo, doping, profissionalismo, questionando de forma crítica os valores marco do Olimpismo.

Várias instituições de ensino sistemático ou não, poderão estar a frente de um programa de Educação Olímpica Multicultural como por exemplo o Comitê Olímpico Brasileiro (COB), a Academia Olímpica Brasileira (AOB), os cursos Superiores de Educação e Educação Física, e qualquer outro órgão ou instituição privada ou pública que se interesse pelo desenvolvimento da Educação Olímpica. Sendo assim, o design do programa poderá depender da instituição, iniciativa individual ou de iniciativa comunitária.

Através do esporte formal sistemático escolar a proposta poderá considerar a educação olímpica tradicional hegemônica aproveitando os megaeventos esportivos e as *Olympiads* – período entre os Jogos Olímpicos. Durante os megaeventos esportivos, a Educação Olímpica poderá ser intencional ou casual. A casual se dará naturalmente através da mídia e a intencional acontecerá dentro do sistema educacional formal e sistemático tendo como apoio para o formato e adaptação do programa instituições e redes públicas e/ou privada, projetos comunitários, a Academia Olímpica Brasileira e o próprio Comitê Olímpico Brasileiro. Existem vários sites disponíveis sobre esses assuntos para montagem de um programa de Educação Olímpica adequado com a filosofia da instituição de ensino, como em <http://hwww.cob.org.br>; www.cob.org.br/site/memoria_olimpica/cartilha_olimpismo.pdf; http://www.olympic.org/uk/passion/studies/index_uk.asp; <http://www.goodcharacter.com/Sports.html>, etc.

O estudo do perfil filosófico da entidade, indivíduo ou comunidade deve preceder o desenvolvimento de um programa de Educação Olímpica para se estabelecer o que se é. Com a elaboração dos objetivos do programa se estabelece o que se quer. A partir daí é preciso definir se é projeto ou conteúdo de ensino.

O conteúdo de ensino poderá ser focado através de um projeto interdisciplinar (entre matérias como Matemática, Educação Física, Geografia, História, Línguas, etc) e/ou como disciplina de ensino (como componentes curriculares de uma respectiva matéria). Por exemplo, Antiguidade Clássica e o conceito dos jogos olímpicos gregos – História; diversos eventos do Atletismo – Educação Física).

Desenvolvimento do programa

Após definir o perfil filosófico da entidade, indivíduo ou comunidade, levantar os objetivos do programa, e estabelecer o que se é e o que se quer, poder-se-á então desenvolver o programa de atuação.

Em um projeto de Educação Olímpica Multicultural propõe-se a eleição de categorias de abrangência relativas a assuntos Olímpicos. As categorias selecionadas da pesquisa que deu origem a proposta foram as seguintes: *fair play*, esporte para todos, troca cultural e tolerância para com as diferenças. Essas são as principais tendências de discussão para compor o corpo de conhecimentos da Educação Olímpica Multicultural.

Essas tendências são predominantemente aceitas como expressão de convergências e desvios dos valores proclamados universais do Olimpismo,

Fair play é entendido primeiramente pelo conceito de “seguir as regras do jogo” com a justificativa de que é difícil participar de um jogo sem regras. No entanto, existem sub categorias do *fair play* que devem ser debatidas sob enfoque científico e ético, como por exemplo, a questão do doping, que deve ser exaustivamente discutida podendo ser interligada com o estudo das ciências e saúde e sua relação com a ética esportiva. *Fair play* também é definido pelo conceito de “ir além das regras” ou “fazer o que não está escrito”. Essa interpretação é ilustrada pelo tipo de atitude aos oponentes, pela análise situacional sobre respeito, cooperação, trabalho em equipe e companheirismo. Vale notar que conceito abstratos como respeito, por exemplo, devem ser esmiuçados, exemplificados e as atitudes esperadas deverão ser listadas uma a uma para facilitar o entendimento concreto desse referido valor. Deve-se preservar, no entanto, as especificidades culturais ao relacionar e exemplificar valores, pois estes podem ser exibidos e/ou manifestados diferentemente de acordo com cada cultura. Por exemplo, olhar nos olhos ao falar. Esta referida manifestação de atitude é imprescindível e solicitada em determinadas culturas e inaceitável e desrespeitosa em outras. Atitudes como aceitar o pedido de desculpas do adversário, o reconhecimento do próprio erro, a aceitação da derrota e satisfação de jogar pelo prazer do jogo podem ser encenadas ou vividas e contextualizadas durante as aulas com reflexões orais ou trabalhos escritos.

O técnico, professor ou facilitador exerce um papel fundamental em encorajar atletas e alunos a agir e refletir sobre o *fair play*, contextualizando tanto a vitória quanto a derrota de forma positiva ou de superação e desenvolver o olhar crítico do “ganhar a qualquer custo”.

É importante desvincular o *fair play* da idéia de “não querer ganhar”, de “não dar o seu melhor”, ou de “não valorizar a excelência na performance”, para que a adesão ao conceito de desenvolver o espírito esportivo não seja visto pelos técnicos e treinadores como empecilho ao gosto saudável pela vitória e competição. Um ponto importante a ser considerado na Educação Olímpica Multicultural é a relação entre o conceito abstrato de *fair play* e os conceitos específicos de cada cultura sobre vitória, derrota e a dinâmica e nuances entre esses dois extremos.

Essa visão flexível revela a procura e a necessidade de uma definição ampla do conceito do *fair play* e conseqüentemente da discussão de uma ementa para a Educação Olímpica Multicultural. Como resultado, surge um extenso e diverso campo de valores que se encaixam e combinam à uma abordagem multicultural.

A Educação Olímpica Multicultural deverá exercer um papel crucial e pertinente na promoção da compreensão e tolerância de diferentes valores culturais. Esta interpretação não deve ser considerada uma contradição, mas certamente

uma imensa variedade de abordagens que são dependentes de várias circunstâncias. Estes contextos culturais podem ser políticos, sociais ou econômicos.

Há evidências de que uma das melhores maneiras de promover respeito às diferenças entre nacionalidades e culturas é o conhecimento do grupo em questão. Essa difícil e desafiadora tarefa pode ajudar a melhorar o entendimento entre as diversas culturas.

Entretanto, a convicção maior recai sobre o esporte, sugerido como um valor diretamente ligado ao entendimento internacional. No entanto, apesar de sabermos que o esporte promove o convívio entre os povos e proporciona conhecimento dos mesmos, há de estar vinculado e paralelo a programas sociais e políticos, pois o esporte por si só não pode agir independentemente de outras esferas da sociedade.

Não só o esporte, mas também outras situações promovidas por eventos internacionais demonstram promover valores centrais do Olimpismo, especialmente quando situações rotineiras forem vividas dentro de um grupo multicultural.

Design e Adaptação de um Programa de Educação Olímpica Multicultural

A seguir mostrarei duas propostas já existentes de Educação Olímpica. A primeira é a apresentação de um projeto de Educação Olímpica sobre as Olimpíadas de Sidney 2000 com seus respectivos indicadores de avaliação (do inglês *rubrics*). Este projeto poderá ter abrangência macro e micro de acordo com a metodologia utilizada pelo professor. Os alunos poderiam escolher entre um dos Jogos Olímpicos da era moderna (exemplo: Seul 1988), um esporte olímpico (exemplo: remo), um atleta olímpico (exemplo: Torben Grael) ou um tema (exemplo: doping). Os indicadores para quem escolheu um dos Jogos Olímpicos da era moderna eram o de abordar quais foram as cidades candidatas, o número de países participantes, a participação do Brasil e (escolher algum outro país de acordo com a nacionalidade do aluno, ou preferência institucional), os esportes presentes, e curiosidades em geral. Os indicadores para quem escolheu um atleta olímpico foi a abordagem sobre a vida atlética do esportista em questão, sua participação em jogos pan americanos ou qualquer outro de mesma importância, participação em copas do mundo e jogos olímpicos, seu treinamento e curiosidades em geral. Os indicadores para quem escolheu um esporte olímpico eram a abordagem sobre quando aquele esporte se tornou olímpico e porquê, os países que se fazem representar com esse esporte, a participação do Brasil e dos EUA (ou outro), o envolvimento de homens e mulheres nesse respectivo esporte e curiosidades em geral. Os indicadores para quem escolheu um tema deveria abordar a relação do tema escolhido com os Jogos Olímpicos, como esse tema afeta (ou afetou) o mundo e/ou os atletas, o embasamento histórico do tema e curiosidades gerais. Pode encontrar-se o exemplo do guia de indicadores que foi seguido pelos alunos no site: http://rubistar.4teachers.org/index.php?screen=PrintRubric&rubric_id=1065436&.

A segunda proposta em andamento é relativo ao esporte escolar baseado na análise dos valores da instituição de ensino e da filosofia da propos-

ta pedagógica. Estas deram origem a ações concretas de Educação Olímpica. A implementação do programa tinha como espinha dorsal o conceito de justiça, imparcialidade, e honestidade – *fairness*, que determina ações e comportamentos baseados no conceito amplo de *fair play* mencionado anteriormente nesse artigo – “ir além das regras”. Como transformar conceitos amplos em ações? No projeto apresentado utiliza-se a forma do relato explícito para a criança, adolescente e até mesmo o adulto da cordialidade que se é esperada com contratos de partes. Esses contratos são obrigatórios a pais, treinadores, e atletas para possibilitar a participação em torneios esportivos. Além desse modelo diretivo utiliza-se também o contrato de valores e princípios básicos que é elaborado pelas partes envolvidas atribuindo-lhes – *ownership*- ou seja, a posse do acordo estabelecido: a regra e o valor são aqui incorporados pela crença nos mesmos. Esse último contrato se dá a longo prazo e é consequência de um programa conjunto, interdisciplinar e integrado. As ferramentas e canais utilizadas que incentivam as ações do *fair play* foram o prêmio do “espírito esportivo” e o “cartão verde” <http://www.earj.com.br/athletics/files/E337FF478D7C4D688C8D4E20CCE538C2.pdf> (página 51). Existem recomendações dentro das regras dos torneios relacionadas sobre a polêmica do *mercy rule* (maiores informações no site: http://en.wikipedia.org/wiki/Mercy_rule) e “regra do perdão” - *run up the score* (maiores informações no site: http://en.wikipedia.org/wiki/Run_up_the_score).

Dificuldades e possíveis soluções

Um dos obstáculos comumente observados na tentativa de implementação de propostas de Educação Olímpica, é o compromisso curricular, no qual o conteúdo programático tem que dar conta, em um determinado período, do ensino dos conteúdos específicos, não havendo espaço para projetos ocasionais. Será obrigatório portanto, a apresentação da justificativa de relevância juntamente com a sugestão dos componentes curriculares a serem selecionados da disciplina e exemplificados com atividades do tema Olímpico. A todo momento faz-se necessário uma visita à filosofia institucional para confirmar a coerência desta com a Educação Olímpica Multicultural. Um dos potentes fatores de aceitação da implementação de Educação Olímpica são os temas transversos que versam geralmente sobre a história dos Jogos sob um enfoque analítico-crítico, conflitos culturais, terrorismo, ética, esporte como fenômeno nas sociedades contemporâneas, racismo, internacionalismo, amadorismo e profissionalismo, questões de gênero e assuntos contemporâneos de maneira geral. Os temas transversos devem ser aproveitados e evidenciados no programa.

Somente após uma extensa análise e avaliação das etapas acima é que poderemos escolher as atividades e as práticas para a execução e elaboração da Educação Olímpica que podem ser práticas, teóricas ou combinadas. Se esses princípios não forem preservados, a Educação Olímpica correrá o risco de ser tornar um projeto esporádico e inócuo.

Considerações Finais

Alguns achados interessantes advindos do grupo multicultural analisado mostra que na amizade construída – originada por interações intrínsecas no grupo de pesquisa que não foram impostas e que foram constantemente contruídas com con-

xões diárias - as diferenças culturais parecem ser mais aceitas e toleradas sob condições financeiras iguais.

Em contas finais, amizade construída foi uma das categorias mais importante que foi detectada na pesquisa com grupo multicultural, no entanto, foi rodeado pela existência de oportunidades financeiras similares. Além disso, essas relações são mais significativas quando colocadas sob o mesmo foco amizade e conhecimento mútuo do grupo – outra tendência extraída da matriz. O grande reconhecimento do método etnográfico aplicado a este tipo de estudo é conhecer o outro e ser capaz de lidar com as diferenças. Além disso, conhecer o outro significa reconhecer nós mesmos e nossas singularidades.

Em outras palavras, oportunidades iguais e conhecimento mútuo do grupo são fatores determinantes – não como valores, mas como elementos condutores de valor e atributos para amizade construída.

Os valores de amizade não são valores olímpicos claramente declarados, conseqüentemente, concluo que amizade é um valor micro com referência a perspectiva macro, já que permeia e interage com todas as categorias de valor mencionadas anteriormente. Diante dessa interpretação, uma tentativa conclusória envolve os dois níveis de diferenciação do Olimpismo adotado por esse estudo: macro e micro.

À luz das considerações finais elucidadas acima, proponho os valores centrais como denominação apropriada do nível macro de relações, já que constituem valores aceitos universalmente. Junto a isso, valores centrais podem também expressar aqueles valores a serem desenvolvidos tanto global quanto localmente, já que são relativos a prática. Este é o caso do conceito de amizade e entendimento internacional. Naturalmente, valores centrais definidos pela perspectiva macro devem ser incorporados pela Carta Olímpica, o que também ocorreu com valores relacionados com o meio ambiente. Como conseqüência, valores centrais são não somente proclamados como também aceitos.

Por conseguinte, valores culturais seguem os valores centrais, já que, o primeiro representa valores atribuídos desenvolvidos localmente independentes e/ou adaptados do último. Como resultado, valores culturais não podem ser incluídos pela carta olímpica embora este sistema de valores os dê legitimidade.

Resumindo, este estudo etnográfico que combina focos precisos de Geertz and Velho, me permitem consolidar o **entendimento internacional** e **amizade** como valores centrais do Olimpismo. Em acréscimo, um terceiro valor que vem sendo descoberto nas premissas olímpicas, devido ao acordo construído passo-a-passo é a proteção ambiental. Para este, apresentado por DaCosta (1996), foi adotado pela primeira vez na história do Comitê Olímpico Internacional uma solução contratual de construção de valores. Este exemplo, não só revela um novo valor de Olimpismo mas também estabelece a essência metodológica da produção coletiva da negociação.

Em um outro contexto, a solução contratual foi a opção de Liponski (1987), que propôs um “pluralismo cooperativo internacional” para a adaptação do Olimpismo nas culturas considerados não-ocidentais.

A ausência de interações significativas sobre assuntos culturais podem reforçar estereótipos e causar ceticismo e descrença de qualquer tipo de proposta universal. Algumas propostas de Educação Olímpica caem no descrédito e, conseqüentemente, são des-

valorizadas, porque não abraçam diferenças mundiais sejam elas econômicas, culturais, políticas ou religiosas.

A Educação Olímpica sob o foco multicultural deve ajudar a juventude o valor da diversidade cultural. Este novo paradigma é uma necessidade para a sobrevivência do Movimento Olímpico a longo prazo.

Após ter estudado um grupo multicultural em ação e ciente da preocupação do Movimento Olímpico para com a Educação Olímpica, sugiro a adoção de uma abordagem multicultural em iniciativas chaves da Academia Olímpica Internacional e Academias Olímpicas Nacionais, assim como em eventos culturais e educacionais promovidas pelo Comitê Olímpico Internacional e Comitês Olímpicos Nacionais.

Referências

- ABREU, Neíse G. (1999). *Multicultural Responses to Olympism – An Ethnographic Research in Ancient Olympia, Greece*. (Doctor Thesis). Rio de Janeiro: UGF
- DACOSTA, Lamartine. *Biblioteca Básica em estudos Olímpicos*. (2002). Rio de Janeiro, Editora Gama Filho.
- GEERTZ, Clifford (1989). *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- LIPONSKI Wojciech (1987). *Olympic Universalism vs Olympic Pluralism: Problems of Eurocentrism*. In S. Kang, J. MacAloon, R. Da Matta (eds). *The Olympics and East/West and South/North Cultural Exchange* (pp.513-528). Seoul: The Institute for Ethnological Studies, Hanyang University.
- MACALOON John (1991). *The turn of the two centuries: sport and the politics of Intercultural relations*. In F. Landry, M. Landry & M. Yerlès (eds). *Sport...The Third Millennium* (pp.31-44). Canada: Les Presses De L'Université Laval.
- PARRY, J. (1994). *The moral and cultural dimensions of Olympism and their educational application*. In: *International Olympic Academy. 34th session*. (pp 181-195). *Ancient Olympia: International Olympic Academy*.
- TAVARES, O. e LAMARTINE P. DACosta.(1999). *Estudos Olímpicos*. Rio de Janeiro, Ed. Gama Filho.
- VELHO, Gilberto (1994). *Projeto Metamorfose. Antropologia das Sociedades Complexas*. Rio de Janeiro: Zahar.

Promoção de *Fair Play* nos Jogos Estudantis de Duque de Caxias – RJ, através do uso da Internet: um exemplo de Educação Olímpica para a Cidade do Rio de Janeiro

Marcio Turini Constantino
Secretaria de Esporte, Turismo e Lazer de
Duque de Caxias-RJ
Grupo de Pesquisas em Estudos Olímpicos -
UGF e Uniabeu-RJ
Júlio César F. dos Santos
Secretaria de Esporte, Turismo e Lazer de
Duque de Caxias-RJ

Promotion of fair play in the Students' Games of Duque de Caxias – RJ through the use of the internet: an example of Olympic Education for the city of Rio de Janeiro This text displays the experience of Olympic education (*fair play*) through the website of the Students' Games of Duque de Caxias (RJ). The project includes the publicity of the basic concepts of fair play, reflection about examples of fair play in professional sport, self-evaluation of fair play. In addition, one can find analysis and interpretation of situations of fair play during the Students' Games, survey, examples of athletes and former students of the municipality who featured fair play during the Games, and fair play awards. Students and teachers are not expected to change their behaviors once they adhere to the project. They should be led to reflect more about sport and competition as having more benefits than simply earning trophies and medals.

A competição estudantil como meio de educação deve ter um sentido além do que apenas um evento em que equipes se confrontam, em que uns ganham e outros perdem, em que uns são premiados e outros não. Apesar de possuir metas orientadas para o rendimento o Desporto Escolar não está no nível do Esporte Profissional, e nem os professores que dirigem as equipes escolares podem e devem ser considerados treinadores, mas sim educadores.

O Manifesto do *Fair Play* (OEIRAS, 2000) um dos principais documentos esportivos do século XX, estimula a promoção do *fair play* em todos os âmbitos em que o esporte se manifesta: esporte de alto-rendimento, esporte de participação, esporte de inclusão social e esporte na escola. O *fair play* tem sido considerado um dos principais valores do esporte moderno que orienta a conduta do participante esportivo para o respeito às regras, aos árbitros, aos adversários, e aos princípios da igualdade e da não violência. Neste sentido parece ser significativo que esforços possam ser feitos para promover o *fair play* através da competição estudantil.

Todos os meios e linguagens devem ser aproveitados para veicular valores entre crianças e jovens. A Internet é uma linguagem moderna, portadora de informação e interatividade, que muito atrai crianças e jovens. *Dados adquiridos em <http://pt.wikipedia.org>, apontam que o sistema Orkut possui atualmente mais de treze milhões e oitocentos mil usuários cadastrados. Aproximadamente 72,81% dos usuários do sistema, quase nove milhões, são brasileiros. As pessoas mais jovens têm mais interesse no orkut. Aproximadamente 54,74% são pessoas que tem de 18 a 25 anos. Em média, a cada 35 dias, um milhão de novos usuários*

ingressam no *orkut*. Porém esse número não é real, pois pessoas menores de 18 anos também participam da rede, colocando idades incorretas.

Podemos apresentar alguns exemplos de desenvolvimento de valores através da Internet na área da educação física. Belém (1999), pela primeira vez no Brasil, difundiu um manual de educação olímpica pela Internet para ser usado por professores de educação física em escolas do ensino fundamental. Orrit e Vallès (2007) treinam e capacitam professores de educação física para orientar jovens no uso e reflexão crítica de temas relacionados a esporte e valores pesquisados na Internet.

Neste sentido, o objetivo deste trabalho é apresentar a experiência da Secretaria de Esportes, Turismo e Lazer de Duque de Duque de Caxias – SELTUR na promoção de *fair play* nos Jogos Estudantis de Duque de Caxias – RJ, através do uso da Internet.

Os Jogos Estudantis de Duque de Caxias (JEDC) se iniciaram nos idos de 1977, através da Coordenadoria de Cultura e Recreação, subordinada à Secretaria Municipal de Educação. Várias escolas participaram dos JEDC nesses mais de 30 anos de Jogos, sendo as primeiras edições realizadas com a coordenação do Estado e depois sob a batuta da Prefeitura Municipal de Duque de Caxias. Entre as mais tradicionais, podemos citar como exemplos o Colégio Duque de Caxias, Escola Estadual Duque de Caxias; Educandário Cruzeiro do Sul, AFE-Unigranrio, IEGRS, COCA, entre outras. Grandes equipes foram formadas em Duque de Caxias nas diversas modalidades. Alguns Professores impulsionaram este trabalho e podemos destacar os seguintes: Adão Maino Milstersteiner, Guilherme Alves Santiago, Oneres Nunes de Oliveira, Charles Bahens, Jonas Pedrosa, Afonso Silva, Pedro Paulo dos Santos, Leonei Villaça, Maria Conceição Salomão Marques, Luiz Vital, Antônio Augusto, Hermenegildo Hamin e a partir destes muitos vieram a dar continuidade ao trabalho inicial.

Atualmente os JEDC estão sendo realizados no Centro Esportivo Arnão e Vila Olímpica, no período de abril a dezembro. O público alvo dos JEDC são os estudantes de ambos os sexos, do 2º segmento do Ensino Fundamental e Ensino Médio de 33 estabelecimentos de ensino de Duque de Caxias, de caráter estadual, municipal e particular. Só na rede municipal, Duque de Caxias possui 150 escolas, atendendo a 98.000 alunos. As modalidades dos JEDC são; o Atletismo, Basquete, Handebol, Futebol *Soçaite*, Futsal, Vôlei, Tênis de mesa, Judô, Natação e Xadrez. As categorias participantes são: infantil que abrange alunos que tenham no ano da competição de 12 a 14 anos; e juvenil que abrange alunos que tenham no ano da competição de 15 a 17 anos. Existem 28 Escolas inscritas na categoria infantil e 32 no juvenil, contabilizando quase 3.000 inscrições. Ao todo são realizados 543 Jogos. O público estimado durante toda a competição é de 30.000 espectadores. São oferecidas 1.282 medalhas (ouro, prata e bronze) e 150 troféus (Quadro 1).

Quadro 1 - Quem faz os JEDC – Edição 2007

Secretário de Esportes: Sérgio Correa da Rocha

Subsecretário de Esportes: Maurício Eugênio Figueiredo

Diretor de Esportes: Júlio Cesar F. dos Santos

Gerente de Desportos Escolares: Guilherme de Souza Pereira

Coordenador da Comissão Disciplinar: Arlindo Bittencourt Correa da Silva

Coordenador de Arbitragem: Ivan José dos Santos

Coordenador Técnico: Fábio Cantuária

Assessoria de Marketing: Pedro Paulo de Lima Brito

Repórter: Rômulo Holub

Edição e Revisão: Isis Sardinha

Educação Olímpica (Fair Play): Marcio Turini Constantino

Webmaster do site dos JEDC: Wagner Visar

A experiência de fair play nos JEDC

No ano de 2006 iriam se enfrentar, pela final do futsal da categoria juvenil masculina, duas escolas oriundas de áreas com alto índice de violência na cidade de Duque de Caxias: a Escola Estadual Vinícius de Moraes, do bairro da Vila Operária e o CIEP 034, do bairro da Prainha. A organização dos JEDC resolveu antecipadamente reunir diretores, professores e técnicos dessas equipes para discutir ações para evitar possíveis confrontos entre as torcidas no dia do jogo. Os responsáveis por estas escolas tranquilizaram dizendo que não haveria nenhum problema.

De fato, no dia do jogo, não houve maiores problemas de violência e o jogo transcorreu normalmente. No entanto, o que chamou a atenção da organização dos JEDC foi o comportamento de uma funcionária da Escola Estadual Vinícius de Moraes que acompanhava a torcida da sua escola. Esta funcionária ficava o tempo todo virada de costas para a quadra de jogo e de frente para a sua torcida. Ela tanto incentivava os alunos a torcer saudavelmente para a sua escola, quanto reprimia comportamentos inadequados que podiam suscitar algum tipo de violência e confronto com a torcida adversária. Percebia-se que ela era muito respeitada pelos alunos daquela escola. Na opinião dos organizadores dos JEDC esta pessoa se destacou, porque demonstrou valores importantes como responsabilidade, comprometimento e cooperação. Este fato estimulou os organizadores a criarem uma premiação especial naquele ano de 2006 – o “Prêmio *Fair Play*” – que foi destinado especialmente a esta funcionária na Festa de Encerramento e Premiação dos JEDC. Em 2007, o “Prêmio *Fair Play*” foi associado ao “Prêmio Destaques do Ano”, que já é oferecido desde 2005. O Prêmio *Fair Play* / Destaques do Ano revelará os alunos que mais demonstrarem a combinação da habilidade técnica com a prática do jogo limpo (*fair play*). Sendo assim, estão sendo indicados três alunos por modalidade e categoria, três técnicos e três torcidas para concorrerem a este prêmio divulgado na Festa de Encerramento, no final do ano.

A SELTUR estava decidida a reforçar e expandir o valor do *fair play* nos JEDC. Sendo assim, elaborou páginas de *fair play* no site dos JEDC, fato este inédito em nível de competição escolar. O site dos JEDC, criado em agosto de 2006, veicula informações sobre a organização dos Jogos, os julgamentos do tribunal de justiça, calendário de eventos, classificação, galeria de fotos, história dos Jogos, entre outras informações. As páginas de *fair play*, ora elaboradas, contém diferentes conteúdos e funções que seguem uma abordagem de desenvolvimento moral tanto de aprendizagem social como construtivista. Abaixo são apresentadas:

a) Conceitos básicos de *fair play*:

Nesta página são apresentados os conceitos básicos de *fair play* como o respeito pelas regras, o respeito pelo árbitro e aceitação de suas decisões, o respeito pelo adversário, o desejo de igualdade, e o ser digno (não ser violento). Também são apresentados nesta página o papel dos pais, treinadores e atletas profissionais na busca da prática do jogo limpo e honesto. De forma complementar e para aprofundamento no assunto são disponibilizados para *link* três textos: *Fair Play* e a prática de esportes; Dimensão cultural e moral do olimpismo; Violência e agressão no esporte contemporâneo. O objetivo é proporcionar ao usuário informações sistematizadas do que seja *fair play* e sua função na prática esportiva.

b) Destaque *fair play* da semana:

A cada rodada dos Jogos elege-se um destaque *fair play*. A foto do aluno em destaque é colocada na página do site junto com um pequeno texto que destaca a sua performance e comportamento exemplar nos Jogos. O objetivo desta página é apresentar os alunos que se destacam nos Jogos através da prática do *fair play*. Abaixo um exemplo de texto disponibilizado nesta página do site:

Pela 2ª rodada do handebol feminino, em um jogo muito equilibrado, o Instituto Loide Martha conseguiu vencer o CIEP 434 – Prof. Maria José Machado. A atleta do Loide Martha, Vanessa Santos, foi a destaque *Fair-Play* da rodada. “Esporte é tudo na minha vida! Quando estou jogando handebol esqueço de todo resto”, disse empolgada. Vanessa também destacou o jogo limpo. “No handebol existe muito contato físico, mas sempre procuro ser leal”, afirmou a atleta. (Vanessa Santos, 15 anos, foi a destaque *Fair-Play* da rodada)

c) Premiação de *Fair Play*:

O Prêmio *Fair Play* não visa ser um prêmio de consolação, mas sim um prêmio que associa o jogo com resultados (habilidade técnica) ao bom espírito esportivo (*fair play*). São indicados entre cada categoria e modalidade três alunos para concorrerem ao Prêmio *Fair Play*. Além disso, há também a indicação de três melhores técnicos e três melhores torcidas. Entre os três indicados de cada categoria um é eleito e premiado com o Troféu *Fair Play* na Festa de Encerramento e Premiação dos Jogos.

d) Histórias de *fair play* no esporte profissional:

São apresentadas histórias reais e marcantes de *fair play* no esporte profissional, a fim de provocar a sensibilização e inspiração dos alunos. Coles (1998) diz que histórias morais servem como exemplos morais para formar a imaginação moral das crianças. A imaginação moral de uma criança se dá pela apreensão visual baseado nos exemplos das experiências vividas pelos adultos que o cerca (pais, professores, tios, avós, e por heróis esportivos, como no caso das histórias apresentadas no site)

dos quais os exemplos são absolvidos pelas crianças e pelos jovens e ajudam a criar seus imaginários. No final de cada história são apresentadas questões para ler, refletir e discutir entre colegas da equipe e o técnico, colegas do bairro e familiares. Abaixo um exemplo de tema (não é apresentada a história) e as respectivas questões, disponibilizadas no site:

Tema – Vanderlei Cordeiro de Lima ganha o bronze com brilho de ouro na Maratona

- a) *Quais os valores demonstrados por Vanderlei Cordeiro em Atenas 2004 (superação, determinação, amor ao esporte)?*
- b) *De acordo com o texto apresentado na página “o que é fair play” Vanderlei demonstrou “dignidade”, uma das manifestações de fair play. Leia novamente sobre “dignidade” no texto de fair play e associe com as idéias do texto.*
- c) *Você conhece alguém ou mesmo você já teve um comportamento parecido com o de Vanderlei Cordeiro? Explique.*
- d) *Discuta com seus colegas de equipe, de rua, em casa e/ou com seu técnico a importância do comportamento de Vanderlei Cordeiro para o esporte e para a sociedade.*
- e) *Auto-avaliação:*

A página de auto-avaliação de *fair play* visa promover a possibilidade de o usuário analisar situações hipotéticas de dilema moral no contexto de competições estudantis e de se posicionar numa das alternativas de comportamento sugeridas. São apresentadas em cada auto-avaliação cinco situações hipotéticas seguidas de quatro alternativas que variam em graus de uma escolha mais próxima ao valor do *fair play* para uma mais distante. É proposto ao usuário que leia e marque uma única resposta. É aconselhado ao usuário não marcar a resposta que todos julgamos ser a certa, mas aquela que ele acha que assumiria dentro da situação do jogo. Cada resposta tem uma pontuação. A pontuação total é de 0 a 25 pontos. Ninguém tem acesso às respostas, apenas o usuário vê as respostas e a sua pontuação. Abaixo um exemplo de questão de auto-avaliação, disponibilizada no site:

- 1) Num jogo de futsal você recebe a bola na ala direita e chuta para o gol. A rede está furada e a bola entra dentro do gol pelo furo da rede. O juiz ficou na dúvida, mas você sabe que não foi gol realmente. Tens a escolha entre:
 - () *Não avisar o árbitro a verdade e este assinalar o gol.*
 - () *Confessar ao árbitro que a bola realmente entrou pelo buraco na rede e assim o árbitro não assinalar gol.*
 - () *Esperar pela decisão do árbitro, pois o problema é dele.*
 - () *Fingir que não viu para não desapontar seus colegas de equipe.*

f) *Enquêtes de Fair Play:*

As enquêtes são apresentadas no site para verificar a opinião dos usuários sobre diversos assuntos da cultura esportiva. As enquêtes são apresentadas dentro do contexto da situação dos Jogos. Por exemplo, quando se iniciou as páginas de *fair play* no site a *enquête 1* visou verificar entre os usuários suas opiniões sobre a parte mais importante do *fair play* na prática esportiva. A idéia era estimular a busca de informações acerca dos conceitos básicos de *fair play*.

g) Sites de *fair play* (Tabela 1)

Nesta página são sugeridos diversos sites relacionados ao tema do *fair play* para que os usuários possam navegar e buscar mais informações sobre o tema.

h) Comentários sobre reportagens dos Jogos (Figura 1)

Uma parceria entre as Secretarias de Esporte de Duque de Caxias e de Nova Iguaçu e o Jornal O Dia fez nascer o caderno Ataque Escolar. O Ataque escolar é um encarte publicado, aos domingos, no O Dia Baixada destinado a divulgar e relatar os Jogos Estudantis da Baixada Fluminense. Aproveitando as reportagens dos JEDC relacionados ao tema *fair play* apresenta-se ao usuário uma questão sobre a reportagem para estimular o seu comentário. Todos os comentários ficam no site para serem lidos pelos usuários. Os temas comentados versam entre violência no esporte, jogo limpo, valores do esporte, entre outros.

Tabela 1 – Visitas ao Site dos Jogos Estudantis de Duque de Caxias*
www.jogosestudantiscaxias.com.br

| Período de Agosto a Dezembro de 2006 | Período de Julho a Setembro de 2007 |
|-------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------|
| Agosto – 373 | Julho – 1209 Agosto – 1515 Setembro – 1838 Total – 4562 acessos |
| Setembro – 1263 | |
| Outubro – 1523 | |
| Novembro – 1129 | |
| Dezembro – 761 | |
| Total – 5049 acessos | |
| * Dados disponíveis nas páginas de estatística do site e no arquivo da SELTUR | |

Entrevistas, fatos e depoimentos com alunos (as) dos JEDC

O Educandário Cruzeiro do Sul e o E. E. Vinícius de Moraes realizaram o jogo mais tenso da 16ª rodada do futsal masculino. Em uma partida com muitas faltas, Patrick Cândido se destacou pela tranquilidade e pelo espírito esportivo. O jogador de 15 anos, destacou sua atuação defensiva.

“Procurei sempre chegar duro, mas com lealdade. Desse modo, ganhei quase todas as bolas”. Patrick também falou sobre o esporte: - Encaro o esporte como lazer. É uma forma de conhecer novas pessoas”, afirmou o estudante do 1º ano do ensino médio. (Patrick Cândido, aluno do Educandário Cruzeiro do Sul, foi escolhido como o destaque Fair Play da 16ª rodada)

A 19ª rodada do futsal decidiu os últimos classificados para a fase final da competição. Laguna e Dourados e o Colégio Sei Mater fizeram o jogo mais importante do dia. O Laguna e Dourados acabou eliminado, mas Iranildo Alves foi o destaque Fair Play da partida. O atleta de 14 anos lamentou a desclassificação de sua equipe.

“Estávamos sem goleiro e isso complicou nosso jogo”. Iranildo também destacou a importância do Fair-Play. “É fundamental ter fair-play. Nosso treinador sempre pede para jogarmos limpo. Sabemos que o futsal é apenas um esporte”. (Iranildo Alves, aluno do Laguna e Dourados, foi o destaque Fair-Play da 19ª rodada)

Entrevista: 19/09 - Jornal O Dia

Aluna entrevistada: Rafaela dos Anjos **Idade:** 15 anos
Colégio: Centro Educacional Independência
Modalidade: Tênis de Mesa
(Rafaela dos Anjos é uma das pré-selecionadas para o Prêmio Fair-play)

Sobre ser uma das selecionadas para ser destaque *Fair-play*

- É muito importante, mostra que estou no caminho certo e que tenho feito um bom trabalho.

Sobre o significado do Fair-play

- Acho que é você disputar os jogos com muita garra e vontade de vencer, mas sem esquecer que do outro lado existem meninas como eu e merecem serem respeitadas. Até porque, esporte é uma forma de diversão.

O que a faz ser uma das destaques Fair-play

- Treino muito forte, procuro não brincar durante os treinos, tenho muito espírito esportivo, chamo a responsabilidade do jogo e tenho espírito de liderança, que consegui através do respeito pelas minhas companheiras de time e pelas adversárias.

Se ela acha que o Fair-play influi na atitude das outras meninas

- Sinceramente, acho que não muito. Infelizmente algumas pessoas só pensam na vitória e esquecem que isso é apenas um esporte, mas acho que isso tem melhorado e que com o tempo, as pessoas façam mais o “jogo limpo”.

Sobre suas expectativas dentro do esporte

- Já treino futebol na REDUC e pretendo seguir em um esporte, mas não sei em qual ainda. Alguns clubes já me chamaram para jogar basquete. Entre eles estão o Fluminense, o Vasco da Gama e a Mangueira. Fico feliz pelos convites e até ano que vem, vou escolher o que é melhor.

Figura 1 – Reportagem do Jornal O Dia Baixada – 09-09-2007



Conteúdo da reportagem:

O esporte serve não só para a formação pessoal e intelectual dos cidadãos, como também para dar o exemplo de como se portar diante da sociedade. Por isso, os organizadores dos Jogos Estudantis de Duque de Caxias estão promovendo na edição deste ano o Troféu *Fair Play* (jogo limpo). O objetivo é premiar os atletas destaques em cada uma das modalidades, já que o respeito às regras e pelo adversário tem de estar sempre acima da rivalidade entre as escolas e alunos participantes. Até o fim dos Jogos, no início de dezembro, três atletas de cada modalidade serão selecionados por uma comissão de coordenadores e árbitros. Na festa de encerramento, o aluno mais votado no site www.jogosestudantisdecaxias.com.br em cada esporte ganhará o troféu. “Acredito que esse é um prêmio tão importante quanto ganhar a medalha de campeão em alguma modalidade ou mesmo na classificação geral”, diz Guilherme Pereira, um dos organizadores dos Jogos. O professor esclarece algumas das regras do prêmio: “Vamos avaliar não só a habilidade, como também o comportamento do estudante. Um dos pré-requisitos é não ter levado nenhum cartão vermelho durante a competição”. O técnico revelação e a torcida mais disciplinada também receberão o prêmio. “Temos de incentivar o bom trabalho dos educadores, além de ver uma torcida animada na arquibancada”, ressaltou Guilherme.

Considerações finais

O site dos JEDC tem sido divulgado em todos os locais de jogo, através de cartazes e por microfone. No início deste ano de 2007 não houve tempo de divulgar este trabalho diretamente aos técnicos e responsáveis pelas equipes escolares, porque já haviam ocorrido os congressos técnicos. Nesses primeiros seis meses de implantação das páginas de *fair play* verificamos, na estatística do site, que as páginas de *fair play* tem sido uma das mais acessadas. Entre os alunos que acessaram as páginas de *fair play* do site dos JEDC houve uma ótima aceitação quanto à clareza do conteúdo e todos acharam que o conteúdo de *fair play* pode ser importante para influenciar no seu comportamento e dos outros alunos.

Por outro lado verificou-se, através de entrevistas diretas, que um quantitativo significativo de alunos participantes dos JEDC ainda desconhece essas páginas. É evidente que a divulgação do site e das páginas do *fair play* é fundamental para o conhecimento entre alunos, técnicos e professores. No entanto, parece ser ainda mais importante a adesão dos professores e técnicos que lidam diretamente com os alunos na escola. A adesão dos professores torna-se uma condição importantíssima para a divulgação direta e da veiculação de valores entre os alunos, e que reforça o potencial de outras ferramentas, como o site na Internet. Sendo assim, reuniões específicas com os técnicos, professores e responsáveis de escolas são importantíssimas neste sentido.

Outro fator importante para um maior sucesso ao acesso das páginas de *fair play* é o estímulo e possibilidade do uso de computador na escola, locais públicos e até nos locais de jogos para aqueles alunos que ainda não tem acesso a computadores em casa. Considerando que o público juvenil tem hoje na internet uma forma de linguagem, um meio de comunicação entre si, uma busca de informações em geral e entretenimento, nada mais adequado que viabilizar e estimular, através de páginas eletrônicas dessas competições, a participação desses jovens. Dessa forma, a veiculação do valor do *fair play*, através da Internet, pode ter um sentido para os alunos que

vivenciam e experimentam comportamentos morais nas competições e podem fazer uso das informações e atividades do site como mais uma ferramenta para refletir sobre suas próprias condutas coletivas e individuais.

Espera-se ainda que as páginas de *fair play* do site possam estimular a realização de atividades entre professores e alunos tanto nos treinos de equipe como nas aulas de educação física. Outras atividades podem ser sugeridas também para que todas as disciplinas escolares possam promover valores morais a partir do valor do *fair play*. Sendo assim, os conteúdos e atividades de *fair play* em ambientes virtuais, podem ser mais relevantes quando tiverem uma função de complementação dentro de um contexto de um Programa de Educação Olímpica voltado para as escolas e as competições estudantis.

A cidade do Rio de Janeiro possui competições estudantis tradicionais que envolvem muitos alunos e professores de escolas públicas e privadas. Podemos citar como exemplos os Jogos Estudantis das Escolas Públicas – JEEP, os Jogos Municipais e Intermunicipais, e o Intercolegial. Espera-se que a experiência de Duque de Caxias possa inspirar como um exemplo e modelo no contexto de um Programa de Educação Olímpica para a cidade do Rio de Janeiro, futura candidata à sede dos Jogos Olímpicos de 2016.

Referências

BELÉM, C. Educação Olímpica na Escola. In Da Costa L. Hatzidakis G. *Estudos Olímpicos 2001*. Universidade Bandeirante de São Paulo – Uniban. São Paulo, 2002. Biblioteca Básica em Estudos Olímpicos - CD Rom.

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS. *Código de Ética e de Condutas nas Práticas Desportivas*. Cadernos do Espírito Esportivo. Oeiras, 2000.

COLES, R. *Inteligência Moral das Crianças*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

ORRIT X. e VALLÈS C. El observatorio crítico del deporte. In: *Universidad y estudios olímpicos, Universidade e estudos olímpicos, University and Olympic Studies: Seminarios España-Brasil 2006*.

Moragas M. e DaCosta L (org.). *Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona. Centre d'Estudis Olímpics, Servei de Publicacions, 2007*.

Sites da Internet

<http://pt.wikipedia.org>

www.jogosestudantiscaxias.com.br

Jogos Olímpicos da Juventude: Um Novo Megaevento Esportivo de Sentido Educacional Focado em Valores

Marcio Turini
UNIABEU
Marta Gomes
Ana Miragaya
Lamartine DaCosta
Grupo de Estudos Olímpicos
Universidade Gama Filho

Youth Olympic Games: a new sports mega-event focused on values *This text highlights the recently established Youth Olympic Games and its main objectives: the promotion and development of Olympic values to reinforce positive attitudes among young athletes. In this sense, the objective of this research was to briefly review some international studies which investigate themes related to young people, values and sports. The results showed that young athletes (federation levels) have a higher tendency to deviant behaviors than young participants in sports (student levels). In spite of this discrepancy, it was possible to consider both groups of athletes as homogeneous in this research in order to examine educational interventions such as the Youth Olympic Games.*

Em 2010 acontecerá pela primeira vez os Jogos Olímpicos da Juventude (Youth Olympic Games - YOGs) em Cingapura, tornando este megaevento internacional o terceiro diretamente liderado pelo Comitê Olímpico Internacional - COI, além dos tradicionais Jogos Olímpicos de Verão (desde 1896) e de Inverno (desde 1924). Esta quebra das tradições olímpicas revigoradas por Pierre de Coubertin tem um propósito explícito assumido recentemente pelo COI: promover o sentido educacional dos Jogos Olímpicos, definindo os valores olímpicos como base para o desenvolvimento do esporte em geral, incluindo o Movimento Olímpico Internacional (www.olympic.org/yog). Os YOGs ocorrerão em doze dias com as mesmas modalidades esportivas dos Jogos Olímpicos tradicionais e terá a participação de aproximadamente 3.200 atletas (jovens de 14 a 18 anos) e 800 delegados, árbitros, médicos, etc. A visão geral dos YOGs é inspirar os jovens de todo o mundo a participar de práticas esportivas orientadas pelos valores olímpicos. Paralelamente ao evento ocorrerão workshops em que serão abordados diferentes temas dentro dos valores olímpicos, tais como, os benefícios do esporte para um estilo de vida saudável, os valores sociais que o esporte pode promover os perigos do doping, do treinamento em excesso e da inatividade física. Os objetivos dos YOGs são:

- Juntar os melhores jovens atletas de todo o mundo, entre 14 e 18 anos, numa celebração única;
- Oferecer aos jovens atletas participantes do evento uma poderosa introdução ao Olimpismo;
- Promover o debate dos valores olímpicos de acordo com os desafios da sociedade;
- Celebrar e compartilhar as diferenças culturais numa atmosfera festiva;
- Influenciar comunidades jovens no mundo inteiro para promover os valores olímpicos;
- Aumentar o interesse e a participação no esporte entre jovens atletas;

- Estabelecer ações e iniciativas esportivas para jovens no contexto do Movimento Olímpico;
- Ser um evento esportivo de alto nível internacional.

A iniciativa do COI com os YOGs chama a atenção das instituições esportivas de todo o mundo para a importância da formação do jovem atleta também no âmbito dos valores. Este fato se torna relevante na medida em que se considera esta faixa etária do indivíduo crucial no desenvolvimento de seus princípios e valores tão importantes para a formação da sua personalidade e autonomia moral.

Para a análise deste texto, gostaríamos de fazer uma distinção entre *jovem atleta* e *jovem praticante ou participante esportivo*. Para *jovens atletas* entendemos aqueles que participam do esporte federado (treinamento em clubes ou similares que objetivam competições em nível de federação). E para os jovens praticantes ou participantes esportivos entendemos aqueles que participam do esporte escolar (aulas de treinamento, que visam competições escolares) e programas de iniciação esportiva de sentido de inclusão social (programas nos quais além das aulas de iniciação esportiva também são desenvolvidas competições) ¹.

Assim disposto, o objetivo deste texto é analisar algumas pesquisas que tratam do desenvolvimento de valores com *jovens atletas* e *jovens praticantes esportivos* como também fazer a distinção necessária entre pesquisa (o que é) com a educação (como deve ser), com relação às mudanças comportamentais de jovens entre 13 e 18 anos. Este propósito se insere na necessidade de identificar preliminarmente o estado da arte das teorias que deverão informar a participação eventual do Brasil nos futuros YOGs.

As pesquisas sobre o tema do *jovem atleta* geralmente observam desvios de comportamento em razão de valores proclamados, sobretudo do *fair play*². As pesquisas sobre *jovens praticantes esportivos* são basilares, porque estabelecem uma relação desejável de valores do esporte com praticantes³. Além disso, tais investigações partem de um pressuposto pedagógico no qual o jovem pode ser ensinado a absorver valores vindos dos treinadores, amigos, familiares, etc. Se existe esta base pedagógico-valorativa, então o problema da pesquisa na área em foco situa-se no desvio quando o jovem torna-se atleta, enfatizando mais a competição, a batota⁴, a vitória a todo custo, etc. Tendo em vista a análise anterior, podemos tentar definir o *jovem atleta* com um jovem esportista menos participante e por colário com adesão insuficiente ou nula com respeito aos valores proclamados do esporte ou conduzidos pelo esporte.

A transferência de valores sugerida parece coerente, não somente porque ambos são jovens, atletas ou não, mas porque há uma situação semelhante de pressão competitiva que conduz ao mesmo comportamento “desviante”. O que parece estar em jogo aqui é uma remodelagem do sentido de vencer no esporte, o que deveria atingir, primordialmente, a visão de patrocinadores, dirigentes, estadistas, mídia, etc., refletindo no jovem atleta, que teria a pressão da competição, da cobrança, que são próprias do esporte de alto nível, mas balizadas por outras expectativas.

1 - Note que muitos Projetos de Inclusão Social Esportivos tem gerado formação de atletas, como é o caso do Projeto Social da Mangueira, no Rio de Janeiro, que tem revelado talentos para o atletismo.

2 - Ver a revisão da literatura na pesquisa do Gonçalves et al. de 2006

3 - Gonçalves delimita entre 13 e 16 anos

4 - Expressão de Gonçalves para a ‘catimba’ ou burla correntes no Brasil

A observação anterior é notada em Cruz et al. (1995), que fizeram uma investigação com quarenta jogadores (masculinos) de futebol americano, entre 12 e 16 anos, pertencentes a seis clubes da Federação da Catalunha de futebol americano. Apesar de reconhecer autores que atribuem ao esporte diferentes formas de influências (influência positiva, como Thomas Arnold ou Pierre de Coubertin, no final do século XIX; e influência negativa, como Devereux, 1978 e Underwood, 1978), Cruz e colaboradores atribuem ao esporte uma influência neutra. Isto significa dizer que os resultados de desenvolvimento moral entre jovens atletas dependerão não apenas dos familiares, treinadores, pais e amigos, mas incluem também a influência dos organizadores de competições esportivas para jovens, e que, neste caso também inclui a visão de patrocinadores, dirigentes, estadistas, mídia, etc.

Gomes (1999) diz que existem conclusões nas respostas dos adolescentes escolares (jovens praticantes esportivos) que participaram de sua pesquisa sobre *fair play* e que apontam o aumento da situação competitiva, por exemplo, final de competição, como uma variável fundamental para a diminuição da predisposição para a honestidade ou solidariedade. Embora esses jovens não fossem atletas, o nível competitivo, ou o que está em “jogo” faz a grande diferença (de seriedade, de profissionalismo, de trabalho). Lembremos que os Jogos Olímpicos já são contemplados com jovens atletas e, muitos, profissionais. Logo, a idéia de tornar-se atleta e predispor o jovem ao desvio pode não estar necessariamente vinculada ao conjunto de valores que este absorveu num processo educativo, mas à própria pressão competitiva (gerada pelas estruturas organizacionais, de patrocínio, de nacionalismos, etc.). Este fator está fora do atleta e, possivelmente, deve atingir mais violentamente o atleta jovem que não tem tanta autonomia e capacidade de “lutar contra”.

Vieira (1993) identificou e comparou o nível de raciocínio moral com relação a dilemas da vida esportiva e da vida diária entre jovens participantes esportivos que competiram nos Jogos da Juventude do Paraná, e alunos não participantes do esporte escolar ou federado. Os jovens participantes esportivos demonstraram um nível de raciocínio moral frente a dilema da vida esportiva baseado na orientação e obediência às regras do jogo institucionalizado, que pode ser decorrente da autoridade exercida pelos técnicos e árbitros. A mesma identificação também foi constatada para os não-participantes esportivos. Quando se analisou o raciocínio moral frente a dilema da vida diária, identificou-se que os jovens participantes esportivos apresentaram evidências de raciocínio semelhante ao dilema da vida esportiva. Já os não-participantes esportivos apresentaram um raciocínio orientado para a busca da aprovação do grupo social significante. Vieira acha que possivelmente os jovens participantes esportivos raciocinam de maneira semelhante tanto no dilema da vida esportiva quanto no dilema da vida diária devido ao efetivo engajamento (tempo / anos de treinamento) destes no “ambiente esportivo”, que é caracterizado por um código de normas típicas, regras fixas, bem como, a ênfase sobre a disciplina para a obtenção do sucesso em competições esportivas.

Rychtecký & Naul (2008) fizeram um estudo inter-cultural entre quatro países europeus comparando as semelhanças e diferenças de comportamentos de jovens. Este estudo foi baseado no ego (motivação intrínseca) ou na influência externa de princípios olímpicos. Para tanto aplicaram um questionário de “orientação de objetivos” visando identificar comportamentos nos quais prevalece a motivação intrínseca do indivíduo. Os pesquisadores também aplicaram um questionário de “princípios

olímpicos” visando identificar comportamentos em que prevalece a influência de normas externas ao ego do indivíduo. A distribuição das respostas comparadas com outros estudos indica que nos jovens tchecos e parcialmente nos jovens húngaros existem diferentes tendências em relação a uma maior “ego-orientação”. Estas tendências podem ser observadas em consequência de uma concepção de Educação Física mais competitiva na escola e, ao mesmo tempo, pode ser provavelmente um reflexo das suas motivações quando sua participação esportiva evolui. De acordo com os autores, alguns estudos sociológicos no esporte mostram resultados semelhantes de crianças e jovens entre as idades de 12 e 18 na avaliação de princípios olímpicos (cf. Cruz et al., 1995). Estes estudos também mostram que as crianças têm uma tendência maior do que os adultos para se comportar mais socialmente. Porém, a pergunta importante é se este comportamento realmente acontece em um jogo informal ou uma partida importante (cf. NAUL, 1998).

Gonçalves (1999) diz que a formação de um praticante esportivo não pode pular etapas com a intenção de “formar campeões”. Para ele o praticante esportivo deverá passar por um processo de desenvolvimento progressivo de todas as suas estruturas, funções e aptidões. Neste processo ocorre num primeiro momento a influência de pais e professores, e num segundo momento a influência de treinadores, companheiros e dirigentes. O autor chama a atenção para três fatores que podem influenciar negativamente a formação dos jovens praticantes esportivos e dos jovens atletas:

1. A especialização, e em alguns casos, a profissionalização precoce que orienta os à imagem do que se faz com os adultos, quer no tipo de treino, quer na jovem ênfase do rendimento e necessidade de ganhar;
2. Os responsáveis, treinadores, pais e dirigentes que fazem da vitória uma questão de afirmação pessoal e que só a vitória tem valor;
3. Não há nenhuma diferença de comportamentos e atitudes quando se compara uma competição de adultos e profissionais com uma competição de iniciados no esporte.

Já nos parece claro que quanto maior for o nível de competitividade maior será a tendência a comportamentos “desviantes”. Porém, o que pareceu importante notar nas pesquisas que foram analisadas neste texto é que os *jovens praticantes esportivos* sofrem uma maior influência dos treinadores, amigos, familiares, etc. do que os *jovens atletas*. Já os *jovens atletas* têm sofrido um processo de especialização e profissionalização precoce que os orienta à imagem do que se faz com os adultos, a visão de patrocinadores, dirigentes, estadistas, mídia, etc. Neste sentido, o *jovem atleta* adquire outras expectativas que divide a influência dos treinadores, amigos, familiares.

Se considerarmos “jovem atleta” e “jovem praticante esportivo” num único grupo, estaríamos criando uma homogeneidade artificial em pesquisas comportamentais, ou seja, uma impropriedade para se analisar resultados comportamentais. Porém, se estiver em foco a transferência (podemos dizer ‘ensino’) de valores, então estaremos trabalhando com um grupo de jovens de uma determinada faixa etária, cujo significado social é homogêneo e, portanto, validado como grupo-alvo educacional.

As questões discutidas aqui parecem apontar perspectivas que valorizam a transferência ou educação de valores tanto para os jovens praticantes esportivos como para os jovens atletas. Sendo assim, apontamos como necessário reforço na

educação de valores através de programas específicos⁵ voltados para tal fim seja nas escolas, nos programas de iniciação esportiva ou nos clubes. Segue-se a isto a necessidade de gerar mais pesquisas para examinar os resultados frente aos objetivos propostos.

Para finalizar, gostaríamos de apontar perspectivas para a educação de valores seja com *jovens participantes esportivos* seja com *jovens atletas*. Existe a necessidade de criação de grandes responsabilidades ou de redes de responsabilidades, além de focar a própria capacidade do jovem atleta ou praticante esportivo de tomar decisões baseadas na ética e na responsabilidade. Isto significa reforçar a idéia de formação para a autonomia de pensamento nas decisões morais. Temos, por exemplo, vários atletas discutindo sua participação na Olimpíada de Pequim em função da poluição. Nos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro, em 2007, quase não se falou da atleta Poliana que participou na maratona aquática em Copacabana e acabou não competindo numa outra prova de 800 m por causa de uma infecção intestinal provocada pelo nível alto de cloriformes fecais na água. Neste caso, se vamos falar em esporte e preservação do meio ambiente, por exemplo, a discussão pedagógica, ao nosso ver, deveria envolver todas as responsabilidades, caso contrário, a discussão ficará sempre na superfície, ou no dever ser, normalmente artificial, trazido nos manuais e discursos de formação moral para o praticante ou atleta. E é expressiva a capacidade que os jovens têm hoje de argumentar e criticar as situações. Resta-nos garantir que tal capacidade seja mais qualitativa.

Referências

- COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. *First Summer Youth Olympic Games in 2010*. <www.olympic.org/yog>
- CRUZ, J. et. al. (1995) Identification of Relevant Values in Young Spanish Soccer Players. *International Review for the Sociology of Sport*, 30, 353-374.
- GOMES, Marta C. (1999). Solidariedade e Honestidade: os fundamentos do fair-play entre adolescentes escolares. In TAVARES, O. & DACOSTA, L. (Eds.) *Estudos Olímpicos*. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 1999.
- GONÇALVES, Carlos (1999). O espírito desportivo e o processo de formação do jovem praticante. *Actas do III Seminário Europeu sobre Fair Play*, pp. 173-180. Lisboa: Livros Horizonte.
- GONÇALVES, Carlos et al. (2006). Tradução e validação do SAQ (*Sports Attitudes Questionnaire*) para jovens praticantes desportivos portugueses com idades entre os 13 e os 16 anos. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*. 6 (1) 38-49.
- RYCHTECKÝ, A. & NAUL, R. (2008). Goal orientation and perception of Olympic ideals in European youth. In DaCosta & Hai Ren (Orgs.); Miragaya & NiuJing (Eds.). *Olympic Studies Reader*. Beijing: Beijing Sport University (in print).
- VIEIRA, José L. (1993). *Avaliação do Desenvolvimento Moral de Adolescentes em relação a Dilemas Morais da Vida Diária e da Prática Esportiva*. Dissertação de mestrado. Santa Maria: UFSM.

5 - A Campanha sobre o Espírito Desportivo, em Portugal é um dos principais programas de educação de valores hoje no mundo voltados para jovens dos 10 aos 18 anos, treinadores, pais, professores, dirigentes esportivos e mídia.

Legado de Valores dos Jogos Olímpicos: dos “Mega” aos “Micro” Eventos

Marta Gomes
Universidade Gama Filho
Marcio Turini
UNIABEU
Ana Miragaya
Lamartine DaCosta
Grupo de Estudos Olímpicos
Universidade Gama Filho

Legacy of Values of the Olympic Games: from the mega events to the ‘micro’ events *The Olympic Games carry symbolic power when it comes to the communication of values which are associated with the so many sports practices at different levels. The objective of this text is to present the results of a research on values of sport conducted among worker athletes, which demonstrates that some values which emerge among the workers themselves can be reinforced through the SESI (Social Service of the Industry) Games in Brazil. The result is that the axiological legacy of the Modern Olympic Games which includes, for example, the four-year interval, can add a permanent meaning through actions which aim to the values of sport for both human and social development. This way it is present in various areas, levels of sports and competitive actions from “mega” to “micro” events.*

Mais de cem anos após a inauguração dos Jogos Olímpicos modernos o tema **legado** torna-se cada vez mais um foco central para as discussões, reflexões e práticas relacionadas aos Jogos Olímpicos, seus reflexos e impactos na vida das sociedades, cidades e pessoas. Inevitavelmente, a captação de milhões – ou bilhões - de dólares e o uso desse montante de dinheiro para investimento num megaevento esportivo conduz à mobilização de diversos setores da sociedade civil em direção à discussão sobre o que “fica” dos Jogos a partir de diferentes pólos de análise e crítica, desde o desenvolvimento urbano infra-estrutural, qualidade de vida e meio ambiente, utilização democrática dos espaços esportivos, voluntariado, técnicas de gestão, desenvolvimento econômico, turismo, e dentre muitos outros, **os valores**.

O legado de valores – ou melhor, axiológico - dos Jogos, ao contrário do que muitos acreditam, não se restringe ao sentido filosófico-educacional do Olimpismo amplamente divulgado pelas mensagens do Comitê Olímpico Internacional e Comitês Olímpicos Nacionais; ele pode refletir em macro perspectiva, por exemplo, a forma como são pensadas e executadas as estratégias e políticas públicas num determinado país, a partir da administração e controle dos investimentos e verbas na estrutura física do evento, nas prioridades de melhorias das cidades e populações beneficiadas, assim como nas políticas de incentivo e democratização do esporte. Muito podemos falar de valores tomando como ponto de referência esses elementos, o que podem surtir efeitos positivos ou negativos para a imagem de uma nação.

Por outro lado, considerando as formas de apropriação e vivência de valores relacionados ao esporte e à prática esportiva, os Jogos Olímpicos têm o poder simbólico de tornar vivo um conjunto de idéias, princípios e valores. Estes são idealizados

para que permaneçam de forma positiva na prática esportiva, refletindo e sendo o reflexo de ações também em nível educacional, como o *fair play* e o multiculturalismo (BINDER, 2003). Ainda, em consonância com a reflexão do legado de valores, os Jogos Olímpicos representam o ponto de culminância do esporte, de sua excelência, do extremo do sacrifício e da perfeição, da superação de limites, valores muitas vezes até suscetíveis de pertinentes críticas. Entretanto, homens e mulheres esportistas que, intencionando ou não, chegando ou não ao cume como os grandes atletas, ressignificam o esporte a partir de formas e sentidos muito próprios e específicos de suas práticas e desejos, logo, excelência, sacrifício e superação ganham múltiplos contornos e interpretações. É o caso de todos aqueles que praticam esportes, sistemática ou assistematicamente, produzindo em nível micro-cultural valores que ganham força social em condições muito particulares.

Pretendemos neste texto demonstrar que, enquanto “megaevento esportivo”, os Jogos Olímpicos possuem força simbólica no que tange a veiculação de valores, não restritamente valores Olímpicos promovidos pela Carta Olímpica, mas exercem uma ação sinérgica para a motivação e manutenção da prática esportiva com sustentação em valores, assim como a multiplicação de formas de práticas esportivas em diferentes níveis de atuação e valores associados a elas. Para tal, faremos uma ponte de análise considerando o legado axiológico dos Jogos Olímpicos e dos Jogos Olímpicos da juventude, sob as implicações e desdobramentos dos sentidos de Valores **DO** Esporte e Valores **NO** Esporte, com dados de pesquisa qualitativa realizada com 85 trabalhadores-atletas que participam dos Jogos Regionais e Nacionais do Serviço Social da Indústria (SESI). Desta forma configuramos um caminho metodológico que nos permite partir de um “mega” evento esportivo e chegar ao “micro” evento, tendo como fio condutor os valores - vivência e percepção.

Valores e Esporte

De acordo com DaCosta (1989), o termo “valor” como compreensão axiológica é hoje frequentemente definido como uma crença coletiva consensual de duração estável que influencia sentido e significado das relações sociais e culturais. Na antropologia estruturalista de Radcliffe-Brown (1973), o termo “valor” se refere sempre a uma relação entre um sujeito e um objeto. Nesta relação se estabelece tanto o valor que o objeto tem para o sujeito quanto o interesse que o sujeito tem no objeto. A sociedade se estabelece a partir das relações sociais entre indivíduos, que segundo o autor somente se efetua quando há interesses convergentes “ou ajuste de interesses divergentes”. Logo, uma sociedade ou grupo social somente pode existir a partir de uma concordância de seus membros individuais com relação ao que seja reconhecido como valor e a uma relativa harmonia de interesses. Para que um objeto tenha **valor social**, necessita-se de que duas ou mais pessoas tenham interesse em comum neste mesmo objeto e sejam conscientes desses interesses, promovendo uma associação entre elas e um ponto em comum que as une (lembrando que num sistema social, pessoas também são objetos de interesse para outras).

Os valores relacionados ao esporte não constituem tema de estudo nem fato recentemente identificado. Em eras passadas, a idéia original era de associar atividades esportivas com educação, criando-se então um vínculo fundador na história do esporte. Desde a Antiga Grécia até a origem do esporte moderno em meados do século XIX, as atividades atléticas e o esporte têm sido considerados importantes elementos de veiculação de influências valorativas entre as pessoas. Os helenos incentivavam,

com grande ênfase, a aquisição do valor da transparência moral e do vigor físico (*kalokagatia*), privilegiavam as atividades atléticas como meio de educação, embora não usassem a expressão “valor”, mas apenas “julgamento valorativo”. Ou seja, para os gregos antigos o significado de “valor” não se consistia como um conceito sistematizado como é hoje, mas assumia um sentido de julgamento de comportamento expresso pelo termo “virtude” (comportamento bom, correto, honesto).

Em fins do século XIX, os esportes nas escolas inglesas, o associacionismo esportivo (clubes, federações, etc.) e o Olimpismo (doutrina que combina esporte com cultura e educação, exaltando qualidades de corpo, espírito e mente) lançaram as bases éticas do esporte moderno, o que fez reforçar o nexo valorativo dos helenos. Estes julgamentos de valor, ou ainda virtudes de comportamento, foram restaurados dos antigos gregos para inspirar e promover os valores do esporte moderno como, por exemplo, o “*fair play*” (jogo limpo). Diga-se de passagem, que o *fair play* foi o primeiro e principal valor do esporte moderno formulado até hoje prevalecendo.

Segundo Tavares (1999), “o *fair play*, enquanto conjunto de valores normativos do comportamento individual e coletivo no ambiente da competição atlética reflete a formulação de um ambiente cultural específico”. Em outras palavras, o *ethos* cavalheiresco de aristocratas ingleses do século XIX está freqüentemente associado ao ideal de um homem nobre, gentil, controlado, honrado e honesto. Logo, temos aqui uma formulação moral para a conduta individual e coletiva na prática da competição esportiva mundial, que tem parâmetros no esporte amador e que se desenvolve num contexto sociocultural bem específico (aristocrático inglês) em consonância com o projeto de desenvolvimento de uma nova sociedade tecnológica, industrial e civilizada.

Caillé (1994), por outro lado, observa que o Fair Play como um valor de bom comportamento no jogo não é uma invenção moderna da sociedade, uma vez que pode ser também encontrado, enquanto comportamento desejável, em sistemas de jogos de várias sociedades em diferentes épocas da história humana. No entanto, vimos que o termo *Fair Play* propriamente dito e com suas configurações muito específicas surge e ganha veiculação no contexto do Olimpismo Moderno, e tem, ainda hoje, o papel de referência conceitual da *ética esportiva*, principalmente, nos documentos que regulam o esporte de alta competição. Dessa forma, o *Fair Play* passa a ser considerado um valor **DO** esporte a partir de um movimento de “naturalização” de valores sociais que são incorporados à prática esportiva. Além da normatização institucional das regras esportivas, se estabelece um código de ética universal.

Já no início do século XX, era corrente a expressão “valor” atribuída ao esporte, contudo relacionada às expressões “princípio”, “idéia” e “ideal” em diversas conotações. Uma síntese deste período entre os povos europeus consistiu em se entender o esporte como portador de valores ou “*carrier of values*”, no modo expressivo da língua inglesa (DACOSTA, 2006). Podemos inferir que existem **princípios** inerentes ao esporte, como competição, *performance* e excelência, que podem ganhar maior ou menor força valorativa dependendo do contexto e objetivo de sua prática, pois podem ser considerados Valores DO Esporte com sentido positivo ou negativo. Não podemos perder de vista que o esporte é uma prática corporal construída, vivenciada e modificada na interação de homens e mulheres na cultura, refletindo seus valores e gerando novos; sua forma e constituição associam-se aos objetivos atribuídos a ele. Nessa perspectiva, os valores não são essencialmente **DO** esporte, mas se refletem **NO** esporte e são também gerados a partir dos significados que os indivíduos e grupos

sociais dão à prática esportiva. Podemos, a partir daqui, compreender os desdobramentos que implicam em discernir essas duas possibilidades interpretativas na relação Valores e Esporte: os Valores DO Esporte e os Valores NO esporte.

É tradição nas instituições esportivas eleger valores para constituírem seus princípios norteadores da prática. O exemplo mais clássico são os *Valores Olímpicos* – Excelência, *Fair Play*, Persistência, Meio Ambiente, Multiculturalismo e Participação. Temos outros exemplos neste setor, como o do Comitê Olímpico Canadense que eleger os valores de Excelência, Alegria, Honestidade, Respeito, Desenvolvimento Humano, Liderança e Paz. Pretende-se que tais valores sejam “carregados” pelo esporte, a partir do momento em que se estabelecem planejamentos e ações em níveis normativo e ético para que esses sejam compreendidos e identificados como Valores **DO** Esporte.

Da mesma forma, recentemente foi lançado pelo COI um novo megaevento esportivo com nítida sustentação na promoção de valores: Os Jogos Olímpicos da Juventude (JOJ). No ano de 2010 em Cingapura, durante doze dias de competição, vinte e seis esportes estarão sendo disputados por jovens atletas de 14 a 18 anos. Pressupõe-se que embora as competições mantenham o alto nível, o fato dos participantes serem jovens e ainda estarem em pleno desenvolvimento, possibilita um maior fortalecimento de valores. Pretende-se que os Jogos resgatem o caráter cultural através de uma ampla programação, além da divulgação extensiva sobre os benefícios do esporte para uma vida saudável, os valores sociais que o esporte pode ajudar a promover, os perigos do doping, do *overtraining* e do sedentarismo, as preocupações com o meio ambiente, além da clássica promoção de valores Olímpicos.

Legado de Valores dos Jogos: dos “mega” aos “micro” eventos

Pressupomos neste caso específico dos JOJ uma grande necessidade de ampliação do enfoque sobre Educação Olímpica nas escolas de forma que os valores não sejam passivamente apropriados, mas discutidos criticamente com os alunos para que se reflitam na prática através das aulas e da promoção de “micro” eventos esportivos, nos quais a variável “competição” aumenta a pressão sobre o desejo de vencer a qualquer custo (GOMES, 1999). A esse respeito podemos estabelecer uma diferença entre a perspectiva da aprendizagem construtivista e da aprendizagem social para o desenvolvimento da moral a partir das indicações de Vieira (1993): na perspectiva construtivista as situações esportivas contribuem para que os praticantes esportivos pensem a respeito de valores e comportamentos, especificamente como eles constroem seu próprio entendimento pessoal, ao contrário da abordagem da aprendizagem social, em que se internalizam valores e os indivíduos criam concepções de moral (pessoal) a respeito do seu mundo social pela interação com os outros.

No contexto da Educação Olímpica, a abordagem da aprendizagem social se dá muito frequentemente através de programas com enfoques puramente teóricos, trabalhos de explicações de instruções e lições acerca dos ideais olímpicos. Estes surtem efeitos geralmente conceituais e permanecem no limiar das propagandas, eventos nos moldes tradicionais das competições esportivas e desenvolvimento de valores universais predeterminados em normas de *fair play* desconsiderando os valores locais e multiculturais, assim como as reflexões que os alunos podem fazer a respeito dos temas Olímpicos (GOMES, 1999).

A partir dessa perspectiva Gomes & Turini (2004) procuram demonstrar que a Educação Olímpica precisa se caracterizar por uma proposta crítica e de abordagem construtivista

não de inculcar passivamente nos alunos, mas de refletir conjuntamente que esporte eles querem, a que conjunto de normas e regras escritas e ocultas devemos nos atrelar para que nossa convivência se torne não somente possível, mas prazerosa, não somente baseada na tolerância, mas no diálogo, na troca de experiências, na possibilidade da argumentação (...) A abordagem moral deve ser acima de tudo educativa, privilegiando a reflexão, a tomada de consciência de que agir moralmente é um ato de responsabilidade que envolve escolha.

Mais recentemente, realizamos uma pesquisa¹ envolvendo trabalhadores-atletas das indústrias que participam dos Jogos Regionais e Nacionais do Serviço Social da Indústria (SESI) com o objetivo de analisar o conteúdo das suas falas, buscando identificar os valores que eles espontaneamente atribuem ao esporte e à prática esportiva e a sua relação com a empresa. Os Jogos Nacionais do SESI acontecem de dois em dois anos e em 2008 cerca de 800 trabalhadores-atletas de 160 empresas de todos os Estados brasileiros participaram. Os trabalhadores-atletas participam das fases municipais e regionais (que chegam a comportar cerca de dois milhões de trabalhadores) e, quando classificados, competem nos Jogos Nacionais, podendo representar a fase Internacional com os Jogos da CSIT (Comitê Internacional do Esporte do Trabalhador).

À semelhança dos ideais proclamados pelo Movimento Olímpico e que envolvem os Jogos Olímpicos, o SESI passou a conduzir suas ações relacionadas ao esporte de forma que os programas não se limitassem à competição em si, mas que trouxessem à tona e tornassem visível o potencial valorativo do esporte. Assim, a finalidade da pesquisa foi aprofundar de forma mais qualitativa o tema, visando instrumentalizar e legitimar as diretrizes do Projeto Valores do Esporte SESI, a partir de ações com sustentação em valores.

A inovação que se deu neste enfoque foi de priorizar os valores que os próprios trabalhadores atribuíam ao esporte enfatizando a noção do esporte como atividade humana, de sentidos subjetivos e produzidos nas inter-relações, a partir da constatação que o esporte agrega valor à vida do trabalhador e da empresa. Logo, neste caso, a promoção dos valores partiu da concepção de Valores **NO** Esporte, consolidando a perspectiva de valorização pessoal e de ações que pudessem ter como foco e meta a responsabilidade social, considerando também a ampliação da participação a partir da inclusão pela diversidade. De forma incomum assistimos à eleição de valores protagonizada pelos próprios atores: os trabalhadores-atletas.

A pesquisa contou com 85 trabalhadores-atletas (60 homens e 25 mulheres) das regiões Centro-Oeste, Nordeste, Sudeste e Sul. O método utilizado foi a análise de conteúdo de tipo classificatório, procedendo-se à repartição do geral para o particular: distribuição do quantitativo por sexo e região e, em seguida, tabulação das categorias de valores por questão, obedecida pelos critérios de análise temática e frequencial. A análise categorial “pretende tomar em consideração a totalidade de um ‘texto’ passando-o pelo crivo da classificação e do recenseamento, segundo a frequência da presença (ou de ausência) de *itens* de sentido” (BARDIN, 2004). Dessa forma, pudemos reunir “em gavetas” elementos temáticos de significação que constituem a mensagem, agrupando-os segundo suas características em comum, incidência e valorização. As categorias foram sendo criadas conforme a leitura progressiva das falas, priorizadas no seu aspecto não induzido da entrevista, mas espontâneo.

1 - Valores do esporte entre trabalhadores da Indústria. SESI DN / PNUD, 2007.

Em perspectiva geral, para os trabalhadores-atletas os dez valores mais desenvolvidos pelo esporte e pelas competições esportivas estão assim definidos em frequência: amizade entre companheiros e intercâmbios (56); união, família, espírito de equipe (31); respeito (28); determinação, força de vontade (23); visibilidade, sair do anonimato (22); superação, competitividade (16); saúde, disposição (13); qualidade de vida, bem estar (12); oportunidade de emprego (11). Verificamos que para as mulheres, especificamente, a visibilidade, o reconhecimento é um fator importante relacionado à prática esportiva, aparecendo em segundo lugar já que ela traz a possibilidade de sair do anonimato. Entre os homens, a visibilidade aparece em quinto lugar.

Podemos inferir que os três primeiros valores mais votados no total de atletas (amizades, espírito de equipe e respeito) são afetivos e relacionais, ou seja, estão diretamente vinculados à melhora da relação com o outro a partir da prática esportiva. Os próximos três valores (determinação, visibilidade e superação) são valores individuais de desenvolvimento de qualidades ou vantagens pessoais. Os três seguintes, para efeito de relevância da análise, são relativos à manutenção da vida e à qualidade e possibilidade de existência (saúde, qualidade de vida e oportunidade de emprego).

Conclusão

O legado de valores dos Jogos Olímpicos é comumente visto como intangível por sua característica imaterial. Entretanto, podemos demonstrar através de pesquisas qualitativas e de percepção de que forma esses valores se refletem considerando diferentes escalas e níveis de participação esportiva, como “micro” eventos esportivos. Nos resultados da pesquisa Valores do Esporte, trabalhadores apontam, definitivamente, para uma análise sobre o desenvolvimento de valores pela prática esportiva numa perspectiva muito mais dinâmica e rica, assim como é a experiência das interações humanas mediadas pela cultura. Percebemos que os valores subjetivamente apontados pelos trabalhadores-atletas, como a amizade e a integração, embora adquiram um caráter individual e subjetivo nas falas particulares das entrevistas, tornaram-se, talvez até imperceptivelmente, valores sociais, ao ganharem força no discurso coletivo. Aqui percebemos uma forte inclinação ao sentido de valores **NO** esporte em que há uma convergência de sentimentos e interesses produzidos pelas necessidades e desejos particulares desse grupo.

Por outro lado, há uma grande frequência na indicação do *espírito de equipe*, que é associado comumente a valor **DO** esporte. No entanto, mesmo considerando o espírito de equipe como um valor **DO** esporte, ele só se torna um valor desse grupo social na medida em que é de fato reconhecido e concordado pelos seus membros individuais, frente à harmonia de interesses, fortalecendo o sentimento de grupo, de identidade e de pertencimento – a existência de pontos em comum que os unam – o que o classifica como um valor social.

Podemos arriscar uma interpretação sobre o legado axiológico dos Jogos Olímpicos Modernos como uma nova forma de compreender e resgatar o sentido clássico de Olimpíada como o espaço de quatro em quatro anos entre duas celebrações de Jogos Olímpicos. Neste caso, esse tempo não somente deveria estar restrito às condições materiais, estruturais e físicas que envolvem os Jogos, como atualmente nos defrontamos, mas ganhando sentido permanente pelas ações destinadas aos valores do esporte para desenvolvimento humano e social, fazendo-se presente nos diferentes campos e níveis de ações esportivas e competitivas, dos “mega” aos “micro” eventos.

Referências

- CAILLÉ, A. (1994). The concept of fair play. *Bulletin Olympic Congress: The centennial*. Lausanne: IOC.
- BARDIN, Laurence. (2004). *Análise de conteúdo*. 3. ed. Lisboa: Edições 70.
- BINDER, Deanna. (2003). The legacy of the Olympic Games for education, 1984-2000. Lausanne. Paper presented to the 2002 IOC Symposium on the Legacy of the Olympic Games, p. 1-12
- DACOSTA, Lamartine P. (1989). *Valores e moral social no Brasil*. Tese de doutorado em Filosofia. Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.
- DACOSTA, Lamartine P. (2006). A Never-Ending Story: the Philosophical Controversy over Olympism. *Journal of the Philosophy of Sport*, v. 33, p. 157 – 173.
- GOMES, Marta C. (1999). Solidariedade e honestidade: os fundamentos do fair-play entre adolescentes escolares. In TAVARES, O. & DACOSTA, L. (Eds.) *Estudos Olímpicos*. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho.
- GOMES, Marta C. & TURINI, Marcio. (2004). Esporte, Ética e Intervenção no Campo da Educação Física (2004). In TOJAL J.; DACOSTA, L. & BERESFORD, H. (Orgs.). *Ética profissional na educação física*. Rio de Janeiro: Shape.
- RADCLIFFE-BROWN. A.R. (1973). *Tabu: estrutura e função na sociedade primitiva*. Petrópolis: Vozes.
- TAVARES, Otávio. (1999). Algumas reflexões para uma rediscussão do *Fair play*. In TAVARES, Otávio; DA COSTA, Lamartine (Orgs.). *Estudos Olímpicos*. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 1999.
- VIEIRA, José L. (1993). Avaliação do desenvolvimento moral de adolescentes em relação a dilemas morais da vida diária e da prática esportiva. Dissertação de mestrado. Santa Maria: UFSM.

Legados do Pan-Americano 2007: Esporte, Educação, Cidadania e a Cobertura Midiática Sobre as Vilas Olímpicas da Cidade do Rio de Janeiro

Tatiana Vianna
Alfredo Melhem
Carlos Henrique de Vasconcellos Ribeiro
LEEFEL – UNISUAM/RJ

Legacy of the 2007 Pan American Games: Sport, education, citizenship and mediatic coverage of the Olympic Villages of the city of Rio de Janeiro *The objective of this research was to analyze the discourse of the media in the relationship between sport and social inclusion during the 2007 Pan American Games. The mediatic narrative was approached from two categories: (i) the sports practices as social capital (Putman, 1995) and (ii) the heroic narrative (Rubio, 2000). Finally, the text offers elements of discussion to the social role played by sport when it is promoted by the government.*

Os Jogos Pan-Americanos Rio 2007 foi o grande evento esportivo de caráter internacional no Brasil nas últimas décadas. Aliado a este evento diversas iniciativas públicas foram realizadas para atender uma população pressuposta como não tendo cultura da prática esportiva em seu cotidiano. As Vilas Olímpicas da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro foram criadas pela administração municipal da cidade no intuito de atender a população carioca para a prática do esporte de qualidade com cerca de 20 modalidades esportivas. Entre as propostas das Vilas Olímpicas está o desenvolvimento educacional de crianças e adolescentes a partir das práticas esportivas de diversas modalidades. Dentro dessas Vilas existem cerca de 30 funcionários entre professores de educação física, funcionários de apoio e estagiários.

Um dos requisitos para a prática esportiva em relação a crianças e adolescentes nestas Vilas é a questão da matrícula escolar. Além disso, alguns alunos escolhidos pelo processo de amostragem são acompanhados na relação triangular entre prática esportiva, frequência e rendimento escolar, fazendo com que exista uma preocupação em justificar a manutenção das atividades esportivas de qualidade para essa faixa etária da população ao longo do ano letivo (Secretaria Municipal de Esporte e Lazer do Rio de Janeiro, 2006).

Caracteriza-se o papel educacional do esporte fazendo-o agente de inclusão social. Além disso, relaciona-se prática esportiva com a permanência dos alunos na escola com a qualidade de suas aprendizagens nas demais disciplinas do currículo escolar.

A Cobertura Midiática sobre as Vilas Olímpicas

Analizamos aqui a cobertura da mídia em relação às Vilas Olímpicas durante dois meses no ano de 2007. Percebemos que os jornalistas ao descreverem estes espaços tendem a pautar seus trabalhos com duas características distintas, mas complementares, a saber:

A primeira é caracterizar a prática esportiva como aquisição de capital social. Ou seja, a prática esportiva nestes locais surge no discurso jornalístico como capaz de, por si só, afastar crianças e adolescentes de algum risco social e adquirir auto-regulação quanto às normas sociais (PUTMAN *apud* JARVIE, 2006). Neste discurso,

o conhecimento sobre uma prática esportiva é imprescindível para a ocupação do tempo livre.

A segunda é valorizar em suas pautas modalidades esportivas e atletas que já conseguiram trazer conquistas, títulos e vitórias para a comunidade local. Escolhem-se nestas matérias alunos que obtiveram sucesso em suas trajetórias esportivas. Apresentam-se as medalhas e os troféus como prova de que naquele espaço surgiu uma nova promessa esportiva. Ou seja, daquele espaço pode existir uma nova promessa olímpica, reforçando a idéia do aparecimento de algum herói esportivo (RUBIO, 2000).

Além disso, a maioria dos alunos e alunas citados na cobertura midiática tem em comum a questão da experiência sobre a violência. São pessoas que sofreram, sofrem e se expõem cotidianamente com alguma forma de violência, principalmente dentro das comunidades onde residem.

Reunimos cerca de 40 reportagens nos meios de comunicação que focavam nas atividades esportivas desenvolvidas nestas Vilas Olímpicas durante os meses de julho e agosto de 2007. Selecionamos a seguir algumas reportagens que dão conta de nossas duas categorias de análise. Nossa amostra foi selecionada de forma intencional e focou na cobertura midiática durante o mês de realização do Pan-Americano de 2007 e em seu mês subsequente, visto que foi constante na mídia a pauta sobre a aprendizagem esportiva nestes locais. Os veículos de comunicação selecionados foram os jornais Extra, O Dia e O Globo durante o dia 1 de julho a 31 de agosto de 2007.

a) Esporte como Capital Social

A aprendizagem esportiva tem sido comumente associada à aquisição de capital social, ou seja, aprender um esporte pode levar aos alunos ao desenvolvimento de hábitos necessários para a vida em sociedade. Sobre isto identificamos uma reportagem que fala sobre a experiência de alguns alunos na Vila Olímpica localizada na região oeste da cidade do Rio de Janeiro.

Ana Paula Passos, é aluna de kickboxing da Vila Olímpica Ary de Carvalho localizada no bairro de Vila Kennedy, com 16 anos é mãe de uma menina com 2. A jovem aposta no esporte que pratica na Vila e encara como uma oportunidade para mudar sua vida, em um relato feito por ela onde afirma que o esporte tirou-a da rua onde vivia na ociosidade e fez com que tivesse mais respeito pelas pessoas. Além do esporte Ana Paula faz teatro e essa motivação fez-lhe ter mais interesse em estudar. A atleta estará estreando nas Olimpíadas de Pequim. Seu mestre, professor Jorge Eduardo Gonçalves de 39 anos, 6 vezes campeão Brasileiro e Carioca de kickboxing também afirma que o esporte tirou-o da rua, e declara que 'Cheguei a praticar alguns furtos quando menor. Porém, o kickboxing me fez repensar em tudo que fiz'. (Jornal Extra, 3 de agosto de 2007, pg. 6).

Verificamos que o discurso midiático em relação à aquisição de capital social imputa ao esporte um valor de agente social por si só. Há nesta reportagem uma associação entre o que se aprende nestes espaços com a capacidade do esporte de contribuir com a inclusão social.

b) Promessas de heróis esportivos

Em nossa pesquisa verificamos que a cobertura midiática tende a valorizar a relação entre a aprendizagem esportiva e o aparecimento de futuros craques esportivos. Reforça-se a idéia de que um campeão pode surgir em qualquer comunidade, algum talento esportivo precise apenas de uma chance de aprender um esporte. Seleccionamos a seguir uma reportagem que mostra esta narrativa.

Na Vila Olímpica Carlos Castilho, localizada na favela do Alemão, a rotina da violência não afasta os sonhos dos alunos que frequentam a Vila. Priscila Flaviana Pereira Borges, de 21 anos e que exibe no peito 21 medalhas, relata que quando a Vila Olímpica do Alemão foi inaugurada, ela procurou o taekwondo sem entender que esporte era aquele e a afinidade veio rápido. Hoje ela vende balas e chaveiros para pagar as viagens para as competições. O treinador e professor do grupo, Marcos Roberto Coutinho, conta que já perdeu atletas para o tráfico (...). (Jornal O Globo, 29 de julho de 2007, p. 34-35).

A reportagem acima descreve a realidade de uma entre diversas comunidades pobres da cidade do Rio de Janeiro. Narrativas de superação, autocontrole e persistência são elementos constantes das matérias jornalísticas esportivas quando tratam da inclusão social a partir da prática esportiva. Estas narrativas se aproximam do mito esportivo, na medida em que fornecem elementos de discussão sobre como identificamos nossos prováveis futuros talentos esportivos. Além do treinamento, a narrativa do *gift* esportivo se repete como algo intrínseco aos sujeitos reportados (Helal, 1998; Ribeiro, 2005; Rubio, 2000)

Considerações finais

As atividades que envolvem crianças e adolescentes em risco social e projetos esportivos culturais parecem ter conseguido bons resultados nas esferas federal, estadual e municipal, mas estudos mais profundos devem dar conta do impacto social nas próximas gerações.

Durante a leitura de nosso material de pesquisa verificamos que é recorrente a relação que a narrativa midiática faz entre os resultados obtidos com o esporte por uma atleta e a possibilidade disto o afastar de um futuro social problemático. Compreendemos que o esporte é um grande agente social, mas é necessário identificar limites na relação entre prática esportiva e qualidade de vida, principalmente no que diz respeito ao entorno das comunidades de baixo poder aquisitivo da cidade do Rio de Janeiro.

Referências

- HELAL, Ronaldo. Mídia, construção da derrota e o mito do herói. Rio de Janeiro: Motus Corporis, 1998.
- JARVIE, Grant. Sport, Culture and Society. New York: Routledge, 2006.
- LOVISOLO, Hugo. A Arte da Mediação. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

RIBEIRO, Carlos. Mais do que pendurar as chuteiras: o futebol que investe no social. Niterói, Rio de Janeiro: Nitpress, 2005.

RUBIO, Kátia. O imaginário esportivo ou seriam os heróis os atletas modernos. Rio de Janeiro: Motus Corporis, 2000.

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Esporte e Lazer. Vetor Sócio. Educativo. Rio de Janeiro: No prelo. 2006.

Legado Educacional dos Jogos Pan-Americanos e dos Jogos Parapan 2007: Instrumentalizando a Escola

Georgios Stylianos Hatzidakis
Instituto de Educação Desportiva da UNIBAN
Grupo de Estudos Olímpicos da UNIBAN

Educational legacy in the 2007 Pan American Games and in the Paralympic Pan American Games: providing tools for the school This research aimed to examine facts, attitudes and skills displayed during the Pan American Games and the Paralympic Pan American Games so that they could be used as educational tools for the development of competencies essential to the personal, social and productive life of students of all levels. The main features were the fundamental conditions to preserve the "Soul of Sport": (i) the unpredictability of the results; (ii) the existence of balance and competition and (iii) the focus of sport ethics: fair play. The results provided educators with tools for the organization of educational opportunities, adequate to the pedagogical processes in the schools, making use of the Parâmetros Curriculares Nacionais (National Curriculum Parameters).

Os Jogos Pan e Para-Pan-Americanos foram dois dos maiores eventos poli-esportivos já realizados no Brasil, de maneira impactante e com ampla divulgação pela mídia, o que despertou interesse de grande parte da população, em especial dos estudantes em todos os níveis de ensino. Brum (2007) informa que

Dias após o encerramento dos Jogos do Pan Rio 2007, as Vilas Olímpicas da Prefeitura do Rio já registravam um aumento de 50% na procura de atividades físicas. A exemplo das Jades, dos Thiagos e dos Gibas, meninos e meninas, motivados pelo espírito do Pan, resolveram praticar esportes, se tornar atletas e dar os primeiros passos rumo à conquista da medalha de ouro. (s.p.)

Muito se discute sobre os "legados" deste megaevento, tanto de maneira positiva quanto negativa. Independente da polêmica, o objetivo deste estudo foi de instrumentalizar os alunos dos cursos de licenciatura em Educação Física, diretores, orientadores pedagógicos, professores, técnicos, dirigentes e pais, para utilizarem os Jogos Pan-americanos e os Jogos Para-pan, como instrumentos educacionais, integrados ao Projeto Pedagógico da Escola.

Adotando a definição de Esporte apresentada por Hatzidakis (1993),

Esporte é um fenômeno sócio-cultural, que envolve a prática voluntária de atividade predominantemente física competitiva com finalidade recreativa ou profissional, ou predominantemente física não competitiva com finalidade de lazer, contribuindo para a formação, desenvolvimento e/ou aprimoramento físico, intelectual e/ou psíquico de seus praticantes e/ou espectadores. (p.10).

Algumas condições fundamentais também devem se fazer valer para preservar a "Alma do esporte", como a imprevisibilidade do resultado, a existência de equilí-

brio e concorrência, e o destaque da “ética esportiva”, *fair-play*¹. Procuramos utilizar os fatos e ocorrência dos jogos como instrumento de educação para o desenvolvimento de competências indispensáveis à vida pessoal, social e produtiva dos alunos em todos os níveis de ensino.

Assim sendo formulamos a seguinte questão: qual conjunto de fatos, atitudes e habilidades, apresentados durante os Jogos, podem ser utilizadas pelos educadores na estruturação de oportunidade educativas, adequadas ao Projeto Pedagógico da Escola, utilizando os PCNs?

Destacamos, resumidamente, os parâmetros curriculares nacionais – PCNs, que definem como conteúdo da Educação Física Escolar a cultura corporal de movimento, que se apresenta nas seguintes manifestações e exemplos de utilização dos Jogos Pan e Para-Pan:

Conhecimentos sobre o corpo

Procurar demonstrar aos alunos as diferenças de desempenho e biótipo dos praticantes das diversas modalidades durante os Jogos.

Esportes, jogos, lutas e variações de ginásticas

Nesse eixo, o professor transmite informações históricas sobre as origens e características de cada uma dessas práticas e a importância de valorizá-las.

Atividades rítmicas e expressivas

A abertura e encerramento dos jogos, bem como as montagens dos canais de TV, são espetaculares ferramentas pedagógicas para discussão sobre ritmos e cerimoniais.

Além das manifestações da cultura corporal de movimento, os PCN`s destacam-se pela indicação de temas transversais, que se tornam eixos norteadores para todas as disciplinas escolares. Em específico, a Educação Física poderá explorar o legado educacional dos jogos, relacionando sua temática com estes eixos norteadores, como por exemplo:

Ética

Respeito, justiça e solidariedade fazem parte das práticas esportivas. O respeito deve ser exercido na interação com adversários. A solidariedade é vivenciada quando se trabalha em equipe. A presença de um juiz, as regras e os acordos firmados entre os participantes são formas de aprender a valorizar o sentido de justiça. As eventuais denúncias e escândalos sobre os Jogos, devem ser utilizados para estimular discussões sobre questões éticas.

Dentre algumas situações ocorridas poderíamos utilizar esses fatos:

1 - Jogo Limpo. “O fair play significa muito mais do que o simples respeitar as regras; cobre as noções de amizade de respeito pelo outro, e de espírito esportivo, representa um modo de pensar, e não simplesmente um comportamento. O conceito abrange a problemática da luta contra batota, a arte de usar a astúcia dentro do respeito as regras, o doping, a violência (tanto física quanto verbal), a desigualdade de oportunidades, a comercialização excessiva e a corrupção.”

Vaia ao Presidente da República e às delegações (Argentina, EUA, Cuba). Comportamento de ex-Atletas (vaia do Oscar ² na Ginástica Olímpica, briga do Aurélio Miguel³); violência nos Jogos (brigas no jogo de handebol masculino Brasil x Argentina); *doping* (Voleibol Feminino⁴); e deserção de atletas cubanos ⁵.

Saúde

As lesões de Daiane dos Santos, da Ginástica Olímpica, e de Flávio Canto no Judô, bem como a recuperação de Bruno Souza, do Handebol, e a contusão de Aline Campeiro durante a comemoração do resultado que a fez perder a medalha, além das contusões do Basquetebol Masculino durante os jogos podem ser utilizados para discussões sobre esse tema.

Meio Ambiente

Aspectos ambientais dos jogos no Rio, tais como, poluição da Baía de Guanabara e Lagoa podem ser explorados, inclusive, as insinuações de intoxicação pela água da baía de Guanabara de Poliana Okimoto durante a prova da maratona aquática.

Orientação Sexual

Idéias como a de que futebol é esporte para homem e ginástica rítmica é “coisa de menina” ainda se manifestam na sociedade e no cotidiano escolar. Combater preconceitos como esses discutindo as questões sexistas e de gênero que ainda fazem parte do cenário da educação física escolar. A comparação do desempenho masculino e feminino durante os jogos pode ser utilizada para debater esse tema, inclusive fatos como a medalha do Futebol Feminino, bem como a conquista do Judô Feminino, que obteve mais medalhas em relação à equipe masculina.

Pluralidade Cultural

Adotar uma postura não preconceituosa e não discriminatória é a chave para atingir os objetivos da pluralidade cultural nos esportes. O PAN e PARA-PAN apresentam uma oportunidade impar de exercer a igualdade e tolerar as diferenças.

Trabalho e Consumo

O adolescente é alvo da publicidade de produtos esportivos. O professor pode ajudar seu aluno a analisar criticamente a necessidade de possuir determinado produto e, assim, criar a noção de consumo consciente. Todos querem objetos e lembranças do pan.

Além disso podemos utilizar diversas outras situações para discutirmos o *fair-play* – Jogo Limpo em situações esportivas para a educação.

Partindo do Manual do *fair-play*, divulgado pela Câmara Municipal de Oieras⁶, relembramos que o *fair-play*:

2 - Oscar Schmidt: ex-atleta da seleção brasileira de basquetebol.

3 - Judoca campeão olímpico nos Jogos Olímpicos de Seoul 1988.

4 - Atleta da seleção brasileira de Voleibol Feminino foi suspensa por doping.

5 - Atletas de handebol e boxe abandonaram a delegação cubana.

6 - Vila no distrito de Lisboa, Portugal

- “Significa bem mais que simples respeito pelas regras. É um modo de pensar e não simplesmente um comportamento”;
- Abrange as noções de amizade, lealdade, espírito de justiça, respeito pelo próximo e envolve a luta contra a mentira, o doping, a violência (física e verbal), a desigualdade de oportunidades, a comercialização excessiva e a corrupção;
- É um conceito positivo;
- Ainda do mesmo Manual do fair play destacamos que o espírito esportivo:
- “manifesta-se através de”:
 - 1 - Respeito as Regras;
 - 2 - Respeito aos Árbitros e aceitação de suas decisões;
 - 3 - Respeito pelo Adversário;
 - 4 - Desejo de igualdade;
 - 5 - Ser “digno”.
- O Manual do fair play ainda relembra que o esporte:
- “Não é uma guerra”;
- Sua finalidade é constituir uma força de amizade;
- Tem de ser sinônimo de festa e alegria;
- Um espaço de liberdade;
- O sucesso esportivo tem valor social e humano, de acordo como é obtido;
- Os educadores têm a responsabilidade de ensinar e promover as atividades esportivas. “Mas têm o dever de promover experiências positivas, socialmente agradáveis e motivadoras”;
- Assim sendo no ambiente esportivo o papel do Professor é:
- “Deve educar pelo exemplo (nas aulas e fora delas)”.
- O espírito esportivo não é uma exclusividade do esporte. Deve ser componente da vida diária;
- Definir e explicar o que é o espírito esportivo;
- Identificar e avaliar situações concretas de espírito esportivo;
- “Identificar os componentes anti-desportivos interrompendo a atividade, se necessário”;

Os Professores também devem ter consciência de seu principal papel é o educacional quando desempenha o papel de técnico esportivo nos Jogos Escolares.

Deve responder a seguinte pergunta:

Tenho postura educacional durante toda a minha atuação como técnico esportivo nos jogos escolares?

A educação desportiva deve ser assumida pelo professor, como matéria de ensino, realçando os “hábitos e espírito esportivo”:

- Reconhecer os erros;
- Pedir desculpas;
- Dominar-se;
- Cumprimentar os “adversários”;

- Felicitar e aplaudir os “outros”;
- Encorajar positivamente os companheiros;
- Aceitar as decisões dos árbitros;
- Recusar o “anti-jogo”;
- “Saber ganhar sem insolência” e saber perder sem “rancor”;
- Valorização do adversário;
- Escolher atividades adaptadas;
- Conhecer as regras básicas;
- Relatividade do resultado;
- Educar para a tolerância e autocontrole; (OIERAS, 1994)

Também devemos envolver todos os “responsáveis” pelo “espírito esportivo” ou seja os diretores de escolas, dirigentes esportivos, professores, praticantes, árbitros, pais, espectadores, treinadores e a mídia.

O envolvimento e postura da família são fundamental para valorizar a prática esportiva como forma de educação.

O site uol (<http://pan.uol.com.br/pan/2007/especiais/5mais.jhtm>), apresentou um *ranking* de diversas situações dos Jogos Pan-Americanos, que podemos utilizar em nossa proposta discutindo com os nossos alunos e na escola:

5 vitórias mais emocionantes

Hugo Hoyama batendo *record* de ouros;

Ouro do Futebol Feminino com o Maracanã lotado;

Saretta leva o ouro após salvar 2 *match points*;

Bronze de Renzo Agresta no “morte-súbita” da esgrima;

Cielo perto do *record* mundial dos 50m livres.

5 derrotas dramáticas

Brasil perde o ouro do vôlei feminino após 6 *match points*;

Natália Falavigna leva golpe no *golden score*;

Julio Almeida perde o ouro no último tiro;

Érika Miranda perde o ouro no *golden score* no judô;

Jaqueline Ferreira que perdeu por ser “gordinha”.

5 maiores gafes

Futebol Masculino eliminado na primeira fase;

Sede do Beisebol na Cidade do Rock;

Oscar “cornetando” os atletas estrangeiros;

Vaias a Lula na cerimônia de abertura;

Deserções de cubanos que diziam que levariam o ouro.

5 maiores zebras

Na estréia, Panamá bate a campeã Cuba no beisebol;

Equador leva ouro no futebol masculino;

Canadá bate a Argentina na final do hóquei masculino;

Colombiano Alvarez nocauteia o cubano Nápoles;
Uruguai na frente dos EUA e Argentina do basquete.

5 maiores surpresas

Colômbia em 6º, à frente de Venezuela e Argentina;
A brasileira Yanes Marques levando ouro no pentatlo;
Bronze para Clarisse Menezes na esgrima;
Quinto lugar dos Estados Unidos no basquete;
Pedro Lima pondo fim ao jejum de 44 anos do boxe.

5 maiores bizarrices

O mascote "Caue" levando "uma geral" da polícia;
Os gordinhos do Pan serem adotados pela torcida;
Paraguai escala o mesa-tenista Axel Gavilán, 12 anos;
Camas e medalhas do Pan, quebram por fragilidade;
Assessor dos EUA avisa: "Welcome To The Congo".

5 maiores brigas

Quebra-Pau no judô teve Aurélio Miguel e cubanos;
Argentinos e Brasileiros no Handebol;
Jornalista da TV Globo preso pela Força Nacional;
Cabeçada do membro do Co-Rio em dirigente do Flamengo;
Empurra-empurra de cubanos e chilenos na Vila.

5 musas frustradas

Jaqueline, cortada por usar chá contra celulite;
Flávia Delaroli que ficou com medalha de bronze nos 50m;
Tatiane Sakemi que não passou do sexto lugar;
Paula Pequeno, que apagou na final;
Natália Falavigna, que perdeu para mexicana.

5 chavões do pan

"Esse bronze vale ouro", dos atletas brasileiros;
"Esse Pan é especial por ser em casa", dos brasileiros;
"Esse Pan tem padrão olímpico", dos dirigentes;
"Não sei informar", de todos os voluntários;
"Não pode" e "Dá a volta", frases dos voluntários.

5 micos dos torcedores

Fila para comprar ingressos revolta os torcedores;
Torcedor era obrigado a comer no Bob's nas praças;
A falta de sinalização dos locais de competição;
Maracanã lotado vaiou a eliminação da seleção sub-17;
Estacionar perto do Engenhão foi tarefa árdua.

Considerações finais

O Esporte e os MegaEventos são poderosos instrumentos para Educação a julgar, sobretudo, pelas suas repercussões sócio-culturais. Nestas condições, diversas situações positivas e negativas que ocorrem durante a apresentação dos espetáculos esportivos podem ser utilizadas como temas de discussões e debates. Sugerimos então que a proposta envolvendo os professores na utilização das diversas situações vivenciadas e presenciadas pelos Jogos Pan-Americanos e Para-Pan, seja adaptada à proposta pedagógica de suas escolas, tendo por base os PCNs, de modo a se ter uma legitimação em termos de Educação Física.

Referências

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental - *Parâmetros curriculares nacionais : Educação Física*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC / SEF, 1998.

BRUM, Cristina dos Santos. *Qual o legado do Pan Rio 2007?* RIO MÍDIA, Rio de Janeiro, set. 2007. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/portal/riomidia/rm_materia_conteudo.asp?idioma=1&idMenu=3&label=Artigos&v_nome_area=Artigos&v_id_conteudo=68976>. Acesso em: 03.out.2007.

CÂMARA MUNICIPAL D'OEIRAS. *Carta do espírito desportivo*. Oeiras, Portugal: Câmara Municipal D'Oeiras, 1994.

DARIDO, Suraya Cristina. *Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica*. Koogan: Guanabara, 2005.

JOGOS, Pan-Americanos: *site do evento*. Disponível em:<<http://www.rio2007.org.br/data/pages/8A488A8F12D856280112D85777710237.htm>>. Acesso em: 08.ago.2007.

UOL: *Os cinco mais do Pan*. Disponível em: <<http://pan.uol.com.br/pan/2007/especiais/5mais.jhtm>>. Acesso em 05. ago.2007.

Sites de Referência:

<http://www.jogosestudantiscaxias.com.br/>

http://www.olympic.org/uk/passion/studies/full_story_uk.asp?id=1870

<http://www.aafila.org/>

http://www.cob.org.br/site/sobre_cob/academia.asp

<http://www.fairplayeur.com/>

<http://www.fairplayinternational.org/structure.php>

http://www.mackenzie.br/editoramackenzie/revistas/edfisica/edfis4n4/art1_edfis4n4.pdf

<http://www.aprendebrasil.com.br/reportagens/doping/fairplay.asp>

<http://pan.uol.com.br/pan/2007/especiais/5mais.jhtm>

Jogos do SESI: Megaevento Esportivo da Indústria Brasileira e Legado como Processo Sócio-cultural

Rui Campos
SESI/DN – Brasília

The SESI Games: the sports mega event of the Brazilian industry and their legacy as a socio-cultural process *This text proposes that the competitions for the workers of the Brazilian industry, the SESI Games, be acknowledged as a sports mega event because of the process of very nature of the Games and not because of the dimensions of their physical structure and logistics. The socio-cultural legacy left to the participants after each cycle of the different competition phases they have to go through is provided by the experience of positive values which are encouraged by SESI, according to the perception of the participants.*

Estudos sobre megaeventos em geral tratam de certames pontuais e de amplo conhecimento popular, seja de escala continental, como os Jogos Pan-Americanos, ou de escala mundial, como os Jogos Olímpicos e as Copas do Mundo de Futebol. Estes eventos provocam impactos e conseqüências positivas e negativas em várias esferas da vida das cidades-sede e seus respectivos países. É crescente o interesse, a abrangência e a sofisticação no preparo desses megaeventos, por parte da iniciativa pública e privada e das partes que organizam o esporte, sejam elas os Comitês Olímpicos ou as Confederações esportivas nacionais, na expectativa intencional de que os respectivos legados sejam o mais abrangente possível quanto às conseqüências benéficas para a sociedade. Para que o resultado esperado seja satisfatório, pressupõe-se concentrar esforços em estudos a respeito das versões anteriores de cada um desses megaeventos, contando com profissionais de diversas áreas de conhecimento. Portanto, em tese, esses grandes eventos aparentemente “pontuais” seriam sobretudo a culminância de um processo ininterrupto de planejamento e correções sistemáticas.

Tal tipo de interpretação confere ao esporte uma maior importância política, social e econômica, considerando vários aspectos de tempo, espaço e impacto. Afinal, como definiu Robert Barney em 2002 (*apud* DACOSTA, In RUBIO, 2007, p. 123-132) legado esportivo é “algo recebido do passado e que tem valor presente e certamente valor futuro”. Esta predominância sócio-cultural é confirmada também em estudos de Hai Hen e Iain MacRury sobre legados dos Jogos Olímpicos de Beijing e Londres, respectivamente (Comunicação oral no Seminário “Valores do Esporte SESI”, Rio de Janeiro, setembro de 2007). Ou seja: legado esportivo constituiria um conceito guarda-chuva relacionado a megaeventos pontuais abrangendo conseqüências benéficas para a sociedade identificadas por meio de processos variados de desenvolvimento.

Na presente comunicação resumida objetiva-se redefinir os Jogos do Serviço Social da Indústria – SESI como uma cadeia de competições municipais, regionais e estaduais que redundam num megaevento em nível nacional e geram legados sócio-culturais nas empresas participantes em diversos espaços geográficos abrangidos pelo processo de encadeamento de eventos esportivos.

Efetivamente, os Jogos do SESI formam uma cadeia ininterrupta de competições interdependentes, voltadas ao trabalhador da indústria brasileira (Campos, 2005) e

não somente um grande evento esportivo pontual e específico. Esse processo compreende uma série de modalidades – que variam de acordo com a região, cultura e porte do estado – desde a fase municipal até a internacional, mobilizando cerca de dois milhões de trabalhadores-atletas anualmente. Desde 1947 o SESI organizou 11 certames nacionais, somados à participação em 50 competições internacionais no exterior, e seis mundiais organizados pelo SESI no Brasil, sendo todos esses eventos voltados para trabalhadores.

A justificativa para esse enfoque, talvez fora dos padrões normais de classificação de um “megaevento esportivo” da forma como são geralmente conhecidos, se deve ao impacto causado pela vivência de **valores** no ambiente das competições, por seus colaboradores e não somente devido aos fatores vinculados à uma estrutura complexa de gestão e um grande quantitativo de participantes, que caracterizam um megaevento. É claro que esses últimos fatores devam ter fundamental importância para que os Jogos do SESI se encaixem na classificação de megaevento, pois envolvem centenas de profissionais de diversas áreas - próprios e terceiros -, que direta ou indiretamente contribuem para a manutenção e qualidade do processo (SESI, 2007a).

Entretanto, os “valores” aqui referidos constituem-se num conjunto de influências e julgamentos valorativos que pode ser definido, por exemplo, como “uma crença coletiva consensual de duração estável que influencia sentido e significado das relações sociais e culturais” (DACOSTA, 2007, p. 13). O projeto “SESI - Valores do Esporte”, agora em curso, visa a evidenciar por meio de campanhas de sensibilização, a importância que a vivência e compreensão desses valores sócio-culturais têm para as pessoas e empresas, envolvendo os atores que atuam nos Jogos do SESI, sejam trabalhadores-atletas, técnicos e dirigentes do SESI e das empresas, parceiros e fornecedores.

Como tais, os valores cultivados nas competições do SESI tem sido desde 2005 motivo de projetos específicos em determinadas regiões do Brasil. Neste particular o impacto dos Jogos tem sido aferidos por diversos métodos de avaliação e de pesquisa. Numa destas investigações produzida por DaCosta, Miragaya, Gomes e Turini (2008, não publicada), coletaram-se depoimentos dos participantes sobre interpretações de suas vivências esportivas nas empresas e nos eventos do SESI que fazem parte dessa cadeia de competições. Como resultado parcial comprovou-se que o freqüente contato dos trabalhadores com o ambiente dos Jogos do SESI, ao longo de cada ciclo de competições, reverte em melhoria ao seu próprio ambiente laboral, propiciando que novos valores sejam absorvidos e que os já instituídos sejam reforçados nas empresas participantes.

Em termos de objetivos institucionais do SESI, este processo de assimilação de valores sócio-culturais – ou legados, usando-se expressão alternativa mais cabível tecnicamente – aparenta constituir um constante movimento do tipo “ganha-ganha”: as empresas apóiam e liberam seus funcionários, exercendo assim a sua responsabilidade social (“responsabilidade social” é o conceito que fundamenta a missão institucional do SESI – ver www.sesi.org.br); estes em retorno mostrar-se-iam mais integrados socialmente e gratificados pelo apoio e reconhecimento recebidos (SESI, 2007b).

Em resumo, os ganhos mútuos de trabalhadores e empresas constituiriam o legado planejado dos Jogos do SESI se tiverem continuidade na assimilação e fixação sócio-cultural local, resultados a serem acompanhados e avaliados em condições pós evento. Assim estabelecido, estaremos diante de uma redefinição de megaevento esportivo que terá legitimidade pelo legado construído e não pelos resultados das competições.

Referências

CAMPOS, R. et al. SESI (I) Programas. In: DACOSTA, L. (Org.) *Atlas do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

DACOSTA, L., MIRAGAYA, A., GOMES, M., TURINI, M. *Manual valores do esporte SESI*. Brasília: SESI/DN, 2007.

RUBIO, K. *Megaeventos esportivos, legado e responsabilidade social*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

SESI DN. *Diretrizes técnicas e de gestão do Programa Sesi Esporte*. Brasília. 2007a.

SESI DN. *Relatório de avaliação Jogos Regionais do SESI 2006*. Brasília, 2007b.

6 - Memória, História e Gestão Do Conhecimento *Memory, History and Knowledge Management*

Gestão do Conhecimento Para Organização de Coleta de Dados em Megaeventos Esportivos

Ailton Fernando Santana de Oliveira
Universidade Tiradentes - SE

Knowledge Management for the Organization of Data Collection in Sports Mega Events *As the Brazilian government has shown interest in hosting sports mega events, the objective of this text is to present a debate on the existing need that institutions and agencies in charge of the staging of these events have in order to give priority to the construction of an organizational culture based on the collection and storage of data which deal with knowledge management about sports mega events. The absence of these records makes it difficult to access information about positive and negative aspects of these events and, therefore, what needs to be improved for the next mega events. It is crucial to examine which questions are generated during the staging of such events in relation to results, achievement of objectives, and the impact in time and space.*

O esporte no mundo contemporâneo tem demonstrado seu valor não só pelos aspectos sociais, quando ganha cada dia mais adeptos, seja em busca da performance ou do lazer, mas também por seus impactos econômicos e políticos, unindo povos e estabelecendo marcos de referência global por meio de megaeventos como olimpíadas, copas do mundo de futebol e campeonatos esportivos continentais.

O Brasil, seguindo tendências internacionais, tem sediado megaeventos esportivos continentais nos últimos anos, destacando-se os Jogos Pan-Americanos na cidade do Rio de Janeiro em 2007, e se prepara para entrar no restrito bloco de países líderes de grandes eventos globais por sediar a Copa do Mundo de Futebol 2014 e por se candidatar à organização dos Jogos Olímpicos de 2016 ou subsequentes.

Acompanhando-se, entretanto este avanço pelo lado de gestão nota-se que há ainda muitos hiatos a serem resolvidos para se ter efetivo sucesso na implementação de tais empreendimentos gigantes, quer por planejamento antes e durante o evento ou, sobretudo depois de sua realização (legados). Este seria o caso do PAN 2007, cujos responsáveis não deram a público dados técnicos sobre sua realização até meados de 2008, o que revelaria em princípio falta de uma cultura organizacional baseada na coleta e armazenamento de dados tão necessária para a boa gestão de futuros eventos do mesmo porte ou até mesmo maiores. Ou seja: o país aparentemente tem potencial para organizar e obter vantagens relativas dos megaeventos esportivos, porém a mobilização política internacional ora em execução não apresenta contrapartidas voltadas para a gestão do conhecimento em megaeventos, aumentando assim o risco dos grandes investimentos a serem aplicados. Em termos mais simples tal deficiência indica

que a falta de registros dificulta entender/conhecer o que ocorreu de positivo e o que precisa ser corrigido para futuros eventos, gerando dúvidas e inseguranças com relação aos seus resultados, objetivos e impactos ocorridos no decorrer do tempo e do espaço.

A construção de uma cultura organizacional, para gestão do conhecimento em coleta de dados em organização de megaeventos esportivos, que crie um capital social confiável, passa a ser urgente, pois na nossa interpretação, a partir da segunda década do século XXI, esses eventos internacionais serão organizados em condições de grandes incertezas e seus resultados analisados contra os mais diversificados e desafiadores critérios. Urge, portanto a construção de uma política organizacional baseada na produção e armazenamento de dados que contribua para o planejamento, formulação de políticas e de estratégias de ação. Esses registros devem apontar conteúdo, forma e processos que foram utilizados na elaboração e realização de megaeventos esportivos. Este procedimento tem se revelado essencial na construção de cenários futuros *ex ante* (anterior ao evento) e na avaliação de seus impactos *ex post* (posterior ao evento) como tem demonstrado DaCosta (2008) em estudos no tema aqui em questão.

Um rápido olhar sobre a organização dos Jogos Pan-Americanos no Rio de Janeiro em 2007 observa-se que foram produzidos dados dispersos, porém sem um procedimento padrão *ex ante*, rotina ou setor responsável para coletar e armazenar os dados, não havendo no nosso entender uma política de arquivamento de informações. A partir deste pressuposto, perguntamos quais as informações e orientações que foram registradas e armazenadas que sirvam de suporte para um novo evento que o Brasil venha realizar? Que experiências, procedimentos, metodologia para análise de impactos e como será avaliado no tempo e espaço e que possa servir para análise comparativa desses eventos?

O fato é que não se tem adotado no Brasil procedimento padrão na organização e coleta de dados no setor do esporte, evidência essa encontrada nos estudos de Oliveira (2007). Para o autor citado as instituições não adotam um planejamento estratégico, ação articulada e institucionalmente montada para a produção da gestão do conhecimento nas diversas áreas esportivas. Nesse sentido, as instituições que lidam com o esporte em especial o poder público deveriam caminhar na busca da gestão do conhecimento sobre sua produção, compilação, armazenamento e diagnósticos, para o fortalecimento de um sistema nacional de dados que possibilite a continuidade dessas informações e um novo olhar sobre áreas de intervenção, seja para avaliar, acompanhar, monitorar ou até mesmo para organizar eventos esportivos.

O mundo atual de grandes organizações privadas e de governo – ou melhor, o mundo dos megaeventos – vive em torno de tecnologias de informação e da internet, com um grande acúmulo de dados e necessidade de maior transparência e ética das suas ações. As instituições em geral e em especial as empresas, portanto, precisam construir uma nova relação com o meio e a sociedade, observando os anseios e as necessidades sociais em todos os aspectos. Para isso precisam tornar-se transparentes, éticas e prestar contas das suas atividades. Nesse sentido, Bitencourt (2005), citando Drucker (2002), relata que o conhecimento passa a ser recurso básico para os indivíduos e para a economia em geral e não mais a terra,

a mão-de-obra e o capital, pois estes são mais facilmente obtidos desde que haja conhecimento especializado.

A informação, como dados dotados de relevância e propósito em princípio é matéria-prima fundamental e base para a construção do conhecimento (Valentim, 2003). Assim, também as políticas, sejam na esfera pública ou privada do setor do esporte, necessitam e vem de fato se apoiando em informações, como insumo básico para o seu desempenho, acompanhamento, avaliação de impactos, resultados e eventuais correções de curso. Essas ações necessitam da produção de dados cada vez mais precisos em relação à realidade que se pretende mensurar. De modo similar, as políticas empresariais privadas necessitam de dados de natureza pública para fundamentar decisões e escolhas.

Para Bitencourt (2005), sendo o capital humano o maior ativo das organizações contemporâneas e o aprendizado produto do conhecimento, o grande desafio das organizações está em saber gerir o aprendizado a fim de construir e reter os conhecimentos aplicados na prática organizacional e que possa ser útil a práticas posteriores. Porém, observamos nos dias de hoje uma contracultura de subterfúgios que não privilegia a coleta de dados e o armazenamento das informações dos processos organizacionais, gerando dificuldades nas futuras avaliações o que indicaria desconhecimento técnico sobre gestão ou interesse político em não dar visibilidade a práticas duvidosas ou ilegais.

Segundo Choo (2003), é necessário construirmos uma cultura organizacional ou conhecimento cultural em que “valores, crenças e normas compartilhadas que estabelecem referencial em que os membros de uma organização constroem a realidade, reconhecem uma informação nova e avaliam interpretações e ações alternativas”. Pois as organizações são elementos-chave nos processos decisórios e principais responsáveis pela implantação de políticas, e somente através de definição de procedimentos capazes de permitir análises no decorrer do espaço/tempo, favorecendo a gestão da informação, seria possível gerar conhecimento para futuras intervenções.

A necessidade da gestão do conhecimento – complementar à referida da informação - é justificada no conceito de Valentim (2003), quando ela é entendida como “um conjunto de estratégias que permite criar, adquirir, compartilhar e utilizar ativos de conhecimento, bem como estabelecer fluxos que garantam a informação necessária no tempo e formato adequados”. Na área do esporte esse conceito é confirmado por DaCosta (2005), na apresentação do “Atlas do Esporte no Brasil”, quando comenta que a gestão de conhecimento favorece à criação, ao uso e ao compartilhamento de informações reunindo e integrando pessoas e/ou organizações que compartilham dados e saberes, construindo conhecimentos por meio de suas interações ou desenvolvimento individual e coletivo.

Em resumo, propomos que as entidades públicas e privadas que lidam com organização de megaeventos esportivos adotem a gestão do conhecimento como antecedente à gestão *stricto sensu*, deixando de lado as práticas simplistas de eventos isolados que se baseiam na improvisação. Como tal, esta proposição implica em admitir dados e informações geradas em megaeventos como legados se armazenados condignamente. Legado de conhecimentos, portanto, deve ser um tema recorrente em Estudos Olímpicos como sugeriu o autor coreano Ho Ju Cheon

(2007) ao examinar o caso dos arquivos dos Jogos Olímpicos de Seul (1988). Para este especialista, a organização (dados) e interpretação (informações) dos documentos oficiais das Olimpíadas de Seul – período anterior à realização dos Jogos – e dos registros pós-evento são condicionantes de gestão do Comitê Nacional Olímpico da Coreia e não meros arquivos para pesquisa histórica. Neste contexto de análise de estrutura e função das informações a serem disponibilizadas – ainda se acompanhando Cheon (2007) – podem gerar auxílios a definições de tomadas de decisões na organização olímpica nacional, facilitando a construção de cenários e avaliações de impactos.

Em conclusão faço minhas as palavras dos organizadores do *Primeiro Encontro de Gestão da Informação e do Conhecimento em Acervos Esportivos no Estado de São Paulo* (abril de 2008), cujo objetivo foi “Promover a interação de Profissionais e Instituições para discussão das práticas de gestão do conhecimento e organização da informação esportiva e de áreas relacionadas e apresentação de propostas para a preservação da memória do esporte nacional”. Como postulação – sintomática para o caso dos megaeventos esportivos – seria pertinente, todavia considerar que ao enfoque de memória de tais acervos ativos ajunte-se a imposição de se por a serviço do interesse de todos, a serviço da população em termos de comprometermos com o desenvolvimento socioeconômico. Como metodologia, seria adequado também cogitar da gestão do conhecimento como meio de evitar abordagens gerenciais fragmentadas e mesmo desconexas, e de dar suporte a políticas públicas, interesses privados, estudos socioeconômicos, pesquisas acadêmicas etc., viabilizando uma governança efetiva dos legados dos megaeventos com transparência e *accountability* (acesso com visibilidade de informações).

Referências

- BITENCOURT, Valéria da Silva. *A Gestão do Surfe no Brasil segundo o Modelo das Organizações de Aprendizagem: Uma Proposta Empreendedora*. (Dissertação de Mestrado Educação Física e Cultura) Universidade Gama Filho: Rio de Janeiro, 2005.
- CHOO, Chuan Wei. *Gestão da informação para a organização inteligente: a arte de explorar o meio ambiente*. Lisboa, Portugal: Ed. Caminho S.A, 2003.
- CHEON, Ho Jun. *A Study on the Shape of Existence of Seoul Olympic Records*. Seoul: Seoul Research Institute – Seoul University, 2007.
- DACOSTA, Lamartine Pereira. *Atlas do esporte no Brasil: Atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005.
- DACOSTA, Lamartine Pereira. *O Modelo 3D de Interpretação de Megaeventos e Legados Esportivos*. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho (paper para discussão), 2007.

DRUCKER, Peter F. *10 Gurus: e suas lições sobre trabalho, emprego e sucesso*. VOCÊ S.A. Edição Especial. Ano 1. Edição 3. Dezembro, 2002. São Paulo: Abril.

OLIVEIRA, Ailton Fernando Santana de. *Gestão do Conhecimento para Coleta de Dados e Diagnósticos sobre Esporte e Atividade Física em Perspectiva Nacional*. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: PPGEF/UGF. 2007.

VALENTIM, Marta Ligia Pomim. *Cultura organizacional e gestão do conhecimento*. Março 2003. [http://www.ofaj.com.br/colunaicgc_mv_0303.html].

Um Megaevento Olímpico na História Brasileira: a Corrida de Revezamento do Fogo Simbólico da Pátria (1938-1947)

Luis Henrique Rolim
UFRGS
Grupo de Estudos Olímpicos PUC-RS

An Olympic mega-event in Brazilian history: the relay of the symbolic flame of the nation (1938-1947) *This study aims to point out sources and historical evidences about the 'Relay of the Symbolic Flame of the Nation' (CFS) because it was one of the first mega-events with Olympic characteristics to take place in Brazil. As the first relay took place in 1938 and as it became international in 1947, the CFS became a pioneering event which aimed at leaving a legacy to the Brazilian people. Today this legacy is referred to as intangible.*

A 'Corrida de Revezamento do Fogo Simbólico da Pátria' – CFS – foi uma prática cultural que marcava o início das comemorações da 'Semana da Pátria' em Porto Alegre (RS) no final da década de 1930. A partir de 1938, a CFS foi editada anualmente pela Liga de Defesa Nacional (LDN) com o apoio de dirigentes esportivos porto-alegrenses. Esses dirigentes esportivos idealizaram a CFS em Porto Alegre após assistirem *in loco* a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936.

Estes fatos históricos sugerem que a CFS pode ter sido um dos primeiros megaeventos com características olímpicas realizado no Brasil, tal como aconteceu com os Jogos Olímpicos Latino-americanos de 1922, realizados no Rio de Janeiro por solicitação do Comitê Olímpico Internacional (Torres, 2005). Para confirmar esta hipótese examinamos fontes impressas e orais do Banco de Dados construído para a produção de dissertação de mestrado sobre o tema da chama olímpica na sua versão brasileira desenvolvida por Rolim (2008).

A CFS (1938-1947) foi uma tradição inventada em Porto Alegre, institucionalizada pela LDN com o apoio social feito pelos clubes esportivos da cidade. A justificativa de sua realização se deu através de ligações histórico-sagradas e sua fixação através da repetição anual nas cidades. A característica de megaevento colocada para a CFS, se refere, principalmente, às edições entre os anos de 1945 a 1947, conforme podemos observar inicialmente pelo Quadro 1, cujos dados são provenientes da LDN (existe uma discordância de quilometragem nas edições da CFS devido as diferentes fontes consultadas) que buscava resultados de impacto pelo tamanho e natureza cívica da promoção.

Quadro 1 - Edições da CFS, 1938 - 1947

| Ano das edições | Local de saída da CFS | Km percorridos |
|-----------------|-----------------------------|----------------|
| 1938 | Viamão (RS – Brasil) | 26km |
| 1939 | Rio Pardo (RS – Brasil) | 411km |
| 1940 | Florianópolis (SC – Brasil) | 599km |
| 1941 | São Paulo (SP – Brasil) | 2.123km |
| 1942 | Tiradentes (MG – Brasil) | 3.974km |
| 1943 | Salvador (BA – Brasil) | 4.639km |
| 1944 | Recife (PE – Brasil) | 6.367km |

| | | |
|------|----------------------------------------|----------|
| 1945 | Monte Castelo (Itália) | 6.370km |
| 1946 | Washington (Estados Unidos da América) | 5.459km |
| 1947 | Pistóia (Itália) | 3.535 km |

No Quadro 1 constata-se que a CFS a partir de 1945 iniciou uma fase internacionalizada e com porte de megaevento para o contexto da época. Naquele ano o percurso iniciou a pé de Monte Castelo até Nápoles (Itália) e via aérea, veio a Natal (PE), de onde seguiu para Porto Alegre via revezamento terrestre (LDN, 2006). Em 1944 a CFS já havia sido chamada de “a maior corrida do mundo” (CP, 01/09/1944 p.10), o que repercutiu em 1945 na imprensa sob forma de epopéia:

A grande arrancada cívica, realização empolgante e tradicional da Liga de Defesa Nacional, partiu de Natal, da Base de Paranamirim. A Chama simbólica que incendiou o archote fora trazida, por via aérea, da Itália. Nessa viagem primeira cruzando os Apeninos e voando sobre o Mediterrâneo e através do Atlântico, seguiu o fogo da Pátria o mesmo roteiro cobertos pelas forças brasileiras em sua gloriosa jornada de guerra. E assim o fazendo, ligou, num expressivo simbolismo, Natal – trampolim da Vitória, e Monte Castelo – cenário do grande feito militar da FEB, esses dois marcos imperecíveis que lembrarão para a posteridade o relevante papel desempenhado pelo Brasil na guerra de libertação dos povos oprimidos (CP, 01/09/1945 p.08).

Em 1946 a CFS faz uma “homenagem à memória do Presidente Roosevelt” (LDN, 2006). Assim, o Fogo Simbólico saiu do *Hyde Park*, onde estava sepultado o presidente americano e, veio de avião até Fortaleza (CE) no Brasil, repetindo o revezamento pelas capitais brasileiras até Porto Alegre (RS) no mesmo roteiro de 1945. Na edição de 1947 saiu novamente da Itália, mas agora “em memória dos que tombaram pela liberdade do mundo” (LDN, 2006). Para se ter uma idéia da organização desse ‘megaevento’, pioneiro em 1947, a CFS saiu dia 13 de agosto do Cemitério de Pistóia (Itália), foi a Roma e, de avião, veio até o Rio de Janeiro (RJ) para chegar à zero hora do dia 1º setembro em Porto Alegre (RS).

Para além da organização com formato típico de megaevento, a CFS teve inspiração olímpica, pois surgiu como uma apropriação explícita da “Corrida de Revezamento da Chama Olímpica” de 1936, tendo como origem Olímpia (Grécia) e destino Berlim, sede dos Jogos Olímpicos daquele ano. De 1938 a 1947 a CFS buscou inculcar ‘valores’ associados à construção da identidade nacional brasileira. Dessa forma produziu no imaginário porto-alegrense a representação de coesão e unidade nacional, refletindo percursos geradores de impacto tendo como ponto de culminância sempre a cidade de Porto Alegre (RS).

Referências

INICIADA a Semana da Pátria. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 01 setembro 1944. Noticiário, p.10.

LIGA DE DEFESA NACIONAL. Corridas do Fogo Simbólico. Disponível em: <<http://www.ligadedefesanacional.org.br>>. Acesso em 25 setembro 2006.

ROLIM, L.H. A chama que arde em nossos clubes! A Corrida de Revezamento do Fogo Simbólico da Pátria em Porto Alegre. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, 2008.

TEVE INÍCIO a Semana da Pátria de 1945. Correio do Povo, Porto Alegre, 01 setembro 1945. Noticiário, p.08.

TORRES, C. Jogos Olímpicos Latino-americanos 1922 no Rio de Janeiro. In DaCosta, L.P. (Org) Atlas do esporte no Brasil. Rio de Janeiro: Shape Editora, 2005, p. 812-813.

A produção da Memória nos Jogos Olímpicos de Atenas 2004 e Copa do Mundo de Futebol de 2006 na Alemanha

Christian Wacker

Marcia De Franceschi Neto-Wacker

The production of memory in the 2004 Athens Olympic Games and in the 2006 FIFA World Cup in Germany Sports mega events are relevant producers of cultural memory as they can leave significant legacies if properly contextualized at the historical moment in which they take place. This contribution reports and analyzes the organization of the exhibition “*Pierre de Coubertin et le Miracle Grec*”, which took place in Athens in 2004, and seven other exhibits related to the FIFA World Cup promoted by the German Museum of Sports and Olympism. The results showed that the exhibits not only fulfilled the task of education but also made up means to produce memory.

Os megaeventos esportivos apresentam-se como um espaço privilegiado no âmbito da produção da memória cultural, podendo deixar legados significativos, desde que sejam contextualizados no momento histórico, social e econômico que ocorrem. Sem ter a pretensão de aprofundar-se nas discussões que permeiam os megaeventos, o presente texto relata dois projetos concretos na área de preservação da memória esportiva, que foram desenvolvidos em Atenas 2004 e na Alemanha 2006 ¹.

Em Atenas, a proposta de trabalho partiu do âmbito internacional para o nacional, em que a história dos Jogos Olímpicos, mas especificamente de *Pierre de Coubertin*, foi levada para o local onde ocorriam os Jogos. No caso da Alemanha, o país foi o palco da Copa do Mundo de Futebol e teve oportunidade de apresentar-se ao exterior e ao mesmo tempo de se redescobrir. Na busca de distribuir uma boa imagem internacional, terminou descobrindo novas facetas culturais.

No âmbito técnico, a concepção do conceito de uma exposição e dos eventos paralelos, envolve uma preocupação histórica e ideológica que irá permear todas as ações. O enfoque, o tema e os objetos devem estar contextualizados ou perdem os seus significados. Os organizadores de uma exposição, além de terem que desenvolver um trabalho aprofundado de pesquisa são também artistas que devem ter a capacidade e sensibilidade de captar o momento, a situação e as conseqüências do projeto a ser desenvolvido.

Jogos Olímpicos de Atenas 2004

Por ocasião dos Jogos de Atenas 2004, foi realizada a exposição *Pierre de Coubertin et le Miracle Grec*², que ocorreu no período de 16.06.2004 a 30.09.2004 no *Technopolis (Gazi)*³, um área revitalizada da cidade de Atenas. Os organizadores do evento foram a Cidade de Atenas, o Comitê Internacional Pierre de Coubertin e o Instituto Francês de Atenas.

1 - Os dois projetos foram coordenados, organizados e supervisionados pelo Dr.Christian Wacker.

2 - Tradução: Pierre de Coubertin e o Milagre Grego.

3 - Originalmente o local havia sido uma fábrica e posteriormente foi transformado em um centro cultural. Este projeto fez parte do plano de revitalização da cidade para os Jogos Olímpicos.

A abertura da exposição foi realizada na data alusiva ao nascimento de Pierre de Coubertin. O encerramento, que inicialmente estava previsto para ocorrer por ocasião da cerimônia final dos Jogos Olímpicos, foi estendido até o final dos Jogos Paraolímpicos. O sucesso da exposição junto ao público foi o fator fundamental na decisão de estender o prazo de apresentação.

A exposição apresentou a visão de Pierre de Coubertin sobre os Jogos de 1896. O fio condutor da apresentação foi o retorno dos Jogos ao seu país de origem e a relação de Pierre de Coubertin com o povo grego. Como resultado desta exposição, no que se refere à produção da memória, foi publicado um catálogo, em três línguas (Inglês, Francês e Grego).

Copa do Mundo de Futebol 2006

No que se refere à Copa do Mundo de Futebol da Alemanha, o Museu Alemão do Esporte e Olimpismo (*Deutsches Sport und Olympia Museum*) participou efetivamente das atividades desenvolvidas no âmbito cultural, tendo realizado as seguintes exposições:

1. *Glanzparade. Malerei von Rudi Kargus* ⁴ (3.11.2005 a 12.02.2006)

Rudi Kargus foi jogador profissional de futebol em três grandes times da Alemanha, entre 1971 e 1989. A partir de 1996, após ter encerrado a carreira de jogador, passou a dedicar-se a pintar “o mundo do futebol”, tendo se transformado em um pintor reconhecido na Alemanha. As pinturas apresentavam o mundo do futebol visto a partir dos olhos de um goleiro. Junto com esta exposição foi produzido um catálogo.

2. *Faszination Fußball* (31.01.2006 a 5.03.2006)

Exposição fotográfica que retratava o início do futebol europeu a partir de uma vista estética e emocional de diferentes fotógrafos. As fotos apresentadas pertenciam aos arquivos dos estúdios fotográficos Imagno (Viena), Ullstein (Berlim) e Alinari (Florença).

3. *Yakatoou oder der Nabel der Welt* ⁵ (08.03.2006 a 11.06.2006)

Exposição do artista Manfred Wegener que fotografou 12 estádios vazios de futebol, a partir do seu interior. O trabalho de fotografia teve como inspiração uma lenda indiana que dá o nome da exposição: *Yakatoou* (centro da Terra). Através das fotos ele buscou capturar a espiritualidade dos estádios através das suas simetrias e cores.

4. *Blechingers FarbenSpiel – 32 Grüße an die Welt* ⁶ (11.06.2006 a 15.09.2006)

O artista plástico Nicolai Blechinger, de renome internacional, elaborou 32 painéis retratando paisagens, cidades e povoados, com o objetivo de transmitir impressões dos países que estavam participando da Copa. A idéia do projeto foi de trazer o espírito da “movimentação” do mundo em torno do futebol, tirando a “bola” do foco central.

5. *Global Players - Deutscher Fußball in aller Welt* ⁷ (04.03.2006 a 05.06.2006)⁸

4 - Tradução: Pinturas a óleo de Rudi Kargus.

5 - Tradução: Yakatoou ou o umbigo do mundo

6 - Tradução: Jogo de Cores de Blechinger: 32 saudações ao mundo

7 - Tradução: Jogadores Globais – O Futebol alemão em todo o mundo

8 - A exposição Global Players fez parte do programa cultural da Alemanha, elaborado para a copa FIFA WM 2006.

Esta foi a maior exposição que ocorreu no Museu, durante o período da Copa. Para elaborar o conceito e definir os conteúdos, foram necessários sete meses de pesquisa, entrevistas e coleta de material.

A exposição tinha como ponto de referência os técnicos e jogadores alemães que foram em diferentes períodos, para diversos locais do mundo, e a influência dos mesmos no desenvolvimento do futebol mundial. No caso do Brasil foram apresentadas as histórias de Hans Nobiling e Camillo Ugi. A partir das entrevistas, filmes, arquivos, jornais, entre outros, foi feita a reconstituição histórica da influência do futebol alemão no mundo. Além da exposição, que foi visitada por mais de 30.000 do mundo inteiro, foi produzido um livro contendo todas as histórias.

As pessoas que visitavam a exposição, recebiam as informações através de áudio guia no idioma selecionado, possibilitando que os visitantes de diferentes países tivessem acesso ao conteúdo. Juntamente com a exposição foram realizados eventos paralelos, como “*talk-shows*” com jornalistas e personagens do mundo do esporte, palestras com estudiosos do futebol, leitura pública de textos alusivos ao futebol, além da apresentação de sessões de filmes relativos a temática.

6. *Football in den Augen Brasiliens*⁹ (11.06.2006 a 13.08.2006)

Exposição das melhores fotos da revista Placar da Editora Abril, mostrando momentos inesquecíveis do futebol brasileiro. Pela primeira vez estas fotos foram apresentadas ao público. Posteriormente, esta exposição foi transferida para *National Football Museum* localizado em *Preston* (Inglaterra).

7. *Sport, Toleranz und Fair Play*¹⁰ (20.06.2006 a 31.07.2006)

O objetivo desta pequena mostra, foi de apresentar as possibilidades e potencialidades do esporte como meio de integração das culturas. O conteúdo da exposição foi um trabalho conjunto desenvolvido por professores alemães e seus colegas da Finlândia.

Além das exposições acima, o Museu realizou paralelamente, diversos eventos, todos dentro de uma proposta de apresentar os aspectos culturais do futebol, bem como de discutir as temáticas relativas às implicações e riscos dos megaeventos. Durante uma semana foi instalado na frente do Museu um container contendo material relativo aos problemas oriundos da globalização. Por ocasião da abertura da exposição, uma banda de Rock conhecida na Alemanha pelo seu compromisso com os temas sociais, apresentou um show, tendo o container como palco.

Entre o espaço do Museu e do Rio Reno foi colocada um telão, que foi utilizada por várias empresas internacionais para oferecer aos seus convidados a oportunidade de assistirem aos jogos da Copa e de visitar as exposições do Museu. A revista Placar, montou na primeira fase da Copa, a “Casa Placar” onde eram recebidos convidados especiais, em particular pessoas ligadas ao mundo do esporte, para assistir aos jogos do time brasileiro. Os convidados também tinham oportunidade de visitar as exposições do Museu. Na área entre o Museu do Esporte e o Museu do Chocolate, foi colocado um telão ao ar livre, onde o público em geral podia assistir a todos os jogos da Copa, que ocorriam fora da cidade de Colônia.

Por estar localizado nas margens do Rio Reno, este espaço transformou-se em um local privilegiado, tanto do ponto de vista estético como por apresentar a infraestrutura necessária de acesso, higiene, segurança e alimentação. No âmbito dos

9 - Tradução: Futebol um olhar brasileiro

10 - Tradução: Esporte, tolerância e Fair Play

eventos paralelos, dois momentos ficaram marcados e registrados na história do Museu. O primeiro foi à apresentação da Bola do Jogo Final da Copa de 1966 (Inglaterra), que pela primeira vez esteve na Alemanha.

A histórica bola, que marcou a derrota da Alemanha para a Inglaterra por um gol até hoje discutido, foi trazida pelo Diretor do *National Football Museum* de Preston, o Sr. Kevin Moore, e apresentada oficialmente para a imprensa. O segundo evento foi à entrega de uma escultura em bronze, do pé do jogador Edson Arantes do Nascimento (Pelé), feita pela artista plástica Brigitte Schmitges. O pé havia sido modelado alguns meses antes, quando Pelé visitou a cidade de Colônia.

A escultura foi entregue pelo filho da artista, ao Diretor do Museu. O evento contou com a presença de Pelé e de Carlos Alberto Torres, convidados da área do esporte e a imprensa mundial. Por ocasião do início da Copa, a mesma artista havia modelado o pé de Carlos Alberto, capitão da Seleção brasileira de 1970. Por fatalidade, a artista que fez a escultura e doou o objeto, faleceu prematuramente em função de um câncer que tirou a sua vida de maneira trágica e inesperada.

Finalmente, a guisa de conclusão, pode-se afirmar que no âmbito da produção de uma memória histórica, os eventos culturais que ocorreram por ocasião da Copa de 2006, deixaram um legado positivo tanto no âmbito nacional como internacional. Com os eventos organizados por ocasião da Copa, o Museu além de ter cumprido a sua tarefa de educação, divulgação e discussão do conhecimento, passou a fazer parte da história do futebol mundial.

Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo, 2003: a Cidade em Jogo

Gilmar Mascarenhas
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Pan American Games of Santo Domingo, 2003: the city at the Games *This study describes the 2003 Pan American Games, observing its origin, reach and limits, filling in a gap in the Portuguese language academic literature. The main objective is to examine how the 2003 edition of the Pan American Games was inserted in the geography of the city of Santo Domingo, in its urban social-spatial dynamics, how the Games introduced innovations and left a specific legacy.*

Os XIV Jogos Pan-Americanos foram realizados na cidade de Santo Domingo, entre 1º e 17 de agosto de 2003. Enquanto grande evento esportivo, sua organização mobilizou amplos recursos públicos e privados, gerou polêmicas, alterou a geografia urbana local e deixou um significativo legado para a cidade e para a sociedade dominicana em geral.

Por ocasião de um evento acadêmico internacional¹, tivemos a oportunidade de permanecer nesta cidade entre 18 e 26 de novembro de 2007. Visitamos todas as instalações esportivas e a Vila Pan-Americana, além de consultar a documentação do COD (Comitê Olímpico Dominicano) e entrevistar alguns de seus diretores e técnicos. Também acessamos publicações e a imprensa local, no sentido de colher o maior e mais diverso volume possível de informações e impressões acerca do Pan-2003.

Com esta contribuição pretendemos primeiramente registrar este grande evento esportivo, sua natureza, seu alcance e seus limites, preenchendo uma lacuna na literatura acadêmica em língua portuguesa. O objetivo central é verificar como o Pan-2003 se inseriu na geografia da cidade de Santo Domingo, em sua dinâmica urbana sócio-espacial, nela cunhando inovações e deixando um legado específico.

O texto se estrutura em três segmentos. Se queremos averiguar como o Pan-2003 afetou a cidade, devemos iniciar nossa análise apresentando de forma sucinta Santo Domingo, sua estrutura urbana, sua dinâmica e processos espaciais dominantes. A seguir, descrevemos brevemente o processo de formação de uma “base esportiva” na sociedade dominicana, a saber, suas instituições, suas políticas, instalações e mentalidade esportiva, para delinear o contexto no qual se inseriu o Pan-2003. Por fim, no terceiro e principal segmento, discutimos os projetos, as implantações e a realização deste grande evento na cidade.

A cidade sede do Pan-2003

Capital da República Dominicana, Santo Domingo é uma aglomeração urbana cujo ritmo de crescimento é elevado mesmo para os alarmantes parâmetros latino-americanos. Se em 1930 a cidade abrigava apenas 35 mil habitantes, vinte anos mais tarde já eram 150 mil moradores; 350 mil habitantes em 1960 e quase o dobro deste contingente dez anos depois; 1,3 milhão em 1980, 2 milhões em 1990 e 3 milhões de

1 - II Foro Internacional Transformaciones Sociourbanas y regionales frente a la globalización.

indivíduos na entrada do século atual. Em apenas sete décadas a cidade aumentou em quase cem vezes seu efetivo demográfico. Mesmo no Brasil, país que ostenta índices de urbanização muito acelerados em todo o seu vasto território, não encontramos fenômeno comparável ao dominicano.

Os drásticos efeitos deste processo avassalador são acirrados pela péssima distribuição nacional de renda e pela omissão do Estado em relação às questões sociais. Mais de dois terços da população residem em habitações sub-normais ou bairros marginalizados, desprovidos de infra-estrutura básica, conforme aponta a geógrafa dominicana Amparo Chantada (2006). Ao mesmo tempo, tamanha é a influência cultural norte-americana, que as áreas nobres de Santo Domingo muito se assemelham às cidades dos EUA, amplamente dominadas pelo urbanismo devotado à automobilidade.

Fundada em 1496, na embocadura do Rio Osama com o Mar do Caribe, Santo Domingo é saudada como a obra mais longeva da conquista europeia do Novo Mundo. A cidade abriga a mais antiga rua da América, a primeira igreja, a primeira fortaleza e outros tantos pioneirismos no continente americano. Servindo de base econômica e militar avançada da conquista espanhola, Santo Domingo desfrutou de grande pujança até meados do século XVI, mas nos trezentos e cinquenta anos seguintes a economia colonial dominicana entrou em profundo declínio. Neste sentido, no final do século XIX sua população era inferior aos 25 mil habitantes registrados no distante ano de 1600, de forma que a pequena cidade, mergulhada no marasmo, estava ainda praticamente encerrada no reduzido recinto das muralhas seiscentistas.

As primeiras décadas do século XX trouxeram o início de um processo de industrialização, impulsionado pela ocupação norte-americana na ilha. Uma nova burguesia vai então ocupando a zona costeira marítima, no sentido oeste, definindo um padrão de ocupação que perdura ainda hoje, concentrando as principais instituições culturais (Biblioteca Nacional, Universidade), parques, shopping centers e os serviços turísticos (cassinos e grandes hotéis).

Por outro lado, no sentido norte e margeando o rio Osama, distanciando-se progressivamente da valorizada zona da praia, foram se formando os bairros fabris e os núcleos de urbanização informal do proletariado, ainda hoje abandonados pelo poder público. Este “cinturão industrial norte” se adensou a partir de 1950, no bojo do processo de substituição de importações, mas esbarrou fisicamente sua expansão no rio Isabela, limite natural ao norte que induz o espraiamento urbano longitudinal de Santo Domingo na direção leste-oeste, já que ao sul da cidade está a orla marítima. Como solução, foi criada uma nova zona industrial na periferia oeste. Esta decisão urbanística definiu o setor leste (as terras situadas para além do rio Osama) como a nova frente de expansão urbana enobrecida, a partir da década de 1970. Veremos mais adiante como o Pan-2003 se insere plenamente nesta nova estrutura interna da cidade, consolidando o atual eixo de crescimento urbano leste.

Veremos no próximo segmento como se organizou tardiamente o universo esportivo local, nos marcos da exclusão social e da acelerada urbanização capitalista. Nosso objetivo é mapear a base esportiva da cidade no momento em que se adquire o direito de sediar o Pan-2003.

Esporte e política na República Dominicana

Tradicionalmente, a base esportiva se desenvolve no bojo do processo de urbanização, que fomenta o surgimento de instituições e a difusão das práticas esportivas na sociedade. Em Santo Domingo, como vimos, ao contrário da maioria das capitais latino-americanas de então, muito maiores e influenciadas pelo forte modismo europeu, até as primeiras décadas do século XX praticamente não existiam condições concretas para o pleno desenvolvimento do esporte.

No bojo da já citada intervenção norte-americana (de 1907 a 1924) desenvolveu-se a vida esportiva local. Assim, o beisebol se implantará paulatinamente no país, profissionalizando-se em 1955 e tornando-se o insuperável “esporte nacional”. A mesma influência cultural estadunidense abrirá consistente espaço para o pugilismo (PONS, 1988).

Entre 1930 e 1960, o país foi governado pelo ditador Rafael Trujillo (registre-se que é escassa e recente a experiência democrática na República Dominicana). Foram três décadas de intensa “modernização” material e institucional com amplo apoio norte-americano, que transformaram radicalmente a paisagem urbana de Santo Domingo. Na já citada e valorizada zona oeste da cidade, Trujillo concentrou seus investimentos monumentais, tais como a Cidade Universitária (em 1947), o aeroporto e o Estádio Nacional de Beisebol, inaugurado em 1955. Assumido aliado do ditador espanhol General Franco, Trujillo, como este, também não promoveu o desenvolvimento do esporte de base, optando pela construção de grandes equipamentos para o esporte espetáculo, condição de alienação das massas, espalhando estádios públicos por todo o país (PONS, 1988, p.86).

Um marco histórico fundamental no processo de difusão da prática esportiva foi a realização dos XII Jogos Centro-americanos e do Caribe em 1974, na capital dominicana, reunindo mais de dois mil atletas de 23 países. Para a ocasião, utilizando a vasta área do velho aeroporto (que acabara de ser transferido em função do já citado crescimento vertiginoso da cidade), foi edificado o amplo e bem equipado Parque Olímpico Juan Pablo Duarte. Ao mesmo tempo, no plano institucional foi criada a SEDEFIR (Secretaria de Estado de Deportes) que contava com verbas suficientes para programas sociais de desenvolvimento massivo do esporte (SCHEKER, 2003).

O desdobramento desta nova orientação política foi a realização de mais uma edição dos Jogos Centro-americanos, na cidade de Santiago (a segunda maior do país) em 1986, e a criação de um novo evento esportivo em escala nacional, de periodicidade bienal, com objetivo de interiorização da prática regular do desporto: os Jogos Nacionais. O primeiro se realizou em Barahona, em 1981. A cada edição, o poder público (leia-se o governo central, já que os departamentos e municipalidades carecem de recursos) se encarrega de construir as instalações esportivas no local sede.

Oito cidades já sediaram os Jogos Nacionais. O último ocorreu em Puerto Plata (2006) e a próxima edição do evento ocorrerá na cidade de Salcedo, em 2008. Segundo seu coordenador geral, o diretor técnico do SEDEFIR, Fernando Teruel, o critério de escolha da cidade-sede é a própria candidatura desta e o efetivo envolvimento da comunidade local. Tal medida se deve às inúmeras reclamações quanto à falta de uso regular das instalações esportivas, bem como à sua escassa manutenção.

Se o país passou a adotar uma determinada política nacional de apoio ao esporte a partir da década de 1970, desde Santiago-1986 ronda a sociedade dominicana o “fantasma” dos gastos elevados e de instalações “elefante branco”. Os supracitados

jogos de Santiago (1986) legaram àquela cidade um parque olímpico completamente abandonado ² em parte por estar localizado em La Barranquita, bairro periférico e de difícil acesso para os seus habitantes, ao contrário do bem-sucedido e já citado parque olímpico de Santo Domingo, inserido em zona cêntrica e adensada (SCHEKER, 2003, p. 98). No caso dos Jogos Nacionais, as municipalidades, desprovidas de recursos materiais, têm grande dificuldade para manutenção das instalações esportivas criadas. Segundo F. Pons (1988, p. 37), não existe uma política de incentivo ao esporte nas escolas, e os atletas dominicanos permanecem desamparados, de sorte que lhe parece interessar ao governo apenas a realização de grandes eventos e a multiplicação de obras.

É neste contexto adverso e de desconfiança geral que, em 1998, o governo anuncia a realização dos Jogos Pan-americanos ³.

O Pan-2003 e sua presença na cidade

Vimos que na República Dominicana o erário está muito concentrado no governo central, de forma que mesmo um município populoso e de expressiva atividade econômica como a capital nacional não tem condições de organizar um grande evento esportivo. Coube assim ao governo central toda a responsabilidade pelo Pan-2003.

A organização do Pan-2003 enfrentou desde o início dos trabalhos inúmeras denúncias de corrupção. O Comitê Organizador dos Jogos, denominado COPAN, foi criado de modo a reunir figuras respeitáveis e proeminentes da sociedade dominicana pertencentes não apenas ao mundo do esporte. Todavia, conforme relata detalhadamente Luis Scheker (op.cit., pp 65-71), ao longo de seis páginas, a quase totalidade de seus qualificados membros renunciou em pouco tempo. Alguns preferiram não justificar a desistência em continuar trabalhando para o Pan-2003. Outros o fizeram, tornando públicas sérias denúncias quanto à contabilidade e aos procedimentos legais (licitações etc.).

As instalações esportivas

Vimos que o atual vetor de expansão urbana em Santo Domingo a atender os interesses do capital imobiliário é a zona leste da cidade. O novo aeroporto, o monumento “Faro a Colon”, a principal autopista (a litorânea “Autopista de Las Américas”) da cidade, o autódromo e o novo hipódromo, são algumas das intervenções governamentais no sentido de valorizar esta zona. Fora também ali criado nos anos 80 uma grande área verde, o Parque Mirador Leste, com mais de 600 mil m² de superfície. O Copan optou por implantar neste parque a quase totalidade das instalações olímpicas: onze novos espaços.

A sociedade civil, em especial os segmentos mais bem informados, não aprovou a medida, produzindo inúmeros abaixo-assinados e manifestações durante a derrubada de árvores e obras de terraplanagem, em defesa do “pulmão” da zona leste e alegando que a cidade não deveria reduzir sua área verde em favor de novas instalações esportivas. Todavia, ratificou-se a natureza autoritária do governo dominicano.

2 - Para Scheker (2003, p 41), a piscina olímpica de Santiago se tornou criadouro de larvas, e as demais instalações servem apenas para abrigo eventual de desabrigados pelos furacões que anualmente assolam a região do Caribe.

3 - Segundo Scheker (2003, p:57), pesquisas feitas por diversas agências apontavam que 98% da população dominicana não desejavam a realização do Pan-2003 em seu país.

Segundo Scheker (op.cit, p. 114-115), o governo tentou acalmar as pressões anunciando que apenas 4% da superfície do parque seria desmatada. Entretanto, ao final do evento, incluindo os estacionamento criados, os novos acessos e outras intervenções, pode-se avaliar em quase 60% a área do parque sofreu alteração. O COD alega que o parque encontrava-se abandonado e não oferecia segurança aos usuários, e que o conjunto de intervenções em muito ultrapassa o âmbito meramente esportivo (COD, 2003, p.155).

Uma grande preocupação da sociedade dominicana, como vimos, era a criação onerosa de novos “elefantes brancos” e o posterior abandono das instalações. Ao percorrer o Parque Mirador Leste, por duas ocasiões (incluindo um domingo), tivemos, no entanto, uma boa impressão quanto ao seu uso esportivo-recreativo. A população aflui em massa ao local, e mesmo em áreas livres não planejadas para o desporto, verifica-se a prática informal e improvisada de diversos jogos e modalidades. Em dias úteis, percebemos que muitas instalações apresentam excelentes condições de funcionamento.

Segundo F. Teruel, nosso principal entrevistado, a SEDEFIR e o COD vêm mantendo contratos com universidades e federações estrangeiras, sobretudo canadenses e norte-americanas, de cessão de uso de instalações para treinamento esportivo durante o inverno rigoroso destes países. A piscina olímpica vem por isso mantendo uso contínuo. Remo e canoagem também são alvo de contratos similares, pelos mesmos motivos climáticos. A propósito, na quadra de tênis (belo equipamento com capacidade para 5,500 espectadores), conversamos com técnicos e atletas de Quebec, desfrutando de sol e amenas temperaturas em pleno mês de novembro.

Também verificamos o uso contínuo das instalações pela população local. Na quadra de handebol, crianças de classes sociais desfavorecidas recebiam aulas. Modalidades que antes do Pan-2003 praticamente inexistiam contam hoje com crescente adesão, tal como o tênis de mesa e hóquei de grama. Teruel atribui este êxito ao empenho das respectivas federações, ao mesmo tempo em que atesta a sub-utilização das instalações destinadas ao halterofilismo e à ginástica olímpica. E há empresas, como o Banco Popular Dominicano e a Cervejaria Presidente, que assumem custos de manutenção de determinadas instalações para uso de seus empregados. Neste caso se enquadram o tênis e o voleibol.

Uma aquisição relevante para o Parque Mirador Leste foi o Anfiteatro Panamericano, o primeiro construído na cidade, e que vem proporcionando a realização de diversos eventos artístico-culturais. Por outro lado, o Parque Pablo Duarte não apenas recebeu investimentos de reforma e modernização em suas antigas instalações, como foi alvo de novas edificações voltadas para modalidades como voleibol, raquetebol e softbol. Por fim, competições de tiro, equitação, badminton e futebol se realizaram fora destes dois parques, em instalações construídas especialmente para o Pan-2003, algumas dentro do Campus da Universidad Autónoma de Santo Domingo, que ganhou um Centro Poliesportivo. Fora da capital foram disputadas as provas de remo e canoagem.

A Vila Olímpica

A Vila Olímpica também gerou grande polêmica, desde os primeiros debates a seu respeito. Por ocasião da candidatura de Santo Domingo junto à ODEPA, o projeto

inicial se revestia de caráter *megalomânico*: oito espigões, cada um com 23 andares, totalizando 704 “residências de luxo”, situados em área nobre da cidade, em frente ao Parque Olímpico. O presidente da república, intransigente defensor do projeto, lhe denominava “Pequena Nova Iorque”, mais uma vez expressando a aqui já citada influência cultural norte-americana.

Considerado caro e pouco funcional, este projeto não encontrou o apoio necessário. A experiência recente de Winnipeg, no Canadá (Pan-1999) acenava para opções de baixo custo, através do aproveitamento temporário de instalações pré-existentes, como pavilhões escolares. Mesmo os Jogos Centro-americanos de 1986, em Santiago, deixaram no país o legado de edifícios modestos e funcionais, bem como a experiência dos Jogos Nacionais realizados em São Pedro de Macoris, que três anos antes chegou a oferecer sua vila olímpica à Universidad del Este, para um projeto destinado a abrigar instalações do curso de Educação Física (SCHECKER, 2003, pp. 122-123). Outro grave empecilho foram as denúncias de licitação ilegal e favorecimento de “colaboradores próximos” do COPAN. (op.cit.,p.130).

Após a sondagem de três outros destinos, a vila acabou sendo construída em La Caleta, bairro situado no município vizinho (a cidade balneária de Boca Chica), distante 30 km do centro de Santo Domingo, 35 km do Parque Olímpico Pablo Duarte, e mais de vinte quilômetros da maior parte das instalações do Pan-2003 (Parque Mirador Leste). Tal localização evidentemente gerou críticas, mas o COPAN sustenta as vantagens locacionais da proximidade do Aeroporto Internacional Las Américas e a economia de 130 milhões de dólares por parte do governo, ao repassar a obra para a iniciativa privada. Sabe-se porém que o principal motivo foi o potencial de comercialização dos imóveis após o evento: a proximidade da famosa praia de Boca Chica e a inserção no vetor leste de expansão nobre da área metropolitana de Santo Domingo.

Enquanto projeto arquitetônico, a Vila é composta de doze quarteirões, contendo cada um dez pequenos edifícios de três pavimentos, cada pavimento com dois apartamentos, organizados em formato de condomínio fechado. Ao todo, são 720 apartamentos de três quartos. O Consórcio Pan-Americano (ou Consórcio SANAK, segundo o COD) foi responsável pela obra e comercialização dos imóveis, voltados para o consumidor de classe média. A atual taxa de ocupação é relativamente baixa, com muitos apartamentos fechados, outros anunciados para alugar. Alega-se a localização como problema maior. A médio e longo prazo, com a rápida expansão física da cidade no vetor leste, a vila estará inserida em zona adensada.

Considerações finais

Em linhas gerais, o Pan-2003 consolidou as tendências pré-existentes de estruturação interna de Santo Domingo, favorecendo amplamente o setor leste da cidade, em expansão. A zona norte se mantém abandonada e estigmatizada. A zona leste basicamente recebeu melhorias apenas nas instalações esportivas do Parque Olímpico. Neste sentido, o grande evento muito pouco contribuiu na perspectiva do “equilíbrio urbano”.

Com relação aos gastos públicos, apesar do volume de reclamações e das dívidas contraídas, devemos registrar que o Pan-2003 foi um evento de baixo custo, se comparado aos Jogos de 2007, no Rio de Janeiro. Não apenas por ter custado dez vezes menos que a edição carioca, pois estas cifras variam muito conforme a realidade

de custos (mão-de-obra, terrenos, matéria-prima) de cada país. Mas sobretudo por se tratar de instalações desprovidas de luxo, voltadas unicamente para a funcionalidade, tal como a vila olímpica. O estádio olímpico, por exemplo, foi apenas reformado, mantendo-se o equipamento modesto criado em 1974, algo muito distinto do suntuoso Estádio João Havelange, no Rio de Janeiro, que sozinho custou quase o equivalente a todo o Pan-2003. Ademais, considerem-se os citados contratos pós-evento que reduzem os gastos públicos com manutenção de instalações.

Quanto ao turismo, estima-se que o evento tenha atraído de 12 mil a 20 mil visitantes. Num país que recebe 4 milhões de turistas ao ano, pode-se considerar como pífo tal resultado. Com relação aos equipamentos urbanos de uso coletivo, se por um lado a cidade perdeu áreas verdes, por outro adquiriu novos espaços para a prática esportiva, aberta á comunidade. Este parece ser o legado mais positivo do Pan-2003 para a cidade de Santo Domingo.

Referências

CHANTADA, A. *Del proceso de urbanización a la planificación urbana de Santo Domingo*. Santo Domingo: Editora Universitária UASD, 2006.

COMITE OLIMPICO DOMINICANO (COD). *Los XIV Jogos Panamericanos*. Santo Domingo, 2003.

PONS, F. *Los problemas del deporte y la politica deportiva em Santo Domingo*. Santo Domingo: Fórum, 1988.

PORTES Y CABRAL, A. *Ciudades del Caribe en el umbral del nuevo siglo*. Caracas: Flacso, 1995.

SCHEKER, L.O. *Los Panamericanos em rojo*. Santo Domingo: Punto Mágico, 2003.

- Esta pesquisa contou com apoio da FAPERJ, iniciado em 2004, através do Instituto Virtual dos Esportes e do projeto “Cidades competitivas: o esporte nas políticas públicas de desenvolvimento urbano”.

“Universíade de 63”: Qual o Legado Para a Cidade de Porto Alegre?

Janice Zarpellon Mazo
Grupo Estudos Olímpicos UFRGS

1963 Universiade: what is the legacy for the city of Porto Alegre? *The objective of this research was to identify the social-cultural legacy left by the 1963 Universiade – World University Games – to the city of Porto Alegre/RS. As Universiade has in a way been considered a pre-Olympic Games event, the staging of this sporting event was significant not only for the city of Porto Alegre but also for Brazil.*

A reflexão sobre o legado sócio-cultural deixado pela “Universíade de 63” – Jogos Mundiais Universitários – para a cidade de Porto Alegre não é uma tarefa fácil. Dentre as limitações destaca-se o fato que já se passaram 44 anos da realização do evento. Além disso, estudos sobre a U-63 são escassos, com exceção dos trabalhos de Koch (2003) e Nogueira (2003). O questionamento sobre o legado deixado pela U-63 em Porto Alegre não foi foco destes estudos.

A U-63 ocorreu no período de 30 de Agosto a 8 de Setembro de 1963, no mesmo ano em que a cidade de São Paulo realizou os Jogos Pan-Americanos de 20 de Abril até 5 de Maio. Esta proximidade das competições, bem como as características próprias de cada uma pode ser um dos fatores que gerou o ‘esquecimento’ da U-63. Embora, os Jogos Pan-Americanos são competições restritas aos países da América, já havia certa tradição de participação do Brasil nestes Jogos. A cidade-sede era uma metrópole – São Paulo –, enquanto que a U-63 foi um evento que reuniu estudantes universitários de diversos países na emergente capital do Estado do Rio Grande do Sul: Porto Alegre.

Todavia, a U-63, na época, era considerada uma prévia dos Jogos Olímpicos, o que representa o grau de importância deste evento esportivo não apenas para a cidade de Porto Alegre, mas para o Brasil. Tendo em vista, que nos anos 1960 Porto Alegre era uma cidade provinciana sob determinados aspectos e, que até então não havia realizado um evento esportivo internacional, é possível considerar a U-63 um megaevento esportivo. Afinal, Porto Alegre transformou-se na capital mundial do esporte durante uma semana, quando recebeu aproximadamente 1.500 atletas universitários, alguns com índices olímpicos¹, provenientes de 33 países, além de chefes de delegações, dirigentes esportivos, técnicos, entre outras pessoas vinculadas ao mundo esportivo.

É inegável que o evento causou algum tipo de impacto no cenário esportivo porto-alegrense. Espera-se que um evento desta natureza produza expressivos resultados sociais e culturais na cidade-sede. Os eventos, em geral, significam mudança e transição e seu legado é um misto de tangível e intangível.

O legado tangível da U-63, ou seja, a infra-estrutura construída ou melhorada para o evento – ginásio, pórtico de entrada, tanque para saltos ornamentais – é mais visível na cidade. Já o legado intangível persiste no imaginário coletivo dos porto-

1 - Estiveram em Porto Alegre os soviéticos Valeriy Brumel, Tâmara Press e Larissa Latinyna; os cubanos Enrique Figuerola e Miguelina Cobian; e os húngaros Maria Balla, Katalin Makray (Koch, 2003, p. 11-2).

alegrenses e sua repercussão pode ser dimensionada de diversos modos. Mesmo que temporariamente, a U-63 enalteceu a vida social e a cultura pública de Porto Alegre. Entretanto, ainda não se dimensionou se a U-63 causou um impacto duradouro e transformador sobre a cidade, tanto em termos de infra-estrutura quanto de legado sócio-cultural.

A primeira impressão, após uma análise preliminar das fontes consultadas para a pesquisa, revela que a grande preocupação do Comitê Executivo foi viabilizar o evento: fazer acontecer a U-63. Não se tinha experiência com uma competição de tal dimensão e as dificuldades financeiras eram grandes. Por isso, um membro do Comitê foi a São Paulo assistir os 'Jogos Pan-Americanos' e conversar com os organizadores da competição em busca de subsídios para organizar a U-63.

Durante a realização da U-63 ocorreram vários problemas relacionados à infra-estrutura, segurança e transporte, para citar exemplos. Faltava um mês para começar o evento e os jornais locais alertavam para o atraso das obras de infra-estrutura e a falta de agilidade em outros setores. Foi o caso do 'Ginásio da Universidade', construído em aproximadamente 100 dias. Provavelmente, muitos destes problemas são decorrentes da inexperiência, como também do pouco tempo destinado ao planejamento e organização da U-63.

Após a realização da U-63, há indícios que não houve continuidade em algumas ações desencadeadas em razão do evento. Isto pode ser percebido no que diz respeito ao embelezamento e limpeza da cidade. Também não se evidenciou iniciativas do poder público municipal e estadual visando explorar o potencial turístico de Porto Alegre pós- U-63. E, muito menos a elaboração de políticas públicas para a difusão das práticas esportivas na cidade.

Por fim, considera-se que o legado sócio-cultural da U-63, ainda está por ser investigado. Destaca-se a importância de pesquisas que procurem recuperar não apenas a memória da U-63, como também o legado deste evento para Porto Alegre e para o Brasil. Nesta perspectiva, foram realizados os apontamentos sobre a U-63 apresentados neste texto.

Referências

KOCH, Rodrigo. *Universiade 1963: História e resultados dos Jogos Universitários de Porto Alegre*. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS, 2003.

NOGUEIRA, Maristel. *Universiade de 63: Reconstrução da memória através da perspectiva dos jornais*. Dissertação de Mestrado. PUCRS. Programa de Pós-Graduação e História. 2003.

7 - Voluntários Volunteers

Pesquisa Comparativa entre Voluntários dos Jogos Pan-americanos Rio 2007 e Voluntários dos Jogos Olímpicos de Atenas 2004

Verônica Périssé Nolasco / Grupo Estudos Olímpicos – UGF /
Carla Tavares / Denise Fonseca / Mônica Rodrigues /
Sesc Rio / Eliana Maia / Fábio Costa / IH /
Lamartine DaCosta / Grupo Estudos Olímpicos – UGF

The Volunteers of the Pan American Games Rio 2007 – a comparative study with the volunteers of the Olympic Games of Athens 2004 *This study aimed to develop, reinforce and extend research already done about volunteer work in sports events as a legacy and register of the facts that took place in the Rio 2007 Pan American Games. Two distinct instruments were used: (i) the questionnaire applied to the research in Athens 2004, and (ii) the questionnaire applied to the authors of the project Atlas of Sports in Brazil-2004, which was also implemented with volunteers.*

A presente investigação tem como objetivo caracterizar perfis pessoais e condições operacionais dos voluntários do PAN 2007 com base em comparações de abordagens similares feitas com voluntários dos Jogos Olímpicos de Atenas 2004. Como tal, o levantamento produzido com amostras do voluntariado do PAN 2007 e dos Jogos de Atenas 2004 inseriu-se na linha de pesquisa sobre voluntários esportivos conduzida desde 2004 na Universidade Gama Filho-UGF e, posteriormente, depois de 2005 no SESC Rio (Perissé Nolasco, 2007).

A base de dados para a fase UGF das pesquisas foi constituída por participação na montagem do Atlas do Esporte no Brasil (DaCosta, 2005) ao passo que a fase SESC Rio apoiou-se nos projetos sócio-culturais desta entidade por meio de sua Gerência de Esporte e Lazer. No caso dos voluntários do PAN 2007 obteve-se suporte do Instituto da Hospitalidade - IH, instituição responsável pela capacitação *on line* de parcela significativa dos voluntários dos Jogos Pan-Americanos através do Ministério do Turismo.

A experiência da produção do Atlas do Esporte no Brasil reuniu 410 autores voluntários. Por seu turno, o projeto “Sesc Voluntário Pelo Esporte” - o qual tem como objetivo reunir e capacitar voluntários em todas as áreas do esporte favorecendo assim a participação social e o desenvolvimento da cidadania - beneficiou o andamento de competições esportivas promovidas por parceiros do SESC Rio e por organizadores diversos de eventos. Em resumo, as áreas de atuação do projeto “Sesc Voluntário Pelo Esporte”, tem abrangido capacitação e atuação:

- na área de pesquisa – através de aplicação de questionários;
- na área acadêmica – através de atuação em congressos, seminários, e cursos;
- na área do esporte de alto rendimento – junto aos eventos que reúnem atletas ou para-atletas.

- na área social – com foco na participação e exercício da cidadania, com vistas à construção de um mundo mais justo e com melhor qualidade de vida.

Com respeito à parceria do SESC Rio com o Instituto da Hospitalidade, utilizou-se um *mailing* enviado pelo Instituto aos voluntários, composto por 10.500 endereços. Deste conjunto de informações estabeleceu-se um link como acesso ao questionário da pesquisa, o qual foi computado pelo Sistema SESC de Informática. Neste procedimento eletrônico, as respostas foram tabuladas em uma base de dados, com geração de gráficos e tabelas. A partir desta organização foi possível fazer comparações entre respostas de voluntários dos Jogos Pan-Americanos com itens similares de atuação do voluntariado dos Jogos Olímpicos de Atenas obtidos em Christian Adam (2004).

O questionário *on line* foi respondido por 1.529 voluntários o que indica um número de respondentes a 14,56 % do total de consultas. Por seu turno, o questionário aplicado durante os Jogos Olímpicos de Atenas abrangeu um universo de 385 respondentes na modalidade de pesquisa de campo. A validade do procedimento *on line* foi estabelecida por equivalência com pesquisas que usaram o método de resposta por correspondência. A cifra mínima de 10% de respondentes para validação da pesquisa por correspondência da versão brasileira foi obtida em Barry e Lang (2000), autores de estudo com metodologia similar ao presente estudo.

A estratégia metodológica da aplicação do instrumento relacionado ao PAN 2007 acompanhou procedimentos de Bing, Akintoye, Edwards e Hardcastle (2005), condutores de um *survey* de bases similares ao que ora se descreve. Segundo esta última fonte referenciada, fatores motivacionais de escolha foram formatados como percepções por parte dos respondentes. Tais percepções foram elaboradas por meio de uma seleção feita na literatura técnica correspondente ao tema da pesquisa citada, adotando-se o critério da relevância.

Em síntese, ambas as amostras – Rio 2007 e Atenas 2004 – podem ser considerados na esfera da metodologia científica com grau adequado de representatividade, o que nos remete ao estudo da pesquisa em si mesma.

Em geral, perguntas idênticas dos levantamentos Atenas e Rio mostraram que os respondentes consideram em sua grande maioria, ser fundamental o treinamento para as ações a serem desempenhadas. Também se observou ainda na ordem geral de caracterizações, que entre os voluntários do Rio de Janeiro 73% praticavam esportes regularmente e em Atenas apenas 68,8 %. Por outro lado, no Rio 96,27% e em Atenas 86,9 % tinham interesses profissionais ligados ao esporte e ao público esportivo.

Constatou-se também que durante o desenvolvimento das tarefas relacionadas ao Voluntariado Esportivo dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007, 57,35 % não sentiram necessidade de uma supervisão e/ou gerência mais próxima, enquanto 40,54% sentiram a necessidade de gerência mais próxima.

Ao perguntar aos voluntários do Rio se as orientações recebidas foram suficientes para a elaboração do seu trabalho no Grupo de Voluntários Esportivos

dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007, recebemos as seguintes respostas: 66,77% disseram: sim, “me adaptei bem às tarefas”; 23,41% disseram: sim, “porém poderia haver mais supervisão”; e 6,17 % disseram que “as orientações recebidas não foram suficientes para desenvolvimento das tarefas”. Esta pergunta não constou do questionário de Atenas.

Perguntou-se também ao grupo de voluntários do Rio se houve apoio para participação no PAN 2007 por parte das instituições de trabalho dos voluntários e 35,64% disseram que “sim”; 19% disseram que “não, porque não solicitei”; 6,67% disseram que não, “porque solicitei e foi recusado”; e 37,27 % disseram “não ter vínculo de trabalho com instituições”. Dos voluntários nos Jogos do Rio, 17,64% estavam empregados em empresas públicas; 30,57 % na iniciativa privada; 6,81 % classificaram-se como aposentados ou pensionistas e 33,88 % declararam ter outros vínculos de emprego. Tal caracterização foi apenas relacionada aos voluntários do Rio, dos quais 68,86 % eram moradores da cidade no período do PAN, isto é julho de 2007.

Na ordem particular de caracterizações, a partir de perguntas equivalentes para os grupos Rio e Atenas, nas respostas correspondentes participação de gêneros (Quadro 1), observamos que em ambos os casos a participação feminina superou em número a participação masculina, o que sugere explicações preliminares de auto-afirmação feminina via voluntariado em megaeventos ou de haver mais mulheres com tempo disponível para o trabalho voluntário do que homens para a mesma função.

No quadro 2 relacionou-se a participação voluntária entre os habitantes locais e/ou forasteiros. Neste quesito, em Atenas a participação de estrangeiros foi consideravelmente superior aos Jogos do Rio, sugerindo influência da proximidade geográfica européia ou intercâmbio maior entre países na mesma região. Importa considerar também que os Jogos realizados em Atenas foram Olímpicos, sendo assim de caráter mais abrangente que os Jogos do Rio, de abrangência apenas pan-americana, envolvendo um número menor de países.

No quadro 3 constata-se que nas faixas etárias até os 30 anos, a participação de voluntários foi mais expressiva em Atenas; nas faixas de 31-40 anos, ambos os Jogos tiveram o mesmo índice de participação; a partir dos 41 anos, houve maior participação nos Jogos do Rio. Outra interpretação – cuja informação vale para o Pan do Rio - é de que a Lei do Voluntariado não Brasil não permite a participação de voluntários com faixa etária inferior a 18 anos.

No quadro 4 encontra-se o estado civil dos voluntários em que a participação de solteiros tem maior destaque em Atenas, sendo que no Rio o número de casados é mais expressivo. Assim, pode-se interpretar que apesar de haver uma parcela de voluntários com faixa etária mais avançada nos Jogos do Rio, também nota-se que a maior concentração de voluntários se encontra nas faixas de idade até 40 anos. Esta constatação em ambos os lugares nos oferece uma informação valiosa para os próximos megaeventos a serem produzidos no Brasil, no sentido da preparação das capacitações para voluntários. Outrossim, em Atenas

os solteiros são expressivamente mais representativos em sua participação, o que nos remete à colocação feita na pesquisa de Atenas sobre o fato de que a grande maioria de voluntários foi de estudantes. Por outro lado, no Rio a participação da sociedade foi bem mais ampla tanto para os casados quanto para os divorciados e/ou separados e viúvos. Esta constatação nos mostra que no Rio a mesclagem de estado civil permite que os organizadores de evento sejam mais beneficiados quanto à escolha dos voluntários, tendo em vista que estado civil impõe poucas barreiras para a participação.

Para o quadro 5 encontramos o item religião então constatando que o cristianismo é mais representativo em ambas as cidades, o que pode ser explicado pelo fato de que há variantes das idéias cristãs. Observa-se também que – significativamente – enquanto no Rio aqueles que pertencem a outras religiões não se abstiveram de dizê-lo, em Atenas aqueles que não são cristãos não responderam a esta pergunta. Sugere-se assim, que a cultura do Rio aparenta ser mais aberta à revelação das opções de religiosidade e, portanto mais acessível à integração de diferentes grupos sociais.

No quadro 6 que trata do tema da formação educacional, visualizamos realidades bastante distintas, posto que a grande maioria de voluntários do Rio é graduada ou pós-graduada, enquanto em Atenas os níveis de formação escolar são mais mesclados entre os voluntários. Este fato oferece aos organizadores de eventos a possibilidade de direcionamento (mix na linguagem mercadológica) para a comunicação tendo em conta que seu maior público tem níveis de formação bastante próximos.

No quadro 7 podemos verificar que as informações sobre idiomas não obedecem ao mesmo critério de apresentação das respostas, contudo pode-se concluir que em ambos os locais houve expressivo número de voluntários com habilidades múltiplas em idiomas, sendo talvez uma característica típica de voluntariado de megaeventos.

No quadro 8 podemos observar o percentual de voluntários que trabalham, a saber, que no Rio 65,15 % e em Atenas 31,2 % responderam afirmativamente. *A pesquisa de Atenas esclareceu, todavia que a maioria de seus voluntários era de estudantes.*

No quadro 9 encontra-se uma seqüência de circunstâncias motivacionais através das quais houve maior ou menor envolvimento para participar dos Jogos. Podemos notar que esta questão está numerada em escala de 1 para “muito importante” a 5 para “menos importante”. Vamos registrar aqui os 2 tópicos mais importantes para cada um dos Jogos: em Atenas o que mais importou aos voluntários foi “fazer parte de um evento de nível internacional” com 1,27 pontos e o fato de viver “experiência de atmosfera inigualável” com 1,49 pontos. No Rio de Janeiro os 2 tópicos mais motivadores foram “fazer parte de um evento de nível internacional” com 1,66 pontos e “ter a oportunidade de trabalhar numa experiência única” com 1,67 pontos. Em ambas as situações podemos perceber que os valores entre os homens com caráter de fortes emoções têm a mesma força de resposta para a participação voluntária, ou seja, que os grupos sociais são movidos – em sua maioria – por causas comuns a todos.

No quadro 10 são apresentados os meios de comunicação através dos quais os voluntários fizeram uso para inscreverem-se nos Jogos. Em ambos os casos, tanto em Atenas quanto no Rio de Janeiro, a grande maioria de voluntários utilizou a Internet para sua inscrição. Todavia em Atenas a quantidade de voluntários que utilizou o telefone ou fax foi consideravelmente superior ao mesmo item no Rio. Considerando-se que as tarifas telefônicas na Europa são bem mais acessíveis que as brasileiras, este fato torna-se mais oportuno. Com relação às inscrições via correios, observamos que a população da Grécia deve ser mais tradicional favorecendo assim o uso de cartas via correios, algo menos evidente do que no Brasil.

No quadro 11 verifica-se que o tempo médio gasto pelos voluntários para chegar de suas acomodações ao local dos Jogos foi para Atenas em média 53,24 minutos; já no Rio a medição do tempo levado foi medida em percentuais, a saber: 10 min - 8,10 %; 20 a 30 min - 31,13 %; 1 hora - 32,89%; e 2 horas ou mais - 20,85%. Ou seja: no PAN 2007, os voluntários gastaram mais tempo - em média - em trânsito do que em Atenas, refletindo assim as condições de transporte público e privado de menor eficiência habitualmente revelada com relação ao Rio de Janeiro.

No quadro 12 registra-se o tempo de trabalho por dia dedicado aos Jogos: em Atenas houve uma média de 7,74 h/dia, enquanto no Rio a média de horas trabalhadas foi superior, pois 52,19 % trabalharam até 8 h/dia e 39,96% trabalharam entre 8 e 15 horas/dia.

No quadro 13 observamos que em Atenas os custos foram considerados positivos por um grande número de voluntários, fato que ocorreu em incidência um pouco menor no Rio de Janeiro.

No quadro 14 são estimados os percentuais de experiência em voluntariado dos voluntários dos Jogos, verificando-se para os Jogos do Rio que 57,35% dos voluntários já haviam trabalhado em funções semelhantes e nos Jogos de Atenas 38% dos voluntários já o haviam sido anteriormente.

No quadro 15, com referência aos Jogos Pan-Americanos, 84,89% dos voluntários crêem que este evento tem grande e duradouro futuro. Nos Jogos Olímpicos de Atenas a cifra desta pergunta é próxima a de Atenas: 79,2%.

Para o quadro 16, apresenta-se a média estimada para a avaliação do Manual preparado para treinamento e orientação dos voluntários em uma escala de 1 para "muito bom" a 5 para "muito ruim". Em Atenas a média foi 1,9 e no Rio um total de 50,28% dos voluntários foram marcados na avaliação entre 1 e 2 pontos.

No quadro 17 a pergunta aos voluntários - eles ou elas - incidiu na importância atribuída ao treinamento para as ações a serem desempenhadas nos megaeventos esportivos da investigação, ao que no Rio 95,35 % disseram ser muito necessário e em Atenas 63,5 % confirmando tal necessidade. Esta discrepância pode ser atribuída em princípio a existência de uma gestão mais eficiente e próxima das ações dos voluntários ocorrida em Atenas, porém esta hipótese requer estudos mais pormenorizados.

Quadro 1 - Sexo

| Pan-Americano Rio 2007 | Atenas 2004 |
|-------------------------------|--------------------|
| Feminino 57% | Feminino 65,2% |
| Masculino 43% | Masculino 34,8 % |

Quadro 2 - Nacionalidade

| Pan-Americano Rio 2007 | Atenas 2004 |
|-------------------------------|-----------------------------|
| 99,56 % Brasileiros | 70,1% Gregos |
| 0,44% Outras nacionalidades | 29,9% Outras nacionalidades |

Quadro 3 - Idade

| Pan-Americano Rio 2007 | Atenas 2004 |
|---------------------------------------------------|-----------------------------------------------|
| 12,67 % têm de 11-20 anos 41,59 % têm de 21-30 | 22,6% têm de 11-20 anos 48,4% têm de 21-30 |
| 17,0 % têm de 31-40 15,85% têm de 41-50 | 17,2% têm de 31-40 5,9% têm de 41-50 |
| 9,8 % têm de 51-60 2,7 % têm de 61-72 | 5,0% têm de 51-60 0,9% têm de 61-70 |

Quadro 4 – Estado Civil

| Pan-Americano Rio 2007 | Atenas 2004 |
|-------------------------------------------|---------------------------------------|
| 68,21 % - solteiros | 84,6% - solteiros |
| 22,23 % - casados | 14,0% - casados |
| 9,29 % - divorciados, separados ou viúvos | 1,4% divorciados, separados ou viúvos |

Quadro 5 – Religião

| Pan-Americano Rio 2007 | Atenas 2004 |
|-------------------------------|-------------------------|
| 70,31 % - cristãos | 72,9 % - cristãos |
| 22,16 % - outros | 4,6 % - outros |
| 7,19% - não responderam | 22,6% - não responderam |

Quadro 6 – Escolaridade

| Pan-Americano Rio 2007 | Atenas 2004 |
|----------------------------------------------------|-----------------------------------------------------|
| 0,38% - ensino fundamental | 9,5% - ensino fundamental |
| 11 % - ensino médio aptos a ir para a universidade | 43,0% - ensino médio aptos a ir para a universidade |
| 67,70 % - graduação | 44,3% - graduação |
| 19,23 % - pós-graduados | 3,2% - pós-graduados |

Quadro 7 – Idiomas

| Pan-Americano Rio 2007 | Atenas 2004 |
|--------------------------------|-------------------------|
| 45,03 % - falam inglês | 44,3% - falam 2 idiomas |
| 21,27% - falam espanhol | 32,1% - falam 3 idiomas |
| 1,33 % - falam francês | |
| 11,91 % - falam outros idiomas | |

Quadro 8 – Trabalho

| Pan-Americano Rio 2007 | Atenas 2004 |
|-------------------------------|------------------------------------|
| 65,15 % disseram SIM | 31,2 % disseram SIM |
| 33,56 % disseram NÃO | A grande maioria foi de estudantes |

Quadro 9 - Numerando em escala de 1 para “muito importante” a 5 para “menos importante”, a escala de motivações para participar de forma voluntária

| Tópicos de Motivações Abordados | Pan-Americano Rio 2007 | Atenas 2004 |
|-------------------------------------------------------------------------|-------------------------------|--------------------|
| Fazer parte de um evento de nível internacional | 1,66 | 1,27 |
| Experiência de atmosfera inigualável | 2,09 | 1,49 |
| Ter a oportunidade de trabalhar numa experiência única | 1,67 | 1,90 |
| Manter minha tradição de prestigiar mega- eventos esportivos | 2,89 | 3,95 |
| Assistir excepcionais performances esportivas | 2,72 | 4,25 |
| Receber reconhecimento e honrarias | 3,54 | 3,39 |
| Fazer parte do Movimento Olímpico | 1,98 | 1,97 |
| Aumentar minha auto-estima | 2,80 | 3,27 |
| Evento de acordo com minhas crenças religiosas | 4,22 | 3,44 |
| Conhecer novas pessoas e encontrar novos amigos | 2,29 | 2,03 |
| Conhecer melhor o povo do lugar e a cultura popular do Rio ou de Atenas | 3,34 | 2,71 |
| Dar alguma contribuição quando retornar a meu país | 2,75 | 2,70 |

Quadro 10 - Meios utilizados para efetuar inscrição nos Jogos com participação voluntária

| Pan-Americano Rio 2007 | Atenas 2004 |
|-------------------------------|-------------------------|
| carta - 0,07% | carta - 27,6% |
| telefone ou fax - 0,28% | telefone ou fax - 11,4% |
| internet - 87,83% | internet - 54,3 % |
| outros meios - 11,82% | outros meios - 6,8 % |

Quadro 11 - Tempo médio para chegar das acomodações até o local de trabalho voluntário

| Pan-Americano Rio 2007 | Atenas 2004 |
|-------------------------------|------------------------|
| 10 min - 8,10 % | Media de 53,24 minutes |
| 20 a 30 - 31,13 % | |
| 1 hora - 32, 89% | |
| 2 horas ou mais - 20,85% | |

Quadro 12 - Tempo de trabalho dedicado aos Jogos por dia

| Pan-Americano Rio 2007 | Atenas 2004 |
|-------------------------------------------|--------------------------|
| 52,19 % trabalharam até 8 h/dia | Média de 7,74 horas /dia |
| 39,96% trabalharam entre 8 e 15 horas/dia | |
| 3,79 % trabalharam acima de 15 horas/dia | |

Quadro 13 - Relação custo-benefício para a estada dos voluntários nos Jogos

| Pan-Americano Rio 2007 | Atenas 2004 |
|----------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------|
| 50,92% disseram ser positiva | 58,8% disseram ser positiva |
| 32,23% disseram ser igual | 35,3% disseram ser igual |
| 16,83% disseram ser negativa (custos dominaram sobre os benefícios). | 5,9% disseram ser negativa (custos dominaram sobre os benefícios). |

Quadro 14 - Você já foi voluntário antes destes Jogos?

| Pan-Americano Rio 2007 | Atenas 2004 |
|-------------------------------|--------------------|
| 57,35% - sim | 38% - sim |
| 42,05% - não | 15,8 % - não |

Quadro 15 - Futuro dos Jogos na opinião dos Voluntários do Esporte

| Pan-Americano Rio 2007 | Atenas 2004 |
|--------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------|
| 0,26% - Jogos Pan-Americanos não têm futuro | 1,4% Jogos Olímpicos não têm futuro |
| 11,24% - Jogos Pan-Americanos têm futuro incerto | 19,5% Jogos Olímpicos têm futuro incerto |
| 84,89% - Jogos Pan-Americanos têm grande e duradouro futuro. | 79,2% Jogos Olímpicos têm grande e duradouro futuro. |

Quadro 16 – Avaliação do Manual preparado para os voluntários em uma escala de 1 para “muito bom” a 5 para “muito ruim”

| Pan-Americano Rio 2007 | Atenas 2004 |
|-------------------------------|--------------------|
| 22,75% - 1 - “muito bom” | Média de 1,9 |
| 27,53% - 2 | |
| 29,62% - 3 | |
| 10,39% - 4 | |
| 5,68% - 5 - “muito ruim” | |

Quadro 17 - Você considera importante o treinamento para as ações a serem desempenhadas pelos voluntários?

| Pan-Americano Rio 2007 | Atenas 2004 |
|--------------------------------------|--------------------------------------|
| 95,35% disseram ser muito necessário | 63,5 % disseram ser muito necessário |

Considerações Finais

Para dar sustentação teórica às conclusões que se seguem, fez-se uma revisão da literatura técnica existente sobre o voluntariado em geral e sobre o voluntariado esportivo, seguindo-se o modelo de pesquisa abordado por Perissé Nolasco com colaboração de DaCosta (2006):

- (1) Os voluntários dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007 e dos Jogos Olímpicos de Atenas 2004, em ambas as cidades declararam ter se engajado visando ao alcance de oportunidades profissionais – Rio 96,27% e Atenas 86,9% -, mas apresentam um elevado índice de adesão a causas de benefícios coletivos, pois no Rio 57,35% já haviam sido voluntários antes dos Jogos e em Atenas 38% também o haviam sido. Ou seja: estes voluntários ajustam-se à concepção alcançada nos referenciais teóricos da pesquisa citada de 2004, de que há normalmente sobreposição de vários propósitos na adesão ao voluntariado esportivo.
- (2) Os fatores motivacionais dominantes quanto ao engajamento dos voluntários nos Jogos foram especificamente: em Atenas “fazer parte de um evento de nível internacional” com 1,27 pontos e o fato de viver “experiência de atmosfera inigualável” com 1,49 pontos; no Rio de Janeiro os 2 tópicos mais motivadores foram “fazer parte de um evento de nível internacional” com 1,66 pontos e “ter a oportunidade de trabalhar numa experiência única” com 1,67 pontos. No contexto destes destaques, constatou-se que “fazer parte do movimento olímpico” é igualmente importante para os voluntários de ambas as cidades.
- (3) Outros resultados submetidos à análise sugeriram coincidentemente que os voluntários esportivos mobilizados pelos Jogos do Rio e de Atenas estariam legitimando suas adesões por razões de pertencimento a realizações de grande significado, associadas à auto-estima. E com relação aos voluntários do Rio tal associação incluiria a possibilidade de trabalho autônomo a ser exercido. Em termos de gestão, o significado provável deste pertencimento auto-referenciado é o da criação de maior responsa-

bilidade a ser assumida de acordo com a percepção dos voluntários do Rio. E como também cultivam a autonomia, o elevado valor atribuído às grandes causas pelos voluntários dos Jogos pode ser interpretado como responsabilidade social.

- (4) A interpretação da responsabilidade social como uma construção em processo pelos voluntários dos Jogos teve respaldo por meio de cifras já mencionadas no item (1) anterior, para o Rio com 57,35% que já trabalharam como voluntários antes dos Jogos e para Atenas com 38% que também já haviam sido voluntários antes dos Jogos.
- (5) A quantificação de valores na construção do Manual preparado para os voluntários pressupõe ter sido em Atenas mais bem conceituada pelos voluntários do que no Rio, embora tenha havido proximidade de pontuação entre ambas as cidades. Com relação ao futuro dos Jogos, estes têm maior expressão projetiva para os voluntários do Rio, contudo seguidos de perto pelos voluntários de Atenas, sugerindo haver uma dimensão de imaginário social nos megaeventos olímpicos de impacto motivacional entre seus gestores.
- (6) Os dados que tratam dos meios utilizados pelos voluntários para realizar a inscrição nos Jogos, confirma que a Internet é um instrumento de elevada consideração no Rio de Janeiro e talvez no Brasil como um todo. Em se tratando do tempo médio levado para se chegar ao local das provas, com os voluntários de Atenas consumindo menor tempo do que os do Rio, sugere-se que o número de voluntários no Rio possa ter sido inferior à necessidade do evento, provocando assim uma carga horária maior a ser cumprida.
- (7) O perfil de voluntário comum à Atenas e ao Rio que introduz parâmetros de mobilização de voluntariado para futuros megaeventos define-se por indivíduos com até 40 anos, que falem diversos idiomas e que tenham nível médio completo em termos de educação.

Finalmente, a par destas conclusões e em atenção a um dos principais objetivos desta pesquisa, cumpre focalizar os impactos discerníveis para a mesma como legado a ser incorporado ao esporte e à sociedade brasileira. Assim, ao longo desta, surgiram diversas confirmações sobre a necessidade de gerar e organizar o conhecimento sobre o voluntariado esportivo, sobretudo no que concerne ao seu valor social e econômico.

Esta recomendação é especialmente válida tanto quanto a contribuição para causas sociais e filantrópicas como também em projetos esportivos de grande porte, que implicam em impactos importantes com significados financeiros e sócio-culturais (Jogos Olímpicos, Jogos Pan-Americanos, Campeonatos Mundiais, etc.).

E em termos práticos, o aperfeiçoamento do questionário desta investigação e a implementação de novas pesquisas sobre o voluntariado esportivo e sobre a sua gestão, constituem tarefas futuras que podem complementar e agregar mais valor ao conhecimento dos megaeventos esportivos e seus legados.

Referências

- ADAM, C., *Athens-2004 Volunteer-Survey*. Mainz: University of Mainz, 2005.
- BARRY, C. e Lang, M.A *Report on Multimedia and Web Technique Usage in Ireland*. Galway: National University of Ireland, 2000.
- BING,L., AKINTOYE A., EDWARDS P.J. e HARDCASTLE, C., Perceptions of positive and negative factors influencing the attractiveness of PPP/PFI procurement for construction projects in the UK- Findings from a questionnaire survey. *Engineering,Construction and Architectural Management*, Volume 12, Number 2, February 2005, pp.125-148.
- DACOSTA, L.P. (Org) *Atlas do Esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005, pp. 793 - 795. Edição on line em www.atlasesportebrazil.org.br
- PERISSÉ NOLASCO, V. *Gestão de Voluntariado do Atlas do Esporte no Brasil sob o perfil de adesão dos colaboradores, editores e patrocinadores*. Dissertação de Mestrado em Educação Física. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho (orientação de DaCosta, L.P.), 2006.
- PERISSÉ NOLASCO, V. Voluntários em eventos esportivos e Jogos Olímpicos. In: MORAGAS, M. e DACOSTA, L.P. (Orgs), *Estudios Olímpicos en España y Brasil*. Barcelona: CEO-Universidad Autònoma de Barcelona, 2007, pp. 663 – 670 (En cooperación con Editora Gama Filho – Rio de Janeiro).

O Programa de Gestão de Voluntários Técnicos do Remo Para os Jogos Pan-Americanos Rio 2007

Andréa D'Aiuto
Júlio Noronha
Confederação Brasileira de Remo / RJ

The program of management of technical volunteers of rowing for the Rio 2007 Pan American Games *The objective of this study was to recover the memory and re-analyze procedures, means and results of the training of volunteers in rowing disciplines (Brazilian Rowing Confederation program for volunteers) during the 2007 Pan American Games in Rio de Janeiro. These volunteers worked with other technical volunteers (n= 64). An evaluation took place after 18 months of selection and training. The results showed that the key difference for sports mega events is the specific training to the management of people, the excellence of the actions taken and the exclusive focus on the results. It was possible to conclude that the planning experience in the case of the management of technical volunteers in rowing proved to be essential and unique for the development and the engagement of the volunteers. It became then a legacy which was constructed in terms of process but intangible in terms of social effects.*

O objetivo deste estudo é recuperar a memória e re-analisar procedimentos, meios e resultados do desenvolvimento do voluntariado participante do Programa da Confederação Brasileira de Remo que atuou com voluntários técnicos na modalidade do remo nos Jogos Pan-Americanos Rio 2007 (PAN Rio 2007).

Nestas condições, a abordagem a ser apreciada inicialmente prende-se aos conceitos de legado e de voluntário esportivo, nexos teóricos ainda em debate e em busca de consistência no viés da prática. De forma consensual neste saber em construção há freqüentes convergências de opiniões quanto à existência de legados tangíveis e intangíveis (POYTER, 2006). Neste âmbito de compreensão, pretendemos que os voluntários representem um legado intangível uma vez que tais indivíduos levam suas vivências e conseqüentes aprendizados para a sociedade na qual estão inseridos, algo ainda carente de mensuração. Haveria portanto, um legado social no trabalho voluntário por vezes reconhecido mas nem sempre capaz de ser caracterizado.

No caso da Confederação Brasileira de Remo (CBR) nos estágios antes e durante o PAN Rio 2007 esta possível caracterização fez-se presente pela via da gestão diante dos resultados obtidos pelo treinamento e ações de voluntários. Estes constituíram um grupo selecionado pela CBR visando à edição dos XV Jogos Pan-Americanos, realizados em julho de 2007 - nos quais, um total de 15.000 pessoas atuaram em trabalho voluntário - fazendo parte da força de apoio ao Comitê Organizador Rio 2007 (CO-RIO). A base desta experiência apoiou-se teoricamente no Atlas do Esporte no Brasil, capítulo "Voluntariado no Esporte" (D'AIUTO, 2005), no qual há registros de que eventos esportivos são oportunidades de se atrair pessoas para o trabalho voluntário, já que esta prática é ainda irrisória no Brasil (apenas 7% dos jovens brasileiros praticam algum tipo de trabalho voluntário) pois a cultura de voluntariado neste caso seria setorial nem sempre transferível para a sociedade em seu todo.

O pressuposto do Atlas do Esporte no Brasil (DACOSTA, 2005) é que o setor esportivo nacional é um dos tais repositórios de voluntariado citando-se como

exemplo os clubes brasileiros que na maioria tem funcionado com trabalho não remunerado desde o século XIX, como também ocorreu com a Associação Cristã de Moços (ACM) em seu desenvolvimento no país desde o início do século XX (3000 voluntários em 2005); com os filiados à Hora da Ginástica (décadas 1930-1970); e com o Movimento Esporte para Todos (1979 – 1988) que reuniu nove mil monitores e gestores locais sem remuneração. Assim sendo, em termos de megaeventos esportivos, esse apoio não se refere somente às tradições do esporte – quer no exterior ou no Brasil – mas, sobretudo à estratégia de gestão de grandes eventos já que não se viabilizam sem a colaboração dos voluntários.

Ainda segundo DaCosta (2005) no Atlas, dando referência ao documento oficial do COI (Olympic Games Terminology, 2004), voluntários são membros não remunerados do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos – COJO e são gerenciados por este Comitê. No PAN Rio 2007, os voluntários ficaram sob a supervisão e gerenciamento do CO-RIO, em condições portanto similares aos COJO. Ao analisarmos a questão do gerenciamento destes voluntários, à vista dos objetivos do presente estudo cabe relatar que não houve uma diretriz única e estruturada na implantação de um programa eficaz para a preparação dos voluntários para atuarem nas diferentes áreas de funcionamento de megaeventos esportivos. Antevendo essa dificuldade, a Confederação Brasileira de Remo, numa atitude inovadora na área esportiva nacional e pioneira dentre as entidades afins, desenvolveu um Programa de Voluntários, tornando-se assim, a primeira Confederação Brasileira a ter seu próprio programa de gestão de voluntários.

Este programa, denominado Programa de Voluntários da CBR, foi lançado no dia 05 de dezembro (data em que se comemora o Dia Internacional do Voluntário) no ano de 2005, na sede da Confederação (Lagoa Rodrigo de Freitas, Rio de Janeiro). A preocupação na atuação dos voluntários nos aspectos técnicos pertinentes à modalidade de remo deu formato à estruturação e à elaboração do programa e também à sua operacionalização. O foco principal foi posto no desenvolvimento integral desses indivíduos, utilizando as ferramentas e conceitos da gestão de pessoas ou gestão de recursos humanos, priorizando a capacitação específica e treinamento para as funções pertinentes às competições previstas para o megaevento Pan-americano.

A premissa principal foi de formar um corpo permanente de voluntários ligados à Confederação para atuarem com eficiência nos eventos, especialmente o PAN Rio 2007. A missão do programa CBR foi assegurar a implantação da gestão de voluntários, alinhado com a filosofia, valores e objetivos da entidade por meio de capacitação adequada e constante com foco no desenvolvimento integral do indivíduo. O maior desafio no caso foi fomentar a Cultura do Voluntariado, aliada ao processo de formação individual e do grupo, atendendo as necessidades e demandas técnicas e operacionais da modalidade e transferir os conceitos de valores e atributos do Voluntariado em geral para o Voluntariado ligado ao esporte.

Promover o envolvimento da cúpula da CBR e dos seus colaboradores foi fundamental para o bom andamento de todas as fases planejadas. Assim sendo, o Programa de Voluntários da CBR concentrou esforços para servir de referência no cenário esportivo nacional, como modelo eficiente de gestão de voluntários para atuação em eventos esportivos, e para tornar-se estratégico para a entidade e para os Jogos Pan-Americanos Rio 2007, pois a preparação específica do voluntário técnico para atuar na modalidade foi considerada necessária e fundamental para o sucesso do evento na modalidade remo.

Objetivos do Programa de Voluntários da CBR

Ao traçar os objetivos do programa, foi dada a devida importância à preparação do voluntário focada nos treinamentos, nas capacitações e nas vivências práticas, de acordo com as seguintes perspectivas:

- Contribuir para o fortalecimento do voluntariado no esporte;
- Gerar padrão de Voluntariado mais participativo, que promove a cidadania, por meio de capacitação específica, de acordo com a demanda e as necessidades da modalidade;
- Implementar ações que visam o desenvolvimento individual, do grupo e da modalidade;
- Implantar Gestão Profissional no Programa, utilizando as ferramentas de Gestão de Pessoas ou Gestão de Recursos Humanos;
- Fomentar o conhecimento da importância do trabalho voluntário;
- Desenvolvimento integral do indivíduo;
- Aprimoramento técnico e operacional, a fim de conquistar novos conhecimentos, desenvolvendo novos potenciais e comprometendo-se com a qualidade;
- Proporcionar condições para que os voluntários desenvolvam e aperfeiçoem competências fundamentais para o programa;
- Avaliar nos aspectos técnicos e conceituais, possibilitando ações específicas, fortalecendo pontos fortes, minimizando pontos fracos e corrigindo erros;
- Realizar ações de comunicação eficiente, a fim de divulgar, promover e incentivar a adesão dos interessados;- Promover ações diversificadas, com o propósito de difundir os conceitos de voluntariado e a conscientização da importância do programa;
- Gerenciar o programa, objetivando os resultados qualitativos;- Preparar voluntários para exercer efetivamente as funções técnicas da modalidade, designadas pela coordenação do Programa;
- Diagnosticar as reais necessidades da entidade;
- Obtenção de resultados esperados, por meio de avaliação, supervisão e controle;- Promover a Gestão por Competências – reconhecendo a performance individual.

Benefícios Para a Entidade

Ao implantar o Programa, a Confederação foi beneficiada pelo seu pioneirismo e iniciativa, podendo ter o controle autônomo na formação do grupo, no que diz respeito às diretrizes e aos conteúdos repassados aos voluntários. Neste particular, listaram-se os seguintes requisitos de procedimentos:

- Desenvolver programa eficiente na formação (capacitação, T&D) do voluntário que irá atuar na modalidade Remo;
- Gerar “know-how” sobre o assunto;
- Promover a cidadania;
- Agregar valor ao clima organizacional;

- Reforço positivo a imagem da entidade no cenário esportivo nacional;
- Reconhecimento público;
- Credibilidade; Formar facilitadores e multiplicadores do Programa;
- Demonstrar compromisso com o sucesso do evento, restringindo as dificuldades técnicas e operacionais;
- Definir foco de atuação do voluntário.

Benefícios Para o Voluntário

Os indivíduos participantes do programa também tiveram definidos seus benefícios alcançáveis por suas iniciativas. Destacaram-se então os seguintes itens de valorização do trabalho voluntário:

- Experiência ímpar na sua vida;
- Aprendizagem;
- Desenvolvimento de habilidades pessoais e profissionais;
- Desenvolver habilidades técnicas específicas na modalidade;
- Fortalecimento de espírito de equipe;
- Crescimento pessoal;
- Ampliar rede de relacionamentos;
- Valorização do currículo;
- Participar de programa pioneiro;
- Legado humano e social;
- Conhecer previamente a modalidade e o local de atuação.

Compromissos do Programa

Em correspondência com objetivos e benefícios do Programa foram estabelecidos compromissos como se segue:

- Respeitar os princípios e procedimentos definidos e regulamentados pela legislação pertinente;
- Contribuir para o desenvolvimento consciente da sociedade, favorecendo o pleno exercício da cidadania;
- Trabalhar de forma organizada e planejada, utilizando conceitos de gestão, visando os objetivos propostos, estimulando o trabalho em equipe, compartilhando direitos e responsabilidades;
- Avaliar as etapas (fases) do programa, objetivando a interpretação dos resultados;
- Responsabilizar-se por todo o Processo de Recrutamento e Seleção, Treinamento e Desenvolvimento, Avaliação e Supervisão dos voluntários;
- Promover capacitação adequada para o desempenho das funções, desenvolvendo habilidades técnicas específicas;
- Oportunizar vivências práticas na modalidade;
- Manter contato direto e contínuo com os voluntários;
- Mapear todo o Programa, a fim de aprimorar as ações, detectar vulnerabi-

- lidades e reajustar as ações;
- Criação de Termo de Adesão e de Cessão de Imagem.

Estrutura Operacional do Programa

No planejamento da operacionalização, foram instituídas as diferentes fases do programa conforme listado a seguir à vista do plano de ações e cronograma de cada uma delas:

- Concepção e Planejamento
- Implantação
- Desenvolvimento (Capacitações, treinamentos e simulações)
- Execução / Avaliação

Desenvolvimento do Programa

Seguindo a metodologia aplicada no Programa, os treinamentos foram divididos nos seguintes níveis: global, específico da área técnica, específico das funções e tarefas. Através do treinamento, os voluntários técnicos da modalidade remo foram preparados para exercer funções nas seguintes áreas: serviços administrativos na instalação (pertinentes à competição), operações técnicas da modalidade, atuação na área de competição, suporte aos atletas, dirigentes, comissão técnica e arbitragem.

As funções foram divididas em:

1. Apoio à arbitragem:

- Auxiliar no controle de identificação dos atletas
- Auxiliar para a arbitragem de chegada
- Regulador de Rampa
- Segurador de barco
- Auxiliar na pesagem de atletas
- Auxiliar na pesagem de barcos

2. Apoio FOP (Field of play)

- Cronometrista de percurso
- Cronometrista de Torre
- Distribuição de resultados (runner)
- SIC (Sport Information Center)

Objetivos:

- Proporcionar treinamento adequado, otimizando as ações práticas relevantes para a formação do indivíduo, nos aspectos técnicos, operacionais, conceituais e individuais;
- Familiarização com a modalidade;
- Listar habilidades necessárias para a realização das funções;
- Listar atitudes e comportamentos específicos necessários para a

- realização adequada das funções;
- Definir funções – Tarefas (pré, durante e pós evento);
- Definir número de voluntários em cada função;
- Estabelecer tarefas específicas de cada função;
- Determinar os pré-requisitos de cada função;
- Potencializar talentos;
- Fornecer subsídios para a formação do voluntário para atender a um padrão estabelecido pela entidade;
- Desenvolver mudanças comportamentais, concomitante com os aspectos técnicos, abrangendo liderança, comunicação, trabalho em equipe, motivação e qualidade.
- Diferenciais do Treinamento
- Todo voluntário terá conhecimento prévio das funções que irá desempenhar;
- Todos participarão de capacitação específica;
- Conhecimento e compreensão dos aspectos técnicos da modalidade;
- Conhecer a entidade que irá atuar como voluntário;
- Familiarização com o local de competição;
- Compreensão dos conceitos de Voluntariado;
- Compreensão dos Valores do Olimpismo e do Movimento Olímpico;
- Gerar comprometimento dos voluntários com o Programa, por meio de levantamento de expectativas e compromissos;
- Desenvolver conceito de trabalho em equipe;
- Os objetivos gerais do programa são claros e divulgados para os voluntários;
- Conscientizar o voluntário da importância do seu trabalho;
- Desenvolvimento de habilidades técnicas específicas da modalidade;
- Vivências práticas na modalidade;
- Metodologia participativa – envolve dinâmicas de grupo, jogos, vivências, apresentação de filmes, debates e discussões sobre os temas abordados;
- Feed-back constante para os voluntários.
- Conteúdo dos Treinamentos
- Olimpismo e Movimento Olímpico;
- Aspectos sociais, culturais e universais do esporte;
- Jogos Pan-Americanos – histórico, importância no contexto esportivo internacional, edições anteriores;
- Jogos Pan-Americanos Rio 2007 – estrutura, funcionamento e organização
- Rio 2007 – Candidatura da Cidade do Rio;
- Remo nos Jogos Rio 2007;

- Ocorrências médicas no evento;
- Desenvolvimento de equipe – motivação / liderança;
- Conceitos de Cidadania;
- Aspectos legais do Trabalho Voluntário - Legislação no Brasil;
- Direitos e deveres do voluntário;
- Tendências do Voluntariado - Benefícios e vantagens do desenvolvimento do voluntário no esporte;
- Cultura das entidades gestoras do desporto nacional;
- Conhecimento técnico específico e regras da modalidade;
- Funções dos voluntários técnicos do remo e suas respectivas tarefas.

Avaliação do Programa

A fase de avaliação citada nas seções anteriores foi implementada por uma investigação cujo objetivo foi examinar e analisar dados referentes ao treinamento dos voluntários, caracterizando seus resultados diante da atuação durante a realização do PAN Rio 2007. Em princípio levou-se em conta o perfil básico dos voluntários treinados que se submeteram a 40 horas de treinamento, divididos em nove encontros e uma vivência prática e simulação, por ocasião da realização do Evento-Teste em abril de 2007. Os dados de caracterização dos voluntários técnicos do remo no Pan Rio 2007 são apresentados nas Figuras 1 a 6, considerando-se que o número de voluntários técnicos da CBR que atuaram na modalidade no Pan Rio 2007 foi n= 64.

Fig.1 GÊNERO

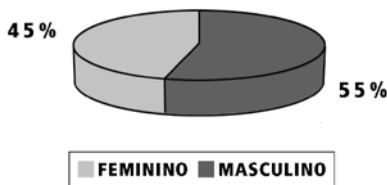


Fig.2 FAIXA ETÁRIA

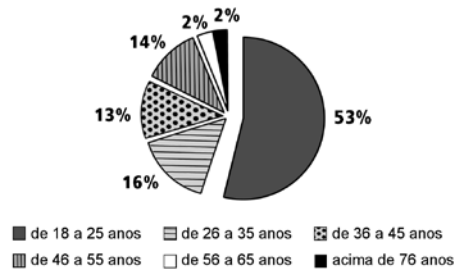


Fig.3 PRATICANTE OU EX-PRATICANTE DE REMO

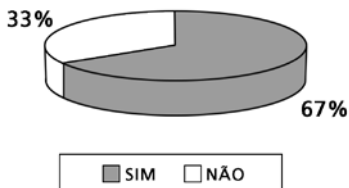


Fig.4 LOCAL DE RESIDÊNCIA

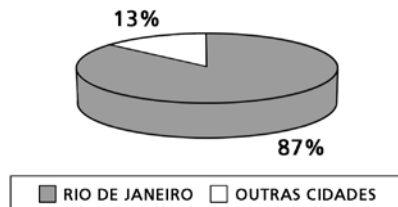


Fig.5 EXPERIÊNCIA COMO VOLUNTÁRIO

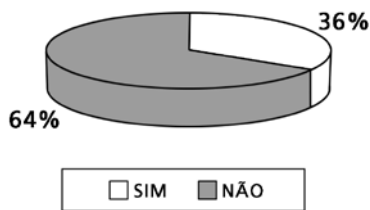
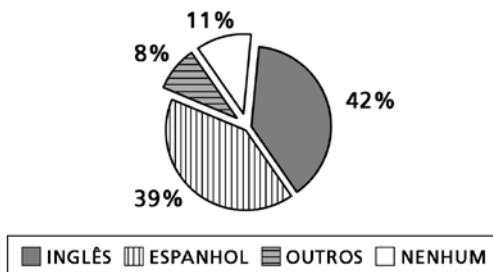


Fig.6 DOMÍNIO DE IDIOMA



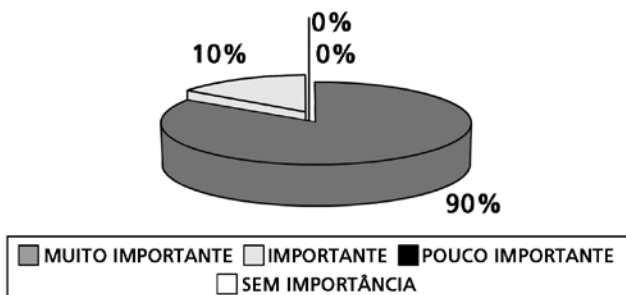
Desenvolvimento da Avaliação

A investigação se deu por meio do levantamento e observação dos pontos estabelecidos e também quanto a importância dos temas abordados na preparação dos voluntários. Pontos observados de comprometimento dos voluntários e de eficiência do treinamento oferecido:

- Evasão – durante todo o período da competição de remo no PAN Rio 2007, que se realizou de 14 a 19 de julho, não houve nenhum caso de evasão de voluntários. A assiduidade e a pontualidade foram controladas por frequência, realizada diariamente.
- Locação nas funções – Todos os voluntários participaram dos treinamentos e estavam aptos a realizar qualquer uma das funções pertinentes. Durante os treinamentos foi possível também, conhecer suas características e atributos pessoais e assim alocá-los nas funções em que os pré-requisitos estivessem de acordo. Não houve desistências e abandonos das funções em nenhum momento dos Jogos Pan-Americanos.

Foram realizadas avaliações dos treinamentos e da importância dos conteúdos abordados para a preparação dos voluntários, por meio de um instrumento (Ficha de Avaliação) criado para mensurar a opinião dos voluntários, quanto ao grau de satisfação com o tema proposto e com qualidade dos palestrantes e sua expertise no tema sob sua responsabilidade, servindo de referência para medir o grau de satisfação dos voluntários no que diz respeito ao treinamento oferecido. Itens analisados (Figuras 7 e 8):

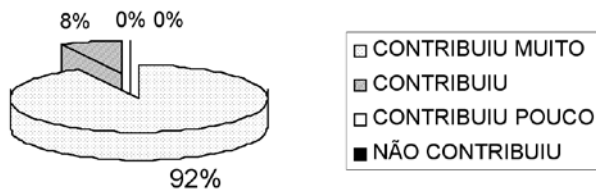
Fig.7 O TEMA ABORDADO É IMPORTANTE PARA A SUA CAPACITAÇÃO?



- O tema abordado é importante para sua capacitação?
- O tema contribuiu para motivar ainda mais a sua participação?

De acordo com os gráficos apresentados, concluiu-se que a maioria dos voluntários percebeu que o treinamento oferecido era muito importante para seu desenvolvimento e aplicabilidade prática, tanto na questão dos temas abordados, quanto na contribuição do tema para motivar sua participação.

Fig 8: O TEMA CONTRIBUIU PARA MOTIVAR AINDA MAIS A SUA PARTICIPAÇÃO?



Considerações Finais

Esta investigação pós-evento foi elaborada a partir da experiência da atuação dos voluntários técnicos da modalidade remo nos XV Jogos Pan-Americanos. O pressuposto de que o treinamento, como parte da preparação integral do voluntário é condição *sine qua non* para o êxito do trabalho foi comprovado, sustentando a eficiência da metodologia em que o programa foi baseado.

Partindo da premissa que voluntários devidamente treinados são o grande diferencial para eventos esportivos, confirmou-se o papel chave de capacitação específica, voltada à gestão de pessoas e aliada à excelência das ações e foco nos resultados. Nestes termos, as etapas da gestão de pessoas (Recrutamento, Seleção, Treinamento e Desenvolvimento) foram respeitadas de acordo com os objetivos propostos pelo programa. A etapa de seleção dos candidatos à voluntários foi fundamental e esteve de acordo com o perfil traçado e com os pré-requisitos necessários para as funções, orientando assim a metodologia dos treinamentos.

Em síntese, pode-se concluir com este estudo que a função planejamento na gestão de voluntários técnicos do remo, mostrou-se essencial e intransferível para o desenvolvimento e comprometimento do voluntariado com o Programa, com a entidade (CBR) e com o evento (Pan Rio 2007), constituindo assim um legado construído embora intangível nas suas repercussões sociais.

Referências

POYTER, G. *Measuring the Olympic effect*. London: University of East London (Working Paper), 2006.

D'AIUTO, A. Voluntariado no Esporte. In: DACOSTA, L. P. Ed. *Atlas do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005, p. 793.

DACOSTA, L. P. (Org) *Atlas do Esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

Voluntariado nos Jogos Pan e Parapan-Americanos Rio 2007: Uma Análise do Setor de Relação e Serviço aos Comitês Olímpicos Nacionais e Comitês Paraolímpicos Nacionais

Rodrigo Fonseca Tadini

UFRRJ

Fernando Costa da Silva

Volunteers in the 2007 Pan American Games and Paralympic Pan American Games: an analysis of the sector of relationship and service to the National Olympic Committees and National Paralympic Committees *Special sports events gather a relevant number of volunteers. In the case of the 2007 Pan American Games and Paralympic Pan American Games, the Sector of Relationship and service to the National Olympic Committees and National Paralympic Committees, which had the support of about 200 volunteers, is an example of this reality. This study analyzes the main aspects related to the preparation and execution of the activities proposed to the Volunteers CONs and CPNs during the 2007 Pan American Games and Paralympic Pan American Games.*

Eventos esportivos especiais estão hoje congregando ao redor do mundo um número cada vez mais relevante de voluntários que realizam diversas atividades e servem de suporte a setores específicos dentro de estruturas organizacionais complexas e de grande porte. No caso dos Jogos Pan e ParaPan-Americanos Rio 2007, o Setor de Relação e Serviço aos Comitês Olímpicos Nacionais (CONs) e Paraolímpicos Nacionais (CPNs), é um exemplo típico da tendência dos megaeventos a se associarem ao voluntariado. A importância deste Setor, que contou com o apoio de aproximadamente 200 voluntários, pode ser avaliada pela missão a eles/elas atribuídas: facilitar a comunicação efetiva e assegurar que todos os CONs e CPNs recebessem informações corretas e consistentes sobre todas as atividades relacionadas aos Jogos.

Assim disposto, o presente estudo objetiva avaliar em linhas gerais a preparação e a execução das atividades propostas aos Voluntários CONs e CPNs durante os Jogos Pan e ParaPan-Americanos Rio 2007. Na investigação produzida foi empregada a metodologia *post hoc*, descritiva e exploratória utilizando como coleta de dados o levantamento bibliográfico, a pesquisa quantitativa¹, a pesquisa qualitativa² e a observação participativa realizada *in loco* com os voluntários no treinamento geral e específico e durante todo os Jogos Pan e ParaPan-Americanos Rio 2007³.

-
- 1 - A pesquisa quantitativa foi realizada através de um questionário estruturado com 30 questões aplicado junto a 48 voluntários do setor de relação e serviço aos CONs/CPNs que atuaram em ambos eventos.
 - 2 - A pesquisa qualitativa utilizou-se de questionário semi-estruturado com 10 perguntas envolvendo uma amostra de 20 voluntários que trabalharam em ambos os eventos.
 - 3 - O autor principal atuou nos Jogos Pan-Americanos na coordenação de 200 voluntários do Serviço de Relação e Serviço aos CONs e nos Jogos ParaPan-Americanos como Assistente de CPNs trabalhando com a delegação do Peru.

Funções do Setor de Relação e Serviço aos CONs e CPNs

O trabalho do setor foi dividido em duas fases. A primeira, que ocorreu antes da realização dos Jogos, chamada de Relações com os CONs/CPNs, teve como objetivos operacionais: facilitar a comunicação entre membros dos Comitês por meio da elaboração, produção e envio do Dossiê e do Manual de Chefe de Missão; coordenar o Seminário de Chefes de Missão (Reunião Oficial entre o CO-RIO e os Comitês Olímpicos Nacionais/Comitês Paraolímpicos Nacionais); administrar visitas de inspeção dos CONs e CPNs; coordenar a Reunião de Pré-Registro da Delegação a fim de antecipar quaisquer problemas de credenciamento, alojamento, inscrições dos atletas/modalidades; divulgar os informes referentes ao Status da organização dos Jogos para os CONs/CPNs; elaboração e envio dos Boletins para os CONs/CPNs (informações referentes aos procedimentos e políticas adotadas pelas áreas funcionais do CO-RIO durante os Jogos); envio das publicações gerais de outras áreas funcionais do CO-RIO; promover a seleção e treinamento dos Assistentes dos CONs/CPNs; produção do Manual de Treinamento; Coordenação do treinamento dos Assistentes dos CONs/CPNs.

A segunda fase que ocorreu durante os Jogos, é chamada de Serviços aos CONs/CPNs e caracterizou-se pela alocação de um Centro de Serviço dentro da Vila Pan/ParaPan-Americana que começou a operar na pré-abertura da mesma, aproximadamente no dia 28 de junho de 2007. Dentro do ambiente do Centro de Serviço aos CONs e CPNs coexistiam outras funções importantes para a atuação dos voluntários de serviço aos CONs/CPNs e a integração com outras áreas funcionais dentro da Vila, tais como: Rate Card (serviço de aluguel de equipamentos, TV's, solicitações de serviços de TV a cabo, aluguel de mobiliários, solicitação de aluguel de veículos); Financeiro; Tecnologia; Alimentação; Transportes; Chegadas e partidas; Logística; Serviços de tradução; Uniformes; Serviços gerais. Também foi de responsabilidade do Departamento de Relações e Serviço aos CONs/CPNs o auxílio na chegada das delegações à Vila e a organização diária das reuniões de chefes de missão.

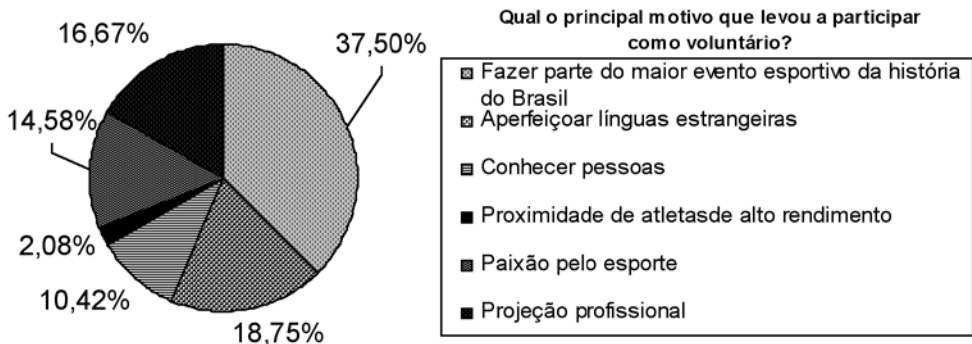
Voluntários CONs e CPNs

Os Voluntários CONs eram na sua maioria do sexo feminino (54,17%), moradores da cidade do Rio de Janeiro (87,5%), solteiros (81,25%), com idade entre 19 e 34 anos (75%), renda familiar superior à R\$ 2.800,00 reais (50%), graduandos, graduados ou pós-graduados em curso superior (89,58%), segundo dados recolhidos pela Pesquisa Voluntários CONs/CPNs – PVC, levada a efeito por Tadini (2006). Este perfil sócio-econômico constituído em dominância por universitários de classe média que falavam no mínimo uma língua estrangeira, sugere que os voluntários CONs/CPNs possuíam um nível cultural diferenciado dos outros setores de voluntariado dos Jogos, facilitando a posição deste grupo como interlocutor entre a organização dos Jogos como um todo e as delegações.

Motivações específicas, identificadas pela PVC, pressupõem razões pelas quais fizeram com que esses voluntários atuassem como assistentes de CONs/CPNs. O gráfico 1 apresenta o “fazer parte do evento” como principal motivo que levou os voluntários CONs/CPNs a participar dos Jogos Pan e ParaPan Americanos. Estes resultados da PVC confirmam o estudo realizado por Mo-

reno (1999) que aponta o sentimento de pertencer ao grupo ou “fazer parte do time” que organiza e trabalha nos Jogos Olímpicos, como a principal motivação dos voluntários de tais eventos. Esta autora dos Estudos Olímpicos salienta que a introdução de uniformes e acessórios (*squeeze*, bandana, *pins*, mochilas) que identificam os voluntários perante outras pessoas fortalece o sentimento de participação de um grupo e tem efeito de atrair novas pessoas para atuarem em eventos esportivos especiais⁴.

Gráfico 1 – Motivação



Fonte: Pesquisa Voluntários CONs/CPNs

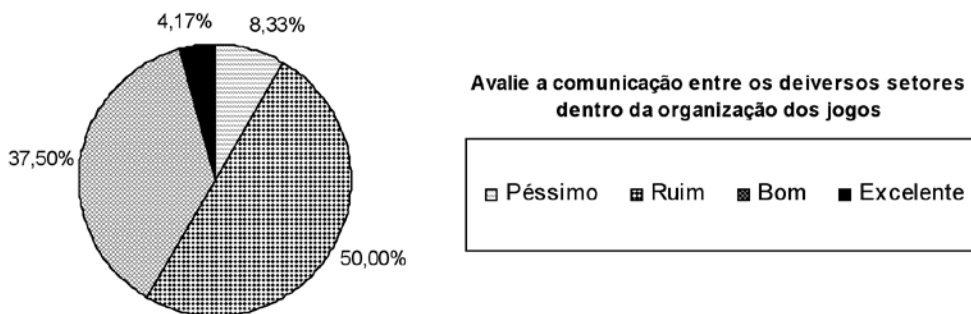
No caso dos assistentes de CONs/CPNs foi possível observar relações entre a motivação, as atitudes, e o perfil sócio-econômico dos voluntários. Segundo Tadini (2006) algumas pessoas buscam tendenciosamente o trabalho voluntário em eventos esportivos na expectativa de aparecer nos meios de comunicação que divulgam o evento. Esse destaque pode conferir a estas pessoas status pela participação e benefícios profissionais futuros. Outro problema comum em eventos esportivos internacionais são os voluntários que buscam turismo, festas e entretenimento no ambiente das competições. Essas situações puderam ser observadas principalmente nos Jogos Pan Americanos, cuja presença da mídia foi maior, os atletas eram mais conhecidos, e o tempo disponível para atividades extras envolvendo membros das delegações e voluntários era facilitado por se tratar de recesso universitário. Tais fatores ajudam a explicar excessos cometidos por voluntários no desempenho de suas atividades como: falta de comprometimento com horários, perturbação a atletas em busca de autógrafos, fotos, *souvenirs*, material esportivo, convites para festas e relações amorosas, utilização de áreas restritas a atletas, comissão técnica e convidados especiais na Vila Pan-Americana e em outras áreas funcionais.

Contudo, cabe ressaltar que o fato da maioria dos voluntários estarem de férias das suas principais atividades diárias e trabalharem por períodos de trabalho superiores às 8 horas previstas pelo CO-RIO, facilitou o atendimento às necessidades das delegações referentes à montagem de infra-estrutura na Vila, compra de materiais esportivos e outros produtos, agendamento e confirmação de saídas para áreas de treinamento e competição, acompanhamento nas ceri-

4 - Segundo dados da Pesquisa Voluntários CONs/CPNs, apenas 18% dos entrevistados desaprovaram o uniforme utilizado nos Jogos Pan e ParaPan-Americanos Rio 2007.

mônias oficiais, alimentação e turismo⁵. A mesma variável (tempo disponível) favoreceu o contato constante com os voluntários das outras áreas funcionais, com os trabalhadores contratados pelo CO-RIO, empresas terceirizadas, Força Nacional e Polícia Federal, com o setor de transportes e logística da Prefeitura da Vila. Essa proximidade com os vários setores dentro da organização dos Jogos precipitou a percepção de problemas referentes à comunicação entre setores, como pode ser observado no gráfico 2 – construído tendo a PVC como fonte - que aponta para 58,33% dos voluntários CONs/CPNs que consideraram a comunicação entre os setores “ruim” ou “péssima”.

Gráfico 2 – Comunicação entre setores



Fonte: Pesquisa Voluntários CONs/CPN

De acordo com alguns entrevistados, essa avaliação negativa é referente, num primeiro momento, às dificuldades enfrentadas para a resolução de problemas referentes à chegada, credenciamento e hospedagem das delegações. Vários dos procedimentos de *check-in* nos apartamentos da Vila Pan-Americana foram definidos quando as delegações de alguns países já estavam esperando para ocupar as unidades habitacionais, situação que gerou impaciência e discussão entre atletas, voluntários, chefes de missão, logística e prefeitura da Vila. Soma-se a isso, o fato de muitos apartamentos e escritórios não estarem atendendo as especificações previamente estabelecidas pela Organização Desportiva Pan-Americana (ODEPA)⁶.

No decorrer do evento, a falta de procedimentos definidos quanto ao acompanhamento das delegações às cerimônias oficiais - como as de boas-vindas, abertura e encerramento dos Jogos, o elevado número de informações desconstruídas que dificultavam a tomada de decisão em momentos chave como a entrega da alimentação aos atletas e o transporte para as áreas de competição, a ausência de critérios que definissem corretamente que áreas poderiam ser ocupadas pelos voluntários durante a execução de suas tarefas -, transformou-se em entraves diários dos voluntários CONs/

5 - Quando perguntados se a delegação com a qual trabalhou ficou satisfeita com a organização geral dos Jogos Pan e Para-Pan-Americanos Rio 2007, 20,83% dos voluntários CON/CPNs considerou que a delegação ficou “muito satisfeita”, 43,75% disseram que a delegação ficou “satisfeita” pois o evento atendeu as expectativas e 35,42% relataram que “a organização gerou insatisfação” em alguns pontos do evento.

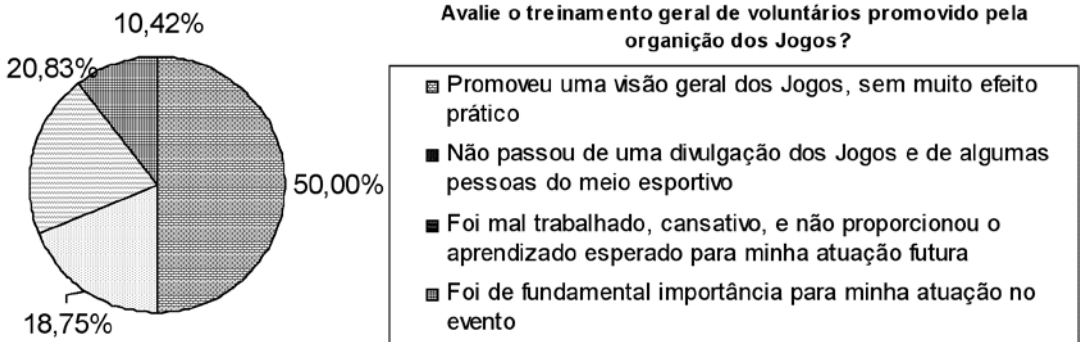
6 - Muitos voluntários relataram problemas referentes à falta de energia, ar condicionado, filtros, telefones, conexão de internet, carpetes, entre outros equipamentos.

CPNs que algumas vezes entraram em desacordo com suas equipes, superiores, Força Nacionais, voluntários de outras áreas funcionais, membros do CO-RIO ⁷.

Muitos problemas que dizem respeito à comunicação entre setores poderiam ter sido solucionados mediante um melhor projeto de treinamento dos voluntários que promovesse uma maior integração entre as diversas áreas funcionais e o entendimento da importância de cada grupo específico de voluntários para a sinergia na execução de todas as atividades previstas no planejamento⁸. Farrell et al. (1998) argumenta que organizadores de eventos esportivos precisam entender os motivos da participação dos voluntários a fim de “atender efetivamente as necessidades de gerenciamento nas áreas de recrutamento, retenção de voluntários e operações diárias”. E reforça que caso os voluntários sejam gerenciados de forma apropriada, todo o investimento empregado nesse processo poderá gerar retorno para a manutenção de uma base consistente de voluntários para eventos futuros.

Cabe ressaltar, que de acordo com os voluntários CONs/CPNs consultados, os erros no programa de treinamento do CO-RIO não estavam concentrados na falta de capacitação dos facilitadores ou na qualidade do manual de treinamento oferecido, mas sim na insuficiente carga horária de treinamento e nos procedimentos de comunicação via Internet. Aproximadamente 55% dos voluntários CONs/CPNs consideraram a comunicação via Internet e a carga horária do treinamento “ruim” ou “péssima”. Outra informação importante relata que quase 1/3 dos voluntários CONs/CPNs não tiveram acesso ou não leram o texto de treinamento de hospitalidade produzido pelo CO-RIO com o auxílio do Instituto de Hospitalidade, situação que prejudicou a compreensão prática de importantes temas relacionados a eventos esportivos internacionais como hospitalidade, turismo, marketing pessoal e etiqueta e comunicação. Os gráficos 3 e 4 apresentam a avaliação dos voluntários CONs/CPNs quanto ao treinamento geral e específico, todavia tendo como fonte a PVC.

Gráfico 3 – Treinamento Geral

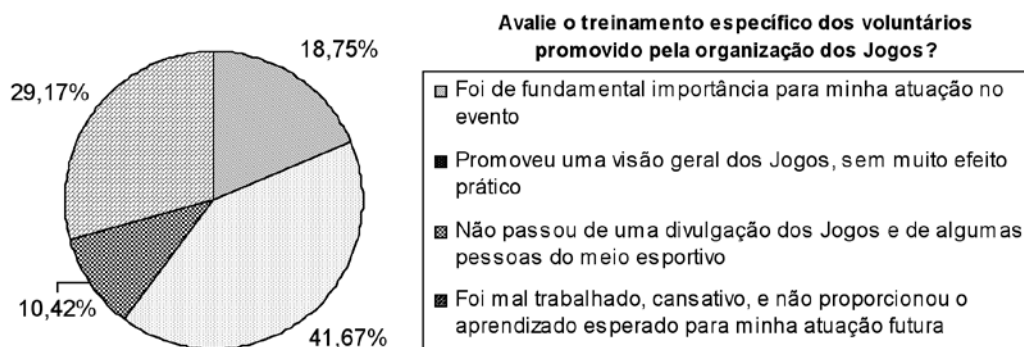


Fonte: Pesquisa Voluntários CONs/CPNs

7 - Durante os Jogos foram relatados várias discussões entre voluntários CONs/CPNs e voluntários de outras áreas funcionais/Força Nacional/CO-RIO devido falta de entendimento da maioria destes a respeito dos limites de atuação dos assistentes de CONs/CPNs.

8 - Na opinião de 50% dos voluntários CONs/CPNs o resultado prático do treinamento na execução das tarefas foi “ruim” ou “péssimo” (Pesquisa Voluntários CONs/CPNs)

Gráfico 4 – Treinamento Específico



Fonte: Pesquisa Voluntários CONs/CPNs

O treinamento geral foi estruturado de forma a demonstrar aos voluntários a importância estratégica de sua atuação para o andamento de ambos os Jogos; a relevância social e econômica dos Jogos para a cidade do Rio de Janeiro e do país; a história dos Jogos Pan e ParaPan-Americanos; a campanha para a conquista do direito a sediar os Jogos; a apresentação das áreas funcionais, da infraestrutura de transportes, direitos e deveres dos voluntários, modalidades esportivas participantes do evento, pictogramas, mascote, uniformes, identificações, slogans e patrocinadores. Contudo, a grande quantidade de informações a serem transmitidas, o deslocamento de várias pessoas de lugares afastados da cidade-sede do evento para um treinamento de apenas 3 horas, e a grande margem de tempo gasto em sessões de fotos com a mascote Cauê e na apresentação da história da captação do Pan pelo CO-RIO, repercutiu negativamente no aprendizado técnico de temas como segurança, transportes, infra-estrutura e respectivamente no efeito prático do treinamento geral durante os Jogos.

Quanto ao treinamento específico direcionado aos voluntários CONs e CPNs, não foram transmitidas aos participantes as diretrizes básicas de atuação dentro do setor de relação e serviço aos CONs e CPNs. A maioria dos voluntários relatou o desconhecimento dos principais procedimentos técnicos do setor para o atendimento das delegações, procedimentos estes que tiveram que ser assimilados na prática durante a execução do evento. Essa situação gerou grande constrangimento para os voluntários CONs/CPNs visto que eles atuavam em contato direto com as delegações e chefes de missão, e que algumas vezes eram questionados sobre determinados assuntos até então desconhecidos, os quais não poderiam ser atendidos com a eficiência esperada. Assim, é importante frisar que a falta de tempo para uma melhor preparação dos voluntários, de critérios de trabalho previamente definidos e integrados com o restante da organização, de liberdade para a tomada de decisão⁹ e principalmente, de respeito com o trabalho dos voluntários CONs/CPNs no exercício de suas funções, resultaram em mobilizações dentro do setor com o intuito de abandonar as atividades, suspensão e descreden-

9 - Segundo pesquisa realizada com os voluntários CONs/CPNs 56,25% dos entrevistados consideraram "ruim" ou "péssima" a sua liberdade para tomada de decisão diante problemas ocorridos em sua área.

ciamento de alguns voluntários envolvidos nas reclamações e perda de controle dos supervisores sob os voluntários quanto à gestão das tarefas¹⁰.

Segundo Cuskelly (2004) um dos grandes desafios dos gestores de eventos esportivos é gerir a motivação e a satisfação dos voluntários, sabendo entender de que forma os voluntários esportivos se sentem recompensados em suas atividades, seja em eventos de curto prazo ou nas instituições em que trabalham. Farrell *et al.* (1998) aponta que o nível de satisfação dos voluntários com toda a experiência dentro de um evento esportivo de grande porte não está simplesmente relacionada com o suprimento de suas expectativas pessoais, mas também, com as condições de trabalho em seu setor e com a postura da organização do evento diante seu esforço. No caso dos Jogos Pan e ParaPan-Americanos, muitos voluntários CONs/CPNs se sentiram desprestigiados pela organização devido a péssima alimentação oferecida no refeitório criado para os voluntários da Vila e com a dificuldade em ter acesso ao transporte gratuito pela concessão do RioCard, promessa feita pelas autoridades do CO-RIO que em alguns momentos foi descumprida.

Nesta perspectiva, demonstrou-se aparente a necessidade de uma melhor avaliação por parte dos gestores dos Jogos Pan e ParaPan-Americanos quanto as formas de melhor recompensar e valorizar o trabalho dos voluntários, visto que as iniciativas propostas – tais como festa dos voluntários, sorteio de ingressos para eventos esportivos e cerimônias de abertura e encerramento, entrega de brindes (*pins*) - não atenderam as expectativas de muitos voluntários.

Cabe ressaltar ainda que no ambiente de evento esportivo, o voluntário deve ser um meio de formação e ampliação do capital social, sendo capaz de contribuir para que o espetáculo aconteça de maneira mais integrada com o ambiente da cidade. E entender esse procedimento é importante, pois aproxima a população local, principal componente do programa de voluntários, do evento como um todo, evitando manifestações locais contrárias ao acontecimento esportivo e à sua organização.

Considerações Finais

O clima proporcionado pelos Jogos Pan e ParaPan-Americanos Rio 2007 constituiu um espaço de experiência e convivência democrática com outras culturas e tradições, já que muitos turistas, nacionais e estrangeiros, visitaram o país. Nesse contexto, o programa de voluntariado do CO-RIO e os voluntários CONs/CPNs buscaram promover ações no sentido de incorporar participação e espírito esportivo, proposições da cultura Olímpica, no intuito de contribuir para fortalecer a imagem do grupo, da cidade e do país frente à comunidade internacional, convergindo para o sucesso na captação de novos eventos no esporte e acontecimentos em diversas áreas. No caso dos voluntários de serviço aos CONs/CPNs, cuja atuação exigiu maior preparação e um nível cultural mais elevado, conclui-se que é importante para megaeventos olímpicos futuros repensar a seleção, o treinamento e a atuação deste importante setor que abrange ações fundamentais para o andamento do evento.

10 - Cabe ressaltar que 83,34% e 89% dos voluntários CONs/CPNs avaliaram respectivamente como positivo, a relação de trabalho com seus supervisores mais próximos e com os voluntários de outras áreas. Por outro lado, 50% dos voluntários CONs/CPNs consideraram a relação de trabalho com a Força Nacional “negativa” ou “péssima”.

O voluntariado em eventos esportivos é um tema amplo para realização futura de estudos no contexto brasileiro. Existe uma série de relações que envolvem o trabalho dessas pessoas dentro da atividade esportiva que ainda encontram-se obscuras, carentes por estudos que contemplem, por exemplo, o desenvolvimento de estratégias de treinamento dos mesmos em eventos esportivos especiais. Importa ressaltar finalmente que um dos lemas seguidos por Pierre de Coubertin, “o importante não é vencer, mas competir com dignidade”, pressupõe que os esforços na gestão de eventos esportivos devem ser empreendidos contemplando um clima de hospitalidade, segurança e bem estar a todos envolvidos, sendo esses valores o verdadeiro legado olímpico tão citado, mas nem sempre compreendido e alcançado.

Referências

- CUSKELLY, G., AULD, C., HARRINGTON, M. Predicting the behavioral dependability of sport event volunteers, *Event Management: In: International Journal*, 2004.
- FARRELL, J.M., JOHNSTON, M.E., TWYNAM, G.D. Volunteer motivation, satisfaction, and management at an elite sporting competition. *Journal of Sport Management*, 1998
- MANUAL DE TREINAMENTO GERAL FORÇA RIO 2007. Rio de Janeiro, 2007.
- MANUAL DE TREINAMENTO ESPECÍFICO – SERVIÇO AOS CONS - FORÇA RIO 2007. Rio de Janeiro, 2007.
- MORENO, Ana. Evolution of the Olympic Volunteers in the Olympic Games. In MACALOON, John. *Volunteteers, Global Society and the Olyimpic Moviment. Simpósio Internacional*, Lausane, 2001.
- TADINI, Rodrigo. *A hospitalidade no processo de capacitação de voluntários em eventos esportivos: Um estudo de caso do Comitê Olímpico Brasileiro*. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Hospitalidade - Universidade Anhembi Morumbi), São Paulo. 2006.

Aplicação de Questionário como Instrumento de Pesquisa sobre Voluntariado Esportivo com Validação por Recepção Contínua e Múltipla

Verônica Perissé Nolasco
Lamartine DaCosta
Grupo de Estudos Olímpicos
Universidade Gama Filho

Application of questionnaires as instrument of research about sports volunteers with validation by continuous and multiple reception *This text aims to report procedures and results about the validation of a questionnaire to the development of research in the area of sports volunteers, with the objective to produce knowledge about motivations and attitudes which can take a group of individuals to devote themselves to volunteer work in the various sports disciplines and the several organizational circumstances.*

Este estudo tem como objetivo reportar procedimentos e resultados sobre a validação de um questionário para desenvolvimento de pesquisas na área do voluntariado esportivo, com vistas à produção de conhecimento sobre motivações e atitudes que levam um grupo de indivíduos a se dedicar ao trabalho voluntário em diferentes modalidades esportivas e circunstâncias organizacionais variadas.

Foram usados para esta investigação metodológica os critérios quantitativos estabelecidos por equivalência com pesquisas que usaram o método de resposta por validade de amostra em universo pequeno de respondentes. A cifra de 10% de validação mínima foi obtida em Barry e Lang (2000), a qual foi estabelecida como referência para respostas ao questionário a ser validado por aplicações continuadas em diferentes eventos esportivos que mobilizaram voluntários para sua realização.

A estratégia metodológica da aplicação do instrumento acompanhou procedimentos anteriores de Bing, Akintoye, Edwards e Hardcastle (2005), condutores de um *survey* de bases similares ao que ora se descreve. Segundo este último estudo, fatores motivacionais de escolha – no caso, opções de seleção de projetos para parceria industrial na Inglaterra – foram formatados como percepções por parte dos respondentes. Tais percepções foram elaboradas por meio de uma seleção feita na literatura técnica correspondente ao tema pesquisado, adotando-se o critério da relevância.

Em 2004, por ocasião da pesquisa realizada por Nolasco e DaCosta sobre e Gestão e as Motivações dos Voluntários do Atlas do Esporte no Brasil, verificou-se a carência de questionário validado para uso em *surveys* na área de voluntariado esportivo, tanto em nível nacional como internacional. Assim sendo, foi criado um questionário que pudesse levantar motivações e atitudes de voluntários em atividades esportivas, projetando-se então um aperfeiçoamento deste instrumento por uso sistemático e com observação sobre a sua recepção por parte dos respondentes. Esta estratégia foi considerada como compatível com os procedimentos de Barry e Lang (2000) e de Bing *et al.* (2005).

A aplicação do questionário desenvolvido com itens relevantes da literatura sobre voluntariado, sobretudo esportivo, transcorreu no período 2005 – 2007 em fases subseqüentes de constatação de respostas mínimas, conforme exposto em seguida:

FASE 1 – A primeira aplicação foi realizada junto aos autores voluntários do Atlas do Esporte no Brasil, 2005; nesta pesquisa, o questionário foi enviado a 410 voluntários via e-mail e se obteve 85 respondentes como retorno. O índice de respondentes equivaliu na primeira aplicação a 20,73%, resultado que legitimou uma nova aplicação do instrumento em outra atividade esportiva.

FASE 2 - A segunda aplicação realizou-se junto ao grupo de voluntários que atuou na Maratona do Rio, evento que ocorreu no Aterro do Flamengo, em junho de 2005. Nesta segunda aplicação, o acesso aos respondentes potenciais se deu em campo durante as tarefas de organização e gerência; ao final do evento para os 93 voluntários houve 22 respondentes, o que gerou um índice de 23,65% de respostas comprovando-se assim utilidade prática do instrumento na área do atletismo.

Cabe deixar em registro que a cidade do Rio de Janeiro nesta fase, encontrando-se às vésperas dos Jogos Pan-Americanos, oferecia possibilidades de estudos voltados para a área de voluntários. O grupo de pesquisas da validação envolvido pelo clima dos Jogos acompanhou a tendência, orientando então os trabalhos do ano seguinte para o megaevento a ter lugar em 2007.

FASE 3 - A aplicação ao terceiro grupo, voluntários que atuaram no Grand Prix de Atletismo do Rio de Janeiro, ocorreu no Estádio Célio de Barros, Maracanã, em maio de 2006, como evento preparatório para os Jogos de 2007. Nesta terceira etapa houve 110 voluntários e a pesquisa foi feita também em campo; houve 97 questionários respondidos, equivalendo a 88,18% de respostas de validação, resultado satisfatório para as expectativas da pesquisa.

FASE 4 – Aplicação do questionário ao quarto grupo de voluntários na área do esporte, no evento do Campeonato Mundial de Boccia de Paralisados Cerebrais realizado em outubro de 2006, em tenda montada na Praia de Copacabana. O evento, também preparatório para os Jogos de 2007, contou com 110 voluntários; o questionário foi aplicado em campo e houve 52 respondentes. Este número gerou uma cifra de 47,27% de respostas, confirmando mais uma vez sua validade agora num esporte não olímpico.

A partir deste evento, a variedade de esportes e de suas situações gerenciais examinadas sugeriram haver condições de aplicação do questionário aos voluntários dos Jogos Pan-Americanos de 2007. Devido ao desenvolvimento dos estudos e sua aplicabilidade, a partir de então a pesquisa contou com o apoio do SESC Rio através de sua Gerência de Esporte e Lazer, e com o apoio do Instituto da Hospitalidade – Instituição responsável pela capacitação *on line* de uma parcela dos voluntários dos Jogos Pan-Americanos através do Ministério do Turismo.

FASE 5 - Aplicação do questionário ao quinto grupo – voluntários dos Jogos Pan-Americanos - em condições pós evento. O instrumento foi remetido via Internet pelo Instituto da Hospitalidade, com respostas geradas automaticamente computadas pela gerência de sistemas do SESC Rio, garantindo a fidedignidade dos números obtidos. O questionário foi enviado a um *mailing* de 10.500 endereços, obtendo-se um número de 1.529 respondentes, gerando assim um índice de 14,56% de respostas, cifra que de acordo com os estudos metodológicos acima citados foi considerada válida e considerada na esfera acadêmica com grau adequado de representatividade.

Em conclusão, os resultados da fase 5 sendo relacionados com um evento de múltiplas modalidades esportivas como também advindos de um número significativo de respondentes, consolidaram a validade do questionário para futuras pesquisas quer com respeito a esportes peculiares ou dispersos em megaeventos.

Referências

BARRY, C. e LANG, M. A. (2000) *Report on multimedia and web technique usage in Ireland*. Galway: National University of Ireland.

BING, L., AKINTOYE A., EDWARDS, P.J. e HARDCASTLE, C. (2005) Perceptions of positive and negative factors influencing the attractiveness of PPP/PFI procurement for construction projects in the UK- Findings from a questionnaire survey. *Engineering, Construction and Architectural Management*, vol. 12, n. 2, february 2005, p.125-148.

8 - Mídia & Marketing **Media & Marketing**

Pesquisa de alternativas de cobertura de mídia: Ciclo de Experiências da Universidade Católica de Brasília – UCB, 2000 – 2008

Paulo César Trindade Vieira
Curso de Educação Física da Universidade
Católica de Brasília
Aylê Salassié Filgueiras Quintão
Curso de Comunicação Social da Universidade
Católica de Brasília

Alternative media coverage: the sporting journalistic experience of the Catholic University of Brasília, UCB, – 2000 / 2008 *The main purpose of this text is to describe the experience of the Sporting Journalistic Coverage Projects. It includes studies, research and alternative coverage of national and international sporting mega-events during the 2000/2008 period, developed by teachers and students of the Catholic University of Brasília, in partnership with the media.*

O texto a seguir tem por objetivo apresentar de forma sucinta o relato da experiência dos estudos, pesquisas e práticas de gestão de coberturas alternativas de mídia de megaeventos esportivos internacionais e nacionais desenvolvidos pela Universidade Católica de Brasília – UCB, no período compreendido entre 2000 e 2008.

Este ciclo de experiências da UCB – até o momento considerado inédito em termos nacionais - tem progredido ao longo dos quase últimos dez anos de práticas de coberturas jornalísticas multimídias de eventos esportivos de modo alternativo à mídia tradicional. O trabalho tem envolvido modos de gestão e operação pesquisados com a participação de estudantes e professores, destacando-se análises de produtos audiovisuais, desenvolvimento de teorias, conceitos e ferramentas para cobertura de eventos esportivos em perspectiva multimídia, apropriação de Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs -, além de treinamento e produção de campo, seguida de pós-produção de multimídia em Jogos Olímpicos e Paraolímpicos, Jogos Pan-Americanos, Jogos ParaPan-Americanos e Copas do Mundo de Futebol. No presente relato serão apenas pontuadas características essenciais de tais experimentações.

Tratando-se de um Ciclo de Projetos de Cobertura Jornalística, fruto de atividades transdisciplinares extraclasse e regulares desenvolvidas na Universidade Católica de Brasília, há o envolvimento de duas disciplinas: Jornalismo Especializado do curso de Comunicação Social e História da Educação Física, do curso de Educação Física. O Ciclo tem tido a chancela de dois laboratórios de pesquisas e desenvolvimento de projetos: o Núcleo de Estudos da América Latina - Nuclam, vinculado a Comunicação Social; e o Laboratório de Informação e Multimídia em Educação Física e Esporte – LIMEFE, do curso de Educação Física. As atividades de ambos laboratórios convergiram

para estudos e cultura multimídia e suas aplicações no sentido formativo dos alunos que aderiram às experimentações de campo e de laboratório.

As primeiras análises de padrões de cobertura de grandes eventos esportivos começaram com o estudo dos Jogos Olímpicos de Sidney - 2000, ambientadas em experiências com novas tecnologias introduzidas na UCB pelo Centro Esportivo Virtual – CEV (PEREIRA, 1998), e de visita técnica ao Centro de Estudos Olímpicos da Universidade Autônoma de Barcelona – UAB, ainda em 2000, o que resultou em numa tese de Mestrado 2002/3 sobre a cobertura televisiva de eventos de grande porte, com atenção especial para Jogos Olímpicos (VIEIRA, 2003).

Outro estudo que ampliou a percepção neste campo da mídia, foi a análise ergonômica do primeiro projeto virtual da FIFA, por ocasião da Copa do Mundo Japão Coréia – 2002 (VIEIRA, 2003), sobre o qual produziu-se monografia que aprofundava a preocupação de Joseph Blater, Presidente da FIFA sobre o que ele chamou de “a nova era comunicações”.

Revelava-se desde então indícios de mudanças no perfil e no comportamento da mídia. Os eventos cresciam em grandeza de planejamento, logística, produção e constituíam-se já num desafio para mídia internacional. Os custos dessas experiências tecnológicas e de conteúdo eram elevadíssimos, e posicionava o segmento de mídia como um dos mais sensíveis dos projetos de megaeventos esportivos, correspondendo a valores que se situavam entre 30 a 40% dos custos globais dos eventos. Por outro lado, o avanço vertiginoso e a renovação das tecnologias em torno das mídias em cada novo evento, colocava essa estrutura de custos, sua logística, aspectos culturais e agentes aí envolvidos em constante luta para desvendar a melhor estratégia de cobertura e de custos.

Os projetos da UCB encontraram e ainda encontram seu espaço entre as coberturas convencionais e as emergentes opções de coberturas alternativas, de caráter pedagógico, resultantes do advento da World Wide Web – WWW. As tecnologias digitais alavancaram oportunidades de se gerar conceitos e modelos novos, metodologias no campo da educação e até experimentações com tecnologias embrionárias. Este fato tem permitido uma variação nas propostas de cada projeto desenvolvido desde que se iniciou na UCB o Ciclo de Coberturas de Eventos Esportivos de Grande Porte, com a ida inédita credenciada de um grupo de estudantes e professores aos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo 2003. Os modelos e conceitos aí desenvolvidos pressupõem experiências e saberes que podem se aplicar em outras áreas do conhecimento.

Análise dos discursos da mídia e ergonomia

Como área emergente, este projeto de análise de cobertura da mídia televisiva dos Jogos Olímpicos de Sidney tornou possível uma abordagem multimídia no campo esportivo em três dimensões:

- a) Registro de Imagens: 340 horas;
- b) Análise de Discurso: Novas metodologias;
- c) Produção e edição de audiovisual para finalidades acadêmicas e profissionais;
- d) Ergonomia de software.

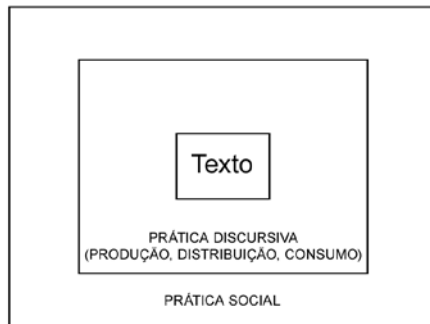
Naquele estágio o que estava em jogo era a apropriação das tecnologias digi-

tais até então inacessíveis em âmbito nacional. Referimo-nos ao final dos anos 1990, quando a grande mídia trabalhava numa perspectiva predominantemente analógica. Estava-se pesquisando no Brasil o uso de máquinas PCs 386 e 496, *laptops*, placas de conversão de sinais analógicos em digital, como também os meios de baixar e armazenar vídeos e áudio em alta definição, o uso de câmeras digitais, organização, classificação e armazenamento em grande quantidade e qualidade de arquivos, com servidores que pudessem dar conta de suportar este tipo de demanda.

Metodologia da fase Sydney 2000

Utilizou-se neste projeto, possivelmente pela primeira vez no campo esportivo, o método de análise de discurso crítico, desenvolvido pelo pesquisador inglês Norman Fairclough (2001), para identificar e discutir casuísticas aplicadas ao jornalismo esportivo brasileiro (Fig. 1). Este método apoiou os registros e produção acadêmica dos laboratórios da UCB relacionados ao Projeto Sydney 2000 e seus posteriores desdobramentos.

Figura 1 – Concepção tridimensional do discurso segundo adaptação de Fairclough (2001) por Vieira, PCT (2003)



O método de “Análise de Discurso Crítico - ADC” permite a criação de eixos conceituais de fundamentação para análise e aplicação objetiva aos fatos que acontecem nos veículos de comunicação. Comprovou-se por revisões da pesquisa ser reduzido o número de trabalhos desta natureza frente à quantidade de programas esportivos veiculados pela mídia. Horas de programação não quer dizer horas de informação e formação adequada ao campo esportivo.

Como os conteúdos relativos ao material analisado revelavam fragilidade em seu *corpus*, concluiu-se que deveria haver mais discussões sobre esses temas entre os agentes envolvidos na produção de eventos de grande porte, inclusive na nova lógica dos “legados” (benefícios de médio e longo prazo advindos de impactos produzidos pelo evento).

Categorizar e classificar constitui-se esforço que merece discussão mais aprofundada do fenômeno do esporte na TV. Os atores do esporte necessitam compreender e compartilhar da formatação do produto televisivo. Tal compreensão é um desafio importante para o séc. XXI, pois os agentes envolvidos no esporte ainda trabalham pouco de forma sinérgica e isto gera distanciamentos de pontos que devem ser tratados convergentemente. Pierre Bourdieu (1997) chamou essa questão de “caixa preta” da mídia.

Análise ergonômica da Copa do Mundo - Japão - Korea 2002

Este outro trabalho relacionou-se ao primeiro projeto virtual da FIFA e analisou a primeira cobertura de “Copa do Mundo” via Internet – Coréia/Japão, 2002. Inserido no âmbito do esporte telespetáculo, este evento de futebol está entre os maiores do mundo na área de esportes. O objetivo do Projeto foi identificar e estudar eventos discursivos e características ergonômicas do projeto da página de Internet produzido pela parceria FIFA/Yahoo, que compôs em tópicos do mix de cobertura da mídia do mais importante acontecimento esportivo de 2002.

A metodologia agora se caracterizava pela “originalidade” da pesquisa, cruzando impressões sobre o dito (textos), as imagens apresentadas em fotos, gráficos e figuras, todas impressas, e na íntegra num CD-Rom (todo o portal). Para os conteúdos, utilizou-se da ADC (FAIRCLOUGH, 2001), aplicando-se as etapas previstas na investigação e respectivas práticas observadas. Por outro lado, recorreu-se a análise ergonômica utilizando-se o instrumento de inspeção desenvolvido por Silva (2001) e adaptado para análise de páginas de Internet em 2003. Esses estudos de análise ergonômica dos então chamados Programas Educacionais Informatizados – PEI, como vinham sendo chamados no meio acadêmico, promoveram uma aproximação das investigações de Bastien e Scapin (1995), que preocupados com a interação homem-máquina estabeleceram critérios de avaliação de interfaces ergonômicas que motivam os estudos dos laboratórios e curso envolvidos no Ciclo de experimentações da UCB.

Os resultados apontaram poucos trabalhos produzidos no campo e pontuaram as intenções dos organizadores da Copa do Mundo Japão/Coréia, em cujo foco central predominava a promoção do ideário do “*Fair Play*”, coincidindo com os propósitos preconizados pela FIFA.

Do ponto de vista ergonômico, o portal da Copa FIFA./Yahoo/2002 não obteve pontuação mínima (70) para sua aprovação para o uso didático e acadêmico (total de pontos obtidos, 69). Embora muito informativo e com bons conteúdos, a distribuição de itens considerados “ok” (pontuação => 8) apresentam apenas 3 itens dos 15 analisados. Estes itens dizem respeito a aparência, conceitos, cores e legibilidade. Identificam-se ainda 5 itens que podem melhorar (>5=<8) e 7 que foram considerados ruins notas (>=0<5).

Entre outras conclusões o estudo em pauta confirmou a teoria de Virilio (1994), para o qual a “*máquina da visão*” não pode mais submeter o tele (espectador) a uma “*interpretação automática do sentido dos acontecimentos nos domínios da produção industrial...*”, sugerindo que a interatividade deva ser mais madura, intensa e “*transcender o contorno das formas*”. A Figura 2 apresenta a planilha utilizada para análise do portal com os números que traduzem os dados ora interpretados.

Figura 2 – Instrumento de inspeção aplicado à análise de “World Cup 2002”, adaptado a partir de Silva (2003), in VIEIRA (2003).

| INSTRUMENTO DE INSPEÇÃO | | | |
|-------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------|------------|
| Nº | Questões | Pontos | Resultados |
| 1 | Os textos apresentados na tela estão bem visíveis e são claros | 7 | melhorar |
| 2 | A apresentação das telas favorece a navegação para compreensão do conteúdo | 6 | melhorar |
| 3 | O uso de cores favorece a legibilidade | 10 | Ok |
| 4 | Os ícones ou comandos são explicados claramente | 4 | ruim |
| 5 | A estrutura das páginas do Sítio é de fácil compreensão | 5 | melhorar |
| 6 | O usuário tem acesso a todo o conteúdo a partir de todas as páginas | 2 | ruim |
| 7 | O conteúdo está conceitualmente correto | 10 | Ok |
| 8 | As animações favorecem a compreensão do conteúdo do programa | 2 | ruim |
| 9 | Existe canal de comunicação facilitado para o usuário | 1 | ruim |
| 10 | Possui ajuda on line | 0 | ruim |
| 11 | Existem mensagens de erro para o usuário | 2 | ruim |
| 12 | Fornece seqüências explicativas para respostas não adequadas | 5 | melhorar |
| 13 | As telas são atraentes e o uso de ilustrações é satisfatório | 8 | Ok |
| 14 | A diagramação da tela é adequada quanto à colocação de títulos, figuras, textos e comandos. | 5 | melhorar |
| 15 | Os recursos sonoros são adequados | 2 | ruim |
| Nº Total | Escala | | |
| 3 | OK | >=8 | |
| 5 | melhorar | >=5<8 | |
| 7 | Ruim | >=0<5 | |
| Final | | | |
| 69 | | | |
| Reprovado: | O Sítio não está Adequado | Fonte: Adaptado de Silva, C. 2001, por, Silva C., 2003 | |

Ciclo de Coberturas de Eventos Esportivos de Grande Porte ¹

Os primeiros projetos do Ciclo da UCB configuravam mais iniciativas exploratórias nacionais, como os Jogos Indígenas de Palmas (Brasil), o Mundial de Tênis de Cadeiras de Rodas, a etapa Brasileira de Vôlei de Praia, Campeonato Brasileiro de Canoagem e outros da década de 1990 voltados para uma incursão no mundo da cobertura esportiva especializada. As análises e estudos realizados sobre esses eventos apontaram para um universo muito mais amplo do que se pensava originalmente.

A complexidade de relações da mídia, a grandiosidade dos projetos e mobilização de atletas representando nações ou a trans-fronteirização desses tipos de eventos, levantou outra questão: o esporte como instrumento de conagraçamento de culturas e povos, como idealizou Coubertin, constituía-se num cenário trans-territorializado e portador de múltiplos valores humanísticos, mediado pelo esforço da mídia e seus agentes.

Na medida em que os eventos transcendiam os limites do esporte e a perspectiva da lógica de mercado percebeu-se que os valores em causa eram de pouco conhecimento. Sua tangibilidade decorreria de observações indiretas de um *continuum* de transformações tecnológicas, éticas, ambientais, qualidade de vida e cidadania dentro de uma lógica inclusivista e des-provincializada, voltada para padrões de construção da sociedade em intensa renovação. Configurava-se assim a urgência de projetos com tal alcance temporal, razão porque evoluiu-se do caráter exploratório original para a construção de um Ciclo de projetos.

Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo 2003

O Pan 2003 marcou a condição inédita do maior evento esportivo das Américas ter uma universidade em parceria com um veículo da grande mídia credenciada para cobrir os Jogos (mídia impressa e fotografia). No caso, o Correio Braziliense, jornal da Capital Federal que está entre os oito jornais de maior circulação do país, constituiu o vetor de desenvolvimento da experiência. A equipe de cobertura foi formada por 2 jornalistas e 4 estudantes de jornalismo. O projeto desta cobertura propôs viabilizar-se na UCB através da parceria técnica entre os laboratórios Limefe, do Curso de Educação Física, e o Nuclam, do Curso de Comunicação Social.

Nesta nova proposta desenvolveu-se o conceito de **complementariedade** (QUINTÃO e VIEIRA, s.d.), que procurou colocar lado a lado o jornalista experiente, que lida no dia a dia com a realidade do jornal, e os estudantes em experiência de aprendizagem que vão a campo experimentar o ambiente hostil da produção, aplicando aí seus conhecimentos básicos sobre o jornalismo na área esportiva. Esse trabalho teve na retaguarda tanto da Editoria de Base, na Universidade, quanto a estrutura e equipe do jornal parceiro, marcando uma logística fundamental para o projeto.

Entre os resultados da cobertura de Santo Domingo, citam-se ainda:

- Mais de 50 matérias em 25 dias (Correio Brasiliense);
- Aproximadamente 60 horas de imagem para documentário;
- Mais de 6000 fotografias;

¹ - Sidney – 2000: Quinze estudantes de Jornalismo e dois professores foram para os Jogos Paralímpicos de Sidney – 2000. O Projeto surgiu na disciplina de Jornalismo Especializado do curso de Comunicação Social. O Limefe deu suporte no desenvolvimento de argumentos do vídeo documentário e a consolidação dos produtos se deu autonomamente, terminando com produções independentes.

- Boletins de rádio com o uso de Internet e Celular (primeira experiência de conexão via Web);
- Características da Cobertura: On Line e Off Line;
- Banco Itaú: Primeiro parceiro Comercial;
- Uso de programas de teleconferência para reuniões de pauta e problemas da equipe;
- Relatório técnico.

Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de Atenas 2004

A experiência envolveu parcerias com 11 jornais 7 estados brasileiros, duas redes nacionais de televisão, cerca de 750 rádios ligadas ao sistema Radiobrãs, duas revistas e uma plataforma multimídia na internet, alcançando o surpreendente montante de audiência agregada próximo de 1 bilhão de unidades informativas .

De sentido pedagógico, o Projeto propôs-se a qualificar tecnicamente um grupo de futuros profissionais de jornalismo, des-provincializar sua visão de mundo, ao mesmo tempo em que procurava expandir as relações da universidade com a mídia. Entre os principais parceiros do Projeto estavam as editorias de esportes do Correio Braziliense, o Correio Web, de Brasília (DF); Estado de Minas, de Belo Horizonte; Tribuna Universitária e Jornal da Imprensa de Goiânia (GO), mais 11 jornais de sete estados; televisões Record e NBR (nacional); Sistema Radiobras (750 rádios); Rádio Nova Aliança, de Brasília; revista Roteiro. Já na Grécia, o Projeto recebeu solicitação de material jornalístico de jornais, revistas, emissoras de rádio, televisões brasileiras e até de periódicos gregos, nos quais o Projeto chegou ele mesmo, inclusive, a ser também notícia.

A realização da cobertura em Atenas 2004, consumiu 1.874 horas de trabalho preparatório e foi precedida do treinamento de uma equipe inicial integrada por cerca de 200 estudantes, dos quais vinte viajaram para Atenas e dez permaneceram na Base. Todos submeteram-se aos estudos sistemáticos de cultura helênica, língua grega, sentido dos Jogos Olímpicos e suas dezenas de modalidades, estrutura institucional responsável pelas Olimpíadas, e treinamento multimídia. Antes de sair de Brasília, o grupo cobriu mais de 40 eventos, nacionais e internacionais realizados no Distrito Federal, relacionados com esportes olímpicos A preparação e a cobertura foram direcionadas para a orientação de uma teoria de cobertura jornalística gerada dentro no Projeto, que foi chamada de *Welfare Journalism*, ou Teoria da Agenda Positiva, e de uma Plataforma Digital de Convergência Multimídia e Inclusão Social, também construída para o Projeto.

A equipe de cobertura do Projeto Atenas da UCB foi dividida entre uma base de produção multimídia em Brasília, no *campus* I da Universidade (Base I), e outra em Atenas, no *Lycée Patissia – Athéne* (Base II). Nas suas três fases – pré-produção (treinamento), Produção (a cobertura em si) e pós-Produção - o Projeto da Universidade Católica de Brasília desenvolveu atividades que se estenderam por 7.200 horas, ao longo de um ano e meio de preparação. O Quadro 1 resume os resultados da fase de produção.

Quadro 1 – Fase da Produção do Projeto Atenas da UCB, 2004

-
- 1 – Jornal impresso (produção bruta): 150 matérias, 60 páginas (55 dias), 105 milhões unid/inform
 - 2 – Revistas (produção bruta): 7 matérias, 75 mil unid/Infor
 - 3 – Fotografia: publicadas: 110 fotos, 55 dias, 77 milhões unid/infor
Produção bruta: 10.500 fotos (acervo do Projeto Atenas-UCB)
 - 4 – Rádio: veiculadas 150 matérias, 603.7 milhões unid/inform
Produção bruta: 200 hs/programação experimental com finalidade acadêmica
 - 5 – Televisão: veiculado 50 matérias
Produção bruta: 65 matérias (150 minutos), 168,7 milhões unid/inform
 - 6 – Documentário: 75 horas de imagem para documentários em produção do Projeto Atenas
 - 7 – Portal Multimídia do Projeto Atenas (Plataforma de TV, radio, foto, revista e jornal digitais)
-

Passadas a primeira e a segunda etapas, entrou-se na fase de pós-Produção, que vem se desenvolvendo lentamente na atualidade devido à falta de recursos. Foi prevista a produção de cinco documentários para televisão, dois livros, exposições, a organização de um banco de dados e, provavelmente, um “*kit educação*”, mostrando como o Projeto desenvolveu e como poderá ser realizada experiência similar, descrevendo-se situações que serão úteis ao processo pedagógico, a nível curricular e extra-curricular.

Resultados Pedagógicos

Embora lentos em finalização, os resultados têm sido significativos em termos de processo de pesquisa & desenvolvimento: foram produzidos até a presente data um livro de crônicas do cotidiano da cobertura por um estudante; dois documentários da cobertura; um modelo de treinamento e avaliação pedagógica intitulado “Modelo Randômico”, que vem sendo aplicado na UCB no curso de Jornalismo; um trabalho sobre o Jornalista *Free Lancer* Multimídia; e foi criada na universidade uma disciplina chamada “Convergência Multimídia”.

Welfare Journalism ou Agenda Positiva

As teorias geradas no Projeto tiveram ainda o sentido de reconfigurar a cobertura jornalística dos Jogos Olímpicos, procurando evitar o sensacionalismo - notícia boa é notícia ruim - e dar ao evento um tratamento de confraternização entre países, povos e atletas. Assim, o *Welfare Journalism* é descrito da seguinte maneira:

a idéia do Agenda Positiva, extrapola os limites da expectativa social, ao introduzir a idéia de um jornalismo do bem, propondo uma abordagem limpa, cuidadosa e proativa, sem a necessidade de utilizar-se dos métodos ou objetivos geradas no espaço das técnicas de propaganda. A abordagem da Agenda Positiva preserva os métodos, técnicas, lin-

guagens e formas do jornalismo convencional, com a diferença que um fato considerado prejudicial, pela emulação social negativa que possa produzir, não terá privilégios ou destaque como notícia dentro dessa concepção teórica. ... Recusa-se a ser porta-voz da violência... Jogos Olímpicos e Paraolímpicos são espaços de congraçamento, de alegria, da solidariedade e da emoção, comportamentos tipicamente humanos, e transmitem a idéia de convivência pacífica entre nações, povos e indivíduos” (QUINTÃO E TRINDADE, 2004)

Matriz multimídia digital

Trata-se de uma plataforma de convergência multimídia, operando por meio da Internet, que abriga programas de áudio, imagem, fotos, hipertextos, com o uso tecnologias digitais, que se movimenta através de uma malha de relações entre os veículos do Projeto e a mídia parceira. Esta esquematização deu condições operacionais ao Projeto Atenas 2004 incluindo órgãos da UCB (Nuclam-Limefe, Ascom etc), entidades parceiras e conceitos geradores de relacionamentos tais com jornalismo do bem, sociedade da informação, sociedade civil etc. A posição central da Internet deveu-se à sua capacidade de inter-relacionamento em disponibilidade em tempo integral, alta velocidade e de baixo custo.

Manifesto Olímpico

Embora se tratasse de um Projeto com caráter exclusivamente pedagógico o grupo decidiu produzir um **Manifesto pela Paz** com o sentido de posicionar a equipe dentro de uma perspectiva humanitária e uma postura política lúcida ante a violência e as ameaças de atentados que se registravam naquele momento. O documento foi reproduzido em português e inglês e distribuído em locais públicos, bem como difundido por alguns dos meios de comunicação parceiros. As duas versões do texto foram divulgadas como se segue:

May the weapons rest an eternal sleep! We wish friends with the same intensity that the sun wish for the day, so that the weapon rest forever, that the blood, once dropped for no use in war, come to mark out the immortality in this ceremony of life. And let's all smile; smile as the rising sun, therefore, while the screams of war are silent, we can surrender without fear or restrictions into this celebration of humanity, that well could be forever.

Que os senhores da guerra parem e que todos os conflitos cessem enquanto dura vivo este monumento. Que generais e soldados, guerrilheiros e terroristas, inimigos e combatentes venham se sentar à mesa. Que enquanto dure esta festa da Humanidade, o fantasma da Discórdia e todas as almas se permitam o banquete da Contemplação. Que todas as armas durmam um sonho eterno!!

Erudição necessária: habilidades, domínios e competências

Na primeira etapa do Projeto Atenas 2004 foi realizado um curso de formação cultural, que funcionou aos sábados, e desenvolvidas atividades de treinamento pro-

fissional aos domingos, com 104 horas de trabalho. Participaram desse curso intelectuais e professores eméritos convidados, conhecedores da cultura helênica, e jornalistas experientes na cobertura de eventos olímpicos. Os temas abordados abrangeram questões culturais, olímpicas como também o campo da cultura, da religião, conhecimento do povo grego, a até eventos olímpicos e paraolímpicos. Os alunos frequentaram ainda cursos de língua grega, inglês e espanhol. Ao todo a equipe falava sete línguas, incluindo-se ainda o francês, italiano, alemão e russo.

Desprovincialização

Um dos itens importantes do Projeto foi a proposta de desprovincialização – “cosmopolitismo” no linguajar olímpico - dos estudantes, proporcionando-lhes experiência internacional. Alguns dos integrantes nunca haviam saído sequer do Distrito Federal. Originalmente pretendia-se chegar à Europa por Madrid (Espanha) e viajar para Atenas, atravessando o continente por meio do sistema ferroviário. A idéia era fazer com que os estudantes pudessem conhecer outros países, outros costumes e falassem outras línguas, além de ter contatos com atletas medalhistas dirigentes esportivos dos Comitês Olímpicos e Paraolímpicos internacionais ou mesmo outras personalidades do mundo político e esportivo. Eles tiveram contato, por exemplo, com o campeão mundial dos pesos pesados de Boxe, o lutador Evander Holyfield; com o campeão mundial de futebol pela seleção brasileira, Rivaldo; o campeão mundial de Skate, brasileiro que vive nos Estados Unidos, Bob Burnquist, e vários atletas de destaque do mundo dos esportes.

Copa da Alemanha 2006: Base Proativa de Informação e Documentação Multimídia

O objeto da experiência de 2006 foi o ambiente da Copa do Mundo de Futebol na Alemanha, não propriamente os jogos, mas a festa, particularmente o inédito modelo dos *Fan Fest* e seus efeitos integradores, geradores de bem estar e de momentos de congraçamento e celebração entre povos, esportistas e nações, com prioridade para acontecimentos na Alemanha e no Brasil. Foi uma experiência voltada para a prática do jornalismo do bem estar social *Welfare Journalism* (QUINTÃO e VIEIRA, 2004).

Como objetivo operacional propôs-se testar competências e habilidades proativas de uma Base de Informação e Documentação Multimídia em uma cobertura de evento internacional, com ações no Brasil e no exterior. Trabalhou-se com uma cobertura gerenciada não apenas pela Base Multimídia em Brasília, mas também por uma Base Móvel que circulou pelas 12 cidades sedes dos Jogos. Foi uma cobertura alternativa da Copa, entendendo como tal o cotidiano da vida dos alemães em tempos de Copa, curiosidades sobre os mais de 3 milhões de turistas que visitaram o país no período deste evento, enfim o ambiente do evento, a Copa nas ruas, já que os Jogos tiveram a cobertura direta de mais 20 mil jornalistas de todo o mundo.

A cobertura da Copa 2006 esteve sob a responsabilidade de duas equipes móveis constituída de professores e estudantes: uma em Brasília e outra na Alemanha. O material resultante desse Projeto agregou-se às informações e à documentação existente sobre os eventos anteriores, trazendo aportes novos de conhecimento para o Ciclo de formulações conceituais e de experimentações que estão sendo gradualmente tornadas públicas (Quadro 2).

Quadro 2 – Principais resultados da experiência da Copa 2006

-
- 1 portal multimídia;
 - 70 horas de filmagens: (cidades, monumentos, entrevistas, comportamento e o Brasil na copa);
 - 6 mil fotografias digitais em alta definição;
 - Entrevistas para TV off Line (30);
 - Imagens de jogo do Brasil;
 - Mais de 60 matérias e reportagens.
-

ParaPan 2007: uma Cobertura para a América do Sul

O Pan 2007 em termos de percepção transcorreu com alegria popular, e o ParaPan 2007 com grande emoção. Na premiação o Brasil finalmente no Pan contou 161 medalhas (54 ouros) e no ParaPan, 228 (83 ouros) - o dobro do segundo colocado, o Canadá, com 113 medalhas. No ParaPan, nossos eternos rivais, a Argentina, reuniu 52 medalhas; Chile, Uruguai, Paraguai, marcaram presença com apenas 1 medalha cada um, de prata ou de bronze. Em tese, pode-se dizer que o Brasil selou sua posição como uma potência mundial do esporte, com nítido apoio de sua torcida.

A cobertura jornalística realizada por meio do Projeto da UCB resultou na produção de 152 matérias para jornais, reproduzidas para televisão para rádio, web, envolvendo o Jornal de Brasília, a TV Brasil e o sistema Radiobrás. A novidade da cobertura foi poder entrar, pela primeira vez, no sistema integrado de 26 televisões para a América Latina, via TV Brasil, iniciativa que marcou concretamente a expectativa alimentada nos projetos do Núcleo de Estudos da América Latina da UCB, preocupado com o apoio da mídia ao processo de integração continental por um viés cultural, e com a idéia do reconhecimento de uma cidadania americana, com o nome de americanidade (QUINTÃO, 2008).

O Projeto resultou ainda na produção de dois documentários, 3 mil fotos, e uma exposição de fotografias. A cobertura contou ainda com a presença do Prof. Lunde Braghini, na coordenação editorial. O ParaPan 2007 do Rio foi também o único dos eventos olímpicos e paraolímpicos em que a equipe da UCB foi credenciada oficialmente para os dois eventos.

Rumo a Pequim

O ano de 2008 reserva como grande evento esportivo os Jogos Olímpicos de Pequim, em agosto de 2008. Este megaevento constitui uma reunião da elite do esporte de todo o mundo. Do ponto de vista de agenda jornalística, o Brasil apresenta um retrospecto positivo nos Jogos Pan-Americanos, mas com o desafio de se reabilitar das comprometidas campanhas nas edições de Sydney (2000) e Atenas (2004).

Em 13 de Junho de 2001, durante a 112ª reunião do COI em Moscou, que superou as condições oferecidas por Toronto, Paris, Istanbul e Osaka, a cidade de Pequim, capital da República Popular da China, foi eleita sede dos Jogos Olímpicos de 2008,

oficialmente conhecidos como os Jogos da XXIX Olimpíada. Esta eleição incluiu naturalmente a realização dos Jogos Paraolímpicos.

Hoje a China, por si só representa um desafio de cobertura de mídia por sua cultura bem distinta do mundo ocidental. Em que pese as limitações de comunicação, a República chinesa delimita uma área de quase 10 milhões de km², reunindo cerca de 1,2 bilhão de habitantes. Atualmente o país é a terceira potência comercial do planeta e sua capital, Pequim, abriga uma população de 11 milhões de pessoas. Além de vasta e milenar (4.000 anos), a cultura chinesa é riquíssima em manifestações cotidianas. Os valores tradicionais derivam da versão ortodoxa do confucionismo, o sistema filosófico criado pelo sábio chinês – Confúcio, cujas prioridades existências estão na moral, na política, na pedagogia e na religião.

O Projeto da Universidade Católica de Brasília intitulado “Projeto UCB Beijing 2008” está sendo atualmente desenvolvido pelo Nuclam, vinculado ao curso de Comunicação Social, e constituído de 15 estudantes (máximo dependendo dos resultados dos treinamentos), dois professores e representantes da mídia parceira, visando a cobrir o evento Olímpico e o Paraolímpico. O Comitê Paraolímpico Brasileiro credenciou 10 dos integrantes do Projeto. Para os Jogos Olímpicos há a expectativa de se obter um credenciamento especial, em negociação no momento em que era produzido este trabalho. O credenciamento e apoio poderão vir através da Casa em Pequim, juntamente com a Embaixada da China e do próprio Ministério do Esporte do Brasil, como ocorreu nas edições anteriores. Entretanto, o grupo da UCB tem a característica de realizar coberturas alternativas, o que solicita condições especiais de apoio por vezes não alcançadas pelas potenciais instituições de suporte.

Considerações finais

Em síntese, os relatos anteriores sugerem que as experiências de gestão e operações de mídia alternativa são compatíveis com megaeventos esportivos por serem estes últimos multidimensionais não se restringindo ao espetáculo, alvo prioritário da mídia tradicional. Do lado da cobertura pretende-se que as mídias alternativas são altamente propícias para a realização de experiências pedagógicas de treinamento e formação jornalística a partir da universidade, proporcionando o desenvolvimento de visão e de sensibilidade global e multicultural.

No Ciclo de Projetos de Cobertura Esportiva de Grande Porte mais de 400 estudantes já passaram por treinamentos específicos, dos quais cerca de 150 participaram diretamente de, pelo menos, uma das coberturas, seja no Brasil ou no exterior. A cada evento desses a equipe é renovada, permanecendo apenas a coordenação do Projeto, cuja experiência tem sido o eixo norteador do Ciclo.

O que tem sido proposto, seja dentro do Ciclo ou nos projetos desenvolvidos, tem gerado uma matriz de trabalho, bastante acessível em termos operacionais, tanto na área da Comunicação quanto da Educação Física. O esforço para a realização do Ciclo de Projetos, por sua vez, implica na sua futura repercussão intra e extra UCB na medida em que for possível reavaliar seus resultados e publicá-los.

De uma perspectiva profissionalizante, os resultados desses projetos mostram o potencial que se esvai na Universidade, devido à precariedade das relações externas e vice-versa. Trabalhar com alternativas de mídia representaria portanto em abrir uma porta dos grandes eventos para a melhoria profissional em Educação Física e Jornalismo Especializado. Confirma-se esta assertiva pelo fato de que quase todos os

estudantes que participaram dos projetos aqui relatados são hoje profissionais em pleno exercício na mídia.

Nestas condições, a expectativa gerada pelo Ciclo de Projetos da UCB entre seus gestores é o de apoiar e de se integrar às atividades do Ministério do Esporte, do Comitê Olímpico Brasileiro, das Confederações Esportivas, em adição aos patrocinadores e demais instituições relacionadas aos megaeventos e legados esportivos no Brasil e no exterior, por meio dos conhecimentos técnico-profissionais gerados desde 2000 com o Projeto dos Jogos Olímpicos de Sydney.

Referências

BOURDIEU, P. *Sobre a televisão/ A influência do jornalismo / Os Jogos Olímpicos*, Pierre Bourdieu. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

BASTIEN, J.M.C. & SCAPIN, D.L. *Evaluation a user interface with ergonomic criteria*. Int. J. of Human-/computer Interaction. [online] julho de 1995 [citado em 15 de Agosto de 2000]. Disponível na Internet via world wide web: <<http://www.crim.ca/ãrbastie/criteres.html>>

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Isabel Magalhães, Coordenadora da tradução, revisão técnica e prefácio. Brasília: Editora Universidade de Brasília - UNB, 2001.

QUINTÃO, A. S. & VIEIRA, P. C. T. Teoria da agenda positiva: Nova metodologia para a prática jornalística. *Revista Diálogos*. Universidade Católica de Brasília: Universa, 2002.

QUINTÃO, A. S. *Mercosul como vetor da americanidade no discurso dos correspondentes brasileiros no exterior (1991-2005)*. Brasília, tese de Doutorado, UnB, Departamento de História (História Cultural), 2008.

PEREIRA, L. E. *Centro Esportivo Virtual: Uma experiência de informação em educação física de informação e esportes na Internet*. Campinas, Tese de Doutorado, Unicamp, Faculdade de Educação Física, 1998.

SILVA, C. R. *Análise de conformidade ergonômica de programas informatizados para a educação física: proposta de um instrumento de inspeção*. Dissertação de Mestrado – Universidade Católica de Brasília – UCB, 2001.

VIRILIO, P. *A máquina de visão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

VIEIRA, P. C. T. V. *Análise de programas especiais de televisão produzidos por emissoras brasileiras na cobertura dos Jogos Olímpicos de Sidney – 2000*, Dissertação de Mestrado – Universidade Católica de Brasília – UCB, 2003.

VIEIRA, P. C. T. V. *Análise da primeira cobertura via Internet de Copa do Mundo de Futebol – Japão/Coréia, 2002*. Monografia apresentada ao Programa do Curso de Graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, Universidade Católica de Brasília – UCB.

Logística da Comunicação dos Megaeventos Esportivos: Tecnologia da Informação na Rede de Relacionamento da Campanha Rio 2016

Valéria Bitencourt
Universidade Gama Filho – RJ

Logistics of the Communication of sports mega-events: information technology in the relationship network of the Rio 2016 bid *This study, restricted to the use of the internet, analyzed the logistics of integrated communication in the management of the Rio 2016 bidding process. It was identified that the organizers of the Rio2016 bid had acknowledged nationwide support of the population to the Olympic bid on its official website. However, when all segments of the population studied, the different levels of government, confederations and universities are taken into account, low rates of support to the bid are detected.*

As novas tecnológicas introduziram complexidades e interferências sofisticadas no processo de comunicação, criando paradoxos típicos da era da informação. Neste cenário de avanços e retrocessos de conhecimentos, considera-se que a logística da comunicação dos Megaeventos Olímpicos (MEO), com foco na internet, constitui, na atualidade, um diferencial competitivo, ainda a ser explorado em sua totalidade em que pese os hiatos de saber sobre o tema.

Pressupõe-se, neste caso, que o êxito da comunicação integrada passa pela cadeia produtiva dos MEO, estendidas sem fronteiras na internet e tendo como resultado um diferencial do apoio popular nos processos de candidatura dos Jogos Olímpicos. Nestes termos, este estudo tem como objetivo analisar a logística da comunicação integrada, através da utilização da Tecnologia da Informação (TI), delimitada à perspectiva da internet, na condução da Campanha de Candidatura do Rio de Janeiro nos Jogos Olímpicos de 2016 – Rio 2016, em transcurso no primeiro semestre de 2007.

Para atingir este objetivo, foi utilizado como objeto de estudo a observação direta do site oficial do evento - www.rio2016.com.br - e sua cadeia produtiva, descrita neste estudo, como Governos (Federal, Estadual e Municipal), Confederações Esportivas Instituições de Ensino Superior com sede ou filial no Rio de Janeiro.

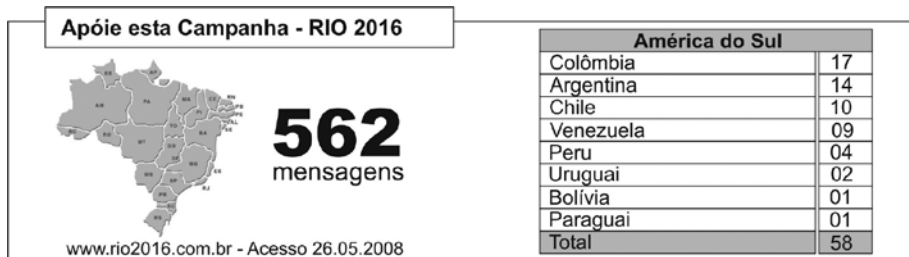
Utilizou-se a pesquisa telematizada, com análise de dados quantitativos, com amostra probabilística, buscando-se universo do público-alvo, constituído por: 28 Confederações Esportivas, inscritas como modalidades inseridas nos Jogos Olímpicos, conforme cadastro no COB – Comitê Olímpico Brasileiro, 26 Governos Estaduais e o Governo Federal e 14 Instituições de Ensino Superior com sede ou filial na Cidade do Rio de Janeiro. Os dados foram coletados no dia 25 de maio de 2008, recolhidos diretamente dos respectivos sites do público pesquisado.

Nesta delimitação, não fez parte do escopo da pesquisa analisar as relações de causa e efeito dos resultados obtidos os quais devem ser entendidos como uma crítica construtiva com o propósito de contribuir para o planejamento e projetos de candidatura do Brasil aos Megaeventos Olímpicos.

Problematização

A análise preliminar da seção “Apóie esta Campanha” do site da Rio 2016, apontou total de 562 mensagens voluntárias de apoio popular. Considerando o referencial de sucesso divulgado pela mídia e pela organização dos Jogos Pan-Americanos de 2007 realizados no Rio de Janeiro e o destaque do Brasil como o 11º país em número de internautas - 15 milhões de pessoas, segundo pesquisa global da consultora comScore Networks naquele ano (tecnologia.terra.com.br, 22.03.2007), este índice foi considerado aquém das possibilidades de comunicação.

Figura 1 – Mensagens de Apoio a Campanha Rio 2016: Brasil/América do Sul



Como único país representante da América do Sul, na Candidatura dos Jogos de 2016, conforme Figura 1, considera-se também como baixo índice de apoio o total de 58 mensagens.

Buscando dados que pudessem elucidar o problema identificado, foi realizada uma pesquisa preliminar com 100 estudantes universitários na qual foi revelado o desconhecimento da amostra quanto à disponibilidade de suas manifestações de apoio a Rio 2016 no respectivo site.

Diante deste novo problema, buscou-se na própria fonte indicativos para os problemas apresentados. Assim, passou-se à contextualização do estudo, como subsídios a compreensão da análise dos resultados e suas propostas de soluções.

Contextualização do Estudo

O gigantismo dos MEO e sua complexidade organizacional colocam às Cidades Sedes constantes desafios que oscilam simultaneamente entre responsabilidades e oportunidades; responsabilidade de valorizar o maior ativo do esporte – a marca olímpica – que tem como simbologia a união dos cinco continentes através do esporte; oportunidade de, ao contar com este endosso reconhecido e mundialmente aceito por seu alto padrão de qualidade, construir novos conhecimentos que agreguem valores sociais, políticos e econômicos e culturais (BITENCOURT, 2007).

Considerando-se tais teorizações, este estudo propõe que o desafio contemporâneo na Gestão dos MEO está intrinsecamente ligado ao processo de comunicação integrada entre o Comitê Organizador, na qualidade de representante oficial do país/cidade sede, à sua cadeia produtiva, reorganizada a cada realização pontual dos Jogos e, por extensão, à conquista do engajamento de toda a sociedade local.

Por corolário pretende-se que surja através da Tecnologia da Informação, mais especificamente da internet, o diferencial de interatividade que não deve ser negligenciado, independentemente do crescente interesse da mídia de massa e sua contribuição substancial na divulgação do MEO. Em tese, esta vantagem deve ser melhor

compreendida e otimizada para que se produzam os resultados desejados. Neste novo formato midiático, os meios de comunicação de massa, ainda expressivos, mas não absolutos, estariam apostando na convergência das mídias e operando entre o texto e o hipertexto, a forma e o conteúdo, a quantidade e a qualidade das mensagens editadas pela interatividade.

Embora a internet ainda na atualidade não atinja as massas, no cenário que se apresenta pretende-se aqui considerá-la por seu diferencial de comunicação para a Gestão dos MEO. Assim sendo, os sites oficiais dos MEO, podem ser considerados como as sedes virtuais de seus Comitês Organizadores, dando origem as fontes de informações qualificada. Portanto, seu planejamento estratégico deve convergir para a transparência da informação (*input/output*) na tentativa de aproximação com os diversos públicos, ampliando a cada realização suas redes de relacionamentos. Nesta interpretação, para que a ampliação ocorra é necessária a atenção quanto às tendências das novas tecnologias e principalmente o saber fazer uso delas para compreender o imaginário de seus usuários em maior profundidade.

A medida que novos cenários se apresentam as teorias subjacentes muitas vezes não são suficientes para minimizar os riscos dos processos decisórios na gestão dos MEO. Diante das adversidades naturais de qualquer organização complexa a longo prazo, entende-se que conhecimentos empíricos devam ser utilizados como alternativas viáveis. Dentre estas alternativas, a análise de cenários favorece a obtenção de subsídios nos processos decisórios e a internet se consolidaria então como uma ferramenta de comunicação eficaz. Porém, sua eficácia ainda é um fenômeno a ser entendido, conforme se depreende pela carência de estudos longitudinais neste âmbito da TI.

Entendendo a World Wide Web e seus usuários

Resumidamente, a World Wild Web – Web, é a interface gráfica multimídia da internet, que se constitui como um sistema organizado que possibilita a publicação de *sites*, configurados por endereços eletrônicos próprios, compostos por textos, imagens e sons. Com os avanços da tecnologia estes sites foram assumindo novos formatos, como *blogs* (diários pessoais ou corporativos com possibilidade de publicação de informações instantânea) e *flogs* (similar aos blogs, tem como plataforma a publicação de fotos).

Tabela 1 – Arquitetura da Web em números

| WEBSITE (SITE) | | WEBBLOG (BLOG) | | FOTOLOG (FLOG) | |
|----------------|-----------|----------------|-----------|----------------|-----------|
| Web | Português | Web | Português | Web | Português |
| 5.040.000.000 | 3.910.000 | 3.640.000.000 | 3.710.000 | 33.800.000 | 1.450.000 |

Base de dados: Site de busca Google – www.google.com.br – Acessado em 27.05.2008

Resultados de busca - Web (internacional) Português: Páginas publicadas no idioma local

Observando os dados da Tabela 1, verifica-se na arquitetura da Web números ainda reduzidos das publicações no idioma português em relação aos outros idiomas. Porém, este número se eleva no cenário mundial, que destaca o Brasil classificado como 11º país em número de internautas - 15 milhões de pessoas, segundo pesquisa global da consultora comScore Networks (tecnologia.terra.com.br, 22.03.2007)

A Web, por outro lado, pode ser apreciada pela informação unilateral dos meios/mídias que precederam a era digital, os quais tentam se aproximar, através da convergência para esta nova mídia a título da busca da comunicação interativa. Ao mesmo tempo em que se valoriza a interatividade, a imagem do consumidor passivo da informação é desconstruída e na “terceira onda” de Alvin Toffler (2001) assume o papel de “prossumidor” (termo de tradução livre do inglês “prosumer” que designa o consumidor ativo, mais atento e exigente). Simultaneamente receptor e emissor das mensagens, o prossumidor é seletivo, livre e independente na sua forma de comunicação ou na programação do próprio conteúdo.

Buscando novos conhecimentos na sociologia, antropologia, psicologia, o marketing tem se reconfigurado para compreender este novo imaginário do consumidor. Nem apocalíptico, tampouco integrado, mas sujeito de seu próprio tempo, real ou virtual. Na comunicação permitida (marketing de permissão), o prossumidor passa a ter o poder do controle no ciberespaço - das tribos às redes de relacionamentos interconectadas.

Em meio às naturais especulações sobre o “consumo” da Web, a aldeia global de McLuhan (2001) talvez só possa ser institucionalizada pela inclusão digital, mas nesta, se ainda não pode ser proclamada, por competências políticas e/ou econômicas, é certo que o “meio não é mais a mensagem”. No ciberespaço, o *meio* reconfigura a mensagem. Sob o risco de cair na “miopia do marketing”, nesta reconfiguração dos meios e das mensagens, conforme propõe Levitt (1995), a comunicação é de “todos-com-todos e não de “um-para-todos”.

Cenários e Tendências – Oportunidades e ameaças da era digital

Segundo se propala sobre os ditos de Bill Gates, “o computador foi criado para resolver problemas que não existiam antes dele”. Como objeto de consumo sem sinais de esgotamento, na era digital, o computador e seus aparatos tecnológicos podem “resolver problemas”, até que outros surjam.

A 19ª pesquisa da Fundação Getúlio Vargas/Easesp/CIA, (2008), que analisou o Mercado Brasileiro de Informática e Uso nas Empresas, revela dados significativos para o desenvolvimento do presente estudo. Dentre eles:

- A projeção de 100 milhões de computadores de uso corporativo e doméstico para o ano de 2011/2012, estimulado por isenção fiscal, crédito e aumento da renda da população; o dobro do número de PCs existentes em 2007.
- No Brasil 26% da população tem acesso a computador em 2008. Este percentual é maior do que a média mundial, de 21% de pessoas com acesso a computadores, num total de 1,4 bilhões de máquinas (os EUA atingiu a média de 89%, com 270 milhões de computadores)
- As vendas de computadores no Brasil em 2007 superaram as vendas de aparelhos de TV.

Para o coordenador desta pesquisa, Prof. Fernando Meirelles, “a continuar o cenário econômico”, o Brasil deverá ter crescimentos na ordem de 20 a 30% por ano até 2012.

Não mais identificando cenários e apontando tendências, para o coordenador do centro de Tecnologia de Informação Aplicada e do Programa de Excelência em

Negócios da Era Digital (Jornal “Valor”, idem), “ do total de transações *negócio-a-negócio*, 55,33% são realizadas no comércio eletrônico. Na relação das companhias com os consumidores, 19,18% são feitas pelo meio eletrônico. Segundo pesquisas do IBOPE/NETRATINGS (3º trimestre, 2007), o Brasil possui 39 milhões de pessoas com 16 anos ou mais de idade com acesso à Internet em qualquer ambiente como em casa, trabalho, escolas e telecentros.

Tendências – Da TV ao IPTV

Conforme matéria publicada na Revista Exame (Toranzo, 2008), “a internet distribuída por cabos de fibra ótica, conhecida como banda *larguíssima* - 30 vezes mais rápida do que a banda larga tradicional - já oferecida pelas operadoras de telefonia fixa em 2008” chega ao Brasil, ainda restrita a poucos assinantes (40 mil) em São Paulo, mas nos países desenvolvidos esta oferta apresenta sinais de crescimento, atingindo quase 6 milhões de usuários residências que passaram a contar com a conexão ultra rápida em 2007.

O motivo para a baixa disseminação é o preço, três vezes mais cara do que a banda larga. A medida que os investimentos aumentarem, porém, a banda larguíssima transformará o computador numa televisão, conhecida como IPTV. Estima-se que o número de assinantes da nova TV atingirá 36,8 milhões no ano de 2009. Essa projeção de crescimento se deve principalmente à possibilidade oferecida ao consumidor de trocar seu pacote de televisão a cabo ou por satélite pela IPTV. (TORANZO, Bruno. Um filme de 3 minutos. Revista Exame. Seção:Tecnologia.p.138. edição 918. Ano 42. Nº 9. 21/05/2008)

O IPTV já é uma realidade no Brasil, ainda sem grande expansão da banda ultra rápida. Como dinâmica do mercado, ressalta-se que o preço, hoje, fator limitador da aquisição deste produto, tende a ser diminuído, conforme a concorrência (oferta-demanda), facilmente observado no segmento de telefonia celular.

Tal problemática apontada encontra fixação no Projeto de Lei Nº 29, de 2007, que tramita na Comissão de Ciência e Tecnologia da Câmara Federal que prevê um marco regulatório para os setores de TV por assinatura e telecomunicações, com previsão da convergência de tecnologias e cotas para produções nacionais. Conforme matéria publicada no Jornal Valor (9-11/05/2008), “a principal novidade do projeto para o setor é a possibilidade de as empresas de telecomunicações entrarem no mercado de TV por assinatura. Há, no entanto, algumas restrições à convergência, como a impossibilidade de as teles adquirirem diretamente o direito de transmissão de grandes eventos de interesse nacional”.

Isto posto, no contexto de problemas e soluções da era digital, assim como os meios de comunicação, a Gestão dos MEO deve buscar a convergências das mídias, que, por hipótese deste estudo, pode ser facilitada pelas ações de *co branding*.

Ações de Co-branding e a Cultura participativa como diferencial competitivo da Campanha Rio 2016

Visando a unir forças no mercado competitivo, as empresas utilizam ações de *co-branding* (aliança de empresas/marcas com interesses comuns) para criar produtos com maior valor agregado em benefício das partes envolvidas.

Dentre as variadas formas deste tipo de aliança - que não compreende os formatos de negócios configurados como licenciamento, patrocínio ou franquia -, a utilização de *banners* institucionais, disponibilizados na internet, tem auxiliado na divulgação de projetos/campanhas sociais visando associações voluntárias de empresas, parceiros e colaboradores, comerciais ou não.

Este formato de divulgação na internet fornece o diferencial de padronização dos *banners*, que podem ser *baixados* diretamente do site oficial do evento para inclusão sites/blogs interessados. Esta padronização, contudo, não indica o local em que o interessado em apoiar a campanha deva incluir para indicar seu apoio. Mas, considerando o interesse direto da cadeia produtiva dos MEO, ponderou-se neste estudo, que este local deveria ser privilegiado. Assim, publicado/divulgado na página inicial dos envolvidos, evidenciando o marketing de relacionamento.

Marketing Relacionamento – Sistema de Informações Estratégicas

O marketing de relacionamento preconiza o benefício mútuo entre as partes envolvidas, seja nas relações comerciais e/ou institucionais. Apesar desta premissa, os benefícios alcançados neste formato mercadológico diferem conforme interesses e estratégias. Dada a diversidade de grupos de interesses envolvidos na realização dos MEO, o sistema de informações estratégicas, integra neste estudo a logística da comunicação, que inclui a coleta, o tratamento e a transmissão da informação monitorada.

No decurso desta logística, entende-se que qualquer falha no processo de comunicação potencializa as perdas de produtividade. “Em termos mais amplos, na maioria das situações de negócios, os retorno dos participantes dependem não só das suas próprias ações, mas também das ações de outros participantes que buscam seus próprios fins” (GHEMAWAT, 2000)

Neste sentido, estas perdas podem ser minimizadas através da ação/interação direta da cadeia produtiva dos MEO e sua eficácia ampliada para outras redes de relacionamento até chegar ao consumidor final.

Situando a emergência da utilização a internet na gestão dos MEO como fonte primária de informações qualificadas e ressaltando a interatividade com os diversos públicos envolvidos, passou-se a verificação das ações de *co-branding* na Campanha Rio 2016.

Figura 2. Ações de co-branding estimulada pela Rio 2016.



Banners disponibilizados para ações de Co-branding no site www.rio2016.com.br

Observa-se inicialmente pela Figura 2, que o site oficial da Candidatura Rio2016, disponibiliza os *banners* de apoio para livre associação dos interessados nos diferentes formatos de comunicação da Web (sites, blogs, flogs), incluindo os formatos específicos para aplicação em computadores e celulares, não analisados neste estudo.

Estes dados demonstram a atenção da organização da Campanha aos novos formatos de mídia e a valorização das ações de *co-branding*. Para verificar a eficácia deste canal de apoio, passou-se a análise das partes diretamente envolvidas no Projeto de Candidatura da Rio 2016. Dada a magnitude deste evento para o Brasil, utilizou-se a investigação da aplicação dos respectivos *banners* nas páginas iniciais dos sites analisados.

Resultados da investigação

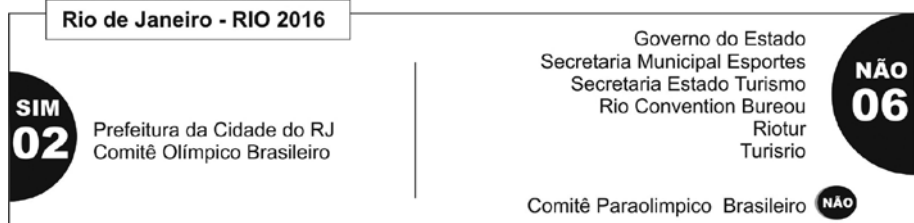
Para a análise dos resultados foram considerados como cadeia produtiva (agentes diretamente envolvidos) da Campanha Rio 2016 os Governos (Federal, Estadual e Municipal), os Comitês Olímpico e Paraolímpico Brasileiro, as Confederações Esportivas, cujas modalidades esportivas estão inseridas nos Jogos Olímpicos e associadas ao COB e as Universidades com sede ou filial na Cidade do Rio de Janeiro. A análise ocorreu no dia 27 de maio de 2008, utilizando apenas como indicativo a aplicação dos *banners* de apoio à Candidatura Rio 2016 na página inicial dos respectivos sites da amostra na internet.

Figura 3 - Governos/Estados da Federação



Conforme mostra a Figura 3, observou-se que os 26 Governos Estaduais, incluindo o Governo do Estado do Rio de Janeiro e o Governo Federal não evidenciam o apoio à Candidatura Rio 2016 nos respectivos sites. Para o aprofundamento da pesquisa foram analisados também os 4 ministérios considerados como agentes diretos desta campanha, não encontrando os sinais de apoio.

Figura 4 – Governos, Secretarias do RJ e Comitês Olímpicos Brasileiro



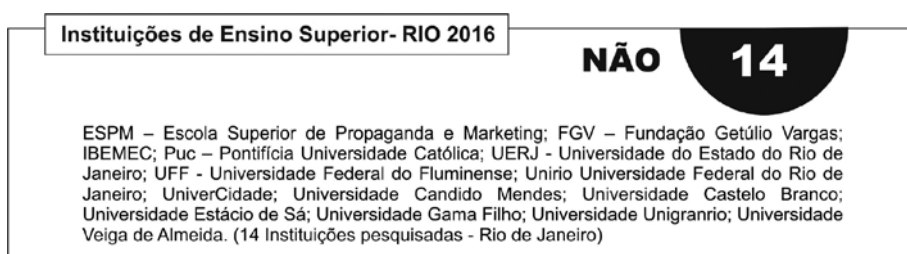
Na Figura 4 identificou-se o apoio do Comitê Olímpico Brasileiro e a Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, através de seus sites oficiais à Candidatura Rio 2016. Não foram encontrados os *banners* de referência ao apoio a esta candidatura, nos sites do Governo do Estado do Rio de Janeiro, Comitê Paraolímpico Brasileiro, da Secretarias Estaduais e Municipais de Turismo e Esporte e do Rio Convention Visitors & Bureau, órgão que tem como proposta a promoção da Cidade do Rio de Janeiro.

Figura 5 – Confederações Esportivas



Foram analisadas 28 Confederações Esportivas do universo de 29 Confederações associadas ao Comitê Olímpico Brasileiro, cujas modalidades estão inseridas nos Jogos Olímpicos. Conforme indica a Figura 5, foram apresentados 10 demonstrativos de apoio e não adesão à Campanha de 18 Confederações.

Figura 6 – Instituições de Ensino Superior com sede ou filial no Rio de Janeiro



Considerando o diferencial do legado do conhecimento para a melhoria dos Projetos Olímpicos e a necessidade da qualificação de mão-de-obra local para futuras realizações, foram analisadas 14 Instituições de Ensino Superior. Conforme mostra a Figura 6, não foi identificado apoio na forma proposta por este estudo nas instituições pesquisadas.

Considerações Finais

Conforme os dados revelados nesta pesquisa, a organização do Projeto de Candidatura da Rio2016 disponibiliza através de seu site oficial a participação popular local e global, fornecendo sem qualquer restrição os *banners* para inclusão na internet. Porém, considerando a amostra dos segmentos estudados, Governos, Confederações e Universidades, observou-se o baixo índice de adesão nas ações de *co-branding*.

Os resultados desta pesquisa, ao mesmo tempo em que demonstram a atenção da organização aos novos formatos de comunicação mediada pela internet, apontam para o não envolvimento de sua cadeia produtiva referência, o que pode servir de indicativo do problema desta pesquisa: baixo índice de adesão popular ao Projeto de Candidatura da Rio 2016. Considerando, ainda, a pesquisa preliminar que apontou o desconhecimento dos estudantes universitários à possibilidade de adesão a esta

campanha, este não envolvimento revelado da cadeia produtiva pode ser entendido como falha no processo de comunicação com diferentes públicos.

Conforme os dados revelados nesta pesquisa, constatou-se que a possibilidade de adesão da participação popular à Candidatura Rio 2016 está sendo sub-aproveitada. Considerando o atual estágio de desenvolvimento do processo de seleção do COI – Comitê Olímpico Internacional, sob olhares mundiais pode ser entendido como falta de interesse da população local. Tal observação, no entendimento do estudo, pode estar ocorrendo não por falta de interesse, mas por falta de informação dos próprios agentes diretos, ratificados pela ausência das ações de *co-branding*, tanto dos Governos, Confederações como Universidades.

Os resultados obtidos – embora preliminares – sugerem ser “desejável”, criar uma identidade para a declaração de apoio a Candidatura Rio 2016, e o caminho mais viável para a implantação desta é estimular cultura de gestão participativa. Nesta linha de conta, é necessário que os colaboradores entendam e transmitam suas declarações de apoio para que a ação coletiva se converta em vantagem competitiva no processo de seleção das candidaturas Olímpicas. Como tal, deve-se priorizar a rede de relacionamento direta da campanha. Esta cultura participativa exige que todas as partes comprometam-se com os resultados e se *retroalimentem* com informações relevantes.

O comprometimento com os resultados que otimiza a logística de comunicação dos MEO não é um processo unilateral – do topo para as bases. Ele deve ser percebido e valorizado principalmente pela sustentação de sua cadeia produtiva, mobilizada pela visão compartilhada da Campanha Rio 2016. Neste sentido, o estudo sugere o estímulo à adesão dos Governos, Confederações e Instituições de Ensino Superior para a ampliação das redes de relacionamentos e vínculos de contatos mais próximos com seus públicos específicos: funcionários, atletas, familiares e amigos; patrocinadores/apoiadores e clientes.

Referências

ANTUNES, Luciene. O Eldorado dos Celulares. *Revista Exame*. Seção: Negócios Globais. p.78. edição 918. Ano 42. Nº 9. 21/05/2008.

BITENCOURT, Valéria. A logística da comunicação dos eventos olímpicos: tecnologia da informação na construção das redes de relacionamento. In Miquel de Moragas & Larmarine DaCosta (org.) *Universidad y estudios olímpicos*. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona. Centre d'Estudis Olímpics, Servei de Publicacions, 2007, pp. 602 – 610.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS/Easesp/CIA. Mercado Brasileiro de Informática e Uso nas Empresas. Pesquisa publicada no *Jornal Valor* de 9-11/05/2008 (19. Edição). Por Tainá Bispo, de São Paulo. Seção Empresas – Tecnologia & Comunicações.

GHEMAWAT, Pankaj. *A estratégia e o cenário dos negócios*. Porto Alegre: Bokman, 2000, p. 83.

LEVITT, Theodore. *A imaginação de marketing*. Edição Ampliada, contendo o Artigo Miopia de Marketing. São Paulo: Atlas, 1995.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensão do homem*. São Paulo: Cultrix, 2001.

PESQUISA IBOP/NetRatings (22.02.2008). Em um ano, número de internautas residenciais cresce 50% no Brasil. Publicado por José Murilo Junior. Categoria: Cultura Digital. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/site/?p=10552>. Acessado em 26.04.2008

TOFLER, Alvin. A Terceira Onda. Record, 2001

O Papel da Mídia na Construção do Legado dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007: Análises pós-evento

Anderson Gurgel
Universidade de Santo Amaro – SP

The role played by the media in the construction of the legacy of the Rio-2007 Pan American Games: post-event analysis This paper discusses the role played by the printed media in the construction of the legacy of the Rio-2007 Pan American Games, presenting a brief analysis of Rio and São Paulo newspapers which showed facts relevant to the social-political-cultural dynamics of this mega-event. This initiative permitted some reflections on the intangible contributions left by this mega-event to society.

Nesta contribuição, pretendemos discutir resumidamente o papel da mídia na construção do legado dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007. Estudar esse assunto implica em, inevitavelmente, aprofundar temas sobre como a mídia de massa cobriu o evento e qual é esboço histórico que essa gerou do Rio 2007. Partimos aqui da teoria de que o trabalho desenvolvido pelo jornalismo é como um “esboço da história”, uma primeira versão dos fatos que, posteriormente, serão refletidos pelos historiadores. Para Landowski (1992, p.10-11), diferentemente do que se defende em escolas de jornalismo, os veículos de comunicação constroem a “realidade” a partir de interações com seus públicos no plano do discurso e é justamente assim que se dá o sentido das coisas do mundo, através da mídia.

A temática da construção social pela mídia torna-se também relevante ao se constatar que notícias de jornal ganham ares de “verdade”, como em tese ocorreu com os Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro. Mas, como se verifica frequentemente, há variações sobre o que é a “verdade” para cada veículo de mídia, gerando na opinião pública um embate de discursos, sobretudo sobre interesses econômicos, mesmo quando o tema é esporte, como no caso do Pan 2007.

Cabe ainda acrescentar que para o recorte ora em abordagem há conceitos sínteses sobre economia do esporte, que geralmente introduzem a discussão de legados em megaeventos esportivos. Por exemplo, um modelo corrente das relações evento-legado é o de Heinemann (2001), pesquisador da participação esportiva da população e de grandes eventos, como é o caso do Rio 2007. Neste direcionamento vindo de pesquisas empíricas admite-se que impactos econômicos do esporte são uma preocupação que cresce junto com a evolução dos esportes como espetáculo e negócio. E, defendemos aqui, são elementos cada vez mais balizados dos enfoques temáticos nas pautas do esporte, hibridizando as mesmas com a pautas de economia (GURGEL, 2006).

Nestes termos, focalizando-se a construção do legado do Rio 2007, a questão a investigar então seria atinente ao embate discursivo-midiático entre uma versão “entusiasmada” e a “pessimista” do que ia ser, antes, e do que foi, depois, o evento em questão. E, neste contexto de interrogação preliminar, mesmo a cobertura feita sob o paradigma econômico, aparece carregada dos elementos passionais típicos da cobertura esportiva.

Temas fundamentais

Os Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro foram definidos em 2002. Nos primeiros anos após a escolha, as reportagens, poucas, eram mais focadas no otimismo com a conquista, no caso das mídias localizadas na cidade-sede. O tema ganhou impulso concretamente a partir dos Jogos Olímpicos de Atenas. Com o crescente acompanhamento das Olimpíadas 2004 na mídia, começam a surgir pautas que defendem que o projeto proposto estava se distanciando da realidade da organização do evento.

Todavia em 2005, no dia 01 de maio, a *Folha de S. Paulo* aborda: “Pan refaz a conta e pede ao governo aumento de 176%”. Naquela ocasião, o jornal afirmava: “Administração federal promove devassa antes de o Ministério do Esporte responder se vai elevar sua parcela de orçamento da competição”. Desenha-se, a partir de então, a entrada como ator-fundamental do Governo Federal no evento. O ano muda, mas a preocupação com os atrasos e gastos, não. Em 08 de janeiro de 2006, *O Estado de S. Paulo* retrata um momento da organização do evento: “Tudo atrasado. Mas Nuzman confia”.

Fora isso, com o encarecimento do projeto, uma parte das ações sociais foram revistas e algumas adiadas, como o caso das obras do metrô e os projetos ambientais. A *Revista Veja*, de 02 de agosto de 2006, traz: “Lixo na Rota do Pan – Poluição da Baía da Guanabara vai prejudicar competições náuticas nos Jogos do Rio 2007”. O aspecto ambiental começa a ser pautado como exemplo negativo do evento.

Em outro artigo, voltado para a análise da cobertura do Rio 2007 seis meses antes do início da competição, já constatamos que, na *Folha de S. Paulo*, ao longo do mês de janeiro daquele ano, de um total de 16 reportagens publicadas, teve 14 dedicadas aos aspectos de organização e negócios do evento como ponto central (GURGEL, 2007: 76-7). Entre os temas abordados no período, vale citar: Em 14 de janeiro, “O testamento do Pan: Legado dos Jogos coloca Rio em xeque”, abordando a falta de dedicação às reformas estruturais. Outros assuntos importantes é a questão da segurança, no dia 22 e o uso da Internet e blogs na cobertura do evento, no dia 24 de janeiro.

Quanto mais perto do evento, mais reportagens e enfoques. Em 20 de fevereiro de 2007, a *Folha de S. Paulo* crava que “Iniciativa privada fecha olhos e bolso pra o Pan”. Na reportagem, é detalhado um estudo que aponta que “cotas publicitárias e direitos de TV cobrem só 5% dos gastos dos Jogos no Rio”. Em 21 de fevereiro de 2007 na revista *Carta Capital*, novamente uma pauta criticando a organização do evento. A publicação fez uma reportagem de capa com o título: “Pan, que desperdício!”, abordando os problemas de gestão e os negócios do evento. Já o *Diário Lance!*, na revista semanal, a *Lance A+* (16 de junho), pergunta: “Realidade?”. Em um longo texto, é discutido que “com a proximidade do Pan, empresas privadas apóiam cada vez mais o esporte brasileiro. Depois dos jogos, porém o futuro não está garantido”.

Dois temas muito explorados, quando se chega a menos de cem dias antes do evento, são a segurança e a entrega das arenas. Sobre o primeiro caso, *O Globo* estampou em 22 de junho, a seguinte notícia: “Supertropa de Elite já está de prontidão para o Pan”. Em 05 de julho, o *Jornal do Brasil* trazia na sua capa uma ironia, a respeito da finalização dos trabalhos. Com o título de “atrasado até no relógio”, o jornal denunciava que até o relógio oficial do evento estava fazendo a contagem regressiva do Rio 2007 de forma errada.

Evento e legado

Em 13 de julho, dia de início dos Jogos Rio 2007, a *Gazeta Mercantil* trouxe uma reportagem de destaque com uma pergunta: “Qual será o legado do Pan?”. A reportagem se propôs a ouvir vários especialistas para estudar o tema e discutir a relação da herança do evento na relação com os gastos realizados. Enquanto isso, os jornais cariocas, colocam “um tom acima” na euforia na comparação com São Paulo, mas sem grandes arroubos. No mesmo dia, o *Jornal do Brasil* crava: “A Capital do Esporte”. Nesse dia, esse diário destaca que “tocha chega ao Rio e emoção contagia os cariocas”.

Em 14 de julho, *O Globo* traz na sua capa: “Emoção, carnaval e vaias na festa do Pan”. A chamada de capa destaca que “Lula foi vaiado cinco vezes na cerimônia e pela primeira vez na história dos Jogos presidente do País não faz a abertura oficial”. A vaia foi destacada por todos os veículos e o tom amargo só aumentou com um fato trágico: o acidente com avião da Empresa Aérea TAM, logo na primeira semana das competições (dia 17 de julho), em São Paulo, gerou comoção e muitas reportagens falando de dor e homenagens dos atletas às vítimas e familiares. Também houve destaque para o caos aéreo, que também prejudicava a chegada e saída de atletas da cidade e os negócios do Pan.

Ao fim do evento, em 29 de julho, o *Jornal do Brasil* questiona que os “Jogos chegam ao fim com muito a explicar”. Para esse jornal, parlamentares querem abrir Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar os gastos de R\$ 3,7 bilhões. O jornal destaca em suas páginas que o “orçamento do Pan ficou quase 800% mais caro do que o previsto há cinco anos”. O *Estado*, de 30 de julho de 2007, comenta na reportagem “Olimpíada, sonho ainda distante” que “observadores aprovam a experiência do Rio na organização do Pan, mas admitem que há muito que fazer para a cidade vencer a corrida na disputa para os Jogos Olímpicos de 2016”. No texto o destaque negativo é a Cidade do Rock. No mesmo dia, *Folha* também discute o assunto na reportagem intitulada “Acorda”, destacando a ilusão que as medalhas estavam gerando.

Da parte dos cariocas, na mesma data, o *Jornal do Brasil* destaca: “O Melhor Pan da história”. Mas a própria edição do material faz uma contraposição, falando da redução do número de policiais militares na rua após o fim do evento e o desafio de evitar a ociosidade das arenas pós-Pan. Em 05 de agosto, *O Globo* pontua que o Rio 2007 foi “Bom, bonito, caro e insuficiente”. A explicação diz que “Governo gasta mais de R\$ 1 bi em estádios e ginásios, mas COI exige mais. O texto se divide entre olhar um futuro próximo na gestão desses espaços construídos e na perspectiva de como esses locais devem ser geridos e ampliados para uma possível Olimpíada em 2016.

Conclusões preliminares

A análise da cobertura dos Jogos Pan-Americanos na mídia é tarefa de estudos mais detalhados pela própria natureza do tema. Mas os reconhecimentos iniciais já permitem definir questões a investigar e marcos teóricos que permitem gerar interpretações. Um exemplo típico sobre o que dá para avançar é o tema dos bairrismos na cobertura dos veículos do Rio e de São Paulo, que pode ser revista a partir dos interesses econômicos dos grupos de comunicação trans-estaduais. Em relação à discussão sobre o legado do Pan, os veículos de mídia fizeram balanços críticos, mas com tons editoriais diferentes, reforçando as “verdades” defendidas em cada uma das mídias,

na disputa pela centralidade da opinião pública. Esse é outro ponto importante a aprofundar em futuros estudos em face às pretendidas localizações no Brasil e no Rio de Janeiro da Copa do Mundo de Futebol de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016.

Contudo, é evidente que mídia impressa, no seu papel de esboço da história, parece finalmente ter despertado para a realidade surgida nos megaeventos esportivos, que contam com altos investimentos, interesses políticos e de marketing. O desafio, a partir desse marco, residiria então no aperfeiçoamento de ferramentas para levar ao público as melhores informações sobre os impactos sócio-econômicos desses eventos, foco de interesse revelado cada vez mais como central para mídia impressa brasileira e seus leitores.

Referências

GURGEL, A. *Futebol S/A: A Economia em Campo*. São Paulo: Editora Saraiva, 2006.

_____. "Os Jogos Pan-americanos na Mídia Impressa: Breve Análise da Cobertura Econômica do Rio 2007". In: MARQUES, J. C. *Comunicação e Esporte – Diálogos Possíveis*. Coleção NPs # 7 – Intercom. São Paulo: Artcolor, 2007.

HEINEMANN, K. "La Repercusión Económica del Deporte: Marco Teórico y Problemas Prácticos." In: *Revista Digital EFDeportes*, Ano 7, nº 43. Buenos Aires, Dezembro de 2001. Na internet: <http://www.efdeportes.com/efd43/econom.htm>

LANDOWSKI, E. *A Sociedade Refletida*. São Paulo: Educ e Pontes, 1992.

Jornais e Revistas Consultados:

Folha de S. Paulo; O Estado de S.Paulo; O Globo; Jornal do Brasil; Diário Lance!; Gazeta Mercantil; Veja; Carta Capital; Época; Superinteressante.

9 - Meio Ambiente e Sustentabilidade *Environment and sustainability*

Posicionando Questões Básicas Sobre Meio Ambiente em Megaeventos Esportivos e na Copa do Mundo de Futebol 2014 a ser Realizada no Brasil

Lamartine DaCosta
Grupo Estudos Olímpicos – UGF / RJ

Positioning basic questions about the environment in sports mega events and in the FIFA 2014 World Cup to take place in Brazil
The recent choice of Brazil as host country of the FIFA 2014 World Cup has increased the relevance of knowledge production on the interaction of sports, recreation, and tourism with the environment. This soccer mega event will take place in 12 Brazilian host cities. Such gigantism of the 2014 World Cup means elevated costs but it will produce favorable returns if adequately managed. The role played the environmental impact becomes crucial as it is certainly the factor of largest involvement of the returns that can become negative in the end. In this context, this study presents a meta-analysis gathering 86 Brazilian scholars in 103 research studies in the areas of sports, leisure, and tourism to identify the Brazilian potential in relation to the production of local solutions directed to environmental protection in sports mega events. The conclusion is that it is admitted that the success of the mobilization in favor of environmental sustainability will depend not only on the transfer of knowledge from one region to the next but also on international exchange, involving the cooperation of specialists.

A recente escolha do Brasil como sede da Copa do Mundo de Futebol de 2014, ampliou a importância da produção de conhecimentos – e correspondentes debates – sobre as relações do esporte e das práticas de lazer e turismo com o meio ambiente. De forma inédita, o megaevento liderado pela Fédération Internationale de Football Association – FIFA acontecerá no território brasileiro sediado em vários Estados da Federação.

Como é do conhecimento corrente, a Copa do Mundo de Futebol alinha-se entre os maiores eventos organizados em escala planetária com impactos importantes nas áreas de mídia, negócios e turismo, influenciando o desenvolvimento local em regeneração urbana, transporte, construção civil etc. Uma idéia do porte alcançado por este empreendimento da FIFA pode ser feita a partir da Copa 2006 na Alemanha que atraiu cerca de dois milhões de turistas, gerou 20 mil empregos permanentes e, finalmente, incorporou 0.6% no PIB do país naquele ano que totalizou 1.6% de incremento (Davis, 2008). Para a Copa brasileira de 2014, a Câmara Brasileira da Indústria de Construção – CBIC (Simão, 2007) estima que os investimentos públicos e privados somem 18 bilhões de reais, bem acima dos gastos de 2006 na Alemanha postos também em relevo por Davis com a cifra de 11,5 bilhões de reais.

Tal gigantismo da Copa do Mundo de Futebol – tal como ocorre em outros megaeventos esportivos, quer internacionais ou nacionais – tem o significado de gran-

des gastos porém produz retornos vantajosos, se adequadamente gerenciados. Nestas adequações deve ser inserido o impacto ambiental, certamente o fator de maior comprometimento dos retornos que podem resultar negativos em contas finais.

Apelando-se mais uma vez para dados da Alemanha, verificou-se que naquele país em 2005 houve 154 megaeventos esportivos, reunindo 25,6 milhões de espectadores e 530 mil participantes. O impacto ambiental deste conjunto de atividades de meio urbano e de áreas naturais (florestas, praias, montanhas etc) foi calculado pela Universidade do Esporte de Colônia e entidades associadas, como equivalente a 300 mil toneladas de CO² lançadas na atmosfera com efeitos prejudiciais (SAHLER, 2007, pp. 7 - 14). Ou seja: se tal impacto ambiental não foi neutralizado, o retorno financeiro e cultural daqueles megaeventos tornou-se meramente aparente, senão falso em avaliação final.

Este contexto ecológico da Copa de Mundo oferece, portanto um ponto de partida significativo quando se coloca em discussão o tema de meio ambiente e esporte, tanto na sua feição de competição como na de lazer e turismo, e respectivas políticas públicas e meios de intervenção privados. E diferentemente do caso da Alemanha, as desigualdades sociais características do Brasil solicitam uma observação predominante sobre possíveis injustiças sociais e desperdícios financeiros provocadas por mal gerenciamento ou falta de governança de megaeventos em geral, frequentemente produtores de riscos por falta de manejo adequado do meio ambiente.

Assim disposto, o objetivo do presente estudo é problematizar as relações do esporte, lazer e turismo com o meio ambiente buscando renovação do conhecimento na temática ecológica como também formas de socializá-lo condignamente junto aos diferentes planejadores e interventores de múltiplos interesses acadêmicos e profissionais. Neste escopo, o método escolhido é o de análise vis-à-vis “Gestão do Conhecimento”, que será aqui assumido seguindo Nonaka & Toyana (2007, pp. 13 - 31) na perspectiva de que o conhecimento construído coletivamente torna-se mais utilizável na prática.

Tal viabilidade aumentada ocorre quando são geradas sínteses do conhecimento recriado sucessivamente; adicionalmente os pesquisadores japoneses citados relevam a importância da interação local entre os agentes do conhecimento recriado em termos de espaço e tempo (Ibidem, p. 23). Esta nova abordagem epistemológica considera, outrossim, condições subjetivas de ordem cultural (conhecimento tácito) em igualdade dialogal com a objetividade explícita do conhecimento científico ou gerencial. (Ibidem, pp. 20 - 21).

Construções exploratórias do conhecimento

No Brasil, o tema do esporte, lazer e turismo na perspectiva ecológica foi resumido em seus fundamentos históricos e características de construção por Almeida & DaCosta (2007, pp. 13 - 27) na obra em três volumes “Meio Ambiente, Esporte, Lazer e Turismo - Estudos e Pesquisas no Brasil, 1967-2007”, que reuniu 86 autores nacionais e 103 estudos e pesquisas.

Em termos de Gestão de Conhecimento, para que fosse possível identificar as tendências centrais (*research mainstreams*) dos estudos e pesquisas no período demarcado de 40 anos, foi desenvolvida uma meta-análise que adotou interpretações e conceitos amplos (*soft definitions*) quer do meio ambiente – por vezes identificado como “natureza” – como do esporte, lazer e turismo, evitando definições estreitas e exces-

sivamente especializadas (*hard definitions*). Neste particular, assumiu-se como diretriz principal a concepção geral de meio ambiente estipulada pelo Comitê Olímpico Internacional, isto é: “todos os fatores externos, condições e influências que afetam um organismo ou uma comunidade” (IOC, “Manual on Sport and the Environment”, Lausanne, 2001, p. 80). Adicionalmente, definiu-se também a sustentabilidade – conceito central do tema de meio ambiente na atualidade – como “o desenvolvimento que atende as necessidades das gerações presentes sem prejudicar as gerações futuras” (Ibidem, p. 81).

Almeida & DaCosta adicionalmente usaram a mesma fonte do COI (2001, pp. 13 - 14) no ajuste da concepção de esporte aos problemas da proteção ambiental definindo que “a prática do esporte inclui atividades físicas em diferentes níveis, com participação informal e ocasional ou de alto rendimento com normatização, implicando em gestão especializada ou de livre iniciativa de praticantes”. Já as relações do esporte com o turismo, sob o enfoque do meio ambiente, seguiram as proposições de Tom Robison & Sean Gammon (“Revisiting and Applying the Sport Tourism Framework”, *Journal of Sport Tourism*, Volume 9, Number 3, 2004) “as quais compreendem pessoas viajando, ou com estadas em locais fora de seu ambiente usual, com participação ativa ou passiva em atividades esportivas de competição ou recreativas”.

Outra recomendação assumida referiu-se às inter-relações entre o turismo e o lazer, segundo Guy Swinnerton (“Recreation and Conservation”, in Jackson, E.L. & Burton, T.L., “Understanding Leisure and Recreation”, Venture Publishing, State College, PA, 1989, p. 517 - 565), que geralmente ocorrem sob forma de coexistência, simbiose ou conflito, sendo a última alternativa a mais comum dada à expansão do turismo em escala mundial.

Partindo-se desses pressupostos a meta-análise indicou que a primeira construção nacional de conhecimento sobre o meio ambiente com remota relação com atividades físicas, abordou o viés da saúde já em 1850. Neste ano, Eduardo Ferreira França (1809 – 1857) de Recife-PE, médico formado na França, publica o livro “Influência dos Pântanos sobre o Homem” (Tipografia Liberal do Século, Salvador, 1850), no qual se analisaram os efeitos da insalubridade do meio ambiente sobre a moral humana e o comportamento corporal. Esta obra confirmou a idéia dominante no Brasil de que o clima tropical produzia indolência, vícios e doenças.

No alvorecer do século XX, enquanto ainda predominava preconceitos ambientalistas no Brasil, o Barão Pierre de Coubertin – em 1907, onze anos depois de resgatar os Jogos Olímpicos – adotava na França pela primeira vez no mundo do esporte uma posição de defesa da natureza, ao mobilizar os esportistas para que limpassem seus campos de prática. Estava inaugurada então a definição do esporte como poluidor e correspondente vínculo com o Movimento Olímpico internacional – sobretudo manifestado pelos Jogos Olímpicos de Inverno e de Verão desde a década de 1990 – com a proteção do meio ambiente.

A atitude pioneira de Coubertin em sua época não teve correspondência no Brasil, nem no plano internacional, como constatou um estudo recente de cunho

epistemológico produzido por DaCosta no Brasil e publicado em língua inglesa em 2002 (“Towards an Olympic Epistemology: Sport Sciences or Theory of Sustainable Sport?”, in “Olympic Studies”, Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002, p. 131 – 152). Entretanto, outra tendência ambiental e esportiva vinda da França foi adotada em 1922 pelo Exército Brasileiro ao oficializar o Método Francês de Educação Física, o qual incorpora nesta versão inicial brasileira – entre várias outras influências de origem francesa - as concepções de George Hébert (1875 – 1957), líder da “L' École Naturaliste” criada em 1905. Esta doutrina elogia os movimentos naturais (saltar, correr, trepar etc.) como base do método de práticas físicas se aplicados em meio aos elementos naturais (água, sol, floresta, ar etc.).

Construções pioneiras do conhecimento

A primeira síntese científica nacional identificada na revisão de Almeida & DaCosta (Ibidem, p. 17) que redundou numa recriação do conhecimento tradicional surgiu na década de 1960 ao ser publicado no Rio de Janeiro o livro “A Atividade Desportiva nos Climas Tropicais e uma Solução Experimental: o Altitude Training” (Imprensa do Exército, 1967) por Lamartine DaCosta, contendo relatórios de pesquisas de campo produzidas por este autor nas áreas naturais do Rio de Janeiro entre 1964 e 1966. Estas investigações tiveram o objetivo declarado de medir o gradiente redutor da performance física de longa duração sob impacto direto dos raios solares, como também os efeitos do mesmo esforço ao se realizar à sombra, em meio ao ambiente florestal.

O experimento foi feito com atletas masculinos de nível nacional e internacional do atletismo, em provas de corridas de média e longa distâncias. Como as análises estatísticas das observações comprovaram uma melhoria no gradiente redutor à sombra, especificamente nas subidas da Floresta da Tijuca da mesma cidade, surgiu um método de treinamento como resultado adicional ao estudo. Por conseguinte, a inibição do esforço físico devido ao calor foi relativizado pelo modo de se conduzir e dosar o exercício. Em suma, o determinismo que definia o trabalho físico em ambiente tropical no Brasil desde 1850, tornou-se improcedente diante dos resultados deste estudo científico.

O desdobramento das pesquisas ambientalistas de Lamartine DaCosta ocorreu todavia em 1967 ao se publicar outro livro deste autor pela então existente Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura - MEC: “Planejamento México”. Estudaram-se nesta obra os efeitos do meio ambiente encontrado na altitude em geral e na Cidade do México em particular, a 2.240 metros, local dos Jogos Olímpicos de 1968 e da Copa do Mundo de 1970. Este pesquisador participava de um grupo de observadores de diversas nacionalidades que visitaram a Cidade do México naquele mesmo ano, a fim de levantar as dificuldades de competições de alto rendimento no local.

À vista da Gestão do Conhecimento preconizada por Nonaka e Toyana de citação anterior, foi possível identificar na revisão de Almeida e DaCosta, uma síntese de recriação e de aplicação prática das pesquisas pioneiras da década de 1960. Esta ocorrência se registrou em 1970 quando da realização da participação do Brasil na Copa do Mundo de Futebol no México para a qual Lamartine DaCosta produziu um plano científico de adaptação usando conhecimentos anteriores sobretudo aqueles concernentes aos efeitos benéficos da altitude (super aclimatação) e outros de redução

de suas causas nocivas. Em conjunto com outras contribuições positivas, o plano biometereológico garantiu a vitória da Seleção Brasileira ao final da competição.

A comprovação deste fato situa-se no relatório oficial FIFA sobre a Copa de 1970 - publicado em livro de 1972 -, que enfatizou o trabalho científico brasileiro de aclimação à altitude mexicana de 2.240 metros, considerando como o mais eficaz entre os países concorrentes (FIFA, World Cup México 70 - Official FIFA Report, Zurich, 1972). A partir deste ano, vários estudos e registros foram publicados sobre os feitos científicos para a Copa de 1970 com base em conhecimento gerado no Brasil. Neste país, tais avanços repercutiram mais uma vez durante a Copa de 2006 (Alemanha) como se verifica em estudo de Santoro, Soares e Bartholo (2006), o que confirmaria ser o Plano da Copa de 1970 uma boa prática (modelo demonstração nas ciências de gestão) para o trato de empreendimentos ambientalistas esportivos que sobrevive há quarenta anos.

Efetivamente as boas práticas da pesquisa ambientalista dos anos de 1960 repercutiram até o final da década de 1970 no Brasil. Neste estágio da produção do conhecimento em âmbito internacional já se considerava importante o cruzamento de efeitos diversos advindos do meio ambiente (calor, altitude, mudança de fuso horário etc) buscando-se fatores de maior influência. Neste tipo de abordagem ambientalista, o relacionamento social destacou-se como variável fundamental da aclimação “cruzada”, fenômeno de natureza ecológica incluindo influências de vários sistemas relacionados à vida humana. Ciências sociais e ambientalismo esportivo

Nos anos que se seguiram e, sobretudo no início da década de 1990, o eixo de compreensão das questões ambientais no esporte e respectivos conceitos, deslocou-se da adaptação e do comportamento do praticante para a proteção do meio ambiente em que se pratica ou se competem esportes. Este fato foi produto do espírito da época desde que em 1992, realizou-se no Rio de Janeiro, a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento com grande impacto nacional e internacional. Este evento foi marcante quanto ao início da responsabilidade formalmente assumida dos estados nacionais, instituições e pessoas, a respeito da proteção da natureza em escala global. O mote “pensamento global e ação local” é produto deste período.

Do lado do esporte, o COI assumiu a liderança no plano internacional e, já em 1995, esta instituição organizava a Primeira Conferência Mundial sobre Esporte e Meio Ambiente em Lausanne, Suíça. Neste evento se estabeleceram as bases para emendar a Carta Olímpica, documento maior de princípios do COI e das Federações Internacionais a ele filiadas, o que ocorreu efetivamente em 1996. A partir deste ano, o COI passou a assumir publicamente os seus “três pilares de sustentação: esporte, cultura e meio ambiente”. A modificação da Carta Olímpica incluiu a definição de “desenvolvimento sustentável”, já consagrada na histórica Conferência do Rio de Janeiro de 1992. Hoje mais conhecido como “sustentabilidade”, este marco definatório foi assim descrito: “as atividades físicas, os jogos e competições são sustentáveis quando sua instrumentalização respeita os valores intrínsecos da natureza e do esporte.” (DaCosta, 1997, pp. 39 - 76). Em síntese, a definição então estabelecida propunha uma adaptação mútua entre praticantes e o meio ambiente, uma posição bem distinta em perspectivas do passado no Brasil com relação ao higienismo radical de Eduardo Ferreira França do século XIX, que entendia o meio ambiente como uma ameaça à saúde humana.

Em 1993, houve um novo momento de recriação do conhecimento esportivo-ambientalista a partir das tradições epistemológicas brasileiras: realizou-se o Simpósio Internacional Cidadania, Esporte e Natureza, organizado pela Uni-

versidade do Porto, em Portugal, por proposta de Lamartine DaCosta, então professor visitante daquela universidade. Na oportunidade, pesquisadores de vários países europeus trocaram experiências com seus pares brasileiros e portugueses. A partir da experiência do Simpósio, 15 de seus participantes escreveram textos que compuseram um livro bilíngue (português e inglês) publicado em 1997 sob denominação de “Meio Ambiente e Desporto – Uma Perspectiva Internacional”, tendo como editor Lamartine DaCosta (Brasil) e como organizador Antônio Marques (Portugal).

Revisões e atualizações da obra foram feitas ainda no mesmo ano da sua publicação para um seminário em Singapura (DACOSTA, L.P., *The Green Dream: the Olympic Movement and the Environment*, National Olympic Academy of Singapore Seminar, Singapore, 1997), e para um estudo de revisão conceitual e tecnológica para dar suporte à candidatura de Atenas para os Jogos Olímpicos de 2004 (DACOSTA, L. P., *The Olympic Movement Today and the Environment Protection*, I.O.A. Report of the 37th Session, Ancient Olympia, 1997, p. 3-6).

Os desdobramentos da síntese de conhecimento produzida em 1997 ainda se faziam presentes no Brasil como se verifica diante da contribuição de DaCosta para ao Encontro Nacional de Recreação e Lazer – ENAREL de 2006 (Curitiba, Paraná) quando se atualizou a “simbiose de conhecimentos” vindas das concepções de uma década passada. Ou seja: enquanto a versão original “simbiótica” se referia a uma necessária convivência de categorias dissimilares como crenças subjetivas ou dados objetivos para a proteção do meio ambiente, a transversalidade inovadora dos estudos ecológicos estava prevendo sinergia - interação de entidades distintas com efeitos benéficos entre si – entre as mesmas categorias. Portanto, a passagem de uma visão simbiótica para uma sinérgica do meio ambiente implicava na própria concepção de sustentabilidade que ao se tornar sinérgica desdobrava-se como “ambiental”, “social”, “tecnológica”, “econômica” etc. (DACOSTA, L.P. *Lazer, Espaço Urbano e Transversalidade: Obstáculos Epistemológicos e Soluções Metodológicas* in CARVALHO, J. E. (Ed) *Lazer no Espaço Urbano: Transversalidade e Novas Tecnologias*. Curitiba: Editora Champagnat, 2006, p. 113 – 116).

A maturidade do conhecimento ambientalista-esportivo

A observação *à posteriori* dos acontecimentos do início e de meados da década de 1990 sugere de fato a existência de uma fase profícua de produção científica ambientalista-esportiva tanto no Brasil como no exterior. Neste período, em 1993, a área de turismo exibiu seus primeiros posicionamentos ecológicos com Rita Mendonça (especialista brasileira em Planejamento Ambiental da UNESCO) e Flávio Leonel A. Silveira. Na área de educação física despontou Ana Cistina de Almeida com meios educacionais ambientalistas.

Tais expectativas nacionais não se apresentavam distantes dos avanços internacionais os quais em 1994 foram marcados pela realização dos Jogos Olímpicos de Inverno de Lillehammer, Noruega, que constituíram os primeiros “Jogos Verdes” (*Green Games*) da história do Movimento Olímpico Internacional, pelos critérios de sustentabilidade adotados nas instalações e organização das competições e hospedagem de atletas e visitantes. Neste ano, Sydney – Austrália foi escolhida por eleição como sede dos Jogos Olímpicos de Verão do ano 2000, tendo privilegiado a proteção do meio ambiente em seu projeto de candidatura.

Em condições similares de priorizar a sustentabilidade, Atenas – Grécia foi eleita em 1998, a sede dos Jogos Olímpicos de 2004. Entretanto, a partir de Lillehammer tornou-se comum o uso dos Jogos Olímpicos como “showcases” (projetos demonstração) de boas práticas ambientalistas. No âmbito brasileiro, autores como DaCosta, Carvalhedo e Veerman – seguidores da tradição científica, tecnológica e ética surgida na década de 1960 – adotaram então os eventos olímpicos como suporte empírico de seus estudos, incluindo no caso o turismo e o lazer. Tal opção foi reforçada em 1999 quando da adesão oficial do Programa Ambiental das Nações Unidas – UNEP ao trabalho em conjunto com o Comitê Olímpico Internacional.

Em resumo, no Brasil, a linha de pesquisa liderada por DaCosta neste estágio já estava consolidada como também marcada por bases científicas, filosóficas e tecnológicas de cunho internacional ao passo que o caminho em construção exemplificado por Mendonça, Almeida e Silveira mostrava-se como de revisão conceitualista, pedagógica e auto-reflexiva diante uma realidade tipicamente nacional. Significativamente estas duas tendências centrais dos anos de 1990 focalizavam num mesmo nível de igualdade o meio ambiente, o lazer e o turismo, gerando um certo hibridismo conceitual e operacional.

Tendências centrais do conhecimento construído

Em 1999 teve lugar no Rio de Janeiro-RJ a Terceira Conferência Mundial sobre Esporte e Meio Ambiente, promovida pelo COI e organizada pelo Comitê Olímpico Brasileiro-COB. Este evento foi o maior até então ocorrido no seu tema, com a presença de 93 representantes de Comitês Olímpicos Nacionais e de 19 Federações Internacionais de esportes. O significado desta participação inédita prendeu-se ao crescente envolvimento das modalidades esportivas *per se* nas questões ambientais, em complementação aos interesses voltados para os Jogos Olímpicos e megaeventos esportivos em geral. Segundo avaliação de DaCosta produzida em 2001 por solicitação da Universidade de Colônia, Alemanha, em 29,7% das contribuições e discussões da Conferência de 1999, o foco se pôs na ética, sobretudo em termos de comportamento pessoal e de intervenções de governo. Já 27,0% dos trabalhos voltou-se para perspectivas e projeções futuras do tema de proteção ambiental, enquanto 24,3% abordou técnicas e instrumentos de manejo ecológico. Os assuntos de promoção de eventos e os relacionados com a educação e cultura foram residuais com 18,9%.

Esta última cifra sugeriu a existência de ambigüidade no trato das questões ambientais por parte dos gestores esportivos das entidades internacionais, o que foi posto em foco por DaCosta posteriormente no texto “International Trends of Sport and Environment - a 2001 Overview”, que constituiu uma das conferências de abertura do Congresso European College of Sport Sciences –ECSS de 2001, promovido pela Universidade do Esporte de Colônia – Alemanha (DaCosta, L.P. Proceedings ECSS Congress, Cologne 24 - 28, July 2001 – Plenary Session : Impact of Sport on Environment, Köln).

Na passagem da década de 1990 para a de 2000 as duas vertentes principais de produção de conhecimento ambientalista em esporte, lazer e turismo já se faziam presentes de modo mais explícito com Rita Mendonça ampliando sua linha de reflexão e re-conceituação do turismo vinculado ao meio ambiente. No seu todo, de acordo com a meta-análise de Almeida & DaCosta, os estudos e pesquisas inventariados em relação ao final dos anos de 1990 sugerem que a fase de re-conceituações

diminuíra progressivamente enquanto ampliavam-se as investigações e observações práticas de campo. A explicação, no caso, é a de que o impacto do ambientalismo em face aos fatos sociais no Brasil exigiam reflexão e ajustes conceituais no início da década de 1990, dando lugar posteriormente às constatações práticas para legitimação de intervenções por parte de indivíduos, grupos sociais e instituições.

De qualquer modo, concluiu-se que a linha de pesquisa seguida por DaCosta em quase quatro décadas de estudos do meio ambiente, voltara-se progressivamente para uma visão micro de relações privilegiando intervenções operacionais técnico-científicas, fundadas em argumentação histórico-filosóficas. Entretanto, a linha sócio-pedagógica aqui descrita com maiores empenhos por iniciativas dos anos 1990 e seguintes, situava-se numa visão de predominância macro visando ao desenvolvimento social e à proteção da natureza. Enquanto neste último estágio a opção de DaCosta e seus seguidores enfatizava a gestão do esporte, lazer e turismo dando ênfase a resultados práticos, a linha sócio-pedagógica revelava-se comportamentalista e produtora de valores, tanto por meio de agentes como de interventores.

Em termos quantitativos, a meta-análise de Almeida & DaCosta revelou um crescimento significativo na produção do conhecimento a partir de 2000, destacando-se o surgimento em universidades brasileiras de Grupos de Pesquisa da temática ambientalista em lazer, turismo e esporte. Entre 2000 e 2002 foram inventariados 16 estudos e pesquisas de produção nacional, sendo 18,7% estudos de caso e relatos de experiência; 25,0% pesquisas de campo e levantamentos (*surveys*); 37,5% artigos de revisão e *position papers*; e finalmente 18,7% referindo-se a novas abordagens metodológicas e de re-conceituação.

Já o período 2003 - 2007 revelou mais claramente a maturidade dos trabalhos do conjunto inventariado, definindo melhor uma tendência já identificada desde o final do anos de 1990. Nestas condições, sustentabilidade e impacto ambiental revelaram-se elementos de importância consensual e como tal constituíram fundamentos básicos na maior parte dos estudos e pesquisas. Assim sendo, 17,9% de um total de 67 trabalhos do período em foco voltaram-se para estudos de caso e relatos de experiência (cifra próxima àquela registrada em 2000-2002); 20,8% foram pesquisas de campo e levantamentos (*surveys*), com queda de 4% em relação ao triênio anterior; 34,3% constituíram artigos de revisão e *position papers* (redução de 3% em relação a 2000 - 2002); e ao final 23,8% referiram-se a novas abordagens metodológicas e de re-conceituação, cifra aumentada em 5% comparando-se com a delimitação anterior.

Em geral, estes números revelaram uma tendência dominante para a inovação ao se somarem os trabalhos de revisão - incluindo *position papers* - com os de novas abordagens metodológicas, totalizando 58,3% da produção técnica e científica arrolada nesta amostra indicativa. Outro aspecto a destacar foi o aumento do ritmo da produção científica que passou de 5,3 trabalhos/ano no período 2000-2002 para 13,4 trabalhos/ano entre 2003 e 2007.

A revisão dos estudos e pesquisas delimitando apenas o período 2006-2007 gera outra hipótese a ser confirmada em anos que se seguem: a de que estaria havendo uma convergência entre as duas principais abordagens históricas dos estudos e pesquisas em meio ambiente, esporte, lazer e turismo no Brasil, isto é a da gestão biotecnológica de bases éticas e a da sócio-pedagógica, de índole comportamentalista e axiológica. De fato, a coletânea "Viagens, lazer e esporte: o espaço da natureza" tendo como editoras Alcyane Marinho e Heloisa Turini Bruhns (São Paulo: Manole, 2006), amplia o foco sócio-pedagógico optando por autores e temas que operam nos

vieses da interdisciplinaridade, de mapeamento, de impactos ambientais e de monitoramento participativo. Outro exemplo reside na linha de pesquisas mais antiga na qual um texto de Lamartine P. DaCosta & Cris C. Veerman (“The Olympic Winter Games: The Quest for Environmental Protection and Educational Promotion – an Overview” in Müller, N., Messing, M. & Preuss, H. (Eds.), *Von Charmonix bis Turin. Die Winterspiele im Blickfeld der Olympiaforschung*. Kassel: Agon Sportverlag, 2006, pp. 68 – 94) publicado em livro na Alemanha sobre os Jogos Olímpicos de Inverno de Turim, mantém-se na tradição tecnológica-científica contudo privilegia a educação ambiental e posturas valorizativas.

Conhecimentos renovados por megaeventos esportivos

Em geral, os textos inventariados do conjunto maior referido à produção 2003 – 2007 convergem para pontos comuns de análise sobretudo quando abordam a temática do eco-turismo e a dos problemas de impactos ambientais. A interpretação deste fato estaria ligada ao sentido sinérgico com variadas especializações multidisciplinares assumido progressivamente pelo conceito de sustentabilidade. Em outras palavras, a coerência interna de estudos e pesquisas de cunho ambiental estaria se situando tanto nos temas quanto na diretriz da sustentabilidade imaginada originalmente como fundamental.

Uma hipótese a ser confirmada diante destas tendências de geração de conhecimento concerne à produção de teorias como resultado de abordagens práticas no lidar com problemas ambientais. Argumenta-se neste caso que a sustentabilidade é uma referência macro, necessária como pressuposto, contudo insuficiente em condições de intervenções micro. Esta linha de conta encontra reforço na ênfase à delimitação territorial dos estudos ambientalistas. Enquanto postura metodológica, tal recomendação encontrou recentemente apoio no já aqui citado manual produzido pela Universidade do Esporte de Colônia em associação com entidades privadas de consultoria em meio ambiente da Alemanha e com o respectivo Governo Federal (SAHLER, G. – Editor. *Green Champions in Sport and Environment - Guide to environmentally-sound large sporting events*. Berlin: Federal Ministry for the Environment, Nature Conservation and Nuclear Safety, 2007).

A expressão simplificada da territorialidade do Manual de Colônia publicado no final de 2007 apresenta-se como cada caso devendo ser tratado de modo específico (Ibidem, p. 23), algo já delineado nos primórdios do ambientalismo científico e até hoje sobrevivente no mote “pense global e aja localmente”. Contudo, a método de Sahler e associados indica que no caso de atividades esportivas e de lazer, há variações de sentido, porte e duração que solicitam intervenções e acompanhamentos caso a caso (Ibidem, pp. 23-25). Esta concepção considera o esporte e o lazer ativo mais como eventos do que processos uma vez que está ligada preferencialmente à gestão de intervenções ambientais e não somente aos benefícios para os praticantes. Esta opção é particularmente verdadeira com relação aos megaeventos esportivos, tema da abertura do presente estudo.

Na prática do controle ambiental dos megaeventos esportivos – que para este estudo incluem-se sucedâneos de lazer e de turismo –, o Manual de Colônia recomenda identificação e tratamento específico de cada atividade que deve ser abordada de acordo com os impactos ambientais que produzem preferencialmente quantificados nos seus efeitos negativos. De um modo genérico os eventos esportivos emitem lixo,

ruidos, fluidos de agentes químicos e esgoto, CO² e gases poluentes, detritos do tráfico de veículos, restos de obras, calor refletido pela superfície das novas construções do evento e outros efeitos nocivos em associação com consumo aumentado de energia e de água (Ibidem, pp. 7 – 14).

Os impactos dos megaeventos naturalmente necessitam ser observados durante os respectivos preparativos, por vezes com anos de antecedência. Por exemplo, os Jogos Olímpicos de Beijing 2008 tiveram obras iniciadas no ano 2000 e a Copa do Mundo de Futebol 2014 já se encontra em preparação no Brasil desde 2007. Para Sahler *et al.*, os megaeventos sediados em áreas urbanas são mais sujeitos a impactos negativos, porém tanto estes como os de área rural ou de beira mar podem se igualar em nocividade pela emissão de poluentes na atmosfera devido ao transporte de participantes e de assistentes. Significativamente, os dados válidos para os megaeventos sediados na Alemanha em 2005 revelam que 95% dos gases poluentes emitidos para a atmosfera se originaram da circulação de transporte de atletas e visitantes; uma porção de 3% saiu da energia consumida e outra de 2% dos trabalhos de construção destinados ao evento (Ibidem, p. 14).

Não é de se admirar portanto que o esforço de neutralização dos impactos ambientais dos estádios durante a Copa de Futebol da Alemanha 2006 tenha se concentrado na redução do tráfico de automóveis por transporte público de massa e por incentivos ao uso de bicicletas. Mesmo assim, o saldo de gases de efeito estufa emitidos durante o megaevento – sobre um total estimado em 100 mil toneladas de CO² equivalentes - foi anulado por créditos de carbono (plantação de árvores em outros locais, por exemplo) assumidos financeiramente pela organização do evento (NUTTALL, 2006).

Neste contexto, cabe registrar que a Copa de 2006 foi a primeira a se definir como tendo sustentabilidade ambiental, contribuindo para este objetivo a constituição de uma ação paralela denominada de “Green Gol”. Como tal, segundo ainda o Manual de Colônia (Ibidem, p. 12), este programa de intervenções visando a proteção ambiental adotou uma estratégia “win-win solutions”, isto é de compensações mútuas entre a organização do evento e o meio ambiente, procurando anular ou reduzir cada impacto negativo devidamente localizado nos estádios, estacionamentos, obras, serviços de alimentação, transportes etc. Nestas condições de obteve uma redução média de 20% no uso de energia e de água por simples providências gerenciais e pela mobilização de voluntários para pequenas intervenções.

Conhecimentos re-criados por legados dos megaeventos

Em resumo, havendo conceitos ambientalmente apropriados, capacidade de identificação e mensuração de impactos e gestão adequada para o uso de boas práticas, há um mínimo de condições de se obter sustentabilidade num determinado megaevento esportivo. Este nexos se apoia tanto nas experiências brasileiras de manejo ambientalista de esporte, lazer e turismo como no exemplo destacado do Green Gol da Copa do Mundo de Futebol de 2006.

Entretanto, as experiências de busca de sustentabilidade dos Jogos Olímpicos desde Lillehammer 1994, marco de avanço tecnológico antes aqui mencionado, revelam outra exigência fundamental para se ir além das condições mínimas apontadas pela vertente do futebol e das incursões acadêmicas nacionais no tema em questão. Trata-se agora da abordagem dos legados dos megaeventos que constituiriam em tese o fulcro da problematização das relações do esporte e lazer com o meio

ambiente e, portanto, base para a pretendida renovação do conhecimento vis-à-vis objetivo do presente estudo.

Define-se legado nas delimitações do tema meio ambiente e esporte como um resultado positivo e sustentável com benefícios comprovados de ordem cultural, social, tecnológica ou econômica posterior à realização de um megaevento (DaCosta, 2007). Assim conceituado, o legado traduzido simplesmente por instalação esportiva – como é de hábito no Brasil – pode não preencher as solicitações de utilidade para a sociedade que a financiou e a mantém. Por outro lado, a regeneração urbana produzida pelas obras preparativas de um megaevento, embora não diretamente ligado ao esporte, pode constituir um expressivo e rentável legado social e econômico.

O exemplo da regeneração urbana é o de maior atenção por parte dos pesquisadores da área de Estudos Olímpicos mas há vários outros tangíveis e intangíveis que demandam pesquisas específicas, como se infere por estudo de Preuss (2007), economista alemão que tem visitado o Brasil consecutivamente para seminários e apresentações na USP, UFRGS, PUC-RS e UGF no Rio de Janeiro. Outro especialista em legados que tem tido relações recentes com universidades brasileiras e o SESI Nacional é Iain MacRury da Universidade de East London, na Inglaterra, que tem produzido estudos sobre a reconstrução urbana de Londres para sediar os Jogos Olímpicos de 2012. MacRury e associados (comunicação oral, julho 2007) tem relevado o valor crescente do legado dos Jogos Olímpicos em termos de lazer ativo da população atingida pelas reformas das vias públicas e sistema viário da cidade sede do megaevento olímpico, o maior do mundo em âmbito esportivo.

A síntese que se pode extrair destes dados concerne à tendência de se considerar o legado de megaevento esportivo como integrante da sustentabilidade ambiental, e como tal uma base da problematização das relações do meio ambiente com o esporte. Em outras palavras, a questão do legado está induzindo a uma renovação do conhecimento na área ambiental. Pressupõe-se então que este novo conhecimento implica numa revisão que coloca a subjetividade do legado intangível em igualdade de tratamento com a objetividade de intervenções tecnológicas para a proteção do meio ambiente.

Considerações finais

O confronto entre conhecimentos subjetivos e objetivos para uma pretensa ecologia esportiva conforme elaboração da seção anterior, aparentemente delineará os desafios tecnico-científicos e conceituais dos próximos anos tanto no exterior como no Brasil. Contudo, a realização da Copa do Mundo de Futebol em 2014 em vários Estados brasileiros e a já anunciada candidatura do Rio de Janeiro para sediar os Jogos Olímpicos de 2016, criam um sentido de urgência para a busca de soluções práticas e antecedentes aos desenvolvimentos teóricos almejados.

Efetivamente esta urgência se justifica diante do porte dos megaeventos e da responsabilidade incontornável de planeja-los de modo condigno, evitando manejo deficiente dos recursos públicos mobilizados e prejuízos por parte de entidades privadas neles envolvidas. Além disso, há de se cogitar da expansão na quantidade de megaeventos e de eventos de médio porte nacionais e mesmo internacionais, que cotidianamente emergem em todo território nacional. Em ambos os casos, tanto no enfoque na qualidade das intervenções como na quantidade de recursos, a pressão resultante com maior probabilidade se dirigirá para busca de conhecimentos disponíveis no país e depois no exterior.

Esta demanda, como se demonstrou no desenrolar do texto que ora se apresenta, encontrará uma massa crítica de estudos e pesquisas que pode atendê-la de imediato. Há evidentes lacunas quanto aos meios tecnológicos de avaliação ambiental por serem pouco disponíveis em universidades brasileiras, porém estes são mais acessíveis em empresas nacionais de grande e médio porte que desenvolvem proteção ambiental. O apoio de especialistas multidisciplinares tanto quanto de outros países será sempre profícua como tem sido até então.

Em contas finais, a gestão do conhecimento ambientalista e esportivo dependerá da capacidade de mobilização coletiva dos pesquisadores e de universidades brasileiras, a ser concatenada a curto prazo e médio prazos. Esta opção pode assumir o formato de seminários acadêmicos ou da criação - ou reforço - de grupos de pesquisa voltados para problematização local do esporte, lazer e turismo. O passo seguinte - elegendo-se os eventos estaduais da Copa de 2014 como alvo prioritário - mostra-se como mais factível ao se buscar associação com os possíveis ou já definidos organizadores locais do megaevento internacional de futebol.

A partir das associações desejáveis em cada Estado, o sucesso da mobilização vai depender de transferência de conhecimentos de uma região para outra e com o exterior, cogitando-se da colaboração entre especialistas. Se prevalecer a tradição brasileira deste campo de saber, a recreação dos conhecimentos ambientalistas do esporte será bem sucedida pois isto é o que tem sido essencialmente feito nos últimos quarenta anos.

Referências

- AITCHISON, C. *New Cultural Geographies: the spatiality of leisure, Gender and Sexuality*. *Leisure Studies*, Vol. 18, no. 1, January, 1999, pp. 19 – 39.
- ALMEIDA, A. C. P. C. & DaCosta, L.P. (Eds) (2007) *Meio ambiente, esporte, lazer e turismo: estudos e pesquisas no Brasil, 1967-2007*. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho (Volumes I, II e III).
- DACOSTA, L.P. (2007) *Beijing 2008 e Modelo 3D de Legados de Megaeventos Esportivos*. Texto apresentado no II Seminário de Estudos Olímpicos - Megaeventos Esportivos, Legado e Responsabilidade Social. USP, São Paulo-SP, Setembro 2007.
- DAVIS, O.S. (2008) *Forecasting economic impact of EURO 2008*, BBJ Site, acessado em 25/01/08 em www.bbj.hu/countryfocus/
- NONAKA, I. & Toyama, R. (2007) *Why do firms differ? The theory of the knowledge-creating firm*. In: ICHIKO, K. & NONAKA, I. (Eds) *Knowledge Creation and Management*. New York: Oxford University Press.
- NUTTALL, N. *Kick-off for environmentally friendly World Cup*. UNEP Sport and Environment Initiative. Em http://www.unep.org/sport_env/, acessado em dezembro de 2006.
- PREUSS, H. (2007) *Economics of the Olympic Games*. Texto apresentado no II Seminário de Estudos Olímpicos - Megaeventos Esportivos, Legado e Responsabilidade Social. USP, São Paulo-SP, Setembro 2007.

SANTORO, M., SOARES, A.J., & BARTHOLO, T.L. Copa de 70: o Planejamento México. In: ALMEIDA, A. C. P. C. & DACOSTA, L.P. (Eds) (2007) Meio ambiente, esporte, lazer e turismo - Estudos e pesquisas no Brasil, 1967-2007. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, pp. 389 – 404, Vol. III (texto original de 2006 publicado no livro "Nações em campo: Copa do Mundo e Identidade Nacional", Niterói: Editora Intertexto).

SAHLER, G. (Ed) (2007) Green Champions in Sport and Environment - Guide to environmentally-sound large sporting events. Berlin: Federal Ministry for the Environment, Nature Conservation and Nuclear Safety.

SIMÃO, P.S. (2007) Construção defende investimento privado para a Copa 2014. 8. Encontro Nacional de Empresas de Arquitetura e de Engenharia Consultiva, São Paulo (29/11/2007). Agência Estado em 30/11/2007.

Educação Olímpica com Base na Proteção do Meio Ambiente – Experiência de Megaeventos Olímpicos

Cris Costa Veerman
Grupo de Estudos Olímpicos
Universidade Gama Filho-RJ

Olympic Education based on environmental protection – insights from past Olympic mega events *In spite of concerns about sustainable development and efforts made for its implementations during past Olympic mega events, these events themselves have so far not been used as a form of environmental education. They have thus missed the opportunity to, in their own right, become a legacy for environmental education. Future bids to host the Olympic games would do well to emphasize this hitherto neglected opportunity.*

A Educação Olímpica com ênfase na proteção do meio ambiente em megaeventos olímpicos tem um longo trajeto de tentativas sem sucesso. O presente resumo tem por objetivo apresentar a trajetória de tais tentativas, bem como seus resultados em termos de legado olímpico ambiental.

Desde meados da década de 1990, o Comitê Olímpico Internacional (COI) vem desenvolvendo uma série de iniciativas com o objetivo de integrar o Movimento Olímpico às questões ambientais e que, recentemente, vêm se tornando visíveis com o tema do aquecimento global e o futuro do planeta.

Na prática o COI criou uma Comissão de Esporte e Meio Ambiente, vinculando a mesma ao Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (UNEP); nos seguintes itens: i) adicionou o desenvolvimento sustentável às missões do COI descritas na carta olímpica; ii) determinou que o meio ambiente formasse o terceiro pilar do olimpismo juntamente com o esporte e a cultura; iii) promoveu, bianualmente, a Conferência Mundial de Esporte e Meio Ambiente; iv) escreveu a Agenda 21 do Movimento Olímpico; v) criou o Manual do Esporte e Meio Ambiente e também o Guia do COI de Esporte, Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável; vi) determinou que, preocupações com a proteção do meio ambiente e desenvolvimento sustentável fossem parte integrante dos critérios de avaliação na escolha da cidade sede dos jogos olímpicos; dentre outros.

O que se pode observar é que grande parte desse esforço é direcionado à sensibilização de dirigentes e instituições esportivas às questões ambientais, diretamente relacionadas aos eventos e práticas esportivas.

No entanto, nas seis edições de Jogos Olímpicos posteriores aos Jogos Olímpicos de Inverno de Lillehammer, em 1994, considerados os primeiros “jogos verdes” da história, pouco pode ser observado no que diz respeito à educação olímpica, com base no meio ambiente e a um possível legado olímpico ambiental.

Em todas as propostas de candidatura das cidades eleitas, desde 1994, o desenvolvimento sustentável foi descrito e planejado para a realização dos Jogos Olímpicos, porém o que se observa é que quando as propostas saem do papel e são concretizadas pouco é realizado de fato.

Curiosamente, o único comitê organizador que convidou e contou com a atuação de organizações ambientais no planejamento e execução de toda a preparação para os jogos, foi o Comitê Organizador Olímpico de Lillehammer (LOOC). Vale ressaltar que foi por iniciativa do comitê independentemente das regulações do COI, que na época, ainda não havia sequer formado a Comissão de Esporte e Meio Ambiente.

Nas outras seis edições dos Jogos Olímpicos (Atlanta, Nagano, Sydney, Salt Lake City, Atenas e Torino) não houve o envolvimento de organizações ambientais na preparação dos jogos e nenhum projeto de Educação Olímpica Ambiental foi realizado no sentido de interferir positivamente na percepção local sobre as questões ambientais.

Concluí-se então pelos fatos observados que os megaeventos olímpicos ainda não estão voltados para a Educação Olímpica com base na proteção do Meio Ambiente e esse pormenor pode ser contornado com planejamento e vontade política. A exemplo da candidatura do Rio de Janeiro à cidade sede dos Jogos Olímpicos, um projeto que almejasse uma interferência ambiental direta e a criação de um legado ambiental de médio e longo prazo através da Educação Olímpica com base na proteção do Meio Ambiente pode ser muito positivo, pois vai de encontro aos caminhos buscados pelo COI atualmente.

Referência

DACOSTA, Lamartine P.; VEERMAN, Cris C.. The Olympic Winter Games: The Quest for Environmental Protection and Educational Promotion – an Overview. In: MULLER, Norbert (Herausgeber); MESSING, MANFRED (Herausgeber); PREUSS, Holger (Herausgeber); TURIN. Von Chamonix bis. *Olympische Winterspiele im Blickfeld der Forschung*. Kassel: Agon Sportverlag, 2006, p. 79 – 99.

10 - Turismo e Megaeventos *Tourism and mega-events*

Megaeventos e Turismo: uma Breve Revisão

Arianne Carvalhede Reis
University of Otago, Nova Zelândia
Grupo Estudos Olímpicos UGF

Mega-events and tourism: a brief review *This text briefly reviews various impacts associated with sports mega-events, with focus on the tourism industry. It was possible to observe the processes of application and choice of the host cities to such events. The conclusion was that there is still a lot to discuss in terms of real long-run benefits not only for the tourism industry but also for other sectors of society.*

“Eventos são uma forma inigualável de atração turística”

(GETZ, 1989, p. 125)

Uma das mais procuradas formas de promoção do turismo da sociedade contemporânea é a apresentação de eventos. Eles representam uma forma singular de exibição para suas sedes, estendendo seus nomes e hábitos através da região, da nação ou do mundo, dependendo de seu tamanho e natureza. Turismo de eventos é definido como “a sistematização do desenvolvimento e do marketing de eventos como atração turística” (GETZ, 1989, p. 133). Devido a esta característica, eles são considerados lucrativos e, portanto, interessantes para a indústria do turismo que é baseada na promoção de um local. Como Getz (apud HALL, 1992, p. 4) assevera: “o turismo de evento está interessado (...) no desenvolvimento do destino e na maximização da atratividade de um evento para os turistas”.

Apesar de estar claro entre acadêmicos e administradores que eventos (dentre eles eventos esportivos) são importantes produtos turísticos, seus impactos somente começaram a ser estudados de forma mais sistemática nas últimas décadas do século XX. Não obstante, existem poucas pesquisas sobre seus impactos intangíveis, uma vez que o foco da maioria dos estudos se dá sobre os seus benefícios econômicos (CHALIP, 2000). Ainda assim, como salienta Higham (2005), a atenção de pesquisadores da área de turismo de eventos esportivos tem recaído mais pontuadamente sobre os gastos associados ao evento e sobre as despesas de seus espectadores. Ademais, resta muito a saber sobre os reais impactos desses eventos nas cidades-sedes, já que poucos estudos examinam tanto os impactos de curto quanto os de longo prazo. Soma-se a isso um grande número de falhas em pesquisas na área, que tendem a olhar somente para os aspectos positivos dos eventos (OWEN, 2005). Parafraçando Mount e Leroux (1994, p. 15), “acredita-se que as comunidades-sede se beneficiam (bem como também sofrem) cultural, social, política e economicamente ao sediar tais eventos”.

Eventos internacionais, como os Jogos Olímpicos ou, em menor escala, os Jogos Panamericanos, são especialmente atrativos para a indústria do turismo, uma vez que são considerados como responsáveis por impactos positivos de larga escala. De acordo com alguns autores (HALL, 1992; BRETON, 1997; MALFAS; THEODORAKI; HOULIHAN, 2004; HOUGHTON, 2005), eventos internacionais, especialmente eventos esportivos, têm condição de ampliar o orgulho cívico e de fortalecer a identidade regional; importantes impactos intangíveis difíceis de se mensurar¹, mas muito valiosos para a comunidade-sede. Além disso, argumenta-se em favor de tais eventos que eles contribuem para a expansão da temporada turística tradicional (HINCH; HIGHAM, 2003) assim como para a criação de uma imagem positiva para o destino (HOUGHTON, 2005).

As instituições públicas são, então, atraídas para a captação de eventos uma vez que se espera que eles aumentem a auto-estima local e atraiam investimentos, assim como ampliem o fluxo turístico e otimizem a divulgação política da localidade. Isto explica porque a maioria dos eventos conta com financiamento público ou são completamente subsidiados pelo poder público. Hall (1992) afirma que eventos se destinam a atrair turistas mas também são uma maneira de mostrar as potencialidades locais e características culturais, de melhorar a reputação de uma cidade além de seus limites e de demonstrar orgulho cívico e capacidade de mobilizar recursos. Houghton (2005) vai além e cita como exemplos países da América Latina que investem recursos públicos significativos para sediar eventos esportivos internacionais como forma de entrar na 'corrida desenvolvimentista' e mostrar seus potenciais para o mundo. O Pan-americano do Rio de Janeiro pode facilmente ser enquadrado nessa classificação.

Para melhor ilustrar nosso argumento, a seguir apresentamos as motivações elencadas pelo Departamento de Turismo do Governo do Canadá para sediar megaeventos:

[...] para elevar a atividade cultural na comunidade; para atrair turistas; para envolver a comunidade em celebrações cívicas; para desenvolver a participação popular nas artes, artesanato, esportes ou atividade física; para estimular e promover a comunidade para benefício público; para promover intercâmbio político e cultural; para criar e reforçar o espírito de boa vontade entre os grupos sociais e étnicos da comunidade; para chamar a atenção do público para características ou atrações únicas da comunidade; e, finalmente, para conseguir rendas que possam ser usadas para benefícios sociais da comunidade, de outro modo inatingíveis. (apud BRETON, 1997, p. 18).

De fato, existe uma visão assumida de que eventos são automaticamente positivos. Conforme reforçado por Butler (1993), raramente se pode prever se o impacto será bom ou ruim. Isto sempre dependerá de certos fatores, como tipo e abrangência do turismo, por exemplo. Spilling (1996) também nota que parece haver uma crença de que os megaeventos podem servir como catalisadores para o desenvolvimento de uma região e estimular as relações com outros países. Es-

1 - Podem ser consideradas como legado intangível.

sas suposições comuns são oriundas de uma interpretação inadequada de diversas pesquisas que, por sua vez, são freqüentemente conduzidas para provar essa afirmação. (OWEN, 2005; PREUSS; SEGUIN; O'REILLY 2007).

Existem diversos fatores que podem contribuir para resultados negativos, tanto em perdas econômicas, sociais e políticas, quanto ambientais. Sobre esse assunto, Orams (2005, p. 258) afirma: "*turismo não é uma panacéia, independente da forma como se apresenta*". Estas perdas deveriam, então, ser levadas em consideração, mas com freqüência são ignoradas. Para Whitson e Macintosh (1996), a despeito de algumas evidências de impactos positivos de curto prazo para algumas indústrias como a do turismo, os custos para o setor público são comumente omitidos.

Fica claro que instâncias governamentais utilizam o discurso de benefícios positivos para a comunidade como forma de obter apoio para sediar tais eventos.

Megaeventos e seus impactos

Considerando que o turismo de eventos esportivos é responsável por diversos impactos nas suas cidades-sede; desde impactos econômicos a impactos ambientais, os resultados de uma política de desenvolvimento deste setor podem variar consideravelmente.

Nenhum impacto, inclusive o turístico, pode ser completamente positivo ou negativo, o que deveria levar os estudos sobre o tema a refletir sobre custos e benefícios. A escala e dimensão desse impacto estão relacionados com o cenário analisado. Deveria ser comum, dessa forma, encontrar legados positivos em determinado ramo e negativos em outro. Contudo, são comuns os casos de levantamentos que privilegiam os resultados positivos dos megaeventos esportivos de forma a promovê-los ou convencer pessoas acerca de seus benefícios potenciais, em detrimento a uma avaliação mais rigorosa dos resultados obtidos. (OWEN, 2005).

Todavia, deve estar claro que pesquisas neste setor são extremamente complexas, uma vez que é difícil prever quais legados são realmente resultantes da hospedagem destes eventos esportivos e quais aconteceriam independente desses. (PREUSS; SEGUIN; O'REILLY, 2007). Além disso, existem impactos que podem ser quantificados em somas de dinheiro ou outras medidas concretas, enquanto há diversos outros em que uma resposta quantitativa é quase impossível de ser alcançada. Podemos classificá-los respectivamente em impactos tangíveis² e intangíveis³.

Essa definição, no entanto, não apresenta as complexidades envolvidas na mensuração e acuidade das pesquisas conduzidas para avaliar essas variáveis. Apesar de impactos tangíveis serem mais claros, não são, de forma alguma, simples de analisar. Na verdade, grande parte das controvérsias relacionadas aos

2 - Impactos econômicos, legados para a infra-estrutura e modificações urbanas estão entre os mais comuns e mais investigados legados tangíveis do turismo de eventos esportivos.

3 - Três dos mais citados impactos desta ordem são: promoção de imagem, impactos sócio-culturais e impactos políticos.

impactos dos eventos esportivos recai sobre algumas discrepâncias encontradas na literatura que aborda o tema. (OWEN, 2005).

Não apenas os resultados de vários estudos sobre impactos econômicos são mal interpretados por políticos de forma a apoiar seus objetivos políticos, como os próprios resultados são mal calculados por economistas, algumas vezes deliberadamente para agradar os patrocinadores da pesquisa, outras vezes sem intenção, de forma que o número de armadilhas nas estimativas dos benefícios de investimentos públicos são enormes (KÉSENNE, 1999, p. 37-38).

A partir de 1950, os investimentos em megaeventos esportivos têm crescido notavelmente e grande parte destes está diretamente relacionado à variáveis tangíveis. Os custos de se sediar os Jogos Olímpicos, por exemplo, são claramente muito maiores hoje. Os gastos com a operacionalização dos Jogos Olímpicos de Verão de Munique em 1972 chegaram próximo a US\$ 550 milhões, enquanto nos Jogos de Sydney esses valores ultrapassaram US\$ 1,2 bilhão (PREUSS, 2000). O Comitê Organizador dos Jogos de Pequim prevê um investimento total de US\$ 33,7 bilhões nas Olimpíadas de 2008 (LIN, 2003). Conseqüentemente, a mensuração dos impactos diretos de tais eventos em todo o sistema em que este se envolve é tarefa complexa, começando pelo tamanho do evento. Na verdade, para Heinemann (2003), podemos apenas medir com acuidade os custos e benefícios tangíveis diretos, tais como os investimentos necessários, custos administrativos de planejamento, organização e realização do evento. Os outros impactos são conseqüências e podem apenas ser medidos e calculados com certo grau de incerteza.

Apesar de todas essas dificuldades, claro está que existem aspectos políticos envolvidos nos estudos sobre custos e benefícios. Interesses políticos podem predominar levando a erros de cálculos e apresentação de dados tendenciosos, como a citação de Kessenne (1999) bem nos mostra. A (má) interpretação dos resultados por órgãos governamentais ou organizações esportivas de forma a melhor atender seus próprios interesses colocando em risco a credibilidade dessas pesquisas e enganando a população é, sem dúvida, o maior problema encontrado em estudos sobre impactos econômicos (KÉSENNE, 1999; OWEN, 2005, PREUSS; SEGUIN; O'REILLY, 2007). Como argumentam Chalip e Leyns (2002), estimativas de impactos econômicos são números políticos.

Por outro lado, apesar da grande atenção dispensada aos impactos tangíveis do turismo esportivo, os impactos intangíveis têm ganhado maior consideração e participação nas discussões dos empresários de turismo. Eles são excelente estratégia para convencer investidores e a população local a apoiar o financiamento da construção de instalações e infra-estrutura.

Nos Jogos Olímpicos, por exemplo, grande parte dos legados valorizados pelo Movimento Olímpico são intangíveis, já que grande parte da força dos Jogos deriva de seus símbolos e simbolismos (CASHMAN, 1999). Para alguns autores

não é possível quantificar o impacto dos Jogos em termos de valorização 'moral' e o maior impulso por trás deles é promover a cidade-sede enquanto cidade global (CASHMAN, 1999; CASHMAN; HUGHES, 1999; WEIRICK, 1999). Mais ainda, uma vez que os orçamentos tiveram um *boom* a partir de '11 de Setembro' – devido ao aumento de investimento em segurança – a probabilidade de um *surplus* financeiro nestes eventos é mínima. Assim, a importância de benefícios imateriais aumentou ainda mais.

Um argumento importante a favor do impacto positivo intangível na promoção de imagem é que megaeventos esportivos atraem mídia em grande escala. Desta forma, o evento e, conseqüentemente, sua sede, é transmitido por todo o mundo ganhando visibilidade e propaganda internacional gratuita. Assim, parece que esta atenção da mídia internacional leva à promoção que modela a imagem da cidade, região ou país-sede de forma a se tornar um destino turístico em potencial. (JEONG, 1992).

É comum, no entanto, super-estimativas quando se prevê benefícios turísticos devido a aumento do reconhecimento do destino. Os organizadores dos Jogos Olímpicos de Inverno em Lillehammer, por exemplo, previram, erroneamente, um aumento de 67% na média de pernoites na cidade após o término dos Jogos (UTAH DIVISION OF TRAVEL DEVELOPMENT, 2002). Esse engano significou a falência e/ou refinanciamentos de 40% dos hotéis da região, bem como a venda de dois *resorts* alpinos públicos, já que as marcas esperadas não foram atingidas a médio ou longo prazo. Pequim também apresentou o que poderíamos chamar de estatística ambiciosa no que se refere ao aumento do fluxo turístico como legado dos Jogos de 2008: O Comitê Organizador dos Jogos das XXIX Olimpíadas espera um aumento de 50 a 70% no fluxo turístico depois dos Jogos (XU, HE e PING, 2003). Preuss (2000) apresenta um argumento para essa falta de acuidade nas previsões de visitantes Olímpicos: ou as previsões não diferenciam os vários grupos de turistas ou eles simplificam a análise e consideram tudo como incremento de turistas.

Além disso, parece que os benefícios diretos da exposição dos destinos pela mídia têm, na verdade, um impacto de mais curto prazo do que normalmente é esperado. Um estudo citado por Chalip (2003) mostrou que a atratividade e evidência de Calgary nos mercados de turismo tiveram um aumento substancial durante e logo após os Jogos Olímpicos de 1998, mas um rápido declínio de volta à base. Nesse sentido, Whitson e Macintosh (1996) afirmam que existem poucas evidências de que um megaevento esportivo, como os Jogos Olímpicos, tenham uma influência a longo-prazo no turismo urbano. Para os autores, a não ser que a cidade seja bem-sucedida em estabelecer um *trade* turístico, sediar esporadicamente eventos esportivos, sejam eles mega ou de pequena escala, não irá criar benefícios a longo prazo para esta indústria.

Devemos lembrar também que, algumas vezes, a publicidade gerada em megaeventos pode ser uma faca de dois gumes. Se um evento mal organizado é transmitido ou se algum imprevisto/acidente é noticiado de forma negativa, a audiência recebe más referências do destino e tende a se afastar de qualquer possibilidade de contato com o mesmo. Mesmo que a mídia promova o destino, suas paisagens e potencial turístico, o turista que busca férias sem estresse pode evitar

a cidade pela desorganização, violência, sujeira, corrupção ou qualquer outro aspecto negativo, prevenindo-se de qualquer problema durante sua viagem.

Mesmo que o aumento de reconhecimento através da exposição pela mídia seja muitas vezes positivo, não está provado que somente ele induzirá à mais visitas, ou seja, turistas para a cidade, região ou país. Essa tese, apesar de bastante disseminada e utilizada pelos promotores destes eventos, ainda precisa ser colocada à prova. Segundo Whitson e Macintosh, (1996, p. 288) “é uma alucinação pensar que uma economia turística forte pode ser construída baseada nestes eventos”.

Em pesquisa de mestrado, analisei o desenvolvimento do turismo em três cidades Olímpicas – Barcelona, Atlanta e Sydney – comparando números anteriores e posteriores ao Jogos (CARVALHEDO, 2004). Ficou claro que o turismo derivado dos Jogos tende a ser de curto prazo, a não ser que estratégias e investimentos voltados para o incremento do turismo em longo prazo sejam projetados e colocados em prática. Os resultados nos mostraram que Atlanta, por exemplo, não teve qualquer aumento sustentado de médio ou longo prazo na indústria turística, apesar de benefícios terem sido notados em outros segmentos da sociedade. Naquele momento ainda era cedo para analisar benefícios de longo prazo para a indústria turística de Sydney, apesar de ter ficado nítido que esta cidade, e o país de uma forma geral, se prepararam de forma bastante profissional para se beneficiar do evento. De fato, segundo Faulkner e colaboradores (2000) nunca antes houve um investimento deliberado e coordenado de outras sedes para obter benefícios claros, de longo prazo, para a indústria turística como em Sydney 2000. Ainda hoje não se encontram disponíveis no meio acadêmico pesquisas realizadas em Sydney avaliando impactos de médio prazo na indústria turística. Mesmo assim, em pesquisa recente, Brown (2007) conclui que os grandes investimentos para o desenvolvimento da indústria turística feitos pelo governo Australiano obtiveram um resultado preliminar positivo, com grande parte dos turistas ligados à mídia do evento reportando o desejo de voltar a Sydney num futuro próximo. Não obstante, essa pesquisa não consegue mostrar que esse “desejo” se tornará realidade, revertendo benefícios concretos para o turismo da cidade-sede.

Em conclusão, está claro que megaeventos esportivos são excelentes produtos turísticos e movimentam a economia local, trazendo impactos de curto prazo significativos para a indústria turística. Porém, tal viabilidade tem significados mais positivos no plano de marketing internacional do que no da economia de megaeventos, o que solicita pesquisas de acompanhamento de longo prazo para se obter posições mais firmes. Há então muito o que se discutir quando se trata de benefícios concretos a longo prazo para essa indústria, assim como para outros setores da sociedade, principalmente se levados em consideração os enormes investimentos hoje inevitáveis para sediar eventos da magnitude dos Jogos Olímpicos ou mesmo dos Jogos Pan-Americanos.

Referências

- BRETON, C. *The Olympic challenge: can Montreal respond a second time to this mega tourism event after its 1976 host experience?* 1997. Dissertação (Mestrado em Science) – Universidade de Surrey, Surrey.
- BROWN, G. Sponsor hospitality at the Olympic Games: an analysis of the implications for tourism. *International Journal of Tourism Research*, v.9, n.5, p.315-327, 2007.
- BUTLER, R. W. Pre- and post-impact assessment of tourism development. In: PEARCE, D.; BUTLER, R. (Orgs.). *Tourism research: critiques and challenges*. Londres: Routledge, 1993. p.135- 155.
- CARVALHEDO, A. *O impacto dos Jogos Olímpicos no turismo de cidades-sede*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.
- CASHMAN, R. Legacy. In: CASHMAN, R. & HUGHES, A. (Eds.) *Staging the Olympics: the event and its impact*. Sydney: UNSW Press, 1999. p.183-194.
- CASHMAN, R.; HUGHES, A. Costs and benefits. In: CASHMAN, R.; HUGHES, A. (Eds.) *Staging the Olympics: the event and its impact*. Sydney: UNSW Press, 1999. p.195-200.
- CHALIP, L. *Leveraging the Sydney Olympics for tourism*. Barcelona: Centre d'Estudis Olímpics (UAB), 2000. Disponível em: <http://olympicstudies.uab.es/pdf/wp096_eng.pdf>. Acesso em: 2003.
- CHALIP, L. Tourism and the Olympic Games. In: MORAGAS, M.; KENNETT, C.; PUIG, N. (Eds.). *The legacy of the Olympic Games: 1984 – 2000*. Lausanne: International Olympic Committee, 2003. p.195-204.
- CHALIP, L.; LEYNS, A. Local business leveraging of a sport event: managing an event for economic benefit. *Journal of Sport Management*, v.16, n.2, 2002.
- FAULKNER, B.; CHALIP, L.; BROWN, G.; JAGO, L.; MARCH, R.; WOODSIDE, A. Monitoring the tourism impacts of the Sydney 2000 Olympics. *Event Management*, v.6, n.4, p.231-246, 2000.
- GETZ, D. Special events: defining the product. *Tourism Management*, v.10, n.2, p.125-137, 1989.
- HALL, C. M. *Hallmark tourist events: impacts, management & planning*. Londres: Belhaven Press, 1992.
- HEINEMANN, K. The Olympic Games: short-term economic impacts or long-term legacy? In: MORAGAS, M.; KENNETT, C.; PUIG, N. (Eds.). *The legacy of the Olympic Games: 1984 – 2000*. Lausanne: International Olympic Committee, 2003. p.181-194.
- HIGHAM, J. Introduction to sport tourism impacts and environments. In: HIGHAM, J. (Ed.) *Sport tourism destinations: issues, opportunities and analysis*. Oxford: Elsevier, 2005. p.223-232.

HINCH, T.; HIGHAM, J. *Sport tourism development*. Clevedon: Channel View Publications, 2003.

HOUGHTON, F. Latin America and the Olympic ideal of progress: an athlete's perspective. *The International Journal of the History of Sport*, v.22, n.2, p.158-176, 2005.

JEONG, G. *Perceived post-Olympic sociocultural impacts by residents from a tourism perspective: a case study in Chamsil, Seoul, Korea*. Minnesota: University of Minnesota, 1992.

KÉSENNE, S. Miscalculations and misinterpretations in economic impact analysis. In: JEANRENAUD, C. (Ed.). *The economic impact of sport events*. Neuchâtel: CIES, 1999. p.29-39.

LIN, X. The economic analysis of Beijing 2008 Olympic Games. In: MORAGAS, M.; KENNETT, C.; PUIG, N. (Eds.). *The legacy of the Olympic Games: 1984 – 2000*. Lausanne: International Olympic Committee, 2003. p.227-228.

McDONNELL, I.; ALLEN, J.; O'TOOLE, W. *Festival and special event management*. Brisbane: John Wiley & Sons, 1999.

MALFAS, M.; THEODORAKI, E.; HOULIHAN, B. *Impacts of the Olympic Games as mega-events*. Municipal Engineer, v.157, n.3, p.209-220, 2004.

MOUNT, J.; LEROUX, C. Assessing the effects of a mega-event: a retrospective study of the impact of the Olympic Games on the Calgary business sector. *Festival Management and Event Tourism*, v.2, p.15-23, 1994.

ORAMS, M. Sport tourism and natural resource impacts. In: HIGHAM, J. (Ed.) *Sport tourism destinations: issues, opportunities and analysis*. Oxford: Elsevier, 2005. p.248-259.

OWEN, J. Estimating the cost and benefit of hosting Olympic Games: what can Beijing expect from its 2008 Games? *The Industrial Geographer*, v.3, n.1, p.1-18, 2005.

PREUSS, H. *Economics of the Olympic Games: hosting the games 1972-2000*. Peter-sham: Walla Walla Press, 2000.

PREUSS, H.; SEGUIN, B.; O'REILLY, N. Profiling major sport event visitors: the 2002 Commonwealth Games. *Journal of Sport & Tourism*, v.12, n.1, p.5-23, 2007.

SPILLING, O. R. Mega-event as strategy for regional development: the case of the 1994 Lillehammer Winter Olympics. *Entrepreneurship & Regional Development*, v.8, p.321-343, 1996.

UTAH (Governor). Division of Travel Development. *Marketing lessons from previous Olympic host communities*. 2002. Disponível em: http://travel.utah.gov/research_and_planning/2002_olympics/index.html. Acesso em: 2003.

WEIRICK, J. Urban design. In: CASHMAN, R.; HUGHES, A. (Eds.) *Staging the Olympics: the event and its impact*. Sydney: UNSW Press, 1999. p.70-82.

WHITSON, D.; MacINTOSH, D. The global circus: international sport, tourism, and the marketing of cities. *Journal of Sport & Social Issue*, 23, p.278-295, 1996.

XU, D.; HE, C.; PING, X. Beijing 2008: planning and organising the Olympic legacy. In: MORAGAS, M.; KENNETT, C.; PUIG, N. (Eds.). *The legacy of the Olympic Games: 1984 – 2000*. Lausanne: International Olympic Committee, 2003. p.422-425.

11 - Gestão de Megaeventos – Práticas e Projetos de Pesquisas Management of mega events – practices and research

Avaliação das Estruturas, Organização e Operacionalização dos Jogos Parapan-Americanos Rio 2007 – Um Estudo Comparativo Com Sydney 2000, Atenas 2004 E Torino 2006

**Leonardo Mataruna
Laboratório de Atividade Motora Adaptada
UNICAMP**

Evaluation of the structures, organization and execution of the Rio 2007 Paralympic Pan American Games - a comparative study with the Olympic Games of Sydney 2000, Athens 2004 and Turin 2006 *The objective of this study is to supply data that can be used for the improvement of future mega events (i.e. continental Games), aiming to contribute to future applicant cities to become host cities for the Paralympic Games. Although the comparative method has relevant limitations, field observations of the Rio 2007 Paralympic Pan American Games were taken into consideration in relation to similar incidents to the Paralympic Games of Sydney 2000, Athens 2004 and Turin 2006. Transportation, access to sports facilities, opening and closing ceremonies, volunteers and other aspects were examined. The results showed that the success about the Rio 2007 Paralympic Pan American Games disseminated by the media corresponded only in part to today's Olympic requirements.*

Os III Jogos Parapan-americanos Rio 2007 (PARAPAN) entraram para a história do esporte como um dos eventos mais bem organizados de todos os tempos em escala mundial. Os investimentos foram altos e ocorreu grande preocupação desde a construção das estruturas, chegada dos atletas, realização das competições e fechamento dos Jogos. O Comitê Organizador (CO-RIO) trabalhou incansavelmente para realizar os primeiros Jogos em conjunto para pessoas sem e com deficiência nos moldes de megaeventos Olímpicos e Paraolímpicos e, portanto não poupou esforços para se ter uma boa atuante nestes empreendimentos esportivos. Pela primeira vez, uma edição do PARAPAN foi realizada na mesma cidade e nas mesmas estruturas dos Jogos Pan-Americanos (PAN'AM), seguindo, desta maneira, os mesmos princípios dos Jogos Paraolímpicos (JP).

Vale destacar que a organização de Jogos em âmbito mundial para pessoas com deficiências surgiu em 1924, destinado a deficientes auditivos, os quais não participam dos JP e nem do PARAPAN. Este movimento despertou a atenção do Comitê Olímpico Internacional por sua primeira edição, ter sido organizada na mesma cidade e um pouco antes dos Jogos de Verão - Paris'1924. Mas os "Jogos do Silêncio" caminhou isoladamente e se desdobrou nos anos 2000 nas Surdo-

limpiadas. Em 1944, iniciou-se a idealização do evento que ocorreria 4 anos mais tarde, que eram então os Jogos para Lesados Medulares no Hospital de Stoke Mandeville na Inglaterra. Este evento que teve um pouco de influência do primeiro movimento organizado mundialmente para deficientes em 1924, se replicou em 1960, nas Paraolimpíadas de Roma. Esta nomenclatura só aparece nos idos de 1970¹, e segue sendo adotada até a atualidade e seu radical que um dia foi utilizado para aludir à paraplegia, mais tarde ganhou a conotação do prefixo grego para explicitar proximidade ou similaridade aos Jogos Olímpicos (JO) ². Os JP em Seul'1998 passaram a ser organizados nas mesmas estruturas dos JO e no momento são responsabilidades do mesmo Comitê Organizador dos Jogos (COG) realizar ambos os eventos com qualidade sem que ocorra prejuízos em relação aos valores e princípios do Olimpismo. Os COG possuem desde Atenas'2004 a obrigatoriedade de organizar os dois eventos com a mesma qualidade e recursos devem ser previstos para os Jogos de verão e inverno como um todo, sem que, teoricamente, privilégios atinjam exclusivamente uma determinada manifestação, seja Olímpica ou Paraolímpica.

No caso do CO-RIO a proposta de organização de ambos os eventos em conexão foi inédita para as Américas e marca uma nova era para o esporte continental, já que servirá de modelo para os outros Jogos ao redor do planeta. No caso da Ásia, esta iniciativa já aconteceu uma vez e se repetiu na Tailândia no *Sea Games* (SIRIPOW, 2007).

Os PARAPANs, que no momento estiveram na sua terceira edição no Rio de Janeiro, são um desdobramento dos Jogos Pan-Americanos iniciados no Canadá em Winnipeg'1967, que contou com a participação de Argentina, Trinidad e Tobago, Estados Unidos e México. Na segunda edição, na Argentina em Buenos Aires'1969, o Brasil participou pela primeira vez no basquetebol em cadeira de rodas. Três anos depois, a pátria canarinho esteve representada em sua primeira Paraolimpíada, que teve a cidade alemã de Heidelberg como sede (CPB, 2007).

Com a criação do Comitê Paraolímpico das Américas (APC), o evento recebeu na Cidade do México'1999, sua roupagem e caracterização de primeira edição, e que em 2003 na Argentina apresentou sua segunda edição até chegar ao evento que introduziu novas modalidades, mas que deixou de fora outras que compõem o Programa Paraolímpico (PP)³. Assim como no Programa Olímpico PAN'AM⁴, o PARAPAN pode-

- 1 - Nesta década outras deficiências foram incluídas nos JP direcionado às pessoas com amputações, cegueira e deficiência mental, mas estes últimos permanecem participando de um evento paralelo denominado Olimpíadas Especiais e portanto, não participaram do Parapan e também estão fora do programa paraolímpico.
- 2 - Em português, o termo resulta de um empréstimo do termo inglês Paralympics, do qual se terá construído também nessa língua um adjetivo. De acordo com o Oxford English Dictionary (2000), Paralympics constitui uma amálgama, tendo sido construído com base no cruzamento de para(plegic) + (o)lympics. Entretanto divergências são comuns quando se toma a definição do termo Paraolímpico pela paraplegia e não pelo sufixo grego para de "proximidade, ao lado de, ao longo de, semelhante" (FERREIRA, 1975, p.1032).
- 3 - Arco e flecha, bocha, ciclismo, hipismo, golbol, iatismo, tiro, esgrima, rugby e remo, este ultimo será introduzido inclusive nos JP a partir de Beijing'2008.
- 4 - PROGRAMA OLÍMPICO - Programa de modalidades esportivas que são desenvolvidas nos Jogos. No caso do Pan'Am, o boliche, a patinação artística e o BMX são modalidades que não partici-

ria ter apresentado modalidades que não estão contempladas PP, como os esportes de aventura, remo, boliche, *showdown*, handebol em cadeiras de rodas, entre outras que poderiam ter tido um novo espaço de competição.

Pensando na possibilidade de melhoria, crescimento contínuo, racionalização crítica de detalhes, utilizou-se de uma análise crítica comparativa entre os padrões olímpicos (Sydney'2000, Atenas'2004 e Torino'2006) e paraolímpicos (Atenas'2004 e Torino'2006) de acordo com a realidade e particularidades dos respectivos eventos para realizar este estudo.

O objetivo principal deste trabalho é fornecer dados que possam ser utilizados para a lapidação dos futuros eventos testes, com o enfoque voltado a organização dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de Verão, Rio'2016. De acordo com Reppold Filho (2007), existe propensão a erros metodológicos quando se compara eventos da mesma natureza, e também quando os eventos são de escalas diferenciadas, como são os casos Jogos Continentais e Mundiais. Podem ocorrer erros ou julgamentos que apresentem falhas, mas sempre serão introduzidos pelas evidências encontradas ao longo das observações (MATARUNA e BARROS, 1998).

Reconhece-se que este tipo de comparação apresenta uma limitação no método, mas justifica-se e ganha sustentação teórica quando se apóia na proposta da organização do RIO 2007 em moldes e caráter de JO e JP, pois o CO-RIO se preocupou não somente em atender as exigências da Organização Desportiva Pan-Americana (ODEPA) e do APC, mas também aos outros indicadores do Comitê Olímpico Internacional (IOC) e Comitê Paraolímpico Internacional (IPC).

Metodologia

Para esta investigação utilizou-se a pesquisa descritiva, com o método de estudo de caso do tipo interpretativo, segundo Thomas, Nelson e Silverman (2007, p.252) para apresentar as observações das medidas de variabilidade e frequência dos eventos encontrados (PEREIRA, 2004). A partir dos casos descritos, algumas passagens foram destacadas utilizando o Método Comparativo indicado por Kula (1977, p. 571), e viabilizou-se uma crítica dos eventos observados tendo como referência do ponto de vista de organização esportiva de megaeventos, os eventos supra transcritos. O Método Comparativo pode ser considerado uma boa opção de análise de eventos se entendermos que *não é possível introduzir na ciência nenhum fenômeno novo e comprovado sem compará-lo com os fenômenos já conhecidos, pois sem essa comparação, simplesmente, não se pode dar um nome a nenhum fenômeno novo e comprovado.* (KULA, 1977, p. 571; CARDOSO E BRIGNOLI, 1981, p.410).

A avaliação do evento contou com a simulação desde a chegada de um turista internacional à cidade para assistir os Jogos; apreciação do aparelho público de transporte para entender o deslocamento até as instalações esportivas desde diferentes pontos da cidade; averiguação das instalações esportivas; organização das

cerimoniais de abertura, premiação e encerramento; vitória simplificada de todas as modalidades esportivas e de setores instaurados nestes; análise superficial da mídia em relação ao evento; e comparação geral dos aspectos esportivos com outros eventos realizados. Todo o processo foi avaliado no período de 12 a 19 de agosto de 2007. Todos os registros foram realizados em diário de campo. Todas as instalações foram visitadas em todos os dias de prova, incluindo a Vila Parapan-Americana (VPA). Para acesso as instalações e realização desta avaliação o pesquisador foi credenciado pelo Comitê Organizador dos Jogos.

Resultados

O legado internacional de organização esportiva para os IV PARAPAN que ocorrerão no México em Guadalajara'2011 é o maior fruto deste evento que teve uma grande visibilidade na América do Sul, mas que infelizmente na América do Norte e Central passou despercebido (MATARUNA, 2007). A presença do público nas instalações esportivas aproveitando a gratuidade dos ingressos promoveu um fato inédito no esporte para pessoas com deficiência, a lotação completa das instalações no final de semana e longas filas para assistir a Natação no Parque Aquático Maria Lenk e o Basquetebol na Arena Olímpica. "O entusiasmo da torcida nas competições demonstrou o carinho do povo carioca pelos atletas parapan-americanos" (CO-RIO, 2007). É notório de que a mídia foi fundamental para que o evento tivesse a positiva reflexão alcançada no país. Mesmo com boas impressões que o evento promoveu, ficou faltando um impactante Programa de Educação Olímpica (PEO) que esteve a desejar nos PAN'AM e PARAPAN.

A possibilidade de exploração de conteúdos a respeito do Olimpismo através de um estruturado PEO que trabalhassem valores éticos e morais; a promoção cultural (por meio de músicas, pinturas, poesias, entre outras como, por exemplo, o acampamento olímpico proposto na Carta Olímpica); a promoção esportiva; a promoção da saúde; fazem parte um seletor hall de atividades que são de baixíssimo custo e de alto impacto social, as quais promovem uma positiva repercussão no que tange a promoção das propostas de Pierre de Coubertin e do IOC, e tendem a formar opiniões e comportamentos na sociedade em que se aplica.

A gratuidade dos ingressos foi o ponto exclusivo de educação olímpica associado a entrega dos folhetos explicativos das modalidades, que eram encontrados em apenas algumas modalidades e instalações. Estes informativos só começaram a ser entregues a partir do segundo dia nas instalações que funcionavam na BT e nas outras a partir do terceiro dia, gerando certo prejuízo educacional. A veiculação contínua em jornais diários, rádios e canais de televisão garantiram o sucesso do evento que todos os dias contou com elevado número de público e, em algumas modalidades, chegaram a superar o número de espectadores dos Jogos Paraolímpicos de Atenas, como no caso do Judô, Halterofilismo e Voleibol Sentado. A Natação e a final do Basquetebol no final de semana de encerramento também apresentaram público visualmente superior aos Jogos de 2004.

A imprensa realizou excelente trabalho, mas erroneamente, os jornalistas comparam novamente os resultados dos atletas paraolímpicos com os olímpicos, uma gafe metodológica em relação as possibilidades de medalhas, já que por exemplo, os JP utilizam as mais de 200 medalhas disponíveis para o atletismo e 160 para a natação contra as 46 e 32 que estão em disputas respectivamente no JO. Uma possível solução para tais equívocos seria a criação de workshops em conjunto para a imprensa, objetivando um PEO destinado a jornalistas, no qual se apresenta ambos os eventos e em consequência, outros destaques são adicionados. Este tipo de iniciativa de PEO pode ser entendido a outros setores da sociedade, como por exemplo, voltado a Diretores de Escolas (Públicas e Privadas), Líderes Religiosos, Professores de Educação Física, Professores de Educação Fundamental, Agentes e Técnicos Esportivos e os próprios artistas do espetáculo, os atletas. Retomando a discussão comparativa, vale destacar que as classes existentes e as categorias que seguem as deficiências permitem um maior número de medalhas a serem conquistadas no movimento paraolímpico. (PAPAKONSTANTOPOULOS, 2006, p.71).

Sabe-se que foram estas comparações que permitiram uma maior visibilidade ao esporte paraolímpico no Brasil, cujo cuidado metodológico para afirmações baseadas em estatística não foi levado em consideração, apresentando um erro de método nas análises divulgadas pela imprensa em relação às participações do Brasil em Jogos Olímpicos e Paraolímpicos. Os eventos, apesar de muitas similaridades, não podem ter as performances de atletas comparadas, pois simboliza uma inconsistência metodológica para realizar algumas afirmações. Seria como comparar a performance entre um leopardo e um falcão, onde os dois são animais velozes, só que um voa e utiliza asas e o outro corre e usa patas, um tem que vencer a resistência física do ar e o outro, além desta, ainda enfrenta o solo como outra barreira mecânica a ser superada.

Resumindo, para se comparar resultados o mais indicado é a utilização de uma correção estatística para não ser injusto com algumas das partes, levando em consideração os aspectos convergentes e divergentes das modalidades esportivas do ponto de vista olímpico e paraolímpico. Vale lembrar que ambos os movimentos possuem seus valores positivos e negativos, mas as particularidades inerentes às performances devem ser utilizadas para comparar os atletas dentro dos seus respectivos eventos.

Do ponto de vista paraolímpico, comparar atletas entre si dentro de uma mesma classe é um indicador que reduz os possíveis equívocos, mas isso ainda é bastante discutido, pois os esportistas possuem deficiências diferentes que os aproximam de um nível de competitividade, mas mesmo assim, ainda se necessita de uma análise científica em relação à avaliação dos resultados. De todas as maneiras as comparações agiram de modo positivo para o desporto paraolímpico, mas gerou certo desconforto para atletas, técnicos e dirigentes do esporte olímpico os quais recebem mais recursos para a preparação das equipes e possuem um número muito superior de profissionais envolvidos na condução do movimento.

Levar os alunos da Rede Pública Municipal de Ensino (RPME) foi uma excelente ação que se repetiu desde os Jogos de Sydney'2000, os pioneiros neste tipo de proposta. Não é o foco desta análise, mas com base em registros históricos e por pessoas que competiram nos Jogos de Barcelona'1992 descritos por Mataruna et al. (2005), os estádios sempre estavam abarrotados pela população, mas a presença de escolas era em baixa escala, o que se contrapõe ao PARAPAN, que demonstrou eficiência neste processo. A falha no caso do evento continental talvez tenha sido a limitação a apenas escolas da RPME, pois durante todo o evento o pesquisador não encontrou nenhum grupo de alunos conduzidos e orientados por professores oriundos de escolas da rede estadual e federal. Escolas privadas também não foram encontradas, apenas em pequenos grupos isolados e por iniciativa própria dos alunos. Deveria ter surgido um convite a todas as unidades escolares do estado (Públicas e Privadas, que atingisse desde a Educação Infantil ao Ensino Superior) e assim, terem sido criadas estratégias para a distribuição do público nas unidades esportivas, em relação ao deslocamento das mesmas e a frequência dentro dos locais de competição.

O transporte a voluntários que durante o PAN'AM era gratuito de acordo com a sua identificação na credencial, durante o PARAPAN não funcionou. Ônibus, Metrô, Barcas e principalmente a Rede Ferroviária impedia a entrada. Portanto, era necessária a compra da passagem para se deslocar dentro da cidade, exceto nos ônibus que partiam do Terminal da Alvorada, mas mesmo assim, em alguns momentos, quando ocorriam as negligências a este direito, a justificativa dos funcionários era de que o PAN'AM já tinha acabado. Muitas pessoas do setor de transportes não sabiam que ambos os eventos faziam parte do mesmo programa Rio' 2007. A proposta para os próximos eventos desta natureza é explicitar melhor a conexão entre ambos no sentido de melhorar o atendimento pessoal.

Em se tratando de transporte, vale destacar a dificuldade de deslocamento do Estádio João Havelange (Engenhão) para o posto central de transporte na Barra da Tijuca (BT) no Terminal da Alvorada. Não foram encontrados transportes da BT para o Engenhão e nem para Deodoro onde ocorria o Futebol de 5 (Deficientes Visuais) e 7 (Paralisados Cerebrais).

Melo e Souza (2007) apontaram muitas dificuldades de acessibilidade que foram apresentadas em um programa de TV e que também foram encontradas pelo pesquisador em se tratando de todos os transportes disponíveis. Além dos transportes não estarem adaptados, não haviam funcionários treinados para dar este suporte, excetuando-se na BT, cujo um seleto grupo passou por um curto treinamento, como denominou um dos envolvidos neste processo. As barcas, não apresentadas pelos autores, também foram visitadas durante o período de avaliação e apresentaram estruturas de acessibilidade comprometidas. Apenas o Aeroporto Internacional do Galeão (Tom Jobim) e o Aeroporto Santos Dumont tinham equipes de suporte as Pessoas com Deficiências (PCD) ⁵.

5 - O pesquisador utilizou o Aeroporto Internacional (Tom Jobim), vindo do exterior no dia da abertura do PARAPAN e deixou a cidade pelo Aeroporto Nacional (Santos Dumont) no dia do encerramento avaliando como positivo ambos os dispositivos. Entretanto pistas táteis para aces-

No Aeroporto Internacional apenas foi encontrada uma voluntária que aguardava a chegada de uma autoridade, mas não foram encontrados outros para dar suporte aos turistas. Questionada se poderia dar um suporte informativo para seguir para a BT, agiu sem muito zelo apontando que não era sua função atuar como suporte ao turista e alegou que estava solitária e incumbida apenas de realizar a missão pré-estabelecida. Assim como no aeroporto, não foram encontrados voluntários nos principais transportes públicos para orientar e dar suporte a quem de fato necessitasse. Em estações de trem como Sampaio, Campo Grande e Deodoro, o acesso foi considerado muito difícil, e Engenho de Dentro e Central destacaram-se por difícil acesso, o primeiro para ingressar na plataforma e o segundo para a entrada nos vagões. Foi encontrada apenas uma rampa móvel na estação relativa do Engenho de Dentro, mas não havia ninguém para operá-la.

A solução para este caso seria adaptar um sistema de rampa automático nos vagões, que seria acionado ao mesmo tempo em que as portas se abrissem, o mesmo se deslocaria apoiando-se na plataforma, visto que o desnível entre esta, além da distância do trem, são barreiras impeditivas para PCD em geral, idosos e crianças. Este tipo de adaptação promoveria um imenso legado para a cidade e para os usuários deste setor, mas de nada adianta adaptar os trens se as estações não estão preparadas com rampas e elevadores. A capacitação de funcionários também deve ser mais extensa e deveria ser legalmente inserida como obrigatoriedade às empresas públicas e privadas de transporte realizar um treinamento contínuo com os seus funcionários, de modo a responder coerentemente a lei de acessibilidade⁶.

Vale destacar que a rampa de subida em frente ao Engenhão, foi construída muito íngreme, e não possui caminho tátil nem travas de nível, o que permitiria o cadeirante repousar entre momentos da subida caso apresentasse dificuldades e pessoas com cegueira poderiam se orientar de quanto falta para chegar ao topo. Os acessos para PCD visual em todas as instalações foram considerados como insuficientes; e PCD de mobilidade tiveram dificuldades de acesso nas arquibancadas do Rio Centro (Volei Sentado e Judô), no ginásio Maria Lenk (Natação), em Deodoro (Futebol de 7). No halterofilismo havia um amplo espaço para posicionamento ao redor do Local de Prova – *Field of Play* (FOP). Em algumas modalidades como o Basquete (Arena), Judô (Rio Centro) e Futebol de 5 (Deodoro) havia um lugar específico ao lado do FOP para PCD em cadeira de rodas, mas o acesso até estas áreas só era permitido para quem tinha credencial (atletas, dirigentes e convidados). Próximos aos locais de competição

sibilidade de deficientes visuais não foram identificadas e informações em Braille também não facilmente encontrados em placas ou informativos; dispositivos visuais para PCD auditiva foram encontrados com pouca frequência assim como telefones que permitissem o acesso a este grupo e PCD de crescimento ou em cadeira de rodas.

6 - Belchior (2007) relatou que a acessibilidade das principais instalações do Pan e do Parapan recebeu críticas do Crea-RJ (Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura do Rio de Janeiro). Segundo relatório do órgão encaminhado à Prefeitura do Rio, Vila do Pan, Complexo do Autódromo, Riocentro, Engenhão, Maracanã e Maracanãzinho ainda estão em desacordo com as regras de acessibilidade em espaços públicos, regidas pela norma 9050/2004 da ABNT e pelo Decreto 5.296/2004. Segundo o relatório, uma das falhas mais comuns é a falta de assentos para acompanhantes ao lado dos cadeirantes. O Crea-RJ observou que não há sinalização tátil ou piso especial com relevos para guiar deficientes visuais.

não foram encontrados semáforos com dispositivos auditivos para PCD visual e nem indicadores de tempo para o cruzamento de pedestre o que orienta além de PCDs, toda a população em geral.

Ainda em relação aos transportes, causou estranheza a faixa especial de transporte das delegações e equipes, que fora encontrada na Linha Vermelha, na Avenida Aberlardo Bueno, na Avenida Ayrton Senna, mas que na Linha Amarela, se localiza-va a extrema esquerda de ambas as pistas durante o PAN'AM, e que foi brutalmente apagada (com tinta preta) pela concessionária logo no primeiro dia de competição do PARAPAN em ambos os sentidos da via. Se de fato os Jogos estão sob a mesma estrutura de gestão, deveria ser mantida como é feito nos JO e JP a manutenção das vias e da sinalização até o fim de todo o evento. Na Avenida Brasil não havia placa ou indicação de entrada para o Futebol de 5 e 7, em Deodoro, o que gerava dificuldade de identificação do acesso.

Outro detalhe que causou surpresa é que as delegações não eram escoltadas nos ônibus que partiam da VPA e se dirigiam aos Estádios da BT, no próprio bairro, e para o Engenheiro. Durante alguns episódios o pesquisador cruzou com ônibus que partiram da Vila Olímpica aos locais de prova e não visualizou o escoltamento, que acontecia, por exemplo, nos Jogos de Atenas'2004. Sem falar no número de pessoas que não tinham habilitadas em suas credenciais o direito de acesso ao transporte e que mesmo assim faziam uso do mesmo que se deslocava à VPA.

Por tratar do assunto de compatibilidade de credenciais, em raros momentos o pesquisador foi barrado de acesso e encontrou pessoas sem identificação dentro do FOP e outras localidades que não eram permitidas. Mesmo com o controle da Força Nacional de Segurança (FNS), que atuou de maneira exemplar, o acesso a qualquer parte das instalações foi muito negligenciado, principalmente se comparado a organização do próprio PAN'AM, sem mencionar ainda o exaustivo controle em Torino'2006 e Atenas'2004, sendo que este último também pecou no controle a áreas exclusivas a autoridades da Família Paraolímpica. Acredita-se que pelos fatores de gratuidade; número reduzido de voluntários; e menos visibilidade dos Jogos, o PARAPAN tenha sido vítima desta grave falha que não gerou maiores transtornos por questões de sorte.

Em megaeventos a sorte não pode ser um fator a ser levado em consideração, já que tudo tem que ser pensado, planejado, testado, re-testado e realizado, sem falhas. Em outros tempos catástrofes do tipo invasão de quadra por exibicionistas, manifestantes e exploradores comerciais, elucidando ainda a questão da segurança, no atual contexto do esporte mundial, em se tratando de terrorismo, assaltos e furtos, complicaria toda a imagem de um evento que foi altamente planejado e durante todo tempo, gerou uma série de preocupações aos organizadores. Esta talvez tenha sido uma das poucas falhas, mas de grande impacto no que tange ao controle de acessos aos locais do evento. Para toda regra existem exceções como no caso da VPA e da Arena Olímpica que contaram com o maior controle aos acessos credenciados durante o PARAPAN.

No caso da Arena, o número de voluntários era bem inferior do que nos PAN'AM como confessou um supervisor que lutava para controlar o público que lançava aviões e gaivotas de papel produzidas pelo material do PEO que era entregue na entrada do ginásio. A preocupação era para o incômodo que o mesmo promovia além do cuidado para que este não atingisse o FOP. Como nesta instalação também se encontrou baixo número de voluntários no Serviço de Atendimento ao Espectador (STS) desde a abertura ao encerramento, exceto no Clube Marapendi (Tênis em Cadeira de Rodas), que por sinal foi o evento junto com o halterofilismo com o menor número de público nas observações realizadas.

No folheto que fora entregue antes e durante os PAN'AM e PARAPAN do Ministério dos Esportes (2007), percebe-se que o material de excelente qualidade fora preparado minuciosamente para atender ambos os eventos, apresenta de modo equilibrado os espaços entre homens e mulheres, atletas com e sem deficiência (tênis em cadeira de rodas, *triathlon* e saltos ornamentais), entretanto não incluiu-se crianças e idosos, que poderiam compor dois itens esquecidos (Cultura e Educação) que fazem parte da Carta Olímpica (ver referência).

Vale lembrar que estes itens são bem valorizados pelo Comitê Olímpico Internacional (IOC) e que poderiam ter sido mais explorados com baixo investimento para ambos os eventos seguindo modelos pré-existentes adotados nos Jogos de Atenas'2004, Torino'2006 e Beijing' 2008, este último por sinal apresenta a proposta mais impactante de difusão da cultura olímpica, conforme o pesquisador teve contato no mês de Julho na 15ª Sessão de Pós-Graduação da Academia Olímpica Internacional. Ao longo do informativo foram descritos os investimentos no esporte; tecnologia; social; infra-estrutura; turismo e relações internacionais; segurança pública e inteligência e todos aludem apenas o momento dos jogos, exceto o último item citado que decorre sobre a possibilidade do legado em relação a (...) *prevenção à violência durante e depois do Pan* (Ministério dos Esportes, 2007).

Cerimônia de Abertura

Os elementos presentes no protocolo das cerimônias de abertura dos Jogos Olímpicos foram cumpridos a risca (IOC, 2007): desfile das delegações participantes; discurso do presidente do Comitê Organizador; Chefe de Estado declara abertos os Jogos; hino dos Jogos; entrada e hasteamento da Bandeira dos Jogos; chegada da tocha ao estádio; acendimento da pira; pombos simbolizando a paz (representado pelos tecidos); juramento dos atletas; juramento dos juizes; hino nacional do país sede; programa artístico.

Alguns fatores destacaram-se positivamente como, por exemplo, a apresentação de localização dos países em um mapa das Américas na entrada das delegações no desfile; a presença de bailarinos em cadeiras de rodas no cerimonial; a coreografia em tecidos (fato que foi o alvo de diferenciamento entre pan e parapan); mesmo hino e mascote do Pan, reforçando a identidade cultural dos eventos; e a presença

do Presidente do Comitê Organizador – Dr. Carlos Arthur Nuzman, confirmando o compromisso de organizar o evento para atletas olímpicos e paraolímpicos conforme acordado desde a candidatura da cidade.

Outros detalhes comprometeram um pouco a imagem do evento como, por exemplo, a limitação de espectadores. Apenas as pessoas que tinham convite foram autorizadas a participar do cerimonial como observadores. Depois de iniciado o evento e visto que o ginásio da Arena Olímpica se encontrava completamente vazio, as portas foram abertas ao público que aguardava do lado de fora e que acreditou até o último instante que era possível assistir mesmo que sem convites. Muitas pessoas estavam dispostas até a comprar os ingressos da grande festa, mas o mesmo era reservado a autoridades e patrocinadores.

De acordo com Belchior (2007a), na abertura, a platéia só encheu arena com liberação de portões e destinou vaias ao prefeito do Rio e ao Presidente da República ao ser citado pelo locutor. A festa inaugural apresentou problemas na segurança para usuários de cadeira de rodas e falta de legendas para deficientes auditivos.

Ainda a autora relata que no quesito acessibilidade, o PARAPAN começou sua edição no Rio com reprovação. A Corde (Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência) apontou falhas na cerimônia de abertura, na Arena Multiuso. Entre elas, a falta de segurança nas tribunas para portadores de cadeira de rodas, que também foi apontada por usuários. Não havia proteção suficiente para evitar quedas de pessoas em cadeira de rodas, afirmaram portadores de deficiência e especialistas ouvidos pela reportagem da Folha de São Paulo (Belchior, 2007b).

As tribunas -eram oito, com espaço para dez cadeiras de rodas- apresentavam um vão entre um relevo no chão, para bloquear as rodas, e um cano de ferro na altura do ombro dos usuários. No espaço vazio, havia somente uma lona. “Este relevo não segura nem as rodas menores. Se alguém for para a frente, cai”, disse o atleta Gladimir Vieira, registrado pela autora. Carolina Sanchez, coordenadora da Corde, órgão da Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, responsável pela gestão de políticas públicas de integração de deficientes, anotou, com sua equipe, as falhas da organização para relatório e expressou a opinião de que “A avaliação está feita. Ainda falta muito para [o Parapan] ficar bom, nos padrões de acessibilidade”, avaliou. O ideal seria que nestes espaços houvesse uma mureta na altura dos joelhos dos cadeirantes para travar a órtese. Ainda a autora cita que “o secretário-geral do Co-Rio, Carlos Roberto Osório, percorreu as tribunas para checar a situação e rebateu as reclamações: ‘Os nossos engenheiros fizeram [as tribunas] de acordo com o que foi recomendado, que era o relevo no chão e o ferro na parte de cima. A Arena já atendia às normas de acessibilidade, mas resolvemos instalar tribunas’”. Apesar das reclamações, o público aplaudiu a festa, uma versão reduzida da abertura do Pan, com muito *playback*.

Com a entrada do público não convidado e com a cerimônia e andamento, não faltaram críticas e comparações entre ambos os Jogos do Rio 2007. A platéia não fora intimada a interagir com a festa, ficando apenas como observadora passiva, uma tendência que tem sido superada nos grandes eventos pela interatividade de animadores culturais, locutores e outros dispositivos virtuais que motivam o público presente. As roupas das portas bandeiras foram as mesmas utilizadas no Pan; havia pouquíssimos voluntários nas arquibancadas organizando o serviço de espectadores (STS); o público ovacionou apenas os atletas do Brasil com ênfase e vaiaram novamente o Presidente da República (problemas da falta de um amplo programa de educação olímpica em longo prazo – que deveria ter sido iniciado nas escolas, igrejas, centros comunitários e nos meios de comunicação até atingir a grande massa); o telão central apresentou defeito apresentando apenas um fundo azul; os atletas cadeirantes ficaram no centro da quadra, enquanto os atletas andantes foram para as arquibancadas, fragmentando as nações e causando confusão no direcionamento para onde se dirigir no caso das delegações maiores; os blocos 1 e 2 dos cadeirantes ficaram respectivamente, muito condensado e muito diluído em suas disposições espaciais; na alocação do Brasil três fileiras foram para a esquerda enquanto as outras foram para a direita; a delegação do Peru entrou carregando uma bandeira do Brasil, quebrando o protocolo deste modo; os voluntários que entraram com a equipe do Suriname acenavam mais do que os atletas e se manifestava contrariando o treinamento para voluntários que o CO-Rio preparou em três diferentes encontros antes do Jogos (muito bem dirigido pela Sra. Paula Hernandez); o ar condicionado do estádio não estava dando vazão e o calor nas arquibancadas era forte; a acústica do estádio não permitia o entendimento da letra do lema do Rio 2007; as portas bandeiras pareceram que não ensaiaram no local do evento; os soldados que estavam ao lado direito e que carregaram a bandeira marcharam errado; em nenhum momento dos discursos se escutou o termo *fair play*; na música em que a voz de Arnaldo Antunes aparecia (conforme no pan), o cantor não se fez presente; em algumas partes os bailarinos não se empenharam e saíram andando no meio da coreografia; sem preocupação na limpeza estética dos movimentos, destoando de parte do grupo que executavam movimentos diferenciados; faltaram voluntários do STS no anel superior da Arena e a utilização dos elevadores acabou sendo genérica quando havia ordem para apenas permitir a entrada para uso de PCD e membros da Família Paraolímpica; briga entre voluntários e supervisores no setor “O”; Apenas 1h16min depois de iniciada a cerimônia é que o placar central começou a funcionar, mas logo depois parou novamente; a canção da interprete Adriana Calcanhoto não apresentava qualquer ligação com o contexto esportivo da PCD; a cerimônia não apresentou novidades em relação ao Pan e além disso foi bem reduzida; o pedido de 1 min de silêncio foi muito longo e os espectadores impacientes começaram a cantar para suprir o espaçamento sonoro; o presidente do Rio 2007 discursou dizendo que tudo seria igual entre ambos eventos, mas Salvaterra (2007) diz que o sistema de saúde foi bem diferente.

De acordo com Salvaterra (2007) e outros representantes da sociedade relacionados às PCD que reclamaram do atendimento aos atletas participantes do Parapan,

ocorreu tratamento diferenciado entre os atletas olímpicos e paraolímpicos. Segundo este citado, os atletas nos PAN'AM tiveram um atendimento exemplar, não ocorrido no PARAPAN em função de um erro contratual ocorrido.

Cerimônia de Premiação

Seguii a todos os protocolos em todas as modalidades observadas. Apenas no Judô ocorreu uma demora demasiada na colocação do pódio que em alguns casos, chegou a ser montado e desmontado de duas a três vezes antes da entrega das medalhas. O motivo pelo qual ocorreu essa manobra justifica-se nas categorias que tinham apenas três ou quatro atletas, pois não medalhava os dois terceiros colocados⁷. As demais modalidades seguiram sem problemas.

Cerimônia de Encerramento

O roteiro da cerimônia de encerramento do Parapan Rio 2007 foi organizado de maneira a atender a todos requisitos do IOC e IPC:

- 1) Boas vindas;
- 2) Hino Nacional e Hasteamento das Bandeiras;
- 3) Desfile dos porta-bandeiras;
- 4) Grandes momentos dos Jogos apresentados no telão;
- 5) Passagem da bandeira da APC;
- 6) Hasteamento da Bandeira do México e execução do Hino Nacional Mexicano
- 7) Discurso do Presidente do Comitê Organizador dos Jogos Parapan-americanos Rio 2007, Carlos Arthur Nuzman;
- 8) Discurso do Presidente do Comitê Paraolímpico das Américas, Andrew Parson;
- 9) Baixa das bandeiras do Comitê Paraolímpico das Américas e dos Jogos Parapan-americanos Rio 2007;
- 10) Apagar da Pira;
- 11) Concerto final com a cantora Sandra de Sá;

Mesmo a cerimônia sendo restrita apenas aos que estavam na VPP, pessoas que acompanharam os Jogos e instituições que prestam suporte a PCD queriam participar do evento. A estratégia de se realizar dentro da VPP, pode ter sido uma estratégia errada, pois caso tivesse ocorrido no mesmo local de abertura e com os portões abertos, provavelmente teria lotado as instalações.

7 - O Judô premia dois terceiros colocados, mas no caso de três ou quatro atletas em disputa somente dois ou três irão ganhar as respectivas medalhas.

Ocorrências Destacadas

Quando os Jogos ParaPan-Americanos foram reivindicados e assumidos pelo Comitê Organizador do Jogos Pan-Americanos já se tinha em mente de que nenhuma obra de adaptação das instalações seriam realizadas, pois as obras estariam prontas para o Parapan e no Pan (NETO, 2007).

A montagem do que os Organizadores chamam de “*overlay*”, ou seja, as instalações temporárias, ocorreu durante os PAN’AM e o legado ficou para o Parapan. Sendo que algumas estruturas de Deodoro apresentaram falhas na manutenção. Na sala de resultados (SIC) desta Unidade Esportiva, havia ar-condicionado em funcionamento, mas não havia teto, o que era um impeditivo em função das altas temperaturas durante os jogos, para quem laborava neste espaço. No Rio Centro muitos chefes de missão e treinadores buscavam resultados nos locais do Tênis de Mesa e Judô, mas as salas não permaneciam abertas em todos os momentos. Às vezes, a espera pelo responsável durava 40 minutos, quando deveria estar em funcionamento constante durante as atividades da competição;

O público queria torcer durante a competição do Futebol de 5, mas não eram alertados na entrada que deveriam conter a emoção e vibrar apenas após a efetivação do gol, para não atrapalhar os atletas com deficiência visual.

No Engenhão, no Rio Centro (Voleibol Sentado) e na Arena (Basquetebol), ocorreram confusões com espectadores e os agentes da FNS demoraram para entrar em ação, sendo resolvidas as discórdias por intervenção dos voluntários. Em contrapartida ao redor dos locais de competição e nas ruas da BT o patrulhamento foi intenso, mas faltaram barreiras próximas aos estádios como ocorre em JO e JP.

A Brigada de Emergência no Maria Lenk e na Arena ficavam assistindo as provas e abandonavam seus postos de controle. Fato comprovado quando uma voluntária passou mal e demorou 14 minutos para receber o primeiro atendimento. Ao momento acompanhei a mesma ao posto médico, onde um médico bombeiro prestou o suporte necessário.

Faltou controle na entrada do FOP da natação, judô, halterofilismo, voleibol sentado, futebol de 7 e tênis em cadeira de rodas e dentro do mesmo era fácil transitar sem nenhum impedimento, antes, durante e depois da competição.

Foi constatada falta de alimentos nos *lounges* de atletas e técnicos; e diferença na qualidade dos lanches dos voluntários. As frutas destes últimos, nos 4 primeiros dias vieram danificadas em todas as unidades visitadas. Dentro da VPP o setor que funcionou melhor com o controle de identificação foi a entrada desta e o acesso ao restaurante. Os atletas reclamaram que a lanchonete patrocinadora oficial não concedia seus sanduíches e os mesmos tinham que arcar com a alimentação. Não foram encontradas máquinas de refrigerante gratuito (do patrocinador oficial) ao longo da VPP e nem nos estádios.

O computador para a estatística do Judô no primeiro dia não funcionou e somente (relatos de contratados para atuar na organização) no segundo dia de competição é que foi possível acessar o mesmo desde o FOP.

Chegar ao FOP, teoricamente seria uma tarefa impossível no caso de JO e JP, e acredito que no PAN'AM também, mas no PARAPAN não. Se o invasor tivesse uma credencial o acesso era um pouco mais difícil, mas não impossível, como deveria ser protegida a área mais delicada que traduz a imagem do produto do evento. Chegar à área de trânsito dos atletas, comissão técnica e arbitragem ao redor do FOP (*outside*) – vestiário, elevadores, área de aquecimento, era mais fácil. Todas as áreas de competição foram reprovadas neste quesito, exceto o futebol de 5, atletismo e basquetebol, que nos dois primeiros dias foram aprovadas, sendo que este último foi o único a impedir a infiltração de não autorizados no FOP, mas assim mesmo era possível acessar a quadra de aquecimento.

O acesso ao *Doping* foi controlado pela FNS e a entrada não permitida até as equipes de controle (escoltas) permanecessem no local. Antes ou depois da presença dos mesmos, não havia nenhum tipo de controle e as salas não estavam fechadas em Deodoro e Rio Centro. Geralmente não se permite fotografar estes ambientes, mas, atletas, membros da FNS e membros de Comissões Técnicas realizavam esta ação durante as entrevistas que antecedem a coleta do procedimento.

O acesso a parte superior dos estádios não era controlada, o que era plausível de um ataque terrorista caso ocorresse, valendo elucidar que as portas de acesso externo superior da Arena Olímpica, não eram guardadas e nem lacradas e tão pouco havia alguma barreira. Ao acaso para tentar chegar no topo mais alto das instalações para visualizar o plano geral e detalhes do evento (*background*), o pesquisador se deparou com o acesso livre ao terraço do estádio.

No caso do controle aos acessos, excetuando este último caso haviam pessoas destinadas às funções em 4 instalações foram encontrados voluntários nesta função com a presença da FNS, sendo que 2 tinham contava somente com os militares e as demais não havia a presença de ninguém. A utilização das pistolas leitoras utilizadas pela FNS e voluntários no *check-in* (apenas no Engenhão), de fato só eram encontradas em uso no João Havelange, no Rio Centro e na VPP. Em outros locais estava completamente aposentado pela “tranquilidade” do evento, segundo relatou um agente da FNS. Sendo que no Engenhão parou de ser utilizada no terceiro dia de competição no acesso em frente à linha ferroviária. Este controle deveria ser mais efetivo para evitar as fraudes, fato que deve ter sido colocado como obsoleto após o PAN'AM que controlava as credenciais e ingressos, excetuando a gratuidade do no PARAPAN que talvez tenha corroborado para o não uso do equipamento. No quinto dia de competição os detectores de metais do Engenhão e Parque Esportivo do Autódromo não apitavam na identificação de metais, vide informações de pessoas que entraram com computadores e máquinas fotográficas sem deixá-las no Raio X. Como se refere o ditado popular, todo cuidado é pouco, e se comparado aos esquemas de Atenas e Torino nesse quesito, principalmente nos JO e JP de inverno foram minuciosamente checados.

Percebeu-se que além da falta de voluntários, muito dos convocados compareceram nos primeiros três dias e depois não retornaram. Durante o treinamento dos voluntários ocorreu o anúncio de que apenas 15.000 pessoas estavam sendo selecionadas de um universo de um pouco mais de três vezes este valor. Talvez a estratégia para as próximas edições seja selecionar um número maior de pessoas e condicionar a participação em ambos os eventos. Além disso, a entrega de brindes compensatórios por dias de trabalho facilita o envolvimento do voluntariado.

No caso de Torino'2006, os voluntários que trabalhassem mais do que 5 dias ganhavam um *pin* exclusivo a função que desempenhavam; mais do que 8 dias ganhavam outros; e durante 12 dias ganhavam um relógio também exclusivo do evento. Os que laboravam em ambos os eventos em Atenas tinham uma dispensa concedida ao trabalho. No caso do Rio 2007, o pesquisador não encontrou nenhuma medida desta natureza e tão pouco incentivo pelos governos, caso os professores ou outros funcionários públicos trabalhassem nos eventos poderiam ter suas faltas laborais abonadas. Com certeza medidas desta natureza envolveria um maior número de pessoas. Em Torino'2006 todo o controle de frequência era feito pela leitura do crachá em código de barras, assinatura de recebimento do ticket de almoço ou jantar (diferente do RIO 2007, o qual ofertou lanche), e ainda cada voluntário tinha uma cartela de presença que recebia um carimbo específico do dia e que era ainda rubricado pelo supervisor indicando o turno de trabalho. Para a troca dos benefícios esta cartela era fundamental e cada carimbo diário era motivo de alegria para os voluntários.

No caso do PARAPAN, um pequeno guia que deveria ter sido entregue aos voluntários chegou ao *check-in* do tênis em cadeira de rodas, só no último dia de competição e mesmo assim não foi distribuído. Muitos voluntários também ficaram sem certificados e sem orientações de onde buscar os mesmos, já que havia três tipos diferentes de informações. Para quem atuou no Rio Centro a recomendação era de retirada no Co-Rio; para os voluntários do Marapendi a informação indicava o posto de credenciamento no estacionamento do Barra Shopping; e para os que estavam no Engenhão a informação era que a retirada deveria ser feita na segunda-feira após o encerramento na VPP. Tem-se notícias de que algumas pessoas não receberam o certificado do PARAPAN.

Na área de descanso dos voluntários (*staff*), as frutas não estavam muito frescas em todas as instalações a reclamação era a mesma entre os voluntários questionados sobre as reclamações em relação a este local, e outras falhas foram encontradas neste setor, derivadas da falta de cadeiras e pouca circulação de ar, já que estas áreas não eram providas de ar condicionado⁸. Caso tivessem refrigeradas as frutas poderiam estar mais saborosas, a conservação melhorada e a ingestão do produto

8 - As salas de Deodoro, Engenhão, Maria Lenk e Arena eram quentes e sem nenhum atrativo visual. Deveriam ter sido disponibilizadas televisões com imagens de outros locais de competição e da própria instalação. Faltaram também relógios nestas áreas para o autocontrole do tempo de pausa. Um rodízio por meio de numeração para o lanche seria o ideal. A cada entrada no *check-in* para o trabalho, o supervisor (*team-leader*) numeraria o grupo e criaria escalas e facilitaria ao voluntário se pré-organizar mentalmente para administrar o andamento da sua função, pois no momento de entrada saberia em que horário faria seu descanso.

termo-conservado poderia compensar um pouco o calor em *locus*. O suprimento de maçã crocante destinada aos atletas fora entregue no último dia aos voluntários apenas na Arena, diferenciando-se de outros locais. O lanche do Engenhão apresentava mais um item, barra de cereais, mas em contrapartida a bebida era única, enquanto os voluntários do Rio Centro podiam escolher entre refrigerantes e suco de maracujá em caixinhas.

A Sala dos Atletas (*Lounge*) apresentava poucas variedades apenas maçã desidratada, bolinhos doces e água. Já nos outros eventos comparados encontrava-se chocolate, isotônicos, refrigerantes e outros alimentos como sanduíches e biscoitos.

O serviço médico merece todos os elogios já que não demonstrou nenhuma falha em nenhuma das unidades visitadas e todas as pessoas que necessitavam de atendimento sempre eram tratadas com muita educação e gentileza.

No credenciamento, o controle dos uniformes foi perfeito, a produção da identificação também, mas tinham pessoas com mais de uma credencial o que não era permitido pela a organização do evento. Parece que o banco de dados que se instalava na sede do CO-RIO era diferente, do banco disponibilizado para voluntários no Barra Shopping. Com isso alguns árbitros, atletas e algumas pessoas que trabalhavam no FOP, tinham duas credenciais. Quando eram identificados pelos controles tinham um dos seus passes retidos, mas na maioria das vezes não. A solução seria ter um cadastro único utilizando o número do CPF como identificador e leitura da digital (dermatoglífica) nos bancos de dados para evitar qualquer duplicada de documentação.

A parte de Tecnologia não apresentou nenhuma alteração apenas fica a sugestão para que no caso de modalidades como o Judô, o Tênis, Futebol⁹ de 5 e 7, tenha-se um telão para reproduzir as imagens e *replays* das principais jogadas. Isso ajuda também na interatividade do público, um dos setores bem observado pelo marketing de massa nos megaeventos. Sabe-se que se houver um bom entretenimento durante os intervalos facilita a manutenção do espectador na competição e pode gerar aumento de arrecadação através da venda e consumo dos produtos do evento que devem ser explorados midiaticamente antes, durante e depois do evento. A exposição dos mesmos por interatividade ao decorrer do evento induz a busca posterior em *stands* ou postos de vendas. Por citar os produtos do Rio 2007, comenta-se que estes tiveram preços salgados para a população brasileira e principalmente o cidadão fluminense. A qualidade apresentada foi a mesma encontrada nos JO e JP, mas os preços também foram os mesmos, incompatíveis com a realidade do país. Geralmente nos JP existe uma queima de produtos por meio da baixa dos preços, o que não foi identificado no evento local. Caso os preços fossem mais reduzidos, acredita-se que as vendas poderiam ter sido mais elevadas, o que levaria a lucratividade por quantidade.

A Logística, Depósito, Escritórios de Cerimônia de Premiação não foram profundamente avaliadas, mas no que tange ao funcionamento, não apresentou problemas aparentes, ficando aqui os elogios. Apenas a sugestão que fica é de se trazer

9 - No caso do Futebol de 5 o telão estava muito distante do campo e pessoas com baixa visão tinham dificuldades de enxergar o resultado, tempo e outras informações disponibilizadas.

os responsáveis (*chairmans*) das modalidades ou contatá-los diretamente e com antecedência para saber se há alguma nova alteração no FOP, ou qualquer necessidade especial para os locais de competição com o intuito de evitar correrias de última hora para atender as necessidades das modalidades como ocorreu em duas instalações.

A locução no Parque Aquático Maria Lenk estava confusa no primeiro dia mas depois ocorreu o acerto e o público presente pode aproveitar o evento. Apenas no placar havia a apresentação de que era recorde pan-americano, mas não apresentava os valores. Ocorreu um erro na locução do nome da atleta vencedora da categoria -48 kg no Judô Feminino, Karla Cardoso foi chamada de “Kátia” e sem ser elucidado o sobrenome. A atleta que apresenta deficiência visual demorou a se movimentar na subida ao pódio, pois não sabia que estava sendo chamada, já que ocorrera um equívoco ao seu nome. A execução do hino nacional neste dia desta modalidade foi realizada em altíssimo volume produzindo poluição sonora, o que incomodou as PCD visual, que utilizam sua audição como meio de referência espacial. Nestas instalações havia muitos voluntários, em nível de JO, o que garantiu um excelente funcionamento. Durante as partidas da semifinal do futebol de 5, o áudio da narração falhou em alguns momentos. A narração estava em altíssimo padrão, mas os equipamentos apresentaram algumas falhas. Nos demais esportes a locução ocorreu tranquilamente sendo plausível de moções e congratulações ao nível de JO e JP.

Em relação aos banheiros adaptados da Arena e os convencionais estavam muito sujos, sem papel higiênico e toalha, e sabão o que gerava reclamação dos espectadores. Talvez o pessoal de serviços gerais tenha sido reduzido perto da demanda esperada. O pesquisador acredita que o número de pessoas nos estádios surpreendeu até mesmo os organizadores do evento.

A imprensa foi considerada relativamente boa¹⁰, mas em muitas tribunas de destinadas a este setor estavam vazias. Acordos com universidades, rádios e televisões de outros estados e até mesmo países, portais digitais de notícias, deveriam ter sido realizados, convidando-os ao evento, e lhe oferecendo algumas facilidades para a transmissão direta de dados. Esta ação preencheria parte dos locais dispostos e aumentaria ainda mais a visibilidade do evento. Teve-se conhecimento através de pessoas que trabalhavam nos referidos locais de que a rede de transmissão de dados em algumas instalações apresentou falhas e só começou a funcionar no segundo dia de provas, o que de fato atrasou o repasse das informações. Profissionais da imprensa ainda reclamaram que os banheiros eram muito distantes e que era difícil abandonar o posto de trabalho por muito tempo para se dirigir a estes. A identificação da imprensa – TV -por meio de coletes (*Broadcast*) e fotógrafos é prevista e sempre encontradas no JO e JP, mas no Engenhão, poucos jornalistas no FOP trajavam a indumentária, principalmente próximo a linha de chegada.

Nos postos de informações os voluntários não dominavam outras línguas e falavam uma espécie de dialeto quando questionados por pessoas de outras nações que

¹⁰ - A divulgação de horas de transmissão em Parapan foi enorme. Hoje o Brasil é um dos países que abre mais espaço na mídia ao esporte Paraolímpico o que vem motivando novos investidores no ramo dos patrocínios e direcionamento de seus produtos a clientes como as PCDs.

ocupavam as delegações, isso foi averiguado na VPP, Marapendi, Rio Centro e Deodoro. Nestes não eram disponibilizadas informações em Braille e as pessoas também não tinham conhecimentos de Linguagem Brasileira de Sinais (LIBRAS)¹¹. Faltavam placas em Braille e corrimão guia para pessoas com dificuldade de locomoção desde a entrada ou *check-in* de quem fosse trabalhar ou competir até os locais de competição e arquibancada. Nas estruturas móveis (desmontáveis) os banheiros químicos eram inacessíveis as cadeiras de rodas, pois o piso até chegar aos que haviam era inadequado (feito com brita – pedrinhas).

A área de treinamento e aquecimento do tênis de mesa, atletismo, e judô eram perfeitas não deixando a desejar nada se comparada aos JO e JP, mas faltavam bancos para a recuperação dos atletas andantes entre as provas, treinamento e aquecimento.

Considerações Finais

O CO-RIO (2007) disponibilizou em seu portal os agradecimentos e reconhecimento ao sucesso do evento, que:

(...) deve ser creditado a todos os que trabalharam pela organização e execução do evento. Aos voluntários o nosso profundo agradecimento pelo comprometimento demonstrado para com os Jogos. Aos membros e colaboradores do CO-RIO o reconhecimento pela qualidade e disposição de superar todos os desafios. Aos Governos Federal, Estadual e Municipal os nossos calorosos agradecimentos pela determinação de fazer dos Jogos Pan-americanos e dos Jogos Parapan-americanos Rio 2007 um capítulo memorável na história do esporte do Brasil e das Américas. Nosso agradecimento também ao apoio, à participação e à confiança depositadas no CO-RIO pelo Comitê Paraolímpico Internacional, pelo Comitê Paraolímpico das Américas e pelo Comitê Paraolímpico Brasileiro na organização dos Jogos, bem como a participação dos Comitês Paraolímpicos Nacionais e de suas delegações. Por fim, parabenizamos os atletas parapan-americanos pelas demonstrações diárias de garra, perseverança e superação e pelo exemplo de vida para todos nós.

O trabalho de tecnologia em eventos de grande porte se divide em duas frentes: a gestão dos Jogos e a difusão de informações e resultados. A gestão dos Jogos consiste na concentração de dados necessários para o andamento do evento, atendendo às mais diversas áreas (credenciamento, embarques e desembarques, acomodação, transporte, classificação de atletas, serviços médicos, entre outros). Mas é no sistema de difusão de informações que reside o ponto crucial. Abrangendo desde a divulga-

11 - Durante a apresentação das atividades no FOP das áreas de competição, como por exemplo, informação das saídas de emergência da instalação; escalação de jogadores e vídeos que passavam para entreter o público deveria ser apresentada legenda ou tradução simultânea em LIBRAS para PCD auditiva.

ção dos resultados nos locais de disputa até sua transmissão em tempo real para todo o mundo, esse é o sistema que pode resultar na interrupção de uma competição em caso de falha (CO-RIO, 2007). Nestes aspectos o número de funcionários e o sincronismo na organização e andamento dos serviços devem ser as prioridades para a realização plena sem graves falhas.

A equipe de trabalho do PARAPAN e o número de voluntários deveriam ter sido mais amplos, assim como as atenções destinadas ao evento que deveriam ter sofrido inspeções criteriosas no período de lacunas entre os Jogos. Avaliações de controle poderiam ter sido realizadas diariamente durante o evento por equipes nas instalações, buscando reparar possíveis erros.

Kasahara (2007) relata que de acordo com o presidente do APC e secretário-geral do Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB), Andrew Parsons, a falta de visibilidade do esporte paraolímpico é um problema que se repete em todo o mundo, não apenas no Brasil. A televisão brasileira é até mesmo a recordista mundial em geração de imagens de uma Paraolimpíada. Divulgação para atrair novos adeptos e patrocinadores; investimentos para garantir a estrutura e possibilitar a divulgação. Estes são os requisitos necessários para o desenvolvimento do esporte Paraolímpico que são os mesmos tão essenciais ao esporte Olímpico. O olhar diferenciado da mídia destacando o atleta é o que se busca como igualdade de tratamento da PCD que está no esporte com ou sem adaptações, questão que tem mudado de enfoque nos últimos anos (PEREIRA, SILVA, PEREIRA, 2006). São estes os responsáveis pelo constante crescimento do Brasil nas competições internacionais das quais participa, evolução comprovada pela conquista do inédito primeiro lugar no quadro de medalhas do PARAPAN Rio'2007.

O esporte paraolímpico evoluiu muito nos últimos dois ciclos quadrienais no Brasil e no mundo, isso se deve ao profissionalismo que as atividades tem sido encarradas pelo CPB e IPC. A aproximação para a aprendizagem do nível de excelência que o Comitê Olímpico Brasileiro realiza em seus procedimentos, pode corroborar como espelho para aplicação de recursos, treinamento de profissionais e organização de megaeventos, sendo bastante proveitoso para que a evolução do esporte adaptado não freie, e melhore cada vez mais a sua auto-imagem, se traduzindo em aceitabilidade, respeito e inclusão das PCDs em diferentes setores da sociedade.

Referências

BELCHIOR, Luisa. Relatório do Crea aponta falha nas arenas do Rio-2007. *Folha de São Paulo*, 20/08/2007. Disponível em <<http://esporte.uol.com.br/pan/2007/parapan/2007/08/20/ult5264u84.jhtm>>. Acessado em 15 de outubro de 2007a.

BELCHIOR, Luiza. *Parapan falha no acesso de deficientes*. Disponível em: <<http://pfdc.pgr.mpf.gov.br/clipping/agosto/parapan-falha-no-acesso-de-deficientes/>>. Folha de São Paulo - 13 de agosto de 2007>. Acesso em: 10 de setembro de 2007b.

- CARDOSO, C.F. e BRIGNOLI, H. P. *Os métodos da História*. Rio de Janeiro: Graal, 1981.
- CARTA OLÍMPICA. Disponível em: <http://multimedia.olympic.org/pdf/en_report_122.pdf>. Acesso em: 15 de setembro de 2007.
- CO-RIO. *A história dos Jogos Pan e Para-Pan-Americanos*. Disponível: <<http://www.rio2007.org.br>>. Acessado em: 12 de setembro de 2007
- CO-RIO. *Jogos Pan e Para-Pan-Americanos*. Disponível: <<http://www.rio2007.org.br>>. Acessado em: 12 de agosto de 2007
- CPB – Comitê Paraolímpico Brasileiro. *Paralympic*. Disponível em: <www.cpb.org.br>. Acesso em: Dezembro 10, 2004.
- CPB. *Histórico Brasil*. Disponível: <<http://www.cpb.org.br>>. Acessado em: 10 de setembro de 2007
- IOC. *Olympic Games*. Disponível em: <<http://www.olympics.org>>. Acessado em: 13 de setembro de 2007.
- KASAHARA, Ivan. *Não há mistério para fazer crescer o esporte paraolímpico*. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/sec21/chave_artigo.asp?cod_artigo=3304> Acessado em: 12 de setembro de 2007.
- KULA, W. *Problemas y métodos de la historia económica*. Barcelona: Ed. Península, 1977.
- MATARUNA, L. Rio 2007: Pan-Am and Para-Pan-American Games. In: *15th Seminar of Olympic Studies*. Olympia: International Olympic Academy, 2007.
- MATARUNA, L.; OLIVEIRA FILHO C.W.; FONTES M.S.; ALMEIDA J.J.G. Social Full Inclusion – Blind Sports. In: DaCosta L. *Atlas of Sports in Brazil*. Rio de Janeiro, Shape, 2005, p.638-644.
- MELO, Sheila; SOUZA, Edy Wilson. *ParaPan e dificuldades de acesso*. Disponível em: <<http://br.youtube.com/watch?v=HMdE4REqwoU>>. Programa RJ TV – 1ª edição, Rede Globo de Televisão. Produção: Renata Fernandes, Edição: Paula Levy e Estevão Medeiros. Rio de Janeiro, 14.08.07. Acessado em 05 de outubro de 2007.
- MINISTÉRIO DOS ESPORTES. *Uma oportunidade de ouro para o futuro do Brasil. Folder informativo dos XV Jogos Pan-Americanos Rio 2007 e III Jogos Parapan-Americanos*. Brasília: Governo Federal, 2007.
- NETO, Vital Severino. *Jogos ParaPan-Americanos - Acessibilidade*. Disponível em: <<http://br.youtube.com/watch?v=0jCmNOpVfts>>. Programa Câmara Ligada. TV Câmara. Brasília, 16 de julho de 2007. Acessado em 10 de outubro de 2007.
- OXFORD ENGLISH DICTIONARY (2000), *Dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- PAPAKONSTANTOPOULOS, T. Classification - the essential difference between the Paralympic sport and the Olympic sport. In: *VISTA CONFERENCE 2006*. 6-7 maio de 2006. Bonn: International Paralympic Committee, 2006 p.71.

PEREIRA, A.L., SILVA, M.A.; PEREIRA, O. O valor do atleta com deficiência. Estudo centrado na análise de um periódico português. In: *Rev Port Cien Desp* 6(1) 65–77, 2006.

PEREIRA, J.C.R. *Análise de dados qualitativos: estratégias metodológicas para as ciências da saúde humana e sociais*. São Paulo: USP, 2004.

REPPOLD FILHO, A.R. Políticas Públicas nos Esportes. Forum Olímpico Estadual 2007. IN: *Simpósio Nacional de Educação Física*. Pelotas: Outubro, 2007. UFPel, 2007.

SALVATERRA, Bruno. *Atleta argentino do Parapan tem morte cerebral*. Disponível em: <<http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM718574-7823-ATLETA+ ARGE NTINO+DO+PARAPAN+TEM+MORTE+ CEREBRAL,00.html>>. Acessado em 02 de novembro de 2007.

SIRIPOW, Yo. *Sea Games*. Comunicação Pessoal. Bangkok, 2006

STEFANE C.A.; SILVA E.M.; MATARUNA L.; CASTRO, S.J. (2006). Adapted Sports, Paralympics and Special Olympics. In: DaCosta L. *Atlas of Sports in Brazil*. Rio de Janeiro, Shape, 2005, p.645-649.

THOMAS, J.R.; NELSON, J.N.; SILVERMAN, S.J. *Métodos de pesquisa em atividade física*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

Planejamento dos Jogos Mundiais Militares 2011 – Rio de Janeiro: Memória Resumida de Edições Passadas e da Campanha da Candidatura Vencida pelo Brasil.

Paulo Roberto Ribas

Ten Cel R/1 do Exército Brasileiro

The organization of the 5th Military World Games of 2011 – Rio de Janeiro: summarized memory of past editions and of the bidding process won by Brazil *The Military World Games, created by the International Military Sports Council (CISM) in 1995, is a quadrennial sports mega-event. Brazil won the bidding process against Turkey for the right to hold the 5th Military World Games. The huge sports infrastructure in Rio de Janeiro, built for the Pan American Games, the Brazilian expertise at holding major events and the support granted to the Project by the Brazilian authorities were decisive for the Brazilian victory. The Games will take place in July (16-24). There will be approximately 4,900 athletes and 1,800 delegates from more than 100 countries. The competition will comprise 24 sports, some of them appearing for the first time in Military World Games, such as beach volleyball. Brazil is to participate with 250 athletes, and will be represented in all sports.*

Os Jogos Mundiais Militares (JMM) são um megaevento multiesportivo organizado a cada quatro anos, sob a égide do Conselho Internacional do Esporte Militar (CISM) e fundamentado no espírito dos Jogos Olímpicos, para fortalecer os propósitos de atingir a paz no mundo por intermédio do esporte. Estes Jogos foram criados em 1995 para celebrar o 50º aniversário do final da 2ª Grande Guerra Mundial. Ao receber mais de 100 Nações representantes das Forças Armadas dos cinco continentes, o evento inicial expressou uma mensagem de paz para o mundo em nome da amizade através do esporte (ideal estampado em seu slogan: “*Friendship Through Sports*”).

Após o sucesso da primeira edição, o Quadro de Diretores do CISM decidiu repeti-lo sempre a cada ano antes dos Jogos Olímpicos, assim as edições seguintes foram realizadas em Zagreb – Croácia (1999), Catania – Itália (2003) e Hyderabad - Índia (2007), programando-se a próxima edição no Rio de Janeiro – Brasil (2011).

O CISM é o organismo de abrangência internacional fundado em 1948 por militares da Bélgica, Dinamarca, França, Luxemburgo e Holanda, com o objetivo de promover a paz após os conflitos internacionais que marcaram o mundo na primeira metade do Século XX. Atualmente integra este Conselho 131 Países, representando quatro continentes (41 da Europa; 45 da África; 27 da Ásia e 18 das Américas), reunindo mais de um milhão de atletas militares ao redor do mundo. Em 22 de janeiro de 2007, o CISM obteve o reconhecimento da Organização das Nações Unidas (ONU), como uma Organização Internacional que promove a Paz por intermédio do esporte.

No Brasil, o organismo responsável pelo esporte militar é a Comissão Desportiva Militar do Brasil (CDMB), criada em 1956 e vinculada ao Ministério da Defesa. Esta entidade é responsável por organizar e dirigir as competições esportivas entre as Forças Armadas Brasileiras – Marinha, Exército, Aeronáutica e Forças Auxiliares -, bem como normatizar as atividades relativas ao esporte militar no Brasil e convocar e treinar as delegações brasileiras que participam das competições internacionais do CISM. A CDMB já organizou desde 1960, 26 campeonatos militares mundiais do CISM no Brasil (Tabela 1) como também reuniões administrativas do Conselho, além de promover representações brasileiras nos campeonatos do CISM em outros países com delegações das mais diversas modalidades esportivas. A CDMB será a responsável por organizar o megaevento 5° Jogos Mundiais Militares 2011, a ser sediado na cidade do Rio de Janeiro, de 16 a 24 de julho de 2011, com a previsão da participação de mais de 5.000 atletas de 100 Países, em 19 modalidades esportivas. A organização está pretendendo utilizar as instalações esportivas deixadas como legado dos XV Jogos Pan-Americanos Rio 2007 além de construir uma Vila de Atletas com 1200 unidades habitacionais em terrenos das Forças Armadas brasileiras.

Tabela 1 - Campeonatos Mundiais Militares do CISM sediados no Brasil

| Esporte | Ano | Cidade | Data |
|----------------------|------|----------------|---------------|
| Pentatlo Militar | 1960 | Rio de Janeiro | 01/10 jul |
| Tiro | 1961 | Rio de Janeiro | 23/30 jul |
| Pára-quedismo | 1965 | Rio de Janeiro | 21/24 abr |
| Pentatlo Militar | 1968 | Rio de Janeiro | 29/jun-06/jul |
| Pentatlo Naval | 1969 | Rio de Janeiro | 28/jul-03/ago |
| Vela | 1969 | Rio de Janeiro | 28/jul-03/ago |
| Judô | 1974 | Rio De Janeiro | 11/18 ago |
| Pentatlo Naval | 1977 | Rio de Janeiro | 20/27 nov |
| Pentatlo Aeronáutico | 1978 | Rio de Janeiro | 16/26 out |
| Judô | 1982 | São Paulo | 23/29 ago |
| Orientação | 1983 | Curitiba | 26/set-03/out |
| Pentatlo Militar | 1985 | Rio de Janeiro | 19/28 out |

| | | | |
|----------------------|------|-------------------|---------------|
| Pentatlo Aeronáutico | 1985 | Pirassununga | 12/20 jul |
| Pentatlo Naval | 1986 | Rio de Janeiro | 01/08 jun |
| Vela | 1986 | Rio de Janeiro | 01/06-08/06 |
| Cross-Country | 1987 | Rio de Janeiro | 26/jan-02/fev |
| Pára-quedismo | 1988 | Campinas | 11/21 dez |
| Judô | 1989 | Rio De Janeiro | 03/07 jul |
| Pentatlo Aeronáutico | 1991 | Pirassununga | 10/18 ago |
| Orientação | 1992 | Brasília | 18/25 out |
| Pentatlo Militar | 1994 | Resende | 29/out-06/nov |
| Pentatlo Aeronáutico | 1998 | Natal | 21/29 ago |
| Hipismo | 2006 | Porto Alegre | 01/09 out |
| Pentatlo Aeronáutico | 2006 | Pirassununga | 15/23 out |
| Orientação | 2006 | Guarapuava/Pinhão | 06/12 nov |
| Pentatlo Moderno | 2007 | Rio de Janeiro/RJ | 13/19 maio |

Fonte: CISM, Brussels

Base de Dados Preliminares dos Jogos

Desde a sua primeira edição, em 1995, os Jogos Mundiais Militares ratificaram a grandiosidade do esporte militar, congregando atletas de quatro continentes, em diversas modalidades esportivas, sempre com o cunho de fortalecer a amizade entre as Nações.

Na Tabela 2, podemos destacar os dados básicos das quatro edições já realizadas até 2007 e as correspondentes previsões para os 5° Jogos Mundiais Militares no Brasil, em 2011.

Tabela 2 – Dados Consolidados e Estimados dos Jogos Mundiais Militares (1995 – 2011)

| Edição | Data | Local | Países | Atletas | Disciplinas | Espec-tadores Estimados |
|--------|----------------|--------------------------|-------------------------|-------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------|
| 1 | 4-16 Set 1995 | Roma Itália | 93 | 4017 | Atletismo, Basquetebol, Boxe, Ciclismo, Esgrima, Equitação, Futebol, Judô, Wrestling, Natação (Polo aquático, saltos e lifesaving), Pára-quedaismo, Pentatlo Moderno, Pentatlo Naval, Tiro, Triatlo, Voleibol (=17) | 500.000 |
| 2 | 8-17 Ago 1999 | Zagreb Croácia | 82 | 6734 | Atletismo (inclusive Maratona), Basquetebol, Boxe, Ciclismo, Esgrima, Futebol, Handebol, Judo, Orientação, Wrestling, Natação, Swimming (Polo aquático, saltos e lifesaving), Pára-quedaismo, Pentatlo Militar, Pentatlo Naval, Taekwondo, Tiro, Triatlo e Voleibol. Esportes de demonstração: rowing and Canoe-kayak (= 20) | 250.000 |
| 3 | 4-11 Dez 2003 | Catânia Itália | 84 | 2.215 | Atletismo, Basquetebol, Boxe, Ciclismo, Futebol, Esgrima, Judo, Pentatlo Moderno, Vela, Voleibol, Natação (= 11). | 450.000 |
| 4 | 14-21 Out 2007 | Hyderabad e Mumbai Índia | 101 | 4738 | Atletismo, Boxe, Futebol, Handebol, Judô, Pentatlo Militar, Pára-quedaismo, Natação, Tiro, Triatlo, Voleibol, Vela e Wrestling (= 13) Esporte de Demonstração: Polo | 700.000 |
| 5 | 16-24 Jul 2011 | Rio de Janeiro Brasil | Estimado em mais de 100 | Estimado em 6.000 | Atletismo, Basquetebol, Boxe, Equitação, Esgrima, Futebol, Judô, Orientação, Natação, Pára-quedaismo, Pentatlo Aeronáutico, Pentatlo Militar, Pentatlo Moderno, Pentatlo Naval, Taekwondo, Tiro, Triatlo e Voleibol (= 19) Esporte de Demonstração: Voleibol de Praia | 1.000.000 |

Símbolos dos Jogos

Organizados sempre com grande profissionalismo pelos militares que os conduziram, em parceria com os governos locais e apoio das entidades esportivas civis, os JMM têm deixado um importante legado simbólico na juventude, pelo exemplo demonstrado no potencial atlético de cada nação no campo esportivo, bem como pela demonstração do alto grau de espírito esportivo e lealdade nas competições. A Figura 1 apresenta a logomarca de cada edição dos Jogos, incluindo mascotes representativos da cultura local e de cada país que organizou o megaevento.

Figura 1 – Logomarca de cada edição dos JMM



Candidatura e Projeção Para 2011

O legado esportivo previsto pelos Jogos Mundiais Militares na edição brasileira pretende traduzir a grandiosidade do evento, agregando maiores valores aos resultados das quatro edições anteriores e à imagem do Brasil em 2011 como país receptor de grandes iniciativas. Na edição brasileira, serão utilizadas as instalações olímpicas construídas no Rio de Janeiro para os XV Jogos Pan-Americanos Rio 2007,

dando substância aos legados anteriores financiados por recursos públicos. Tais perspectivas, por sua vez, apoiaram-se na candidatura dos JMM 2011, que representaram uma experiência digna de memória por ter sido o ponto de partida da fase de planejamento atual.

A escolha do Brasil para sediar os 5º Jogos Mundiais Militares aconteceu em maio de 2007, em Ouagadougou (Burkina Faso/África), durante a 62ª Assembléia Geral do Conselho Internacional do Esporte Militar. O Brasil disputou com a Turquia o direito de sediar os Jogos. No julgamento final, a grande infra-estrutura esportiva já criada no Rio de Janeiro para os Jogos Pan-Americanos, a experiência de gestão de grandes eventos e o apoio demonstrado pelas autoridades brasileiras ao projeto, pesaram a favor do Brasil e foram decisivos na vitória.

A candidatura do Brasil nasceu na 3ª Reunião do Quadro de Diretores do CISM, organizada pela CDMB, em outubro de 2006, em Brasília/DF, quando o Presidente do CISM, General Gianni Gola da Itália, visitou, juntamente com o Presidente da CDMB, General Archias Alves de Almeida Neto e o Ten Cel Paulo Roberto Ribas – relator da reunião do CISM, o Dr. Antonio Carlos Ayrosa Rosière, então Secretário de Organização Institucional do Ministério da Defesa, órgão superior da CDMB. Naquela data, o General Gola ofereceu a oportunidade de o Brasil concorrer à organização do evento, o que foi acolhido pelo Secretário Rosière com a confirmação do grande momento em que o esporte militar brasileiro se encontrava no cenário esportivo mundial. Iniciava-se ali a construção da candidatura do Brasil aos 5º Jogos Mundiais Militares, então justificada pelos grandes benefícios para o esporte brasileiro, tanto quanto o fomento do esporte na juventude do país e a confirmação da capacidade nacional em gestão de megaeventos esportivos.

Comitê de Candidatura

A primeira reunião para a organização dos Jogos ocorreu nas instalações da Escola de Educação Física do Exército, Urca – Rio de Janeiro, em 14 de dezembro de 2006 e ficou estabelecido, após consulta a todos os entes envolvidos, os quais designaram seus representantes, o Comitê de Candidatura com a seguinte configuração:

1. Comitê de Honra

- Ministério da Defesa – Secretário Dr. Antonio Carlos Ayrosa Rosière
- Ministério da Defesa – Gen Div Archias Alves de Almeida Neto
- Ministério do Esporte – Secretário Sr. André Almeida Cunha Arantes
- Ministério do Esporte – Secretário Sr. Ricardo Leyser Gonçalves
- Governo do Estado do Rio de Janeiro – Secretário do Turismo e Esporte, Sr. Eduardo da Costa Paes
- Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro – Secretário Especial Rio 2007, Sr. Rui César Miranda Reis

- Comitê Olímpico Brasileiro – Secretário-Geral Dr. Carlos Roberto Osório

2. Comitê Executivo

- Presidente: Brigadeiro-do-Ar Luis Antonio Pinto Machado
- Secretário-Executivo: Cel Newton Pons Leite
- Membros:
- Embaixador Raul Fernando Leite Ribeiro
- Sr. Fernando Sihman
- Prof. Dr. José Roberto Gnecco
- Prof. Gilberto Schweder
- Cel R/1 Paulo Sergio Rocha
- Cel Edson Lunardi
- Ten Cel Paulo Roberto Ribas (Relator)
- Ten Cel Celso Perlucio da Silva

3. Comitê de Apoio

- Comissão de Desportos da Marinha – CMG Celso Washington Mello Júnior.
- Comissão de Desportos do Exército – Cel Valder Freire Mesquita.
- Comissão de Desportos da Aeronáutica – Cel Newton Pons Leite.
- Escola de Educação Física do Exército – Ten Cel Antonio Ruy Costa Junior.
- EMBRATUR – Sra. Flavia Malkine Araújo.
- Rio Convention & Visitors Bureau – Sra. Lilia Macedo.
- RIOTUR – Sra. Gloria Brito.

Avaliação da Candidatura

O CISM designou uma Comissão de Avaliação para visitar as instalações do Rio de Janeiro, no período de 3 a 7 de fevereiro de 2007, a fim de verificar as condições oferecidas pelo Brasil para sediar e organizar o evento; esta comissão foi composta pelos seguintes integrantes do Quadro de Diretores do CISM: Col Jean-Jacques Joss – Suíça; Navy Captain Kamel Bouhoula – Tunísia; Commander Surendrah – Índia; e Col John Forquer – Estados Unidos.

Crítérios de Avaliação

O regulamento do CISM contempla no seu caderno de encargos cinco itens como critérios indispensáveis para organização dos Jogos Mundiais Militares, os quais foram verificados pela Comissão de Avaliação, como segue abaixo se listando os sub-itens:

1. Política de esportes e apoio governamental.
 - Apoio do Governo
 - Apoio das autoridades militares
 - Apoio das autoridades civis nacional, estadual e municipal
 - Apoio das autoridades nacionais do esporte
 - Impacto na visibilidade do CISM
 - Contribuição para o desenvolvimento do CISM no continente
 - Aceite do convite pelas nações-membro do CISM
2. Estrutura organizacional e Segurança.
 - Acesso à cidade e transporte público local
 - Disponibilidade de recursos financeiros e exequibilidade dos trabalhos, construções e infra-estrutura.
 - Qualidade das instalações de competição e treinamentos
 - Instalações para imprensa e sessões do CISM
 - Conceito de segurança
3. Instalações esportivas, infra-estrutura e programação.
 - Existentes e necessidade de novas construções
 - Capacidade de organizar pelo menos 15 modalidades esportivas (incluindo esportes militares básicos) e pelo menos 3 eventos de demonstração
 - Experiência em organização de eventos internacionais
 - Grau de experiência em organizar os esportes selecionados (Brasil possui 9 membros dos Comitês Técnicos do CISM)
 - Pré-competições até 2011 (citar o planejamento de eventos militares)
 - 80% dos eventos dentro de 50 km, máximo 45 minutos do alojamento.
 - Área de competição e treinamento de alto nível internacional (inclusive para espectadores)
 - Suficientes árbitros para os diferentes esportes
 - Qualidade do programa de competição e cerimônias
 - Apoio técnico das autoridades esportivas nacional e internacional
 - Cooperação do Comitê Olímpico nacional e federações esportivas
 - Público esperado e programa cultural
4. Logística e Cerimônias
 - Estrutura organizacional para um JMM
 - Alojamentos (Vila de atletas, Arbitragem e VIPs e patrocinadores)

- Conceito e procedimento da alimentação
 - Conceito do transporte
 - Conceito de serviços médicos
 - Conceito de anti-doping
 - Conceito das cerimônias de abertura, premiações e encerramento
 - Formalidades de entrada no país
 - Procedimento de identificação (acreditação)
 - Plano de orçamento
 - Custos adicionais das delegações (taxas, serviços não incluídos e transporte)
5. Política de comunicação, plano de marketing e patrocínios.
- Conceito de marketing (internacional, nacional e regional)
 - Promoção dos objetivos do CISM
 - Conceito de mídia e imprensa
 - Estado da arte das condições de trabalho para a mídia (imprensa, mídia eletrônica e internet)
 - Cobertura da TV (internacional, nacional e regional)
 - Eventos para mídia e patrocinadores

A Campanha

Entre a visita de inspeção do CISM e a escolha da Cidade-sede dos Jogos Mundiais Militares de 2011, o Comitê de Candidatura estabeleceu três fases da campanha, num processo crescente de envolvimento das representações nacionais eleitoras dos JMM.

1ª Fase - Apresentação da candidatura aos eleitores

Entrega de um Dossiê completo juntamente com material promocional do Rio de Janeiro e do Brasil aos eleitores.

2ª Fase - Defesa da candidatura

O Brasil disputou com a Turquia o direito de sediar os Jogos, em uma eleição por votos, entre os chefes das delegações dos Países membros do CISM, participantes da 62ª Assembléia do CISM (Ouagadougou/Burkina Faso, 23 - 25 maio 2007). Nesta ocasião, numa lógica de demonstrar a capacidade do Brasil em organizar os Jogos no Rio em 2011, o Comitê de Candidatura chefiado pelo Presidente da CDMB, Brigadeiro-do-Ar Luis Antonio Pinto Machado, organizou diversas atividades na Assembléia do CISM. O Brigadeiro Pinto Machado, ainda, proferiu uma palestra apoiada em áudio-visual sobre o Brasil, com intervenção das autoridades maiores do Esporte brasileiro, demonstrando o apoio dos organismos esportivos do Brasil – Comitê Olímpico Brasileiro e Ministério do Esporte, do Prefeito da cidade do Rio de Janeiro, do Governador do Estado do Rio de Janeiro, dos Comandantes da Marinha, Exército e Aeronáutica, do Ministro da Defesa e do Presidente da República Federativa do Brasil.

3ª Fase - Eleição

Após a apresentação da candidatura feita pelos dois países concorrentes, Brasil e Turquia, foi realizada a votação, sendo que por uma diferença de 7 votos, 55 votos para o Brasil e 48 para a Turquia, estava concretizado o objetivo do Brasil em organizar os 5º Jogos Mundiais Militares no Rio de Janeiro.

A Delegação brasileira que participou em Ouagadougou/Burkina Faso/África, da conqüista da candidatura dos 5º Jogos Mundiais Militares Rio 2011, foi composta pelos seguintes membros: Brigadeiro-do-Ar Luis Antonio Pinto Machado - Chefe da delegação do Brasil no CISM; Secretário Sr. André Almeida Cunha Arantes – representante do Ministério do Esporte; Sra. Flavia Malkine Araújo – representante da EMBRATUR; Cel Newton Pons Leite – Secretário-Executivo da CDMB; Cel Edson Lunardi – Delegado da CDMB; Prof. Gilberto Schweder; Ten Cel Paulo Roberto Ribas e Ten Cel Celso Perlucio da Silva.

Considerações Finais

Os impactos previsíveis dos JMM legitimaram a criação de legados que possam contribuir para as futuras candidaturas do Brasil para sediar megaeventos esportivos, dando prosseguimento assim a empreendimentos ora em processo tais como a Copa de Futebol das Confederações 2013, a Copa do Mundo FIFA de Futebol 2014 e a candidatura dos Jogos Olímpicos de Verão em 2016, no Rio de Janeiro. O Brasil com base nestes megaeventos consolidados em legados poderá ser incluído na elite dos países de elevada capacidade de gestão esportiva, quer de natureza militar como civil.

Finalmente, para se avaliar a importância dos JMM no exterior cabe citar as palavras de Juan Antonio Samaranch Presidente do Comitê Olímpico Internacional na inauguração dos Jogos *Mundiais Militares de 1995*: “Eu estou aqui para ratificar a grande importância do esporte militar dentro do mundo do esporte”. No mesmo evento, SS. Papa Jean-Paul II fez o seguinte pronunciamento: “Nós estamos felizes por perceber que vosso evento esportivo representa um novo meio de comunicação entre as Forças Armadas do mundo. Esta é uma nova filosofia que encoraja o real processo de paz.”

Referências

REVISTA oficial dos 3rd CISM Military World Games – Catania 2003.

CISM Yearbook 2004.

CISM Yearbook 2005.

CISM Yearbook 2006.

CISM Magazine 142 / junho de 2007.

REVISTA oficial dos 4th CISM Military World Games – Hyderabad 2007.

CISM website: <http://www.cism-milsport.org>

CDMB - site dos Jogos Rio 2011 – www.rio2011.com.br

Arenas Esportivas: do Conceito Básico ao Estado da Arte

Ricardo Araújo
Consultor em Gestão Esportiva
Rio de Janeiro - RJ

Sporting Arenas: from the basic concepts to the state of the art *The objective of this paper is to show how the spaces used for the various sporting practices have evolved according to changes in society and technological advances, from antiquity to the 21st century. The concepts of usability, sustainability and urban revitalization have evolved more than just design and technology.*

Quase 20 séculos. Esse foi o intervalo de tempo entre a construção da primeira arena multifuncional de que se tem conhecimento, até a implantação definitiva desse conceito na construção de arenas esportivas. O Coliseu de Roma, construído nas primeiras décadas da Era Cristã, foi planejado e construído utilizando conceitos próximos aos atuais. Com capacidade para 50.000 pessoas sentadas, possuía uma grande quantidade de acessos para o público, inclinação das arquibancadas que permitiam boa visão dos espetáculos, sendo planejada e equipada de forma a permitir uma grande diversidade de atrações, com elevadores de palco, rampas de acesso, e amplitude de acessos internos capazes de colocar em cena grandes equipamentos cênicos (barcos, bigas etc). Obviamente não possuía iluminação capaz de permitir eventos noturnos, banheiros para o público, ou facilidades como restaurantes ou pontos de venda de comida e bebida, mas adotou soluções hoje assumidas como modernas.

O presente estudo objetiva, a partir do exemplo de conceito básico do Coliseu, revisar resumidamente o desenvolvimento do conhecimento a respeito de arenas multifuncionais até o atual estágio de utilização. Note-se nesta linha de conta de conceitos, que após o fechamento do Coliseu, o esfacelamento de Roma e o cancelamento das competições atléticas e festivais de lutas, o homem afundou em séculos de trevas no que concerne às atividades esportivas. Abriu-se então coincidentemente espaço para reordenações geopolíticas, guerras - religiosas ou não - e para a consolidação de grandes revoluções sociais. As artes ainda emergiram com o Renascimento, mas os esportes competitivos permaneceram no limbo.

Essa situação somente começou a mudar no século XIX. Com a revolução industrial e os avanços tecnológicos, uma nova sociedade começou a se formar. As práticas esportivas ressurgiram através de velhas práticas como a esgrima, os esportes equestres, o tiro, bem como pela criação de novos esportes que em poucas décadas tornaram-se extremamente populares. Na Europa, o rúgbi, o *cricket*, e o futebol, e nos EUA o baseball, conquistam cada vez mais popularidade. Novos públicos são formados exigindo estádios compatíveis com o aumento da audiência. A retomada do ideal olímpico e das Olimpíadas modernas, é o impulso que restava para que os esportes, como nos tempos da Grécia Antiga, readquirissem a importância dentro da sociedade moderna.

A segunda década do século XX representou ao longo de seus anos um salto espetacular na evolução das arenas esportivas. Tanto na Europa como na América,

várias grandes arenas foram construídas, algumas delas tornaram-se verdadeiros ícones modernos como o velho Wembley, o San Siro, ou o Yankee Stadium. Ressalte-se que com o fim da I Guerra Mundial, e a progressiva recuperação econômica das nações vencedoras, alguns fatos deram suporte a essa febre de novas construções. O fortalecimento do sistema bancário europeu e americano, com a expansão do crédito e a criação de inúmeras novas formas de financiamentos, contribuíram decisivamente para o grande salto.

Entretanto, com a grande crise econômica mundial a partir de 1929, e o início de uma nova Guerra Mundial, o quadro foi radicalmente mudado. Naquele período, apenas a construção do estádio Olímpico de Berlim merece destaque, construído para se tornar peça chave da propaganda da Alemanha nazista. Somente na década de 1950, a construção de grandes instalações esportivas foi retomada. E para isso contribuíram principalmente, os grandes eventos, como Olimpíadas e Campeonatos Mundiais de Futebol, além de eventos continentais como Campeonatos Europeus, Jogos Asiáticos e Pan-Americanos.

A realização dos grandes eventos esportivos foi, e continua sendo o mote principal para a construção e reforma de arenas esportivas. Muitos países devem sua estrutura esportiva a eles. O estádio Olímpico de Roma, o estádio Azteca no México, e o Parque Olímpico de Munique, são exemplos de instalações esportivas de grande porte que foram construídas sob essa perspectiva. A partir da década de 1960, inicia-se também um verdadeiro “boom” na construção de grandes arenas “indoor”, trazendo embutidos conceitos que iriam influenciar decisivamente o planejamento e a construção das instalações esportivas do futuro. De certa forma, elas resgataram algumas das soluções revolucionárias que fizeram do Coliseu romano da Antiguidade, obra tão notável.

Hoje, o conceito principal e que norteia os projetos contemporâneos é o da multifuncionalidade. Tomando-se como exemplo uma das arenas mais célebres construídas nos anos de 1960, o Madison Square Garden, verificamos que esse equipamento é ainda hoje, o de maior rotatividade de eventos em todo o mundo. São mais de 250 datas de ocupação média por ano. Abriga eventos que vão dos esportes mais variados, a Festivais de Arte, Circos, Feiras, grandes shows musicais, e convenções políticas e de negócios que permitem uma sustentabilidade econômica ímpar ao local.

Nos anos de 1970 e 1980 do século XX, várias grandes arenas foram construídas, notadamente nos Estados Unidos. Algumas delas trouxeram avanços tecnológicos importantes que causariam grande impacto nas arenas do futuro. O mais relevante foram os tetos retráteis. A introdução desses mecanismos permitiu que grandes estádios de grama natural, de futebol e *rugby*, passassem a receber outros tipos de eventos em seu interior. A partir daí, houve um forte crescimento na indústria de equipamentos para as grandes arenas. Empresas de engenharia se especializaram em projetos e construções nessa área, assim como empresas de equipamentos eletrônicos, fornecendo controles de acesso, telões de alta definição, iluminação, acústica e outros, cada vez mais sofisticados.

Além disso, os projetos das novas arenas precisaram incorporar novos conceitos adequados a um novo perfil de frequentadores, que exigem níveis de conforto e segurança, que o público do passado não exigia.

A grande revolução aconteceu na Inglaterra no final dos anos de 1980. Alguns acidentes envolvendo o público evidenciaram que as arenas precisavam se adaptar aos novos tempos. Medidas governamentais foram aprovadas obrigando os velhos

estádios, bem como os futuros, a eliminar elementos que pusessem em risco a segurança dos torcedores, entre eles a proibição de assistir aos jogos de pé. A Europa passou então por uma verdadeira revolução na construção de arenas de última geração. Uma arena não é mais entendida como um mero estádio para uma determinada prática esportiva. Sua construção envolve muitas vezes a revitalização de grandes áreas urbanas degradadas, envolvendo o desenvolvimento agregado de outros empreendimentos, como *Shopping Centers*, Escritórios, Hotéis, Centros de Convenções, Anfiteatros, Centros gastronômicos, e outras formas de espaços culturais e de lazer.

A arena dentro deste conceito multifuncional passa a ser a ancora de um grande complexo centrado no entretenimento; forja-se então o conceito arquitetônico de “estado da arte” no setor esportivo. Assim, em 1997, é inaugurada a primeira arena européia com teto retrátil, em Amsterdam. No ano seguinte, na mesma Holanda, entra em operação a primeira arena conjugando teto retrátil e o inovador conceito de campo deslizante, habilitando a arena para receber atividades não esportivas sem prejuízo para o campo de grama natural. Ressalte-se que existem hoje mais de 70 arenas espalhadas pelo mundo com o recurso do teto retrátil, mas apenas 5 com o recurso de campo removível.

Outro fator que contribuiu para que essa revolução atingisse outros cantos do planeta, foi a globalização dos grandes eventos, que permitiram à Oceania e à Ásia, através de Olimpíadas e Copas do Mundo de Futebol, construir grandes complexos esportivos dentro desses novos conceitos.

Isso também está se refletindo no Brasil. Com o país entrando no círculo virtuoso dos grandes eventos esportivos, o país terá condições de experimentar um salto de qualidade sem precedentes em sua história. A realização de uma Copa do Mundo de Futebol em 1950 proporcionou a construção do ainda maior estádio do continente, o Maracanã. Cinquenta e sete anos após, com a realização dos Jogos Pan-Americanos no Rio de Janeiro, a exigência de equipamentos compatíveis ao evento fez surgir no país instalações esportivas em níveis técnicos e conceituais que se assemelham ao que existe no exterior. A próxima Copa do Mundo de 2014 que retorna ao país depois de 64 anos, exigirá que essa revolução se estenda por todas as regiões. Reformas serão necessárias, bem como a construção de novos estádios, porém dentro do estado da arte de sua utilização, e não copiando modelos ultrapassados como o que inspirou o surto de construções esportivas do início dos anos 1970.

A expectativa de inovação tecnológica e rentabilidade pressuposta para a multifuncionalidade da construção esportiva pode atrair o capital privado. Este pode ser o fator decisivo na reforma e na construção das arenas, dividindo com o Estado o re-aparelhamento da infra-estrutura esportiva brasileira, preparando enfim o país para sediar os megaeventos do futuro.

Produção de Megaevento na Prática: A Olimpíada da Baixada – Estado do Rio de Janeiro

**Ivan Fortes
Lucio Macedo
Projetos Especiais do Grupo O Dia de Comunicação / RJ**

The staging of a mega-event: the Baixada Games – Estado do Rio de Janeiro

The objective of this paper is to report the organization of the Baixada Games. It focuses on the organization and on the management of a sports mega-event in a geographical region with its own identity. Logistics seem to be more of a real challenge for Baixada than sports facilities, sports equipments or urban regeneration.

Este estudo tem por objetivo relatar o desenvolvimento da “Olimpíada da Baixada” no sentido de pôr em evidência a organização e a gestão de um megaevento esportivo que se define por uma região geográfica de identidade própria e não por um centro urbano de delimitação típica como acontece habitualmente com tais promoções de grande porte. Este propósito de observação tem a pretensão de inovar no tema de megaeventos esportivos na medida em que considera a organização de competições mais um problema logístico do que de construções e equipamentos esportivos, regeneração urbana, proteção ambiental e outras intervenções no estilo clássico dos Jogos Olímpicos, Copa do Mundo de Futebol, Campeonatos mundiais de modalidades esportivas, Jogos Continentais etc.

Neste particular, nossa experiência pressupõe que os legados tangíveis do megaevento da Baixada incluiriam os esportes praticados cujo desenvolvimento pode ser acompanhado por dimensionamento de participação e resultados; a organização das competições que tem capacitado sistematicamente gestores, árbitros e auxiliares; técnicas de transporte de equipes em grandes distâncias – alcançando em alguns casos cem quilômetros – com circulação programada etc. Os legados intangíveis no caso aparentam ser representados por uma cultura esportiva que se recicla a cada ano da promoção, por espírito de equipe escolar e comunitária, por valores de disciplina e aperfeiçoamento contínuo e outros fatores sujeitos à investigações futuras quanto às repercussões da “Olimpíada da Baixada”.

Desenvolvimento institucional do megaevento

Criada pelo grupo “O Dia de Comunicação”, a primeira edição da Olimpíada da Baixada foi realizada em 1997, com objetivo de promover a integração social entre os municípios desta região. A Baixada Fluminense tem hoje 13 municípios (Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaguaí, Japeri, Magé, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, São João de Meriti, Seropédica e Queimados), com uma população total de mais 3,6 milhões de habitantes (caracterizada por uma população dominante de classes C e D), que representam

25% do PIB do Estado do Rio de Janeiro (aproximadamente R\$ 54 bilhões segundo CIDRJ).

Desde sua origem, a Olimpíada da Baixada tem revelado diversos atletas que chegaram até a defender as cores do país em grandes eventos esportivos no exterior, tendo como um destes destaques a jogadora Lucila Vianna da Silva capitã da seleção brasileira feminina de handebol, tri-campeã Pan-americana. Ela disputou por Nova Iguaçu as três primeiras edições do megaevento ora em exame. A par deste destaque de significado esportivo, cabe esclarecer que a promoção Olimpíada da Baixada está proposta formalmente para criar legados sócio-culturais em face ao seu público e instituições de apoio e patrocínio.

Historicamente o destaque cabe à Petrobras, empresa patrocinadora exclusiva da Olimpíada de 1997 a 2006, e patrocinadora *master* em 2007 e 2008, que identificou no evento uma oportunidade de relacionamento com os municípios da região por estar a Refinaria de Duque de Caxias (REDUC), seu complexo petroquímico de maior porte, sediada em posição geográfica privilegiada na Baixada Fluminense. Ainda em 2006, esta base de sustentação foi reforçada pela chegada de um novo superintendente de Projetos Especiais e Marketing Esportivo do Grupo O Dia, e pela contratação no mesmo ano do um consultor de Marketing Esportivo, mantendo-se entretanto a coordenação técnica do evento, que participou de nove edições anteriores do evento.

Tal conjugação de inovação gerencial com a tradição organizacional levou a Olimpíada da Baixada a ganhar rumos mais favoráveis. Na 10ª edição do evento, de março a junho de 2007, a competição ganhou uma gestão mais eficiente, com ampla participação das secretarias e prefeituras locais, através da criação do Conselho de Representantes. Na 11ª Edição em 2008, novos parceiros foram incluídos na promoção tais como o Governo do Estado, através da Secretaria de Turismo, Esportes e Lazer, e o SESC Rio (co-realizador associado ao Grupo O Dia de Comunicação / Instituto Ari Carvalho), e a Light, empresa de energia também posicionada na Baixada com importantes projetos empresariais.

Planejamento participativo

Após os bons resultados alcançados em 2007, continuamos a nossa gestão para a viabilização da 11ª Olimpíada da Baixada, tendo como foco um projeto de planejamento participativo, com a definição coletiva dos objetivos e metas através de reuniões mensais ao longo de 2007 e nos primeiros meses de 2008, com todas as secretarias e prefeituras envolvidas. Houve então acesso democrático à informação e discussão de necessidades e anseios. O olhar sempre constante incidiu no esporte como instrumento de inclusão social, sua importância nos valores morais, como fator de educação de crianças e jovens, além da integração comunitária da região. Com estes propósitos em mente, localizou-se cada etapa das competições numa Cidade-Sede, ou seja, criou-se um grande acontecimento para a comunidade local sob forma de revezamento de modo a integrar simbolicamente a região.

Nestas reuniões de planejamento foram definidas as modalidades, as categorias com idades e peculiaridades dos participantes da Olimpíada (sub-17 escolar e sub-20 livre); a definição dos critérios para se tornar “Cidade-Sede” com

a criação de um edital, este baseado no que o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) estipula para a organização da Olimpíada Escolar Nacional, porém adaptado à realidade local, com as atribuições e vistorias definidas através das visitas técnicas para a escolha dos locais de competições. Assim para a 11ª edição, realizada de abril a junho de 2008, ampliamos a participação de todos os municípios da região; criamos uma nova categoria, a sub-17 escolar (masculino/feminino); aumentamos o número de modalidades, tornando o evento quase três vezes maior que a edição de 2007.

Pela primeira vez foram convidados os 13 municípios da Baixada. O número previsto de atletas na competição foi de 3.100 jovens da região, com idades entre 15 e 20 anos. Com este crescimento, a 11ª Olimpíada da Baixada passa a contar com a estrutura e experiência do Instituto Ari Carvalho (IAC), que completará 10 anos de atividades em dezembro de 2008. O IAC assumiu a gestão geral do evento, priorizando o enfoque sócio-esportivo, com olhar de Responsabilidade Social, avançando no processo da realização e produção da Olimpíada, além de ampliar o alcance de seus resultados.

Objetivos e Legados

A realização ora em transcurso da 11ª Olimpíada da Baixada com nova dimensão e estrutura tem como objetivos fomentar o esporte como um importante instrumento de inclusão social nos municípios da região, valorizando e revitalizando a prática esportiva e promovendo a revelação de novos talentos para o esporte brasileiro; propiciar um fortalecimento do viés escolar e social, incrementando o relacionamento com as escolas públicas e privadas da região, tendo nesta competição um contexto mais amplo de formação e desenvolvimento de novos talentos; e incentivar a retenção e o retorno escolar, alcançando, à longo prazo, um aumento no IDH da Baixada Fluminense, através da educação e do esporte. Estas proposições se manejadas condignamente com relação ao futuro constituirão legados de natureza sócio-cultural.

Além disso, os eventos esportivos na região sempre carecem de questões estruturais, como uniformes, alimentação, divulgação, transportes, entre outras carências, deixando uma grande parcela de crianças e jovens distantes de projetos de qualidade e continuidade. Por isso, o evento contribuirá no seu formato atual para atender a expectativa dos diversos municípios da região e seus cidadãos, demonstrando a importância da Baixada para o esporte do estado do Rio de Janeiro e do Brasil.

Cidades-Sedes e categorias de participantes

Uma das principais inovações da 11ª Olimpíada da Baixada foi a implantação do conceito de Cidade-Sede, quando os municípios se candidatam a ser anfitriões de uma ou mais modalidades. Esta ação acabou gerando impactos na infra-estrutura dos locais de competições, ocorrendo reformas das instalações, além de gerar emprego para os habitantes da comunidade onde são realizados os eventos.

No modelo de 2008, foram contemplados e atenderam as exigências do Edital da Organização 7 (sete) municípios da região (Nova Iguaçu, Duque de Caxias, São João de Meriti, Queimados, Seropédica, Paracambi e Nilópolis), que ao longo de 19 sábados e domingos, em 10 fins de semana entre abril e junho, sediaram 27 torneios das seguintes modalidades: Sub 17 feminino: Atletismo, Basquete, Futsal, Handebol, Natação, Vôlei e Xadrez. Sub 17 Masculino: Atletismo, Basquete, Futsal, Handebol, Natação, Vôlei e Xadrez. Sub 20 Feminino: Atletismo, Futsal, Futebol de Campo, Handebol, Natação e Vôlei. Sub 20 Masculino: Atletismo, Basquete, Futsal, Futebol de Campo, Handebol, Natação e Vôlei.

Articulação Política e Captação de Recursos

A realização da 11ª Olimpíada da Baixada não seria possível sem o apoio de patrocinadores, tanto os da iniciativa privada, como a parceria dos órgãos públicos. Estes suportes foram necessários à construção e à solidificação de alianças estratégicas, além de parcerias entre prefeituras, secretarias, instituições e empresas que acreditaram na proposta de desenvolvimento mútuo do esporte e da Baixada.

A gestão estratégica para a captação de recursos possibilitou a viabilização de Convênios com Estado e União, além da utilização da Lei Estadual de Incentivo aos Esportes do Rio de Janeiro, através da isenção do ICMS, somadas a verbas de comunicação institucional das empresas.

Principais Parceiros:

- Petrobras
- Light
- SESC Rio
- Ministério do Esporte
- Governo do Estado do Rio de Janeiro.
- Secretaria de Turismo, Esporte e Lazer - Certificados da Lei 1.954, de 26/01/1992 e Convenio.
- Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos - “Tenda da Cidadania”
- Coca-Cola - hidratação dos atletas

O caminho do desenvolvimento e da sustentabilidade desta proposta, pode potencialmente transformar a Olimpíada da Baixada num grande evento social, esportivo, educacional, cultural, comunitário e de entretenimento em cada município. O apoio possibilitou a viabilização dos itens abaixo para o evento:

- 1 - Pagamento dos serviços de transportes das equipes municipais (133 ônibus para 3.100 Atletas e 300 técnicos, em 19 dias de competições), através de empresa selecionada por processo licitatório, através de carta convite.
- 2 - Pagamento de 6.266 kits de alimentação para os atletas nos 19 dias de jogos, através de empresa selecionada por processo licitatório, através de carta convite.

- 3 - Pagamento de 3.105 kits uniformes composto por camisa, short e meião, através de empresa selecionada por processo licitatório, através de carta convite.
- 4 - Pagamento das 1.035 medalhas e 171 troféus através de empresa selecionada por processo licitatório, através de carta convite.
- 5 - Pagamento da sonorização dos 19 dias de Competições, através de empresa selecionada por processo licitatório, através de carta convite.
- 6 - Pagamento da coordenação técnica geral do evento.

Além disso, o IAC estabeleceu como política de compras de produtos e serviços para este projeto, priorizar sempre que possível o convite às diversas empresas da Baixada Fluminense, para que participem das licitações visando que os recursos financeiros captados para o evento sejam gastos na região, contribuindo para a geração de emprego e renda na Baixada. Em 2008, todos os uniformes, materiais promocionais, kits alimentação e transportes foram de fornecedores locais.

Gestão da Comunicação Externa e Interna do Megaevento

Toda comunicação externa da 11ª Olimpíada da Baixada foi realizada através do 'Caderno Ataque Escolar', que circulou aos domingos, com quatro páginas, e às quartas-feiras, com oito, totalizando 22 edições ao longo do evento. O Caderno é um suplemento especial criado pela área de Projetos Especiais de Marketing Esportivo de O Dia, com o objetivo de relatar e divulgar o esporte escolar e social na região.

A internet também faz parte da divulgação do evento. No site www.olimpiadabaixada.com.br, os atletas e participantes puderam interagir com a Olimpíada. A programação, vídeos, resultados, o regulamento das competições, além de todas as modalidades disputadas, estão disponíveis na rede. O público tem papel fundamental na confecção da página, respondendo por enquête e participando dos fóruns. Na galeria de fotos, os torcedores e os competidores foram convidados a participar e mostrar toda a alegria de poder dar sua contribuição e a força para sua cidade. Vale fotos de bastidores, a alegria das arquibancadas, entre outras emoções e histórias que só o público pode mostrar e contar.

Para aqueles que perderam alguma edição do 'Ataque Escolar', todos os números do caderno estão disponíveis também no site.

Além disso, chamadas e boletins na Rádio FM O Dia divulgaram e alertaram o público sobre as etapas do evento, e informaram resultados e destaques da Olimpíada da Baixada.

Na comunicação interna junto aos parceiros, fornecedores e clientes, foi fundamental a utilização de toda a tecnologia disponível, como intranet, msn, e-mail, rádio, telefonia fixa, celular e fax, para que as informações e mensagens chegassem rapidamente ao destino. Vale ressaltar que a rede de profissionais envolvidos na organização do evento passava de 500 pessoas.

Gestão de Logística do Evento

A 11ª Olimpíada da Baixada funciona nos moldes da Fórmula-1, deslocando-se por 19 dias (10 fins de semana), por sete municípios diferentes da região, no

período de 5 de abril a 15 de junho, envolvendo em média 100 profissionais da organização, 500 atletas e 800 pessoas de público circulante. São confeccionados até o fim da Olimpíada mais de 3000 kits uniformes, além de 500 lanches diários preparados por uma nutricionista do SESC Rio. Destacamos também o envolvimento dos órgãos públicos das Cidades-Sedes, com a participação da Guarda Municipal, médicos da Secretaria de Saúde, Defesa Civil, Polícia Militar, entre outros, nos espaços destinados as competições, como ginásios, estádios e piscinas.

Considerações finais

Como avaliação preliminar processual, de resultados e de impactos é possível concluir que o sucesso da 11ª Olimpíada da Baixada vai acontecer gradativamente, mas as principais inovações evidenciadas em 2008, que tiveram como foco da nossa gestão o atleta e o público, demonstram acertos nas seguintes escolhas:

- Foco no Atleta
- O uniforme é do atleta
- Lanche e transporte por conta da organização
- Criação de uma nova categoria competitiva: sub-17 escolar (Mas / Fem).
- Participação de duas novas cidades: Itaguaí e Seropédica.
- Criação de um banco de dados com registro de todos os atletas participantes.
- Foco complementar no Público
- Implantação do conceito de “Cidade Sede”, privilegiando o conforto nas instalações esportivas.
- Ações de Cidadania com tendas e áreas para a realização de atividades de prevenção e orientação por profissionais da área de saúde para os participantes e o público em geral, de todas as idades.
- Prestação de serviços para a população, que poderão providenciar em cada local documentos de identidade (Detran) e Carteira de Trabalho (Secretaria de Governo).

Por outro lado, consideramos como indicadores positivos para nossa avaliação os seguintes itens a serem alcançados:

- Ampliação da participação dos municípios;
- Aumento das categorias e modalidades;
- Aumento do número de inscrições de equipes/atletas;
- Aumento dos benefícios oferecidos para os participantes;
- Aumento da visibilidade do evento na mídia;
- Aumento do número de instituições e empresas parceiras;
- Melhoria das condições físicas e estruturais para as competições;

- Criação do cadastro “perfil dos atletas” (através de estímulo, não obrigatório);
- Aumento das torcidas (presença de público);
- Avanço para o alinhamento estratégico com as diretrizes nacionais das
- Olimpíadas Escolares.

Atendimento aos espectadores nos Jogos Pan-Americanos 2007 no Rio de Janeiro

Martin Curi
Instituto Virtual de Esporte
Comitê Social do Pan
Universidade Federal Fluminense

Spectator servicing during the Rio 2007 Pan American Games *The objective of this research was to evaluate spectator servicing during the Rio 2007 - Pan American Games. The target public was all the spectators of the event including Brazilians and foreigners. The main results showed that the service system, information, security and the new stadiums were approved by the visitors while ticketing, food services and parking lot systems generated some dissatisfaction.*

O Rio de Janeiro sediou entre os dias 12 e 29 de julho de 2007 os XV Jogos Pan-Americanos (doravante Pan 2007). Foram esperados mais de 5.000 atletas e 60.000 turistas dos 42 países que competiram nos jogos. O Comitê Organizador do Pan 2007 informou ter vendido mais de 1,3 milhões de ingressos. Isso significou um imenso investimento do país nos novos estádios, na segurança e na infra-estrutural geral do evento. O Pan 2007 teve uma importância especial para o Brasil, porque o país está se candidatando para sediar a Copa do Mundo 2014 e as Olimpíadas de 2016. Aos olhos dos organizadores do evento e das organizações internacionais que promovem os eventos acima citados, o Pan 2007 serviria como teste decisivo em relação à capacidade de o país sediar uma Olimpíada ou uma Copa do Mundo.

O debate público sobre a avaliação do evento logo depois dos jogos foi caracterizado pela formação de dois lados: os defensores do sucesso da organização do Pan 2007, que acusaram seus oponentes de baixa auto-estima e falta de patriotismo; e os críticos, que declararam o evento um grande desperdício de verba pública, falta de planejamento e festival de corrupção e malversação de verbas. Ficou claro que a discussão tendeu muito para o lado emocional, poucos argumentos objetivos de cada parte foram lançados, algo que tem de ser evitado numa análise construtiva.

O propósito do presente resumo é o de comunicar o andamento de pesquisa sobre avaliação dos Jogos Pan-Americanos 2007 de uma forma neutra e racional do ponto de vista do torcedor, com o objetivo de aprimorar os elementos que deram certos e de evitar as falhas num próximo evento similar.

A citada avaliação do PAN 2007 é a continuação de uma pesquisa feita na Copa do Mundo de Futebol em 2006 na Alemanha. Nesta ocasião os organizadores ofereceram um conceito de assistência ao torcedor, que contava com cinco elementos básicos: centrais de informação chamadas *Embaixadas de Torcedores*, o Guia do Torcedor, um Disque Ajuda, os *Fan Fests* e os *Fancamps*. Vários destes elementos foram oferecidos nos Jogos Pan-Americanos 2007, o que nos sugere uma comparação. O atendimento ao espectador do Pan 2007 contou com Centrais de Atendimento e Voluntários, Guia do Espectador, *Homepage* do evento, Ouvidoria e Praça das Medalhas (em Copacabana), com telão para ver os jogos e barracas de venda de alimentos.

Os dados recolhidos, através de questionários entre os espectadores do Pan 2007, estão em fase de avaliação. Baseado nas observações participativas podemos adiantar que esperamos os seguintes resultados, após a análise dos dados recolhidos: a questão da segurança e o serviço de informação ao torcedor funcionaram bem. Faltou um disque-ajuda e divulgação de alguns serviços como a ouvidoria e o site para torcedores. Os novos estádios devem ganhar uma boa avaliação. A sinalização funcionou bem dentro dos estádios, mas foi deficiente nos arredores. As principais queixas foram a venda de ingressos e de produtos alimentícios. Os estacionamentos foram duramente criticados e indicaram uma deficiência no transporte público. Mas a avaliação geral não foi ruim. Isso é também representado pelo fato de muitos espectadores terem elogiado o Pan 2007 de uma forma geral.

As experiências mostram que a questão do ingresso fica sempre no primeiro lugar das preocupações dos torcedores. Além disso, os espectadores desejam informações, segurança, transporte público, um bom atendimento, boa oferta de alimentação e a repetição ou aprimoramento dos elementos que funcionaram bem no Pan 2007. Estádios confortáveis e seguros, serviços de apoio ao torcedor e agentes de segurança bem preparados são fundamentais para o sucesso de eventos esportivos.

Atletas Brasileiros Participantes dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007 sob Gestão de Clubes Esportivos

Roberto Libardi
RLSoluções – São Paulo

Brazilian athletes in the Rio 2007 Pan American Games supervised by sports clubs *This paper focuses on the role played by Brazilian sports clubs during the Pan American Games 2007 and other mega-events. Sports clubs remain the major support of athletes despite government and private sponsorships. Moreover, athletes may be considered a legacy from the Games and also from the clubs.*

O megaevento esportivo com seus notórios impactos econômicos e sócio-culturais é dependente de atletas, componentes essenciais para sua realização e sucesso. Nestas condições, há modelos correntes que traduzem o suporte oferecido a esses atores sociais tais como centros nacionais de treinamento esportivo, patrocínio de empresas, projetos governamentais de talentos esportivos, universidades, entidades militares etc. No Brasil, tal apoio ainda se concentra em clubes sociais e esportivos – certamente o modelo de maior tradição em termos internacionais – em que pese recentes e importantes iniciativas governamentais e mercadológicas de desenvolvimento de atletas. Na presente contribuição resumida objetiva-se pôr em evidência dados coletados pela Confederação Brasileira de Clubes – CBC que revelam o papel dos clubes quanto à gestão do suporte aos atletas participantes dos Jogos Pan-Americanos de 2007, megaevento de maior repercussão até hoje na história do esporte brasileiro.

Segundo o levantamento da CBC, dos 654 atletas participantes do Pan Rio 2007, 74% deles (484 atletas) estavam vinculados a clubes. Os outros 26% (167 atletas) tiveram apoio de outras instituições (SESI e SESC, Prefeituras, Confederações, patrocinadores etc.). Além desta constatação, verificou-se que das 54 medalhas de ouro do Brasil, 80% (43 medalhas) foram conquistadas por atletas vinculados a clubes, indicando que a dominância de clubes ocorreu tanto em quantidade como em qualidade.

O papel chave do clube como principal fomentador do esporte de alta competição e olímpico no Brasil pode ser avaliado pelo porte e impacto social, cultural e comunitário do associativismo esportivo nacional, abrangendo 13.826 clubes segundo levantamento do IBGE em 2006 (não inclui clubes de várzea e outros informais). Este conjunto pressupõe a existência de infra-estrutura de dependências esportivas com medidas oficiais (piscinas, campos, ginásios, etc.) e outras necessidades para o devido apoio ao treinamento de atletas de alto rendimento. A gestão desta capacidade instalada se faz por meio de 300 mil empregos diretos, incluídos os profissionais do esporte e lazer, sendo os clubes os maiores empregadores destes profissionais no país. Estima-se adicionalmente que cerca de 53 milhões de pessoas participam de atividades em clubes sociais e esportivos no Brasil; além dos profissionais, neste grupo de participantes incluem-se os dirigentes que em geral atuam como voluntários, estes talvez em maior número que em qualquer outra atividade social do país. Sendo um movimento de voluntariado,

explica-se a sobrevivência de 125 clubes com mais de 100 anos de existência no Brasil (fonte: Cadastro da CBC).

Do ponto de vista de legado, importa registrar que os clubes são os principais responsáveis pela manutenção das Ligas e Federações Esportivas no país. Foram os clubes que criaram as primeiras Federações e Confederações de esportes no Brasil e hoje são estes mesmos clubes seus principais parceiros e mantenedores. Em conclusão, o clube esportivo é um legado comunitário no Brasil, sendo as Federações e Confederações legados dos clubes e finalmente sendo os atletas legados finais desta seqüência de relacionamentos históricos e sociais. Neste encadeamento, o Pan 2007 não teria sido um gerador de legados – pelo menos no âmbito definido pelos atletas participantes – mas sobretudo seu resultado culminante e de maior visibilidade.

Qualidade Total em Megaeventos Esportivos

Heglison Custódio Toledo
Universidade Gama Filho

Total Quality in Sports Mega Events *Sports mega events require great quantity of human, material and financial resources as well as sophisticated means of management. Therefore, the complexity of any mega event requires elements of Total Quality Control. The exercise of this control depends not only on the election of priorities (typical case of environmental sustainability) but also on the establishment of general patterns of evaluation and follow-up.*

Um megaevento esportivo atualmente exige grande quantidade de recursos humanos, materiais e financeiros tanto quanto meios de gestão sofisticados. A complexidade do megaevento clarifica-se ao se constatar que o esporte é um produto social e por ser um produto deve ser entendido como tal incluindo requisitos de qualidade. Esta concepção tem sido assumida por algumas iniciativas isoladas de desenvolvimento esportivo como no caso da Confederação Brasileira de Voleibol que estabeleceu metas e condutas, criando ferramentas de avaliação da qualidade de seus produtos esportivos. Outro bom exemplo é o do Esporte Clube Pinheiros de São Paulo que optou por uma gestão da qualidade em suas atividades, um procedimento também experimentado pelo SESC de Santa Catarina em alguns de seus projetos.

Entretanto, a disseminação do conceito de qualidade na gestão do esporte ainda carece de conhecimento de base no Brasil, o qual propõe seja atrelado inicialmente a uma perspectiva histórica.

Ao se resgatar as transformações anteriores à revolução industrial, constata-se que a qualidade de um produto era designada pela reputação da habilidade e do talento de quem produzia. Com o passar dos anos a qualidade de um produto esteve aliada com a idéia de excelência ou superioridade. Já nos dias atuais a qualidade se estabelece partindo-se de seu valor de mercado e chegado à satisfação no atendimento ao cliente (JURAN, 1995). Desta forma, a busca de qualidade na organização de megaeventos (produto) deve primar em tese pela agregação de valores aos seus produtos e serviços (processos) a fim de alcançar retorno social (legados) e rentabilidade econômica (viabilidade). Esta configuração sugere a montagem de uma metodologia de ações para que haja ferramentas de qualidade para organização de grandes eventos esportivos.

Seguindo esta proposição, a qualidade não poderá ser estabelecida somente com relação ao projeto e sim em termos de intervenções, as quais deverão estar associadas com o produto final, que no caso são a satisfação do público e os legados deixados pelo evento. Hoje, entretanto, a organização de megaeventos segue metodologias diferenciadas por produtos, as quais dificultam a avaliação do impacto da qualidade do produto maior representado pelos legados. Todavia, para uma metodologia estruturante de organização de megaeventos, deve-se fazer uma especificação cuidadosa das necessidades, possibilidades e limites, uma vez que são pontos fundamentais para se encaminhar à qualidade total; portanto, o *job description* deverá trazer informações precisas em todos os níveis da organização.

Ressalta-se que para se desenvolver um suporte para a qualidade na organização de megaeventos, há a necessidade de criar manuais de qualidade total para o esporte, desenvolvendo, portanto, padrões de qualidade em todos os níveis de intervenção. Este procedimento seria aplicável também nas entidades isoladas de práticas esportivas tais como, clubes, ligas, federações, confederações etc.

A avaliação constante das ações com base em padrões poderá gerar uma metodologia específica para organização de megaeventos, no entanto é importante fazer constar que a metodologia de qualidade total encontra-se em estágio de reformulação, deixando de ser um receituário de paradigma de organização *per se*. Neste propósito deve-se levar em consideração a opção atual do Comitê Olímpico Internacional em privilegiar a sustentabilidade ambiental como base da avaliação de megaeventos olímpicos, criando assim uma variante de qualidade distinta da simples satisfação do cliente (COI, 2008). Em resumo, a efetivação da Qualidade Total quer em organização de esportes ou em megaeventos esportivos está se tornando uma questão de justa medida com eleição de prioridades – caso típico da sustentabilidade ambiental – e estabelecimento de padrões gerais de avaliação e acompanhamento.

Referências

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. Disponível em <http://multimedia.olympic.org/pdf/en_report_1111.pdf>, acesso em 12/01/2008.

JURAN, J.M. A History of Managing for Quality. Milwaukee: ASQC Quality Press, 1995, pp. 603 – 655.

Perfil dos Atletas Brasileiros nos Jogos Parapanamericanos de 2007

Roger de Souza Nascimento
Marcela Lima Santanna
Centro Universitário Vila Velha (UVV)

Profile of the Brazilian athletes of the 2007 Paralympic Pan American Games

This study aimed to identify the profile of Brazilian athletes who participated in the 2007 Paralympic Pan American Games regarding limitations and possibilities for their inclusion in this mega event. A survey was made with 131 volunteer athletes using a questionnaire. The results showed that the subjects had high average age (30 ± 8 years), 26% had migrated from their original states to train and had separate coaches. They started sport practices through encouragement of family and friends around 17 ± 9 years of age, experiencing difficulties to keep up training and competing with lack of financial support. Although 60% of the athletes had sponsorship, 38% needed to work in other areas for self-support.

Ao longo dos anos, o para-desporto brasileiro tem recebido pouca atenção social, governamental e dos meios de comunicação, reflexo das atitudes dispensadas à pessoa com deficiência, como preconceito e exclusão, culminando em falta de recursos e oportunidades para que os mesmos se desenvolvam socialmente. Contudo, observa-se nos últimos anos um crescimento expressivo nos resultados obtidos por nossos atletas em competições internacionais.

No Parapan-americano Rio 2007, a delegação brasileira contou com 238 atletas e 121 profissionais de apoio, entre técnicos e médicos. O país foi representado em todas as dez modalidades em disputa, contou com estrelas como o nadador Clodoaldo Silva, eleito em 2005 o melhor atleta paraolímpico do mundo e conquistou o primeiro lugar geral, com 83 medalhas de ouro, 68 de prata, 77 de bronze (Brasil Paraolímpico, 2007; Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2007).

Baseado nesta constatação, este trabalho visou a analisar o perfil dos atletas brasileiros que participaram dos Jogos Parapan-Americanos 2007, em relação a limitações e possibilidades de inserção nesse evento, através de identificação de características morfofuncionais, sociais e profissionais predominantes, dando-nos condições de propor alternativas que foquem possibilidades para os mesmos participarem com maior efetividade em jogos paraolímpicos e parapan-americanos.

A pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso, tendo sua amostra composta por 130 atletas brasileiros participantes dos Jogos Parapan-Americano Rio 2007, 55% do total de atletas elegíveis. Estes indivíduos foram abordados aleatoriamente em toda área da Vila Pan-Americana e nos ginásios de competição, sendo solicitados a responder um questionário contendo 23 perguntas abertas. O protocolo de pesquisa foi autorizado pelo Comitê Paraolímpico Brasileiro.

O estudo contou com 78 (60%) homens e 52 (40%) mulheres, sendo 27% da etnia branca, 14,6% negros e 58,5% pardos. A média de idade dos participantes era de 30 ± 8 anos.

Os atletas eram naturais de diversos estados, porém, a maioria pertencia aos estados das regiões sudeste e nordeste (PE e RN), contendo em torno de 10% dos par-

ticipantes cada e São Paulo (SP), 19%. Este destaca-se também pela grande concentração de atletas em treinamento, pois além dos lá haviam, 26% migraram de seus estados de origem para este fim.

Os participantes representavam 66 clubes, sendo a SadeF a instituição com o maior número de competidores, 12 (9,2%) indivíduos. Eram treinados por 93 técnicos diferentes, representando uma média de 1 a 2 atletas por treinador.

Em relação à distribuição da amostra por modalidade, a maioria era da natação e atletismo, com 24,6% e 20% respectivamente, 12,3% do tênis de mesa, 10,8% do basquete, 8,5% do judô, 7% do halterofilismo, 5,4% do vôlei sentado, 6% do futebol de 7, 5% do futebol de 5 e 1,5% do tênis em cadeira de rodas. Esses indivíduos preenchem as 5 classificações funcionais, Les Autres (32,3%), Deficiência visual (23,8%), Amputação (16,2%), Paralisia cerebral (15,4%) e Lesão medular (11,5%).

Dentre as motivações relatadas pelos participantes para iniciarem a prática esportiva, o incentivo da família e amigos (23,8%), o prazer pelo esporte (20,8%) e convites feito por treinadores (17,7%) foram os mais citados. Dos 130 atletas estudados, 69 (53,1%) já haviam praticado outra modalidade e a média de idade em que começaram a prática esportiva era de 17±9 anos.

As maiores dificuldades encontradas pelos atletas para realização dos treinamentos e competições foram falta de patrocínio (50,8%), estruturas físicas dos clubes e materiais inadequados (9,2%), dificuldade de adaptação à modalidade, como manuseio de material (9,2%), falta de apoio familiar (8,5%), entre outras.

Apesar da maioria dos atletas ter apontado o fator financeiro como maior dificuldade, 60% possuem patrocínio, sendo 48,7% apoiados pela Bolsa Atleta do Governo Federal. Possivelmente, as bolsas não estão sendo suficientes para manterem os gastos destes indivíduos, como alimentação, deslocamentos, prótese ou órtese, vestimentas, viagens, apoio multidisciplinar, etc... Desta forma, 37,7% necessitam trabalhar para se sustentarem e apenas 30% se mantêm estudando.

Com toda a realidade destacada, conquistas já foram alcançadas como, 48,5% dos atletas eram campeões brasileiros, 20% Parapan-americanos, 16,2% tinham conquistas em Mundiais e 15,4% eram detentores de medalhas paraolímpicas.

Portanto, o perfil dos atletas brasileiros participantes dos Jogos Parapan-americanos RIO 2007 consistiu em um indivíduo de etnia parda, com aproximadamente 30 anos de idade, migrante de seu estado de origem para treinar e possuía técnico particular; iniciou a prática da modalidade esportiva por incentivo da família e amigos aos 17 anos e encontrou como maior dificuldade para manter-se treinando e competindo a falta do suporte financeiro. Recebe patrocínio, mas necessita trabalhar em outra área para se sustentar, contudo conquista títulos nacionais e internacionais.

Mais metas poderiam ser atingidas se estes indivíduos recebessem melhores condições de desenvolvimento físico, mental e social desde a infância. Anteriormente a conquista de medalhas, necessitamos – como indica Sasaki (2004) - de uma sociedade inclusiva, que respeita, coopera e contribui para o desenvolvimento da pessoa com deficiência.

Adaptações nas estruturas físicas e conscientização da sociedade somadas à qualificação dos profissionais da Educação Física e políticas públicas em favor da pessoa com deficiência poderiam garantir o apoio à cultura do lazer esportivo, em prol de um estilo de vida ativo (DIEHL, 2006). Tais modificações possibilitariam a forma-

ção e manutenção de equipes em clubes de todos os estados brasileiros, acarretando num maior número de atletas em condições de treinar e competir.

Referências

BRASIL Paraolímpico. O time está formado: delegação brasileira pronta para os Jogos Parapan Rio 2007. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, n.25, maio e junho, 2007.

COMITÊ Paraolímpico Brasileiro. Quadro de medalhas. Disponível em: <<http://www.cpb.org.br/parapan/integra.asp>>. Acesso em: 25 outubro 2007.

DIEHL, R. Jogando com as diferenças: jogos para crianças e jovens com deficiências. São Paulo: Phorte, 2006.

SASSAKI, R. K. Inclusão: construindo uma sociedade para todos. 5 ed. Rio de Janeiro: WVA, 2004.

Gestão dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007 – Pontos Fortes e Fracos Segundo o Programa de Observadores

João Augusto de Camargo Barros
University of Tennessee-Knoxville
Representante CONFEE – Programa de Observadores

Management of PanAm Games - Rio 2007: Points of Strength and Weaknesses according to Observers' Program *This report presents an assessment of 2007 Rio Pan American Games through information delivered by international consultants during a program designed for external observers. The balance between successes and failures supports the view that these regional Games have developed favorable conditions for the city of Rio de Janeiro to stage sports mega events including Olympic Games.*

O Programa de Observadores Rio 2007 ofereceu aos seus participantes a oportunidade de acumular conhecimentos que podem potencialmente aumentar as chances de candidaturas à grandes eventos esportivos como os Jogos Olímpicos, Jogos da União Européia, e campeonatos mundiais e facilitar a sua organização. O programa, iniciado em 15 de Julho e findo em 27 de Julho, foi dividido em duas “ondas” (waves) contando com a participação de cerca de 70 pessoas. Participaram do programa representantes do Comitê Organizador dos XVI Jogos Pan-Americanos de Guadalajara 2011, do Comitê Organizador dos Jogos Sul-Americanos de Medellin 2010, do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos de Londres 2012, da London Ambulante NHS Trust, do Ministério do Esporte Brasileiro, da Ernst & Young, da Diretoria de Pesquisa e Estudos de Pessoal, da Johnson & Johnson, do Comitê Organizador dos XXI Jogos Deportivos Centroamericanos y del Caribe, do Comitê Organizador do Campeonato Mundial de Natação FINA Roma 2009, da FIA, do Comitê Glasgow 2014 Commonwealth games Candidate City, do Comitê Chicago 2016 Applicant City for the Olympic Games, da Comissão de Desportos do Exército, e do CONFEE além de observadores individuais.

O programa permitiu o acesso aos setores operacionais da organiza o dos XV Jogos Pan-Americanos. Buscou-se maximizar a experiência dos observadores, sem que houvesse impacto nas opera es do Comitê Organizador Rio 2007 (CO-RIO). Foram programadas visitas às instala es – geralmente guiadas pelo gerente da instala o -, apresenta es e palestras proferidas por membros da equipe Rio 2007 ou consultores – geralmente acompanhadas de visitas   alguma instala o -, mesas redondas e, quando necessárias, reuniões individuais com membros da equipe Rio 2007.

Os focos das apresenta es variavam de acordo com os objetivos dos observadores, mas em geral giraram em torno de três t picos:  reas funcionais; instala es; e grupos constituintes (atletas, árbitros, delega es, Comitês Olímpicos Nacionais, força de trabalho, imprensa, espectadores, entre outros).

As áreas funcionais foram divididas em:

- Administra o e Recursos Humanos
- Finanças
- Cultura

- Marketing
- Esporte
- Serviços aos jogos
- Tecnologia
- Segurança
- Secretaria geral
- Overlay de instalações (equipamentos passíveis de remoção, i.e. sinalização específica, instalações temporárias, etc)
- Integração operacional de instalações

Sobre as áreas funcionais pode-se dizer que a complexidade envolvida no planejamento de um megaevento como o PAN 2007 exige atenção prioritária. São diversas áreas que organizam desde a remoção de resíduos descartáveis resultantes dos Jogos até a organização das cerimônias de premiação. O nível de detalhamento dos planejamentos foi considerado adequado pelos observadores. Alguns membros do CO-RIO participaram de programas com as mesmas características do Programa de Observadores Rio 2007, facilitando a implementação do evento. É significativo destacar que apesar do planejamento dessas áreas estar centralizado no CO-RIO, sua operacionalização dependeu, na maior parte, de empresas que realizaram esses serviços em eventos similares.

Em termos de planejamento de instalações, houve problemas principalmente relacionados ao atraso na entrega das obras e à liberação de verba para a contratação de pessoal e serviços. Segundo relato dos organizadores, essa demora ocorreu em função da lentidão nos processos de licitação e no entendimento entre os três níveis de governo (federal, estadual e municipal) principais financiadores do projeto.

As instalações foram divididas em *clusters* (com nível adequado de integração) para facilitar a respectiva gestão, são eles:

- Barra
 - Riocentro
 - Morro do Outeiro
 - Arena Multi-uso
 - Parque Aquático
 - Velódromo
 - Cidade do Rock
 - São Conrado
 - Clube Marapendi
 - Barra Bowling
 - Centro de Futebol do Zico
- Pão de Açúcar
 - Marina da Glória
 - Arena de Copacabana
 - Arena do posto 6
 - Parque do Flamengo

- Estádio de Remo da Lagoa
- Clube dos Caiçaras
- Maracanã
 - Estádio João Havelange
 - Estádio do Maracanã
 - Ginásio do Maracanãzinho
 - Júlio Delamare
- Deodoro
 - Centro Nacional de Hipismo
 - Centro Nacional de Tiro Esportivo
 - Centro de Tiro com Arco
 - Círculo Militar Deodoro
 - Centro de Hóquei sobre a Grama
 - Estádio do Complexo Miécimo da Silva
 - Ginásio do Complexo Miécimo da Silva

Foram utilizadas instalações permanentes (como o Centro Nacional de Hipismo) e temporárias (Arena de Copacabana). Os projetos de construção das instalações permanentes e temporárias e de reforma foram feitos por arquitetos brasileiros. As instalações, segundo os observadores, atenderam as especificações das confederações internacionais com o intuito de garantir sua utilização não só nos XV Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro como também em outras competições de grande porte. Também foram pretensamente atendidos os critérios de acessibilidade para atender a população com necessidades especiais.

Todas as instalações foram entregues em tempo para os Jogos, mas algumas não receberam eventos-teste como previa o projeto. Além da qualidade das instalações, destaca-se a existência de cadeiras numeradas para os espectadores. Aliada à venda de ingressos *on-line* e ao aparato de segurança instalado, esse fator possibilita mudar o perfil do espectador esportivo no Brasil gerando maior rentabilidade das instalações e aumento do interesse do público por espetáculos esportivos.

Ressalta-se que, também segundo os organizadores, o atraso nas obras causado pela dependência no poder público impossibilitava a resolução imediata de problemas observados pelo CO-RIO, como modificação do projeto para atender regras oficiais. Neste contexto, coube pôr em registro durante as visitas, que o projeto inicial foi modificado buscando aproximar as instalações aos padrões olímpicos extrapolando o gasto inicialmente previsto.

Outro ponto discutido quanto às instalações consistiu na respectiva gestão delas como legados com o fim dos Jogos. Segundo os organizadores, algumas das instalações seriam concessionadas à iniciativa privada (como o Riocentro), outras seriam de responsabilidade da Prefeitura do Rio de Janeiro (como o Parque Aquático Maria Lenk), e outros ainda seriam cedidas às confederações (velódromo). Entretanto, não se relatou sobre garantias de tais responsabilidades por parte de seus receptores.

Em termos dos chamados grupos constituintes, receberam atenção especial a força de trabalho e os recursos humanos. A força de trabalho para a realização dos XV Jogos Pan-Americanos envolveu cerca de 62000 pessoas. Foram aproximadamente 45000 ser-

vidores terceirizados, 1000 militares, 2200 contratados de curto prazo, 1200 membros da equipe, e 12600 voluntários. Com exceção dos militares e dos voluntários, a contratação do restante da equipe dependia de liberação de verba pelos diferentes níveis de governo. Essa dependência associada ao atraso nas obras obrigou o Comitê Organizador a retardar a contratação de pessoal. Cerca de 90% da mão-de-obra foi contratada nos últimos cinco meses de preparação para os Jogos. Além disso, a falta de verba gerou uma diminuição dos trabalhadores contratados na equipe de organização.

Como o número de *staff* contratado foi reduzido e houve uma pressuposta falta de “cultura de voluntariado” estabelecida no Brasil na visão dos gestores do PAN 2007, houve uma preocupação grande com a seleção dos voluntários. Este processo começou logo após o fim dos XIV Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo. A seleção contava com dinâmicas de grupo e sessões de treinamento geral e específico. Cerca de 18.000 pessoas iniciaram o processo e 12.600 foram selecionadas embora a meta fosse obter 15.000 voluntários.

Entre casos de deficiência por parte de voluntários, houve situações de abandono de função pelos voluntários durante os Jogos, motivados principalmente pela falta alimentação e transporte inadequado, de acordo com a organização. Outro problema foi o mal dimensionamento da equipe de voluntários por parte de algumas áreas funcionais o que gerou ociosidade e por vezes abandono de posto.

Resumindo-se, o resultado dos Jogos foi positivo na interpretação dos observadores. A organização foi considerada um sucesso pelo presidente da Organização Desportiva Pan-Americana (ODEPA) Mario Vásquez Raña, apesar de problemas então classificados como menores (falhas em telões, danos nas instalações causados pelo vento forte, venda de ingressos duplos e modificações dos horários de alguns jogos sem prévia comunicação aos espectadores). Os Jogos ainda foram chamados de os “mais limpos” da história visto que nenhum atleta foi flagrado em falta nos exames anti-doping, pelo menos durante as competições. O Brasil, particularmente, obteve número recorde de medalhas demonstrando que os investimentos no esporte vêm produzindo resultado. Parte da operacionalização dos Jogos contou com pessoas e empresas que já realizaram eventos desse porte em outras ocasiões, portanto garantindo uma base mínima do sucesso apontado pela ODEPA.

Ainda que os Jogos tenham sido considerados bem sucedidos, segundo os organizadores, muitas das etapas do processo foram feitas às pressas. Como o financiamento dos Jogos foi eminentemente público e dividido entre três níveis distintos de governo criou-se um fator limitativo fora das possibilidades de intervenção dos gestores.

Além disso, como as empresas responsáveis pelas instalações estavam diretamente subordinadas aos poder público, o CO-RIO mostrou-se impotente frente aos atrasos das obras. Esses atrasos nas construções e no processo de liberação de verbas geraram um “efeito-cascata” sobre outras etapas do projeto, como instalação de *overlay*, contratação de serviços terceirizados e realização de eventos-teste. Com menos tempo para realização de algumas etapas, os custos aumentaram.

Outro fator que provocou aumento nos custos previstos foi a modificação do projeto inicial. O país vem se preparando para receber os Jogos Olímpicos desde o início dos anos 1990. E desde a realização dos Jogos Sul-Americanos do início da década de 2000 discute-se a possibilidade do país sediar os Jogos Olímpicos de 2016. Assim, o CO-RIO juntamente com os governos federal, estadual e municipal optaram por modificar o projeto PAN 2007 ajustando-o à candidatura da cidade do Rio

de Janeiro aos Jogos Olímpicos de 2016. Isso levou à construção de instalações mais próximas do padrão Olímpico. Contudo, ao se obedecer tal padrão e se houver o lançamento oficial da candidatura da cidade, a maior parte das instalações deverá ser modificada (para acomodar mais espectadores e atletas de acordo com as exigências do Comitê Olímpico Internacional).

Além de instalações de qualidade adequada, o legado proposto para os Jogos Pan-Americanos inclui uma maior motivação da população para a prática de atividades físicas. Assim sendo, a realização efetiva deste legado exigirá recursos financeiros e recursos humanos apropriados. Algumas das modalidades em que o Brasil conquistou medalhas não são tradicionalmente populares e portanto não contam com um número de treinadores suficiente para atender a população. Neste caso tornou-se fundamental estimular a aproximação de confederações e universidades para que o incremento na motivação da população não seja desperdiçado.

Projeto de Pesquisa Sobre Talentos Atléticoes Como Legados de Megaeventos Esportivos

Tadeu Correia da Silva
Universidade Gama Filho

Research Project on Sports Talents As Legacies of Sports Mega Events *This research project aims to identify links between sports mega events and legacies, especially including sports talents, from the perspective of people with high abilities. The proposed method is the meta-analysis of the scientific contributions about such individuals to verify the validity of the athlete as legacy in sports mega events.*

Durante o Fórum Olímpico da Universidade de São Paulo-USP em setembro de 2007, a Dra. Kátia Rubio daquela universidade aventou a proposta de que um dos maiores legados dos Jogos Olímpicos e outros megaeventos esportivos eram constituídos pelos atletas Olímpicos em sua participação ou por seus resultados de alto nível (MACHADO & RUBIO, 2007). A partir desta noção não clássica de legado esportivo – este geralmente definido por patrimônio físico, mensurável e visível –, o presente projeto apresenta elaborações preliminares para fundamentar uma pesquisa cujo propósito final será a verificação da validade da proposição do atleta como legado de eventos esportivos de grande porte.

Pressupostos, definições e delimitação da pesquisa

Em princípio, cabe re-examinar a figura do atleta de realce - quer masculino ou feminino - à luz do pressuposto de que ele ou ela constituem projeção de um impacto de mídia e/ou de um meio de pedagogia social, com influência sobre o público esportivo e sobre a sociedade em geral (VIRTAPOHJA, 2008). Nestas condições, pode-se definir tal figura como herói esportivo (abordagem sócio-histórica) e/ou como figura emblemática geradora de exemplos de bom comportamento ou de atitudes positivas para o desenvolvimento social (abordagem sócio-educacional).

Para a delimitação da investigação ora em projeto, considerou-se a abordagem sócio-educacional de maior significado quanto ao tema de legados, cuja opção leva prioritária e diretamente à categoria de análise que inclui o atleta exemplar; este, por sua vez, é delimitado neste projeto como Portador de Altas Habilidades, denominação científica e alternativa à expressão do senso comum “talento esportivo”. As palavras “Altas Habilidades” ou “Superdotação” se caracterizam por elevada potencialidade de aptidões que pode ou não se evidenciar no alto desempenho em diversas áreas de atividades. Crianças precoces, ainda em processo de maturação biológica, podem demonstrar o começo de suas Altas Habilidades. Daí no Brasil serem considerados Portadores de Altas Habilidades/Superdotados - PAH/S conforme ênfase dada pela Política Nacional de Educação Especial (MEC, 1994).

Pelo fato do governo brasileiro, assim como de vários outros países considerarem os programas para pessoas com altas habilidades/superdotação de importância vital para a sustentabilidade e desenvolvimento humanizado da educação nacional, já se justifica sua abordagem como possível legado. Este termo, por outro lado, pode designar em sentido figurado “o que é transmitido às gerações que se seguem”. No

bojo da definição de “legado” existe um sentido palpável que é tangível (bens, valores materiais, etc.) ou um sentido intangível (ético e/ou moral, sócio-histórico, etc.).

Objetivo e questões a investigar

À vista dessas limitações e condicionantes, propõe-se que o objetivo operacional desse estudo é de compreender as correlações do PAH/S à luz de seus múltiplos inter-relacionamentos como legado educacional e esportivo.

Por outro lado associar Programas de Altas Habilidades/Superdotação aos legados de megaeventos, em especial dos Jogos Olímpicos, importa demonstrar aspectos revestidos de relevância e significância. Neste contexto, há que se eleger as seguintes questões a investigar: definido o que é “PAH/S” como também “legado”, cabe alguma inter-relação? Quais os fatores de causa que relacionam PAH/S e legado?

Metodologia

A metodologia prevista neste projeto é da revisão de estudos e pesquisas publicados no Brasil e no exterior sobre PAH/S procurando-se identificar primeiramente quais as relações entre talentos esportivos e eventos de competições e práticas de esportes que possam ser consideradas produtoras de efeitos sócio-educacionais. Em segunda instância, a revisão planejada examinará pontos comuns de convergência entre os estudos e pesquisas que possam ser relacionados direta ou indiretamente com a produção de legados educacionais.

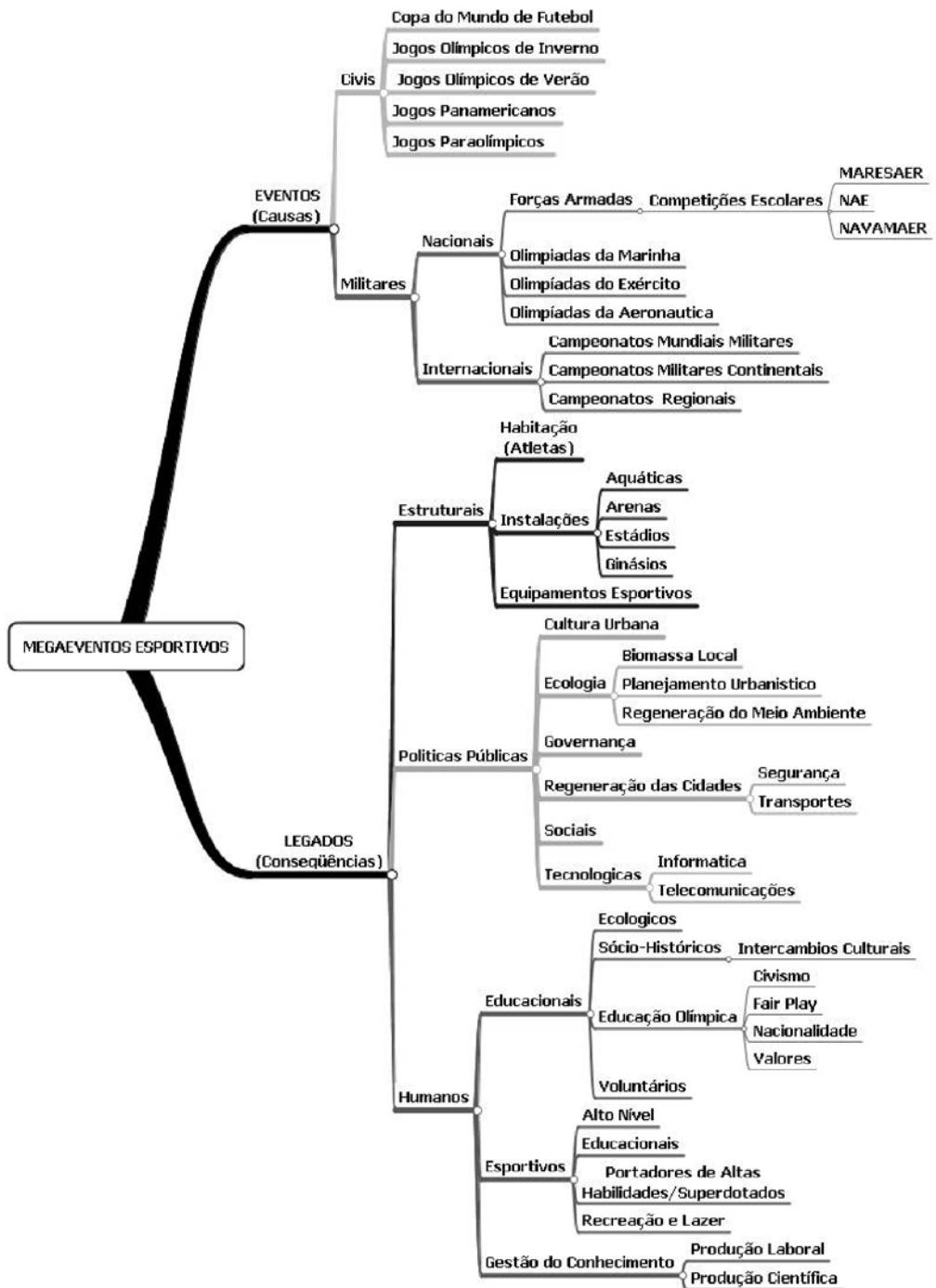
O exame detalhado e orientado para focos comuns de abordagens será elaborado por meio de uma meta-análise. Este procedimento sistemático de revisão de trabalhos científicos terá como base inicial um modelo hipotético e genérico de relações dos eventos esportivos de grande porte, estruturado a partir de relações de causas (eventos) e conseqüências (legados) previsíveis pela tradição esportiva. Este suporte teórico preliminar é apresentado pela Figura 1, sob a denominação de Modelo Relacional de Megaeventos Esportivos.

Apoio de informações para a pesquisa

O desenvolvimento dos trabalhos da pesquisa projetada terá como apoio o banco de dados da tese de doutorado do autor deste projeto ora em finalização, cuja temática é referida ao tema dos PAH/S com enfoque no esporte. Este acervo de informações abrange um total de 232 pesquisas realizadas na área neurocognitiva e 80 pesquisas na área neuromotora levantadas em artigos técnicos, livros, capítulos de livros, contribuições para congressos etc., sendo acompanhado em sua produção desde 2006 pelo Prof. Dr. Lamartine DaCosta (orientador) no âmbito de Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Educação Física da Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.

Acrescente-se finalmente neste projeto que o ponto de partida do banco de dados é a dissertação de mestrado do autor desta proposta, também no tema dos PAH/S, defendida na Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro (CORREIA DA SILVA, 2003).

Figura 1 – Modelo Relacional de Megaeventos Esportivos



Referências

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto - Secretaria de Educação Especial. *Subsídios para organização e funcionamento de serviços de educação especial: Área de Deficiência - Diretrizes 9/MEC/SEESP*. Brasília: a Secretaria, 1994, 65p.

CORREIA DA SILVA, T. *Programa de revelação das aptidões e capacidades desportivas de atletas portadores de altas habilidades no futebol brasileiro: do senso comum instintivo à metacognição intuitiva*. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: Universidade Castelo Branco, 2003.

MACHADO, R.P.T. & RUBIO, K. O atleta como Maior Legado Olímpico. In RUBIO, K. (Org) *Megaeventos esportivos, legado e responsabilidade social*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, pp. 161 – 170.

VIRTAPOHJA, K. *The Secrets of Sports Heroes*. Acesso na Internet em 01/05/2008: www.nordicom.gu.se/common/publ_pdf/13_019-028.pdf

Eventos Esportivos, Neo-Tribos e Identidade

Renan Petersen-Wagner
Alberto Reinaldo Reppold Filho
Centro de Estudos Olímpicos - UFRGS

Sports Events, New tribes and Identity *This research project in its preliminary proposal aims to survey particular speeches and behavior of typical groups connected to specific sport activity in view of their identity construction. Narratives taken from interviews will be submitted to hermeneutical treatment.*

A importância do esporte, e por consequência de eventos esportivos, não reside apenas ao que acontece dentro dos ginásios e estádios. O significado do esporte, como Baudrillard (1993) postula, não está mais localizado *in-itself*, mas nos negócios, no sexo, na política, ou seja, nos seus arredores. Partindo dos estudos de Maffesoli (1988; 1990), Debord (1995) e Brown (1999), este trabalho investiga os eventos esportivos na sociedade de consumo/espetáculo. Através das noções de heteronomia e *persona*, Maffesoli afirma que as neo-tribos se formam em torno de interesses em comum. A sociedade pós-moderna na visão de Maffesoli traz novamente o ideal de *kaloskagathos* grego (Maffesoli, 1990, p. 231), buscando alinhar o sujeito e o objeto, o natural com o cultural, o belo com o bom, justapondo as dicotomias modernas. Do mesmo modo que os festivais agonísticos da Grécia Antiga serviam não somente para estabelecer quem era o melhor nas competições físicas e intelectuais (*agones gymnikoi*, *agones hippikoi*, e *agones mousikoi*), mas também para unir os gregos em seus ideais, língua e religião, fomentando um sentimento de unidade em torno de uma identidade pan-helênica, os eventos esportivos na sociedade de consumo/espetáculo permitem que neo-tribos se formem ao redor de interesses em comum (o ideal de heteronomia de Maffesoli). Estas tribos não se resumem aos espectadores, mas a todos que se relacionam com um determinado esporte, como jornalistas, atletas, torcedores e dirigentes, que acabam por desenvolver significados, costumes e linguagens próprias. Desta forma, este trabalho se propõe a uma análise da “neo-tribo” do Judô, buscando entender como ela se organiza, quais são os seus costumes e consumos, e como os indivíduos que a compõe constroem as suas identidades. Trata-se de um estudo em andamento que tem como foco participantes dos Jogos Pan-Americanos realizados no Rio de Janeiro. Para atingir os objetivos propostos, a pesquisa utiliza uma abordagem multi-método, fazendo uso de imagens (fotografias e vídeos) dos informantes, selecionados entre as categorias anteriormente citadas, juntamente com entrevistas em profundidade. As narrativas construídas nas entrevistas e as imagens trazidas pelos informantes são analisadas através de uma abordagem hermenêutica.

Referências

BAUDRILLARD, Jean. *The Transparency of Evil*. Verso, 1993.

BROWN, Stephen. *Retro-marketing: Yesterday's tomorrows, today!* *Marketing Intelligence & Planning*, vol. 17, no. 7, p. 363-376, 1999.

DEBORD, Guy. *Society of Spectacle*. Zone Books, 1995.

MAFFESOLI, Michel. *Les temps des tribus: Le déclin de l'individualisme dans les sociétés postmodernes*. La Petite Vermillon, 1988.

MAFFESOLI, Michel. *Au creux des apparences: Pour une éthique de l'esthétique*. La Petite Vermillon, 1990.

Pré-Projeto de Pesquisa sobre Influências dos Jogos Parapan-americanos Rio 2007 na Olimpíada da Pessoa Portadora de Necessidades Especiais - OLIMPEDE de Volta Redonda-RJ

Rodolfo Guimarães Silva
Grupo de Estudos Olímpicos
Universidade Gama Filho

Pre-Project of research on the influence of the Rio 2007 Paralympic Pan American Games upon the Olimpíada da Pessoa Portadora de Necessidades Especiais (OLIMPEDE - Olympic Games of People with Disabilities) of the city of Volta Redonda-RJ *This research establishes bases to investigate the impact of the Paralympic Pan American Games upon the Olimpíada da Pessoa Portadora de Necessidades Especiais (OLIMPEDE - Olympic Games of People with Disabilities), which has taken place every year since 2000 in the city of Volta Redonda – RJ. These Games have showed extraordinary growth after a similar international event was organized in Rio de Janeiro (Paralympic Pan American Games).*

Pressupostos da investigação

Os Jogos Parapan-Americanos Rio 2007 constituíram um evento marcante em sua categoria segundo opiniões favoráveis postas em exposição intensamente pela mídia à época de sua realização e ainda circulando nos dias presentes (GOVERNO FEDERAL, 2008). Nestas mesmas fontes tem sido destacados os “legados” dos Jogos como produtos dos megaeventos esportivos, alguns de aferimento objetivo como equipamentos adquiridos, reformas urbanas e construção de estádios, e outros mais subjetivos, como as repercussões sobre a motivação das pessoas quanto a uma participação em eventos esportivos, como praticantes ou espectadores.

Nestas condições, a pesquisa em projeto preliminar pretende observar a repercussão indireta do Parapan-americanos 2007 sobre o crescimento relevante exibido por evento de natureza similar ocorrido na cidade de Volta Redonda, situada no Estado do Rio de Janeiro, após a realização do Parapan Rio. O evento esportivo em questão tem sido de médio porte em edições anteriores a 2007, porém nesta última versão tornou-se um megaevento congregando 3.000 atletas em apenas três dias de competição, com 32 entidades participantes. O objeto deste questionamento é a Olimpíada da Pessoa Portadora de Necessidades Especiais, mais conhecida pela sigla OLIMPEDE.

Informações de base

Tendo em vista à baixa cobertura dos meios de comunicação em massa numa cidade de porte médio como Volta Redonda é de se esperar que Pessoas Portadoras de Necessidades Especiais não se interessem em praticar alguma modalidade esportiva, e muito menos em se arriscar numa competição, pondo a prova seu rendimento num evento no qual, na maioria das vezes, somente um atleta consegue a vitória. Porém,

os fatos comprovam o contrário, o que ocorreu foi um aumento no número tanto de atletas quanto de espectadores desde que a OLIMPEDE foi criada.

Inicialmente a OLIMPEDE era um evento municipal que tinha como objetivo alcançar as entidades da cidade de Volta Redonda, sendo realizado de dois em dois anos, com o foco na integração, numa política de inclusão e na democratização das várias modalidades esportivas favorecendo a participação de todos, independente da aptidão física ou da capacidade técnica (VOLTA REDONDA, 2005).

Após algumas edições a OLIMPEDE começou a ser realizada anualmente e veio ganhando força e credibilidade entre as entidades participantes, de tal forma que, se tornou “[...] o maior e mais bonito evento para portadores de deficiência do estado e região.” (VOLTA REDONDA, 2005)

O que acontecia durante um único dia, se transformou em um evento maior com a duração de dois dias, expandindo-se para três dias e, com a adesão cada vez maior de atletas e entidades; este último período de duração já não é mais suficiente para que aconteçam todas as atividades, pois a Secretaria Municipal de Esporte e Lazer (SMEL) da cidade visa a agregar o valor competitivo e de integração em cada prova. Com tal orientação valorizam-se todos os participantes, independente dos resultados obtidos, recebendo cada vez mais atletas e gerando assim uma nova perspectiva de vida para este público alvo.

Questões a investigar

Em resumo, o que presenciamos é um acontecimento esportivo inovador e que tende a se tornar de nível nacional gerando assim um legado social e moral a partir de um megaevento voltado para um público que, vez por outra, é discriminada pela sociedade. Há entretanto dúvidas quanto aos motivos originários do sucesso da OLIMPEDE, cujo conhecimento permitiria em princípio sua replicação em outras cidades e regiões do país.

Com vistas ao exposto cabe definir as perguntas norteadoras da investigação, sendo a primeira delas naturalmente relacionada à possibilidade da última OLIMPEDE constituir um legado do impacto positivo do Parapan Rio 2007. Outra questão refere-se ao apoio do Ministério dos Esportes: teria a parceria com o Governo Federal alguma influência na OLIMPEDE, garantindo sua expansão inusitada? Ou o sucesso se deve à organização do próprio evento pela SMEL, que a cada ano tem se mostrado melhor e maior, segundo a documentação oficial do evento (VOLTA REDONDA, 2006)?

Metodologia

Pelas condições preliminares da problematização do caso da OLIMPEDE, há que se considerar pertinente a utilização de entrevistas tanto dos dirigentes da SMEL de Volta Redonda, como também dos técnicos das diferentes modalidades esportivas da Olimpíada em observação. Assim se propõe para se desenvolver a pesquisa a partir das evidências disponíveis as quais necessitam de interpretação por parte de observadores mais próximos aos fatos geradores da OLIMPEDE. Por sua vez, estas entrevistas como instrumento de verificação e interpretação devem ser cotejadas com os dados quantitativos de participação no evento foco da investigação de modo a se observar oscilações e constâncias no comportamento do crescimento no eixo do tempo (oito anos de existência da OLIMPEDE).

Referências

GOVERNO FEDERAL. Jogos Pan-Americanos deixam importantes legados ao Brasil.

<http://www.brasilnopan.com.br/index.php?module=ContentExpress&func=display&ceid=113&bid=19&bttitle=Governo%20Federal&meid=13&showid=-1>. Acesso em 10 abr. 2008.

VOLTA REDONDA EM DESTAQUE. Órgão oficial do Município de Volta Redonda. Ano XII, N° 699, 14 set. 2006

VOLTA REDONDA EM DESTAQUE. Órgão oficial do Município de Volta Redonda. Ano XI, N° 633, 22 set. 2005

Pré-Projeto de Pesquisa Sobre Perspectivas da Educação Física Escolar em Face aos Jogos Pan-Americanos Rio 2007

Luís Hamilton de Souza Rocha
Grupo de Estudos Olímpicos
Universidade Gama Filho

Pre-Project of research about the perspectives of school physical education after the Rio 2007 Pan American Games This research project in its preliminary version aims to observe effects of the Rio 2007 Pan American Games in the public school system of Rio de Janeiro, a year after the staging of the Games.

Formulação do Problema

Na preparação e como justificativa para a realização dos Jogos Pan-Americanos 2007 no Rio de Janeiro, as autoridades dos três níveis de governo (federal, estadual e municipal) enfatizaram a oportunidade de dotar a cidade de instalações e equipamentos com padrões olímpicos, equiparando-a às metrópoles do primeiro mundo e, portanto, capazes de receber competições de quaisquer níveis nos mais altos graus de excelência.

Numa abordagem mais local e no entender das autoridades municipais, o Pan 2007 seria uma oportunidade especialíssima para que os alunos da rede municipal de ensino pudessem se aproximar dos hábitos e da cultura de outros povos, nossos amigos-irmãos sul-americanos. Tais declarações de viés promocional destacavam ainda benefícios dos legados dos Jogos os quais confirmariam o espírito esportivo e a vocação olímpica da cidade e de sua população.

Este discurso de compromisso foi amplamente divulgado pela mídia local e nacional, porém resultou em posições de dúvida quanto à sua viabilidade, como se constata em Mascarenhas (2007), escrevendo em periódico técnico-científico:

Neste sentido, também consideramos que o PAN Rio2007 não visa ao desenvolvimento do esporte na cidade, no seu sentido comunitário, sócio-educativo, de formação do cidadão, mas basicamente o utiliza como poderoso discurso a justificar as lucrativas operações urbanístico-empresariais. O confronto de idéias e de projeto de cidade se manifestou sistematicamente nos últimos dois anos, denunciando o autoritarismo e os impactos socioambientais negativos das intervenções urbanísticas em pauta.

Neste contexto, tornou-se corrente à época dos preparativos do Pan 2007 que os alunos da rede municipal de ensino poderiam ser beneficiados com a construção de tais instalações esportivas, pois logo após o término dos Jogos, os equipamentos teriam espaços em suas agendas de ocupação para atividades do alunado.

Criou-se ainda nesse momento dentro das escolas da rede municipal – fato testemunhado pelo autor deste projeto - grande expectativa quanto à participação nos Jogos Pan-americanos por parte de professores e alunos. Esta percepção foi reforçada

pela divulgação dos Jogos, que utilizou imagens de adolescentes com uniformes escolares ou de educação física, ou ainda das seleções nacionais de algumas modalidades esportivas que participariam do Pan 2007. Associaram-se a estas imagens outras de alunos das aulas de iniciação esportiva e de lazer das Vilas Olímpicas Municipais, em cartazes oficiais da Prefeitura do Rio de Janeiro.

Após a realização do Pan 2007 – geralmente considerado como sucesso junto à opinião pública – cabe, todavia problematizar este megaevento quanto ao seu legado em termos de educação física escolar. Ou seja: a perspectiva gerada pelo Pan 2007 gerou avanços na rede pública escolar quanto às atividades esportivas e de educação física?

Discussão

A questão a investigar sobre os benefícios do Pan 2007 nas escolas públicas do Rio de Janeiro não se revela, entretanto pontual ao se examinar a literatura acadêmica sobre megaeventos esportivos. Assim se pode concluir ao citarmos Tavares (2006), especialista em Olimpismo, que faz uma reavaliação dos Jogos Olímpicos recentes:

Ainda que seja assumido o sucesso geral dos Jogos, algumas lições não devem ser desconsideradas. Sabemos que nem todos os que pagam pelos Jogos são beneficiados por ele. De modo geral, todos aqueles em posições sociais, econômicas ou políticas mais vulneráveis provavelmente estarão entre os perdedores dos Jogos. Da mesma maneira certos ganhos podem ser minimizados ou mesmo anulados por efeitos colaterais de organização dos Jogos.

Sabendo-se, então, que os megaeventos esportivos trazem em seus resultados vencedores e perdedores na sociedade que os hospeda, pode-se discutir o problema aqui antes levantado diante das ações feitas pelas escolas públicas antes e durante o Pan 2007. Por esta via de observação, pretende-se estimar perspectivas dos professores e alunos em termos genéricos, as quais em primeira instância deveriam ser mais de ganhos do que de perdas.

No ano de 2007, as Unidades Escolares da Prefeitura do Rio de Janeiro trabalharam seus Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) focados nos Jogos Pan-americanos 2007, havendo portanto uma perspectiva de ganho.

A cada ano, as Unidades Escolares estabelecem um eixo central, um tema, um pólo gerador de idéias e contribuições para que as ações pedagógicas fiquem alinhadas. O objetivo é o de professores e alunos se envolvam, motivem e desenvolvam a partir do eixo central um grande Projeto, que tenha sua culminância numa apresentação ou mostra coletiva em que todas as pesquisas e os novos conhecimentos sejam expostos e compartilhados por todos.

Em 2007, a educação física, na Rede Municipal - uma das disciplinas mais aceitas da grade curricular, contando com grande participação dos alunos – tornou-se, sob o enfoque do esporte, o eixo central das ações pedagógicas. Contudo, não se sabe o grau de generalização destes PPP, nem a duração de seus efeitos nos meses subseqüentes.

Metodologia

Para atender às questões a investigar da discussão anterior propõe-se a elaboração de um questionário de consulta aos professores de educação física da rede

pública escolar, a ser distribuído numa amostra estatística que seja representativa do conjunto de escolas existentes no Município do Rio de Janeiro.

Este instrumento basicamente focalizará repercussões do Pan 2007 diante das ações desenvolvidas – ou não – pelas Unidades Escolares da Prefeitura do Rio de Janeiro, procurando situar tais efeitos ao longo de um ano após a realização dos Jogos. Para a estruturação deste questionário sugere-se ter como base instrumento semelhante ao usado por Lovisolo & Lucero (2007) em escolas do Município do Rio de Janeiro – pesquisa sobre valores dos alunos e pais em face à educação física escolar – por ter sido submetido a uma validação e por ter sido aplicado na mesma área geográfica visada pelo presente projeto.

Referências

LOVISOLO, H. & LUCERO, F. Independencia de los valores olímpicos del origen social de los alumnos y de las propuestas escolares de educación física. In :MORAGAS, M. & DACOSTA, L.P. *Universidad y estudios olímpicos*. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona. Centre d'Estudis Olímpics, Servei de Publicacions, 2007, pp. 210 – 221.

MASCARENHAS, G. Megaeventos esportivos, desenvolvimento urbano e cidadania: uma análise da gestão da cidade do Rio de Janeiro por ocasião dos Jogos Pan-americanos - 2007. *Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*. Barcelona: Universidad de Barcelona, agosto de 2007, vol. XI, n. 245 (13). <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-24513.htm>>

TAVARES, O. Quem são os vencedores e os perdedores dos Jogos Olímpicos? *Revista Pensar a Prática*, v.8 n.1, 2006, pp. 65 – 83.

Currículos Resumidos dos Autores

Collaborators' Personal Data

Adriana Schüler Cavalli - Licenciada em Educação Física pela ESEF/UFRGS, tem Mestrado em Educação pela Aichi University of Education e curso de Doutorado em Ciências da Saúde e Esporte pela Chukyo University. É professora adjunta na Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas-RS. Professora pesquisadora junto ao Grupo de Pesquisa e Estudos Sociológicos em Educação Física e Esporte (GPES) da FEFID/PUCRS. Recentemente contribuiu com capítulos de livros relacionados ao Legado e Responsabilidade Social de Megaeventos Esportivos, assim como em estudos na área da Atividade Física e Saúde. Contato residencial: (51) 3328-8003; Celular: (51) 91913659; E-mail: maltcavalli@terra.com.br

Ailton Fernando Santana de Oliveira – Mestre em Educação Física e Cultura pela Universidade Gama Filho, professor do curso de Educação Física da Universidade Tiradentes-SE e Gerente de Pesquisa, Informação e Estatística da Secretaria de Estado do Esporte e do Lazer de Sergipe; E-mail: ailtonf@infonet.com.br

Alberto Reinaldo Reppold – Universidade Federal do Rio Grande do Sul / ESEF, Centro de Estudos Olímpicos: Doutor em Filosofia pela Universidade de Leeds (Inglaterra); E-mail: areppold@portoweb.com.br

Alexandre Jackson Chan Vianna – Professor de Educação Física e Gestor de Recursos Humanos. Mestrando do PPGEF-UGF; Bolsista do CNPq. Telefone: (21) 96253477; alexandrejackson@gmail.com; a.jackson@uol.com.br

Alfredo Nicolau Melhem - Mestrando em Ciência da Motricidade Humana. Universidade Castelo Branco, UCB-RJ. Professor do Centro Universitário Augusto Motta - UNISUAM e da Universidade Castelo Branco. Publicou Basquetebol: brincando e aprendendo, Voleibol: brincando e aprendendo; Handebol: brincando e aprendendo. Telefone: (21) 93471741; E-mail: alfredomelhem@yahoo.com.br

Aline Nogueira Haas – Graduada em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), especialista em Ciências do Esporte pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e doutora em Medicina e Cirurgia pela Universidade de Cádiz (Espanha). Professora da Faculdade de Educação Física e Ciências do Desporto (FEFID) da PUCRS, coordenadora do curso de Bacharelado em Educação Física da PUCRS e membro do Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos; E-mail: ahaas@puccrs.br

Ana Cristina S. G. Melo – Mestranda em Educação Física e Cultura pela Universidade Gama Filho. Diretora CREF 1, no Rio de Janeiro-RJ; Tels 21- 2569-2398 / 9615-4887; E-mail: anacristina@cref1.org.br

Ana Flávia Paes Leme de Almeida Duarte – Mestre em Educação Física UGF, Professora da Universidade Católica de Petrópolis (UCP) e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), participante do Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos da UGF desde 2000. Telefone: (21) 8199-6583; E-mail: anaflavia@triduar.com.br

Ana Maria F. Miragaya - Bacharelado e Licenciatura em Letras Português-Ingês (PUC-Rio), Letras Português-Francês (PUC-Rio) e Educação Física (UNESA), Mestrado em Linguística (University of Washington, EUA), Pós-Graduação em Literatura Americana (Gonzaga University, EUA), Pós-Graduação em Gerencia Internacional (AGSIM, Arizona, EUA), Mestrado em Educação Física (UGF), Doutorado em Educação Física (UGF). Atua na Mirambro Consultoria e Ensino. Editora de língua inglesa do livro Olympic Studies Reader, sobre Estudos Olímpicos, editado também em chinês, organizado pelo prof. Lamartine DaCosta (UGF) e prof. Hai Ren (Beijing Sport University), com o patrocínio do Comitê Olímpico Internacional (COI) – no prelo. Tel.: (21) 8729-2654 E-mail: amiragaya@uol.com.br

Ana Patrícia da Silva - Doutoranda em Educação pela UFRJ, Mestre em Educação / UFRJ, licenciada em Educação Física, pesquisadora do LAPEADE - Laboratório de Pesquisa, Estudos e Apoio à Participação e à Diversidade em Educação – Faculdade de Educação – Universidade Federal do Rio de Janeiro; contatos via fabirsed@hotmail.com

Anderson Gurgel – Jornalista com mestrado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2004). Atualmente é coordenador da Faculdade de Comunicação Social para os cursos de Jornalismo e Rádio & TV da Universidade de Santo Amaro (Unisa). Professor da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (Fapcom) e é autor do livro “Futebol S/A: A Economia em Campo” (Editora Saraiva, 2006), além de ter outros artigos publicados. Com experiência na área de Comunicação e Mídias, com ênfase em conteúdo editorial, atuando principalmente nos seguintes temas: jornalismo, economia, negócios do esporte, tecnologia, entretenimento e educação e já escreveu para vários jornais e revistas. Já conquistou os Prêmios Copa Avaya de Jornalismo e Unisys de Jornalismo. Tel.: (55-11) 2141-8924; E-mail: andersongurgel@uol.com.br

Andréa D’Aiuto – Licenciada em Educação Física, MBA em Administração Esportiva pela FGV; E-mail: andreadaiuto@hotmail.com

Ariane Carvalhedo Reis – Graduada em Educação Física pela UERJ, tendo concluído mestrado em 2004 pela Universidade Gama Filho-RJ. Atualmente atua como pesquisadora do Centre for Recreation Research (Centro para Pesquisas em Recreação) da Universidade de Otago, Nova Zelândia. Nesta mesma universidade cursa o último ano de doutorado em turismo e atua como professora assistente das disciplinas de Turismo Esportivo e Operações Ecoturísticas do curso de graduação em Turismo. Tel: +64 3 4798187 E-mail: areis@business.otago.ac.nz

Alvaro De Miranda - Professor da Escola de Ciências Sociais, Mídia e Estudos Culturais da Universidade de East London. Membro do London East Research Institute (LERI); Tel. 0044 207 2747663; E-mail: a.t.demiranda@uel.ac.uk

Aylê Salassié Filgueiras Quintão - Curso de Comunicação Social da Universidade Católica de Brasília; contato via Paulo Trindade em E-mail: paulotriccev@yahoo.com.br

Bernardo Villano – Licenciado Pleno em Educação Física pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2002). Atualmente é Coordenador de Esportes na Escola SESC de Ensino Médio. Mestrando do Curso de Mestrado em Educação Física e Cultura da Universidade Gama Filho. Sua dissertação tem como tema a Gestão do Conhecimento aplicada ao planejamento de legados de megaeventos esportivos; E-mail: bernardovillano@gmail.com

Carla Tavares – Professora de Educação Física, Licenciada pela Universidade Castelo Branco-RJ, MBA em Administração Esportiva pela FGV-Rio, Gerente de Esporte e Lazer SESC Rio, Conselheira do Conselho Regional de Educação Física da 1ª Região CREF1, Telefone: (21) 31381031; E-mail: carlatavares@sescrj.org.br; voluntario.esporte@sescrj.org.br

Carlos Henrique de Vasconcellos Ribeiro – Doutor em Educação Física (UGF, 2004), Mestre em Educação Física (UGF, em 2000). Coordenador Adjunto do Curso de Educação Física da UNISUAM. Telefone (21) 9500-4772; E-mail: c.henriqueribeiro@ig.com.br

Carolina Dias – Graduada em Educação Física pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e Membro do Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos (PUCRS); E-mail: cgdias_ef@yahoo.com.br

Christian Wacker - Doutor em Filosofia pela Universidade de Würzburg (Alemanha), Mestre em Arqueologia Clássica e História Antiga pela Universidade de Freiburg (Alemanha); Graduado em Arqueologia Clássica e História Antiga pela Universidade de Munique. Participou do seminário de pós-graduação na Academia Olímpica Internacional (Grécia), Ministra cursos no seminário de pós-

graduação na Academia Olímpica Internacional (Grécia) e seminários na Universidade de Mainz (Alemanha). Diretor do Deutsches Sport und Olympia Museum em Colônia (Alemanha), Coordenador do Projeto arqueológico que busca localizar o antigo Hipódromo no sítio Arqueológico de Olímpia – Grécia; E-mail: netowacker@hotmail.com

Cris Costa Veerman – Graduada em Educação Física pela UERJ - 1998, Mestrado em Educação Física Cultura e Qualidade de Vida pela UGF - 2004; Integrante do Grupo de Pesquisas em Estudos Olímpicos UGF; Publicação: “The Olympic Winter Games: The Quest for Environmental Protection and Educational Promotion – an Overview” Lamartine P. DaCosta & Cris C. Veerman (Von Charmonix bis Turin. Die Winterspiele im Blickfeld der Olympiaforschung”, Müller, N./Messing, M. & Preuss, H. (Eds.), Kassel: Agon Sportverlag, 2006, pp. 68 - 94; Tel.: 21. 2529-2010; E-mail: crissccosta@hotmail.com

Denise Fonseca – Professora de Educação Física, Licenciada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Especialista em Gestão de Educação Pública, Especialista em Gestão Estratégica e Qualidade Total, Coordenadora de Esporte e Lazer SESC Rio, Telefone: (21) 3138-1147, E-mail: denisefonseca@sescrio.org.br; voluntario.esporte@sescrio.org.br

Diego Luz Moura - Graduado em Educação Física (UniverCidade) e especialização em Docência Superior (UGF) e Educação Física e Cultura (UGF). Atualmente é aluno do Mestrado em Educação Física da Universidade Gama Filho e bolsista do CNPq. Telefone: (21)9682-2304; E-mail: lightdiego@yahoo.com.br

Dirce Maria Corrêa da Silva – Graduada em Educação Física (UFES), Mestre em Educação. Doutoranda em Educação Física na Universidade Gama Filho. Autora de capítulo do livro “Seminários Espanha - Brasil 2006”. Tel. (27) 9942-0218; E-mail: dircecorrea@gmail.com

Elaine Valéria Rizzuti - Professora Assistente da Universidade Federal de São João del-Rei/MG. Doutoranda em Educação Física e Cultura - UGF/RJ Tel: (21) 2246-8334; E-mail: elainerizzuti@terra.com.br

Eliana G. Maia – Administradora de Empresas e Pedagoga, sócia majoritária da Qualifique Consultores, Salvador – BA, Auditora Líder de Sistemas de Gestão da Qualidade NBR-ISO 9001:2000 (Certificado No. 0001/505/01 emitido pelo ANSI-RAB, EUA), Lead Assessor of Quality Management Systems (Certificado No. LR-10-0026 emitido pelo IATCA, EUA), Consultora especialista em desenvolvimento organizacional, qualidade profissional, clima organizacional e implantação de sistemas de gestão da qualidade, Coordenadora de projetos pedagógicos do Instituto de Hospitalidade, Designer de programas de qualificação para o

setor de turismo. Telefones: (71) 3324-4407 / 3324-4400 / 8702-1543 Skype: liu.maia E-mail: eliana.maia@hospitalidade.org.br; www.hospitalidade.org.br

Enric Truño - Consultor Internacional da Secretaria Executiva do Comitê de Gestão das Ações do Governo Federal para os Jogos Pan-Americanos e Para-Americanos RIO 2007; membro do SLT Grup de Barcelona, Espanha; E-mail: enric@brpan.com.br; etruno@sltgrup.com

Fabiana Rodrigues de Sousa – Graduada em Educação Física (1999) pela UERJ, Mestre em Educação Física e Cultura (2004) pela Gama Filho. Vínculo institucional até Fevereiro de 2008 na Universidade Estadual do Ceará. Tel: (21) 2522-8846; E-mail: fabirsed@hotmail.com

Fabio Costa – Instituto da Hospitabilidade; E-mail: fabio.costa@hospitalidade.org.br; Site: www.hospitalidade.org.br

Fernando Costa da Silva – contato via Rodrigo Tadini em E-mail: rtadini@yahoo.com.br

Fernando Telles Ribeiro – Consultor em Planejamento de Instalações Esportivas do NUTAUSP – Núcleo de Pesquisa em Tecnologia da Arquitetura e Urbanismo da USP - Universidade de São Paulo, co-autor do Atlas do Esporte no Brasil e autor do site www.planesporte.com.br destinado a consultas e divulgação de atualizados conceitos de planejamento de instalações destinadas ao esporte e ao lazer; ftelles@excite.com

Gavin Poynter – Professor e Diretor da Escola de Ciências Sociais, Mídia e Estudos Culturais da Universidade de East London. Presidente (Chair) do London East Research Institute-LERI com diversos trabalhos publicados sobre emprego, economia e mudanças sociais. Em conjunto com seus colaboradores no LERI, está atualmente preparando um livro sobre London 2012 e o Thames Gateway.

Georgios Stylianos Hatzidakis - Mestre em Educação Física pela UNICAS-TELO/SP, Especialista em Ciências do Esporte pela UNIABC/SP, Administração Esportiva FGV/SP, Graduado em Educação Física FEC do ABC/SP. Vínculo atual: UNIBAN - Universidade Bandeirante de São Paulo. Telefones: 11 – 38573220; E-mail: iedesportiva@uniban.br

Gilmar Mascarenhas de Jesus - Geógrafo formado pela UFF (1984), com mestrado em Geografia (UFRJ, 1991) e doutorado em Geografia Humana (USP, 2001). Desde 1992 é professor efetivo do Departamento de Geografia da UERJ, onde leciona Geografia Urbana e introduziu a disciplina eletiva Geografia dos Esportes em 1998. Tem publicado dezenas de artigos nesta área, no Brasil e no exterior. No momento, desenvolve, com apoio da FAPERJ, pesquisa sobre a po-

lítica urbana nos grandes eventos olímpicos. Tel 21-25877703 (UERJ); E-mail: gilmasc2001@yahoo.com.br

Heglison Custódio Toledo – Doutorando em Educação Física, UGF, RJ. Mestre em Psicofisiologia do Exercício, UGF, RJ. Especialista em Treinamento Desportivo de Alto Rendimento, UGF, RJ. Licenciatura Plena em Educação Física. Coordenador dos Cursos de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Presidente Antônio Carlos, Juiz de Fora, MG. Professor da Faculdade Metodista Granbery, Juiz de Fora, MG Juiz de Fora, MG; Tel.:(32) 84026087; E-mail: hctoledo@gmail.com

Holger Preuss - Professor Doutor da JOHANNES GUTEMBERG UNIVERSITY MAINZ. GERMANY. Especialista em Economia de MegaEventos Esportivos, Consultor Internacional de Cidades Candidatas aos Jogos Olímpicos; E-mail: preuss@uni-mainz.de

Iain MacRury – Professor da Escola de Ciências Sociais, Mídia e Estudos Culturais da Universidade de East London. Diretor do London East Research Institute-LERI; E-mail: i.m.macrury@uel.ac.uk

Ivan Fortes - Projetos Especiais do Grupo O Dia de Comunicação – RJ; contatos via Lucio Macedo em E-mail: luciomacedo@promomax.com.br

Janice Zarpellon Mazo - Doutorado em Ciências do Desporto na Universidade do Porto; Mestrado em Ciências do Movimento Humano no CEFD da UFSM; Especialização em Pesquisa Curricular no CEFD da UFSM; Especialização em Técnica Esportiva Voleibol no CEFD da UFSM; Licenciatura em Educação Física no CEFD da UFSM. Professora do Curso de Graduação e do Programa de Pós-Graduação da ESEF/UFRGS. Telefones: (051) 33883031 e (51) 99579428; E-mail: janmazo@terra.com.br

João Augusto de Camargo Barros - Bacharel em Educação Física, EEFE-USP, Mestre em Educação Física, EEFE-USP, Doutorando (PhD) em Educação Física. Graduate Teaching Assistant, Dept. of Exercise, Sport & Leisure Studies, University of Tennessee-Knoxville. Phone (865) 974-8138; E-mail: jbarros@utk.edu

José Roberto Gnecco - Doutor e Mestre em Educação pela USP, Graduado em Educação Física pela USP. Assessor do Ministério do Esporte. Professor da Unesp. Tel.: 61 9224-6120; E-mail: jrgnecco@brpan.com.br

Júlio César F. dos Santos – Secretaria de Esporte, Turismo e Lazer de Duque de Caxias – RJ;. contatos via E-mail: marcioturini@terra.com.br

Júlio Noronha – Coordenador Técnico da Confederação Brasileira de Remo – RJ; Professor Educação Física; Tel. 21- 99832244; E-mail: junoronha@uol.com.br

Kátia Rubio - Bacharel em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação Social Casper Líbero (1983) e psicóloga pela PUC-SP (1995). Fez mestrado em Educação Física pela EEFÉ-USP (1998), doutorado em Educação pela FE-USP (2001) e pós-doutorado em Psicologia Social na Universidade Autônoma de Barcelona. Atualmente é professora associada da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, orientadora nos programas de Pós-graduação da EEFÉ-USP e FE-USP e coordenadora do curso de especialização em Psicologia do Esporte do Instituto Sedes Sapientiae. Coordena o Centro de Estudos Socioculturais do Movimento Humano da EEFÉ-USP, é presidente da Associação Brasileira de Psicologia do Esporte e editora da Revista Brasileira de Psicologia do Esporte. Tem 12 livros acadêmicos escritos e organizados na área de Psicologia do Esporte e Estudos Olímpicos abordando os temas psicologia do esporte, estudos olímpicos, psicologia social do esporte, psicologia do esporte aplicada e esporte e cultura; membro da Academia Olímpica Brasileira; E-mail: katrubio@usp.br

Lamartine DaCosta – Doutor em Filosofia, professor do Mestrado e Doutorado em Educação Física da UGF onde dirige desde 1992 o Grupo de Pesquisas em Estudos Olímpicos UGF; autor ou co-autor de 40 livros sobre Educação Física, Esporte e Lazer; Membro do Conselho de Pesquisas do Centro de Estudos Olímpicos-COI, em Lausanne; ex membro da WADA; ex professor visitante da Universidade do Porto e Técnica de Lisboa (Portugal), da Universidade Autônoma de Barcelona (Espanha) e da Academia Olímpica Internacional (Grécia); Tel (55-21) 99640497 / 22948352; E-mail: lamartine@terra.com.br

Leonardo Mataruna – Doutorando da Universidade de Campinas –UNICAMP; Grupo de Estudos Olímpicos UGF; Presidente da 3E’Qua – Latin América; Tel. (55-21) 9128 1770; E-mail: mataruna@gmail.com

Lilian Pereira de Carvalho – Graduada em Educação Física. Mestranda em Educação Física e Cultura pela Universidade Gama Filho. Sócia diretora da empresa Vip Training – Qualidade de Vida Corporativa. Tel:(21) 78380286; E-mail: lilianpc@uol.com.br

Ludmila Mourão – Doutora em Educação Física, pesquisadora na área temática “Gênero e atividades físico-esportiva na Educação Física, Esporte e Lazer”. Coordenadora do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação Física da Universidade Gama Filho e professora da Graduação e Pós-graduação em Educação Física. Telefones: 8169-8117 e (21) 2537-2643. E-mail: ludmila.mourao@terra.com.br

Luis Hamilton de Souza Rocha - Mestrando em educação física na Universidade Gama Filho. Professor de Educação Física da Rede Pública Municipal

da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Tel: 21 2575-6679 / 85640179; E-mail: hamiltonrocha2006@yahoo.com.br; luishamilton@oi.com.br

Lucio Cordovil de Macedo - Licenciatura Plena em Educação Física (UERJ). Mestre em Administração e Planejamento pela UGF. Autor da 1ª tese no Brasil sobre o tema “Educação Física em Condomínios”. MBA em Marketing pela FGV. Coordenador Acadêmico e Idealizador do MBA em Gestão de Shopping Centers da FGV /ABRASCE (Associação Brasileira de Shopping Centers) para o Rio de Janeiro e São Paulo (Curso Inédito no Brasil e na América do Sul).- Professor do MBA da FGV de Gestão de Shopping Centers nas Disciplinas “Lazer e Entretenimento”. Consultor de Projetos Especiais e Marketing Esportivo do Jornal O Dia. Consultor do SEBRAE RJ para Marketing, Promoções ,Eventos e Shopping Centers. - Consultor e Palestrante do SESC–RJ, implantando os Cursos de Organização de Eventos para o Dia do Desafio; Professor de Cursos de Pós-Graduação de Marketing Esportivo e Organização de Eventos na Universidade Gama Filho, Castelo Branco e Moacyr Bastos / Sprint. Professor Universitário de Marketing Esportivo e Organização de Eventos para a Comunicação Social na Universidade Gama Filho. Celular : (021) 9988-1439 - Nextel: 021-7848-2396 - ID - 81*36120; E-mail: luciomacedo@promomax.com.br

Luís Henrique Rolim – Graduado em Educação Física pela Faculdade de Educação Física e Ciências do Deporto da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (FEFID/PUCRS) e mestrando em Ciências do Movimento Humano pela Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF/UFRGS); Membro do Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos (FEFID/PUCRS/CNPq) e Membro do Grupo Interinstitucional de Estudos Olímpicos (ESEF/UFRGS/CNPq); E-mail: lhrsilva@yahoo.com.br

Marcela Lima Santanna - Licenciada plena em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Mestre em Ciências Fisiológicas pela UFES. Professora da disciplina Educação Física, Diversidade e Inclusão do curso de Educação Física, Esporte e Lazer do Centro Universitário Vila Velha (UVV). Tels: (27) 32996317/ 81279544; E-mail: marcelalimas@globo.com; marcelalima@uvv.br

Marcelo Olivera Cavalli – Licenciado em Educação Física pela ESEF/UFRGS, tem Mestrado em Educação pela Aichi University of Education e curso de Doutorado em Ciências da Saúde e Esporte pela Chukyo University. É professor adjunto na Faculdade de Educação Física da Instituição Educacional São Judas Tadeu e na Faculdade de Educação Física e Ciências do Desporto (FEFID) da PUCRS. Professor pesquisador junto ao Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos (GPEO) da FEFID/PUCRS, e Pesquisador Coordenador do Grupo de Pesquisa e Estudos Sociológicos em Educação Física e Esporte (GPES) da FEFID/PUCRS. No GPES aborda a questão da sociologia da atividade física do idoso de Porto Alegre. Recentemente, por meio

do GPEO, contribuiu com capítulos de livros relacionados ao Legado e Responsabilidade Social de Megaeventos Esportivos. Contato residencial: (51) 3328-8003; Celular: (51) 96789532; FEFID: (51) 3320-3683. E-mail: marcelo.cavalli@pucrs.br

Marcia De Franceschi Neto-Wacker - Pós-doutorado em Museologia do Esporte no Deutsches Sport und Olympia Museum em Colônia (Alemanha). Doutora em Educação Física pela Universidade Gama Filho. Mestre em Educação pela Universidade de Brasília. Graduação em Educação Física pela Faculdade Dom Bosco de Educação Física. Participou do seminário de pós-graduação na Academia Olímpica Internacional (Grécia). Professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal; E-mail: netomarcia@hotmail.com

Marcio Turini Constantino - Mestre em Educação Física – UGF 2000/2002. Professor do Curso de Educação Física da UNIABEU, desde 2002. Membro da Academia Olímpica Brasileira e do Grupo de Pesquisas em Estudos Olímpicos – GPEO / UGF, desde 2000. Professor e Coordenador de Programa da Secretaria de Esportes, Lazer e Turismo de Duque de Caxias, desde 1998. Telefone: 21 - 9273-8259; E-mail: marcioturini@terra.com.br

Marco Bechara – Profissional de Marketing e Prof. Educação Física. Doutorando em Gestão do Esporte - UGF. Mestre em Planejamento e Administração Esportiva - UGF. Pós graduado em Marketing pela ESPM e em Administração Esportiva pela UGF. Especialista em Negociações Internacionais – CICON–OEA e Especialista em Gestão de Projetos / PMBOK pela PMI. Diretor da KTDM (Knowledge Technology Developing Marketing); E-mail: mbec@uol.com.br

Marlene Luzia - Professora de Educação Física, pela UGF. Instrutora Técnica de Baston Twirling - Associação Brasileira de Baston PL - ABB-PL. Telefones: (21) 2571-5963 / 3442-6524; E-mail: marleneluzia@hotmail.com

Marta Corrêa Gomes - Mestre em Educação Física e Cultura pela Universidade Gama Filho, com Licenciatura Plena em Educação Física pela mesma universidade e Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Leciona na Universidade Gama Filho - Pro-reitoria de Saúde, Departamento de Educação Física - as disciplinas Fundamentos Histórico-culturais da Educação Física, Fundamentos Psicossociais da Educação Física e Conhecimento e Organização Curricular em Educação Física Escolar. Coordenadora Acadêmica e de Projetos do Centro de Educação Física e Esportes (CEFE) da FAETEC-CETEP Quintino-RJ. Telefones:(21) 3576-4243 e (21)9874-9098; E-mail: martacgomes@terra.com.br

Martin Curi - Doutorando em Antropologia, Universidade Federal Fluminense -UFF, Niterói-RJ, Pesquisador do Instituto Virtual de Esporte, FAPERJ, Rio de Janeiro, com a pesquisa “Observatório do Torcedor do Ministério do Esporte”. Membro do Comitê Social do Pan - 2007. Graduado em Serviço Social

pela Universidade de Nuremberg (Alemanha). Mestre em Sociologia pela Universidade de Hagen (Alemanha). Martin é editor da revista “Esporte e Sociedade”, site: www.esportesociedade.com; Telefone: 021-2285.7686; E-mail: martin-curi@bol.com.br

Mônica de Souza Rodrigues - Graduada em Tecnologia da Informação e Gestão Empresarial pela Universidade Estácio de Sá. Analista de Sistemas e Processos. Especialista em Desenvolvimento de Sistemas Corporativos e Elaboração de Sites para Intranet e Internet, Analista de TI e Desenvolvimento SESC Rio, 21 3138-1661; E-mail: monicarodrigues@sescrio.org.br

Neise Gaudencio Abreu - Ph.D., CAA; Doutora em Educação Física e Cultura; Mestra em Pedagogia do Movimento Humano; Pós-graduada em administração esportiva; Pós-graduada em Estudos Olímpicos; Graduada em Educação Física; Diretora de Esportes da Escola Americana do Rio de Janeiro e Coordenadora do Departamento de Educação Física e Esportes; Telefones: 22462631 (res); 21259111 (trab.); E-mail: neise.abreu@earj.com.br; neise1@uol.com.br

Nelson Schneider Todt – Graduado em Educação Física pelo Instituto Porto Alegre (IPA), especialista em Estudos Olímpicos pela Academia Olímpica Internacional (Grécia), mestre em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professor da Faculdade de Educação Física e Ciências do Desporto (FEFID) da PUCRS, Presidente do Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin, coordenador do Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos (PUCRS), membro do Grupo Interinstitucional de Estudos Olímpicos (PUCRS/UFRGS) e membro da Academia Olímpica Brasileira; E-mail: nelson.todt@puccrs.br

Nilda Teves Ferreira - Professora Doutora do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação Física da Universidade Gama Filho; E-mail: tevesnilda@uol.com.br

Otávio Tavares - Professor do Mestrado em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo e coordenador do Centro de Estudos em Sociologia das Práticas Corporais e Estudos Olímpicos. Doutorado em Educação Física pela Universidade Gama Filho (RJ), pós-graduação em Estudos Olímpicos pela International Olympic Academy e é membro da Academia Olímpica Brasileira. Autor de diversos artigos sobre Estudos Olímpicos, Olimpismo, Sociologia do Esporte, história da educação física e educação física escolar; co-autor do Atlas da Educação Física no Brasil (2006) e do Dicionário Crítico de Educação Física (2005). Tel.: (27) 8822-7596; E-mail: tavaresotavio@yahoo.com.br

Paulo Roberto Ribas – Mestre em Educação Física. Doutorando em Comportamento Humano na Universidad de Las Palmas de Gran Canária, Espa-

nha. Assessor de esportes junto a Secretaria Executiva do Comitê de Gestão das Ações Governamentais nos XV Jogos Pan-Americanos Rio 2007. Relator da Candidatura do Brasil aos 5º Jogos Mundiais Militares Rio 2011. Consultor do Ministério do Esporte para a candidatura aos Jogos Olímpicos Rio 2016. Telefone/Fax: 21-24211504 Celular: 21-82371918; E-mails: paulo.ribas@brpan.com.br / prribas@uol.com.br

Paulo Trindade - Curso de Educação Física da Universidade Católica de Brasília; E-mail: paulotricev@yahoo.com.br

Renan Petersen-Wagner - MSc Business: Marketing - PPGA-UFRGS; Ba Sport - EsEF- UFRGS; Tel. +55 51 9122 7079; skype: rpwagner ; E-mail: rpwagner@terra.com.br; CV: <http://lattes.cnpq.br/5940178733423978>

Ricardo Araujo – Economista. Pós-graduado em Gestão de Marketing MBA em Administração Esportiva, Especialização em Gestão de Arenas Esportivas e Espaços Públicos. Consultor em Planejamento, Marketing e Gestão Esportiva (Novas Arenas Consultoria). 55-21-96353360; E-mail: novasarenas@gmail.com

Roberto Libardi – Soluções para Clubes, Rua Iraí, 393, cj. 13., Cond. Metrópolis Empresarial, Moema - São Paulo - SP - CEP: 04082-001; Cel: (11) 8328-3443 e Fone: (11) 5092-3355; site www.rlsolucoes.com.br; contatos: E-mail: contato@rlsolucoes.com.br

Roberto Maluf de Mesquita – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos (GPEO) – PUCRS; E-mail: mesqui32@terra.com.br

Rodolfo Guimarães Silva - Pós-Graduado em Docência no Ensino Superior (UNIFOA), Licenciatura Plena em Educação Física (UERJ), Professor de Tênis do Clube dos Funcionários de Volta Redonda. Produziu “A produção Imaginária de Crianças que praticam futebol de rua” e “Imaginário social e novos paradigmas para a produção científica no tema de heróis esportivos”. In Moragas & DaCosta. (Orgs), Universidad y Estudios Olímpicos. Barcelona: UAB, 2007, pp. 621-628. Tel: (24) 99595910 / (24) 33465032 ; E-mail: rodolfoorio.vr@gmail.com

Rodrigo Fonseca Tadini - Bacharel em Turismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora; Mestre em Hospitalidade pela Universidade Anhembi Morumbi; Professor Efetivo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; Telefone: (21) 32534374; E-mail: rtadini@yahoo.com.br

Rodrigo Terra – Graduado em Educação Física – UFRJ. Mestre em Educação - UCDB/MS. Doutorando em Educação Física – UGF. Formador do Projeto Esporte e Lazer da Cidade/Ministério do Esporte. Técnico Seleção Brasileira de Karatê Infantil. Tel:22-9974-3555; E-mail:rodrigoterrams@gmail.com

Roger de Souza Nascimento - Graduando do curso de Educação Física, Esporte e Lazer do Centro Universitário Vila Velha (UVV). Voluntário dos Jogos Pan-Americano e Parapan-Americano Rio 2007. Contatos: (27) 32994100/ 99710062; E-mail: rogersouzanascimento@hotmail.com

Rui Campos - SESI DN, Brasília; E-mail: rui.campos@terra.com.br

Sávio Raeder – Geógrafo (UFRJ), com Especializações em Administração Pública (FGV) e em Políticas de Suelo Urbano em América Latina (Lincoln Institute of Land Policy). Mestre em Ordenamento Territorial (Geografia/UFF), atualmente é Coordenador da Vertente Desenvolvimento Territorial do Observatório de Favelas. É autor da Dissertação de Mestrado intitulada “Jogos e Cidades: ordenamento territorial urbano em grandes eventos esportivos” na qual formulou uma tipologia de análise dos impactos territoriais em sedes de megaeventos esportivos. Telefone: (21) 8162-0313 E-mail: sávio.raeder@gmail.com

Tatiana de Almeida Vianna – Graduanda do Curso de Educação Física (UNISUAM) Cursando Pós Graduação em Psicomotricidade (Universidade Castelo Branco); contatos via E-mail: c.henriqueribeiro@ig.com.br

Tadeu Correia da Silva - Doutorando em Gestão Esportiva pela Universidade Gama Filho. Mestre em Ciências da Motricidade Humana - Universidade Castelo Branco; Mestre em Ciências Militares - Ministério do Exército. MBA em Administração Esportiva - Fundação Getúlio Vargas. Pós-graduado em Treinamento Esportivo - UFRJ; em Supervisão Escolar pela UFRJ; em Comunicações pela Escola de Comunicações do Exército. Professor de Matemática do Magistério do Exército - Colégio Militar do Rio de Janeiro. Atuou como Gestor Esportivo no Departamento de Futebol do “Clube de Regatas Vasco da Gama” de 1998 a 2003. Fundou a ONG - Instituto Barão Pierre de Coubertin em 2002. Autor de capítulo do livro “Seminários Espanha - Brasil 2006” e do Atlas do Esporte no Brasil - 2006. Atualmente ministra aula de Física Quântica aplicada as Neurociências na Universidade Castelo Branco. Tels: 21- 25677962 / 99719495; E-mail: tadeucdas@globo.com

Valéria da Silva Bitencourt - Mestre em Educação Física - Administração Esportiva (2005), Graduada em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda (2000) pela Universidade Gama Filho. Professora Titular dos cursos de Administração e Educação Física da Universidade Gama Filho. Sócia diretora - Om Produções e Eventos Ltda. Editora do Atlas do Esporte no Brasil (Shape, 2005). Atua como pesquisadora nas áreas de marketing, comportamento do consumidor e administração/gestão esportiva. Telefones: (21) 2196-2311/8101-5970; E-mail: om@omproducoes.com.br

Vera L. M. Costa - Professora Doutora do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação Física da Universidade Gama Filho; E-mail: veralmc@globalbo.com

Verônica Perissé Nolasco – Professora de Educação Física, Mestre em Educação Física pela Universidade Gama Filho, Consultora e Coordenadora do Projeto Sesc Voluntário Pelo Esporte - SESC Rio, Pesquisadora em Ciências do Voluntariado pelo Grupo de Pesquisas em Estudos Olímpicos - Universidade Gama Filho, Telefones: (21) 3281-7291 / (21) 9325-7291; veronicapave@gmail.com; voluntario.esporte@sescrio.org.br

